

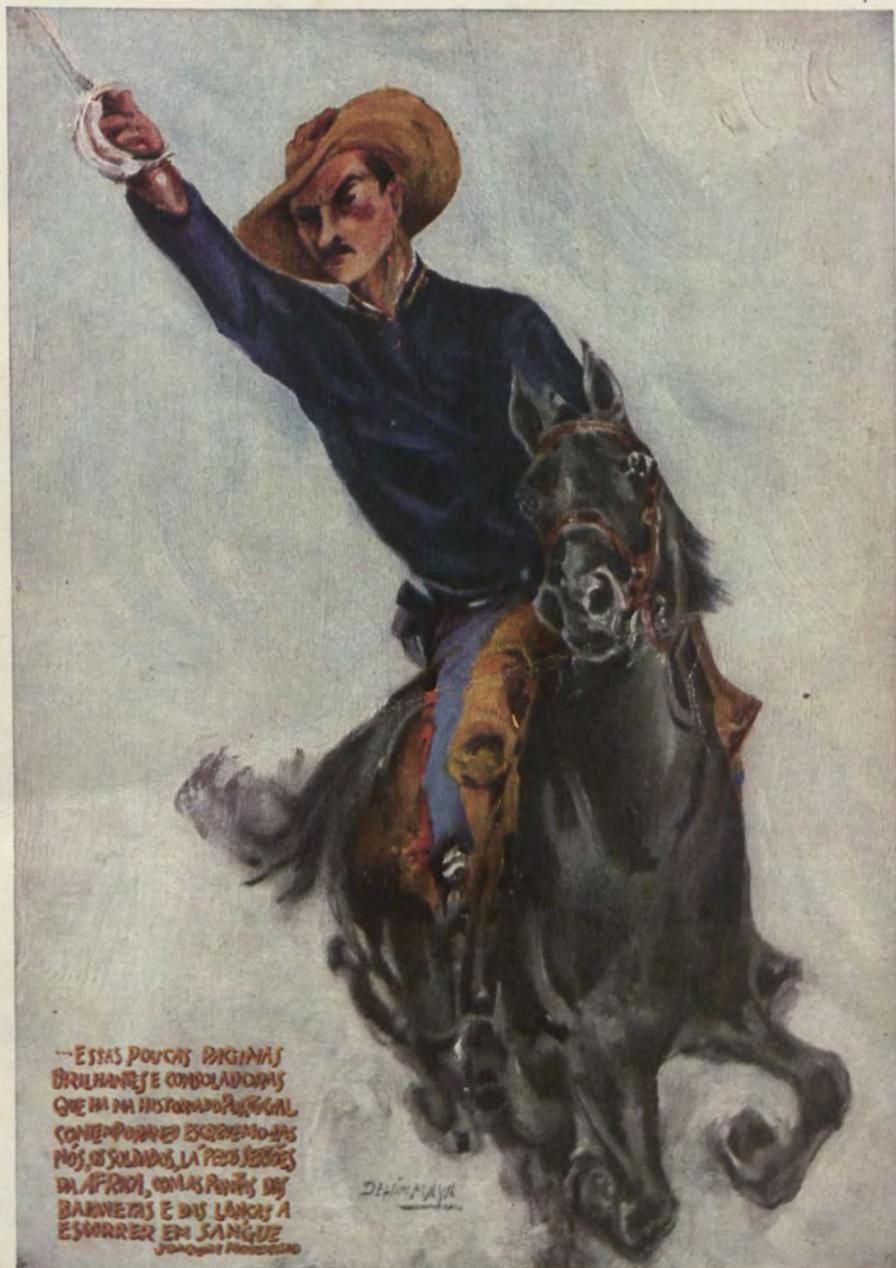


BIBLIOTÉCA DO EXERCITO

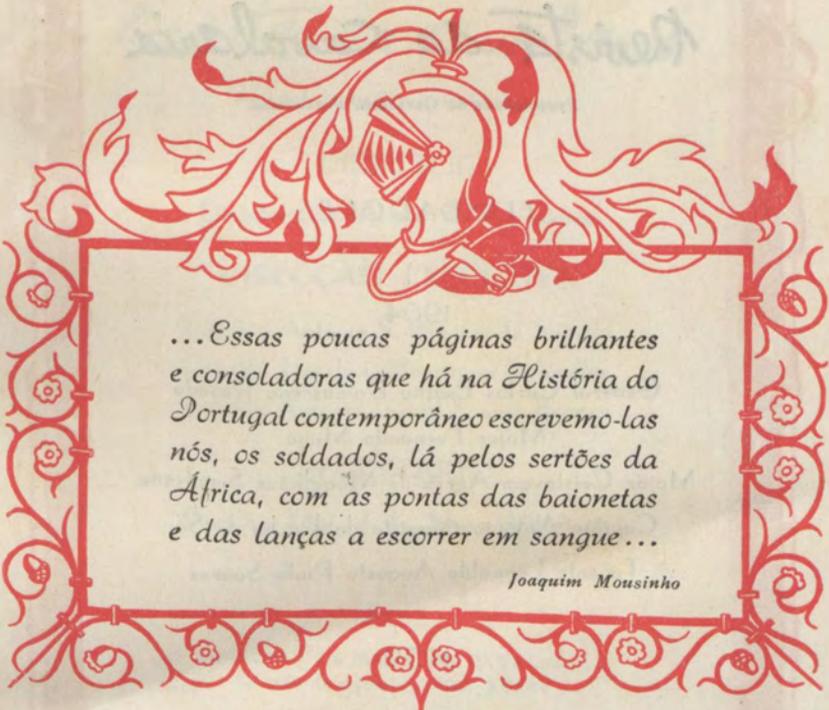
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

1.204

Revista da Cavalaria



janeiro
1953



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Aypes de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barranto

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente António Gentil Soares Branco

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38167

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50

SUMÁRIO

CORONEL JARA DE CARVALHO VALOR DA EQUITACÃO DENTRO DOS DESPORTOS NECESSÁ- RIOS AOS CHEFES MILITARES	<i>Coronel Rogério Tavares</i>	5
O PROBLEMA EQUESTRE DA CA- VALARIA	<i>Major Correia Barrento</i>	9
UM ASPECTO DA MISSÃO EDU- CATIVA DO OFICIAL DO EXÉR- CITO	<i>Major Fernando Paes</i>	17
HIPISMO:		
PREPARACÃO DE CAVALOS DE CORRIDAS	<i>Alfres Vale Carvalheira</i>	21
ATITUDES DAS EXTREMIDADES DA COLUNA E SUA CORRE- LAÇÃO	<i>Tenente Fernando Mays</i>	27
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:	<i>Tenente Vicente da Silva</i>	38
O GRUPO MISTO INFANTARIA- -CARROS	<i>Tenente Coronel Carroll Mc. Falls, Jr.</i>	51
INSTRUÇÃO DAS EQUIPAS DE LUTA PRÓXIMA ANTICARRO NA ESCOLA DE RECRUTAS	<i>Comandante Gerardo Mariñas Romero</i>	57
EMPREGO TÁCTICO DA AVIAÇÃO LIGEIRA COM A DIVISÃO BLINDADA	<i>Cap. James C. Smitt</i>	71



Revista da Cavalaria

14.º ano - n.º 1

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Janeiro

CORONEL JARA DE CARVALHO

Com o falecimento do coronel Jara de Carvalho desaparece o maior valor do hipismo português dos últimos tempos. Muito acima da craveira normal em qualquer dos ramos do hipismo, quer se tratasse de provas de obstáculos, campeonatos, corridas, *raids* e muito principalmente ensino, foi sempre grande, foi sempre o Mestre incontestável e indiscutível.

De feitio bastante reservado no que respeita a ensinamentos que só concedia a quem julgava merecê-los, as suas observações, mesmo discretas e breves, eram sempre oportunas e concisas se bem que por vezes contundentes.

Dizia ele que a música só pode ser compreendida por quem tenha ouvido...

Por isso, o seu professorado, nos Cursos de Instrutores de Equitação que dirigiu, era sempre orientado em observações pessoais que avàramente guardava até ao momento de mostrar a sua

Revista da Cavalaria

aprovação ou desagrado com frase simples ou lacónica referência.

Sentado numa cadeira à entrada do picadeiro, ia observando o que se fazia, indiferente à maneira como as dificuldades eram abordadas, mas notando, contudo, atentamente, a qualidade de tacto equestre que elas evidenciavam.

Precisamente por isso, a sua concordância era sempre recompensa íntimável que pagava bem o trabalho e canseiras que o ensino do cavalo sempre dá, porque marcava, para quem a merecia, incentivo, confiança nos méritos próprios e estímulo que venciam muito desânimo e dissipavam as inevitáveis dúvidas de se chegar a bom termo em tão difícil arte.

De físico excepcional para trabalhos equestres, pois as suas enormes pernas pareciam abranger duas terças partes da estatura, a sua figura um tanto curvada a cavalo, se não era de estilo académico irrepreensível, denotava, contudo, um à-vontade e uma ligeireza surpreendentes.

Mas onde a sua perícia se denotava incomparável era na finura e tacto das mãos. Nunca nos foi dado montar cavalos mais leves e sensíveis às ajudas, numa palavra, mais bem ensinados, que os seus. A tal «*unhaca*» — termo muito seu e no qual englobava o tacto da mão e sua sensibilidade — a que ele se referia como atributo indispensável a quem ensina cavalos, tinha-a ele no mais alto grau. Esse tacto equestre verdadeiramente excepcional permitia-lhe a ele, e só a ele, levar os seus cavalos a um equilíbrio e ligeireza formidáveis e abordar com êxito as maiores dificuldades da equitação.



Colonel Jara de Carvalho

Revista da Cavalaria

aprovação ou desagrado com frase simples ou lacónica referência.

Sentado numa cadeira à entrada do picadeiro, ia observando o que se fazia, indiferente à maneira como as dificuldades eram abordadas, mas notando, contudo, atentamente, a qualidade de tacto equestre que elas evidenciavam.

Precisamente por isso, a sua concordância era sempre recompensa inextimável que pagava bem o trabalho e canseiras que o ensino do cavalo sempre dá, porque marcava, para quem a merecia, incentivo, confiança nos méritos próprios e estímulo que venciam muito desânimo e dissipavam as inevitáveis dúvidas de se chegar a bom termo em tão difícil arte.

De físico excepcional para trabalhos equestres, pois as suas enormes pernas pareciam abranger duas terças partes da estatura, a sua figura um tanto curvada a cavalo, se não era de estilo académico irrepreensível, denotava, contudo, um à-vontade e uma ligeireza surpreendentes.

Mas onde a sua perícia se denotava incomparável era na finura e tacto das mãos. Nunca nos foi dado montar cavalos mais leves e sensíveis às ajudas, numa palavra, mais bem ensinados, que os seus. A tal «*unhaca*» — termo muito seu e no qual englobava o tacto da mão e sua sensibilidade — a que ele se referia como atributo indispensável a quem ensina cavalos, tinha-a ele no mais alto grau. Esse tacto equestre verdadeiramente excepcional permitia-lhe a ele, e só a ele, levar os seus cavalos a um equilíbrio e ligeireza formidáveis e abordar com êxito as maiores dificuldades da equitação.



Coronel Jara de Carvalho



Revista da Cavalaria

Era um artista incomparável.

O seu saber equestre era prodigioso, bastando-lhe uma rápida observação para definir com clareza o grau de ensino do cavalo e o tacto do cavaleiro.

Ainda últimamente, quando fazia parte do júri das provas de ensino nos Concursos Internacionais de Lisboa, tivemos ocasião de verificar até que ponto as suas opiniões eram exactas. Se essas apreciações nem sempre agradavam, derivava do facto de serem verdadeiras e muito justas e a verdade nem sempre ser agradável de se ouvir.

O desaparecimento do grande Mestre constitui mais uma grande perda para o que foi a nossa querida Arma de Cavalaria.

Para os que vêem já bem longe os anos da sua mocidade, para os que se lembram ainda do antigo e famoso grupo — Jara, Veloso, António Calado, Casal Ribeiro, Silveira Ramos, Alverca, Oliveira Reis, Manuel Latino, Abreu Campos, Júlio de Oliveira, Afonso Botelho, Higino Barata, Delfim Maia, Lusignan, José Mousinho e tantos outros cavaleiros da velha guarda, não pode, sem uma ponta de saudade e de tristeza, ver desaparecer os últimos representantes de uma época em que pertencer à Arma de Cavalaria constituía um grande desejo e uma grande honra. À Cavalaria a cavalo só resta hoje em dia o nome glorioso que se prende indelêvelmente a um passado de vários séculos que ela illustrou com o seu valor e bravura.

No âmbito da sua actuação, o grande desaparecido de agora deixa um grande vazio que nenhum de nós, cavaleiros, tem competência e méritos para preencher.

Revista da Cavalaria

Ao nosso Mestre e amigo de muitos anos, nosso companheiro de tantas lides hípicas, devemos este tributo de profunda saudade e de pública admiração, bem pobre pelo valor de quem o subcreve mas bem sentido pelas recordações que aviva. E entre elas está o abraço carinhoso que sentimos ainda, quando na estrada de Rio Maior a Santarém, no *Raid* Hípico de 1925, nos pediu, comovido, que fizéssemos o impossível para chegar primeiro a Lisboa. Se assim foi, a ele, ao querido amigo o devemos. O seu coração transbordou num apelo em que mostrou toda a sua amizade pelo concorrente e o grande amor à Arma que muito prestigiou.

Coronel ROGÉRIO TAVARES



Valor da equitação dentro dos desportos necessários aos chefes militares

pelo Major CORREIA BARRENTO



Já vai longe o tempo em que o espírito aventureiro e destemido era o suficiente para impor um chefe.

Na época dos exércitos mercenários, à multidão anónima não importava a dignidade dos oficiais; interessava-lhe, apenas, que fossem bravos e audaciosos.

Hoje, com o sistema da nação armada, essas qualidades não bastam, exigindo-se-lhes conhecimentos aliados a uma longa prática a fim de poderem, com competência, desempenhar a sua importante missão.

Ministrar aos futuros chefes, os conhecimentos básicos segundo as exigências da época presente, inculcando-lhes o gosto pelo trabalho e estudo, impõe-se de forma indiscutível. De igual modo precisam saber manejar o homem, o soldado, que têm de conhecer para o compreender e compreender para bem o conduzirem.

A preparação do chefe militar tem de ser feita minuciosa e honestamente desde o tempo de paz, visando sempre a principal missão do chefe «Comandar».

Chefe militar é só aquele que possuindo forte capacidade moral e vastos conhecimentos técnicos e táticos está apto ao desempenho da honrosa missão de «comandar tropas na guerra».

A acção de comandar tem de exercer-se por reflexas educadas e disciplinadas pelo estudo, pela observação, pela prática e sobretudo inspirada na dedicação e respeito que o seu cargo lhe merece.

Revista da Cavalaria

Esta acção reveste-se de tanto mais importância quanto maior for a gravidade do momento e, especialmente, quando tenha de arriscar a vida dos homens que comanda.

A natureza humana é composta de qualidades que formam o seu poder animal e de outras de ordem moral que constituem o valor da sua tempera. Foi a estas duas partes que Xavier de Maistre chamou «a besta e a alma».

O desequilíbrio proveniente da supramacia de um destes factores sobre o outro é de graves inconvenientes e frequentes insucessos, pelo que deve ter sempre presente o velho ditado «*Mens sana in corpore sano*».

Ao chefe militar, mais que a qualquer outro, é indispensável possuir esse equilíbrio entre o físico e o espírito; é desta harmonia que resulta o carácter, o qual nos momentos críticos define a alma de chefe, aquele que «controla a carcassa que treme e o espírito que hesita».

E, é dessa alma que sai o fluido que anima o moral dos combatentes, fazendo criar a disciplina inteligente e devotada, graças à qual se desenvolvem iniciativas que dão, a quem comanda, a certeza de as suas ordens serem cumpridas de acordo com o seu espírito.

«A noção do dever defende uma posição, mas o desejo de glória e a lealdade para com o chefe podem derrubar até as portas do inferno». Assim disse George Patton, o grande General sempre apologista do ataque.

A formação do chefe aperfeiçoa-se e consolida-se tanto pela ampliação e desenvolvimento dos elementos de trabalho que lhe foram ministrados durante os seus cursos, como pela experiência pessoal na sua aplicação prática, principalmente quando dirigida por quem se imponha pelo saber e prestígio.

Actualmente, em consequência da profunda transformação técnica dos armamentos e engenhos de guerra, da grande rapidez dos meios de transporte e sua diversidade, exige-se aos oficiais, além dos predicados fundamentais de carácter, um conjunto de conhecimentos heterogéneos e qualidades excepcionais de desembaraço, vigor, desejo de vencer, resistência à fadiga, etc.

Se estes dons são privilégio natural de certos indivíduos, noutros eles poderão ser adquiridos, desenvolvidos ou aperfeiçoados pela educação moral, cultural e física.

O valor moral é indispensável aos chefes em qualquer posto, mas as exigências referentes à cultura militar e aptidão variam segundo os seus graus hierárquicos.

Revista da Cavalaria

O vigor físico tem preponderância sobre a cultura militar nos postos subalternos, perdendo aquele primeiro factor a favor do segundo à medida que se vão atingindo maiores graduações.

A cultura militar é facultada aos oficiais através os conhecimentos transmitidos pelas entidades orientadoras e funcionamento de cursos técnicos, podendo assim atingir-se um nível cultural notòriamente elevado.

Simultâneamente impõe-se fornecer-lhes meios necessários à conservação do vigor físico e exaltação do ânimo moral, para o que, a prática frequente dos desportos está absolutamente indicada.

Transportando-nos aos tempos passados podemos ver nitidamente a importante acção que os desportos desempenham na formação dos combatentes e eleição dos seus chefes e até quanto contribuíram para a glória de várias nações.

Nos tempos áureos da Grécia eram concedidas grandes honras aos vencedores desportivos, especialmente aos da «*Olimpia*», prova que se realizava de quatro em quatro anos, e que deu origem às Olimpíadas que ainda hoje se mantêm, com a participação de quase todas as nações.

A decadência geral do povo Helénico coincide, precisamente, com o enfraquecimento do seu entusiasmo pelos exercícios físicos.

Quando Roma, a formidável cidade de Lácio, era detentora do poder, os desportos, orientados com fins guerreiros, constituíam o principal atractivo dos seus divertimentos.

Esta época florescente de Roma manteve-se até que a devassidão se introduziu nos seus costumes e de tal forma que, fácil foi aos Germanos, muito fortalecidos por praticarem o desporto sistemáticamente, impor-lhe o seu domínio.

Atribui-se a este último povo a cerimónia da «entrega das armas», origem da cavalaria, a que o Cristianismo, mais tarde, deu grande desenvolvimento.

Na Idade Média, na época das Cruzadas, só obtinha o título de cavaleiro quem, depois de passar por longas e duras provas demonstrando qualidades morais e guerreiras, se tornasse digno de tal distinção.

A lei de Cavalaria impunha a todos os cavaleiros que colocassem os seus filhos, logo que estes atingissem a idade de 7 anos, ao serviço de outros cavaleiros, como pagens.

Era assim que se iniciava a sua educação dura e severa, sem dúvida, mas que preparava essas crianças para poderem suportar um dia as fadigas da guerra, principal ocupação da Cavalaria e dos povos dessa época, em geral.

Revista da Cavalaria

O pagem acompanhava permanentemente o seu senhor, aprendendo a caçar, esgrimir, fazer lançamentos, etc., e após sete anos desta prática, dava-se a sua passagem a escudeiro, honra que lhe era conferida por meio de uma cerimónia religiosa. Acompanhados por seus pais dirigiam-se à igreja, onde o padre benzia a espada que lhes ia confiar pela primeira vez, pendurando-lha ao pescoço e ficando eles assim, a partir desse momento, com o direito de fazerem uso dela.

Frequentavam depois escolas onde praticavam jogos e simulacros guerreiros, que lhes davam desembaraço e vigor, fazendo-se a sua admissão na Cavalaria, finalmente, aos vinte e um anos, após uma festa militar devidamente abençoada pela Igreja.

Apareceram depois as provas denominadas «torneios» as quais exigiam enorme preparação física e constituíam um grande estímulo para obrigar os que neles desejavam tomar parte a treinar-se, constantemente, no manejo das armas conservando assim a sua destreza e agilidade.

Foi esta época de grandeza da Idade Média.

Na Renascença e na Reforma, novamente é posta em evidência a importância dos exercícios físicos.

Jaques Rosseau em 1761 no seu livro *Emile* escreve:

«É necessário que o corpo tenha vigor para obedecer à alma; quanto mais fraco é o corpo, mais lhe obedece o espírito».

E, finalmente, nos nossos tempos, podemos constatar o valor atribuído à educação física e desportiva em vários países.

Em seguida à Grande Guerra de 1914-1918 os alemães reorganizaram a educação física e desportiva, baseando-se nos seguintes princípios:

- Necessidade de formar o carácter à base do desporto que é a melhor escola da vontade;
- A sua prática, pelo esforço metódico que impõe e a fé que faz nascer para vencer os obstáculos naturais ou imprevistos, desenvolve a coragem e sangue frio;
- Os desportos de preparação para a guerra desenvolvem a vontade de vencer, a combatividade, a iniciativa, o espírito de decisão, conjunto de qualidades que fazem nascer, em cada um, a confiança em si próprio, antidota do medo;
- Que era mais frequente observar desfalecimentos em homens fortes mas que não tinham a prática do desporto, do que da parte dos verdadeiros desportistas.

Revista da Cavalaria

Os exércitos inglês e americano fazem, como é do conhecimento de todos, a sua grande preparação à custa da educação física e desportiva, dando maior relevo ao box, natação e a todos os exercícios de preparação para o combate.

No nosso exército está este assunto prescrito, em detalhe, em regulamentos próprios no que respeita, especialmente às escolas de recrutas.

Dentro do tema que nos propusemos abordar, falaremos, sòmente, do valor do desporto no aperfeiçoamento e conservação das qualidades necessárias aos oficiais. Ele tem que dar-lhes o hábito da resistência à fadiga e desenvolver-lhes o ânimo moral de maneira a permitir que em todas as circunstâncias, possam dar o exemplo e encorajar os mais desanimados.

Não possuindo conhecimentos profundos dos vários desportos, temos contudo a noção de grande parte e podemos reconhecer, por comparação com o hipismo, a enorme vantagem de os praticar.

São úteis, inconstestavelmente, para conservação de vigor físico, todos os desportos de uma maneira geral, devendo, porém, ser especialmente preconizados os que contribuem para exaltação das qualidades morais, àqueles em que a luta contra os agentes estranhos e imprevistos, surja constantemente.

São mais proveitosos os que desenvolvem o espírito de iniciativa e fazem apelo frequente à audácia, coragem, fé, sangue frio, prudência e sentimento do brio.

Entre os desportos nestas condições, julgamos a equitação nos de primeiro plano, por corresponder completamente à finalidade em vista e ser a sua prática bastante acessível.

A equitação, desporto abordável por todos os chefes em qualquer idade e posto, constitui, em nossa opinião, um exercício de grandes vantagens no que respeita, principalmente, ao desenvolvimento do factor moral; pode variar desde o simples passeio a cavalo, à equitação violenta de campo e obstáculos.

O cavalo é um animal de vontade própria a quem o cavaleiro necessita impor-se, tendo frequentes vezes de lhe transmitir a audácia e coragem que lhe são necessárias para combater as suas hesitações.

Como inimigo, o cavaleiro tem de vencer e apreciar com inteligência flexível a reacção que ele lhe oponha, actuando com energia a fim de dominar a sua vontade.

Esta imposição tem lugar em todos os momentos em que se anda a cavalo e em todos os géneros de equitação que se pratique.

Revista da Cavalaria

O espírito fraco do cavaleiro, consequência de um débil espírito humano, será facilmente reconhecido pelo cavalo que imediatamente se tornará senhor da situação.

Para desenvolver as suas qualidades para aproveitamento posterior, tem que se ser persistente, não desanimando com os insucessos que podem ir surgindo no decorrer do trabalho.

A falta de prudência que torna os homens despropositados, inconsequentes, temerários e loucos é na equitação punida automaticamente e, em geral, acompanhada da «quebra de um osso»!!!

Mas se forem demasiado prudentes não conseguem acompanhar os camaradas e sentirão, certamente com mágoa, a sua fraqueza e falta de decisão.

O hábito do emprego do cavalo faz criar no homem o sentimento da moderação das exigências e a perda do seu egoísmo natural, pensando sempre primeiro nos cuidados a dispensar à sua montada do que naquelas a ter consigo próprio.

A prática corrente da equitação implica riscos pessoais diversos e frequentes que a valorizam, residindo contudo a sua maior vantagem no facto de os cavaleiros terem de actuar muitas vezes com decisão, ousadia e desembaraço, sem que, contudo, lhes falte o critério e senso.

A equitação que antigamente era instrução obrigatória para a Arma de Cavalaria, por utilizar o cavalo como meio de transporte, manobra e especialmente de combate criou, naquela Arma, pela ousadia que lhe era exigida nas situações isoladas em que se encontrava com frequência e nas quais era preciso actuar com decisão e energia, o que se designa por «espírito cavaleiro».

Dadas as condições especiais da guerra actual, este «espírito cavaleiro», que se não deve confundir com as enormes qualidades que foram sempre apanágio de todos os chefes, é hoje necessário à maioria dos oficiais, continuando a ser imprescindível aos de cavalaria, pois esta Arma, com cavalos ou motores, mantém as suas missões.

Actualmente a equitação deve ser encarada, salvo rara excepção, para a cavalaria, não como meio de utilizar o cavalo em campanha, mas sim com o fim de manter entre os oficiais um nível moral elevado.

E, certamente, por se lhe reconhecer este mérito, é hoje preconizada a sua prática em várias Armas de alguns exércitos estrangeiros e, entre nós, presentemente, estão determinadas as provas hípcas para oficiais de Infantaria, sendo também a equitação, um dos grandes auxiliares da instrução dos sapadores de assalto.

Revista da Cavalaria

Desenvolver entre grande número de oficiais o gosto pela equitação e proporcionar-lhes os meios de a praticar, contribui eficazmente para lhes conservar a juventude e valorizar-lhes as suas qualidades morais.

Necessário se torna, portanto, simplificar os processos de ensino do cavalo para acompanharmos a velocidade do século em que vivemos e podermos pôr ao alcance da maior parte os conhecimentos suficientes para o utilizarem na equitação perigosa, com o melhor proveito e menor número de desastres pessoais.

As provas de competição são as mais proveitosas, não só por desenvolverem o desejo de vencer, como também por requererem uma preparação cuidada e constante, o que constitui a finalidade mais eficiente do desporto hípico a favor da conservação do vigor físico e moral dos oficiais.

Embora façamos franca apologia da equitação, só a reputamos necessária aos oficiais que não pratiquem correntemente qualquer exercício de igual valor em que, como naquela, sintam necessidade constante de impor a sua vontade ainda que com prejuízo da integridade física.

A vantagem da equitação é ainda hoje reconhecida por chefes de grande envergadura.

Wiston Churchill disse:

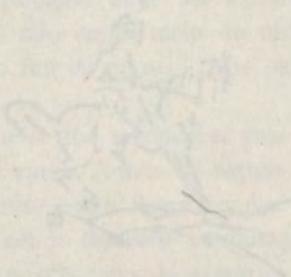
«No hour in life is lost which is spent on horseback».

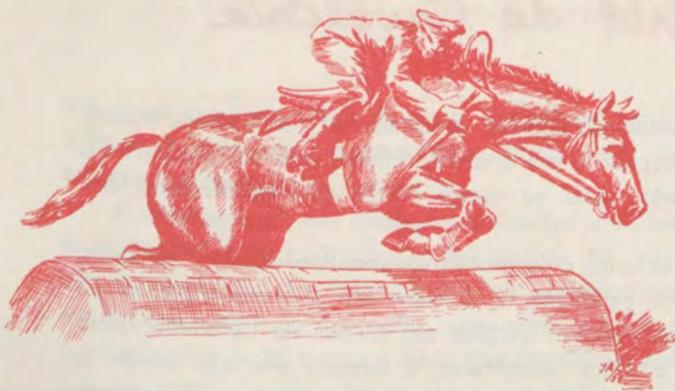
*

«Desenvolvamos, auxiliados pela prática dos desportos a nossa educação moral e física, fortalecendo o carácter, qualidade base do chefe militar».



Handwritten text at the top of the page, possibly a title or name, rendered in a light, cursive script.





O PROBLEMA EQUESTRE DA CAVALARIA

pelo Major FERNANDO PAES

Reconhecida a influência da equitação como elemento de formação moral e meio de actividade desportiva dos quadros do Exército, especialmente dos quadros da Arma de Cavalaria, não é de admitir que o ambiente gerado à volta da prática equestre não tenha ainda atingido a elevação correspondente aos valores morais que com ela estão relacionados, o que prejudica, indubitavelmente, o alto espírito da Cavalaria, mormente num período crítico como o actual, em que a Arma sofre nos seus meios transformação profunda.

O problema merece análise cuidada visto que, na sua forma presente, pode originar um desinteresse nas esferas superiores capaz de promover o desaparecimento da equitação no Exército, o que representaria para nós e para a Nação uma perda de real valor, dado que o cavalo constitui, na criação da força espiritual da Cavalaria, considerada como Ordem e Instituição, elemento básico insubstituível.

A influência da equitação nas duas formas educativas indicadas, constitui um problema de valorização moral, por consequência um problema de larga projecção e futuro, ao contrário do que sucede com

Revista da Cavalaria

o problema da representação equestre internacional que, embora valioso, é muito limitado, devendo a sua aparente importância ao brio nacional que os seus resultados mais ou menos fracos ou espectaculares despertam.

Procurar resolver estes dois problemas simultaneamente, ou antes, estes dois aspectos do problema, é, a nosso ver, a causa originária do mal-estar que muitas vezes se verifica nas fileiras da Cavalaria, além de que, como não é difícil comprovar, é fórmula que não resolve o problema satisfatoriamente. Pelo lado educativo, prova-o um ambiente que não está em relação com o espírito elevado que se pretende obter; pelo lado da representação nacional, os resultados medíocres.

A equitação, como elemento educativo de quadros, só se justifica se aqueles que a praticam e dirigem constituírem como que uma ordem de cavalaria, com o seu código de honra e de conduta, em que a lealdade, a coragem moral e o gosto pelas responsabilidades, se possam juntar às qualidades de desembarço físico e desprezo pelo perigo que o desporto hípico sempre vai desenvolvendo e pondo à prova, quaisquer que sejam as condições em que é praticado. Caso contrário, preferível é aplicar a verba ou parte da verba dispendida neste capítulo, em auxiliar as sociedades hípicas civis, por forma a ajudar a manter o fomento da criação cavalares e a contribuir para a educação integral da nossa juventude, orientando a organização dessas sociedades hípicas à semelhança das organizações congêneres sul-americanas.

Bastariam, pois, os resultados para justificar uma mudança radical na nossa política equestre, se não se verificasse ser mais fácil e natural tratar e resolver, separadamente, os dois aspectos essenciais do problema. Em primeiro lugar, porque já em toda a parte e há muito tempo se chegou à conclusão que uma representação nacional condigna só se pode conseguir reunindo em lugar apropriado, debaixo de uma boa direcção técnica, o que houver de melhor em cavalos e cavaleiros, em virtude das dificuldades, cada vez maiores, das competições internacionais, algumas delas com características muito particulares; em segundo lugar, porque resolvendo separadamente o problema da representação nacional, libertamos o mais importante — o seu aspecto educativo — dos inúmeros factores que o diminuem e aviltam, entre os quais todos aqueles que se relacionam com as constantes distribuições e redistribuições de cavalos, bem como a escolha, sempre renovada, de novos cavaleiros e cavalos para a equipa.

Colocado assim o principal aspecto do problema dentro da sua pureza inicial, já é possível a existência de um ambiente mais elevado

Revista da Cavalaria

que consagre, nesta época de quase mecanização integral, o verdadeiro espírito da cavalaria, justificando o alargamento da prática equestre aos quadros de todas as Armas.

É evidente que, nas condições indicadas, a Escola Militar de Equitação passará a ter na formação das equipas, um papel idêntico ao que tem na formação dos instrutores e no aperfeiçoamento e difusão da equitação superior, o que, aliás, está perfeitamente em harmonia com as disposições da lei e com a ideia que inspirou o legislador.

De resto, a própria lógica apoia a solução.

O quadro de instrutores do Grupo de Instrução, escolhido entre os oficiais instruendos melhor classificados nos últimos anos, constitui um agrupamento evolutivo que trabalha dentro de uma doutrina definida, aplicando e preconizando os processos mais indicados segundo os mesmos princípios.

O seu valor profissional está suficientemente demonstrado. Em provas de ensino, em concursos hípicas nacionais e internacionais, nas olimpíadas e nas apresentações colectivas públicas da Escola de Mafra, os oficiais instrutores têm sempre marcado lugar de incontestável destaque.

Uma representação nacional não se pode generalizar ao ponto de a abastardar. Há-de haver sempre cavaleiros mais aptos e menos aptos, como sucede em todas as actividades da raça humana, e os bons cavalos de obstáculos dependem mais, salvo raras excepções, do ensino geral e especializado, bem como do tempo que é necessário a esse ensino, variável de cavalo para cavalo, do que a forma espectacular como, numa dada altura, ele pode transpor um obstáculo.

Recordamos ter ouvido a frase, muito em voga no momento, de que todos tinham direito a «ir lá fora» e a ter bons cavalos, o que para um exército de um país caracterizadamente anticomunista é um paradoxo de assinalar.

O problema, posto com esta objectividade, não exclui a hipótese da inclusão na equipa internacional de um ou de outro elemento que na época transacta se tenha distinguido pela sua classe e pela sua regularidade, além de que o *roulement* natural dos quadros da Escola dará sempre a quem se distinga, o queira e o mereça, a possibilidade de pertencer ao seu quadro de instrutores.

A Escola Militar de Equitação possui hoje campos e pistas em condições de permitirem treinos em toda a época do ano, especialmente na época de inverno, e os seus quadros estão em condições de poderem executar com sucesso, quando devidamente orientados, todos os traba-

Revista da Cavalaria

lhos ginásticos tendentes a melhorar as possibilidades de qualquer cavalo de classe que apresente defeitos congénitos ou adquiridos.

O nível equestre português é, de uma maneira geral, relativamente elevado, e o facto de ainda não ter marcado no conceito internacional o lugar a que tem direito e de que é merecedor, deve-se, a nosso ver, à falta de uma organização eficaz adequada especialmente a esta finalidade.

Esta solução não deve, no entanto, ser aplicada com a ideia de obter resultados positivos, a curto prazo. Não só não há vantagem em efectuar novas redistribuições de cavalos, o que iria prejudicar o aspecto educativo do problema, razão de ser da existência da equitação no Exército, como também porque tudo quanto diz respeito a cavalos, como parece que aliás tudo na vida, só tem valor e projecção quando feito com tempo, ideia e vontade.

Há ainda outros aspectos relacionados com o mesmo problema que não deixa de ser oportuno ponderar.

Assim, estando a equitação de obstáculos em período de franca evolução e sendo cada vez mais visível a sua íntima ligação com o ensino pròpriamente dito, só num sítio em que a equitação superior é praticada e difundida, é possível acompanhar esta evolução e contribuir até para o seu aperfeiçoamento, tanto mais que nenhuma das escolas conhecidas, como Saumur e Viena, alia a prática da equitação superior à prática da equitação de obstáculos, nas condições em que as praticam os oficiais da Escola de Mafra.

Por outro lado, há que ter em conta a cultura artística que representa a existência da equitação superior, elemento que, como muitos outros que foram aperfeiçoados de geração para geração, tem a tradição milenária que caracteriza a civilização ocidental, modelada na sua força ancestral pelo espírito da Cavalaria.

Atravessamos uma época crítica, em que alguns conceitos morais evoluem num sentido negativo, como o proclamou Pio XII ao afirmar que os dois grandes males da humanidade de hoje, são a despersonalização e o aviltamento da dignidade humana.

Nós, os guardiões do nobre espírito da cavalaria, devemos combatê-los sem tréguas, começando por não deixar introduzir nos nossos sistemas de vida, fórmulas que facilitem o desenvolvimento das fraquezas humanas, antes procurando mantê-lo em toda a sua pureza, para que nos possa sempre servir de guia nas nossas dúvidas e nas nossas dificuldades.

...; evitar a deslealdade, a mesquinhez e o embuste; proceder com lisura e dizer a verdade; manter a honra da Ordem de Cavalaria;...

UM ASPECTO DA MISSÃO EDUCATIVA DO OFICIAL DO EXÉRCITO

pelo Alferes VALE CARVALHEIRA

Tem-se por vezes, confundido o conceito «disciplina» com o conceito «educação». E, se de uma maneira geral assim o podemos compreender, a análise, quando desce ao pormenor, desmente a identificação. Por *disciplina* temos de entender — um conjunto de regras que se impõem coactivamente —; e, por *educação*, — um estado de consciência que nos leva, por concessão íntima, à prática do dever —. Ora, o dever, justamente considerado, é a totalidade das normas que a Ética reúne, e que, só parcialmente, são codificadas pelo Regulamento de uma Disciplina. Assim, admitidas estas definições, concluiremos que, enquanto a *educação* se apresenta como um fim a atingir, a *disciplina* não é mais do que um dos meios postos ao serviço da *educação*. E, colocadas nestes termos as fronteiras de cada um dos conceitos — «disciplinar» e «educar» —, há que admitir a existência de outros meios, ao lado da disciplina, que conduzem ao mesmo fim — à *educação* —.

Quando educamos não fazemos mais do que levar o educando a uma adesão do seu pensar ao nosso próprio pensamento. Mas será isto Educar?... Queremos dizer: — Será Educar, o levarmos o educando a aderir ao nosso pensamento?... Pode não ser... É um método, sem dúvida; mas, como método, não passa de um processo; e, dar a este procedimento um carácter absoluto, seria admitir como verdade esta afirmação: — Educar é levar alguém a aderir às nossas opiniões —. Ora, nós bem sabemos que se não pode conferir um sentido categórico a uma tal afirmação, sem transformarmos o cunho altruista da *educação* num egoísmo mesquinho. Assim, para que tal procedimento possa defender-se, é mister acrescentar-lhe alguma nota que o individualize,

Revista da Cavalaria

que o torne inconfundível, que lhe dê um carácter de irredutibilidade, e teremos de dizer: — Educar é levar o educando a aderir ao nosso pensamento, quando este se afere pelo padrão da verdade —. Mas a verdade, considerada no geral com este subjectivismo, pode encarar-se objectivamente a dentro de esferas restritas, e então diremos que *a verdade, sob o ponto de vista militar, é aquilo que determina a letra e o espirito do seu Regulamento Disciplinar.*

E, chegados a este momento, estamos à altura de definir a Educação Militar, e definí-la-emos como *o acto de levar o militar a aderir ao cumprimento das determinações preconizadas pela letra e pelo espirito do Regulamento de Disciplina Militar.* Neste acto consiste a missão educativa do Oficial do Exército.

Retomando a ideia, já provada, de que a *disciplina* é um meio coactivo de educação, coloquêmo-lo em pararello com outro meio, a *persuasão*, para concluirmos que a *disciplina* é um meio que vence, enquanto que a *persuasão* é um meio que convence. Esta conclusão é intuitiva, é evidente, e por isso não carece de demonstração; está demonstrada por força das premissas.

Vejamos agora qual dos meios devemos seguir na educação do militar.

Pode o Oficial, por escrúpulo ou por qualquer outro motivo, que não discutimos, subordinar a sua actuação sòmente à letra do Regulamento, procurando, apenas, educar coactivamente; pode, por falta de vocação, ser um místico pregador de conselhos; pode, pela virtude da temperança, dosear equilibradamente, relativamente, a *persuasão* e a *coacção*; pode ainda, por incompetência ou simples inacção, não actuar de forma alguma. No primeiro caso o oficial peca por querer, comodamente, sem mais delongas, impor a educação, enveredando exclusivamente pelo caminho do procedimento coactivo, sendo unilateralista na visão das coisas; no segundo caso, o pecado do unilateralismo é o mesmo, visto empregar apenas a persuasão, que quase sempre leva a brandura desmesurada ou a uma benevolência mal compreendida; no terceiro caso o oficial será um bom educador, cingindo-se não só à letra como também ao espirito do Regulamento; no último caso, o oficial deve mudar de profissão.

De todas as missões que competem ao oficial do Exército, é sem dúvida esta, — a de educar —, que exige mais inteligência, maior equilíbrio de faculdades, uma perfeita integridade moral, um grande espirito de justiça, bom senso, sabedoria, rectidão e conhecimento dos factos psicológicos que individualizam os homens.

Revista da Cavalaria

Educar, sob o ponto de vista filosófico, que também muito interessa ao oficial, é fazer com que o educando realize uma tomada de consciência capaz de criar a sua integridade pessoal, o seu Eu, a sua personalidade; é ainda fazer com que o educando supere o educador. A educação, filosoficamente entendida, só estará completa quando o educador se tornar inútil.

O oficial do Exército, nas suas relações com os militares seus subordinados, é sobretudo e essencialmente um educador; antes de mais nada, tem de Educar. E, porque educar é difícil, há que ter uma preparação conveniente para poder realizar, com rendimento, a sua árdua missão, árdua mas nobre, de educador de homens. É da maior ou menor educação das tropas que resulta o maior ou menor êxito dos empreendimentos militares.

Um exército bem educado, embora pequeno, pode levar a cabo missões de maior envergadura do que outro exército que não esteja educado.

A educação militar não se aquilata pela disciplina, mas sim pela disposição de espírito com que a disciplina se cumpre.

Queremos mais uma vez dizer que a *disciplina* não equivale à *educação* nem esta se afina por aquela: um militar disciplinado pode ter uma má educação militar; mas o contrário já se não verifica, pois que, quem tiver uma boa educação militar, será sempre disciplinado. O cumprimento da disciplina, quando se reveste sòmente de um aparato externo, não tem grande valor; para que tal cumprimento seja valorativo, digno de louvor, é necessário que entre o sujeito que cumpre, e a disciplina cumprida, haja ajustamento interno, haja adesão da vontade consciente. Mais simplesmente, e porque agora o podemos afirmar já, o cumprimento da disciplina só terá valor educativo quando o militar cumprir não tanto por obrigação, como por dever.

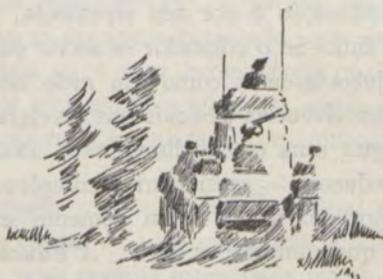
Repetimos: a imposição é por nós reprovada, mas só quando se apresenta como um fim. Se o educador se servir da coacção como um dos métodos, nós julgá-la-emos como um meio necessário, porque a experiência geral e as vivências pessoais nos revelaram a sua utilidade. O oficial que conseguir uma escola disciplinada atendendo à disciplina como um fim, não educou: — apenas criou complexos de inferioridade. O militar que cumprir por medo, é um elemento sem valor; valor sòmente o tem aquele que cumpre por dever. *A Educação Militar deverá, portanto, ter em vista apresentar ao educando tudo quanto concorra para fazer despertar no seu espírito a consciência do dever. E por isto mesmo aconselhamos o emprego do método persuasivo, mas sempre auxiliado*

Revista da Cavalaria

pela coacção quando estivermos em presença de uma consciência mais rebelde. Temperar, em justas proporções, a persuasão com a coacção, é o dever do oficial quando educa. Não se deve querer um Exército educado pela disciplina, mas sim um Exército disciplinado pela educação. E, dos bons como dos maus resultados sucedâneos de uma boa como de uma má disciplinação das tropas, só os oficiais são dignos de louvor como dignos de censura. É de grande interesse que o oficial seja um bom condutor de tropas; mas é ainda de maior interesse que ele seja um bom educador das mesmas. Do acto de comandar, só às vezes, e indirectamente, depende o resultado da empresa; mas depende sempre e directamente, da prévia educação de quem realiza o empreendimento. Comandar consiste em estabelecer planos, criar missões, ordenar algo e fazê-lo cumprir; educar é pôr as tropas aptas a aceitar de bom grado as ordens, e a bem cumprir as missões, de harmonia com os planos estabelecidos. Um bom Comandante não pode tirar grande rendimento de tropas mal educadas; e, pelo contrário, a educação das tropas supre, muitas vezes, as possíveis deficiências do Comando.

Todo o oficial é chamado a educar os seus subordinados, e, aquilo que ele deve primeiro ter presente, é a educação pelo exemplo. Depois, ele terá realizado a sua missão educativa quando conseguir que o seu educando não só veja na disciplina uma auto-imposição da sua consciência, como ainda seja capaz de obrigar-se, mercê da sua personalidade, a cumprir esse dever que ele aceitou por educação.

O militar educado assim, ficará apto a ir ao encontro daquilo que o Comando quer, nas suas determinações, e, desde que lhe sejam fornecidas condições materiais e apoio moral, a realizar aquilo que o Comando queira.







SUMÁRIO

Preparação de cavalos de corridas

Tenente Fernando Maya

Atitudes das extremidades da coluna e sua correlação

Tenente Vicente da Silva



PREPARAÇÃO DE



CAVALOS DE CORRIDAS

pelo Tenente FERNANDO MAYA

Realizadas as corridas de cavalos que a Sociedade Hípica Portuguesa organizou no Outono passado e verificado o êxito que tiveram, é fácil augurar a sua continuação, uma vez que ficou demonstrado, bem claramente, o interesse que o público tem por estas competições.

Para aqueles que desejem fazer correr cavalos e não saibam como proceder, por não haver no nosso país nada escrito sobre preparação dos mesmos para esse fim, resolvemos coligir uns apontamentos que divulgem noções sobre este assunto, e lhes possam servir de orientação para alcançarem esse *desideratum*.

São muitos os factores que se têm de considerar na preparação dos cavalos de corridas.

Em primeiro lugar é preciso escolher o cavalo que se vai inscrever nas corridas. Claro que o ideal seria termos uma dessas máquinas de galopar que são os «puro-sangue», esses animais aperfeiçoados que em muitas gerações não fizeram outra coisa senão correr, e que foram seleccionados nas pistas de corridas.

Revista da Cavalaria

Porém, como o nosso meio hípico é neste aspecto muito pobre, e, por consequência, há-de haver corridas para vários sangues, cremos que, baseados no programa das reuniões do Outono, podem os interessados encontrar um cavalo com mais ou menos sangue capaz de ser inscrito em qualquer das categorias que o mesmo programa comporta.

Escolhido o cavalo, tem o mesmo que ser convenientemente alimentado para que o trabalho a que vai ser submetido possa ser suportado e não o arruíne prematuramente.

É necessário treiná-lo com método e progressivamente, pois só assim se conseguirá levá-lo até à «condição» que lhe há-de permitir dar o «seu máximo» nas corridas em que for inscrito. Claro que o treino não faz milagres. Um cavalo que não possua qualidades natas não poderá nunca correr; «velocidade» e «fundo» são características que nascem com o indivíduo; a preparação de corridas não faz mais que desenvolver essas qualidades até ao limite que cada animal atingir. Daí para diante nada a fazer.

Ao terminarmos esta pequena introdução, declaramos que este trabalho foi compilado das seguintes obras:

Traité pratique d'élevage et d'entraînement du cheval de course — Paul Fournier (Ormonde) et V. Duret.

Le cheval — J. Gobert.

Le cheval de course — H. J. Gobert et P. Cagny.

Galopeurs et Trotteurs — Ed. Curot.

Le pur sang en action — Paul Fournier (Ormonde).

Alimentação na exploração dos gados — Joaquim da Silva (Portugal).

Alimentação do cavalo de corridas

Noções gerais

A questão da alimentação tem um papel considerável no treino do cavalo de corridas: é a chave de todos os actos que têm por objectivo a sua preparação.

Quando se quer estabelecer o regime dos cavalos em treino, no geral pensa-se antes de tudo no «alimento», dei-

Revista da Cavalaria

xando-se em plano secundário um factor muito importante: o *indivíduo a alimentar*. É preciso fornecer ao cavalo as substâncias que lhe são necessárias para cumprimento da sua função, equilibrar a sua matéria e a sua energia, e por fim, regular as horas das refeições. Cada cavalo é um caso próprio, tem portanto que se conhecer o coeficiente individual de utilização para se dar a cada indivíduo um regime alimentar que não seja nem demasiado forte, nem insuficiente, uma vez que o valor dos alimentos depende da sua assimilação e utilização. Não há processo seguro de calcular este coeficiente, mas a observação do poder digestivo do cavalo e o exame do que ingeriu e das fezes, podem dar-nos a conhecer a utilização individual dos albuminoides, gorduras e hidratos de carbono.

Por outro lado, sabemos que a alimentação deve reparar as perdas sofridas pelo organismo, ao mesmo tempo que deve satisfazer às suas necessidades energéticas.

O alimento completo deve ser, portanto, um veículo de energia; resta saber em que grupo de princípios esta energia se encontra.

De uma maneira geral é no glicogénio que o organismo encontra a energia potencial que utiliza, quer durante o trabalho fisiológico interno, quer no trabalho muscular exterior.

Se a alimentação é bastante rica em hidratos de carbono, estes são directamente utilizados; no caso contrário o animal transforma em hidratos de carbono as gorduras e albuminoides da sua ração.

Os hidratos de carbono têm por missão assegurar a conservação do potencial energético e fornecê-lo para os gastos continuos. O mesmo podemos dizer das gorduras, quer por consumo imediato, quer depois de se armazenarem como reservas.

As matérias albuminoides, pelo seu azoto, servem para a manutenção e renovação da matéria viva, e, por perda do mesmo azoto, transformam-se em substâncias ternárias, aproveitáveis para manutenção do potencial energético.

A dificuldade está em combinar a proporção das matérias azotadas e não azotadas de maneira que o animal tire da sua ração o máximo proveito.

Revista da Cavalaria

Alimentos

Examinemos brevemente os vários alimentos que podem ser dados aos cavalos de corridas.

Aveia — a aveia negra, mais excitante e apetecível para os cavalos é a única que deve ser distribuída. A aveia deve ser seca, homogênia, limpa; não deve ter mais de 3% de grãos estranhos e deve ter um peso específico de uns 48 kgs. por hectolitro. Contém 6,4% de proteínas, 5,2% de gorduras, 48,4% de extractos não azotados e 1,7% de celulose.

Cevada — é tão nutritiva como a aveia. É uma fonte de energia muscular, e pode também dar a base de engorda. Contém 6,9% de proteína, 1,2 a 3% de gorduras e 64,8% de extractos não azotados. Pela sua dureza deve ser dada triturada, farinada ou remolhada.

Fava — é facilmente digerida e os seus componentes são na sua maioria absorvidos, pelo que têm um grande poder nutritivo. É extremamente rica em matérias azotadas (28%) contendo apenas 50 a 57% de hidratos de carbono. Deve ser dada triturada.

Milho — não deve ter cheiro e deve ter um sabor assucarado; deve pesar à volta de 80 kgs. por hectolitro. É muito rico em matérias proteicas (10%), hidratos de carbono (60 a 70%), e gorduras (3 a 6%); é de muito fácil digestão e por isso a maior parte dos princípios que contém são digeridos e absorvidos. Deve ser dado triturado.

Farelos — são o resíduo da moagem do trigo. Quando este era moído por processos menos perfeitos do que hoje, era um alimento excelente contendo 14% de matérias azotadas e 40 a 45% de matérias não azotadas. O aperfeiçoamento das moagens tirou aos farelos grande parte do seu valor nutritivo, não contendo hoje mais do que um pouco de gluten e amido, sendo sobretudo rico em matérias calcárias. O seu valor actual reside no facto de serem um aperitivo e digestivo, quer secos, misturados na ração, quer aplicados na composição de «mashes».

Feno — é um ótimo alimento contendo em proporção suficiente matérias azotadas e gorduras, hidratos de carbono e princípios minerais. Por outro lado desempenha o papel de lastro do aparelho digestivo.

Revista da Cavalaria

Para ser bom deve ser de primeira qualidade e da colheita do ano; deve ter cor ligeiramente verde; cheiro agradável, aromático; o seu sabor é adocicado; deve ser limpo não tendo poeira nem terra; deve ainda ser macio, não tendo plantas duras. A base de um bom feno é constituída por gramíneas e leguminosas a que se juntam algumas plantas excitantes e tónicas.

O mau feno conhece-se por um cheiro desagradável ou por não ter cheiro; é por vezes negro ou encarniçado; é duro, grosso, formado por hastes angulosas e por folhas cortantes.

Palha — a palha que só deve ser empregada nas camas, por ser muito pobre em matérias nutritivas (contém menos de metade das matérias azotadas, gorduras e hidratos de carbono que o feno) sendo apenas rica em matérias mine-rais. No caso de não se dispor de feno, pode, no entanto, constituir o lastro do aparelho digestivo.

Verde — tem efeitos emolientes sobre a mucosa intestinal e é um refrescante. Deve ser dado em quantidades pequenas e misturado com feno seco. As plantas geralmente empregadas são a luzerna e o trevo vermelho; também se pode dar outras ervas.

Cenouras — tem os mesmos efeitos que o verde, ainda que mais rica. Devem ser cortadas no sentido do comprimento.

Açúcar — é um alimento que pela sua importância e valor para os cavalos de corridas será tratado mais adiante com maior desenvolvimento.

Água — deve ser pura e tanto quanto possível de uma nascente. Não se deve dar água de cisternas ou de poços onde por infiltração possam ir ter, urinas, águas de esgotos, ou outros dejectos.

Arraçoamento

Para que uma ração produza o máximo de efeito útil, isto é, para que todas as matérias nutritivas que a compõem sejam totalmente digeridas e absorvidas é necessário que satisfaça às três condições seguintes:

1.º — A ração deve ser suficiente, proporcional à idade, tamanho e peso do cavalo, e deve conter em forma assimilável as matérias nutritivas precisas às necessidades do

Revista da Cavalaria

organismo, ao seu crescimento e à produção de energia exigida pelo trabalho.

2.º — Deve existir uma certa relação entre as matérias azotadas e não azotadas da ração. Esta relação chamada *relação nutritiva*, é variável conforme o cavalo está em crescimento, em repouso, em meio trabalho ou em pleno trabalho. Para o cavalo de corridas em treino, ao qual as matérias não azotadas (hidratos de carbono e gorduras) fornecem os princípios dinâmicos necessários ao esforço, esta relação é fraca — um quinto ou um sexto.

Se não é fácil analisar a composição química da ração para estabelecer, com segurança a sua *relação nutritiva*, há no entanto sintomas que nos dizem, quase seguramente, quando essa relação é defeituosa. São elas: a falta de apetite, a prisão de ventre e a diarreia.

Assim, quando o cavalo, em boa saúde, não quer comer e não expele senão fezes pequenas, escuras, duras e brilhantes, é porque a ração é demasiado forte em azoto. Quando, pelo contrário, ele se apresenta com diarreia e sofre um abaixamento de estado, então a ração tem um excesso de matérias não azotadas.

3.º — A ração deve ter um certo volume e conter substâncias capazes de excitar mecânicamente o intestino por contacto. Para que a digestão se possa fazer normalmente é necessário que o intestino seja *lastrado*, isto é, distendido, dilatado mecânicamente pelos alimentos, que excitam pelo contacto as suas fibras e activam a secreção das suas glândulas. É o feno que desempenha este papel; as suas hastes chegam ao intestino mastigadas mas ainda duras, dilatam-se e excitam a sua actividade funcional.

Antigamente os cavalos de corridas eram alimentados, quase exclusivamente, com aveia e feno. A composição da ração na maioria das *ecuries* francesas era, segundo Fournier e Duret a seguinte:

1.º penso às 08h.00 { 6 a 7 litros de aveia
1,200 Kilos de feno
água

2.º penso às 12h.00 { 4 litros de aveia
água

Revista da Cavalaria

3.º penso às 17h.00 { 4 litros de aveia
 { água

4.º penso às 19h.30 { 2,5 litros de aveia
 { 1,200 Kilos de feno

Ou então:

1.º penso às 05h.00 { 2,5 litros de aveia
 { 1,200 Kilos de feno
 { água

2.º penso às 10h.30 { 4 litros de aveia
 { água

3.º penso às 17h.00 { 4 litros de aveia
 { água

4.º penso às 19h.30 { 2,5 a 3 litros de aveia
 { 1,200 Kilos de feno

Para determinar a ração individual procedia-se por tentativas; quando um cavalo consumia inteiramente a ração distribuída, aumentava-se um pouco um dos pensos; se ele continuava a comer tudo aumentava-se um pouco mais o mesmo penso ou o seguinte. A saciedade era a regra do racionamento.

Esta maneira anti-higiênica de proceder fez muitas vítimas por excessiva alimentação. O número de *chupados* ou *queimados* pela aveia provaram-no exuberantemente.

O problema alimentar a resolver é o seguinte: *fornecer ao cavalo o máximo de matérias nutritivas numa forma assimilável sem lhe provocar perturbações orgânicas tais como: falta de apetite, fadiga intestinal, gastro-enterite.*

Pode-se afirmar que a alimentação exclusiva de aveia, se resolvia a primeira parte do problema, não resolvia a segunda — *a fadiga imposta ao intestino era sempre muito grande.*

Daqui nasceu a necessidade de substituir parte da aveia por outros cereais que mantendo o mesmo poder nutritivo da ração, lhe aumentasse o poder digestivo.

Revista da Cavalaria

Para que as substituições alimentares, dêem bons resultados, é preciso que sejam feitas em bases racionais, isto é, que atendam à composição química dos alimentos, à sua digestibilidade, e sobretudo, à *relação nutritiva*. Se o organismo continuar a receber as matérias azotadas, as gorduras e os hidratos de carbono de que necessita, pouco lhe importa saber a proveniência destes princípios.

O poder nutritivo da fava (riqueza em proteína e minerais), o seu coeficiente de digestibilidade elevado aconselham o seu emprego em quantidades não inferiores a 1 Kilo diário.

O valor alimentar e a facilidade de digestão do milho e as suas propriedades higiénicas, justificam o seu uso em doses suficientemente elevadas: pelo menos 1 Kilo diário. As vantagens do milho são claramente demonstradas pela diatética americana de que é a base.

A composição química e a digestibilidade da cevada mostram que este cereal convém também ao cavalo de corridas.

Do que fica exposto deduz-se que não se pode fixar exactamente um tipo de arraçoamento para ser seguido por toda a gente, e ministrado a todos os cavalos. Julgamos que a partir das rações de tipo normal pode cada um, consoante o estado dos cavalos que tiver a seu cargo e a intensidade do trabalho a que vão sendo submetidos, ir reforçando a ração com os alimentos que ficam indicados, e ainda com o açúcar de que adiante trataremos, por forma a conseguir uma alimentação conveniente.

Damos a seguir um exemplo de ração para um cavalo de corridas do peso médio e segundo os princípios atrás estabelecidos.

1.º penso às 06h.00	{	um punhado de feno
		água
		2 litros de aveia
		500 grs. de açúcar

2.º penso às 10h.00	{	2 Kilos de feno
		água
		3 litros de aveia
		2 litros de milho triturado

Revista da Cavalaria

3.º penso às 15h.00 { um punhado de feno
 { água
 { 2 litros de aveia
 { 1 litro de milho triturado

4.º penso às 19h.00 { 2,5 Kilos de feno
 { água
 { 3 litros de aveia
 { 1 litro de milho triturado
 { 1 litro de fava triturada
 { 500 grs. de açúcar

É de boa prática dar na véspera do descanso semanal (normalmente ao sábado) na água da tarde, sulfato de sódio em dose pequena (50 grs.).

Açúcar

As experiências de Charean e Kaufman demonstraram que o açúcar que se encontra nos músculos é *a fonte da energia e do calor animal*. É a combustão do açúcar que produz o calor interno, graças ao qual a temperatura do corpo é constante; esta combustão fornece ao músculo a energia necessária à sua contracção; *um músculo que se contrai consome trinta e oito vezes mais açúcar que no estado de repouso; e um músculo que recebe açúcar em maior quantidade pode trabalhar muito mais tempo sem fadiga*.

Partindo destes dados, surgiu a ideia de dar aos cavalos açúcar como alimento, ainda com a vantagem de ele poder ser absorvido pelo intestino quase sem sofrer modificações. Os hidratos de carbono sob a forma de monossacarinos são conduzidos ao fígado onde por desidratação a glucose é armazenada sob a forma de glicogénio.

Os músculos podem igualmente realizar esta transformação. De facto a glucose e o glicogénio são as duas formas (circulante e fixa) da matéria exclusivamente reservada à actividade muscular.

Assim temos que o glicogénio armazenado pelo fígado é levado pelo sangue na forma de glucose aos músculos que por sua vez transformam novamente a glucose em glicogénio

Revista da Cavalaria

e o armazenam. Quando o glicogénio dos músculos se desdobra produz ácido láctico cuja presença determina a contracção muscular.

O mecanismo da contracção é o seguinte:

- Pela excitação o glicogénio desdobra-se, o ácido láctico aparece, o músculo contrai-se.
- Depois da excitação, o ácido é reabsorvido, o glicogénio volta a formar-se, o músculo distende-se.

Mas, de cada vez que isto se dá, um quinto do ácido láctico é queimado para fornecer a energia da contracção. Podemos, pois, dizer, que o cavalo é um motor cujo combustível é o açúcar (glucose-glicogénio).

As conclusões a tirar de numerosas observações e experiências sobre a alimentação pelo açúcar são, em resumo, as seguintes:

- O açúcar é uma reserva de energia e tem uma influência muito benéfica sobre o trabalho muscular, aumentando o seu rendimento e demorando notavelmente o aparecimento da fadiga.
- O açúcar tem efeitos muito favoráveis sobre a actividade do coração, de que é o alimento essencial.
- O açúcar em virtude da sua pronta assimilação, é um meio rápido e seguro de restituição de energia muscular; opõe-se ao esgotamento e permite rapidamente novos esforços.
- O açúcar permite ao cavalo o máximo de trabalho mecânico.

A razão do açúcar é muito rápida; no espaço de cinco a dez minutos, faz-se sentir sobre a actividade dos músculos; daqui resulta que os cavalos de corridas, obrigados a dar um grande esforço muscular, encontram no uso racional do açúcar um renovamento de actividade para os seus músculos fatigados. O açúcar pode, pois, ser considerado como o melhor alimento de trabalho, como o melhor alimento para contrabalançar o enorme dispêndio muscular que os cavalos de corridas são obrigados a fornecer.

Revista da Cavalaria

A maneira mais natural de dar açúcar aos cavalos é recorrer ao açúcar vulgar que lhes será dado na água ou misturado na ração.

Também se pode dar sob a forma de melaço, resíduo da extracção do açúcar de cana ou de beterraba o que é muito mais barato. O melaço contém 63% de hidratos de carbono (açúcar) e 10% de matérias minerais.

As quantidades que devem ser ministradas são de 500 a 1.000 gramas diariamente e por cabeça.

Para fazer face a um estado de fadiga grande devem-se dar as quantidades indicadas de uma só vez.

Abeberamento

O ideal seria que os cavalos tivessem água permanente e bebessem quando quisessem. Isto é relativamente fácil de conseguir quando os cavalos estejam em «boxes».

As vantagens deste sistema são, sobretudo, terem os cavalos a água a uma boa temperatura, a da cavaliça, e beberem pouco de cada vez, em lugar de beberem grandes quantidades, como acontece quando só bebem às datas de água.

Não sendo possível este regime, é absolutamente necessário que os cavalos bebam, regular e pontualmente, *antes de cada penso*.

Deve-se evitar que a água, sobretudo se é fresca, chegue ao estômago e ao intestino quando estes estão completamente vazios, porque pode provocar cólicas; como medida de precaução deve-se dar aos cavalos um pouco de feno ou palha antes de beberem.

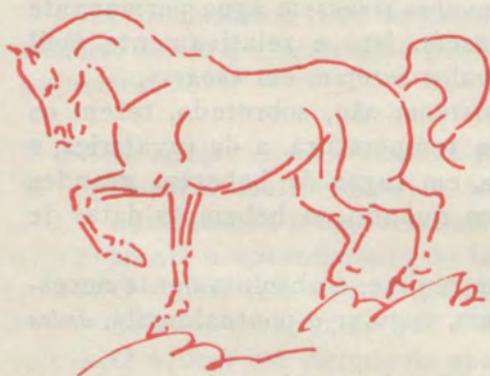
Não se deve dar nunca água imediatamente antes do trabalho. Também não se deve dar água aos cavalos que chegam à cavaliça suados ou quentes.

Quando se dá água aos cavalos deve-se deixá-los beber à vontade; mas quando mostrem ter muita sede e bebam sôfregamente, deve-se interrompê-los de vez em quando, levantando-lhes a cabeça.

ATITUDES DAS EXTREMIDADES DA COLUNA E SUA CORRELAÇÃO

(COLOCAÇÃO E CONCENTRAÇÃO)

pele Tenente VICENTE DA SILVA



Uma vez adquirido o equilíbrio horizontal, aperfeiçoa-se o ensino do cavalo procurando, cada vez mais, equilibrá-lo sobre o post-mão (equitação superior). A atitude de conjunto correspondente a tal equilíbrio, é definida pelo abaixamento das ancas e pela conseqüente elevação do pescoço (colocação alta).

Dada a reciprocidade existente entre os movimentos verticais das extremidades da coluna que provocam aquela atitude, resolvemos abordar este assunto cujo estudo passamos a apresentar.

I—A coluna vertebral e suas segmentações

A «armação» óssea do cavalo tem o fim de garantir a solidez e consistência necessárias à sua existência.

No entanto, será a coluna vertebral a base de toda a sua estrutura e poderemos defini-la como a «viga mestra» deste perfeito «edifício animal».

Revista da Cavalaria

Constituída por pequenas articulações e disposta de extremo a extremo do cavalo, será por seu intermédio que todo o esqueleto, amoldando-se ao movimento, o favorece ou mesmo o permite.

Sendo ela a principal articulação do cavalo e intimamente ligado a todo o seu conjunto por intermédio dos músculos e ligamentos, poderemos afirmar que comandá-la corresponde ao ambicionado domínio deste nobre e belo animal.

Pode-se dividir a coluna vertebral, segundo a sua constituição e resultante mobilidade, em três importantes segmentos: *Cervical*, *Dorso-Lombar* e *Sagrado*.

Começemos por apresentar o seu segmento central, o dorso-lombar:

Destinado a suportar o peso do tronco e do cavaleiro, encontrará nos membros os pilares necessários à sua sustentação. Além disso, pode contar com a razoável massa de dois contrapesos que, colocados de um e doutro lado, lhe asseguram a indispensável tensão.

Esses contrapesos, que constituem as suas extremidades, são os outros dois segmentos da coluna.

Anteriormente — o segmento *cervical* cuja íntima ligação com a cabeça forma o conjunto *céfalo-cervical*.

Posteriormente — o segmento *sagrado* que ligado aos coxais forma o conjunto da *bacia* (bloco da bacia).

II — Extremidades da coluna

Estes segmentos, com massa e movimentos próprios, constituem duas poderosas alavancas cujas acções, fazendo-se sentir sobre o conjunto animal, lhe determinam reacções de importância vital que não podem deixar de ser atendidas.

Dada a sua importância, torna-se necessário aprofundar um pouco a sua descrição para que possamos analisá-las convenientemente.

SEGMENTO CERVICAL

Formado por um conjunto de vértebras (cervicais) de características especiais, pois é permitido à vértebra da frente dobrar-se ou rodar sobre a da retaguarda, podemos considerá-lo como o mais flexível de todos os segmentos da coluna.

Revista da Cavalaria

As possibilidades de movimento determinam-lhe atitudes que diferem consoante o grau de alongamento ou de flexão que lhe foi imposto.

São-lhe possíveis todos os movimentos de flexão longitudinal e lateral.

Este segmento é limitado anteriormente por uma articulação estilo «dupla rótula» que estabelece a sua ligação com a cabeça, à qual garante relativa liberdade de movimentos, exceptuando-se os laterais, e posteriormente, pela região do garrote onde se liga ao segmento dorso-lombar.

SEGMENTO SAGRADO

Caracteriza-se pela sua rigidez, pois as vértebras que o constituem estão soldadas entre si (bloco ósseo do sacro).

Ponto de contacto de diversas inserções musculares que necessitam dessa solidez, ele representa um importante papel na transmissão de forças.

Unido à última vértebra lombar pela articulação lombo-sagrada, são-lhe somente permitidos movimentos no sentido vertical.

O seu limite posterior é a cauda.

III — Ligação entre as extremidades

A alavanca cervical está intimamente ligada à alavanca sagrada por intermédio do segmento dorso-lombar e, graças a essa particularidade, o todo único formado pela junção destes três segmentos (coluna vertebral), não é mais do que uma poderosa alavanca articulada que, além de transmitir as forças a que é submetida, as multiplica.

A fim de ser garantida a toda a coluna uma indispensável tensão que não seria suficiente se contasse somente com a fornecida por si própria, dotou-a a natureza de um sistema de tensores composto de ligamentos e de músculos que estabelece a união dos seus diferentes segmentos.

Assim, estendem-se através desta alavanca, superior e inferiormente, desde a cabeça ao sacro, um conjunto de molas mais ou menos elásticas cuja acção irá reforçar e aumentar não só as necessárias qualidades transmissoras, como as de flexibilidade, de solidez e de contracção de toda a espinha.

Revista da Cavalaria

A musculatura tem o duplo efeito de tornar rígida a coluna, permitindo a leveza e elasticidade dos andamentos, e de a dispor de tal modo que as acções dos membros, encontrando certa solidez de apoio nas espáduas e nas ancas, traduzem todo o seu esforço em impulsão.

Estendendo-se por todo o conjunto animal, desde a nuca à bacia, convém no entanto destacar os músculos mais importantes, tendo em atenção o fim do presente estudo, e reforçar as importantes relações antagonicas existentes entre alguns deles.

GRUPO MUSCULAR DORSAL:

Extensores do dorso — da base do pescoço ao sacro;

Extensores do pescoço — da cabeça às primeiras vértebras cervicais.

O principal efeito destes músculos será como reforçador da tensão da coluna.

GRUPO MUSCULAR ABDOMINAL

Flexores do dorso — da bacia, prolongando-se pela caixa torácica, às primeiras costelas;

Flexores do pescoço — da cabeça até ao tórax.

Podemos concluir, pois, que a acção dos abdominais se faz sentir sobre a cabeça do cavalo.

A missão deste conjunto muscular será a de equilibrar, por opposição, o efeito dos extensores do dorso, e manter a posição dos posteriores que, sujeitos a forças próprias do peso do tronco, têm tendência a re-
cuar (abrindo-se).

É lógico concluir que todos os extensores da coluna são antagonistas dos seus flexores e como tal, as suas acções, produzindo efeitos contrários, tendem a opor-se.

IV — Atitudes da coluna

Observando um cavalo normal em liberdade e na natural atitude de repouso, verificamos que apresenta a coluna encurvada longitudinalmente:

Revista da Cavalaria

No balanceiro cervical — Duas curvas inversas e solidárias, sendo a primeira formada pela cabeça e a parte anterior do pescoço, e a segunda no sentido oposto, começando na 3.^a vértebra cervical e prolongando-se pela base do pescoço até às duas primeiras vértebras dorsais.

Na região lombar — O arredondamento do dorso prolongando-se até à região sagrada.

Assim será do grau de incurvação próprio e recíproco destes arcos, que depende a forma da coluna.

No entanto, analisemos a justificação destas encurvações.

O peso do tronco, exercendo forte acção sobre a coluna, origina o seu afundamento, e esse movimento, arrastando músculos e ligamentos, provoca reacções sobretudo nas extremidades da coluna e nos membros.

Serão, portanto, os contrapesos e os pilares que devem opor-se à acção dessas forças, originadas pelo peso de todo o conjunto compreendido entre eles.

O principal papel é desempenhado pelas extremidades da coluna que, jogando com massa própria, criam no seu conjunto muscular uma tensão propícia à necessária tensão da coluna.

Justificam-se assim as encurvações atrás apresentadas, as quais têm por objectivo a garantia de uma coluna tensa.

Uma vez observado o problema do cavalo em liberdade, vejamos qual a reacção ao acréscimo de peso representado pelo cavaleiro.

Instantâneamente, perde o cavalo aquele porte magestoso e belo, fruto de um perfeito equilíbrio e determinante de gestos amplos, de fáceis mudanças de direcção e modificações de movimentos, enfim, de uma «souplesse» absoluta!

Como explicar esta reacção?

O peso do cavaleiro, não sobrecarregando igualmente o ante-mão e o post-mão, produz um desequilíbrio muscular — certos músculos são desviados da sua função natural para desempenhar nova missão — torna rígida a coluna.

Assim, os extensores e flexores do dorso, por contracções e distensões exageradas, irão provocar a necessária tensão superior ou inferior, da coluna.

Em vez de se apoiarem simultâneamente nas suas acções, haverá da parte de um desses conjuntos musculares uma predominância que, afectando a atitude da coluna, a contraem e dispõem defeituosamente, prejudicando e dificultando a utilização do cavalo.

Revista da Cavalaria

Vejamus qual o resultado das acções exageradas de determinados músculos, ao pretender tornar rígida a coluna, que foi sobrecarregada pelo peso do cavaleiro:

Contração predominante dos dorsais — Esta acção, arrastando os cervicais superiores, produz a extensão de toda a coluna, mas encurva-a de ponta a ponta, ficando o rim, dorso e base do pescoço, afundados.

Prejudicando ou impossibilitando a entrada dos posteriores todo o peso recai sobre as espáduas.

Esta será a attitude da coluna que define o cavalo invertido. Sucede com todos os cavalos novos, fracos de dorso ou muito selados, ao serem sujeitos ao peso do cavaleiro.

No decorrer do ensino surge também esta attitude, se exigirmos uma prematura elevação do pescoço.

Contração predominante dos abdominais — Provoca um acentuado arredondamento da parte anterior do dorso. O tórax, sendo puxado para trás e para baixo, origina o afundamento da base do pescoço, com a consequente contração dos inversores da coluna cervical. Invertendo-a, haverá uma sobrecarga nas espáduas que prejudica o movimento dos anteriores.

Os posteriores, sendo arrastados para debaixo da massa, visto ter-se dado o arredondamento do rim e a descida da bacia, têm dificuldade em movimentar-se. Todos estes inconvenientes, resultados de uma defeituosa rigidez da coluna, são próprios no cavalo que receia o peso do cavaleiro ou se contrai à nefasta acção de esporas que, coladas aos seus flancos, pretendem evitar a rectividade.

Resumindo, poderemos dizer: a contração dos abdominais, quando exagerada, provoca o acumamento.

A predominância alternada dos abdominais e dorsais — Provoca um relaxamento dos músculos do pescoço, tornando-o fluido, o que dificulta o emprego das rédeas ao pretender dirigir o cavalo.

Predominância da contração combinada dos abdominais e dos cervicais inferiores — Os inversores do pescoço, opondo-se à acção dos seus antagonistas, fazem sair o garrote, reforçam a acção dos abdominais que provoca a entrada dos posteriores, arredondamento do dorso, abaixamento das ancas e, alongando exageradamente os extensores da coluna, não permite a sua cooperação na propulsão — o cavalo acua —.

Obrigando a cabeça a conservar-se fixamente baixa, esta attitude será a que define o cavalo encapotado, que também poderá surgir quando se dá somente a *contração isolada dos cervicais inferiores*, rela-

Revista da Cavalaria

xando a tenacidade dos abdominais e dorsais, o que permite um fácil jogo dos membros posteriores.

Nestas condições o cavalo estará sobre as espáduas e adiante da mão — apoia-se exageradamente sobre os ferros, pesando sobre a mão.

Observámos as consequências do peso do cavaleiro sobre o dorso do cavalo mas, felizmente, nem sempre surgem estas atitudes defeituosas de tão difícil e morosa correcção. Por vezes, uma óptima constituição animal facilita o almejado equilíbrio muscular.

No entanto, como regra geral, ele deverá ser conseguido a pouco e pouco, à custa de progressivo, metódico e racional trabalho ginástico.

Esse trabalho visa sobretudo o alongamento dos flexores e a flexão de todos os extensores, a fim de, aumentando a elasticidade desses músculos, predispor o equilíbrio entre eles.

Facilita-se assim o emprego das articulações e garante-se a tensão indispensável à produção do esforço.

Caminhamos desse modo para uma atitude em que, do exagero de peso sobre as espáduas, passamos para uma distribuição equitativa deste entre o ante-mão e o post-mão — equilíbrio horizontal —.

Caracteriza-se tal equilíbrio pela atitude, rígida e estendida horizontalmente, da extremidade anterior da coluna, que será devida à desconstracção dos flexores e extensores do dorso, senhores, no entanto, de uma indispensável tensão que garante a rigidez da coluna.

A extensão do pescoço provoca a tensão superior do dorso e, graças aos seus músculos antagonistas, proporciona-se o equilíbrio com os flexores e consequente facilidade no jogo dos posteriores.

Elevando-se a base do pescoço, deixa o tórax de pesar excessivamente sobre as espáduas e os movimentos dos anteriores tornam-se mais fáceis.

Os exercícios necessários ao aparecimento desse equilíbrio, visam o aumento das tensões superior e inferior da coluna, que será sucessivamente conseguido pelo desenvolvimento da franqueza no movimento para diante e por frequentes entradas dos posteriores com consequente elevação da base do pescoço (descida do pescoço — ginástica pela figura, etc.).

Adquirido o equilíbrio muscular, graças ao aumento da sua flexibilidade, toma o cavalo uma atitude que corresponde fisiologicamente à mais favorável disposição de todos os seus músculos, a fim de poder executar facilmente os exercícios exigidos.

Porém, o ensino deve ter como objectivo, antes do restabelecimento do equilíbrio natural, um equilíbrio equestre cada vez mais exigente e

Revista da Cavalaria

que permita, por intermédio de uma combinação muscular, o transporte de toda a massa animal para as espáduas ou as ancas.

Essa oscilação de peso que atira o cavalo de um equilíbrio extremo para outro, característica da equitação superior, será determinada por elevação ou abaixamento do tórax, conseguidos pela modificação de atitudes das extremidades da coluna.

Foi a igualdade de tensões entre os conjuntos musculares que comandam superior e inferiormente a coluna, conseguida pela sua descontração, que a tornou rígida, permitindo-lhe uma disposição alongada, própria de um equilíbrio horizontal.

Trabalhar na procura dessa atitude, proporciona como já dissemos, o equilíbrio muscular que provoca a distribuição equitativa do peso geral sobre os membros. O movimento para diante facilita-se e o cavalo tende a apoiar-se «sobre a mão» do cavaleiro.

«A melhor preparação para ensinar um cavalo novo, será a de o habituar a andar para diante apoiando-se sobre os ferros». Comte d'Aure.

O contacto permanente entre a boca do cavalo e a mão do cavaleiro permite os alongamentos da coluna cervical.

Por outro lado, dada a garantia de uma base do pescoço elevada e forte, todas as acções de mão, quando acompanhadas das correspondentes acções de perna, serão permitidas. Poderemos assim provocar a elevação de pescoço que, transportando o peso do tórax sobre o post-mão, proporciona o *equilíbrio sobre as pernas*, caracterizado pela sua entrada para debaixo da massa, arredondamento do rim, abaixamento das ancas (extremidade posterior da coluna) e aligeiramento das espáduas.

Jogando com estas atitudes das extremidades da coluna, modificando a disposição do seu conjunto, podemos variar o equilíbrio do cavalo.

V — Elevação da coluna cervical e abaixamento das ancas

Tendo-se verificado que existe um certo antagonismo entre o ante-mão e o post-mão, devido ao sistema muscular que estabelece a sua ligação, vejamos a correspondência existente entre os movimentos verticais das extremidades da coluna.

Terminada a fase que corresponde ao perfeito equilíbrio horizontal, melhoramos o ensino exigindo a progressiva elevação do pescoço e simultânea entrada dos posteriores sobre a massa.

Revista da Cavalaria

Iniciamos este novo capítulo da «arte equestre» quando pretendemos uma diminuição nas bases de sustentação do cavalo. Mas voltando ainda à fase antecedente vamos analisar como é possível a entrada dos posteriores sob a massa e quais as consequências desse movimento.

Uma encurvação no dorso provoca o avanço da articulação coxo-femoral correspondente e, portanto, o avanço do membro. Origina-se deste modo a contracção dos músculos do conjunto abdominal, arredondamento do rim e abaixamento da anca.

Por sua vez, a convexidade do dorso produz o alongamento dos seus extensores (Ílio-espinais), que, sendo antagonistas dos abdominais, reforçam a entrada dos posteriores.

Resumindo a acção dos abdominais, poderemos concluir:

A sua contracção, equilibrada com a consequente extensão dos dorsais, provocará uma subida da base do pescoço e a extensão dos cervicais superiores, pelo que o pescoço tomará uma atitude elevada e arredondada. Isto é, a entrada dos posteriores com o correspondente abaixamento das ancas, provoca a elevação da extremidade anterior da coluna, sendo também verdadeira a sua recíproca.

Durante o ensino, e na procura do equilíbrio vertical, a que devemos atender primeiro, à elevação do pescoço ou ao abaixamento das ancas?

Tendo verificado que qualquer dessas atitudes será consequência fisiológica da outra, torna-se indiferente a escolha da extremidade em que devem incidir inicialmente as nossas acções, desde que não nos esqueçamos dos princípios fundamentais que regem a Equitação Académica.

No entanto, sendo a alavanca cervical extraordinariamente flexível, apoiada a sólida base e dispondo na sua extremidade de um contacto com a mão do cavaleiro, talvez seja a que melhor recebe as nossas indicações. Convém frisar que as pernas facilitam a acção da mão, pois mantendo a necessária impulsão vão predispondo a contracção dos abdominais.

VI — Colocação

Estando o pescoço do cavalo intimamente ligado à cabeça, de certo se torna importante conhecer a relação existente entre estas duas peças do balancete céfalo-cervical.

A articulação que estabelece a sua união permite, como já vimos, a diminuição ou aumento do ângulo formado entre esses dois segmentos,

Revista da Cavalaria

a que corresponderá um movimento longitudinal da nuca, respectivamente para a frente ou para a retaguarda.

Assim, na elevação progressiva do pescoço, interessa-nos que o ângulo formado entre ele e a cabeça vá diminuindo, pois nessas condições, a nuca avança até tornar o chanfro quase vertical e arrastará no sentido de baixo para cima toda a coluna cervical, arredondando-a.

A contracção dos cervicais superiores necessária à elevação do pescoço, será nestas condições substituída por uma distensão, propícia ao estabelecimento de um equilíbrio muscular que provocará a tensão do dorso e a consequente entrada dos posteriores.

Será a diminuição do ângulo do pescoço-cabeça que define a *colocação*, e esta será completa quando o chanfro se aproxima da vertical. Ultrapassando-a, o que só conseguirá baixando a cabeça, ficará o ponto mais alto não na nuca, como se exige, mas sim algures no pescoço — provoca-se o encapotamento.

Procurar a colocação pelo recuo da cabeça e pescoço sobre o tronco, será o mesmo que impedir o desenvolvimento da impulsão, e como tal, iremos contra os princípios estabelecidos anteriormente.

Ela deverá ser procurada dentro do movimento, por avanço do tronco sobre a cabeça, o que será facilitado pela tendência provocada desde o começo do ensino para o cavalo ir sempre atrás dos ferros.

O contacto estabelecido entre a mão do cavaleiro e a extremidade articulada da coluna — *a maxila* —, deverá ser muito ligeiro, a fim de não modificar o perfeito equilíbrio muscular tão valioso para uma boa utilização do cavalo. Constituindo a maxila uma articulação, e estando os músculos que a comandam directamente ligados ao conjunto muscular animal, é lógico concluir que a flexibilidade geral implica a sua descontração absoluta — (ligeireza).

Dada essa circunstância, as indicações recebidas da mão do cavaleiro serão absorvidas com facilidade e retransmitidas através da coluna. O conjunto das articulações da maxila, da nuca e do segmento cervical, só poderá desempenhar o papel de amortecedor desde que estas sejam suficientemente elásticas. Por vezes, não é suficiente o trabalho ginástico tendente a estabelecer o equilíbrio muscular.

Resistências particulares da maxila e da nuca terão de ser eliminadas por um trabalho próprio, que constitui as flexões. Estas deverão ser pedidas em movimento a fim de evitar o acuamento.

A imediata cedência da maxila ao pedido do cavaleiro, por intermédio de uma flexão, prova que o estado de equilíbrio do cavalo, nesse movimento, será perfeito.

Revista da Cavalaria

VII — Concentração

A atitude adoptada pelo cavalo que assegura a máxima mobilidade, as mudanças bruscas de direcção ou de velocidade e grande elevação nos seus andamentos, será a que definimos por concentração.

Consoante o esforço necessário para executar determinado exercício, assim lhe corresponde um certo «grau», e será a maior ou menor entrada dos posteriores, variando a base de sustentação, que a vai definir.

Será completa quando a entrada daqueles membros é obtida pela colocação, flexão do dorso e abaixamento das ancas, pois só nessas condições estará fisiologicamente estabelecido o equilíbrio muscular indispensável à tensão da coluna.

Não é só a entrada dos posteriores para debaixo da massa que nos interessa. O poder e a oportunidade da sua distensão marcam o grau de elevação dos seus andamentos.

Assim, se os posteriores exageram o movimento para diante, o poder da sua distensão perde-se em parte, pois quando aquela se dá, ainda o membro está oblíquo e a sua acção faz-se sentir debaixo para cima na direcção da frente para trás — o cavalo acua.

Torna-se necessário que o posterior, comprimindo-se, se distenda quando, no seu conjunto, esteja próximo da vertical.

Desse modo, todo o esforço se exerce debaixo para cima, o que permite a elevação de toda a massa, e será tanto maior quanto mais as ancas são aproximadas do centro de gravidade no momento da distensão.

Fechando todas as curvas naturais do cavalo, o que provoca o seu encurtamento, a atitude geral definida por este facto permite-nos compará-lo a uma esfera cujo ponto de apoio corresponde ao estabelecido pelos pés do cavalo e lhe proporciona o mais instável dos equilíbrios — o *equilíbrio vertical*.

Conclusões

Serão as atitudes das extremidades da coluna que, determinando a sua tensão, permitem o perfeito equilíbrio do cavalo.

Quando em liberdade, podemos observar como o seu pescoço e as suas ancas se dispõem e como variam essas atitudes ao modificar o

Revista da Cavalaria

estado do movimento ou de repouso em que se encontra. Por seu intermédio, consegue o cavalo permanecer constantemente equilibrado (equilíbrio natural).

Uma vez sujeito ao peso do cavaleiro, torna-se necessário determinar-lhe um *equilíbrio fisiológico* que nos garanta a sua rendosa utilização.

A tensão da coluna, conseguida pela atitude das suas extremidades, mediante um racional, metódico e progressivo trabalho ginástico, estabelece-o (equilíbrio horizontal).

No aperfeiçoamento do ensino, torna-se necessário que o cavalo disponha do seu conjunto com um certo à-vontade, e portanto esteja apto a todas as exigências do cavaleiro.

Assemelhando-se esse equilíbrio ao natural, será por meio das atitudes da extremidade da coluna, que provocando a subida ou descida do tórax, o cavaleiro conseguirá, conforme o seu desejo, sobrecarregar mais o post-mão ou o ante-mão.

A colocação e a concentração são os meios naturais de que dispomos para elevar o tórax, e será essa elevação que permite o *equilíbrio vertical*.

A *relação existente entre as atitudes das extremidades da coluna*, determinada por o antagonismo muscular já referido, será de grande importância no ensino.

Assim, apesar da atitude elevada do pescoço não apresentar isoladamente um grande interesse, nós a provocamos dada a relação existente com o abaixamento das ancas.

Reciprocamente, o abaixamento das ancas obtido por uma ginástica apropriada provoca, por reacção, a elevação relativa ao pescoço, que supera de muito a sua elevação absoluta.

Isto é: a atitude elevada da extremidade do ante-mão será garantida pela entrada dos posteriores.

As atitudes das extremidades da coluna conjugam-se e completam-se.

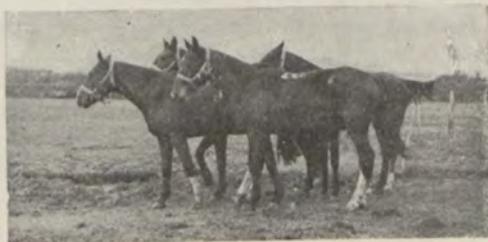


Illustration by [illegible]



O GRUPO MISTO INFANTARIA-CARROS

pele Ten.-Coronel do Exército Americano
CARROLL Mc. FALLS, JR.

O grupo misto infantaria-carros da 1.^a Divisão de Cavalaria, na Coreia, era, normalmente, formado por uma companhia de carros e um regimento de infantaria.

Organizavam-se grupos mistos de menor efectivo com um batalhão de infantaria e um pelotão de carros. Acidentalmente, para missões especiais, agrupavam-se um ou mais pelotões de carros com uma companhia de infantaria.

Esta organização deu-nos a possibilidade de se realizar um grande número de combinações de infantaria com carros e de poder contar com um pelotão de carros, como reserva, em cada Regimento. Não permitiu, porém, organizar uma reserva de carros à ordem da Divisão em condições satisfatórias. Um pequeno agrupamento de armas combinadas, organizado com o pelotão de reconhecimento e o grupo de comando do batalhão de carros, era aproveitado para fazer face a qualquer situação de emergência mas dificilmente se adaptava a ser empregado, proveitosamente, como reserva.

A combinação infantaria-carros seria melhorada se fosse atribuído à Divisão um batalhão de carros, pois passaria a ter quatro companhias em vez de três, o que lhe permitiria dispor de uma companhia em reserva. Isto, se considerarmos, naturalmente, a organização do batalhão de carros médios de uma Divisão Blindada. Haveria também um pelotão em reserva para cada regimento, se bem que uma forte reserva divisionária tornasse aquela desnecessária. Haveria,

Revista da Cavalaria

ainda, facilidade em constituir um maior número de grupos mistos infantaria-carros, e as companhias ou pelotões de carros poderiam ser retirados da frente a fim de serem executadas operações de manutenção e para as unidades se recomponem.

Se a organização da Divisão fosse modificada como deixei dito, tornar-se-ia desnecessário incluir um batalhão de carros e três companhias de carros regimentais, quando a Divisão de Infantaria tiver que combater em países como a Coreia onde a natureza do terreno reduz o número de carros que podem ser utilizados com bom rendimento.

Os Comandos Divisionários têm tido tendência para utilizar, continuamente, as suas companhias de carros regimentais, e para deixar ao Batalhão de Carros as missões de detenção ou outras especiais.

No verão passado, um batalhão de carros, atribuído a uma Divisão de Infantaria na Coreia, foi concentrado para treino, numa zona de estacionamento. Passou-se isto enquanto a Divisão não tinha recebido carros para substituir os inutilizados e tinha todos os carros, das unidades orgânicas, em condições de serviço, empenhados no combate.

Táctica

É interessante constatar que os comandos que têm maior conhecimento sobre carros e unidades de carros são os que melhor rendimento têm obtido dos grupos mistos infantaria-carros. Houve, todavia, ocasiões, em que deram resultado operações realizadas por grupos mistos ainda que os seus comandos não tivessem conhecimentos profundos sobre carros.

A campanha da Coreia mostra claramente que a maioria dos oficiais de Infantaria não sabe tirar o melhor rendimento dos carros, nem concebe as possibilidades nem as limitações impostas ao seu emprego. O apoio logístico necessário para manter em boas condições o pelotão de carros que o segue, aflige-os. Estes factos são difíceis de compreender porquanto, tanto nas Escolas de Infantaria, como na de Blindados, são dados cursos desenvolvidos acerca destes assuntos.

Têm-se verificado erros cometidos por oficiais de carros, especialmente os mais modernos, cujos conhecimentos sobre carros são deficientes; mas sempre que operavam sob as ordens de um comandante de Infantaria estas deficiências deixavam de ter efeito notável nas operações. O conhecimento da táctica de Infantaria manifestado pelos oficiais de carros mais antigos é geralmente excelente e têm chegado a comandar formações de Infantaria em acções de grande sucesso.

Estes comentários não têm a intenção de diminuir os comandantes de Infantaria mas somente fazer ressaltar a necessidade destes oficiais terem conhecimentos mais desenvolvidos sobre carros. Talvez fosse útil a permanência durante 6 meses dos oficiais de Infantaria mais modernos nas unidades de carros; permitir-lhes-ia uma melhor apreciação sobre os blindados e o grande esforço logístico exigido para os conservar em boas condições durante o combate.

Durante um ataque, é atribuído ao grupo misto Infantaria-Carros um objectivo para ocupar e para defender dos contra-ataques inimigos. Por vezes, ao grupo misto é dada a missão de destruir tropas inimigas e material sem

Revista da Cavalaria

efectuar a ocupação do terreno. Tal missão é semelhante à de uma patrulha de combate reforçada.

O conceito básico é que o carro é uma artilharia de acompanhamento e um apoio imediato de fogos, colocado à força apoiada. O método normal da sua actuação consiste, para os carros, em avançar até um ponto do qual possam executar tiro directo, enquanto a Infantaria manobra sob a protecção dos seus fogos para, por assalto, conquistar o objectivo. Logo que os carros cerram o apoio dos seus tiros, alguns deles deslocam-se para o objectivo alcançado pela Infantaria, cobrindo os restantes o seu avanço, e passam a apoiá-la a partir do objectivo conquistado. Muitas vezes na Coreia, o movimento dos carros para um objectivo alcançado pela Infantaria exigia grande perda de tempo em consequência do acidentado do terreno, tornando necessário, muitas vezes, utilizar sapadores para abrir caminho.

Os soldados de Infantaria, principalmente os não experimentados, têm relutância em avançar colados aos rebentamentos das granadas dos carros. Normalmente, não há soldado algum que pense em avançar no terreno batido pelos fogos da sua artilharia e dos canhões dos carros mas, há, todavia, uma grande diferença entre estes dois tipos de fogos. Enquanto a artilharia bate numa zona onde nenhum empate especial é normalmente exigido, os carros podem bater precisamente o ponto que se pretende que seja atingido.

A natural relutância do soldado de Infantaria para acompanhar os rebentamentos das granadas do canhão pode desaparecer com o treino. Enquanto a Infantaria não avançar, por vontade própria, colada aos rebentamentos não se conseguirá obter o total rendimento do tiro do canhão do carro.

Verificou-se que a infantaria pode avançar colada, até 25 jardas (menos de 25 metros), dos rebentamentos da H. E., de espoleta com atraso. Quando os carros actuam contra material devidamente instalado a coberto de fortificações de campanha ou contra alvos semelhantes, a infantaria pode, sem risco, avançar até pouca distância do objectivo. Quando a infantaria tenha relutância em avançar, a prática demonstrou que fazendo fogo com H. E. até ela chegar, aproximadamente, à distância de 75 jardas do objectivo e mudando depois para A. P. C., até que a distância ficasse muito reduzida, essa relutância desapareceria. Esta técnica deu bom resultado e tirou parcialmente o receio de avançar colado aos rebentamentos. Pouco tempo depois destas experiências, a Infantaria ganhou confiança no tiro ajustado dos canos e as H. E. passaram a ser utilizadas durante todo o ataque.

Transmissões

O comando do grupo misto Infantaria-Carros é atribuído ao comandante da Infantaria cujo efectivo é maior. Como a missão é, normalmente, de Infantaria tem isto razão de ser e a acção dos carros é coordenada através do comandante destes. As ordens são transmitidas pelo S.C.R.-300 do Comandante da Infantaria e pelo AN/VRC-3 do comandante da unidade de carros. Este sistema comporta certas deficiências.

As falhas não podem ser atribuídas aos postos rádio, porque estes dão bom rendimento quando convenientemente servidos; elas resultam da tendência

Revista da Cavalaria

do comandante da Infantaria para incluir na sua rede o comando dos carros, aumentando o trabalho numa rede já sobrecarregada e demorando as transmissões mais urgentes. O municionador do carro do comando junta às suas funções o serviço do AN/VRC-3. Dentro do contínuo fluxo de despachos entre o comando da Infantaria e as unidades subordinadas é-lhe difícil descobrir o indicativo da sua própria unidade. O problema complica-se quando o municionador estiver desempenhando as suas funções.

O AN/VRC-3 tem o mesmo número de canais que o S.C.R.-300 e o comandante da unidade de carros usa o seu posto somente para a ligação com a infantaria. Deste modo, as comunicações entre o comando do grupo misto e o comandante da unidade de carros seriam muito simplificadas se aquele designasse um canal distinto para as que se realizassem entre a Infantaria e os carros. Não somente este canal estaria liberto do outro tráfico como o municionador saberia que qualquer voz que ouvisse seria a do comandante da Infantaria desejando entender-se com o comandante dos carros.

As comunicações entre a Infantaria apeada e os carros foram sempre pobres em virtude dos comandantes destes não terem explicado a aplicação dos processos de transmissão que seriam mais proveitosos. Muitas vezes teve o soldado de infantaria que trepar ao carro, debaixo de fogo, para poder transmitir as ordens ao comandante de carro. Desconhecia que o interfone, nas trazeiras do carro, era justamente destinado a este fim. Nenhum comandante de carros deveria ir para o combate sem primeiro se assegurar que o infante sabe como há-de comunicar com cada um dos seus carros. Compete-lhe informá-lo, completamente, a este respeito.

Reconhecimento do terreno

Os reconhecimentos do terreno, feitos em conjunto, são absolutamente necessários. O assunto é ensinado e repisado nas Escolas de Infantaria e de Blindados, está devidamente tratado nos regulamentos, e, contudo, é ignorado tanto pelos comandantes de infantaria como de carros. Um reconhecimento realizado em conjunto, quer o seu estudo inicial sobre a carta como, ulteriormente, no terreno, é essencial para o bom desempenho da missão de um grupo misto infantaria=carros. Ambos os comandantes, quer juntos, quer em separado, devem observar com cuidado a futura zona onde irão actuar. Devem trocar impressões acerca da influência que o terreno e o dispositivo inimigo poderão ter na actuação das suas próprias tropas. Unicamente através de um reconhecimento bastante completo poderá o comandante do grupo estabelecer um plano que permita tirar pleno rendimento tanto da infantaria como dos carros.

Patrulhas

Grupos mistos infantaria=carros têm sido largamente usados na Coreia em patrulhas de combate. Estas são, normalmente, constituídas por uma companhia reforçada de Infantaria, mais um pelotão de carros. Têm infligido graves perdas ao inimigo em pessoal e material. A tática usada por estas

Revista da Cavalaria

patrulhas de combate é na sua essência a que é usada pelo grupo misto no ataque, apenas com a diferença de actuar com os flancos expostos e de ter de voltar às suas linhas.

Não é recomendável o uso contínuo de patrulhas na mesma área. Em consequência da reacção inimiga, tal procedimento dá lugar a grandes perdas de carros e, por vezes, só se obtêm resultados negativos. Como os caminhos de aproximação são em número reduzido e os carros se deslocam num terreno vigiado e batido pelo inimigo, há a certeza de encontrar os percursos com minas ou defesas anticarro bem preparadas.

Em cada sector, o risco deve ser considerado e avaliados os resultados prováveis a obter antes da acção, por meio de contínuo patrulhamento. Sempre que os resultados prováveis possam ir além das possíveis perdas de carros a patrulha deve ser enviada. De outra forma poder-se-ão colocar os carros onde possam apoiar a infantaria com os seus fogos, em tiro directo.

Se um determinado caminho de aproximação dentro das linhas inimigas é julgado acessível para os carros, e, se se considera que este caminho será utilizado, mais tarde, no ataque, a patrulha não deverá operar nessa área. Alertaria o inimigo e este, certamente, tomaria medidas para impedir a passagem dos carros. Se houver necessidade de tal caminho ser reconhecido deverá sê-lo por patrulhas a pé.

Logística

Disposições regulamentares atribuem ao comandante do grupo misto todo o reabastecimento do seu grupo. Apesar da sua responsabilidade técnica nunca o comandante de Infantaria o descurou, nas campanhas da Coreia.

Contudo, é ao comandante do batalhão de carros que tem competido a elaboração dos planos e a direcção do sistema de reabastecimento para as suas companhias atribuídas aos regimentos de infantaria e, por seu turno, as companhias de carros têm seguido o mesmo sistema em relação aos pelotões atribuídos aos batalhões de infantaria. Ora, se os regimentos de infantaria não estão em condições de fornecer o volume de apoio logístico exigido pela unidade de carros, também seria lógico que o comandante do grupo misto não fosse, de forma alguma, sobrecarregado com esta responsabilidade, mas sim o comandante dos carros.

As unidades de carros são, normalmente, reabastecidas por transportes auto deslocados para a última posição, a coberto e à retaguarda da sua instalação na frente. Muitas vezes, é necessário deslocar os carros das suas posições na linha de crista e aproximá-los das viaturas de reabastecimento. Quando isto sucede, os carros são geralmente reabastecidos por secções, de forma a que não haja soluções de continuidade no apoio prestado à infantaria. Por vezes, também, é necessário reabastecer os carros enquanto estão em posição, por meio de viaturas ou de carregadores. Este último processo, porém, faz perder muito tempo, exige largo esforço e raras vezes é utilizado.

O volume de apoio logístico necessário para manter uma unidade de carros assombra o leigo nestes assuntos. Nos fins de 1951, numa operação de ataque que durou para cima de 16 dias, o reabastecimento diário médio para um pelotão de atiradores, incluindo morteiros, atingiu o peso de 442 libras.

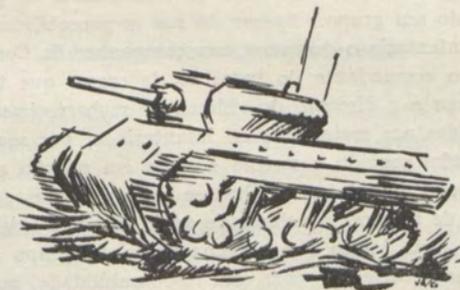
Revista da Cavalaria

O reabastecimento diário médio para um pelotão de carros totalizou 3.800 libras, pouco mais ou menos, nove vezes aquilo de que necessitou a infantaria.

No áspero terreno da Coreia, os condicionamentos de ordem logística influenciam notavelmente a tática dos grupos mistos. Todos os comandantes das unidades de infantaria deverão ter isso em consideração dado o grande número de carros orgânicos da moderna divisão de infantaria, o que dá a possibilidade de utilizar os grupos mistos na maior parte das operações correntes.

M. D.

Combat Forces Journal
Junho, 1952



INSTRUÇÃO DAS EQUIPAS DE LUTA PRÓXIMA ANTICARRO NA ESCOLA DE RECRUTAS

pelo Comandante de Infantaria
GERARDO MARIÑAS ROMERO
do Regimento n.º 22 de Alava



A escola de recrutas do Regimento de Alava, realiza-se no acampamento de Facinas (Cádiz), que fica situado a 23 quilómetros de Tarifa onde está instalado o seu Comando.

Este acampamento, a 3 quilómetros da estrada Cádiz-Málaga, reúne todas as condições para um bom rendimento na instrução dos recrutas. Aí, os soldados gozam de uma comodidade, que é tão necessária, depois de cerca de 10 horas de intensiva instrução diária.

Não faltam quaisquer detalhes nas suas múltiplas instalações, compostas de numerosos barracões de alvenaria com amplas janelas. As casernas com camas-beliches, duchas, água corrente e luz eléctrica, um ginásio coberto, a casa do soldado, a enfermaria, as cavalariças, os campos de futebol, basquetebol e voleibol, as pistas de lançamento e corridas, as pistas de *aplicação militar*, duas aulas com capacidade para 150 homens, e quatro grandes barracões onde se pode dar instrução nos dias de chuva ou forte ventania, formam o conjunto das instalações deste acampamento. Para a lavagem da roupa, o rio Almodovar que passa cerca de um quilómetro e meio, satisfaz completamente esta necessidade. Um destacamento da Manutenção Militar ali instalado, fornece o pão, a lenha e os víveres.

O terreno dos arredores do acampamento reúne óptimas condições para a instrução táctica, pois tem toda a espécie de acidentes desde amplas esplanadas até ao terreno montanhoso, bosques, um rio, um cabeço, casas, etc. Tem três campos de tiro, um dos quais com mais de 1.500 metros, estando o mais afastado a cerca de meio quilómetro do acampamento.

No entanto, apesar de possuir todos estes detalhes, faltava o imprescindível para se poder realizar a instrução e exercícios de uma especialidade importantíssima. Era uma pista para o treino da luta próxima anticarro.

Iniciámos a sua construção no período da Escola de Quadros e quando nos chegaram os primeiros recrutas da classe de 1950, já a tínhamos terminado.

As linhas que se seguem são dedicadas aos nossos companheiros, comandantes das escolas de recrutas, e se este modesto trabalho, fruto da nossa expe-

Revista da Cavalaria

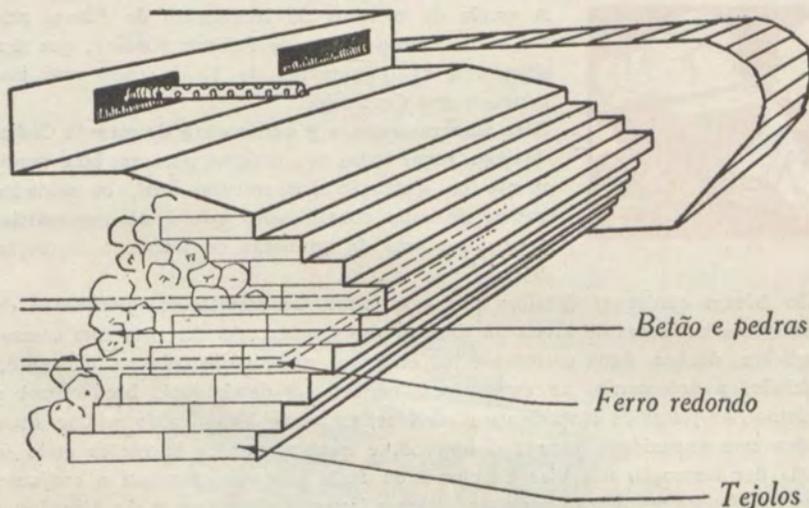
riência, os ajudar em alguma coisa, na árdua tarefa de ensinar, sentir-nos-emos bastante compensados deste nosso pequeno esforço.

Este trabalho compõe-se de duas partes:

- 1.^a — Construção de uma pista para luta próxima anticarro.
- 2.^a — Programa da instrução das equipas de luta próxima anticarro, no período da escola de recrutas.

1.^o — Construção da pista

Escolhemos um terreno dentro do recinto do acampamento, sensivelmente plano, rectangular, com cerca de 30 x 50 metros. Num dos lados menores cons-



truímos uma trincheira de saída, e dentro do campo uma série de poços em forma de V com as medidas regulamentares (Instruções E-42).

O mais difícil para nós, era a construção do carro em alvenaria, pois era a primeira vez que o fazíamos sem qualquer outra ajuda.

Escolhemos como modelo, o carro médio, que vem citado nas instruções E-42, com as medidas exactas.

A equipa construtora compunha-se de 6 soldados, 3 deles pedreiros e os outros serventes. A primeira dificuldade surgiu por não termos carpinteiros nem madeira para fazer a caufragem, e assim a «pança» do carro era para nós um verdadeiro problema.

Principiámos com a fundação (um rectângulo de 4 x 3 m.) e entretanto surgiu a ideia para a construção da «pança» que consistiu em colocar filas de

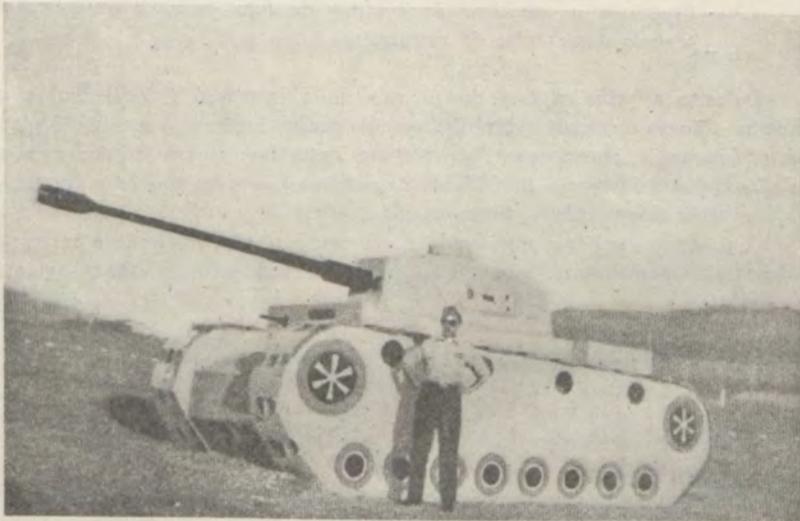
Revista da Cavalaria

tijolos sobrepostas, mas sobressaindo uns 3 centímetros umas das outras, como se indica na figura. Depois, quando se rebocou, desapareceram os degraus, e ficou perfeitamente plana, como se pode ver pela fotografia. Por dentro colocou-se betão e ferro para obter um conjunto bastante forte.

O carro foi-se levantando pouco a pouco, construindo-se lateralmente as paredes em tijolo e enchendo a caixa com pedras e betão.

O trem de rodagem fez-se de cimento, de modo que as lagartas e rodas sobressaíssem cinco centímetros das paredes laterais.

Uma vez terminadas as paredes, o resto foi fácil. Na torre colocámos um canhão, que fizemos, aproveitando um poste de telégrafo, e como o modelo tinha diversas secções, foi necessário engrossá-lo com tábuas ao longo de oito geratrizes,



as quais foram depois arredondadas. O freio de boca fez-se com uma chapa de folha. O canhão foi introduzido na torre cerca de um metro e meio, para maior estabilidade, segurando-se com uns ganchos de ferro ao betão. Terminamos a obra com uns pequenos detalhes que faltavam.

Duas metralhadoras em madeira, janelas de observação do condutor e da torre, tubos de escape e ventilador para o motor em chapa de ferro, e antena de rádio. As lagartas foram feitas de tijolo, pintadas depois de cinzento aço. O canhão, metralhadoras e ventilador foram pintados a zarcão antes de ser aplicada a pintura a preto. Depois o carro foi camuflado à base de manchas verdes, amarelas, castanhas, etc., deixando o trem de rodagem a negro.

A sua construção levou uns quinze dias e empregamos aproximadamente o seguinte material: 1.500 tijolos, 28 sacos de cimento, 200 adobos, 8 sacos de cal, 10 quilos de tinta em pó, 10 varões de ferro redondo, 2 metros quadrados

Revista da Cavalaria

de chapa de ferro, 30 metros cúbicos de pedra e 2 quilos de tinta preta, além da areia e cascalho.

A solidez da obra ficou bem patente nos exercícios de «ataque ao carro parado» realizados pelas equipas de luta próxima, em que se empregaram petardos, granadas de mão e líquidos inflamáveis.

Para o próximo ano, pensamos completar a pista com um outro carro de alvenaria, mas de outro tipo. A alvenaria tem o inconveniente de nos dar um carro parado, mas oferece a grande vantagem de ele sofrer pouco dano quando se realizam os exercícios com fogos reais, o que não acontece com os de madeira, ainda que estes tenham a vantagem de se poderem mover.

No entanto, pensamos também em construir um em madeira, montado sobre um velho chassis de camião, ficando assim apetrechado para realizar qualquer dos tipos de exercícios.

2.º — Programa a ministrar às equipas de luta próxima anticarro no período das escolas de recrutas

Durante a primeira fase do 1.º período a instrução é individual e de esquadra. Todos os recrutas sem distinção de grupos realizam o mesmo. O plano geral de instrução marca taxativamente que nesta fase se tem de dar com especial atenção a instrução individual (de combate), e num dos seus capítulos, o sexto, trata do «combate contra carros».

O programa por nós ministrado nesta primeira fase referente à instrução individual do combatente: luta contra carros e defesa próxima, foi o seguinte:

N.º 1 — Generalidades

- Ideia da defesa contra carros
- Partes principais que o compõem

N.º 2 — O carro como inimigo

- Características do seu ataque
- Características principais do carro

N.ºs 3, 4 e 5 — Meios empregados para combater o carro na luta próxima

- Noções sobre cargas ocas
- Armas que empregam estas cargas
- Meios destruidores e incendiários
- Meios protectores

Revista da Cavalaria

- Meios cegadores
- Pequenos exercícios práticos sobre o emprego destes meios.

N.º 6 — O ataque aos carros

- Generalidades
- Ataque contra carros parados
 - 1.º — actuando com explosivos
 - 2.º — actuando com meios incendiários
 - 3.º — actuando com meios cegadores.

N.º 7 — Exercícios caça-carros

Na pista realizaram-se práticas de saltos para cima do carro e o emprego individual dos meios de actuar já ensinados.

Este programa foi suficiente, e a verdade é que não podíamos dedicar-lhes mais tempo, pois temos que ter em conta que nesta fase é muito o que se deve ensinar ao recruta.

Sòmente na instrução individual do combatente, a parte da luta próxima anticarro, há que ensinar-lhe sobre:

- a utilização do terreno para ocultar-se, avançar, atirar, observar e escutar;
- a forma de aproveitar o próprio fogo para avançar;
- modo de proteger-se contra os fogos.

Em todas estas instruções lutamos constantemente contra o relógio, e os nossos companheiros, chefes e oficiais instrutores sabem, também como nós, que o nosso pior inimigo é o pouco tempo disponível para cada instrução.

Em resumo: Estas instruções são suficientes para que o recruta tenha uma ideia e alguma prática da luta individual contra os carros, e ao mesmo tempo servem de base para ir seleccionando os soldados que reúnem as melhores aptidões para formar as equipas de luta próxima anticarro.

O plano geral de instrução, não diz nada sobre a instrução das equipas de luta próxima anticarro ao tratar das matérias a dar durante a segunda fase do primeiro período. Mas como nesta fase começam as especializações, é lógico que se suponha o início da sua instrução. Ao terminar a primeira fase da instrução já se podem designar os soldados que formam as equipas, e poderemos então desenvolver essa instrução durante a segunda e terceira fases do primeiro período e em todo o segundo período conforme o programa que a seguir se detalha.

Este compõe-se de 20 capítulos, à base da instrução técnica, prática e educação moral, ministrada simultâneamente em cada sessão.

Revista da Cavalaria

PROGRAMA

A) — INSTRUÇÃO TÉCNICA

N.º 1 — Composição e selecção da equipa

Generalidades — razão de ser das equipas de luta próxima — condições para poder actuar — composição, armamento e material de que estão dotadas.

N.º 2 — Conhecimento do carro

— Blindagem: a) com chapas laminadas ou forjadas; b) com chapas fundidas. Vantagens e inconvenientes destes tipos de blindagens — equilíbrio entre blindagens e velocidades — partes mais blindadas e suas espessuras — forma exterior do carro — comprimento, largura e altura — capacidade de transposição.

— Situação do centro de gravidade do carro.

(Neste aspecto haverá que explicar que para garantir a adaptação ao terreno ao cruzar obliquamente pendentes escarpadas, o centro de gravidade deve manter-se o mais baixo possível com o fim de evitar que o carro se volte, e em consequência disto, há uma limitação na altura do carro, que influi na extensão dos ângulos mortos à sua volta).

N.º 3 — Conhecimento do carro (continuação)

O peso — classificação por esta razão em ligeiros, médios, pesados e ultra-pesados — arrumação do interior do carro — localização do motor — refrigeração, depósitos de combustível e filtro de ar — potência do motor — Velocidades e raios de acção — dotação e tripulação (convém recordar que os motores costumam ter uma potência que varia entre os 100 e 700 C. V., segundo o tipo do carro, havendo alguns que alcançam velocidades da ordem dos 60 quilómetros por hora e com raio de acção de 300 quilómetros. A dotação de munições é variável e assim, o carro de acompanhamento de 45 toneladas, tipo KW-I leva 110 projecteis de canhão de 7,62 e 2.100 de metralhadora) — Armamento: metralhadoras, canhões e armas para a defesa próxima (há que indicar a importância do canhão, imprescindível actualmente em qualquer tipo de carro, para luta contra os carros inimigos e para destruir ou neutralizar as resistências adversárias.

Os calibres dos canhões variam entre certos limites: o carro pesado russo KW-II tem um obus de 152^{mm}).

Observação de dentro do carro.

Revista da Cavalaria

PROGRAMA

A) — INSTRUÇÃO TÉCNICA

N.º 1 — Composição e selecção da equipa

Generalidades — razão de ser das equipas de luta próxima — condições para poder actuar — composição, armamento e material de que estão dotadas.

N.º 2 — Conhecimento do carro

— Blindagem: a) com chapas laminadas ou forjadas; b) com chapas fundidas. Vantagens e inconvenientes destes tipos de blindagens — equilíbrio entre blindagens e velocidades — partes mais blindadas e suas espessuras — forma exterior do carro — comprimento, largura e altura — capacidade de transposição.

— Situação do centro de gravidade do carro.

(Neste aspecto haverá que explicar que para garantir a adaptação ao terreno ao cruzar obliquamente pendentes escarpadas, o centro de gravidade deve manter-se o mais baixo possível com o fim de evitar que o carro se volte, e em consequência disto, há uma limitação na altura do carro, que influi na extensão dos ângulos mortos à sua volta).

N.º 3 — Conhecimento do carro (continuação)

O peso — classificação por esta razão em ligeiros, médios, pesados e ultra-pesados — arrumação do interior do carro — localização do motor — refrigeração, depósitos de combustível e filtro de ar — potência do motor — Velocidades e raios de acção — dotação e tripulação (convém recordar que os motores costumam ter uma potência que varia entre os 100 e 700 C. V., segundo o tipo do carro, havendo alguns que alcançam velocidades da ordem dos 60 quilómetros por hora e com raio de acção de 300 quilómetros. A dotação de munições é variável e assim, o carro de acompanhamento de 45 toneladas, tipo KW-I leva 110 projectéis de canhão de 7,62 e 2.100 de metralhadora) — Armamento: metralhadoras, canhões e armas para a defesa próxima (há que indicar a importância do canhão, imprescindível actualmente em qualquer tipo de carro, para luta contra os carros inimigos e para destruir ou neutralizar as resistências adversárias.

Os calibres dos canhões variam entre certos limites: o carro pesado russo KW-II tem um obus de 152^{mm}).

Observação de dentro do carro.

Revista da Cavalaria

N.º 4 — Partes mais vulneráveis do carro

O seu conhecimento é importantíssimo para as equipas. O trem de rodagem é a base do movimento do carro. As partes que mais interessa inutilizar são as rodas motrizes pois são estas que movem as lagartas. Muitas vezes o trem de rodagem não tem protecção. Outra parte fraca do carro é o motor que se encontra quase sempre na parte posterior do carro, protegido por uma relativamente fraca blindagem, e no compartimento onde se encontra instalado o motor existem orifícios de refrigeração e ventilação que devem ser considerados como muito vulneráveis.

N.º 5 — Tipos de engenhos blindados

- 1.º — Veículos sobre rodas: missão característica — velocidade — sistema de tracção reversível — blindagem e armamento — raio de acção.
- 2.º — Veículos sobre lagartas (é necessário dar ao soldado uma ideia do que são carros ligeiros, médios e pesados, assim como dos carros de acompanhamento, especificando as suas missões e características, indicando alguns deles. Assim, por exemplo, podemos dizer que durante a II G. M. os carros mais conhecidos foram os seguintes:

Carros médios: Tipo III (alemão), «Crusader» (inglês), B. T. (russo).

Carros pesados: Tipo IV (alemão), general «Sherman» (Estados Unidos), T. 34 (russo).

Carros de acompanhamento: «Churchill» (inglês), «Tigre» e «Pantera» (alemães), KW-I e KW-II (russos).

Entre os carros de lagarta há que distinguir os carros especiais: (lança-chamas — caça-minas, anfíbios, pontes, etc.) e os canhões de assalto.

- 3.º — Veículos mistos.

N.º 6 — Possibilidades e servidões dos carros. Suas limitações

N.º 7 — Características do ataque de carros

Princípios e modos de emprego — execução do ataque

N.º 8 — Conhecimento das armas anticarro

Inicia-se este capítulo com uma explicação sobre as possibilidades da aviação e artilharia na defesa longínqua, assim como no emprego de cortinas de fumo e nevoeiro artificial. Continua-se depois com uma exposição breve sobre a defesa próxima baseada no princípio geral de que: «o canhão anticarro deve estar para o engenho blindado, assim como a metralhadora está para o infante». Seguidamente dar-se-ão umas noções sobre as possibilidades do canhão anticarro de 75^{mm}, e por intermédio de um oficial especializado, é explicado o funciona-

Revista da Cavalaria

mento do canhão anticarro de 45/44, assim como as suas partes mais importantes e diversos tipos de projecteis.

N.º 9 — Conhecimento das armas anticarro (continuação)

Cargas ocas: armas que utiliza a infantaria e que empregam estas cargas. Mina magnética — granada de pistola e espingarda — projecteis de super-calibre pesados — projecteis foguetes (ensina-se o funcionamento do tubo lança-granadas anticarro de 60^{mm} modelo 48, regulamentado no nosso exército) — morteiro «Valero Ecia» de 50^{mm} em tiro tenso.

N.º 10 — Obstáculos contra carros

Obstáculos naturais: servidões que o terreno impõe aos carros — pendentes proibitivas — influência da natureza do solo: consistência, obstáculos naturais (rios, barrancos), cortaduras e taludes, valas, vegetação, terreno cultivado, construções, etc.

Obstáculos artificiais: — passivos e activos. Conhecimento e funcionamento da mina TK-42.

N.º 11 — Meios usados na luta próxima

Como dizem as nossas instruções E-42, a parte técnica desta instrução deve ser reduzida ao indispensável, dedicando-se todo o tempo possível ao conhecimento e manuseamento dos explosivos.

Estudo dos meios protectores, cegadores e destruidores disponíveis dando uma ligeira explicação dos que não se tenham em depósito. (É interessante que dos meios destruidores as equipas conheçam perfeitamente os petardos regulamentares: petardos de espoleta e petardos n.ºs 1, 2, 3, 4 e 5, rastilho lento e instantâneo, cordão detonante, cápsulas de fulminato conhecidas vulgarmente com o nome de espoletas, detonadores completos, processos de ligações, etc.

B — INSTRUÇÃO PRÁTICA

I ... Instrução preparatória dos exercícios de luta próxima

N.º 12 — Treino físico

Esta instrução compreende lições de ginástica de aplicação, com uma duração máxima de 55 minutos ministrada como se diz nas instruções E-42 de modo a conseguir a agilidade e elasticidade que é tão necessária aos componentes das equipas.

Revista da Cavalaria

(Omitimos a explicação detalhada dos exercícios ginásticos para não alargar o nosso trabalho).

N.º 13 — Conhecimento prático das armas anticarro

- a) — Canhões 45/44 — realizam-se exercícios de pontaria, exercícios de tiro com calibre reduzido e alguns com granada perfurante.
- b) — Espingardas lança-granadas — se se dispõe deste material, realizam-se exercícios de tiro sobre chapas de diversas espessuras.
- c) — Morteiro «Valero Ecia» de 50^{mm} — efectuar-se-ão os seguintes exercícios de tiro rasante:

1.º — de instrução: dois exercícios de aplicação a 40 e 80 metros de distância com carga reduzida e carga 1, respectivamente: 3 granadas de instrução por exercício, empregando um ângulo de tiro de 10º. A condição mínima nos dois, consiste em obter um empate num alvo vertical de 1,25 × 1,25 m.

2.º — de combate: um exercício a 100 metros empregando 3 granadas de exercício P L ou lastradas, com carga 2, sobre uma silhueta de carro de combate. O fogo será à descrição e com uma cadência de 10 tiros por minuto.

- d) — Tubo lança-granadas c. c. de 60^{mm} modelo 48. Realizam-se alguns exercícios de tiro com granada de instrução.

N.º 14 — Aproveitamento e organização do terreno

— Sobre o terreno, ensina-se às equipas o valor dos obstáculos naturais e artificiais e mostra-se que para um obstáculo ser eficaz é necessário que seja batido pelas nossas armas.

É interessante que o soldado saiba praticamente quais são as pendentes impraticáveis para os carros.

— Em pontos de passagem obrigatória é fundamental a construção de obstáculos artificiais, e como muitas vezes é a Infantaria que os tem de construir, convém que as equipas saibam fazer os que não requerem mão de obra especializada (fosso contra carros, barreiras à base de árvores derrubadas, etc.).

N.º 15 — Aproveitamento e organização do terreno (continuação)

— Muitas vezes, com as minas TK-42, se as temos em relativa quantidade, podemos barrar pontos de passagem obrigatória ou pequenas zonas deficientemente batidas pelas nossas armas anticarro com campos minados. Convém, por

Revista da Cavalaria

isso ensinar as equipas a colocar as minas formando pequenos campos. Para a instrução podemos utilizar pedras ou tijolos que representam as minas e colocá-los em xadrez, em filas ou em ponta de lança.

N.º 16 — Aproveitamento e organização do terreno (continuação)

— É importante que os componentes das equipas saibam construir poços e trincheiras e fazer o seu mascaramento.

— Estes poços serão construídos no caminho que logicamente os carros tenham de seguir quando tenham de manobrar para bater as defesas contra carros.

N.º 17 — Conhecimento prático dos distintos meios que empregam as equipas

a) — Protectores

— Pistola metralhadora — efectuar-se-ão alguns exercícios de tiro de instrução e de combate, ou sejam os que figuram nas tabelas correspondentes da instrução de tiro destas armas.

— Granadas de mão — toda a equipa intensificará a instrução recebida nos lançamentos e procurar-se-á realizar o maior número possível de exercícios com granadas de guerra sempre que as existências do consumo anual o permitam.

— Todos os homens realizarão alguns exercícios com metralhadoras, para que em qualquer momento as possam utilizar.

b) — Cegadores

— Emprego de ampolas de «líquido adesivo» — parte do carro onde se devem partir — Emprego de granadas e potes de fumo — Precauções com a direcção do vento — Lançamento de potes de fumo enlaçados com arames para que fiquem presos no canhão — Cegamento de vigias com meios expeditos (cal, água e barro, alcatrão, etc.).

c) — Destruidores

1.º — Explosivos

— Preparação de ligações com rastilhos do mesmo tipo e mistos.

— Praticar no manuseamento de espoletas e detonadores.

— Preparação e explosão de cargas simuladas com pólvora negra.

— Explosão de petardos para ir acostumando as equipas, progressivamente, a aguentar a explosão cada vez a menor distância.

— Emprego de granadas de mão como meio destruidor — Preparação de aglomerados — Aglomerados de granadas Laffite.

Revista da Cavalaria

- Aglomerados destas granadas com granadas de mão com espoleta retardada ou com petardo de rasilho lento.
- Lançamento destes aglomerados sobre os carros e debaixo das lagartas — Práticas de lançamento de granadas de madeira sobre escotilhas abertas.
- Emprego dos petardos regulamentares de trotil: preparação de aglomerados destes aglomerados atirando-os para cima da câmara do motor; colocando-os nos ventiladores com ganchos de arame; ligação das cargas por meio de uma corda para atirá-las sobre o canhão — Emprego de petardos 100 e 200 gramas dentro de caixas especiais para serem introduzidos no interior do canhão ou colocados debaixo da torre — Arraste de carga do carro — Emprego do mesmo sistema com aglomerados de 2 a 3 quilos e detonadores de pressão.
- Emprego das minas TK-42 — práticas com trenós deslizantes — Criação de barreiras nos caminhos com várias minas colocadas sobre uma tábua fixa por um dos extremos.
- Emprego de minas magnéticas.

N.º 18 — Conhecimento prático dos distintos meios empregados pelas equipas (continuação)

2.º — Incendiários: sobre o carro de alvenaria e dos poços construídos à sua volta, lançar garrafas cheias de água e depois fazer os mesmos lançamentos com granadas de mão lastradas. Quando as equipas tenham já bastante prática, a água é substituída por gasolina e as granadas passam a ser de guerra (este exercício pode-se realizar sobre um monte de pedras arrumadas de modo que representem grosseiramente um carro.

- Prática no lançamento de garrafas com líquidos inflamáveis.
- Improvisação destes líquidos.
- Emprego de lança-chamas.

3.º — Meios expeditos.

- Emprego de martelos e alavancas.
- Imobilização da torre.
- Saltos sobre o carro para por meio de arames impedir que as portas se possam abrir.

II — Exercícios de luta próxima anticarro

N.º 19 — Tipos de exercício

Antes de iniciar estes exercícios, o soldado deve conhecer perfeitamente os ângulos mortos que para as armas de bordo se produzem em volta do carro, estar convencido que a serenidade e a imobilidade até ao momento oportuno são os factores essenciais e que *fugir quando o carro se aproxima é o mesmo que ficar na frente de um pelotão de fusilamento.*

Revista da Cavalaria

— Os exercícios de caça aos carros, a realizar na pista, pelas equipas de luta próxima, são os seguintes:

1.º Exercício

«Carro isolado e parado empregando meios cegadores».

— Primeiro caso: a equipa dispõe de meios.

A aproximação da equipa efectua-se procurando sempre ocultar-se para o que aproveita todos os acidentes do terreno. Quando esta está a uns vinte metros do carro, já pode actuar. Inicia-se a acção pelo cegamento do carro (cegador e chefe da equipa, por exemplo) empregando ampolas de «líquido adesivo» ou potes de fumo; a seguir o destruidor aproxima-se do carro procurando os ângulos mortos. O seu movimento deve ser feito do lado oposto ao da arma principal, mas se o carro tem uma metralhadora colocada na retaguarda, então o movimento far-se-á na perpendicular metralhadora-canhão; a seguir colocará o aglomerado de granadas de mão, petardos de trotil, mina TK-42 ou mina magnética. A protecção do homem ou homens que se aproximam do carro deve ser feita pelos restantes componentes da equipa ou pelas forças que defendem o sector. Não se deve esquecer que a tripulação do carro defende-se não só com as armas de bordo, mas também com granadas de mão que atira pelas escotilhas ou pelos dispositivos de defesa próxima do carro.

— Segundo caso: a equipa não dispõe de nenhum meio destruidor:

— Aproveitando a emissão de fumo, saltam para o carro o cegador e o destruidor, tapando-lhe todas as janelas de observação e periscópios com cal, barro ou tinta espessa. Em seguida, com arames fecham exteriormente as escotilhas e portas. Batendo com alavancas inutilizam as metralhadoras e imobilizam a torre.

2.º Exercício

«Carro isolado em movimento empregando meios cegadores».

— Primeiro caso: a equipa dispõe de poços de espera.

— Assim que o carro tenha passado os poços, cega-se imediatamente, empregando ampolas de «líquido adesivo» ou potes de fumos; a seguir, o destruidor aproxima-se do carro e trata de o destruir com aglomerados ou minas.

— Segundo caso: nos poços de espera são colocadas com suficiente antecipação e bem dissimuladas, as minas TK-42, ou petardos sobre um trenó de uns 3 metros de comprimento.

Não havendo trenós, podem-se ligar as minas por um arame, e quando as quisermos colocar debaixo das lagartas do carro, basta puxar o arame no momento preciso. Também se pode usar a barreira de minas, colocando 4 a 6 minas TK-42 numa tábua que gira sobre um dos seus extremos quando se puxa um arame que está ligado ao outro extremo.

— Assim que o carro é detido, o ataque é feito com a mesma técnica que foi explicada no primeiro exercício.

Nos dois casos, quando a equipa não tenha preparados poços de espera, deve ocultar-se aproveitando o terreno e a vegetação. A segurança deve procurar-se até chegar ao ângulo morto do carro.

Revista da Cavalaria

3.º Exercício

«Carro isolado e parado, efectuando a aproximação a coberto dos acidentes do terreno e sem o emprego de meios cegadores».

— A aproximação faz-se aproveitando correctamente o terreno. É necessário passar despercebido à tripulação do carro até alcançar um ponto, o mais perto possível das zonas não batidas pelas armas de bordo (ângulo morto).

Uma vez alcançada esta zona, o ataque efectua-se de modo semelhante ao do 1.º exercício, mas os cuidados a ter na aproximação devem ser ainda mais rigorosos.

4.º Exercício

«Carro isolado e em movimento sem o emprego de meios cegadores».

5.º Exercício

«Carro isolado, parado ou em movimento com o emprego de meios incendiários».

— A técnica da aproximação ou espera do carro faz-se como nos exercícios anteriores.

O carro depois do cegador ter entrado em acção é incendiado pelo destruidor que parte sobre ele as garrafas de liquido inflamável ou de gasolina e lança-lhe neste último caso, granadas de mão.

6.º Exercício

«Destruição das armas do carro».

Depois de cegar o carro, o destruidor saltará sobre ele e com uma alavanca ou marreta, destrói as metralhadoras dando-lhe pancadas até as dobrar ou partir.

Imediatamente o protector lançará sobre o canhão duas cargas de trotil unidas com um arame ou corda. Estas cargas fazem-se explodir por qualquer dos processos já indicados. A destruição do carro é em seguida feita pelos processos indicados nos exercícios anteriores.

7.º Exercício

«Ataque a uma pequena formação de carros».

Um pelotão de carros ataca na zona defendida por uma companhia.

— As três equipas da companhia actuam simultaneamente. Depois de isolados e dispersos, por meio de fumos e cegadores, cada equipa ataca um carro conforme as condições em que este se apresenta.

8.º Exercício

«Exercício final de conjunto».

Um pelotão de carros, apoiado por Infantaria ataca uma zona defendida por uma companhia.

Revista da Cavalaria

Actuação das equipas de luta próxima conjugada com as equipas de lança-granadas anticarro, pelotão de morteiros de 50^{mm} e restantes pelotões da companhia.

c) — Educação moral

Se é importante a instrução técnica e prática das equipas, não o é menos a educação moral dos seus componentes, pois muitas vezes, dada a falta de meios, têm de se resolver com arrojo e valentia as situações críticas criadas pelo ataque dos carros inimigos.

— A moral das equipas tem de ser muito elevada e para isso é necessário que os instrutores lhe dediquem grande parte da sua atenção, pois de nada serve contar com potentes meios destruidores e incendiários, se o soldado não leva consigo um coração capaz de impulsioná-lo no sempre perigoso gesto de se lançar contra um engenho de aço, erigido de meios de defesa.

É necessário não esquecer que: *o coração é a principal arma do caçador de carros.*

Têm de se vincar no espírito do recruta todas as virtudes militares, mas especialmente a audácia, o arrojo, o espírito de sacrificio, a abnegação... virtudes que debaixo do mesmo prisma, vontade de vencer, nos permitam contar nas nossas fileiras com soldados continuadores daqueles que durante o nosso glorioso Movimento Nacional, nas terras de Castela e Temel, com umas garrafas de gasolina, granadas de mão e picaretas, destruíram um grande número de carros inimigos.

Foi aí que pela primeira vez os infantes lutaram em campo aberto contra esses engenhos de aço. Os montões de ferro retorcido e calcinado, foram testemunhas de um novo método de luta: a luta próxima anticarro, que hoje constitui um dos pilares fundamentais da defesa contra estes engenhos.

B. S.

Ejercito

Janeiro 1952

EMPREGO TÁCTICO DA AVIAÇÃO LIGEIRA COM A DIVISÃO BLINDADA

Pelo Cap. JAMES C. SMITT



Constitui alguma coisa de novo que todos os comandos, em especial os das unidades de infantaria e de carros, tenham aviação ligeira à sua disposição. Durante a Segunda Guerra Mundial, somente as unidades de artilharia tinham aviação ligeira na sua orgânica. Por vezes, também as unidades de carros e

de infantaria podiam utilizar a aviação da artilharia, mas tal modo de proceder não se mostrou vantajoso. Contudo, constatou-se, então, que os aviões ligeiros eram uma necessidade para todas as armas fundamentais.

Como resultado das lições aprendidas, os aviões ligeiros passaram a pertencer à orgânica das divisões blindadas e de infantaria, reconhecendo-se também a necessidade de alargar o seu emprego às formações de infantaria-carros (grupos mistos). Na realidade, não tem progredido muito o conceito táctico da integração da aviação naquelas formações. Deve-se isso, em grande parte, ao número relativamente pequeno de unidades tácticas presentes nos Estados Unidos.

No que diz respeito aos carros, uma única divisão blindada tem estado activa e foi somente desde a constituição da 1.ª divisão blindada que se tornou possível desenvolver aquela integração. A 1.ª divisão blindada em Fort Hood, no Texas, tem sido utilizada como base para o estudo do emprego da aviação no Exército. Neste artigo procurar-se-á explicar os princípios técnicos daquele emprego desde os treinos iniciais com pequenas unidades até às grandes manobras de Long Horn, abrangendo um período de cerca de 12 meses.

Durante a fase inicial do treino da divisão, a secção de aviação não existia praticamente, uma vez que o seu pessoal estava em instrução básica nos diversos batalhões. No fim da instrução básica, o pessoal escolhido foi enviado para a escola de mecânicos de aviação. Só depois daquele ter regressado à divisão a secção de aviação começou a actuar. Aviadores e aviões chegaram ao mesmo tempo e a doutrina começou a estabelecer-se de forma a que a proficiência dos aviadores permitisse à secção apoiar as unidades logo que isso foi necessário para os treinos.

No princípio do treino das pequenas unidades, a secção de aviação foi posta em condições de as apoiar em qualquer das suas múltiplas missões. Desde

Revista da Cavalaria

logo, o comandante da divisão apontou aos comandantes das unidades a importância dos reconhecimentos aéreos em qualquer exercício de campanha, e procurou intensificar o uso do avião. Esse uso, logo no começo da instrução das unidades não deve ser exagerado. De início, é mais importante familiarizar-se todo o pessoal com a mecânica da actuação da aviação ligeira. Deve-se partir do princípio que o avião é uma arma essencial no apoio das mais pequenas unidades, o único meio de transporte em muitos casos. Durante esta fase do treino das pequenas unidades, o avião foi usado para verificar erros na disciplina da camuflagem nos bivaques e nas áreas de estacionamento, para corrigir a técnica de marcha e os dispositivos, e para controlar as colunas em marcha, etc.

O princípio de mandar para o ar o maior número de homens para verem, eles próprios, os erros cometidos pelas suas unidades foi usado com excelente resultado. Durante esta fase, não se deve considerar de menos valor o facto dos comandantes terem sido treinados a observar do ar as suas próprias técnicas. Como resultado de um grande número de horas de voo os comandantes das unidades da divisão tornaram-se bons observadores aéreos. Tal só foi possível depois de terem gasto no ar o tempo suficiente para adquirirem os conhecimentos técnicos necessários a um bom observador.

Este emprego do avião continuou durante todo o período de instrução e ajustamento da companhia, cada vez com mais treino de observação aérea. Uma falta na táctica das pequenas unidades é mais evidente quando observada do ar, e o tempo gasto para notar os erros e as deficiências é bastante inferior ao que se gastaria, para o mesmo fim, no terreno.

Quando se passou a trabalhar no escalão batalhão o emprego táctico do avião tornou-se de maior importância. A secção de aviação apoiou cada batalhão com um avião durante todo o seu período de ajustamento, incluindo todos os seus problemas preliminares. Sempre que foi possível, para conseguir o máximo apoio, o mesmo aviador realizou todas as missões com o mesmo batalhão. Sentiu-se que o aviador actua, na realidade, em parte como instrutor, conselheiro técnico, e oficial de ligação para o batalhão, e o seu contacto pessoal, durante este período de treino, contribui para aumentar a íntima coordenação exigida para a sua integração no conjunto. Além disso, recordo mais uma vez que, até aqui, a maior parte das forças terrestres têm tido pouca prática com a aviação ligeira, pelo que se devem procurar todas as ocasiões para facilitar a sua actuação. É este o melhor período para doutrinar o pessoal das unidades no correcto emprego táctico do avião. Felizmente, durante esta fase, todo o pessoal estava plenamente convencido de que a aviação ligeira pode constituir os seus «olhos» quando devidamente utilizada.

Nesta fase do emprego táctico, tem de ser convenientemente exposta a técnica das rádio-comunicações, para que os operadores possam compreender as normas de funcionamento que forem utilizadas mais tarde. O tipo do aparelho de rádio utilizado não tem demasiada importância, mas há que ter em consideração diversos factores, para que se torne possível a ligação da aviação com as unidades terrestres. O êxito da actuação dependerá das boas condições em que se realizarem as comunicações pelo rádio, uma vez que, sem este, a utilização do avião será deficiente. Menciona-se este facto porque muitas unidades esperarão até ao último momento antes das operações tácticas para

Revista da Cavalaria

verificar se os seus aparelhos rádio estão em condições de funcionar convenientemente.

O nosso posto rádio é o bem conhecido S. C. R./510, um F. M. com duas frequências pre-estabelecidas. A frequência A é sintonizada para um comando superior e a B para o que nós chamamos a ligação ar-terra. Esta frequência ar-terra é a mesma em todos os aviões da divisão excepto para a artilharia. Este modo de proceder permite uma grande flexibilidade a qual será explicada em operações de maior relevo.

Durante a fase de instrução do batalhão, a frequência A foi sintonizada para aquele que está sendo ensaiado ou apoiado, o que constitui uma forma de lhe prestar o máximo apoio. Durante a acção, o avião de apoio integra-se na rede de comando do batalhão o que permite ao seu comandante e a todos



os comandantes de companhia manter a ligação com o avião. Durante o dia, a maior parte das informações sobre o inimigo serão, normalmente, transmitidas pelo avião actuando em apoio directo e, deste modo, todos os comandos estarão em condições de tirar rendimento das informações fornecidas. Se o comandante de batalhão necessita que o avião apoie uma das suas companhias pode determinar ao aviador que passe a trabalhar com a unidade desejada e imediatamente o posto de rádio do avião será ligado para a frequência ar-terra de forma a não interferir na rede de comando; desde que as restantes unidades usem a frequência ar-terra poderão também obter informações sobre o inimigo. A frequência ar-terra transforma-se assim numa rede de reconhecimento que todas as unidades da divisão podem utilizar. Dada a mobilidade das divisões blindadas, as informações oportunas sobre o inimigo serão da maior importância para todos os comandos, visto a situação em relação ao inimigo poder mudar muito rapidamente. No fim da fase de experiência do batalhão tanto este como a secção de aviação estavam prontas para a realização de exercícios de agrupamento táctico seguidos dos respectivos exames.

Terminada esta fase de treino, concluiu-se que, neste escalão de comando, e em situações normais, eram necessários dois aviões para apoio imediato. Nor-

Revista da Cavalaria

malmente, de um agrupamento tático fazem parte dois ou mais batalhões reforçados, os quais por seu turno empregarão grupos mistos infantaria-carros. O controle de uma tal força é essencial e, para facilitar as operações, a frequência A era sintonizada para o comando do agrupamento e a B para o ar-terra. Com estas duas redes o comandante do agrupamento tático pode ter os aviões a operar na sua rede de comando ou determinar-lhes que actuem com qualquer dos comandos subordinados através da frequência ar-terra. Este processo habilita os batalhões reforçados a utilizar o avião em apoio imediato sem interferência na rede de comando. Com tanto serviço de despachos na rede de comando é naturalmente impossível que o avião possa intervir nesta rede, a não ser para prestar informações ao comando e receber instruções para comunicar com os vários comandos subordinados.

Depois de cumprida uma missão com uma unidade subordinada, o aviador volta a ligar com a rede de comando de agrupamento para a execução de novas missões. Usando este método, o comandante do agrupamento tem assegurada a utilização do avião operando em apoio íntimo com o seu comando. Conjuntamente com o afluxo de informações normais através da rede de comando, o S-2 normalmente comandará a frequência ar-terra através da qual recebe outras informações sobre o inimigo. Com 80 frequências no novo posto rádio proposto para a aviação ligeira será até possível uma maior flexibilidade no trabalho do avião com os vários batalhões e companhias.

Desde que o comandante do agrupamento se encontre no ar, o que lhe permite ver todas as suas tropas ao mesmo tempo, a maior parte das comunicações serão feitas pela rede de comando. Os nossos comandantes já tinham aprendido qual o valor do comando feito do ar e, como resultado, passaram a maior parte do tempo a bordo do avião. As vantagens do comando realizado do ar aumentam durante os períodos em que as unidades marcham para o ataque, na aproximação ou ainda de exploração das retaguardas. As mesmas vantagens se apresentam quando o inimigo está em movimento, porque uma imediata observação habilita o comando a alterar o seu dispositivo de forma a orientá-lo na direcção conveniente. Quanto mais vasta for a zona onde opera o agrupamento tático, mais importante é para o comandante estar numa posição onde possa ver o que se passa e fazer as correcções e alterações necessárias. A demora na transmissão das informações pela via de comando impede, em muitas ocasiões, o comandante, de determinar mudanças de missão, de objectivos, etc. No ar, o comandante pode deslocar as suas forças como um xadrezista muda as suas pedras. A oportunidade é um factor importante a considerar no emprego dos carros e a arte de observar as acções inimigas, analisá-las e dar as ordens para as contrariar pode ser adquirida com o comando exercido do ar.

Uma vez que os batalhões reforçados de uma divisão blindada estão em condições de percorrer muitas milhas no terreno num período de tempo relativamente curto, o problema do reconhecimento torna-se flagrante. No ar é possível ao comandante observar o terreno no qual ele porá em movimento os seus batalhões, orientando-os para o terreno mais favorável ao cumprimento da missão de que foi encarregado. Uma formação blindada, em movimento sobre o terreno desconhecido, poupa muito tempo utilizando este método. Em muitos casos, a utilização da informação de um escalão subordinado causará demoras que impedirão o completo sucesso da operação. Numa operação de blindados,

Revista da Cavalaria

a perda de tempo, mesmo que seja de uma hora, pode equivaler a uma diferença de 10 milhas. Nos períodos críticos de uma operação, mesmo depois de receber uma informação de um subordinado, é impossível reagir tão depressa quanto seria para desejar.

O Major General Bruce C. Clark, comandante de divisão gastou para cima de 40 horas no ar sobrevoando a frente das unidades durante as manobras de Long Horn inspeccionando as suas acções e movimentos, sempre por forma a tirar vantagem de qualquer objectivo oportuno.

Para manter continuamente dois aviões em apoio das unidades de combate era necessário que todos os sete aviões da secção de aviação da divisão lhes fossem atribuídos. Mais adiante se verá como este facto limita a capacidade de actuação da aviação da divisão. Quando for possível, um dos aviões será mantido em reserva de forma que a frente possa ser sobrevoada durante o dia. Numa situação de combate, é impossível a um aviador e avião apoiar capazmente um



comando de qualquer escalão por mais de 4 horas, em dias sucessivos. Deve ter-se em atenção estes factos durante os treinos de forma a obter-se o maior rendimento de cada hora de voo, e tudo deve ser preparado dentro da realidade dos combates.

No fim das provas dos agrupamentos tácticos, a maior parte dos problemas de coordenação e controle entre a secção de aviação e os comandos tácticos desapareceram e assentou-se numa doutrina sã.

O problema da atribuição, no total, de sete aviões à divisão apresentou-se pela primeira vez nas manobras da divisão, e com vista a realizar-se o melhor apoio aos três agrupamentos tácticos, juntamente com as necessidades da divisão. Citam-se seguidamente algumas considerações que ditaram a sua atribuição aos diferentes comandos: primeiro, para alcançar o máximo rendimento de cada hora de voo era evidente ser de absoluta necessidade que houvesse um posto rádio instalado no campo base em condições de dirigir todos os aviões. Deste modo, é sempre possível deslocar um avião de uma zona inactiva e colocá-lo em apoio de uma unidade que, de momento, necessite de maior assistência. Segundo,

Revista da Cavalaria

na conferência dos G-2 e G-3 da Divisão, realizada à noite, a prioridade das missões deve ser dada aos comandos que suportem o choque das operações do dia seguinte. Para estes comandos é atribuída à aviação a missão de apoio directo, o que quer dizer que inicialmente, um avião voa sobre o comando e relata-lhe o que viu ao amanhecer. O aviador, com efeito, torna-se um oficial de ligação para o comando e fica à sua responsabilidade informar o oficial de aviação da divisão quando só um avião não é suficiente para apoiar o comando interessado. Individualmente, não há ninguém em melhores condições para avaliar quando se tornam necessários mais aviões do que o aviador que está trabalhando para um dado comando. Isto será sempre verdade excepto quando as missões são alteradas; então, será necessário condicionar a prioridade. Nessa ocasião, o G-3 informa o oficial da aviação divisionária da mudança de missão; este, por seu turno, enviará para o ar outro avião. Com o posto rádio no campo base é possível aos comandos pedir directamente à aviação divisionária um reforço do apoio o qual é normalmente concedido se há avião disponível. Com este sistema de controle cerrado, torna-se possível evitar o desperdício do tempo dos aviadores e aviões voando sobre zonas inactivas.

O terceiro princípio estabelece, em última análise, que o oficial da aviação divisionária deve determinar que espécie de apoio pode ser dado a qualquer comando, de acordo com as missões estabelecidas pelo G-3.

Do estudo das operações técnicas atrás indicadas verifica-se que elas são análogas ao sistema de operação ar-terra no apoio imediato durante o combate. O fim a atingir em todas as operações é tornar a aviação ligeira útil para o apoio imediato dos batalhões e companhias em primeira linha. Depois de muitos dias no campo de manobras da divisão, as manobras Long Horn foram iniciadas com a intenção de assentar ideias sobre o apoio da aviação.

A maior parte dos períodos de operações foram semelhantes às acções dos primeiros exercícios de treino. Algumas das limitações mencionadas anteriormente tornaram-se patentes durante as fases das manobras de Long Horn; a principal foi o número diminuto de aviões atribuído à divisão. Para um apoio eficaz aos três agrupamentos tácticos e à divisão, foi considerado o seguinte número mínimo de aviões: dois aviões para cada agrupamento, num total de 6; um para o grupo de comando (C. G. e adjunto); um para as actividades do G-3; um para o batalhão de reconhecimento (2 se possível); um para o batalhão de engenharia e companhia de transmissões. Esta distribuição totaliza 10 aviões bi-place, não contando com um avião em terra necessário para outras missões, como, por exemplo, as de estafeta e de ligação com as unidades vizinhas, de escalão superior, etc.

Em muitas ocasiões, foi atribuída à primeira divisão blindada uma vasta frente (cerca de 30 milhas) e nestas situações é impossível apoiá-la eficazmente com sete aviões. Todavia, usando o sistema exposto anteriormente a secção de aviação da divisão realizou para cima de 400 horas de voo em apoio dos comandos da frente, durante 16 dias de operações. Somente com um rigoroso controle e a utilização apropriada de todos os aviões e aviadores tal foi possível. Toda a aviação da divisão incluindo a de Artilharia voou 831 horas durante este período, sem incidentes. Este tempo de voo inclui 1460 aterragens e para cima de 55 horas de voo nocturno. Todos os voos foram realizados levantando de faixas em maus terrenos, das quais 62 foram utilizadas durante as manobras em

Revista da Cavalaria

apoio das unidades da divisão. Está provado que este «record» indica claramente os méritos da aviação operando em apoio imediato sob controle centralizado.

Recapitulando, deve-se acentuar que o avião somente sob controle centralizado pode ser utilizado com melhor rendimento mas deve-se reconhecer que o número de aviões atribuído à divisão blindada, na orgânica actual, deve ser o que foi indicado, de forma a que todos os comandos possam ser convenientemente apoiados. Sob este controle, os problemas de alimentação, manutenção de aviões, *roulement* do pessoal de voo, fornecimento de sobresselentes e equipamentos, etc., são reduzidos ao mínimo. Como foi realçado na crítica realizada pelo general Clark, comandante da 1.ª div. blindada, «no Exército a aviação é a mais valiosa peça de que pode dispor o comando de uma unidade blindada e a sua utilização apropriada e emprego oportuno, nas manobras de treino ou em operações, aumentarão muito a importância do seu valor para o comando.

M. D.

De *Armor*
Outubro de 1952



Bertrand & Irmãos, L.^{da}

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
SIMPLES,
E DE LUXO,
REPRODUÇÕES
EM FOTOGRAVURA,
OFFSET
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227
21368

LISBOA



TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES
DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE ——— 21450

L I S B O A

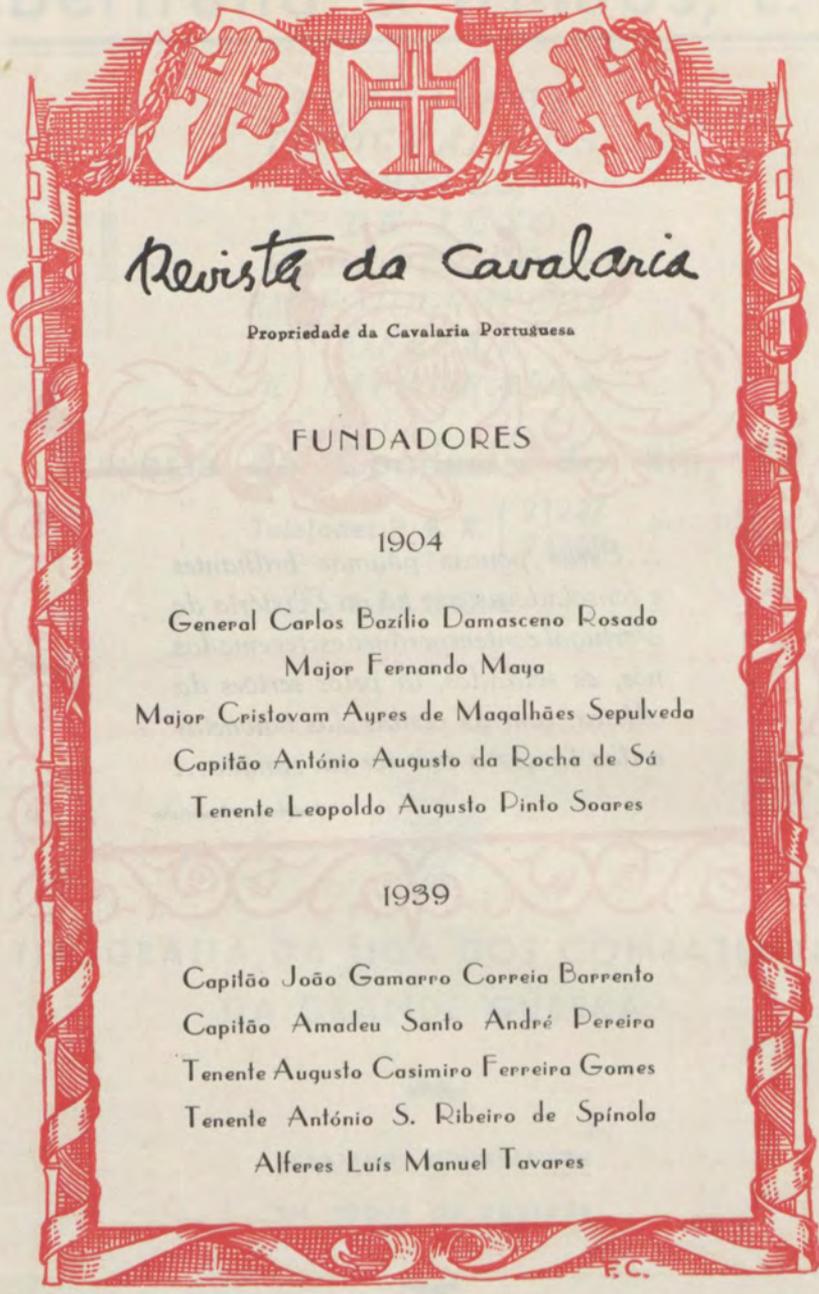


...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho

BIBLIOTECA DO EXERCITO
(Cada volume de 3 M. R.)

Bertrand & Irmãos, Lda



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

- General Carlos Bazilio Damasceno Rosado
- Major Fernando Maya
- Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda
- Capitão António Augusto da Rocha de Sá
- Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

- Capitão João Gamarro Corpeia Barrento
- Capitão Amadeu Santo André Pereira
- Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes
- Tenente António S. Ribeiro de Spínola
- Alferes Luís Manuel Tavares

F.C.



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente António Gentil Soares Branco

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

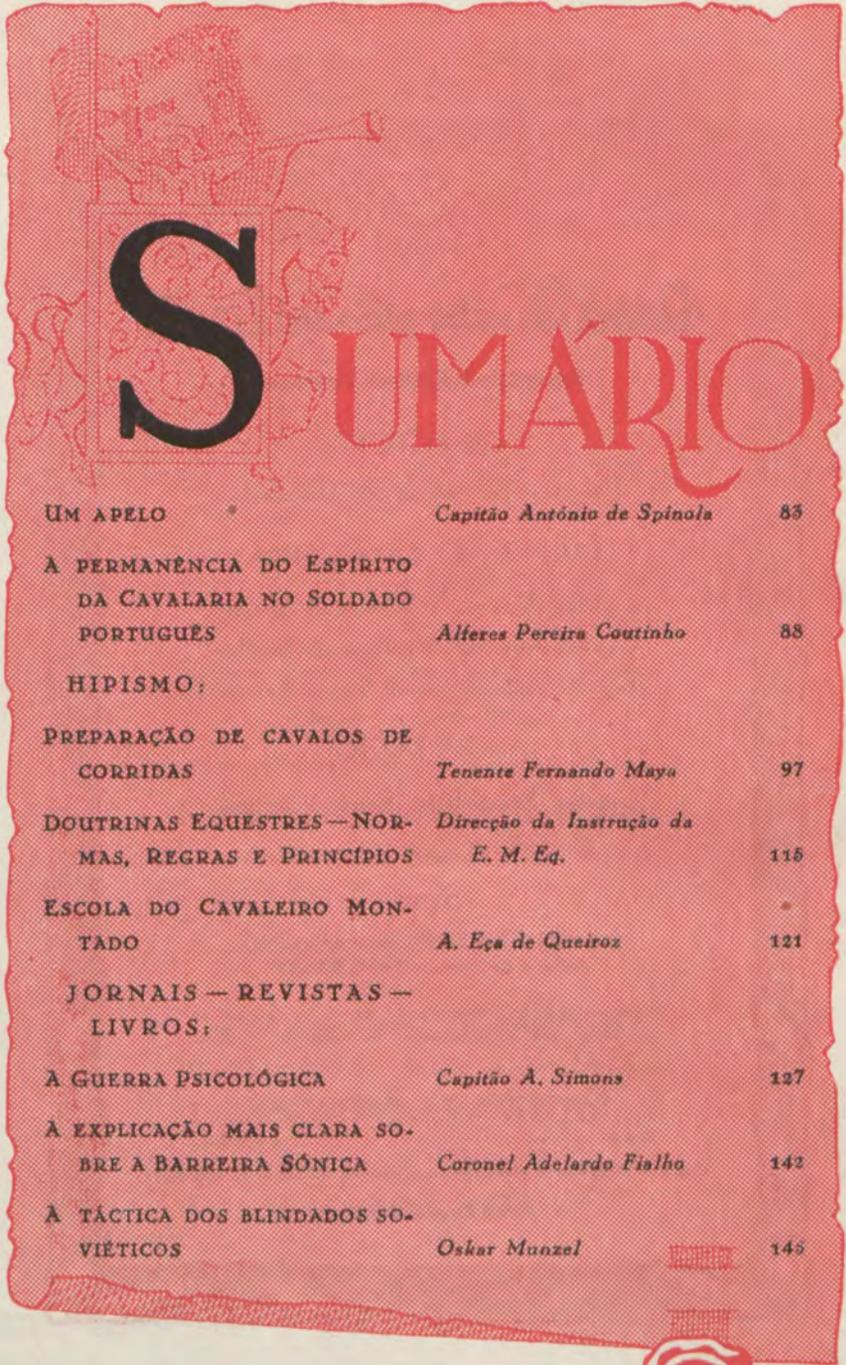
Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50



SUMÁRIO

UM APELO	<i>Capitão Antônio de Spínola</i>	85
A PERMANÊNCIA DO ESPÍRITO DA CAVALARIA NO SOLDADO PORTUGUÊS	<i>Alferes Pereira Coutinho</i>	88
HIPISMO:		
PREPARAÇÃO DE CAVALOS DE CORRIDAS	<i>Tenente Fernando Maya</i>	97
DOCTRINAS EQUESTRES — NOR- MAS, REGRAS E PRINCÍPIOS	<i>Direcção da Instrução da E. M. Eq.</i>	116
ESCOLA DO CAVALEIRO MON- TADO	<i>A. Eça de Queiroz</i>	121
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
A GUERRA PSICOLÓGICA	<i>Capitão A. Simons</i>	127
A EXPLICAÇÃO MAIS CLARA SO- BRE A BARREIRA SÓNICA	<i>Coronel Adelardo Fialho</i>	142
A TÁCTICA DOS BLINDADOS SO- VIÉTICOS	<i>Oskar Munzel</i>	145



Revista da Cavalaria

14.º ano-n.º 2

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Março

UM APELO



Embora catorze anos de ininterrupta publicação constituam garantia de condições de vida, o actual estado de crise da nossa *Revista* aconselha-nos a meditar sobre o problema, que não sendo novo, assume contudo, neste momento, particular oportunidade de reflexão.

Compulsando os últimos *números* facilmente nos aperceberemos que a crise, além de ordem material, se acentua, com alarmante ritmo, no campo da colaboração literária.

Este aspecto, encarado como reflexo do meio, marca um índice, que de modo algum corresponde ao nível dos valores intelectuais da Arma.

Revista da Cavalaria

Temos, por conseguinte, de procurar noutro campo as causas da crise que, observada superficialmente, pode ser erradamente interpretada. Com efeito, se a nossa atenção se circunscrever ao quadro espiritual dos cavaleiros, que — quer colectivamente quer individualmente — sempre têm dedicado à causa da *Revista da Cavalaria* a mais viva simpatia, torna-se difícil, à luz de uma justificação coerente, interpretar o facto.

Abordaremos alguns dos aspectos de natureza subjectiva, esfera onde, em nossa opinião, se situa a génese das reacções contrárias à colaboração literária.

Excluída, por conceito da própria função militar, a hipótese da escolha da carreira das armas ser influenciada por factores de ordem material, o que a verificar-se constituiria tácito reconhecimento, por parte do próprio indivíduo, de inferior capacidade para a vida, dada a exígua remuneração do profissionalismo militar, é logicamente razoável admitir-se que os anseios de um oficial de carreira ultrapassem a simples aspiração de ser um vulgar funcionário burocrático da Nação.

É natural e legítimo que o profissional das armas, medianamente dotado, tenha o desejo de contribuir intelectualmente para o progresso da colectividade militar, imperativo que o leva a ter que provar, na sua esfera de acção profissional, o critério dos seus pontos de vista. Mas, para que as suas ideias se objectivem no campo das realizações, não basta apenas provar a sua lógica, torna-se necessário sugerir ou suggestionar nos outros, os sentimentos e pensamentos próprios.

Como conseguir este desiderato?

Criando pela palavra — viva ou escrita — um estado de sensibilidade ou de imaginação, no qual os outros possam descobrir e assimilar a essência do nosso pensamento.

Revista da Cavalaria

Só assim se conseguem prestigiar as nossas convicções e gozar o supremo prazer de colaborar, mais ou menos modestamente, na obra a que nos votámos.

Consideramos, por conseguinte, natural a propensão que todo o homem tem para divulgar as suas opiniões pela palavra ou pela escrita.

Este conceito, cujo sentido psicológico é incontestável, pode, contudo, tomar aspecto contraditório, quando interpretado à luz aparente dos factos. Com efeito, como conciliar a essência do conceito com as dificuldades de colaboração que, em todos os tempos, tem constituído o problema nevrálgico dos periódicos militares?

A explicação é, de certo modo, complexa e situa-se na esfera de apreciação de novos factores, que alteram o sentido natural das reacções humanas.

O primeiro factor de ordem negativa a considerar é a falta de confiança nos méritos próprios que todo o iniciando sente e que o leva a procurar ocultar dos outros a sua capacidade intelectual, a qual permanecendo encoberta, mais facilmente lhe permitirá — em seu errado critério — aparentar um nível superior àquele de que se julga dotado, raciocínio que o leva a realçar, em detrimento dos recursos próprios, a capacidade intelectual dos que se abalançaram a desvendar o seu pensar. Forma-se, assim, um complexo de inferioridade que se não for combatido, mais avolumará no iniciando o receio de transpor as fronteiras da sua individualidade.

Este raciocínio, apesar de generalizado, alicerça-se na premissa errada de que são necessárias grandes faculdades intelectuais para se realizar qualquer coisa na vida.

A história da vida dos grandes homens, demonstra-nos à evidência, que — afora um número ínfimo de génios excepcionais —

Revista da Cavalaria

para se edificar qualquer coisa, mormente no campo literário, basta possuir-se certa média intelectual, o resto é formado pela energia, pelo desejo de lutar para valorizar a sua personalidade por metódica e eficiente aplicação dos recursos naturais.

Esta é que deve ser a natural aspiração do homem normal e se ela enfraquecer é sintoma de doença psíquica que urge tratar.

Nos momentos de desânimo, devemos pensar que a história é fértil em exemplos de homens que se celebrizaram nos vários campos de actividade e que nem sempre foram génios na fase inicial da vida.

Mas, como homens de acção, dotados de espíritos vígorosos, apaixonados da luta, tiveram a imperturbável confiança na eficácia do seu trabalho e nos extraordinários resultados que se obtêm com uma acção perseverante, acabando por vencer.

Cada um de nós acabará também por triunfar se tiver constância e persistência no trabalho, pois — como diz Payot — na ordem da inteligência como na da natureza, nada se edifica sem a intervenção da implacável coordenada da relatividade: o tempo.

Assim, como com uma simples gota de água e o tempo, a natureza vai transformando a configuração dos grandes continentes, também nas obras do espírito o mesmo sucede, conquanto se respeite o básico princípio: — o pouco basta a cada dia desde que a cada dia se junte esse pouco.

Se avançarmos pacientemente, caminhando vagarosamente mas com passo firme, desenvolveremos as nossas qualidades intrínsecas e teremos a certeza de poder transpor, com garantia de êxito, o estreito círculo da nossa individualidade, contribuindo para o progresso do conjunto a que pertencemos.

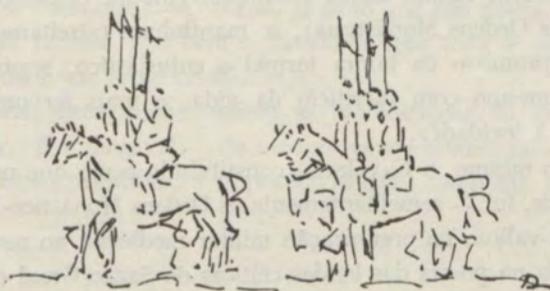
Revista da Cavalaria

Só assim deixaremos de ser apontados como um dos responsáveis das deficiências verificadas no nosso campo de acção, que se mantêm por não terem sido ainda evidenciadas as suas causas.

Focados os aspectos que mais directamente contrariam a cooperação intelectual, terminamos estas reflexões com um apelo de colaboração literária, que no caso de ser acolhido resolverá a crise da nossa *Revista*, bastando, para o efeito, que cada cavaleiro contribua com um artigo por ano.

Para que a *Revista* continue a representar o espírito da Cavalaria, e não apenas o de alguns que nela colaboram, é mister que todos juntem uma pedra à progressiva obra que se vem edificando, contribuindo para o progresso da Arma com o produto do seu estudo e da sua imaginação, não se perdendo de vista, que, na época evolutiva em que vivemos, a vivacidade intelectual é tão indispensável ao cavaleiro, como o desembaraço físico.

Capitão ANTÓNIO DE SPÍNOLA





A PERMANÊNCIA DO ESPÍRITO DA CAVALARIA NO SOLDADO PORTUGUÊS

pelo Alferes PEREIRA COUTINHO

Se as origens da cavalaria podem remontar mais ou menos precisamente à história antiga ou ao período bárbarico, com os povos germânicos, também deve atender-se à tradição lendária que reconduz a instituição ao rei Artur da Bretanha, fundador da Távola Redonda e a Carlos Magno, o dos «doze pares» (1).

É que a lenda perscruta, muitas vezes, o espírito do homem com mais tipicidade que a história. Esta está apegada a dogmas, a princípios, presa ao escrúpulo da verdade, sufocada pela eminência da crítica. A lenda pode espriar-se sem peias. É um devaneio da realidade que, porventura, a excede, mas que traz marcada em si a impressão humana do facto.

A história é ciência. A lenda é, como a arte, a verdade no simbolismo, a fantasia na sensibilidade.

Dentro destas conjecturas a cavalaria aparece-nos como traço dominante da Idade Média — perfeitíssimo microcosmos da época medieva.

A instituição, «animada do mais puro espírito cristão», era uma espécie de Ordem Militar cujos membros, embora dispersos (ao contrário dos das Ordens Monásticas), se mantinham estreitamente ligados por um compromisso da honra formal e entusiástico, segundo o qual prestariam «mesmo com sacrifício da vida, o mais fervoroso culto à abnegação e à lealdade».

«Por isso mesmo, a Cavalaria, constituindo como que um corpo de milícia da *élite*, foi — semelhantemente às Ordens Monástico-Militares — um elemento valioso na organização militar medieval, ao mesmo tempo que, inspirada na poesia das lendas célticas do Santo Graal e da Távola

(1) Cfr. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 6, pág. 337.

Revista da Cavalaria

Redonda, primando pelas maneiras cavalheirescas, pela extrema correcção e cortesia do procedimento dos seus membros — «pura flor do idealismo da Idade-Média», como escreveu Carlos Selvagem — teve influência altamente benéfica nos costumes da rude sociedade da época. Aos altos ideais de honra e dignidade que deviam estar sempre presentes no espírito do cavaleiro e orientar todos os seus actos, sob pena de vil exautoração do seu grau, juntaram-se os pruridos de valentia exacerbados nas lides do amor, e aqueles primores de galantaria de que é frisante exemplo o episódio dos Doze de Inglaterra tão exaltado por Camões e onde se destaca a lendária nobreza do Magriço» (1).

Com típico sabor arcáico põe Afonso Lopes Vieira na fala de Amadis de Gaula estas palavras, dirigidas aos irmãos e pares cavaleiros, no seu regresso à Ilha Firme: «— Bons senhores e amigos, depois que de vós me apartei, muitas terras estranhas andei e muitas aventuras corri. Passei grandes perigos e trabalhos, dos quais saí com a ajuda de Deus. Porém, aqueles em que o meu coração mais folgou, eu os passei levando socorro a donas e donzelas a quem agravo e sem-razão se faziam, e a que elas respondiam com lágrimas e suspiros, que são as armas das mulheres» (2).

Mas passemos da imaginação à realidade dos factos.

A batalha de Alfarrobeira, triste epílogo de desatinada contenda, é nas origens e no desfecho, uma pugna de estilo altamente cavaleiroso. A figura do Infante D. Pedro domina, na ingência de um carácter íntegro. «A sua divisa, uma simples palavra — Désir (desejo, ansiedade) — deve ter um sentido alevantado, de alta idealidade, como o tinham em geral as divisas cavalheirescas. Deve querer dizer: aspiração incessante para o melhor» (3). A seu lado, D. Álvaro Vaz de Almada é a personificação da fidelidade, da dedicação. E quando cai no campo da peleja, exausto, bradando — «Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu, minha alma já tardas» — é bem o cavaleiro com toda a sua ténpera de herói, e toda a sua fé de cristão.

A cavalaria, como arma, sofreu as modificações da evolução da técnica militar. E é inegável — de incontrovérsia evidência — que hoje não tem na feição primitiva, a importância que, como tal, se lhe atri-

(1) General Ferreira Martins, *História do Exército Português*, pág. 82.

(2) *O romance de Amadis, reconstituído por Afonso Lopes Vieira*, pág. 213.

(3) *História de Portugal*, edição de Barcelos, vol. III, pág. 100.

Revista da Cavalaria

ESPÍRITO DA CAVALARIA

buía noutros tempos. Mas o problema de que se trata não é esse. O que se pretende é mostrar e demonstrar a permanência do espírito da cavalaria, considerada esta como mais instituição do que como arma. E que esse espírito é muito mais um carácter que uma técnica, prova-o o facto de Nuno Álvares a pé, abrindo o dealbar da infantaria, se ter conservado o Galaaz magnífico, a mais elevada personificação da nossa cavalaria. Quer dizer: tem-se em vista uma ideologia que pode caber em todo o militar. Simplesmente nasceu e tomou vulto no cavaleiro. E se a cavalaria de hoje se distanciou largamente da de ontem, nos métodos técnicos, deve, pelo menos, arrogar-se o direito e a honra de ser ela a legítima sucessora da gloriosa instituição medieval.

O cavaleiro afonsino ou joanino, o seu cavalo ajaezado de veludos recamados de ouro, a nobre estirpe ostentada no braço — nota do sangue — a armadura reluzente, a viseira entreaberta, por onde os olhos perscrutam com a limpidez do cristal e a dureza do diamante, a lança em riste, ao serviço de ideologias sagradas, legou, séculos de permeio, aos cavaleiros de hoje, o seu espírito, o toque da sua raça. Estrépita a cavalaria com os engenhos motorizados, mas nem a velocidade dos veículos, nem a ressonância dos motores, consegue desvirtuar a pertinácia do arcabouço moral de antanho. Não admira. Quanto mais segura é a Verdade, tanto maior a sua constância na genuidade do Príncipe.

*

Quem foram aqueles soldados que se lançaram pelos sertões da África, a heroicidade na espada, a bravura na alma — senão os mais honrosos descendentes dos pioneiros da nossa fundação, da nossa expansão ultramarina, da nossa restauração — os Afonso Henriques, os Mem Ramires, os Nuno Álvares, os Afonso de Albuquerque, os D. João de Castro, os Salvador Correia de Sá e tantos e tantos outros? Que representa este facto, na sua eloquência, senão a perenidade do espírito do soldado português, que se forma com o arrojo de Afonso Henriques, que se eterniza com o denodo sublime de Nuno Álvares, e que se repete com a bravura intemerata de Mouzinho?

Os séculos correram; os homens passaram — mas a herança foi transmitida como elevada força espiritual de uma Nação.

Quando nos fins do século XIX a estabilidade dos nossos domínios ultramarinos titubeou, soprada pelos ventos da prepotência ao serviço da cobiça, houve quem sentisse, como sangue fervente a rescaldar a

Revista da Cavalaria

alma, o peso de oito séculos de tradição — de uma tradição de heróis que se forjaram na carne dos lusitanos e na alma dos cristãos. E de novo a África presenciou rasgos de inegalável audácia. Tinham-se passado séculos — e nada tocara na integridade do soldado português.

Um deles — porventura o maior de todos eles — deixou-nos um documento magnífico, onde ressumbra toda a beleza do seu espírito, toda a destreza da sua têmpera. Trata-se da célebre carta de Mouzinho de Albuquerque a seu real Pupilo, o Príncipe D. Luiz Filipe de Bragança. Aí escreveu, comentando o triste desenlace de Alcácer-Kibir: «Para não ser injusto nem ingrato não deve Vossa Alteza lembrar-se somente dos felizes porque nem só eles foram soldados. Houve um Rei de Portugal, que, não podendo ser vencedor, soube morrer herói. Não tendo alcançado a vitória ambicionada, procurou a morte gloriosa. «A liberdade Real só se perde com a vida» foram as últimas palavras que se lhe ouviram e do cativo infamante salvou-o a morte, única libertadora invencível porque não há algemas que prendam um morto. Errou, é certo, mas a morte de valente, expiatória e heróica, redime os maiores erros. Bem merece ele o nome de soldado, bem estudada e meditada deve ser a sua história, porque pelo estudo e meditação se formam as almas e a alma de um Príncipe para tudo deve estar temperada, até para as maiores desgraças».

Depois, narrando as campanhas de África, concluiu: «Tudo suportamos de boa mente porque servíamos El-Rei e a Pátria, e para outra coisa não anda neste mundo quem tem a honra de vestir uma farda. Por isso nós também merecemos o nome de soldados; é esse o nosso maior orgulho». E mais adiante: «... o vencimento do militar, seja pret, soldo ou lista civil, nunca é a remuneração do serviço, por não haver dinheiro que pague o sacrifício da vida».

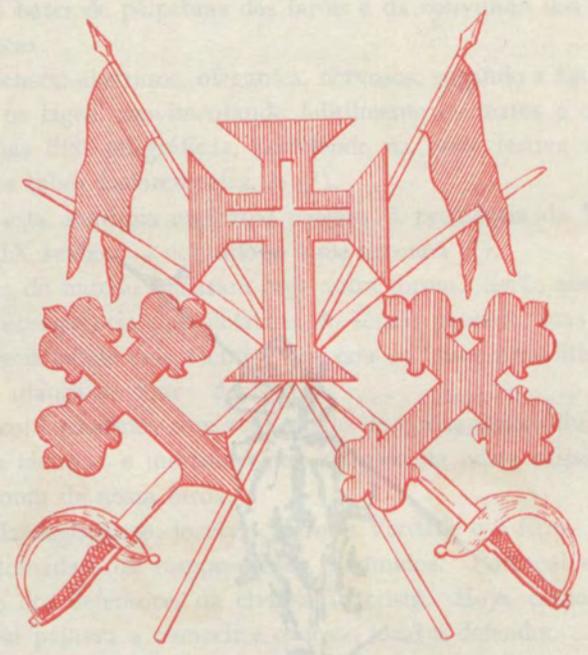
Finalmente, referindo-se às funções reais: «Enquanto vive tem o Rei de conservar os olhos sempre abertos, vendo tudo, olhando por todos. Se nele reside o amparo dos desprotegidos, o descanso dos velhos, a esperança dos novos; se dele fiam os ricos a sua fazenda, os pobres o seu pão, e todos nós a honra do país em que nascemos que é a honra de todos nós!».

Que há de mais cavalheiresco — este homem que vê na morte a glória que se não obteve na vitória; que avança para o perigo com a loucura dos heróis, servindo a Pátria e o Rei; e que atribui aos monarcas o zelo pela felicidade dos seus súbditos — «os príncipes, escreveu, não têm biografia, a sua história é, tem que ser a do seu povo?»

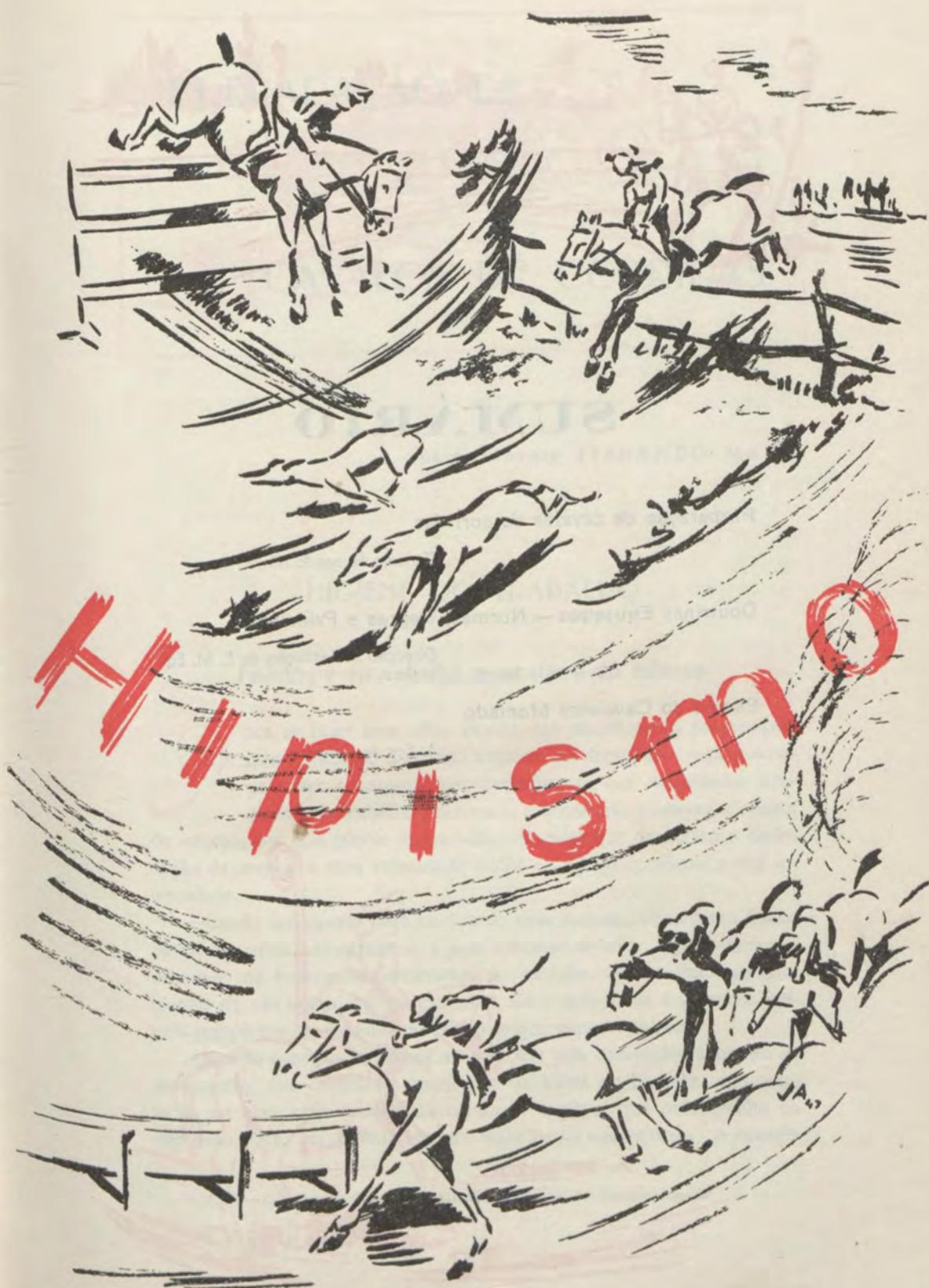
É a permanência do espírito; é a Verdade que não passa!

Armoiries de l'Ordre

On ne saurait trop louer le courage et la bravoure des chevaliers de l'Ordre, qui ont toujours été prêts à se sacrifier pour la défense de la foi et de leur pays. Leur dévouement et leur vaillance ont été la cause de nombreuses victoires et ont permis de maintenir la paix et la justice dans le monde. Leur exemple est toujours à suivre et leur héritage est précieux.



Les chevaliers de l'Ordre ont été reconnus pour leur dévouement et leur vaillance. Ils ont joué un rôle important dans l'histoire de l'Occident, notamment pendant la croisade des Princes. Leur ordre a été réformé au XVIIIe siècle et a été rétabli en France en 1804. Aujourd'hui, l'Ordre continue d'exister et de promouvoir les valeurs de courage et de dévouement.





SUMÁRIO

Preparação de cavalos de corridas

Tenente Fernando Maya

Doutrinas Equestres — Normas, Regras e Princípios

Direcção da Instrução da E. M. Eq.

Escola do Cavaleiro Montado

A. Eça de Queiroz



PREPARAÇÃO DE



CAVALOS DE CORRIDAS

pelo Tenente FERNANDO MAYA

HIGIENE DO TRABALHO

Fisiologia do trabalho muscular e do esforço

Para se fazer uma ideia exacta das modificações progressivas que o trabalho do treino imprime ao organismo, e para compreender a natureza das perturbações que os métodos irracionais de trabalho provocam, é necessário conhecer a origem do esforço, isto é, a génese do trabalho muscular que determina a deslocação da massa, a uma velocidade maior ou menor conforme a sua intensidade.

Quando um cavalo pára no fim de uma corrida, vê-se o seu flanco bater, as narinas dilatarem-se, a pele cobrir-se de suor, e por vezes percebem-se os batimentos acelerados do coração. Estes sintomas funcionais de um organismo em trabalho são o reflexo de fenómenos íntimos complexos productores do esforço e que vamos analisar.

Quando o nervo transmite ao músculo pela excitação, a ordem de movimento, este contrai-se, encurta-se, mobiliza ou imobiliza um osso, fecha ou abre uma articulação conforme o papel que desempenha na impulsão. Mas ele produz sempre trabalho — *um esforço*. A energia

N. R. — Continuação do artigo publicado na pág. 27 da Revista anterior.

Revista da Cavalaria

necessária a esse trabalho provém de uma reacção química, de uma verdadeira combustão que se dá no músculo: *o oxigénio proveniente da respiração e levado pelo sangue queima uma substância muito combustível contida nos músculos, o glicogénio*. Esta combustão fornece energia química a qual é transformada em energia dinâmica.

Chauveau demonstrou experimentalmente que um músculo em trabalho consome três ou quatro vezes mais oxigénio que em repouso.

Por outro lado está provado que a glucose é o alimento imediato e exclusivo das combustões intramusculares e a origem da força que elas produzem. A glucose acumula-se, como vimos quando tratámos da alimentação, nos músculos durante o repouso sob a forma de glicogénio. Este combustível do motor animal provém dos alimentos e é formado no fígado.

Pode, no entanto, acontecer que por causa de um trabalho intenso prolongado, ou por efeito de uma alimentação deficiente, o glicogénio se esgote.

É então que as gorduras do organismo se transformam em glucose para acudir às necessidades musculares.

Enfim, se o trabalho continua exagerado em intensidade e duração, chega um momento em que a energia química fornecida pela combustão do glicogénio e das gorduras é insuficiente para produzir todo o esforço necessário; o músculo passa a queimar a sua própria substância, as matérias albuminoides ou azotadas de que é formado.

Vimos que a contracção muscular, *o esforço*, nasce de uma combustão; ora o movimento não é mais que uma sucessão de contracções musculares. Mas a repetição das contracções determina uma diminuição na potência e amplitude das mesmas.

Esta diminuição tem duas causas principais que vamos examinar: *esgotamento nervoso, e um envenenamento do músculo*.

Podemos comparar o sistema nervoso a um acumulador que se descarrega pouco a pouco a cada excitação que envia aos músculos. O fluxo nervoso cada vez mais reduzido, só consegue contracções cada vez mais fracas. Por outro lado, a capacidade de contracção do músculo diminui, o que exige excitações nervosas cada vez mais violentas, para o impressionar. Foi assim que um fisiologista italiano, Mosso, demonstrou experimentalmente que o esforço da vontade aumenta com a fadiga. Compreende-se facilmente que o máximo de efeito mecânico só se pode obter à custa de excitações motrizes tanto mais intensas, quanto mais imperfeitos forem os agentes de execução, e, portanto, à custa de um esforço cerebral maior.

Revista da Cavalaria

É de notar que a amplitude da contracção muscular não é ilimitada: aumenta bastante com a intensidade de excitação nervosa, mas não pode ultrapassar um determinado máximo. É este máximo que se procura atingir com o treino. A outra causa da fadiga, isto é, da diminuição do poder de contracção dos músculos, é de origem química. A combustão incessante e mais ou menos intensa causada por contracções repetidas deixa resíduos de que os músculos se libertam lançando-os na corrente circulatória. Estes resíduos são levados pelo sangue aos órgãos depuradores. Os gasosos, principalmente anidrido carbónico, são eliminados pelos pulmões; os outros, ácidos láctico e paraláctico, ureia, ácido úrico, etc., são eliminados pelos rins e pela pele. Se os órgãos depuradores não funcionarem com a rapidez necessária estes produtos ficam no sangue e nos músculos; estes últimos enchem-se, assim, de substâncias *fatigantes*, com propriedades tóxicas e que se denominam genericamente por *toxinas*. Podemos facilmente verificar a existência destes venenos musculares e da sua acção nefasta sobre a contractilidade. Para isso basta recolher sangue de um cão esgotado por um trabalho excessivo e injectá-lo num outro em descanso. Este último apresenta rapidamente os sintomas de fadiga, e os seus músculos não poderão contrair-se. O calor exagerado diminui também a contractilidade dos músculos, coagulando a sua substância; os músculos contraem-se e depois não se podem relaxar. É o que acontece nos organismos *surmenés*, nos animais forçados, cuja temperatura interna ultrapassa frequentemente 42°.

Tais são os fenómenos íntimos, as reacções químicas e biológicas que se produzem ao nível dos músculos e que são a causa do esforço. Analisemos a repercussão destes fenómenos químicos e mecânicos sobre todo o organismo.

Quando um cavalo está em movimento, marcha, trote, galopa ou salta, todos os seus músculos funcionam, contraem-se e distendem-se alternadamente; consomem por consequência uma quantidade de combustível tanto maior quanto maior for o esforço a produzir, isto é, quanto maior for a massa a deslocar e a velocidade com que se desloca. O trabalho exige, pois, uma maior quantidade de matérias nutritivas, uma alimentação mais abundante, uma elaboração e uma assimilação mais perfeitas. Por isso o trabalho aumenta o apetite e melhora o *estado* do cavalo.

O oxigénio necessário à combustão do glicogénio é fornecido pela respiração, e é, ainda, a respiração que expulsa para o exterior o anidrido carbónico produzido pela combustão. A quantidade de oxigénio

Revista da Cavalaria

gasto e o anidrido carbónico produzido aumenta com a grandeza do esforço exercido. A respiração accelera-se tanto mais quanto mais pesada for a massa a deslocar e maior a velocidade de deslocamento.

E o sangue, que é o intermediário obrigatório destas trocas, deverá não só levar mais rapidamente o oxigénio, como eliminar mais depressa o anidrido carbónico, e os resíduos mais numerosos formados por uma combustão mais activa. Como consequência, o coração é obrigado a bater mais rapidamente.

Os órgãos eliminadores, rins e pele, devem expulsar as toxinas mais abundantes.

O calor libertado por esta combustão interior, que tem a sua sede em todo o sistema muscular é transmitido pelo sangue a toda a parte e tende a elevar a temperatura interna do organismo. Quanto mais activa for a combustão, maior quantidade de calor é produzida e mais a temperatura sobe. Outra causa da elevação da temperatura é a acção exercida sobre os *centros térmicos* do cérebro, reguladores da temperatura interna, pelas toxinas formadas nos músculos e levadas pelo sangue a todos os órgãos.

Mas o organismo defende-se e procura perder a maior parte do calor formado, dilatando os numerosos vasos da pele, que se vascularizam consideravelmente, formando um vasto radiador por onde se escapa uma parte considerável deste calor. Por outro lado a corrente sanguínea nos pulmões accelera-se, os movimentos respiratórios precipitam-se mais, pois o contacto do sangue com o ar puro não serve só para as trocas gasosas de que falámos acima, mas tende também, a estabelecer um equilíbrio térmico entre o ar e o sangue, baixando a temperatura deste e, portanto, de todo o organismo.

Torna-se assim, evidente a relação que existe entre estes sintomas exteriores originados pelo trabalho — aceleração das grandes funções, sudação, fadiga — e os fenómenos íntimos, escondidos e discretos que se efectua na profundidade dos músculos e produzem o *esforço*. Cada um destes fenómenos orgânicos é solidário dos outros; qualquer perturbação no funcionamento de um sistema ou de um órgão, repercute-se sobre o conjunto das outras funções e causa um retardamento do motor.

Tomemos um cavalo que há muito tempo esteja em repouso e façamo-lo correr dois mil metros. O cavalo parte como uma bala, num galope que parece fácil e rápido; passadas umas centenas de metros abranda pouco a pouco o seu andamento, fazendo grandes esforços para manter a velocidade, até que aos mil ou mil e duzentos metros, pára completamente *sufocado* e alagado em suor. O que acima dissemos

Revista da Cavalaria

permite compreender facilmente as perturbações profundas do conjunto das funções causadas por este galope intempestivo.

No princípio da acção, as excitações nervosas que comandam a contracção foram numerosas e precipitadas; determinaram uma combustão rápida do glicogénio em reserva nos músculos e, sobretudo, das gorduras acumuladas em longo período de repouso.

Esta combustão exige uma quantidade considerável de oxigénio; a respiração e a circulação aceleraram-se para fazer face às novas necessidades; os seus movimentos precipitaram-se, tornando-se cada vez mais rápidos, mas menos profundos; os agentes que os accionam não têm força, os pulmões dilatam-se mal, ao coração falta poder; os movimentos respiratórios tentam suprir a falta de amplitude pela rapidez, mas chega um momento em que o oxigénio já não é suficiente para fazer face a uma combustão tão violenta; então esta extingue-se pouco a pouco e o cavalo abranda.

Por outro lado, o anidrido carbónico não é completamente expellido do organismo, e ficando no sangue, contribui para a imperfeição da combustão intramuscular, e intoxica a célula viva.

Tal como o anidrido carbónico, os outros produtos da combustão não sendo inteiramente eliminados, fatigam os músculos, tornando-os menos contrácteis, fatigam o coração — que é também um músculo — retardando os seus movimentos e diminuindo por isso as trocas.

Envenenam todo o organismo e pelo seu efeito tóxico sobre o cérebro, provocam uma elevação mórbida da temperatura. Esta elevação da temperatura interna provocada por envenenamento (causa mórbida) e por combustão exagerada (causa natural), torna a contracção muscular ainda mais lenta e difícil, por meio da sua acção sobre a própria substância do músculo.

Neste organismo angustiado, causas múltiplas acabam por determinar a abolição da contractilidade muscular e impõem a paragem do cavalo. Se, ao contrário, em lugar de fazer correr o cavalo em causa, o levarmos num andamento menos violento, as funções aceleram-se, evidentemente, mas chegam para as necessidades de uma combustão intermuscular pouco intensa, e, pouco depois da paragem do cavalo, retomam facilmente o seu ritmo normal. A temperatura interna aumenta por causa do aumento da combustão, mas não é influenciada por produtos tóxicos, que, eliminados à medida que se vão formando, não chegam a exercer acção sobre os centros térmicos.

Revista da Cavalaria

O aforismo: *o cavalo trota com as pernas e galopa com os pulmões*, está provado na prática desportiva.

— *Ginástica funcional do aparelho circulatório.* A circulação, a respiração e a digestão formam a trilogia funcional preparatória da nutrição propriamente dita, dependem umas das outras e têm por fim comum fornecer a todas as partes do organismo as matérias necessárias ao seu desenvolvimento, manutenção, e trabalho.

Comparável a uma máquina, o organismo tem necessidade, para se manter em equilíbrio, de queimar, como carvão, produtos que foi buscar à alimentação. Esta combustão necessita, como todas, da presença de oxigénio, e, também como todas, deixa resíduos. É precisamente à circulação que compete o duplo papel de transportar ao local da combustão as matérias elaboradas pela digestão e o oxigénio fornecido pela respiração, e de retirar em seguida os resíduos e levá-los aos órgãos de eliminação, como quem limpa de cinzas a fornalha de uma máquina.

Estes transportes fazem-se por meio do sangue em movimento contínuo no aparelho circulatório.

O trabalho provoca, pois, uma aceleração da corrente sanguínea, que se traduz num aumento do número e energia dos batimentos cardíacos e por modificações na pressão sanguínea. Estas alterações têm por fim satisfazer o aumento de matérias nutritivas necessário aos músculos que trabalham. Os transportes citados são regulados pelos centros nervosos vaso-motores proporcionalmente ao grau da actividade muscular.

O aumento da corrente sanguínea não se verifica só nos músculos, mas pouco a pouco estende-se a toda a circulação; assim, a circulação pulmonar é activada, o sangue leva com mais abundância o oxigénio necessário às combustões e retira em maior escala o ácido carbónico, principal produto da desassimilação.

Quando o limite fisiológico é ultrapassado — *surmenage* — o coração, verdadeiro músculo, fatiga-se, podendo-se afirmar que o treino cardíaco é o mais importante de todos.

Os cavalos *rebetam* do coração tão facilmente como dos tendões. A prática desportiva não deixa dúvidas a este respeito. A maior parte dos cavalos retirados do treino foram-no por lesões cardíacas.

Controlar frequentemente a integridade cardíaca durante as várias fases do treino, é uma necessidade imperiosa. Praticamente um *cavalo*

Revista da Cavalaria

de dois anos que apresente batimentos anormais do coração, depois de um repouso de vinte minutos em seguida a um galope de 800 metros, precisa de ter o seu trabalho diminuído, pois está à beira de uma lesão cardíaca.

— *Ginástica funcional do aparelho excretor.* Depois de serem incorporados nos elementos celulares, os produtos assimilados são sujeitos ao trabalho funcional dos órgãos e dão origem a resíduos que são eliminados pelo sangue e expelidos do organismo pela excreção. Tal como a assimilação, a desassimilação é contínua, visto que a actividade do organismo não pára nunca.

Os alimentos trenários são queimados sob a forma de glicogénio e dão como resíduos o anidrido carbónico e a água; os albuminoides produzem a ureia e o ácido úrico.

A excreção das substâncias impróprias à vida faz-se pelos pulmões, rins e pele.

O sangue abandona no aparelho respiratório, o anidrido carbónico e o vapor de água; os rins eliminam pela urina os sais minerais, a ureia e o ácido úrico; resíduos da oxidação dos albuminoides orgânicos e ainda princípios tóxicos pouco conhecidos; a pele, por meio do suor elimina os produtos voláteis e um pouco de ureia. Como consequência da sobrecarga imposta, durante o trabalho, às oxidações intra-orgânicas, forma-se uma maior quantidade de resíduos a eliminar (ácido láctico, ureia, creatina, creatina, xantina, etc.).

A necessidade de eliminar os produtos abundantes da desnutrição explica o excesso de actividade que é imposto a certas secreções durante ou depois do trabalho. É sobretudo no período a seguir ao trabalho que os produtos azotados e outros são eliminados pela urina.

Mas já durante o exercício, a transpiração que se torna mais abundante, concorreu para a eliminação de princípios de que o organismo se deve desembaraçar. Se o trabalho de treino produz resíduos em maior quantidade, por compensação activa a sua eliminação; a corrente circulatória mais intensa actua sobre os resíduos da desassimilação e produz, se a integridade renal se mantém, uma verdadeira drenagem do organismo.

O excesso de trabalho imposto aos diversos órgãos excretores (pulmões, rins, pele) durante o período activo do treino tem por fim evitar a intoxicação do organismo pelos produtos da desassimilação, causa da *fadiga* e do *surmenage*. Limpar automaticamente a máquina que acaba

Revista da Cavalaria

de fazer um esforço, é o importante papel que cabe à ginástica do aparelho excretor.

— *Ginástica funcional do sistema muscular.* Os músculos são órgãos contrácteis que servem para a execução dos movimentos parciais ou gerais, voluntários ou involuntários. Compõem-se de células mais ou menos modificadas na sua forma, geralmente alongadas ou fibras tendo por característica a contractilidade.

No estado de repouso o músculo alimenta-se, respira; a sua composição química varia necessariamente. A sua respiração muito activa consiste numa absorção de oxigénio com eliminação de ácido carbónico. Em estado de contracção a circulação é activada, o músculo recebe mais oxigénio, os seus vasos são dilatados, a exalação de anidrido carbónico aumenta, as combustões intra-musculares crescem. Os fenómenos químicos que têm lugar no músculo que se contrai dão lugar a um desprendimento de forças que se traduzem na produção de trabalho e calor.

Há vários agentes (mecânicos, físicos, químicos) capazes de provocar a contracção muscular, mas há apenas um agente fisiológico — único que actua normalmente — capaz de excitar os músculos e ele é o nervo motor. O trabalho desenvolve a força e o volume dos músculos.

É evidente que é sobre o sistema muscular que o trabalho exerce a mais profunda acção. As fibras desenvolvem-se e multiplicam-se; os músculos aumentam de volume e desembaraçam-se de substâncias que entravam a sua acção, a gordura em particular; eles tornam-se maiores, mais duros, mais secos e mais aparentes, isto é, com maior relevo. Os que estão ligados aos movimentos respiratórios tomam também um maior desenvolvimento, e ao próprio coração, que é também um músculo, acontece o mesmo.

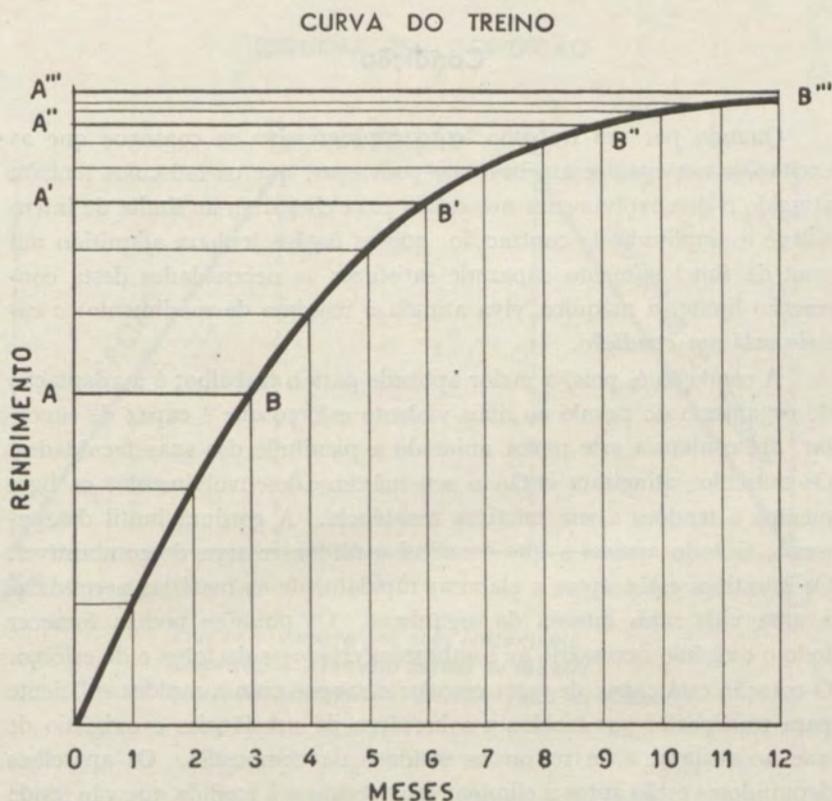
A ginástica funcional do sistema muscular tem por fim: aumentar a intensidade da contracção muscular, reduzir ao mínimo os resíduos da combustão intra-muscular e retardar o aparecimento da fadiga.

De tudo que deixamos dito é bom fixar que um exercício prolongado é sempre acompanhado de um dispêndio alimentar e nervoso, de uma velocidade maior da circulação (ritmo das pulsações elevado até 90 ou 100 por minuto), de uma aceleração da respiração (pode chegar ao triplo do seu valor normal), de uma elevação de temperatura (pode subir a 42°) e de um funcionamento mais considerável dos órgãos excretores, principalmente rins e glândulas suporíferas.

Revista da Cavalaria

Curva do treino

A qualidade, o valor que um cavalo adquire pelo exercício do treino é progressivo; mas atinge, ao fim de um certo tempo, um máximo que só muito lenta e dificilmente pode ser ultrapassado. Se marcarmos



no eixo dos xx os meses consagrados ao treino e no dos yy os progressos feitos, veremos que o treino se pode definir por uma curva, e que essa curva é uma parábola.

Verificaremos desta maneira que durante os três primeiros meses os progressos são rápidos; nos três meses seguintes eles são mais moderados mas ainda apreciáveis; mas passado este tempo não há quase

Revista da Cavalaria

progressão. Nos seis meses ou um ano que se seguem apenas se fará ganhar ao cavalo um pouco mais de qualidade.

Anotemos desde já que é absolutamente necessário evitar a todo o custo o excesso de treino — *surmenage* — pois tem consequências graves. Quando o sistema muscular foi desenvolvido em excesso pelo treino, o sistema nervoso, em vez de se reforçar, debilita-se. O treino, como todas as funções fisiológicas, tem um limite que não deve ser ultrapassado.

Condição

Quando por um trabalho lento e progressivo se consegue que as excitações nervosas sejam bastante poderosas, que os músculos tenham atingido o desenvolvimento necessário para chegarem ao limite de intensidade e amplitude da contracção, que os órgãos tenham adquirido um grau de funcionamento capaz de satisfazer as necessidades desta contracção limite, a máquina viva atingiu o máximo de rendimento: *o cavalo está em condição*.

A condição é, pois, a maior aptitude para o trabalho; é a adaptação do organismo do cavalo ao mais violento esforço que é capaz de suportar; ela confere a este motor animado a plenitude das suas faculdades. Os músculos atingiram então o seu máximo desenvolvimento, os ligamentos e tendões a sua máxima resistência. A gordura inútil desapareceu, ficando apenas a que constitui a última reserva de combustível. Os intestinos estão aptos a elaborar rapidamente as matérias necessárias a uma vida mais intensa do organismo. Os pulmões podem fornecer todo o oxigénio necessário às combustões criadoras da força e do esforço. O coração está capaz de fazer circular o sangue com a rapidez suficiente para transportar aos tecidos a sobrecarga de substâncias e oxigénio de que necessitam, e de retirar os resíduos da combustão. Os aparelhos depuradores estão aptos a eliminar estes resíduos à medida que vão sendo produzidos, para que não possam envenenar o organismo. Numa palavra, todas as funções orientadas no mesmo sentido, a produção do esforço, atingiram o limite das suas aptidões. E regendo este maravilhoso motor orgânico encontra-se o sistema nervoso — levado também ao supremo limite das suas faculdades. Rápidas e precisas as excitações nervosas chegam aos músculos e comandam a impulsão. Este sistema liga todas as funções entre si e, verdadeiro telégrafo orgânico, transmite imediatamente às outras os pedidos, as necessidades de uma delas;

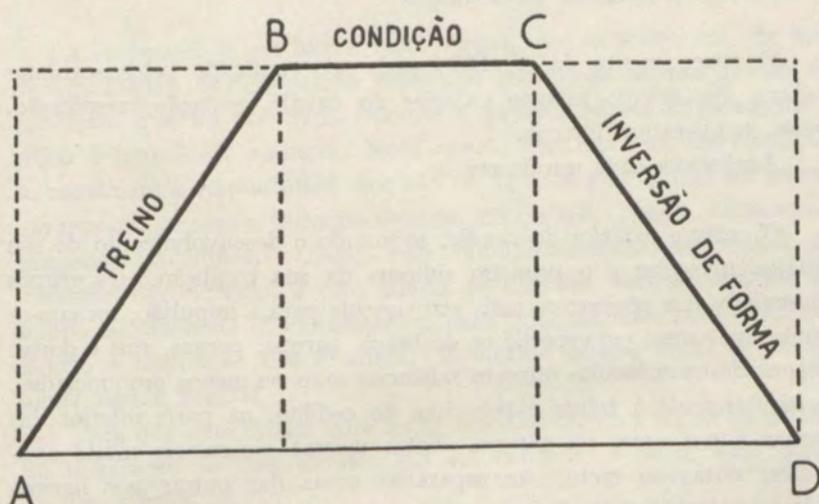
Revista da Cavalaria

harmoniza, comanda e regula todas as engrenagens do motor animal. Eis o cavalo em condição.

Debaixo do ponto de vista desportivo pergunta-se muitas vezes se a condição pode sobrepor-se à classe.

Comparando a classe com a condição, diríamos que a primeira é função da hereditariedade e a segunda do treino; a classe é um dom

ESQUEMA DA CONDIÇÃO



Treino — Rampa que sobe lentamente
Condição — Planalto difícil de manter
Inversão de forma — Declive fácil de descer

legado cujos efeitos são permanentes; a condição é uma qualidade adquirida, de duração variável.

Desportivamente a falta de condição pode ser atenuada, dentro de certos limites, pela classe, mas a condição não pode nunca dar classe a cavalos que não a possuem.

Fisiologicamente, a condição caracterizada pela super-actividade funcional do sistema neuro-muscular, tem que ser temporária, e ao

Revista da Cavalaria

fim de um tempo variável com o indivíduo e outros factores contingentes (higiene, alimentação, excesso de trabalho, etc.), tem fatalmente que desaparecer. Um cavalo seja qual for a sua resistência orgânica e o seu potencial energético, não pode correr permanentemente.

A condição, tão trabalhosa de conseguir, é difícil de manter, pela dificuldade de encontrar a quantidade de trabalho necessária à sua conservação. Se o trabalho for demasiado caímos no *surmenage*, se for insuficiente entramos no *declínio da condição*. Eis, portanto, dois escolhos a evitar durante o treino.

Índices fisiológicos da condição

O aparecimento da condição pode ser verificado pelos seguintes índices fisiológicos: aspecto exterior do cavalo, sudação, respiração, pulso, temperatura interna.

Analisemos cada um de per si:

O aspecto exterior do cavalo, sobretudo o desenvolvimento do seu sistema muscular é o primeiro sintoma da sua condição. Os grupos musculares que concorrem mais activamente para a impulsão, tornam-se muito aparentes, em especial os do braço, garupa, pernas, rins e dorso. Alguns destes músculos formam saliências mais ou menos pronunciadas, particularmente à frente e por cima do codilho, na parte inferior das pernas e por vezes na garupa. Estas massas musculares muito aparentes, duras ao tacto, são separadas umas das outras por ligeiros sulcos, visíveis sobretudo no pescoço e membros.

O volume do ventre está consideravelmente reduzido, pela retracção dos órgãos digestivos e pelo desaparecimento da gordura. A pele é leve, móvel, pouco espessa e coberta por um pelo fino e brilhante. O cavalo no seu conjunto está consideravelmente aligeirado. No entanto este índice, baseado no aspecto exterior, não é seguro na apreciação da condição. Indica, porém, com segurança, que o cavalo está em trabalho.

A sudação analisada debaixo do ponto de vista da quantidade depende tanto de agentes exteriores e da excitabilidade e nervosismo do cavalo que se torna também um índice pouco seguro. Embora se pense que a ausência de suor depois de um esforço violento, depois de um galope curto mas rápido indique o aparecimento da condição, para outras pessoas, como por exemplo W. Day, célebre treinador inglês,

Revista da Cavalaria

a sudação abundante não é um mau sintoma, pelo contrário a abundância da sudação explica o funcionamento perfeito da pele; a eliminação pronta dos resíduos das combustões intra-musculares; e uma maneira de contrabalançar a elevação da temperatura interna, por meio da evaporação. A natureza do suor é índice mais seguro. Enquanto que o suor de um cavalo que não está em condição se apresenta espesso, quase viscoso, o de um cavalo em condição é claro, límpido, e muito pouco salgado.

Outro factor a considerar na sudação é o tempo que o cavalo leva a secar depois do esforço. Claro que o cavalo em condição seca muito mais rapidamente do que aquele que não estiver em condição.

A respiração é um índice mais seguro, que os anteriores, da condição. Depois de um galope rápido, a respiração de um cavalo em condição, que foi acelerada durante o galope, retoma rapidamente o ritmo e frequência normais. Num cavalo que não está em condição, os movimentos respiratórios, que são de 15 a 18 por minuto no animal em repouso, aceleram-se muito durante um trabalho rápido, tornando-se pequenos, sacudidos; o flanco bate tumultuosamente, as narinas são dilatadas em extremo, e este estado de dispneia persiste durante um tempo considerável; frequentemente meia hora ou uma hora depois do galope a respiração não é calma. E vinte e quatro horas depois ela ainda não é normal.

Para que salte mais à vista o que fica dito damos a seguir os gráficos da respiração de dois cavalos um em condição e outro não, depois de uma corrida.

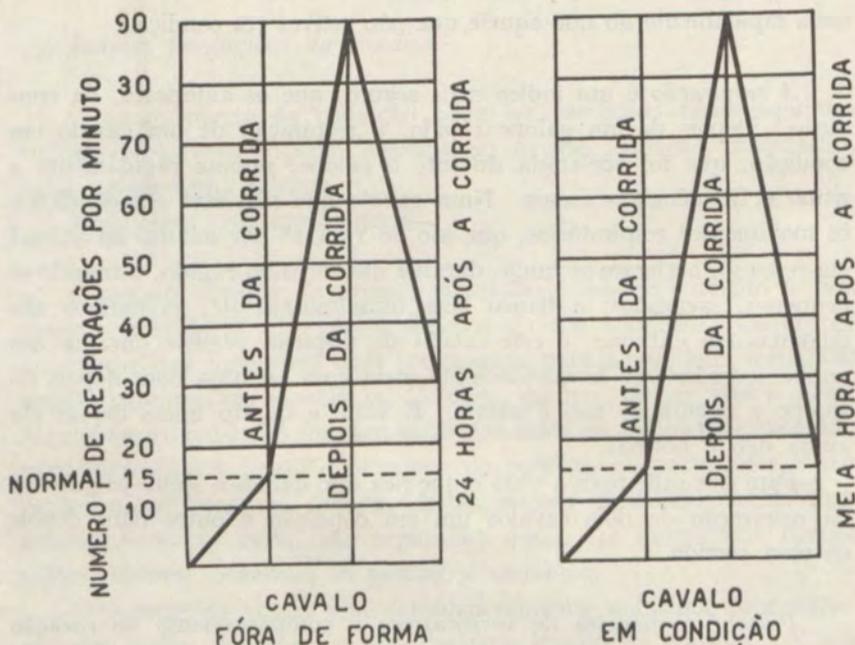
Pulso é a maneira de verificarmos o comportamento do coração como índice da condição. O pulso sofre modificações análogas às da respiração; assim, o número de pulsações que no cavalo em repouso é normalmente de 38 a 40 por minuto, sobe no cavalo em condição a 60 por minuto durante o galope rápido, para voltar à amplitude e frequência normais alguns minutos depois da corrida. No entanto, é de notar que o coração bate forte e acelerado ainda alguns minutos depois da respiração ter tomado o ritmo normal. Se o cavalo não estiver em condição as pulsações podem atingir a cadência de 80 a 110 por minuto.

Temperatura interna é sem dúvida o índice mais seguro da condição. Vimos, quando tratámos da fisiologia do trabalho, que a elevação

Revista da Cavalaria

da temperatura interna era devida a duas causas: o calor produzido por uma combustão mais activa, por um lado; a intoxicação dos centros térmicos do cérebro pelos resíduos da combustão incompletamente eliminados, por outro. A primeira causa verifica-se sempre, e poderemos considerá-la constante. Só a segunda causa é variável, e deve indicar a medida da condição, porque a elevação mórbida da temperatura resul-

GRÁFICOS DA RESPIRAÇÃO



tante da insuficiência das trocas, e sobretudo da eliminação incompleta dos resíduos da combustão, será tanto menor quanto mais perfeita for a maneira como as trocas e a eliminação dos resíduos for feita, isto é, será tanto menor quanto mais se aproxime o cavalo da condição. E portanto: a temperatura interna de um cavalo em trabalho, depois de um esforço violento, subirá tanto menos quanto melhor for a sua condição.

Gobert e Cagny tiraram regularmente, durante três meses, a temperatura a vários cavalos em diferentes graus de condição, e os resultados observados confirmaram completamente o que deixamos dito.

Revista da Cavalaria

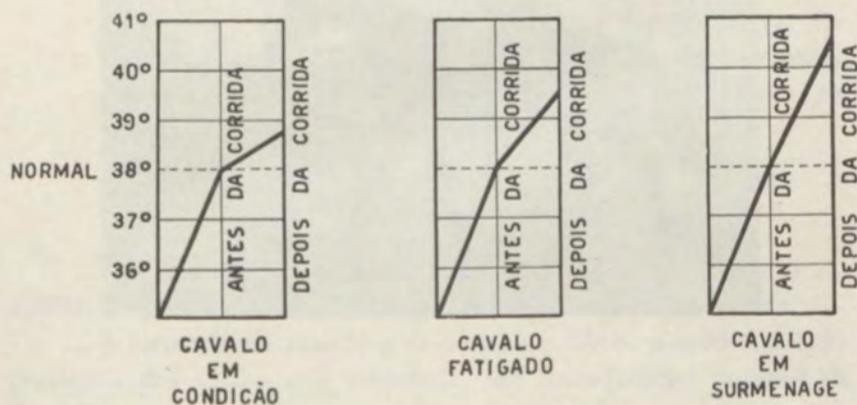
No começo das experiências foram os cavalos em melhor condição que apresentaram uma menor elevação de temperatura depois do galope.

Em todos os cavalos a elevação da temperatura determinada pelo esforço, baixou progressiva, mas muito lentamente, à medida que os cavalos iam estando mais treinados, e portanto à medida que a sua condição ia melhorando.

Não se pode indicar a elevação mínima da temperatura que corresponda ao máximo de condição, porque é variável de cavalo para cavalo variando também com a distância percorrida e com o peso; no entanto, das experiências acima referidas, pode-se concluir que depois de um esforço violento — 1.200 metros puxados de ponta a ponta, por exemplo — a temperatura de um cavalo em condição não deve ir além de 38°,8.

Damos a seguir os gráficos das temperaturas, depois de uma corrida de um cavalo em condição, outro que terminou fatigado (falta de treino), e ainda outro em *surmenage* agudo (excesso de treino).

GRÁFICOS DA TEMPERATURA

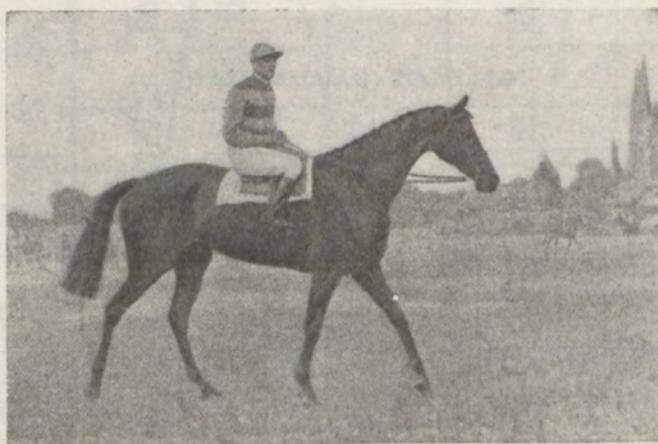


O que importa considerar, não é esta temperatura limite, mas a sucessão de temperaturas tomadas ao cavalo durante o treino, isto é, a sua curva de temperatura. Esta curva descera enquanto o cavalo não atingir o melhor da sua condição. Portanto, o máximo de condição de cada cavalo será dado pela constância da temperatura tirada depois de

Revista da Cavalaria

vários galopes severos, sobre a mesma distância. Se a distância for aumentada haverá uma ligeira subida de temperatura provocada pelo aumento do esforço.

A curva da temperatura sendo o reflexo, a imagem das modificações funcionais impostas pelo esforço, permite-nos acompanhar os progressos feitos pelos cavalos durante o treino e determinar para cada um o seu máximo de condição. Se depois de se conseguir a constância da temperatura, ela volta a subir com o mesmo trabalho, é seguro que o cavalo entra em *surmenage*.



DOCTRINAS EQUESTRES

NORMAS, REGRAS E PRINCÍPIOS

Da Direcção da Instrução da E. M. Eq.

As normas, regras e princípios que se seguem, pretendem completar e precisar outros princípios, consagrados como clássicos, e acompanhar a evolução da ciência e arte equestres nos seus novos conceitos e ideais. Destinados a constituir o corpo de uma doutrina que possa servir de base à instrução e ao aperfeiçoamento da equitação, eles devem ser periódicamente melhorados, completados e aumentados, no sentido de fazer ressaltar, como sucede presentemente, aqueles que, de momento, parecem ter maior actualidade.

*

— A colocação em sela é a base da educação do cavaleiro. A flexibilidade dos músculos e articulações, a base da colocação em sela.

— A correcção da posição a cavalo, o equilíbrio, a solidez, a independência das ajudas e o à-vontade, são consequências naturais da flexibilidade.

— A colocação em sela é tanto mais perfeita quanto mais à frente estiver o assento. A fixação do joelho tende a colocar o assento atrás.

— O joelho desempenha duas funções. Deve estar suficientemente livre para poder desempenhar o seu papel de ângulo articular no desenvolvimento da flexibilidade, e deve manter-se unido ao selim por forma a contribuir para a aderência necessária à solidez do cavaleiro.

Revista da Cavalaria

— Teòricamente, a solidez do cavaleiro baseia-se numa maior aderência da parte plana da coxa e da face interna da barriga da perna, o que facilita o jogo da articulação do joelho. Praticamente, sempre que houver necessidade de libertar a perna do joelho para baixo (acção impulsiva das pernas) a solidez obtém-se, naturalmente e momentaneamente, pelo prolongamento, até ao joelho, de uma maior aderência da parte interna da coxa.

— O jogo do joelho está directamente relacionado com a flexão perna-coxa e com a aderência da barriga da perna ao ventre do cavalo, aderência dependente, por sua vez, da abertura do bico do pé e da descida do calcanhar. A união do joelho ao selim está especialmente relacionada com a abertura do bico do pé e com a inclinação da sola da bota para fora. Além de um ângulo superior a 45°, do pé com o eixo do cavalo, é impraticável a união do joelho ao selim.

— Os exercícios de flexibilidade que numa 2.^a fase têm por fim o *aperfeiçoamento* do cavaleiro, devem ser escolhidos, essencialmente, na base de exercícios correctivos.

— A monte «à frente» é consequência da equitação de campo e de obstáculos. A flexibilidade nesta monte obtém-se depois de adquirida a flexibilidade na monte normal.

— A estabilidade elástica da monte «à frente» depende do jogo harmónico de todas as articulações. A desarmonia na flexibilidade origina o regresso à contracção.

— A monte «à frente» é mais fechada ou mais aberta conforme é maior ou menor a velocidade do galope ou a reacção originada pelo salto.

*

— O ensino do cavalo tem por fim o aperfeiçoamento dos seus andamentos naturais. Obtém-se, como na educação do cavaleiro, por meio de uma ginástica racional baseada na flexibilidade dos músculos e articulações.

— O sucesso do ensino depende do acordo com que se empregam as ajudas. O acordo das ajudas baseia-se no princípio, «mãos sem pernas, pernas sem mãos». Assim, quando a mão actua, a perna cede ou resiste, conforme o grau de ensino em que o cavalo se encontra, e vice-versa. Resta saber distinguir, com propósito, quando deve a mão actuar resistindo as pernas, ou as pernas actuar resistindo a mão.

— A ginástica, para ser racional, tem que estar condicionada a um certo número de princípios que permitem graduar e comandar a sua

Revista da Cavalaria

execução, com ordem e método, marcando, por assim dizer, as etapas principais do caminho a percorrer. A primeira etapa consiste em pôr o cavalo sobre a mão.

— O cavalo sobre a mão é o cavalo impulsionado que procura e mantém o contacto com a mão. Para estar impulsionado tem o cavalo que estar adiante das pernas, isto é, franco no movimento para diante, primeiro grau da impulsão.

— O contacto franco com a mão é consequência da impulsão que resulta da distensão regular dos membros posteriores. Uma das formas de desenvolver este poder de distensão é aproveitar as subidas longas e pouco inclinadas para os alargamentos de trote.

— A impulsão tem a sua origem no post-mão. É o domínio do post-mão que permite regular e explorar as forças impulsivas do cavalo.

— O domínio elementar do post-mão obtém-se pelo trabalho de sujeição à acção da perna isolada. Como trabalho elementar essencial, constitui um dos primeiros exercícios do ensino elementar.

— O trabalho de sujeição à acção da perna isolada deve preceder o trabalho de sujeição à acção da rédea contrária, pela necessidade frequente de ter que predispor a garupa, pela acção de posição da perna do lado oposto, a aceitar essa rédea.

— O cavalo direito é o cavalo simétrico em relação ao seu eixo longitudinal, nos seus andamentos e nos seus movimentos.

O cavalo está direito sempre que o cavaleiro sente nas duas rédeas um contacto igual.

— A melhor maneira de endireitar um cavalo é obrigá-lo a marchar direito sobre o círculo, isto é, correctamente adaptado ao cálculo. A incurvação imposta pelo círculo impede-lhe que utilize o agarrotamento como forma de defesa.

— O cavalo na mão é o cavalo sobre a mão colocado e ligeiro. O cavalo cai naturalmente na mão quando toda a sua massa trabalha em descontração.

— Esta descontração reflecte-se na flexibilidade do contacto da mão com a boca do cavalo. A verdadeira ligeireza é, pois, consequência da flexibilidade geral do cavalo.

— A sensação do cavalo na mão é igualmente notada pelas impressões do «assento». Esta impressão constitui um plano de prova natural contra a falsa ligeireza.

— A colocação é a verticalidade da cabeça na atitude suspensa e elástica da extremidade do ante-mão, tanto mais próxima da vertical quanto mais adiantado é o grau de ensino do cavalo. O desenvolvimento

Revista da Cavalaria

dos músculos da base do pescoço permite e consolida a suspensão e a elasticidade da atitude.

— Um dos exercícios ginásticos que mais contribui para o desenvolvimento dos músculos da base do pescoço, é o trabalho em círculo em descida de pescoço. A descida de pescoço é uma extensão do pescoço em descida de mão.

— O cavalo ginastica-se no sentido lateral e no sentido longitudinal. Em qualquer dos sentidos, o garrote deve constituir o elemento de ligação entre o ante-mão e o post-mão, isto é, o traço de união entre a mão e a perna, indispensável ao perfeito acordo das ajudas.

— A contracção dos músculos abdominais arrasta a contracção dos músculos elevadores da base do pescoço, seus congêneres, que impedem o agarrotamento e permitem que as acções de mão se transmitam ao post-mão. Assim, as acções de mão devem ser precedidas, normalmente, por acções de perna.

— No trabalho ginástico lateral, não deve a incurvação pedida apresentar solução de continuidade nem exceder o limite além do qual a impulsão se não pode exercer no sentido do próprio eixo do cavalo. A incurvação, maior ou menor, deve ser sempre regular e harmónica.

— Os exercícios ginásticos valem pela maneira como são executados. Porque o cavalo procura, normalmente, subtrair-se, de uma forma ou doutra, ao exercício pedido, o cavaleiro terá que lançar mão de todas as suas ajudas para o obrigar a manter a posição, a incurvação e a atitude que caracterizam o exercício. Assim, as ajudas indicadas para executar um determinado exercício, que são as que naturalmente o comandam quando o cavalo trabalha sem resistência, devem ser tomadas unicamente como ajudas basilares.

— A ligeireza é, como foi dito, consequência da flexibilidade, mas uma vez obtida uma dada flexibilidade, é de aconselhar, como preconiza o General Dercapentry, a recíproca de Baucher.

— A recíproca de Baucher baseia-se no princípio de que se a descontração da maxila é consequência da flexibilidade, uma vez obtida previamente a descontração da maxila, predispõe-se o cavalo a descontrair todos os outros músculos e articulações.

— A flexibilidade do ante-mão deve estar em harmonia com a flexibilidade do post-mão. As flexões da maxila, quando necessárias, devem estar condicionadas a este princípio e não ser pedidas prematuramente.

— A rotação inversa do tipo espádua adentro, pode considerar-se como o último exercício da série que trabalha a flexibilidade geral do

Revista da Cavalaria

cavalo e como o primeiro que justifica, quando bem executado, a aplicação da recíproca de Baucher.

— O cavalo bem equilibrado é o cavalo que passa facilmente de um equilíbrio em bases longas a um equilíbrio em bases curtas e vice-versa. Função do jogo das articulações da coluna vertebral e dos posteriores, o equilíbrio é, em última análise, consequência lógica da flexibilidade.

— A entrada dos posteriores está principalmente ligada ao jogo do ângulo coxo-femural. A atitude que mais favorece o jogo deste ângulo é a atitude horizontal.

— A atitude horizontal — colocação baixa e longe — origina um equilíbrio horizontal. O equilíbrio horizontal é o primeiro equilíbrio a obter.

— O equilíbrio sobre o post-mão exige uma colocação mais alta. Esta, para ser perfeita, deve ser consequência do abaixamento da garupa.

— O abaixamento da garupa, deriva de uma maior flexão dos membros posteriores. Esta flexão começa por desenvolver-se pelo trabalho em bases curtas e bases longas, dentro da atitude que naturalmente a favorece: a atitude horizontal.

— A colocação alta não é imposta por acções de mão. Surge naturalmente, na altura própria, de trás para diante, pelo trabalho executado na base de rotações directas.

— O aperfeiçoamento dos andamentos naturais do cavalo deve conduzir ao desenvolvimento da flexibilidade e da amplitude. A ligeireza, consequência da flexibilidade, constitui o meio mais indicado para obter uma maior amplitude.

— Sendo o ensino o aperfeiçoamento dos andamentos naturais do cavalo, é preferível a flexibilidade sem brilho ao brilho sem flexibilidade (contração).

— A concentração é consequência da mobilidade das ancas no sentido longitudinal. É a flexibilidade em bases curtas.

— A «passage» e o «piaffer» devem ser obtidos em íntima ligação. Por consequência, antes de desenvolver, separadamente, cada um destes ares, há que reduzir a «passage» e progredir no «piaffer».

— A «passage» é um derivado do trote. Como tal, o aperfeiçoamento da «passage» deve seguir, nas suas linhas gerais, a mesma progressão ginástica do trote.

— A equitação académica caracteriza-se pela execução correcta dos movimentos. Devem aperfeiçoar-se os movimentos simples antes de passar aos mais complicados.

Revista da Cavalaria

*

— A equitação de obstáculos segue os mesmos princípios da equitação académica. O aperfeiçoamento dos andamentos é, neste capítulo, o aperfeiçoamento do salto.

— O aperfeiçoamento do salto obtém-se, da mesma forma, por uma ginástica com base na flexibilidade. A flexibilidade do cavalo de obstáculos manifesta-se, no salto, pela forma como ele se serve do pescoço para levantar a frente e ganhar altura e, também, como joga com o rim para passar a garupa e ganhar perfuração.

— O equilíbrio na impulsão, prima sobre a regulação da batida, como a confiança prima sobre o equilíbrio. A intervenção do cavaleiro na regulação da batida está, por isso, condicionada à confiança e ao equilíbrio.

— É preferível, sempre que possível, regular a batida ganhando espaço pelo aumento da amplitude do galope, por uma acção de pernas, do que regulá-la pelo encurtamento do galope, por uma acção de mão, sem esquecer, contudo, que uma última passada de menor amplitude favorece a batida e o estilo do salto.

— As acções de mão tendentes a reduzir a amplitude do galope pressupõem o cavalo em condições de as aceitar. Porque o grau de ensino varia de cavalo para cavalo, nunca as acções de mão destinadas a regular a batida devem ir ao ponto de impedir ou dificultar a distensão elástica do cavalo na execução do salto.

— Os alargamentos de galope tendentes a aumentar a amplitude do andamento, devem ser feitos dentro do equilíbrio. Mantendo a atitude, deve manter-se o equilíbrio.

— A equitação de obstáculos continua a evoluir. Quanto maior for o grau de ensino do cavalo, mais fácil será a adaptação do cavalo aos percursos de obstáculos actuais.

— Como em equitação superior, a equitação de obstáculos tem também o seu ideal: o aperfeiçoamento do salto. Procurar atingi-lo, deve ser a ideia firme de todo o mestre de equitação.

Escola do Cavaleiro Montado

por A. EÇA DE QUEIROZ



2.ª feira
1917
E

1.ª Semana...



2.ª Semana...

N. R. : As gravuras publicadas, gentilmente cedidas pelo Coronel Venâncio Deslandes, são da autoria de António Eça de Queiroz, e representam as doze semanas de instrução do Curso de Oficiais Milicianos de Cavalaria que o autor frequentou em 1917.

Revista da Cavalaria



2.ª Semana
1917

3.ª Semana...



2.ª Semana
1917

4.ª Semana...

Revista da Cavalaria



5.^a Semana...



6.^a Semana...

Revista da Cavalaria



7.^a Semana...

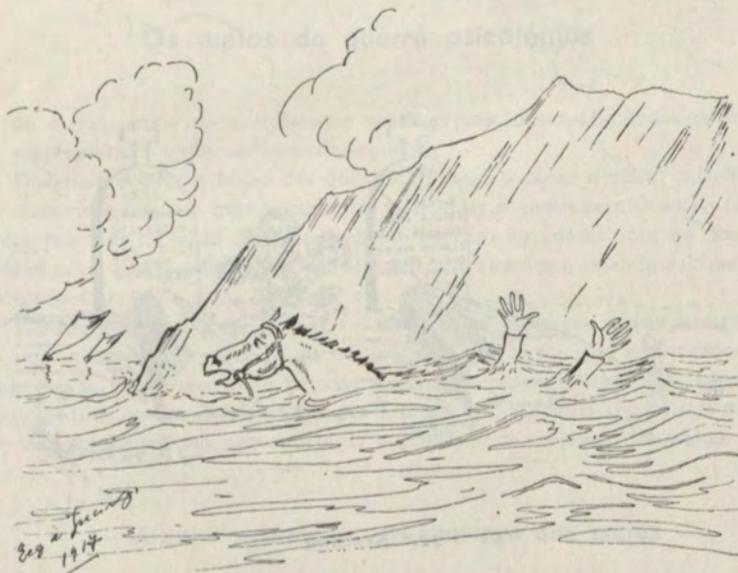


8.^a Semana...

Revista da Cavalaria



9.^a Semana...



10.^a Semana...

Revista da Cavalaria



11.^a Semana...



12.^a Semana

Jornaes revistas livros

A GUERRA PSICOLÓGICA

pelo Capitão A. SIMONS

Os meios da guerra psicológica

Não é certamente possível estudar nesta exposição sumária todos os meios empregados e todas as técnicas seguidas.

Deveríamos citar a acção das quintas colunas, lembrar o efeito psicológico do V durante a segunda guerra mundial, mencionar o efeito pernicioso de certas canções tais como a «Lili Marlene» sobre o espirito do combatente do deserto, ou «Mon petit Kakhi» difundido por alto-falantes alemães e criando a hipocrisia no soldado francês da linha Maginot, etc.

Limitar-nos-emos a mencionar os meios mais correntes e que fizeram as suas provas durante a segunda guerra mundial por terem sido empregados em grande escala; trataremos de os demonstrar com exemplos sobejamente flagrantes para deles tirar ensinamentos e para pôr os homens em guarda contra tais meios.

Mas precisemos em primeiro lugar o princípio de emprego dos meios.

1 — Alguns princípios de emprego dos meios

A preparação e realização destes meios são obra de um pessoal *especializado*. Assim, para a campanha do Ocidente 1944-1945, foi formada a «Psychological Warfare Division» (PWD) que dependia directamente da SHAEF (Su-

Revista da Cavalaria

preme Headquarters Allied Expeditionary Forces) e que contava um efectivo de 4.600 pessoas, tanto civis como militares.

A PWD destacava organismos e oficiais de ligação junto das grandes unidades para assegurar a execução da missão que lhe incumbia.

Como certos meios utilizados não permitem que se revele a origem, ao passo que outros, pelo contrário, emanam abertamente do inimigo, necessário é que se estabeleça aqui uma distinção:

- a) — A propaganda escondida ou *negra* (Black or covered propaganda). (V. Anexos — 8);
- b) — A propaganda aberta ou branca (White or open propaganda) (V. Anexos — 9).

Como, por outro lado, a guerra psicológica se integra no conjunto das operações, devemos distinguir:

- a) — A propaganda *estratégica*: dirigida contra o conjunto da população inimiga, tanto na frente como na retaguarda;
- b) — A propaganda *táctica* que se limita às tropas em campanha.

Outras classificações podem justificar-se mas não as mencionamos, visto que a compreensão do que segue não o exige.

2 — Quais são estes meios ?

A — *Os meios falados*:

- 1 — Os boatos;
- 2 — A rádio;
- 3 — Os alto-falantes.

B — *Os meios escritos*:

- 1 — Jornais, brochuras, etc.;
- 2 — Panfletos.

C — *Os meios visuais e ilustrados*: anúncios, filmes, teatros, exposições...

D — *Os meios materiais*: tinham, durante a última guerra, por principal fim, salientar a riqueza e a liberdade dos Aliados lançando em pára-quadras sobre os territórios inimigos produtos e objectos de que a população estava privada ou que eram severamente racionados.

Exemplos: sabão, chocolate, fósforos, agulhas, etc.

Como este estudo tem por fim salientar os meios empregados na frente, limitamo-nos aos dois primeiros, o terceiro entretanto principalmente no quadro da propaganda de ocupação e o último dirigindo-se raramente às tropas.

Revista da Cavalaria

A — Meios falados

I — Boatos

Como este assunto é objecto de uma discussão que deverá normalmente seguir este estudo durante uma sessão ulterior, não julgamos dever definir o boato, nem precisar como ele nasce ou quais são os seus efeitos.

Precisamos todavia o aspecto mais particular que eles revestem em tempo de guerra.

Tipos de boatos:

A maior parte dos boatos que, na frente, divulgam numa escala maior ou menor são de quatro tipos:

- As mentiras deliberadamente inventadas e divulgadas por certos indivíduos para o seu próprio divertimento;
- Os boatos nascidos de um fio de conversa ouvida por acaso ou da leitura incompleta de um comunicado ou de um artigo de jornal. O exagero ou deformação, propagando estas notícias, modifica completamente o original;
- Os boatos nascidos de uma apreciação prematura e imperfeita da situação do momento;
- As notícias cientemente difundidas pelo inimigo (5.^a coluna, espiões, rádio, etc.) e propagandas de boca em boca, divulgam-se de tal forma que a fonte donde emanam deixa de poder ser descoberta. Este tipo de boato entra no quadro da propaganda «negra» e é o mais perigoso, tanto mais que surge geralmente no mesmo momento em vários sítios, o que parece dar um maior cunho de veracidade.

Os objectivos dos boatos e exemplos:

Ilustremos com exemplos tirados da segunda guerra mundial, alguns dos fins prosseguidos pelo inimigo:

Criar divergências entre Aliados:

- «A Inglaterra bater-se-á até ao peito do último soldado francês», estribilho que circulava de boca em boca em França na ocasião da «guerra de nervos»;
- «Os americanos na Inglaterra divertem-se com as mulheres inglesas», boato que circulou na frente do 8.^o Exército em África;
- Um boato muito típico circulou na América quando da visita de Madame Chiang-Kai-Shek a este país em 1943:

Um belo dia, um senhor tinha-se apresentado numa joalheria de Baltimore e efectuou aí compras cujo total atingia 7.000 dólares. No momento de pagar, o cliente declarou ser o secretário particular de

Revista da Cavalaria

Madame Chiang-Kai-Shek e pediu ao vendedor para pôr a compra na conta do «Empréstimo e Arrendamento».

Se este boato visava levantar a opinião americana contra a China, servindo-se da lei de Empréstimo e Arrendamento, tentativas semelhantes se efectuaram para criar divergências entre americanos e russos (manteiga americana exportada para a Rússia, nos termos da lei de Empréstimo e Arrendamento, teria servido para untar os canhões) ou americanos e ingleses (estes ter-se-iam servido do auxílio americano para comprar aos Estados Unidos «nylon» e outros artigos de luxo); — Um caso citado por Eisenhower na «Cruzada na Europa» e datando do desembarque americano na África do Norte (Novembro de 1942): «O país estava cheio, quase governado pelos boatos. Segundo um deles eu era judeu, enviado a este país pelo judeu Roosevelt, para oprimir os árabes e submeter a África do Norte à lei judaica. O Estado-Maior político achou útil publicar o meu retrato em todos os jornais e em panfletos especiais, para fornecer a prova da minha ascendência».

Observação: é para assinalar que o inimigo emprega, muitas vezes, nos boatos que propaga, preconceitos existentes no próprio seio da uma nação e que podem servir para alimentar a propaganda em geral. Assim, o preconceito racial contra os judeus foi largamente utilizado.

Abalar a confiança:

Um dos boatos mais desastrosos teve como teatro o Pacífico. Nascido entre os australianos, alastrou até às tropas americanas na Nova Guiné. Segundo este boato, a atebrina, empregada como meio preventivo contra a malária, era causa de impotência sexual. O resultado foi que os combatentes da selva deixaram de tomar os seus comprimidos de atebrina. Quando os comandantes de companhia distribuía os comprimidos que eles próprios colocavam na língua dos homens, estes esperavam que o chefe se afastasse para cuspir a atebrina. Só este boato custou perto de cinco vezes mais perdas do que as originadas pelas armas japonesas. Certas unidades tiveram mais de 80% de perdas devidas unicamente à malária.

Conhecer a verdade:

O inimigo na ignorância da situação exacta de uma unidade, pode por meio dos mais fantásticos boatos, tentar obter dados precisos sobre movimentos de tropas, sobre a natureza exacta das perdas infligidas, etc. Criando um sentimento de confusão no espírito do adversário, tenta deduzir das reacções dos meios oficiais as informações que lhe interessam. Exemplos destes abundaram durante toda a guerra e criaram por vezes um mal-estar muito grande na opinião pública.

Citaremos apenas o exemplo de Pearl-Harbour. Em Janeiro e Fevereiro de 1942, circularam na América os boatos mais deprimentes. Dizia-se que as

Revista da Cavalaria

perdas sofridas, depois do ataque japonês, eram muito superiores às que as notícias oficiais tinham divulgado.

Certas versões mencionavam que toda a esquadra do Pacífico tinha sido afundada; outras, que tinham sido destruídos no solo mil aviões, no dia 7 de Dezembro. Por razões de segurança militar, as primeiras notícias oficiais não divulgaram a extensão das perdas sofridas. Os japoneses aproveitaram então a confusão que reinava na opinião pública para minar o moral da nação americana. Foi preciso a locução do Presidente Roosevelt pela rádio, em 23 de Fevereiro, para acalmar os espíritos e refutar os boatos mais deprimentes, divulgando o máximo da verdade compatível com a segurança nacional. Esse discurso teve como resultado acalmar até certo ponto a opinião pública, facto denotado pela seguinte sondagem efectuada neste período:

No dia 20 de Fevereiro, foi apresentada a um grupo de estudantes a seguinte pergunta: «Achais que as nossas perdas em Pearl Harbour foram nitidamente superiores, superiores, iguais, inferiores ou nitidamente inferiores às oficialmente reconhecidas»? No conjunto as respostas foram:

Nitidamente superiores ou superiores	69%
Iguais ou inferiores	31%

No dia 25 de Fevereiro, a mesma pergunta foi apresentada a um grupo equivalente de 200 estudantes e fez-se a distinção entre os que tinham lido ou ouvido o discurso do presidente e os outros. As respostas destes últimos reflectiam exactamente as que tinham sido obtidas nas sondagens de 20 de Fevereiro. Quanto aos primeiros, as suas respostas denotavam a influência feliz do discurso de Roosevelt; com efeito, os resultados foram:

Nitidamente superiores ou superiores	46%
Iguais ou inferiores	54%

Este exemplo mostra o que, por meio da rádio, e em momentos tão críticos como os primeiros meses que se seguiram a Pearl Harbour, uma voz altamente autorizada podia fazer para dar confiança a uma parte da opinião pública.

Esconder a verdade:

Aqui o fim em vista entra no quadro geral do segredo das operações e tende a dar ao adversário uma impressão de falsa segurança.

Também aqui os exemplos são numerosos.

Quando o alto-comando alemão decidiu empreender a ofensiva das Ardenas, no Inverno de 1944-1945, propagou o boato segundo o qual as tropas que estavam concentradas em Hanover e ao sul desta região iam ser empenhadas para sustar uma ofensiva aliada iminente. Este boato circulava nas tropas alemãs, e na população e, na realidade, escondia a constituição dos 5.º e 6.º SS, Exércitos Panzer que se destinavam a romper a frente aliada das Ardenas e a marchar sobre Anvers; visava, portanto, derrotar os serviços de informações aliados.

Quer fosse na véspera da ofensiva britânica de El Alamain ou quando da ofensiva final para romper a frente alemã na linha «Gustavo» e marchar sobre

Revista da Cavalaria

Roma, os boatos deliberadamente propagados pelos Aliados ocasionaram entre os alemães umas impressões de falsa segurança que outros ardís de guerra (P. C. fictícios, «planos de decepção», etc.) vinham reforçar.

Minar o moral:

Se os objectivos acima enunciados contribuem todos para minar o moral do adversário numa escala maior ou menor, o inimigo emprega, contudo, determinados boatos graças aos quais espera paralisar mais directamente a vontade de combater. Estes boatos não são necessariamente sempre deprimentes. Pelo contrário, o inimigo procura apresentar as operações sob um aspecto favorável mas que a realidade virá desmentir logo, ou que outros boatos virão reduzir a nada. A esperança que alguns deles fazem surgir cede o passo ao mais completo desânimo e a alternativa de altos e baixos conduz ao abatimento moral, objectivo supremo visado pelo inimigo.

Tais campanhas de boatos aparecem quando das operações militares em 1939-40 tanto na Polónia como em França, na Holanda e no nosso país (Bélgica), e, se nem todos tiveram os efeitos esperados pelo inimigo, mais de um contribuiu para apressar a derrota de certos sectores da frente, ou para fazer abalar o moral da população.

Pode, por outro lado, admitir-se que tais boatos apareceram ulteriormente todas as vezes que a situação na frente apresentava um aspecto mais ou menos crítico, tanto entre os Aliados como entre os alemães.

Conclusão:

Não nos propusemos um estudo completo sobre os boatos em tempo de guerra, mas simplesmente quisemos ilustrar certos objectivos visados pelo inimigo. Portanto, este breve resumo limita-se ao quarto tipo de boato acima citado. Se este último constitui um meio da guerra psicológica nas mãos do inimigo, não é menos verdade que os outros tipos mencionados vêm reforçar a acção desmoralizadora empreendida pelo inimigo, e a culpabilidade, inconsciente por vezes, daqueles que travam uma campanha de «boataria» ainda é maior. Esta última nasce — como acima dissemos — da apreciação incompleta de uma situação ou da interpretação errónea de uma conversa ou de um texto.

Será preciso recordar, no que se refere ao *primeiro caso*, os boatos mais fantásticos que circularam durante a campanha de Maio de 1940 e que fizeram surgir pára-quedistas alemães na imaginação de tantos civis e militares? Esta fobia de pára-quedistas encontrou-se aliás durante toda a guerra e em todos os exércitos. Os «alertes-parachutistes» eram numerosos no exército americano, por exemplo. Muitas vezes apenas provinham da imaginação demasiado fecunda dos postos de vigia anti-aviões que confundiam com pára-quedistas as bandas metálicas empregadas pela aviação para embaraçar a intercepção por radar, e que viam brilhar através dos binóculos. Todavia, todo o observador senhor dos seus nervos, podia facilmente estabelecer a distinção.

No que se refere ao *segundo caso*, voltamos a encontrar um exemplo flagrante na primeira guerra mundial. Os extractos da imprensa europeia que seguidamente mencionamos referem-se à tomada de Anvers pelo exército alemão

Revista da Cavalaria

em Outubro de 1914 e mostram claramente como a transmissão de boca em boca pode modificar um texto original (1):

- «Quando a queda de Anvers foi conhecida, tocaram os sinos das igrejas». — *Kölnische Zeitung* (tratava-se, é claro, das igrejas alemãs).
- «Segundo o *Kölnische Zeitung*, o pároco de Anvers foi obrigado a mandar tocar os sinos quando a cidade fortificada foi tomada». — *Le Matin* (Paris).
- «Segundo as notícias que *Le Matin* recebeu de Colónia, os padres belgas que se recusaram a mandar tocar os sinos, quando da tomada de Anvers, foram demitidos das suas funções». — *The Times*.
- «Segundo as notícias transmitidas pelo *Times* provenientes de Colónia, via Paris, os infelizes padres que se recusaram a mandar tocar os sinos quando da tomada de Anvers foram condenados a trabalhos forçados». — *Corriere della Sera*.
- «Segundo informações transmitidas ao *Corriere della Sera* e provenientes de Colónia, via Londres, confirma-se que os bárbaros que conquistaram Anvers castigaram os infelizes padres belgas pela sua heróica recusa de mandar tocar os sinos, pendurando-os de cabeça para baixo, como se fossem badalos». — *Le Matin* (Paris).

Não se trata, é claro, de procurar os motivos que deram origem a esta deturpação e que podem ser numerosos, mas de reflectir no seu efeito sobre a opinião pública.

É estranho verificar que determinados boatos aparecem sempre em todas as guerras. O exemplo mais típico, mas também o mais macabro, é talvez o seguinte, que salvo as condições de lugar, tanto data da guerra de 1914-1918 como desta última. Segundo este boato, um prisioneiro de guerra americano (nas mãos dos alemães durante a primeira guerra mundial e, num campo japonês quando da segunda) teria enviado uma carta à sua família não contendo qualquer informação fora do vulgar, mas na qual insistia para que guardassem o selo que tinha servido para a expedição. Como este soldado não era de forma alguma um filatelista, a família admirou-se desta recomendação e levou mais longe as suas investigações. Debaixo do selo, apareceu um pequeno texto, no qual o prisioneiro informava os seus que, quando da sua captura, o inimigo lhe tinha arrancado a língua. Este boato circulou na América durante as duas guerras mundiais, não obstante o facto que, por um lado, a correspondência dos prisioneiros de guerra não necessitava de qualquer selo e que, por outro, a ablação da língua mais que provavelmente causaria a morte do prisioneiro, se não houvesse uma intervenção cirúrgica.

Também não é supérfluo sublinhar a estreita relação existente entre o humorismo e o «boato», este último circulando muitas vezes a coberto da «blague» de anedota humorística, que na realidade foi originada pelo inimigo.

(1) Este exemplo foi descoberto e é citado por Ponsonby no seu livro «Falsehood in Wartime» e reproduzido no «The psychology of rumour» do All port-Postman.

Revista da Cavalaria

2 — A rádio:

«Ela é, por excelência, o meio de comunicação em massa porque junta às vantagens da sua eficácia a sua valiosa individualidade, destinada a comentar constantemente. É o instrumento da propaganda ao domicílio. Todos os lares e todos os indivíduos são directamente atingidos sem que para isso façam outro esforço que não seja escutar».

A guerra de agressão é, actualmente, precedida e reforçada por uma guerra radiofónica. Consiste em preparar o clima, em subjugar o povo visado por uma torrente de ameaças e de injúrias, em suscitar a revolta e a conspiração e em fomentar o ódio nas milícias da maioria (racial ou política) sobreexcitada, como se deseja. A guerra de nervos desenvolve-se segundo um plano cuidadosamente estabelecido tendo em vista o aniquilamento psicológico progressivo do inimigo. Quando atinge o seu máximo de intensidade e leva o terror ao extremo, as hostilidades podem ser desencadeadas com as maiores probabilidades de êxito.

Tal como declara Jacques Driencourt na sua obra: «A propaganda, nova força política» (1), o emprego da rádio constitui a propaganda «branca».

Quando, ao contrário — e sobretudo em tempo de guerra — as radiodifusões dos adversários embarçavam, mutuamente, os seus cumprimentos de ondas, estas emissões entravam no quadro da propaganda negra. Uma das mais belas realizações neste sentido foi o posto de emissão «Kurzwellensender Atlantik». Este posto inglês emitia em língua alemã e, para melhor enganar os seus auditores, registava em discos os comunicados do O. K. W. e os comentários oficiais do «Deutsches Nachrichten Büro», que eram retransmitidos, acompanhados de comentários sàbiamente preparados e bem adaptados à psicologia do povo alemão. Como este reconhecia as vozes familiares dos locutores da radiodifusão alemã, não suspeitava do subterfúgio utilizado pelos ingleses.

Se em geral, as emissões da rádio se dirigiam a toda a nação inimiga, não podemos deixar de falar naquelas que mais particularmente se destinavam à frente de combate. Nomes tais como «Fardonnet» da rádio de Stuttgart, Lord «Harw-Harw» (William Joyce), «Axis Sally» ou «Tokyo Rose» (duas mulheres que se dirigiam respectivamente aos «Ratos do Deserto» e aos G. I. do Pacífico), tantos traidores à sua pátria, ficam gravados na memória dos combatentes da segunda guerra mundial.

Citamos apenas esta passagem de uma emissão alemã destinada aos soldados da Linha Maginot:

«Onde estão os ingleses? Vou dizer-vos onde estão os vossos camaradas britânicos. Pavoneiam-se por Paris e enchem os «cabarets». Já viram algum Tommy na Linha Maginot? Evidentemente que não. Soldados franceses, encontrareis os Tommys à retaguarda das linhas com as vossas mulheres».

Mas o que Fardonnet se esquecia de acrescentar era que o Corpo Expedicionário inglês, ocupava segundo os planos franco-britânicos, o sector na frente belga. tal como os soldados franceses do 7.º ou do 9.º exército francês.

(1) 1950 — Livreria Armand Colin — Paris

Revista da Cavalaria

Mencionamos, para terminar, o emprego que fizeram todos os exércitos de «prisioneiros» — reais ou, na maior parte das vezes, camuflados — que se dirigiam pela rádio aos seus camaradas que estavam na frente, para exaltar a magnanimidade do inimigo. A guerra da Coreia deu-nos também neste sentido um exemplo actual. Será, por outro lado, ousado supor que o facto de ver os chineses ou norte-coreanos libertar prisioneiros da O. N. U. se inspira no mesmo móbil?

3 — Os alto-falantes:

O emprego dos alto-falantes constitui uma forma de guerra psicológica que tomou uma extensão cada vez maior durante a segunda guerra mundial.

Este meio, nascido quando da guerra civil de Espanha, conheceu uma evolução bastante lenta antes de ser posta em prática por unidades especializadas dependentes da PWD.

Foi, todavia, utilizado, desde 1939, pelos alemães e dirigia-se aos soldados franceses da Linha Maginot. Se o alcance da emissão era relativamente fraco, nem por isso o alto-falante deixava de propagar palavras insidiosas que visavam minar o moral do exército. Assim, por exemplo, depois de ter difundido canções francesas, o locutor alemão convidou, um dia, os soldados franceses a sair dos seus abrigos e a lavar a sua roupa com toda a segurança. Após repetidos convites, alguns homens arriscaram-se a sair e procederam à lavagem da roupa sem serem de qualquer forma importunados pelas balas ou pela artilharia inimiga. Então os alemães dirigiram-se-lhes nestas palavras: «Vede, camaradas franceses, que não zombamos de vós. Dissemos que podíeis lavar tranquilamente a vossa roupa e cumprimos a nossa palavra. Não temos qualquer razão para lutar convosco; sois nossos irmãos europeus.

«Estamos muito unidos a vós; não queremos a guerra que nos impõem. Foram os vossos chefes que vos traíram precipitando-vos numa guerra contra a Inglaterra que vós odiais. Continuai a vossa barrela, enquanto nós prosseguimos esta emissão com esta bela canção francesa...».

Posteriormente, os teatros de operações da África do Norte, da Itália ou da Normandia, assim como os do Pacífico, conheceram o emprego do alto-falante montado tanto no avião ou vedeta rápida, como no camião ou «Jeep» especialmente equipados para este fim.

Só quase no fim da guerra os carros de combate alto-falantes afiados fizeram a sua aparição durante a campanha da Alemanha ou ainda em Okinawa.

Empregados muitas vezes para incitar o inimigo a render-se ou a cessar toda a resistência, o rendimento foi variável segundo as circunstâncias; mas, por vezes, vibraram o golpe de misericórdia na vontade de combater de soldados isolados e até de unidades inteiras. Assim, quando do bloqueio do porto de Lorient, os americanos que tinham interceptado a correspondência destinada à guarnição alemã, dirigiram-se individualmente a cada soldado:

«Temos uma carta para X... Se ele quiser vir às nossas linhas, receberá a carta e um lugar à retaguarda onde poderá lê-la e beber uma chávena de excelente café americano».

Revista da Cavalaria

Na guerra da Coreia, os americanos utilizam na hora actual alto-falantes, montados em «jeeps», que dissimulam nas montanhas perto das linhas inimigas.

B — Os meios escritos

1 — Jornais, brochuras, etc.

A população alemã devia ter ficado espantada quando viu, numa bela manhã, as ruas juncadas de cigarros, numa altura em que estes estavam severamente racionados. A primeira reacção, sem dúvida, foi apanhá-los. Mas, qual não teria sido a sua surpresa quando, ao vê-los mais de perto, se encontrou em presença de um jornal de origem inglesa que havia sido enrolado em forma de cigarro. De formato muito reduzido (50 cm.²), este jornal de quatro páginas era impresso em papel muito fino, numa tiragem de milhares de exemplares que foram lançados sobre determinadas cidades alemãs.

O emprego de jornais, brochuras, etc., não se limitou à população civil. Os jornais foram utilizados em todas as frentes e nos dois campos, sendo a forma exterior inspirada nas publicações do país inimigo.

Assim, nos princípios de Janeiro de 1945, quando a ofensiva de Von Rundstedt atingira o seu ponto culminante, e quando já parecia votada ao fracasso, os alemães tentaram atingir o moral das tropas americanas em França por intermédio do jornal semanal *The Home Telegram* cujo primeiro número data desta época. Do seu editorial, transcrevemos o texto seguinte: «Se és um bom americano, e disso não duvidamos, será elegante que dêes ao outro campo a ocasião de expor a sua causa; porque apesar de tudo, julgamos que dás a tua vida ou saúde por uma determinada causa, que te foi apresentada como valendo a pena ser defendida. Mas qual é ela? Valerá a pena que tu te batas por ela? Valerá a pena que dêes a tua vida por ela? Que faças da tua mulher viúva, dos teus filhos órfãos e que deixes para sempre os teus pais ou talvez uma jovem rapariga que espera o teu regresso? Reflecte nestas perguntas em face das informações que aqui te damos. Como o nosso testemunho será sempre suspeito, apresentaremos, na medida do possível, somente informações de origem inglesa ou americana e a elas acrescentaremos, se para isso houver necessidade, os nossos comentários, que queremos imparciais».

Ilustremos esta «imparcialidade» virando a página deste mesmo número. Sob o título: «A população belga fica no seu lugar apesar da retirada dos americanos», o jornal retoma comentários feitos na rádio de Londres, em 21 de Dezembro, por um correspondente de guerra junto das tropas americanas da frente das Ardenas, e segundo os quais — conforme o jornal — a população belga teria determinado não abandonar os seus lares. E o autor do artigo concluiu por estas palavras:

«A população belga aprendeu muito, evidentemente, desde 1940. Já não teme a ocupação alemã, que viveu durante quatro anos e meio; prefere-a à «liberdade» que viveu estes últimos seis meses, liberdade feita de bombardeamentos, de rebeliões nas grandes cidades, etc.».

Ao ler o artigo, não é todavia possível afirmar se é o correspondente de guerra ou o autor do artigo que fala.

Revista da Cavalaria

2 — Panfletos (1):

Quase no fim da primeira guerra mundial, Ludendorff declarou num dos seus relatórios:

«Eles bombardeiam a nossa frente, não somente por meio de barragens rolantes de artilharia mas também com verdadeiras barragens de textos impresos. A par das bombas que matam o corpo, os seus aviões lançam panfletos destinados a matar a nossa alma».

Cheios da experiência da primeira guerra, os alemães empreenderam durante a segunda, uma guerra de panfletos em grande escala. No entanto, os ingleses e americanos suplantaram-nos rapidamente e inundaram a frente e as retaguardas com biliões de panfletos que prepararam a derrota e contribuíram, até certo ponto, para a apressar. Durante os meses que se seguiram ao desembarque da Normandia, a impressão de panfletos mobilizou, em determinados momentos, mais de 80% da capacidade de impressão «Offset» da Grã-Bretanha.

— Meios de difusão:

Fazendo apenas referência aos panfletos introduzidos no país inimigo por espiões ou pela 5.^a coluna, vamo-nos deter mais especialmente nos dois meios clássicos: a artilharia e a aviação.

1.º — Artilharia:

Se as emissões por artilharia (25 libras britânicas, 105 e mesmo 155 americanas) apenas constituíam uma percentagem muito reduzida «5%» do conjunto das operações por panfletos, apresentam a grande vantagem de serem precisas e de convir para a *propaganda táctica* no caso, por exemplo de unidades cercadas. Podem, por outro lado, satisfazer *condições de urgência* que nem sempre é possível satisfazer com a aviação, dadas as circunstâncias atmosféricas desfavoráveis.

Foi assim que a artilharia alemã se encarregou de lançar panfletos sobre os defensores de Bastogne na véspera de Natal de 1944.

Era corrente no exército americano, conceder 150 projecteis carregados de panfletos a cada divisão de infantaria.

2.º — Aviação:

Transportadas por bombardeiros e bombardeiros-caças, bombas especiais cheias de panfletos e munidas de uma espoleta barométrica, uma vez lançadas, abriam-se a uma determinada altitude e o seu conteúdo espalhava-se por cima das linhas inimigas. Alguns destes bombardeiros podiam conter 14.000 panfletos (o MitiLi transportava 17.000) e outros até 80.000.

(1) «Tracts»

Revista da Cavalaria

Desde 6 de Junho, uma esquadrilha da «8 US Air Force» foi afectada exclusivamente à PWD para as operações de lançamento de panfletos sobre a Alemanha e países ocupados; esta esquadrilha tinha-se especializado nesta missão durante mais de um ano antes de ser afectada à PWD.

— Temas dos panfletos:

Estes temas são no seu conjunto os que mencionámos mais acima; mas como um grande número de panfletos eram «panfletos de reedição» queremos sublinhar os expedientes empregados para incitar o homem a cessar toda a resistência:

- Reprodução de cartas de prisioneiros de guerra cujo nome é escondido no panfleto — e pelos quais estes últimos declaram terem sido tratados correctamente;
- Fotografias de prisioneiros em campos de internamento;
- Argumentos de natureza política tendentes a provar que se o homem morre pela causa em nome da qual combate o seu país, perderá um cidadão necessário à reconstrução e ao progresso futuros da sua pátria;
- Afirmações pelas quais o inimigo declara respeitar a convenção de Genebra;
- Promessa ao prisioneiro de lhe dar possibilidades de entrar em comunicação com a família por via postal ou outra;
- Apresentação do contraste entre os «arranjistas» da retaguarda e a vida na frente;
- Imagens despertando a necessidade sexual.

— Rendimento dos panfletos:

Pelo número de prisioneiros encontrados de posse de panfletos, e pelo seu interrogatório, pelo número de reedições, pela resistência oferecida ao combate, pode deduzir-se o efeito dos panfletos; mas estas deduções apenas têm um valor muito relativo, pois o desenrolar das operações militares constitui também um factor psicológico importante. Como mais acima dissemos, há uma estreita relação entre a guerra militar e a guerra psicológica.

Em Outubro de 1944, os relatórios aliados oficiais mencionam que 77% dos prisioneiros alemães tinham lido um ou vários panfletos. Na península de Brest, cerca de 80% dos prisioneiros eram portadores de panfletos.

O melhor índice de rendimento reside nas contra-medidas que o inimigo é levado a tomar (isto para todos os meios que mencionámos). Assim, em Outubro de 1944, o General Blaskowitz, comandante do Grupo de Exércitos da frente ocidental, reconheceu, numa ordem do dia, que as *mensagens por panfletos desintegravam muito habilmente as forças alemãs*. Alguns dias antes, Karl Siegbold, um dos adjuntos de Göebbels, dirigindo-se pela rádio à população alemã declarava: «Os panfletos são armas e devemos ser prudentes com todas as armas... Sob a aparência da melhor boa fé, eles contêm, misturados com

Revista da Cavalaria

narrativas exactas, muitas semi-verdades, omisões e exageros. O menor artigo ou comentário contém uma parte de desconfiança a respeito do Alto-Comando alemão».

— *Panfletos utilizados pelos beligerantes durante a 2.ª guerra mundial:*

Empregar o filme strip: «A Guerra Psicológica. Panfletos».

Conclusão

1 — O passado.

Depois das operações militares no teatro europeu, o General Eisenhower escrevia que «a guerra psicológica se tinha desenvolvido a ponto de poder ser considerada como uma arma de guerra muito específica e verdadeiramente eficaz».

O General Robert Mac Clure, chefe da «Psychological Warfare Division» (Divisão da guerra psicológica) no Quartel-General inter-aliado (SHAEP) precisa o alcance desta arma quando declara:

«Nós, que estivemos empenhados na guerra psicológica durante vários anos, sabemos muito bem que ela não pode, por si só, opor-se a uma operação militar. Mas, como uma das numerosas armas em poder do Comandante em Chefe, está apta a precipitar ou a retardar os resultados de uma operação puramente militar. Sabemos que a guerra psicológica não pode suplantiar uma das armas combatentes. Mas o que ela pode fazer é tirar partido de uma situação militar e de a explorar — apressar o seu ponto culminante e reduzir a sua duração. Estabelecendo o plano das suas actividades, PWD fixava dois objectivos: os povos amigos e o inimigo. Para cada um destes, e no momento desejado, o Comandante Chefe tinha mensagens precisas, instruções claras, que constituíam uma parte da estratégia de conjunto para toda a campanha».

Apenas mencionámos um dos seus objectivos: o inimigo. A acção psicológica que consiste em reforçar o moral das tropas combatentes, e em alimentar a esperança nos países ocupados, constitui uma outra missão que compete ao ramo «Guerra Psicológica», o qual pensámos não dever abordar aqui, por não pertencer às forças combatentes. Sòmente prendeu a nossa atenção a acção desmoralizadora dos meios que o inimigo pode pôr em prática, pois somos de opinião que, para resistir a uma tal acção, é preciso conhecer-lhe os meios antes que sejam postos em prática.

2 — O futuro.

A guerra da Coreia prova que os meios postos em prática durante a segunda guerra mundial não perderam o seu valor. Já mencionámos o emprego dos alto-falantes. Quanto aos panfletos, têm sido autorizados nos dois campos: a aviação das Nações Unidas inundando as linhas comunistas, os chineses contentando-se

Revista da Cavalaria

na maior parte das vezes, parece, com dispersá-los ao longo das estradas quando das suas operações de recuo. Que o rendimento destes meios é variável conclui-se pelas declarações do Coronel Donald F. Hall num artigo publicado no *Army Information Digest* e pelas do General Mac Clure que seguidamente citamos. Este último deixa prever, numa entrevista concedida a um correspondente da «United Press», as armas novas que serão empregadas na guerra psicológica, no caso de um conflito futuro:

«O General Robert Mac Clure, chefe da «Guerra Psicológica» do exército americano, prevê que os meios empregados actualmente para veicular a propaganda — panfletos lançados por aviões, emissões radiofónicas — parecerão bem fora da moda num próximo futuro. Os serviços estudam neste momento processos engenhosos ou sensacionais, graças aos quais será possível minar o moral do adversário com uma maior eficácia».

«O mais simples a realizar é o avião sem piloto, portador de panfletos e alto-falantes, que irá sobrevoar as linhas para lançar o seu carregamento pacífico e fazer ouvir a boa palavra. De pequenas dimensões, o aparelho será lançado por meio de uma catapulta e dirigido do solo. Se for abatido, não haverá perda de vida humana e o prejuízo material não será grande».

«Em seguida, projecteis rádio-dirigidos, munidos também de alto-falantes, girarão sobre cidades inimigas até que se esgote o carburante, difundindo informações e apelos à revolta. Nenhuma interdição governamental poderá impedir que esta propaganda seja ouvida... a não ser que os habitantes sejam obrigados a tapar os ouvidos».

O General Mac Clure não diz em que fase se encontra a realização destes processos. Revelou, no entanto, que o exército americano estava a fabricar uma granada especial destinada a ser empregada no Extremo-Oriente: «Assemelha-se perfeitamente a uma granada vulgar mas quando explode, projecta cinquenta discos metálicos com inscrições em chinês e em coreano, que convidam os soldados inimigos a renderem-se prometendo-lhes um tratamento humano e uma boa alimentação».

«O valor desta propaganda, que se dirige directamente às tropas inimigas acaba de ser provado, na Coreia, por este simples número: em duzentos mil comunistas capturados nesse dia, renderam-se cerca de um terço porque os argumentos hábilmente escolhidos tinham prevalecido sobre as suas convicções marxistas... ou o medo dos seus oficiais».

3 — *Que fazer perante esta arma?*

Na véspera de Natal de 1944, quando os canhões alemães troavam em volta de Bastogne, os soldados americanos da «101.^a Airbarn Division» viram chover panfletos sobre as linhas, que mantinham encarniçadamente perante os assaltos repetidos das divisões Panzer. Estes panfletos diziam:

«Eis-te soldado na «terra de ninguém» na véspera do Natal, longe do teu país e dos teus. Não sentes que a tua mulher, a tua filhinha, o teu garoto talvez, se mortificam por ti e rezam por ti?».

«Sim, meu velho, eles oram e têm esperança que voltarás um dia... breve. Mas regressarás tu? Tens tu a certeza de os tornar a ver um dia?».

Revista da Cavalaria

«Tempo de Natal. A lenha, o azevinho, a árvore de Natal, tudo isto é o teu lar e tudo o que tu consideravas belo para festejar o dia do Senhor».

«Mas pensaste no que acontecerá se não voltares... o que acontecerá àquelles que te são caros?».

«Escuta, soldado: «Paz sobre a terra aos homens de boa vontade» e quando há vontade, existe uma via... somente a 300 metros daqui e... Feliz Natal».

E nos olhos de uma menina de caracóis louros, que ilustrava o panfleto, lia-se a ansiedade que estas palavras sublinhavam: «Papá, tenho tanto medo» enquanto um soldado de face exangue, arrancava o GI aos seus sonhos e o tornava a mergulhar na realidade.

Esta realidade era encontrar-se no inferno de Bastogne quando, oito dias antes, a sua unidade, retirada da frente depois das operações de pára-quedistas aliados na Holanda, saboreava em Reims um repouso bem merecido e vivia ainda na esperança de passar o Natal na América. Aliás, não tinha o Presidente Roosevelt deixado prever que a guerra acabava antes do fim do ano?

Mas, de repente, os exércitos alemães atacaram as Ardenas, e tudo recomeçou. Que podiam eles ainda fazer, agora que os carros alemães estavam já longe e arremetiam em direcção ao Mosa, que o céu estava tapado e que a aviação americana efectuava a custo algumas sortidas. E durante este tempo os camaradas tombavam...

Foi então que se elevou a voz do General Mac Auliffe na sua mensagem de Natal às tropas:

«Continuaremos a manter Bastogne; deste modo, asseguraremos o êxito dos exércitos aliados. Sabemos que o nosso comandante de Divisão, o General Taylor, dirá que fazemos bem. Daremos assim ao nosso país e àqueles que nos são queridos um magnífico presente de Natal. Para ter o privilégio de desempenhar um papel neste corajoso feito de armas, arranжемos para nós próprios um magnífico Natal».

Tal foi a resposta de um chefe às tentativas de desmoralização forçadas pelo inimigo.

A resposta dos seus homens foi volver os olhos para o seu chefe e escrever com ele uma página gloriosa na história do seu país. Enquanto os obuses choviam sobre Bastogne, os homens mantinham-se e esperavam.

E recordamos a cerimónia improvisada no PC do Grupo de Combate B, durante a qual, quando uma bomba acabou por o derrubar e à árvore de Natal da central telefónica, um dos sargentos colocou, num gesto simbólico, a «Purple Heart» no peito de uma boneca que a deflagração mutilara.

Trinta e seis horas depois, os primeiros carros americanos, vindos do sul, rompiam o cerco. O General Taylor, que os acompanhava, retomava o comando da sua divisão.

B. E. M.

Bulletin Périodique Belga

5.º Ano — N.º 11

A EXPLICAÇÃO MAIS CLARA SOBRE A BARREIRA SÓNICA

Traduzido da *Revista de las Fuerzas Armadas*, da Venezuela, número de Novembro de 1952, pelo Coronel ADELARDO FIALHO

Com o advento da propulsão a jacto e da propulsão a foguetes, durante a II Guerra Mundial, começou-se a prever a possibilidade de aumentar, em proporção considerável, a velocidade até então obtida com aviões propulsados com motores alternativos mediante o uso das hélices.

A hélice, que havia sido, até então, o meio ou aparelho que permitiu o voo de máquinas mais pesadas que o ar, começou a converter-se em um inconveniente para voar a altas velocidades, já que depois de certos limites de velocidade, ela, em vez de ajudar o avião a mover-se com maior rapidez, o que faz é aumentar a resistência ao avanço do aparelho, consumindo grande parte da potência da máquina propulsora e, passados certos limites, pondo em perigo a segurança do avião. Depois da II Guerra Mundial, a Inglaterra e os Estados Unidos, principalmente, dedicaram-se a aperfeiçoar o avião a retropropulsão, propulsão a reacção ou propulsão a jacto, como é mais vulgarmente denominado.

O resultado das experiências efectuadas nestes dois países foi assombroso e, em consequência, chegou-se a alcançar velocidades próximas de 700 milhas por hora, sem maiores inconvenientes.

Quando se tratou de superar a velocidade do som (760 milhas por hora), surgiram uma série de fenómenos que faziam supor que era impossível tal velocidade e muito menos ultrapassá-la. Devido a estas circunstâncias, resolveu-se chamar a esta velocidade: «Barreira Sónica».

Para o voo, esta barreira foi objecto de muitas investigações e estudos, parte dos quais foi publicado, porém utilizando terminologia científica que só os técnicos na matéria poderiam entender.

Um deles, porém, resolveu tornar acessível o assunto por meio destas notas, servindo-se de perguntas e respostas.

— Além da velocidade expressa em milhas por hora, qual é a significação da expressão «voar mais rápido que o som»?

— O que é «barreira sónica»?

— O que são e o que provocam os duplos estalidos citados com tanta frequência, quando se fala da transposição da barreira sónica?

Quando um avião voa com velocidade normal — cerca de 400 milhas por hora — as suas asas provocam ondas de pressão no ar. Essas ondas deslocam-se para a parte dianteira do avião com uma velocidade aproximadamente de 760

Revista da Cavalaria

milhas por hora, que é a velocidade máxima, ou melhor dito, única que permite a qualquer vibração mover-se através do ar.

Assim é que as ondas se deslocam com uma velocidade quase igual ao dobro da velocidade do avião. Nessas condições, emitem um «aviso» ao ar na rota que segue o avião, da aproximação deste.

Isso dá tempo ao ar para se dispor de tal forma que o seu deslocamento seja feito não com turbulências e remoínhos, como acontece com a água ao redor das embarcações, mas suavemente, à frente das asas do avião.

Se o piloto aumenta a velocidade para 600 milhas por hora, o ar que se encontra adiante do avião recebe menos advertência que antes, dado o facto das citadas ondas seguirem o seu deslocamento com as mesmas 760 milhas por hora.

Contudo, o ar encontra tempo suficiente para dispor-se, possibilitando um deslocamento aerodinamizado sobre as asas.

Perigo

Se o piloto acelerar o seu avião até 700 milhas por hora, as asas do aparelho passam a deslocar-se com uma velocidade quase idêntica à das ondas de pressão que provocam.

Resultado: o ar que está à frente do avião recebe tão pouca advertência que o aparelho o alcança quando ele está em plena turbulência.

O ar, nesse estado, pode ser perigoso, pois oferece muito mais resistência ao avião, originando dificuldade de funcionamento dos seus controles, devido à turbulência do ar.

Os cientistas, conhecedores dessa dificuldade, consideraram tal fenómeno como uma barreira ao voo a velocidades superior a 760 milhas por hora.

Barreira sónica

É como resolveram chamá-la, visto a velocidade de 760 milhas por hora ser também aquela a que as ondas sonoras se deslocam no ar.

As ondas sonoras são ondas de pressão às quais os nossos ouvidos são sensíveis, sendo este, simplesmente, o motivo que origina esta coincidência.

Superestimada

Os aviadores conseguiram, não obstante, transpor a barreira sónica e os cientistas são de parecer que se superestimam os perigos dos voos a velocidades maiores que as do som.

Um avião de asa delgada e em forma de flecha (em V), pode ser forçado através do ar em turbulência que encontra na sua frente a uma velocidade de aproximadamente 700 milhas por hora.

Quando a velocidade excede as 760 milhas por hora, o ar turbulento é impulsionado violentamente para diante, afastando-se das asas da mesma maneira que uma embarcação ligeira lança a água para os lados, formando a chamada «marola», como se a conhece nos meios marítimos.

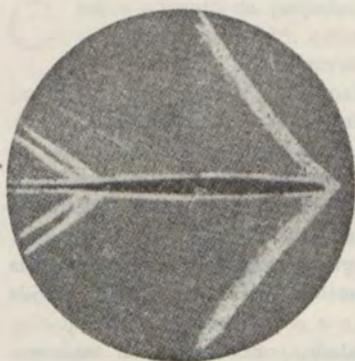
Revista da Cavalaria

Essa «onda de proa» — mais a onda de cauda que se forma na parte detrás das asas (bordos de saída) — pode ser vista na fotografia da figura anexa, conseguida durante uma prova com uma asa real, em um túnel de vento aerodinâmico.

O esforço de impulsionar essa onda de proa diante do avião consome grandes quantidades de combustível, porém consegue-se lançar para os lados o ar em turbulência.

Por esse motivo, os voos mais rápidos que o som são mais suaves e seguros que os voos a velocidades inferiores a 760 milhas por hora.

Essa onda de proa é a que provoca o forte estalido seco ouvido com frequência, quando um avião excede a velocidade do som.



O estalido não é devido a qualquer impacto do avião com uma barreira dura de ar.

A onda de proa de um navio sacode uma pequena embarcação que encontre no seu caminho, comprimindo e descomprimindo a água, em forma de gigantesca, ponta de flecha.

Da mesma forma, a onda de proa que se separa violentamente das asas de um avião sacudiria uma casa.

E sacode também os tímpanos de nossos ouvidos com tal violência que ouvimos um forte estalido.

Dois vezes ... Três vezes

O estalido não é produzido somente no momento da penetração na barreira sônica.

Os aviões que voam em qualquer velocidade superior à do som formam continuamente ondas de proa. Somente ouvimos a onda quando ela alcança o ponto em que nos encontramos.

Algumas vezes ouvem-se quase simultaneamente dois estalidos, os quais podem ser devidos às ondas de proa e às ondas de cauda que chegam aos nossos ouvidos separadamente.

Os estalidos tríplexes poderão ser ocasionados por uma sucessão de ondas de proa formadas quando o avião muda ligeiramente de rumo durante uma picada à velocidade maior que a do som.

Não se ouvirá estalido algum quando um avião voe mais rápido que o som, a grandes alturas, em voo recto a nível, porque as ondas de proa se desfazem antes de chegar à terra, da mesma forma que as ondas produzidas por uma embarcação se amortecem gradualmente.

Todos os estalidos até hoje ouvidos na Inglaterra têm sido causados por aviões superacelerados a picar.

Da Revista Brasileira *A Defesa Nacional*
de Maio de 1953

A TÁCTICA DOS BLINDADOS SOVIÉTICOS

por OSKAR MUNZEL

OSKAR MUNZEL, autor deste primeiro artigo, foi Major-General no Exército Alemão durante a II Guerra Mundial e combateu na I Guerra Mundial na frente russa como comandante de pelotão, desde 1917 até fins de 1919. Permanecendo no exército alemão do pós-guerra, de 100.000 homens, recebeu instrução especializada, em Dresde, em 1926 e na Escola de Guerra de Berlim em 1931-1933. Promovido a Tenente-Coronel em 1940 foi destacado para a frente russa em 1941 como comandante de um batalhão de blindados. No dia 1 de Janeiro de 1942 foi promovido a Coronel e deram-lhe ali o comando de um regimento de blindados. No ano seguinte foi encarregado dos cursos de instrução na Escola das Forças Blindadas, em Wuendorf, e, durante o mesmo ano, foi nomeado director da Escola de Tropas Blindadas, em Bergen-Fallingbostel. Promovido a Major-General nos fins de 1944, continuou a ter atribuições nas forças de campanha, as quais incluíram comandante interino da divisão de blindados, comandante de uma brigada blindada na frente Leste, comandante de uma força de instrução blindada e comandante sénior no Estado-Maior do Alto-Comando Ocidental, na frente Ocidental.



Embora a Rússia fosse nossa Aliada na II Guerra Mundial, os seus assuntos militares eram caracterizados por uma certa obscuridade. As informações prontamente acessíveis sobre as forças armadas soviéticas, pouco mais eram do que uma difusão controlada de generalidades cuidadosamente escolhidas. Por consequência, não seria demais dizer que a Alemanha inimiga conhecia melhor o exército russo do que então a América, sua aliada — pois a Alemanha aprendeu o difícil e elementar caminho no campo da batalha.

Seja como for, o período do post-guerra trouxe consigo a descida da Cortina de Ferro que ocultou a cena militar russa a ponto de tornar difícil a obtenção de informações. A história militar continua sendo uma das nossas mais valiosas fontes de informação acerca dos exércitos do mundo; tem sido um assunto de importância cada vez maior nestes últimos tempos. Por exemplo, nenhuma guerra ficou bem registada na história como a II Guerra Mundial. A análise

continua, abrangendo ambos os lados. A Divisão de História do Exército dos Estados Unidos, na sua missão de registar uma história da guerra, completa, definitiva e objectiva, utilizou os serviços do antigo pessoal inimigo para lhe dar mais relevo. Antigos e competentes militares alemães foram contratados para fazer estudos sobre várias acções e campanhas. São de grande interesse os projectos referentes à tática de pequenas unidades e à tática de armas individuais. Os blindados — blindados russos — foram assunto de um desses assuntos. A revista *Armor*, por especial referência da Repartição do Chefe da História Militar, oferece aqui, escrita por aqueles que melhor conhecem o assunto, a primeira de uma série de acções de pequenas unidades, pormenorizando a tática dos blindados russos. — O EDITOR.

Carros de combate russos contra o ataque dos carros de combate alemães

Algumas semanas após a invasão alemã da Rússia em 1941, a 3.^a Divisão Blindada atingiu o rio Dnieper, a norte da cidade de Slobin e preparou-se para atacar através do rio.

No dia 6 de Julho, o comandante do regimento blindado, em reserva, foi encarregado da seguinte missão (em extracto):

«A Divisão de Infantaria X, que ataca do sudoeste em direcção a Slobin, tomou contacto com poderosas forças inimigas e o seu flanco norte está atolado na lama, à distância de quatro quilómetros a sudoeste da cidade. O regimento blindado lançará imediatamente um ataque na direcção de Slobin, destruirá as forças inimigas, que se julga ali estarem, para, deste modo, socorrer a infantaria que combate a sudoeste da cidade».

Um regimento blindado era composto de dois batalhões blindados, consistindo cada um deles em cerca de 40 carros de combate prontos a entrar em acção.

O terreno na direcção de Slobin era geralmente descoberto, terra de lavoura levemente ondulado. Era um dia seco e de sol.

O regimento blindado partiu imediatamente para Slobin, com o Primeiro Batalhão à frente e o segundo escalonado à retaguarda, para a direita da marcha, a fim de enfrentar as tropas russas que se calculava estarem ao sul da cidade, aliviando, assim, a pressão sobre a infantaria alemã.

O Primeiro Batalhão encontrou fraca resistência de infantaria, e deparou com uma bateria de artilharia a uns três ou quatro quilómetros em frente da cidade, e continuava a avançar sobre esta, preparando-se para penetrar nela, quando foi atingido por um fogo destruidor de carros de combate russos, hábilmente escondidos por entre as casas dispersas, entradas de quintas e celeiros. Estes carros tinham-se mantido silenciosos até ao último momento. Ao mesmo tempo, a guarnição da bateria de artilharia, que tinha sido contornada, e ficara sem guarda, aproveitou a situação para saltar para os seus canhões, voltá-los e atacar o batalhão de carros pela retaguarda.

Em resultado deste ataque de surpresa, 22 carros alemães foram postos fora de acção, sendo na sua maioria perdas totais. Entretanto, o Segundo Bata-

Revista da Cavalaria

lhão, explorando para a direita, tinha avançado para o lado oposto da via férrea, afastando-se do Primeiro. Quando ouviu pela rádio o sinal de perigo, era-lhe impossível avançar naquele sítio, devido ao grande aterro por onde a via férrea passava nesse ponto. Continuou, portanto, a sua marcha a sul do caminho de ferro e avançou para dentro da cidade. A primeira companhia de blindados a penetrar na secção noroeste da cidade, conseguiu destruir 25 carros russos, de cerca de 30 que ali se encontravam, sem sofrer baixas. A força russa não esperava um avanço nesta direcção, e toda a sua atenção estava concentrada na batalha que se travava com o Primeiro Batalhão, à sua frente.

Ensinamentos

O método que os russos empregaram era daqueles que pode ser muito bem sucedido no caso em que carros com armas inferiores, tenham guarnições disciplinadas e bem treinadas. A ciência no tiro de artilharia e os estratagemas eram qualidades particularmente naturais neles. A surpresa economiza forças e pode levar ao êxito quando o inimigo procede sem tomar precauções.

A unidade alemã estava demasiadamente confiada, devido a êxitos anteriores. O ataque foi precedido de insuficiente reconhecimento. Uma unidade blindada deve ser acompanhada por infantaria blindada, quando em missões independentes. Neste caso, devia-se ter acautelado com a bateria de artilharia e pessoal que tinha contornado. Uma bateria de artilharia automóvel teria sido de uma grande vantagem para o batalhão atacante. A cortina de fumo é muitas vezes o único meio de protecção numa situação como a que a força alemã aqui encontrou.

A força russa cometeu um erro deixando de proteger o seu flanco. Em consequência disto, o Segundo Batalhão, ao contrário das suas primeiras intenções de deixar a cidade para a infantaria, que estava mais a sul, conseguiu penetrar no objectivo e obter um grande êxito, ao mesmo tempo que aliviava, embora um pouco tarde, o Primeiro Batalhão.

Se o Segundo Batalhão tivesse seguido o Primeiro, a sua presença teria eliminado a bateria de artilharia russa, e, mais cedo teria chegado o auxílio necessário. Portanto, em situações confusas, é melhor avançar em profundidade, para enfrentar quaisquer possíveis surpresas com forças não-empenhadas, do que avançar numa frente demasiado extensa, onde o contacto pode facilmente perder-se, e em que ambas as secções de uma força podem ficar simultaneamente imobilizadas no terreno.

Seja qual for a situação, a protecção próxima nunca pode ser descurada. Tem de ficar ao alcance do fogo de protecção dos elementos da retaguarda.

O combate de inverno pela posse de estradas e aldeias

Em Janeiro de 1942, a frente alemã na Rússia passava aproximadamente 50 quilómetros a leste de Kursk, numa direcção norte-sul. As divisões exaustas da infantaria alemã eram empregadas em vastos sectores, ocupados e mantidos em vigilância somente em pontos importantes.

Revista da Cavalaria

As tropas alemãs experimentavam pela primeira vez o duro inverno russo. O terreno estava coberto com grande espessura de neve e a temperatura descia a 30º abaixo de zero. Um vento cortante varria as planícies. O terreno a leste de Kursk era ondulado. A observação era extensa porque não havia bosques. A monotonia da paisagem ondulante era interrompida apenas por um grande número de aldeias, a maior parte delas espalhadas por grandes áreas.

O movimento fora das estradas e nas cristas era dificultado pela neve amontoada pelo vento. As tropas alemãs, ainda não habituadas a estas condições, tinham que lutar com as forças da natureza. Os motores dos automóveis, camiões e carros de combate avariavam-se frequentemente, assim como as armas mecânicas. A falta de madeira embaraçava a construção de posições. A defesa estava concentrada na defesa das aldeias.

Em número superior, os russos aproveitavam a sua maior experiência e aclimação às condições de inverno, enfraquecendo a frente alemã com pequenos ataques e ganhos de terreno locais.

No sector de uma divisão, os russos reconheceram hábilmente uma posição de limite intermédio entre dois regimentos e conseguiram romper com blindados e infantaria ao longo da estrada que conduz a Kursk. Uma formação blindada de cerca de vinte e cinco T-34, com infantaria transportada, rompeu e arremeteu em direcção à cidade, onde um caminho de ferro e uma estrada, vitais para o reabastecimento alemão, corriam paralelamente à frente.

As aldeias ao longo da estrada que conduz a Kursk, tendo apenas tropas e comboios de abastecimento, foram rapidamente tomadas pelos carros de combate russos.

No segundo dia encontraram uma concentração de forças de protecção alemãs, rapidamente reunidas, a cerca de 10-15 quilómetros à frente de Kursk. Falharam as tentativas de colmatar a brecha na linha principal da frente com fracas reservas locais. Outras forças russas, cerca de dois a três batalhões de infantaria, parte delas em camiões, entraram pouco a pouco pela brecha e ocuparam as aldeias ao longo da estrada.

Um fraco batalhão de blindados alemão, com cerca de 22 carros de combate, vindo de outro sector, avançou para esta área. Num golpe de surpresa, recapturou a aldeia de Vybolsova, no caminho de reabastecimento do inimigo, a qual estava fracamente ocupada, detendo assim a corrente das forças russas.

O batalhão blindado alemão fez ataques de Vybolsova para este e oeste, fustigando os russos, e detendo a corrente de reabastecimentos para as forças que se encontravam mais a oeste. Além disso, a força alemã que estava na cidade, conseguiu obter reforços: um canhão antiaéreo de 88 mm. e um batalhão de pessoal de reserva.

Três dias depois da tomada de Vybolsova pelos alemães, os russos atacaram a aldeia ao longo da estrada, pelo oeste, empregando infantaria e alguns carros de combate, mas foram repelidos.

No dia seguinte, a neve caía em densos flocos. Súbitamente os russos, vindos através dos campos, do lado este e oeste simultaneamente, fizeram um ataque de surpresa, entrando na cidade com grandes forças de infantaria. Os carros de combate ajudaram o avanço do lado oeste. Explorando a sua mobilidade em todos os terrenos — a sua altura acima do terreno era maior que a pressão

Revista da Cavalaria

sobre o mesmo e menor do que a dos carros alemães — os carros russos arremeteram através dos campos, mesmo em sítios considerados pelos alemães à prova de carros de combate.

Insuficientes medidas de segurança tornavam possível a surpresa. A jovem infantaria alemã, pouco experimentada e sem preparação para as exigências de combate no Leste, cooperou muito pouco com os carros amigos e foi derrotada. Os carros alemães, inferiores aos russos em eficácia de armamento e mobilidade, foram destruídos quase por completo.

Ensinamentos

Esta operação mostra a importância das estradas de reabastecimentos, a maior parte das quais tinha de ser tornada transitável e mantida nesse estado para poder ser utilizada no inverno.

O ataque russo, feito em duas direcções contra a aldeia de Vybolsova, decorreu excelentemente. Foi regulado com precisão, tanto pela rádio como por linhas telefónicas, que não tinham sido descobertas, ou por civis que ainda se encontravam na aldeia.

Por outro lado, a operação demonstra que um grande avanço, especialmente no Inverno, tem de ser preparado em detalhe e constantemente reforçado. Uma formação blindada, operando sòzinha, apenas pode alcançar um êxito temporário.

O ataque alemão ao flanco russo, para cortar a linha de abastecimentos, foi bem feito, e o inimigo assim o compreendeu. Carros de combate sem reabastecimento, depressa se tornam inúteis.

Combinar, para uma tal missão independente, um batalhão de infantaria inexperiente com uma unidade blindada, foi um erro. Tal unidade torna-se um estorvo para os blindados.

Um regimento de infantaria em guerra contra ataques apoiados por blindados. Em combate de inverno

Após violento combate defensivo em Dezembro de 1941, o 203.º Regimento de Infantaria tinha retirado para o seu sector divisionário, e fora colocado numa nova posição defensiva em frente e a ambos os lados da aldeia de Berestovaya, uma povoação de casas de pedra que formava o núcleo da defesa.

Uma ordem capturada indicava que se devia esperar um ataque nessa área por uma força do Segundo Exército russo, compreendendo três divisões de infantaria, uma divisão de cavalaria, uma brigada blindada e unidades de artilharia independente. O avanço seria ao longo da estrada Lissichansk-Artemosk, com o objectivo de conseguir uma rotura da frente.

O 203.º Regimento de Infantaria era composto de três batalhões, de uma companhia de canhões de infantaria e de uma companhia anticarro. Cada batalhão compunha-se de três companhias de atiradores e de uma companhia de armas pesadas. Todas as unidades estavam desfalcadas dos seus efectivos.

Revista da Cavalaria

O terreno era ondulado e quase não tinha bosques, com muitas aldeias nessa área. O chão estava coberto de neve e a temperatura era de -15° aproximadamente.

Entre 18 e 22 de Dezembro, o inimigo desenvolveu as suas forças em frente da nova posição. Os postos avançados alemães foram forçados a retroceder para a posição. Era evidente que o ataque russo estava iminente. Na noite do dia 22, os russos, com efectivos aproximadamente de um batalhão, atacaram, pela primeira vez, a posição do 2.º Batalhão. Embora os ataques a ambos os lados da estrada de Lissichansk fossem detidos pelo fogo da defesa, foi aniquilado um centro de resistência da 6.ª Companhia que estava mais para oeste. Elementos avançaram para o interior da aldeia, quase até o posto de comando do batalhão. Neste ponto, a reserva do batalhão foi empenhada e as posições restauradas.

No dia 23 de Dezembro, foram repelidos pelo 2.º Batalhão vários ataques com efectivos de companhia a batalhão, ao longo de ambos os lados da estrada. Ao cair da noite, os russos repetiram os ataques a leste da estrada. Após breve preparação de artilharia às posições da 7.ª Companhia, atacaram com cerca de dois batalhões apoiados por dez carros de combate. Em dois sítios perto da cota 205.0, os carros e a infantaria tomaram os centros de resistência alemães e penetraram na frente. O fogo da artilharia concentrado sobre os blindados, forçou-os a retirar. A infantaria russa, perdendo o seu apoio, não avançou mais. Foi, então, empenhado o batalhão de reserva alemão que repeliu a infantaria russa e permaneceu na posição da aldeia.

No dia 24, foram repelidos vários ataques à estrada e, pela primeira vez, ao flanco esquerdo do 1.º Batalhão. Nesse dia, não foram empenhados carros de combate.

Na manhã do dia de Natal, os russos atacaram novamente a leste da estrada com cerca de dois batalhões de infantaria, sendo detidos pelo fogo da artilharia. Pouco depois, atacaram a 1.ª e a 3.ª Companhias, das ravinas a noroeste da aldeia. Ambos estes ataques, apoiados por morteiros e efectuados por uma a duas companhias, podiam ter sido repelidos. Mas, cerca das 14h00, quando soprava de leste um vento cortante, surgiram súbitamente das ravinas dez a doze blindados que avançaram contra a parte ocidental da aldeia. Acompanhados pela infantaria, avançaram, lentamente, em grupos, cobrindo com fogos os centros de resistência alemães. A orla da aldeia ficou sob o fogo da artilharia e morteiros.

Eram 15h00 quando cinco blindados, com infantaria, entraram na posição da 1.ª Companhia, que estava defendendo mais de 1.000 metros de frente apenas com 40 homens. Os russos entraram na aldeia, e vários carros, separando-se da infantaria, avançaram para o sul, em direcção ao aterro do caminho de ferro. Depois de dois carros terem sido postos fora de acção pelos canhões anticarro, retrocederam.

Num contra-ataque, a 10.ª Companhia limpou novamente a aldeia. Os estados-maiores do 3.º Batalhão e da 9.ª Companhia foram também trazidos de Belogorovka para a frente e empenhados. As 21h00, os russos, embora lutando tenazmente, foram derrotados e a linha de resistência reocupada.

As baixas obrigaram a uma reorganização do 203.º Regimento, e os três batalhões foram destinados a posições contíguas, cada qual conservando uma companhia de reserva.

Revista da Cavalaria

Na madrugada de 26 de Dezembro, os russos começaram a atacar violentamente na área entre a aldeia e o caminho de ferro mais para oeste.

Dezassete carros aproximaram-se do flanco direito do 1.º Batalhão, acompanhados por dois a três batalhões de infantaria. As posições da 2.ª Companhia foram esmagadas pelos blindados, e os russos chegaram até ao aterro do caminho de ferro onde foram detidos por um eficaz fogo de artilharia.

Mais para leste, apareceram blindados em frente da Colina 218,5, uma proeminência notável. Uma bateria antiaérea de 88 mm. a sul dessa proeminência, pôs um carro fora de acção, antes dela própria ser esmagada. Na colina 218,5, que não oferecia qualquer cobertura, as tropas alemãs não puderam manter as suas posições devido ao fogo dos blindados e retiraram para a via férrea, a sul da colina.

Não havia contacto entre o Regimento que estava em Belogorovka e o 1.º Batalhão; a situação ali continua confusa até à noite. Um batalhão de reserva divisionário e vários pelotões ciclistas foram destinados ao regimento. Com os russos a entrarem novamente na parte ocidental da aldeia, a equipa de combate recebeu, pelo meio-dia, licença do regimento para abandonar a aldeia.

A intervenção de aviões bombardeiros não trouxe grande alívio, visto que a área do alvo não podia ser convenientemente definida, devido à situação confusa do combate.

Pelo meio dia, o batalhão de reserva divisionário e cinco canhões de assalto foram entregues ao comandante do 2.º batalhão, que exercia o comando na aldeia. Ele resolveu, então, continuar a manter-se na aldeia.

Cerca das 16h00, a infantaria russa apoiada por alguns carros, atacou o 2.º Batalhão a partir da estrada. Novamente foram perdidos dois centros de resistência na colina 205,5, e os russos penetraram. Um contra-ataque alemão feito pelo batalhão de reserva, apoiado pelos canhões de assalto, eliminou as penetrações e restaurou as linhas, cerca da meia noite. Porém, não havia contacto com o flanco direito do 1.º Batalhão, porque este não tinha recupado as suas antigas posições.

Na madrugada do dia 27, os ataques foram repetidos com a mesma intensidade do dia anterior. Através da brecha, formada entre o 2.º e 1.º Batalhões, importantes forças de infantaria russa, apoiadas, pelo menos, por vinte blindados, atacaram a aldeia e as posições do 1.º Batalhão, ao longo do aterro do caminho de ferro. Neste último ponto, oito canhões anticarro recentemente empenhados, foram destroçados pelos carros — o canhão anticarro de 37 mm. não era adequado contra o T-34. O aterro foi tomado; somente o flanco esquerdo ficou ainda agarrado a ele.

Cerca das 11h00, após uma violenta preparação de artilharia, os russos lançaram, de noroeste e de oeste, mais ataques contra a aldeia, apoiados por carros. Os efectivos da infantaria eram de cerca de um regimento. O inimigo alcançou o centro da aldeia e foi novamente repellido num contra-ataque. Mas outras forças, também apoiadas por carros, envolveram a aldeia pelo lado oeste depois de uma acção devastadora para o sul. Às 14h00, os russos penetraram outra vez na aldeia pelo oeste, com infantaria e carros, e, no fim da tarde, pelo lado de leste. As forças alemãs abandonaram a aldeia durante a noite, retirando para a linha do aterro.

Revista da Cavalaria

Nessa altura, as baixas russas já eram muito severas e, embora os ataques continuassem nos dias seguintes, a sua força estava enfraquecida e a rotura tinha sido evitada.

Ensinamentos

Esta acção é característica do combate de Inverno, a qual põe em destaque a importância das aldeias. As tropas agarram-se a elas e defendem com tenacidade os seus quartéis de inverno.

O comando russo mostrou, como aconteceu na maior parte dos casos desta fase da guerra, uma dispersão espantosa das suas forças atacantes. Esta dispersão também se aplica aos carros de combate, que nesta acção foram empregados para acompanhar os ataques da infantaria. De uma maneira geral, os ataques russos sem o acompanhamento dos carros, eram detidos pelo fogo.

A tomada da aldeia alemã podia ter sido efectuada mais facilmente, se os russos tivessem, desde o início, tentado envolvê-la. Um ataque à Colina 218,5 teria isolado a aldeia dos seus reabastecimentos, tornando, deste modo, impossível a sua defesa.

A excelente mobilidade em todo o terreno dos carros russos T-34 permitiu-lhes acompanhar os ataques, apesar da neve um tanto profunda. Podiam manobrar bem no terreno, ao contrário do que acontecia com os canhões de assalto alemães, os quais não podiam deslocar-se bem fora das estradas e tinham de se acautelar com a neve amontoada pelo vento.

O combate de inverno entre blindados e infantaria

No decurso das batalhas de Inverno de 1941-42, os russos tentaram recuperar a cidade de Carcóvia, partindo da área este e sudeste da cidade. O frio era intenso, e a neve de grande profundidade, especialmente, nos pontos baixos.

Nos fins de Janeiro, com grandes nevões, os russos avançavam em formação cerrada com veículos ao longo da estrada, de Brigaderovka para Borshchevoe, onde uma bateria alemã os atacou. Assim terminou o mês, depois do que se seguiu um dia calmo, o 1.º de Fevereiro.

No dia 2, os russos atacaram os centros de resistência avançados alemães com granadas de 100 mm. e 122 mm., ao mesmo tempo que empreendiam um reconhecimento em força contra o Centro de Resistência n.º 3 com duas companhias, contra o Centro de Resistência n.º 4 com um pelotão forte e contra o Centro de Resistência n.º 5 com uma companhia e meia. Estes ataques foram, porém, repelidos.

Nas primeiras horas da manhã seguinte houve violento fogo de artilharia de todos os calibres e penetração na direcção de Taranushin, que foi repelida pelos Centros de Resistência n.ºs 2, 3 e 5, com auxílio de bombardeiros de voo «a picar».

No dia 4 de Fevereiro, os ataques russos continuaram. A defesa alemã fazia frente para leste e norte, tendo ficado cortado o contacto com a unidade da esquerda. Foi mandado um pelotão de infantaria, reforçado com quatro carros, estabelecer o contacto ao longo da estrada Yacovenkovo-Volokhovo Yar.

Revista da Cavalaria

Em resultado do tiro de flanco, feito no vale do rio Belakleyka, o ataque parou a meio caminho. O pelotão retirou quando caiu a noite e trouxe trinta prisioneiros.

Na madrugada de 5 de Fevereiro, houve outro ataque russo contra os centros de resistência, que foi repellido. O avanço era de nordeste em direcção a ocidente. Em Taranushin, grandes concentrações foram atacadas por bombardeiros de voo «a picar».

Foi repellido um ataque nocturno contra a parte norte de Yakovenkovo. Na tarde do dia 6, outro ataque, apoiado por alguns carros, conseguiu penetrar na aldeia, mas foi eliminado por um contra-ataque.

No dia 7, foram repellidos novos ataques feitos por forças mais poderosas, tentando os russos abrir brecha noutros pontos e atacando o flanco direito. As forças atacantes, que estavam concentradas em grandes ravinas e barrancos e em bosques, a sul de Borshchevov, avançaram com um batalhão de esquiadores até às proximidades da estrada, onde estavam preparadas posições defensivas. Entretanto, as forças alemãs foram reforçadas por um segundo batalhão.

Na manhã seguinte, patrulhas de reconhecimento russas avançaram para sondar os pontos fracos em volta da parte sudeste de Yakovenkovo. Ao fim da manhã, o novo batalhão alemão atacou fora dessa área e restabeleceu a primitiva M. L. R. (Linha Principal de Resistência). Os ataques dos carros de combate feitos pelos russos contra o Centro de Resistência n.º 5 com cinco carros, foi repellido.

Seguiram-se dois dias de calma; o tempo tornou-se mais quente; o degelo começou. Aproveitando estas condições atmosféricas, os russos atacaram com um batalhão e onze carros pesados. Os centros de resistência foram atacados e perdidos. Um contra-ataque feito por carros inferiores, amigos, não deu resultado. Foi então estabelecida uma posição defensiva circular em volta de Yakovenkovo. A situação era crítica. Quatro carros pesados atacaram a aldeia e retiraram sob o fogo de quatro carros amigos. Perto do meio dia de 12 de Fevereiro, aumentou o fogo da artilharia inimiga contra a cidade ocupada pelos alemães, reforçado com projecteis de foguete, fogo anticarro e de morteiros, e à noite com fogo de patrulhas de reconhecimento regulares russas na orla da aldeia.

Antes do amanhecer do dia 13, o inimigo iniciou um ataque a partir de uma depressão em forma de Y, com um batalhão, entrando, com grandes «hurras», pela parte noroeste da aldeia. Contra-ataques, feitos por duas companhias, em combate próximo, destruíram o inimigo.

No dia 14 de Fevereiro, quatro carros pesados fizeram fogo sobre a aldeia, tendo os russos lançado um ataque com apoio de blindados, a meio da manhã, o qual foi repellido, assim como outros ataques feitos no dia seguinte. Os russos cessaram então os seus ataques.

Um relatório do Alto Comando da «Wermacht» dizia o seguinte:

«Uma divisão na área sudeste de Carcóvia, em batalhas defensivas extremamente violentas, entre 10 de Janeiro e 7 de Fevereiro de 1942, repeliu 142 ataques de seis divisões de infantaria e de duas divisões de blindados. O inimigo perdeu seis mil homens, vinte e sete carros, catorze canhões, oitenta e dois morteiros e dois aviões».

Revista da Cavalaria

Ensinamentos

O combate de Inverno, com frio excessivo, requer medidas especiais. Consiste em sondagem, desgaste e ataque. As aldeias desempenham um papel muito importante. Ele ensina-nos que um exército tenaz, que saiba dominar os nervos, não será vencido.

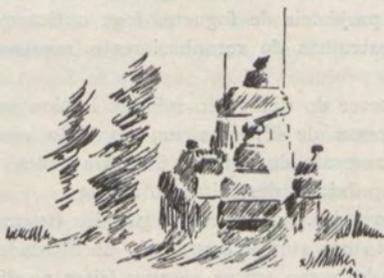
Quando os russos fazem operações de reconhecimento em força, isso significa que qualquer coisa está para acontecer dentro das próximas vinte e quatro horas.

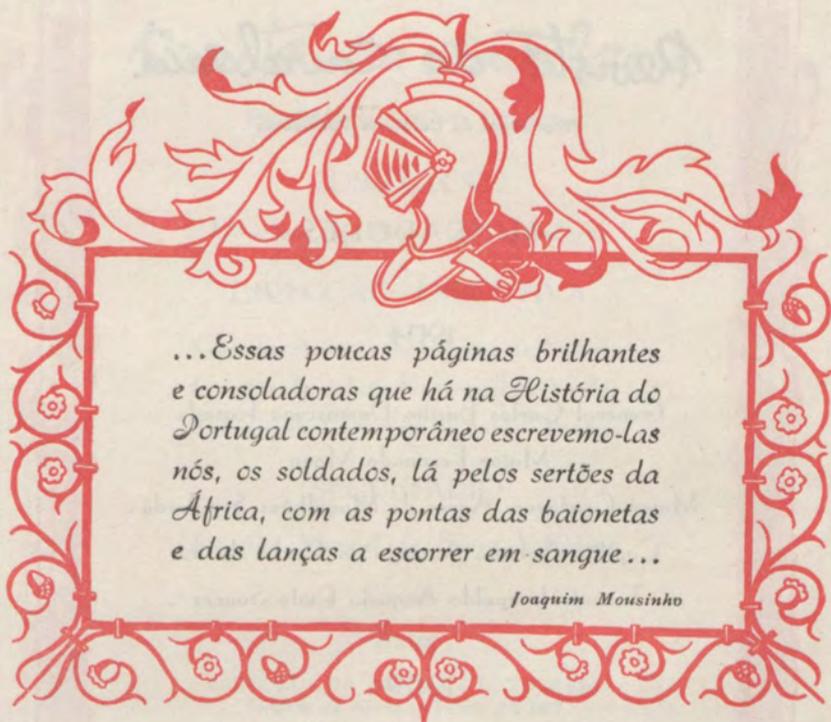
Quando a neve tem grande altura, os carros devem ficar em terreno elevado. Os russos lançaram muitas vezes alguns carros como «engodo» para o fogo anticarro, atacando depois com elementos pesados. Um ataque de carros contra uma aldeia não é tãcticamente legítimo, se não for efectuado sob a protecção do fogo de artilharia e acompanhado pela infantaria.

Para os carros de combate, as «lagartas» largas, que permitem uma pressão mínima sobre o terreno, são de grande vantagem no combate de Inverno, facto que a indústria russa de carro de combate já tomou em consideração.

B. E. M.

Armor
Fev. — 1952





...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho

BIBLIOTECA DO EXERCITO
(Arquivo Histórico do Exército)



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarró Correia Barranto

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F.C.



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente António Gentil Soares Branco

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50

F.C.



SUMÁRIO

CERTEZA DO AMANHÃ	<i>Tenente Jorge Mathias</i>	159
UM ARTIGO DA «LIFE»	<i>Taklos</i>	161
HIPISMO:		
DOCTRINA EQUESTRE — EDUCAÇÃO DO CAVALEIRO	<i>Direcção da Instrução da E. M. Eq.</i>	185
EMBOCADURAS E SEUS COMPLEMENTOS	<i>Tenente Jorge Mathias</i>	195
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
UM EXEMPLO TÍPICO DOS COMBATES DE NOITE	<i>Coronel S. L. Marshall</i>	207
RELATO SOBRE O VIII EXÉRCITO		220
A ÁGUA ARMA OFENSIVA	<i>Cap. W. Ch. Bran</i>	227



Revista da Cavalaria

14.º ano - n.º 3

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Maio

CERTEZA DO AMANHÃ



Correm vertiginosamente as Nações à mecanização e motorização dos seus Exércitos.

O nosso Portugal não foge ao ritmo dos outros países, cumprindo os seus compromissos,

defendendo os ideais da sua Civilização.

E na motorização do seu Exército vai o cavalo perdendo, dia a dia, o seu papel tático, a sua utilização.

Os oficiais chamados aos motores, vêem as horas de serviço totalmente tomadas naquelas missões. Os cursos de aperfeiçoamento técnicos, as inúmeras especialidades necessárias hoje à complicadíssima engrenagem de um Exército, enfim, um sem número de coisas, vêm, infelizmente, afastando da prática da equitação, uma grande percentagem dos «cavaleiros» da nossa Cavalaria de tradições tão belas.

E todos nós, os que continuamos pugnando pelo cavalo, pela sua causa como elemento educativo, perguntamos: Como reagirão os novos oficiais?

Revista da Cavalaria

Chegará o tirocínio na Escola de Cavalaria onde cada lugar tem a sua história, onde cada parede respira tradições, onde palpitam os nomes dos «grandes» do nosso hipismo, para incutir e arreigar no espírito dos aspirantes o gosto e o amor pelo cavalo?

Cepticismo! Dúvida! Esperança! Sabemos lá quantas sensações ao encararmos o problema!

Mas agora, findo o Concurso Militar de Mafra de 1953 podem-se, cremos, riscar as palavras Cepticismo, Dúvida e suas semelhantes.

De um curso de quinze aspirantes saídos em fins do ano passado de Torres Novas, aparecem em Mafra treze, numa demonstração de vitalidade, de esperança nos dias de amanhã, de uma esperança que é uma certeza no futuro do nosso hipismo.

E, como se fosse pouco a sua presença, um número que só poderia subir a catorze, pois há um que se encontra em Timor na defesa dos interesses da Mãe Pátria, esses brilhantes alferes apresentaram-se em pista de tal forma que mereceram os aplausos unânimes de quantos os observaram.

Alguns mesmo, mais felizes nos cavalos que possuíam, deram-nos percursos de muito bom nível técnico, a ponto de virem a ganhar uma prova e terem tirado outras classificações.

Tudo o que acabamos de escrever redobra o valor destes «13 alferes» se nos lembrarmos que a grande maioria se apresentou com cavalos a debutar.

Estão de parabens os seus instrutores de Torres Novas pelo gosto que pelo cavalo lhes souberam criar.

Está de parabens a Escola de Cavalaria pelo verdadeiro «espírito cavaleiro» que neles soube incutir.

Está de parabens a Cavalaria Portuguesa porque estes treze alferes garantem-nos, pelo seu gosto e, mais ainda, pelo seu exemplo, a continuação das brilhantes tradições do hipismo português.

Tenente JORGE MATHIAS

UM ARTIGO DA “LIFE”

por TAKLOS



Quando passámos pela escola, onde principiámos a aprender tática, fomos tomando contacto com um certo número de dados clássicos para resolvermos os problemas de que se nos exigia a solução.

Entretanto, veio a guerra, uma nova guerra, com o tumultuar de novos problemas que nos pareceram os mesmos mas com novas soluções, pois as armas eram outras. Contudo, não encontramos nova doutrina quando passámos de outra vez pela mesma escola. Antes, apareciam umas tentativas para se ir ao encontro daquilo que aparecia disperso por livros e revistas, o que motivava hesitação para quem necessitava soluções definidas por formação ou temperamento.

Depois disso, aparece ainda uma nova guerra, de âmbito reduzido e que desejamos circunscrito. Esta guerra põe novos problemas e dá origem a novas perguntas. Como é feita perante as novas armas, e novos equipamentos, que se anunciam sensacionais? Fica-se com o temor que as novas armas, geradas na actividade de cientistas que nos laboratórios lutam pela supremacia da sua nação e não da humanidade a que pertencem, tragam para a qualificação de obsoleto o que se provou ser eficiente nas guerras anteriores, e, como consequência, se inicie outra maneira de servir as novas táticas pelo aproveitamento das qualidades desse armamento, como é óbvio.

O oficial que vive afastado dos problemas táticos, que uma vez aprendeu a resolver, sente-se inseguro e julga, supõe, se a sua experiência e a sua calma não o ensinam, que o contacto obrigatório com

Revista da Cavalaria

essas táticas lhe criará dificuldades pela mudança radical dos processos seguidos até então.

Nós aprendemos que os factores da decisão são quatro e, entre eles, o que nos parece escravizar para uma decisão, figura o terreno.

Este factor, o terreno, encarado sob aspectos antagónicos, domina a «nossa» solução e absorve os meios, o inimigo e a missão. Esta tem que se cumprir, apesar do inimigo, apesar de nós mesmos e apesar do terreno.

Então, será a missão que nos escraviza e o terreno o pagem servidor, concluir-se-á.

Mas o inimigo tem por si vantagens e, uma delas, a de o desconhecermos no que pretende fazer, mesmo que se saiba o que pode fazer.

Nesse caso, como cumprimos a missão com uma incógnita tão importante, pois o inimigo pode parecer um e aparecer outro? Como é que o terreno trabalhará a favor do inimigo, que o pode aproveitar melhor, mesmo que nós o conheçamos bem?

Afinal, apenas temos uma realidade: — a dos nossos meios. Mas, mesmo essa realidade, é aparente. Os meios são servidos por um moral, por homens que o suportam, fracos ou de valor. Quantas vezes, doutrinariamente e em prática repetida até à saturação, se treinaram homens que vêm a falhar imprevisivelmente.

Podíamos concluir, com deliberação, que não serve de nada a metódização do estudo para se conseguir a decisão precisa, aquela que ansiamos para cumprimos a verdadeira missão: — a de honrar o posto que ocupamos com o menor dispêndio possível das vidas que se nos confiaram.

A evolução do armamento e de certos equipamentos, da doutrina para o seu emprego, sempre hesitante, do método de ensino, nem sempre adaptado à realidade, tece a tal meada de hesitações que enredam o oficial que, bruscamente, tem de tomar contacto com a escola onde a tática é ensinada, ou sobre ela prestam provas.

O classicismo da doutrina, esquematizado à força de emprego na carta topográfica e falseado nos exercícios no terreno sem fogo e sem inimigo a impor soluções, norteia o oficial quer o estudioso dos livros quer o improvisador que apresenta soluções que parecem fantasistas. Esse classicismo é perigoso por inerte, esquecendo-se que a guerra é, apenas, de execução, simples e movimentada.

Não há dúvida que os vencedores são os que se dedicam à realidade da evolução do armamento, e de certos equipamentos, com todas

Revista da Cavalaria

as conseqüências inerentes, não descansando sobre os resultados colhidos mas querendo, sempre, excederem-se a si próprios na antevisão do melhor. Esse anseio não deve e não pode parar mesmo perante as hostilidades desencadeadas. O estudo, forçosamente, torna-se mais profundo, minucioso e acelerado. Já não serve estudar, apenas, o que a iniciativa nacional nos dispensa; tem que se escolher com felicidade e rapidamente o que o inimigo nos transmite «a contre-coeur».

Nisto reside o segredo de um bom exército, mesmo medido pelas possibilidades de uma nação pequena, como a nossa.

Os exemplos das nações grandes, de grandes possibilidades, não são os exemplos das grandes nações, necessariamente.

As grandes nações têm o mérito, fundado na necessidade, de aproveitarem os homens de valor, os que se impõem sem amigos que os ajudem mas ajudados pelos amigos que contraíram pela superioridade intelectual e moral que os exornam. Esses homens estudam com seriedade, despidos de outro fim que não seja o de servir. Esses homens escolhem colaboradores que os servem nessa missão, mas que se não servem para alcançarem um prestígio que oculte ou ensombre o do chefe.

O grupo de trabalho formou-se e daí resulta a doutrina séria e construtiva que aglutina o exército. Os graduados aparecem para receber ensinamentos desse grupo doutrinário e as provas que venham a prestar são motivadas no desejo de se saber o aproveitamento do ensino, elo indispensável para garantia de que o exército é só um no emprego firme e eficiente da ciência da guerra. As provas só podem ser eliminatórias se surge a incapacidade moral ou intelectual. Outra incapacidade só mostra deficiência de ensino com a eliminação do instrutor e não do instruendo.

Então, o classicismo da doutrina desaparece, pois o grupo de trabalho está sempre alerta, enviando os seus membros onde existe a guerra, como observadores, mas observadores que não apresentam, unicamente, relatórios e que se desobrigam de mais trabalhos.

Esses observadores fazem conferências, aceitam a discussão, expõem com espírito crítico e não recitam episódios. Do resultado do que o observador sentiu, tiram-se conclusões e, se a nação pode, inventam-se novas armas para servirem fins, se bem que disso resultem novas tácticas.

O interesse pela «coisa» militar depende do tratamento igual, sem camarilhas, perante o mérito, tanto surgindo a inovação do oficial que é instruendo como do oficial instrutor, todos servidos pela mesma ambição.

Revista da Cavalaria

Os moldes clássicos não existem; apenas se mantêm princípios resultantes do estudo histórico do passado militar dos povos. Esses princípios aplicam-se em novos moldes e, até, quando o armamento não evoluiu. O génio da guerra, o génio da aplicação na guerra, é característica subjectiva, não é pré-fabricado. O estudioso não é o vencedor, mas pode ser o vencedor quando servido pela centelha que o génio possui e aplica argutamente.

Tanto pode ser o melhor militar o mestre da escola militar como o discípulo que o ouve e que quer apreender a doutrina que lhe falta. De facto, a doutrina é essencial pela evolução complexa e acelerada da guerra, da guerra em grande escala.

O mestre pode ser hábil como divisionário, mas não ir mais além. O discípulo pode ultrapassar o mestre na aplicação e na movimentação das grandes massas que excedam a divisão.

Chegámos à altura em que podemos cindir a nossa exposição nos dois problemas que nos interessam. O problema da guerra em tempo de paz não é o problema da guerra na guerra real.

No primeiro, a experiência é teórica, digamos assim; quando muito resultou da observação da guerra mas não da responsabilidade própria quando da aplicação. No segundo, a experiência é vívida e amarga: — sacrificam-se vidas humanas que, hoje, não são só as dos soldados.

Por isso, não somos partidários nem da doutrinação excessiva chegada à esquematização, nem da intolerância à recepção do ensino escolar.

A experiência da guerra é fundamental para a decisão segura e completa do chefe em qualquer grau de hierarquia do comando. Está certo que se trabalhe e estude com sistematização durante a paz, para se poder criar o espírito ordenado e calmo, ao abrigo da emoção, que consiga uma decisão eficiente durante a guerra.

Mas nunca punhamos de lado a inovação, mesmo desejada quando o combate se inicia, pois ela serve como arma contra o inimigo que a não usa.

Todas estas considerações são resultantes do que observámos nas fotografias e texto de um número da Revista americana *Life*.

O articulista refere-se à tal nova guerra que desejamos circunscrita, a guerra da Coreia. Ao examinarmos as gravuras por demais sugestivas ficámos com a impressão instantânea que alguma coisa existia que não obedecia aos moldes clássicos.

Revista da Cavalaria

Parecia-nos obsoleto o que tínhamos aprendido até então, pois os homens que faziam a guerra, faziam-na de maneira diferente do que a nossa imaginação architectou, obedecendo a cânones consagrados.

Como desembaraçar o nosso espírito e esclarecer, assim, a nossa inteligência, foi resolução a que nos obrigámos.

Como atrás dissemos, entendemos que sem nos importarmos com os moldes clássicos mas seguindo a sistematização escolástica, doutrinariamente perfeita, podíamos tirar conclusões do que víamos e chegar à solução do problema.

Para isso, lançamos mão do estudo dos quatro factores da decisão. Começemos, então:

1.º — *Terreno*

Trata-se de um desenho em perspectiva panorâmica que melhor se diria uma fotografia do terreno, tal a perfeição e detalhe com que se apresenta (ver gravura n.º 1). Assim, podemos examinar com segurança o que se nos oferece para estudo.

Em primeiro lugar, sabemos que estamos a contas com um sector regimental de 2,4 quilómetros de frente, barrando o colo de uma passagem para o curso de água que nela serpeia e que se dirige pela direita do sector para o lado do inimigo.

O terreno é extremamente cortado à frente da posição escolhida, mas tem-se a impressão que descai num vale que corre paralelo à frente dos contendores, pelo que é de fácil observação por parte do inimigo, como o próprio articulista o admite.

A posição americana, pois trata-se de uma divisão americana que está defendendo a frente, encontra-se assente numa plataforma que encosta à base da cadeia de montanhas rudes e abruptas que lhe serve de fundo e que só se abre para a passagem do curso de água. Essa plataforma descai por esporões, isolados por ravinas, em direcção ao inimigo, dando commandamento sobre o vale, mas permitindo que seja observado o dispositivo que aí se possa estabelecer.

A cumiada da plataforma, que se eleva suavemente e abrindo em leque desde a garganta do colo, protege as instalações que se possam montar ao abrigo quer do fogo quer das vistas terrestres, se bem que precariamente.

A plataforma encontra-se despida de vegetação e o ligeiro movimentado do terreno não oferece abrigo seguro contra o fogo ou a observação inimigos.

Revista da Cavalaria

O terreno desta plataforma é percorrido por alguns caminhos que servem todo o sector e com algumas pontes sobre o curso de água que o corta.

Em conclusão:

- não oferece protecção nem das vistas nem do fogo;
- domina o vale, onde o inimigo se instalou, impedindo a penetração dos carros inimigos, pelo seu declive, donde formar um obstáculo de valor;
- necessita de fortificação de campanha e de comunicações enterradas para barrar fortemente, então, a garganta que defende;
- necessita-se de domínio aéreo para a manutenção do sector, tanto mais que se tem de viver da passagem do colo, fortemente referenciado mesmo para bombardeamento nocturno.

2.º — *Inimigo*

Nós não sabemos o que é o inimigo, isto é, o que é o inimigo que temos na frente do sector em estudo. O autor do artigo escreve que falta o inimigo no quadro, mas que deve estar observando a cena do alto dos montes à direita do desenho.

A ser assim, temos que admitir que o desenhador e autor que viu o quadro na realidade da guerra, o viu muito de frente, pelo conjunto que consegue apresentar, e, portanto, viu-o de uma inflexão do terreno que se dirige para o lado do inimigo, e como a linha de alturas ocupada por este corre paralela com a ocupada pelos americanos, é de supor que as vistas inimigas enfiem quase paralelamente o sector americano. Então, mal estavam os defensores se não lhes valesse uma elevação proeminente a meio do sector, permitindo movimentos e instalações a ocultas, mas que não deixa de exigir comunicações enterradas, pela exposição a descoberto dos caminhos que divergem do colo que defendem.

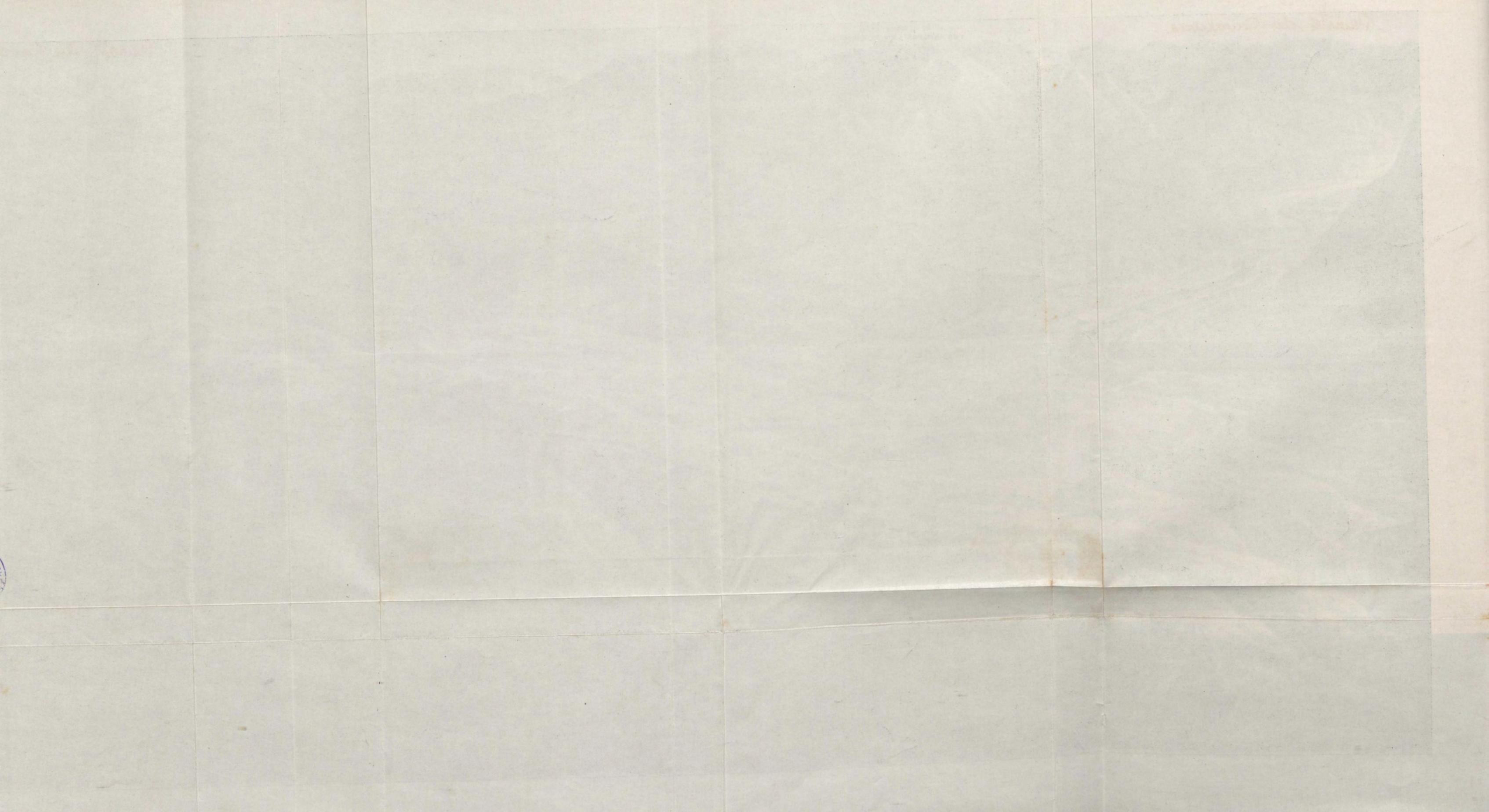
Portanto, quanto à observação, temos um inimigo bem instalado.

Quanto às suas posições, como pontos fortes do terreno, dominantes e de difícil acesso, cremos não errar que o inimigo dispõe à vontade da outra vertente do vale e, supomos, não deve mediar grande intervalo de terreno entre os contendores por vermos que as armas automáticas americanas estão fazendo fogo.

Quer dizer, lidamos com um inimigo agressivo e instalado em posições idênticas às dos americanos.



Figura 1



Revista da Cavalaria

Até aqui só considerámos o que nos parece ver, mas devemos acrescentar que o inimigo também é nosso conhecido, de uma maneira geral.

Todos sabemos pela duração da guerra sino-coreana-Nações Unidas, que o inimigo é agressivo, — recusando-se, mesmo, a cair prisioneiro se é de nacionalidade chinesa, — bem treinado, empreendedor e que utiliza o terreno como mestre que é nas infiltrações. Todos conhecemos as histórias de batalhões completos cercados por movimentos nocturnos sem o menor ruído ou acção denunciadora por parte dos sino-coreanos.

Estes, durante parte da guerra, só utilizaram morteiros e metralhadoras, o que os habilitava à infiltração; depois, e já recentemente, principiaram a empregar artilharia em grandes massas, à maneira russa. Quanto à aviação, sabemos que é fugidia e esporádica, embora os sino-coreanos possuam aparelhos em abundância, principalmente de intercepção.

Em conclusão:

- o inimigo é agressivo, bem instruído e está bem equipado;
- desconhecemos o seu valor, isto é, quanto vale em unidades constituídas por batalhões e que ocupem o terreno adverso;
- presumimos, contudo, que o inimigo ocupa posições de valor semelhantes às dos americanos; basta, para isso, notar que estes ocupam uma posição fortemente organizada;
- o inimigo é hábil em infiltrações, a que se presta o terreno ocupado pelos americanos, verdadeiro palco com numerosas rampas de acesso, dificilmente vigiáveis e batidas pelos fogos, se bem que exijam grande esforço ao inimigo, se as quiser percorrer.

3.º — *Missão*

Ao notarmos a cadeia de montanhas de aspecto imponente, rebarbativo e intransponível para a vida humana corrente se efectuar, ao sentirmos que só a passagem do curso de água podia permitir a vida de relação, o que se confirma pela estrada que o acompanha, chegámos à conclusão que, para lá da mole imensa das alturas, deveria existir algo de interessante para as operações militares.

Ao doarmos as folhas da *Life*, vimos logo na página seguinte que havia razão para a nossa sensibilidade se acusar: — abria-se um vale magnífico, sulcado por uma vida intensa (ver gravura n.º 2).

Revista da Cavalaria

Estava justificada a missão: — defensiva sem espírito de recuo, defensiva a todo o custo ou defensiva estática, defensiva imponente pelos meios atribuídos.

Portanto, temos uma posição defensiva, dotada com meios de reforço excepcionais, pela importância da *ideia de manobra* do Comando, certamente.

Já atrás salientamos o acertado da escolha da posição, única aproveitável, única com possibilidades de defesa, se bem que vista do inimigo e desprotegida de recursos de protecção naturais, com excepção da dominância do terreno em relação a um inimigo que tem de atacar, vindo de frente, pois não parece haver outra alternativa.

A atribuição de grande importância à ideia de manobra do Comando americano, fundamenta-se na organização complexa, ricamente dotada em meios, que está estabelecida para lá da cadeia de montanhas e disposta sobre o eixo que forma o vale com as suas numerosas vias de comunicação a percorrê-lo. Quer dizer, temos uma linha de comunicações servida por todos os meios conhecidos e que sustenta ou apoia um Corpo de Exército a 3 Divisões.

Em conclusão:

- o Comando americano pretende defender a todo o custo a passagem em causa, isto é, pretende manter esta frente;
- para isso, atribuiu-se um C. E. a três divisões para se estabelecer numa posição defensiva, com a linha principal de resistência imediatamente à frente do colo, pelo comandamento que oferece sobre o vale que margina a cadeia de montanhas;
- é possível que o vale que conduz ao colo seja de importância vital para a defesa da frente no seu conjunto, donde se justifique a abundância de meios postos no sector e em apoio ao C. E. pelo comando do Exército onde está integrado, a não ser que se pense numa ofensiva com o esforço a realizar segundo esta direcção ou eixo.

4.º — Meios

Já atrás levantámos a penta do véu, informando que se trata de um sector regimental, integrado no de uma Divisão em primeira linha, isto é, em contacto imediato com o inimigo.

Mas, dada a organização dessa posição, os meios de reforço e, até, a instalação de certas armas, como a seu tempo revelaremos, tudo isto

Revista da Cavalaria

nos levou a pressentir que alguma coisa de mais importante, ainda, para a solução do problema se encontrava para lá da linha de alturas que cumeava o pano de fundo a que encostava o dispositivo das tropas que guarneciam o sector, ou seja, o arranjo das tropas, com as armas respectivas, no terreno para o cumprimento da missão.

Então, prosseguimos o nosso percurso na garganta, onde já se podia divisar um comando de divisão, e deparámos com o quadro de um C. E. a 3 Divisões com numerosos órgãos de serviços pertencentes ao Exército, de que faz parte o Corpo.

Não sabemos se será mais útil detalhar, neste momento, o C. E. ou estudarmos o dispositivo como assunto separado, como pretendemos, e, então, revelar os meios que, de facto, existem.

Para evitar uma repetição que ocupa atenção e esforço, preferimos a última solução.

Em conclusão:

- trata-se de um Corpo de Exército a 3 Divisões;
- está dotado com serviços, dependentes do Exército a que pertence o Corpo, para poder viver;
- os meios de que dispõe, levam a crer na importância fundamental do sector, ou pela sua sensibilidade para a defesa do conjunto da frente ou pela intenção do prosseguimento ulterior de uma ofensiva, pois, em qualquer caso, para equilibrar o esforço inimigo devem opôr-se-lhe meios comparáveis.

Resumo

Como recapitulação, e só para fixar os pontos fundamentais do estudo levado a cabo por intermédio dos factores clássicos da decisão, reteremos na nossa memória:

a) — terreno:

- exige a sua organização por tropas de engenharia em colaboração com as tropas do dispositivo;
- exige cobertura aérea para as tropas se poderem manter.

Revista da Cavalaria

b) — inimigo:

- embora se desconheça o seu valor, o desenvolvimento dos meios e da organização levam a crer que se trata de um inimigo de igual valor ao dos americanos.

c) — missão:

- defensiva a todo o custo para manter a frente;
- possivelmente, intenção de prosseguir na ofensiva se for essa a manobra decidida pelo alto comando.

d) — meios:

- um C. E. a 3 Divisões;
- apoio de órgãos de serviços, necessários à vida do Corpo, pertencentes ao Exército em que está integrado.

Esquematzada a ideia de manobra dos americanos pelo estudo dos factores da decisão, na possibilidade de errarmos, aliás, nas nossas deduções, concluímos, então, que o Corpo do Exército pretende barrar a direcção oferecida pelo eixo do vale à retaguarda da linha de alturas que está na sua posse, exercendo o seu esforço defensivo natural no colo, dando como missão à divisão lateral esquerda o impedimento a todo o custo da transposição do vale à frente por parte de quaisquer meios inimigos, de modo a evitar o infiltração por essa passagem, mantendo a frente. Ainda, e em consequência, as divisões restantes, à direita da que ocupa o colo, como o autor do desenho informa que estão colocadas, devem ligar-se por ordem inversa da importância das missões e terem, ainda, de evitar a travessia pelo inimigo do vale à frente da posição que ocupam de forma a impedir que manobrem a divisão da esquerda. Quere-nos parecer que a missão da divisão da direita segue em ordem de importância a missão da divisão da esquerda, não só pela importância do terreno que ocupa, como por ter sido criada a reserva do C. E. à custa da infantaria da divisão do centro.

Isto quanto à primeira possibilidade da decisão a tomar, pois para admitirmos um plano de manobra correcto e consequentes decisões sob o ponto de vista ofensivo, teríamos de conhecer o terreno inimigo, o que não conseguimos neste caso por não possuímos o mínimo poder divinatorio.

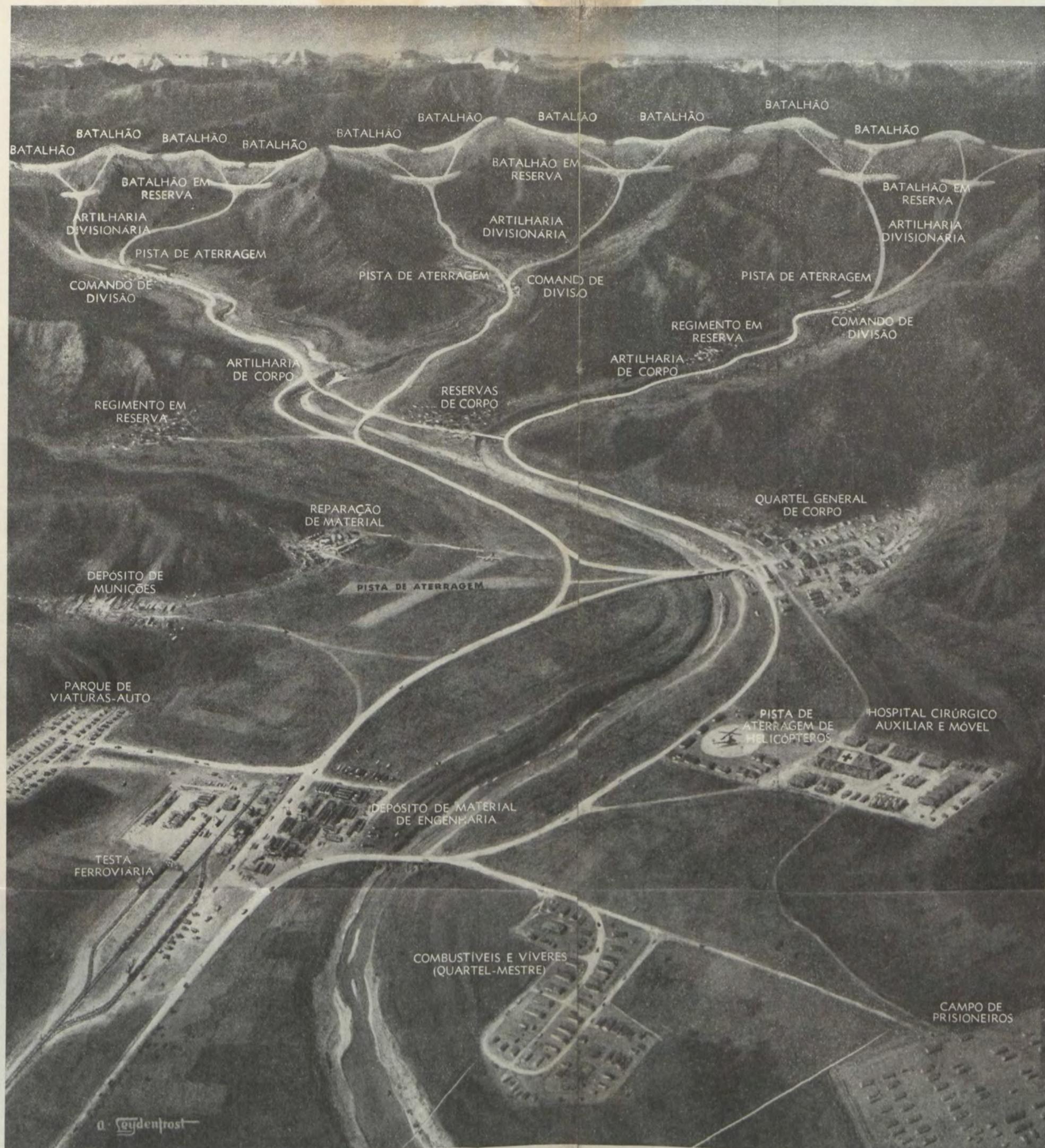


Figura 2



BIBL

Revista da Cavalaria

Como também dissemos, temos a impressão que o estudo das gravuras nos levará a alterar a concepção clássica gravada na nossa memória para aplicação táctica, isto é, para a solução de problemas tácticos.

Assim, passaremos agora a estudar o «Dispositivo», consequência da decisão tomada e estabelecido para cumprimento da missão, e estamos certos que algo de novo vai surgir.

Dispositivo

A — *No sector regimental*

Numa frente de 225 quilómetros de extensão, o regimento americano ocupa neste sector a frente de 2,4 quilómetros; no artigo lê-se que à direita e à esquerda deste regimento estão outros ocupando sectores iguais.

Os regimentos estão constituídos a 3 batalhões, com dois na linha principal de resistência, estabelecida, como se disse, ao longo da cumiada dos montes que limitam a plataforma, e com uma linha de postos avançados estabelecida hábilmente à frente dos batalhões em primeiro escalão, e comunicando com eles por comunicações enterradas e até subterráneas, aproveitando os esporões que descaem para o vale e de forma às ravinas que os limitam serem tanto quanto possível batidas pelos fogos, mas fogos provenientes de armas situadas com comandamento sobre o terreno.

No artigo informa-se que estes postos avançados têm por missão explorar as posições inimigas como «tentáculos».

O terceiro batalhão do regimento encontra-se em reserva, contudo estabelecido em posições que dominam a plataforma. Atribui-se-lhe a missão de auxiliar os que guarnecem a linha principal de resistência, podendo a divisão, se necessário, lançar mão de outras reservas, além de fogos de artilharia e do emprego de tanques para o efeito, como vamos ver.

Depois de citarmos algumas passagens do artigo da *Life*, vamos apresentar a posição de resistência tal como a observamos.

A posição de resistência é formada por:

- a) — linha de postos avançados (L. P. A.);
- b) — linha principal de resistência (L. P. R.).

Revista da Cavalaria

L. P. A.

Esta linha é constituída por pontos de apoio que se protegem uns aos outros pelo fogo, como se observa, com comunicações, protegidas e abrigadas dos fogos inimigos, para se ligarem à L. P. R.

Estes pontos de apoio estão organizados em entrenchamentos circulares e com pequenos abrigos nalguns deles, segundo a sua importância, e colocados de forma ao terreno ser batido sem espaços mortos, além de permitirem a observação constante e contínua de qualquer movimento inimigo no terreno à frente.

Todos eles são protegidos pelo fogo à retaguarda e tomam um dispositivo em quincôncio.

No caso concreto que estamos observando, o ponto de apoio mais avançado e melhor organizado, pela posição menos protegida que ocupa, está a uma distância da L. P. R. de cerca de 750 metros, portanto, facilmente apoiado por fogos de todas as armas, vindos da L. P. R.; os pontos de apoio imediatamente à sua retaguarda estão a cerca de 600 metros, protegendo-se mutuamente (a 400 metros uns dos outros) e protegendo o mais avançado, que acabámos de referir.

Em conclusão:

- a L. P. A. é constituída por pontos de apoio, guarnecidos por elementos dos batalhões em primeiro escalão;
- os pontos de apoio aproveitam os pontos altos do terreno, quanto possível, e dispõem-se em quincôncio para se protegerem e apoiarem mutuamente;
- a profundidade deste dispositivo varia entre 300 a 400 metros;
- A L. P. A. dista da L. P. R.:
 - no seu limite anterior de 800 metros;
 - no seu limite posterior de 120 metros;
- os postos avançados têm uma missão de resistência, apoiados como estão por todos os fogos à sua retaguarda, além da sondagem das defesas inimigas e da vigilância dos seus movimentos.

L. P. R.

A linha principal de resistência está ocupada por 2 batalhões em primeiro escalão, cada um com a frente de 1.200 metros, o primeiro batalhão na direita do sector.

Revista da Cavalaria

Nota-se a organização de pontos de apoio isolados, formando duas linhas de abrigos individuais ou com dois ou três atiradores, mas dispostos de forma aos da retaguarda protegerem e apoiarem os do limite anterior da L. P. R.

Observa-se que as posições das armas são servidas por comunicações enterradas e com cofragem, isto é, revestidas de madeira para sustentar as terras.

Tem-se a impressão que da segunda linha nem sempre se pode fazer fogo com as armas automáticas em tiro directo para atingir o inimigo, mas permitindo, contudo proteger a primeira linha no caso de aí penetrar.

O aproveitamento hábil do terreno pelos B. I., originou dois centros de resistência (C. R.) em cada batalhão, podendo bater-se mesmo cercados e apoiando-se mutuamente, pois distam entre si de 600 a 800 metros e têm vistas fáceis nas vertentes que se olham.

Mas o que encontramos de notável é que, como fulcro dos seus fogos, dispõem os C. R. de tanques de apoio directo, quando há um luxo notável de morteiros e de artilharia, produzindo uma massa de fogos imponente, com gasto de material mas poupando vidas humanas, princípio de uma nação rica. Estes tanques estão em posições a céu aberto, não camufladas, nos pontos mais elevados dos C. R. e fazem tiro directo, distando do limite anterior da L. P. R. cerca de 150 metros.

Se repararmos que a companhia de tanques do regimento de reserva (reserva divisionária, como veremos) está no sector pronta a intervir, abrigada numa ravina do lado direito do sector a 1.500 metros da frente e que o sector está todo em actividade fazendo fogo, mais nos parece que estão tentando repelir um ataque inimigo com o eixo de progressão na direcção do colo da ravina. Assim, justifica-se que os tanques possam estar numa missão anti-carro ou outra de artilharia integrada na infantaria, mais do que a de artilharia pura e simples, e que a companhia de carros de reserva divisionária esteja aguardando a possibilidade de efectuar um contra-ataque.

À retaguarda das posições de atiradores e de armas automáticas, notamos que foram organizadas posições de morteiros, prontas a receberem o inimigo de qualquer lado, envolvidas como estão por entrenchamentos.

As posições de morteiros de 81 milímetros, a coberto das vistas terrestres inimigas, estão a cerca de 300 a 500 metros e as dos morteiros de 4,2 polegadas (10,5 centímetros) a cerca de 800 metros — mas estas vistas facilmente dos observatórios inimigos — do limite anterior da L. P. R.

Revista da Cavalaria

As posições do terceiro batalhão, protegidas e escondidas nas montanhas à retaguarda, estão afastadas da L. P. R. de uma distância que calculamos entre 1,8 a 2 quilómetros, sendo de reparar que, para facilidade de intervenção e de comunicações, o comando deste batalhão de reserva está escondido numa dobra de terreno do sopé da montanha que abriga as posições do batalhão.

É evidente que as posições do terceiro batalhão dominam, até ao alcance máximo das suas armas, todo o terreno à sua volta, vedando o acesso à garganta, apoiando com o seu plano de fogos a L. P. R. e cobrindo as próprias posições de artilharia que estão à frente da sua posição.

Os postos de comando dos batalhões em primeiro escalão, instalados em barracas sem qualquer disfarce, protegendo-as das vistas aéreas, embora ao abrigo das terrestres pelo aproveitamento do terreno, distam de 300 a 400 metros do limite anterior da L. P. R. e o posto de comando regimental, instalado sobre a via de comunicação que percorre a garganta, deve estar a 2,5 quilómetros, com o comando da divisão a pouco mais de 3 quilómetros do referido limite.

Em conclusão:

- frente ocupada por cada batalhão em primeiro escalão: 1.200 m.;
- profundidade da posição defensiva, desde a L. P. A. às posições dos morteiros de 4,2 polegadas: 1.600 m.;
- profundidade da posição de resistência, isto é, das linhas ocupadas pela infantaria, incluindo, os morteiros: 800 m.;
- distância dos postos de comando dos batalhões à L. P. R.: 400 m.;
- distância do posto de comando regimental à L. P. R.: 2.500 m.;
- organização em pontos de apoio (mesmo para os morteiros) e em centros de resistência, para se baterem em qualquer direcção;
- posição das reservas do regimento escolhidas para apoio dos restantes elementos e em condições de lançar um contra-ataque para garantir a missão principal: a posse do solo, a manutenção da frente;
- ausência de uma organização de infantaria que dê uma maior profundidade à resistência do que a normal;
- impossibilidade de estudar o dispositivo das armas anti-carro (excepto os próprios carros) por não ser visto no desenho.

Revista da Cavalaria

Artilharia

Para apoio do regimento instalado na posição defensiva que estamos estudando, notamos um grupo de artilharia a três baterias de obuses, quer dizer, temos o agrupamento de apoio directo clássico e tão clássico quanto este material se presta maravilhosamente para bater os buracos múltiplos e contínuos de tal terreno, recortado e de abrigo fácil, à frente da posição.

As baterias estão activas e trata-se de obuses de 10,5 centímetros em posições bem desenhadas, sem grandes alinhamentos do material, o que demonstra a preocupação de o proteger tanto mais que, pelos clarões dos disparos projectados em fundo escuro, são facilmente referenciáveis do lado do inimigo.

A distância a que aquelas baterias estão do limite anterior da L. P. R. é cerca de 1.800 a 2.000 metros, o que permite bater com os seus fogos todo o terreno à frente da L. P. A. ou da L. P. R. com um tiro de detenção eficaz de 900 metros por grupo, o que exige o emprego de outras armas para se conseguir uma barragem eficiente, além de tiros no interior da posição.

É notável esta posição da artilharia tão à frente e é preciso ter grande confiança na infantaria para se decidir um comando a executá-lo com uma passagem tão estreita para a retaguarda, agravada pelo corte do curso de água sinuoso que a percorre.

Em conclusão:

- emprego de um agrupamento de apoio directo clássico;
- emprego de material moderno de artilharia americano constituído por obuses de 10,5 centímetros;
- emprego audacioso da artilharia;
- emprego da aviação de observação a favor da artilharia divisionária.

Serviços

a) — Serviço de Saúde

Nota-se o posto de socorros de batalhão estabelecido a coberto de uma tenda, a cerca de 300 metros da L. P. R., assim como duas auto-ambulâncias, servidas por um caminho que cruza a linha de água por uma ponte.

Revista da Cavalaria

É de salientar existir uma pista para um helicóptero junto do posto de socorros, o que permite o transporte de feridos por aviação sanitária a tão grande proximidade da frente, mesmo durante o combate activo e, assim, com grande risco.

b) — *Serviço de Quartel-Mestre*

À direita do sector e confundindo-se com a sombra das montanhas, que formam o seu pano de fundo, nota-se um depósito de abastecimentos que deve ser um depósito avançado do exército, posto à disposição dos serviços da divisão.

O depósito tem grande desenvolvimento, mas não se pode verificar a natureza das suas organizações, pelo que só podemos presumir que se trate de um depósito cujo fim seja o de fornecer os artigos mais urgentes à vida das tropas.

Mas, seja como for, é notável a sua existência tão avançada, pois integra-se numa zona de combate, onde só deveriam existir os meios de vida próprios das unidades.

c) — *Outros serviços*

À direita do sector existe organizado qualquer serviço com abrigos subterrâneos, talvez para reparação de material, conjugado com um parque de viaturas de que não percebemos o tipo ou o fim a que se destinam, presumindo que se trate do serviço de material (ordnance).

Nota-se, também, uma circulação intensa durante o dia nos vários caminhos que conduzem para a retaguarda do sector.

Assinaladas as nossas observações respeitantes a este sector, passemos a página da revista e analisemos o que vimos à sua retaguarda.

B — *No sector restante*

Tal como no sector regimental, vamos seguir o método de exposição que temos adoptado.

1.º — Notamos 3 divisões em linha, ocupando uma posição escolhida pelo exército, com uma frente defensiva de 29 quilómetros.

Revista da Cavalaria

Cada divisão, portanto, deveria ocupar uma frente de 9 quilómetros, em média, ou 3 quilómetros por regimento, mas que se viu atrás reduzir-se a 2,4 quilómetros, o que pressupõe um terreno favorável à defesa, consentindo intervalos ou, então, mostrando escassês de meios por parte dos americanos, o que vamos verificar.

Cada divisão ocupa, de facto, uma frente defensiva de 5 quilómetros em média, para corresponder aos 2,4 quilómetros por regimento, visto que cada divisão apresenta um regimento como reserva. Não há, portanto, escassês de meios, o que há é um terreno que pelo seu relevo se defende por si próprio, permitindo a organização de fortes reservas, sendo de assinalar que o regimento de reserva da Divisão menos sensível à defesa, por não corresponder à possível direcção ou eixo de ataque inimigos, constitua uma reserva de C. E., chamando-se assim por estar reforçado com elementos das tropas do corpo, diz o articulista, e dizemos nós por estar às ordens do comando do corpo pronto a actuar onde este julgue mais conveniente, reforçado, então, por elementos do corpo.

2.º — As reservas das divisões e do corpo estão sensivelmente à mesma altura, bem abrigadas no terreno e junto das vias de comunicação mais importantes. Distam uns 6 quilómetros da frente e podem, assim, actuar rapidamente, quer reforçando, quer contra-atacando, quer substituindo as tropas da frente.

A reserva de corpo serve, afinal, para fazer sentir a acção do comando onde se julgar mais oportuno, de que resulta ocupar uma posição central no sector. Como neste caso, é formada, geralmente, à custa das divisões em linha e, como é lógico, da divisão central, pela missão mais simples e pelo terreno que ocupa.

Diz o articulista que uma parte da artilharia e dos tanques daquela divisão apoiam os regimentos. Já vimos que, de facto, os tanques ou carros, estão apoiando a infantaria com os seus fogos, e é possível que só parte da artilharia das divisões apoie os regimentos, se ele se quer referir à Artilharia Divisionária com missão de acção de conjunto.

3.º — A artilharia divisionária — existe naturalmente um comando de artilharia divisionária — dispõe de um agrupamento de acção de conjunto para fazer sentir a sua acção, isto é, a acção do comando da divisão na conduta do combate defensivo, colocando os seus fogos onde desejar. É servida por uma pista de fracas dimensões e com qualquer inclinação ou direcção para a aterragem do avião de observação, que tem características próprias para isso.

Revista da Cavalaria

As posições dessa artilharia estão sensivelmente a meio do sector da divisão, a uns 4 quilómetros da frente.

A artilharia de corpo está dividida em duas massas, ou dois agrupamentos, cuja missão ignoramos, mas supomos que se trata de qualquer missão de contra-bateria ou longínqua (interdição e flagelação) ou, pela posição que ocupam, a de reforçarem a acção das artilharias das divisões, principalmente a do sector divisionário esquerdo e, quem sabe, a das artilharias vizinhas do corpo.

Está situada entre 5 a 6 quilómetros da frente.

4.º — O comando do corpo de exército, com um desenvolvimento apreciável na sua instalação, está colocado a uns 10 a 12 quilómetros da frente, servido por uma pista aérea com 2 faixas de aterragem cruzadas para levantamento de voo com vento soprando de qualquer direcção.

Este comando é servido por um conjunto de estradas muito desenvolvido, que se dirigem quer para a frente quer para a retaguarda.

Em conclusão:

- cada divisão ocupa uma frente defensiva de 5 quilómetros;
- cada divisão tem os seus comandos a 3 quilómetros de frente;
- cada divisão tem como reserva um regimento, excepto a divisão central;
- as reservas divisionárias estão a 6 quilómetros da frente, o que só se explica por assim o impor o terreno e as vias de comunicação;
- a artilharia divisionária, isto é, os agrupamentos de acção de conjunto têm as suas posições a 2,5 a 3 quilómetros da frente e dispõe de aviação de observação do tiro;
- a pista aérea está situada por forma a servir o comando da divisão e o da artilharia;
- o corpo de exército é constituído por 3 divisões, além dos elementos que lhe são próprios, isto é, os elementos não endivisionados;
- o quartel-general do corpo de exército está situado entre 10 a 15 quilómetros da frente, dispondo de uma grande pista aérea;
- a reserva de corpo de exército é constituída por um regimento da divisão central, reforçado por elementos do corpo;

Revista da Cavalaria

- a artilharia de corpo está em posição de 5 a 6 quilómetros da frente;
- a zona de esforço defensivo do C. E. corresponde ao sector divisionário da esquerda.

5.º — *Serviços*

a) — *Serviço de Material* (Ordnance)

Notamos o Depósito de Reparações em ligação próxima por estrada com um Depósito de Munições, este bem abrigado, qualquer deles ligando-se à rede de comunicações. A oficina de reparações destina-se a reparações médias de todo o material de combate tanto da infantaria como da artilharia e, neste caso concreto, fornecendo armamento de substituição e sobressalentes. Existe, também, um Parque para material auto de todas as proveniências, pois o serviço de material americano inclui todos os veículos, mesmo os de combate.

b) — *Serviço de Engenharia*

Existe um Depósito de Abastecimento de Engenharia, isto é, um depósito para fornecer todo o material de engenharia, incluindo o de pontes, de incêndios, de iluminação, de refrigeração, de acampamentos, de água, de cartas topográficas, de barcos de assalto, etc.

c) — *Serviço de Quartel-Mestre*

Verificamos a existência de depósitos de víveres e de combustíveis líquidos (gasolina, óleos e outros produtos petrolíferos), ligados por vias de comunicação internas.

d) — *Serviço de Saúde*

Há um Hospital Cirúrgico Auxiliar Móvel, com enfermarias a funcionar em tendas, transportado em caminhões. É servido por helicópteros, de que existe uma pista circular, com as enfermarias a rodeá-la.

O hospital está ligado quer à testa de caminho de ferro quer à pista de aviação do comando do C. E., sendo um órgão dos serviços de exército.

Revista da Cavalaria

e) — Serviço de Polícia Militar

A 24 quilómetros da frente nota-se um campo de prisioneiros de guerra, pois junto do corpo do exército tem esta categoria, com abarracamentos próprios. Pertence a sua guarda a companhias de escolta e guarda, que fazem parte do serviço da polícia militar.

Como o articulista escreve, o quartel-general do corpo tem o comando táctico do sector, mas os depósitos de abastecimento e de reparações com os seus armazéns e oficinas estão sob o comando do exército a que pertence o corpo, que é constituído por cerca de 66.000 homens.

Rede de comunicações

Não podíamos deixar de chamar a atenção para a linha de comunicações que percorre o meio do sector.

É constituída, essencialmente, por um eixo de estradas e de caminhos de ferro, este tendo a sua testa na altura em que a estrada que o margina se desdobra em duas. A ele estão ligados todos os órgãos dos comandos e dos serviços, quer por estradas quer por caminhos.

Existe uma penetrante por divisão, quanto a estradas, e podemos tomar como uma transversal avançada a estrada que liga as reservas regimentais das divisões e que serve a artilharia de corpo.

Tentariamos continuar a expor o que observámos, mas, na verdade, sentimos que o artigo vai demasiado longo no espaço e na paciência do leitor.

Os serviços dariam margem à expansão do comentário, pois apresentam um arranjo que não é o nosso. Contudo, os nossos camaradas, que são escritores ilustres, já se têm ocupado do assunto e, embora estejamos integrados nele, não sentimos que seja oportuno apresentar as nossas impressões, pois se a novidade nos tenta o senso põe um travão, por não sabermos a adaptação que vão merecer na nossa organização. Os ávidos, se os há, poderão recorrer àqueles que se apresaram a comentá-los.

Depois de reler o que escrevemos até aqui, sentimos o erro de ter, alvoroçadamente, principiado a percorrer o que o autor americano nos apresentava na *Life* com a certeza que encontraríamos nas gravuras

Revista da Cavalaria

«a impressão instantânea que alguma coisa existia que não obedecia aos moldes clássicos», como escrevemos atrás.

O que existe de novo nesta guerra que não seja o que conhecíamos, incluindo aqueles dados clássicos para resolvermos os problemas de que se nos exigia a solução? Apenas existe uma aplicação nova de armas conhecidas, mas o esquema mantém-se. O molde variou no formato, mas o funcionamento da peça mantém-se.

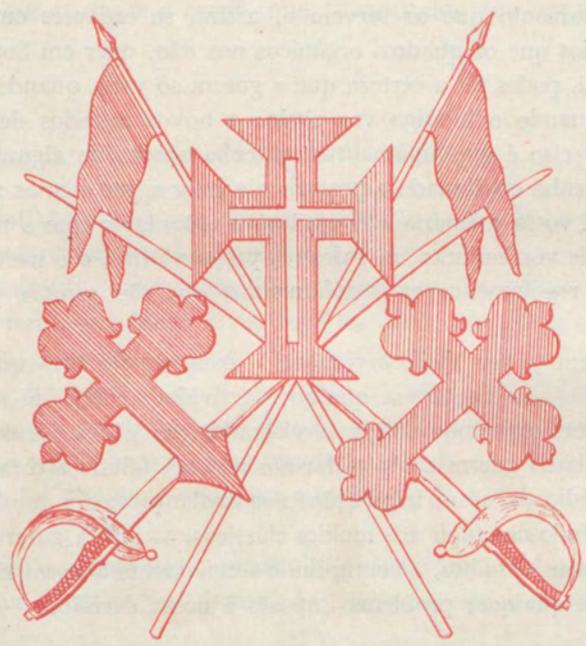
Descansem aqueles que estudam tática. Os dados variam segundo a orgânica das unidades e segundo as qualidades do armamento e de certo equipamento que as servem e, assim, se estiveres em contacto com os meios que os quadros orgânicos nos dão, quer em homens quer em material, podes ter a certeza que a guerra só varia quando o terreno varia ou quando o inimigo vos obriga a novos métodos de combate. O que é preciso é que alguma vez se tenha aprendido alguma coisa e, depois, se tenha continuado a praticar e a estar a par com as novidades. De resto, a vossa memória vos ajudará a recordar o que o mestre tem obrigação de vos lembrar em palestras preparatórias, e o melhor mestre ainda é o regulamento ou regulamentos, que são sempre peritos na matéria.

Com um pouco de boa-vontade e com aquele brio que nos faz apumados e nos impõe em qualquer actividade, além de senso e de previsão, conseguiremos atingir o vislumbre do génio. E se tivermos a experiência da guerra a completar-nos não nos faltará a coragem para, por intermédio da nossa inspiração, nos abalancharmos a resultados felizes, permitindo-nos fugir aos moldes clássicos, — pois a guerra nunca se repete nos seus detalhes, — cumprindo serenamente a nossa missão, fim principal de qualquer problema imposto à nossa decisão.



Les États de France

Les États de France sont une assemblée constituée de trois ordres, le clergé, la noblesse et le tiers état. Ils ont pour mission de voter les impôts et de donner leur avis sur les lois. Ils se réunissent à Paris, à Bourges ou à Orléans. Le roi les convoque et les ouvre. Ils se composent de députés de chaque ordre. Le tiers état est représenté par deux députés par bailliage. Les États de France ont été supprimés en 1789.





HIPISMO



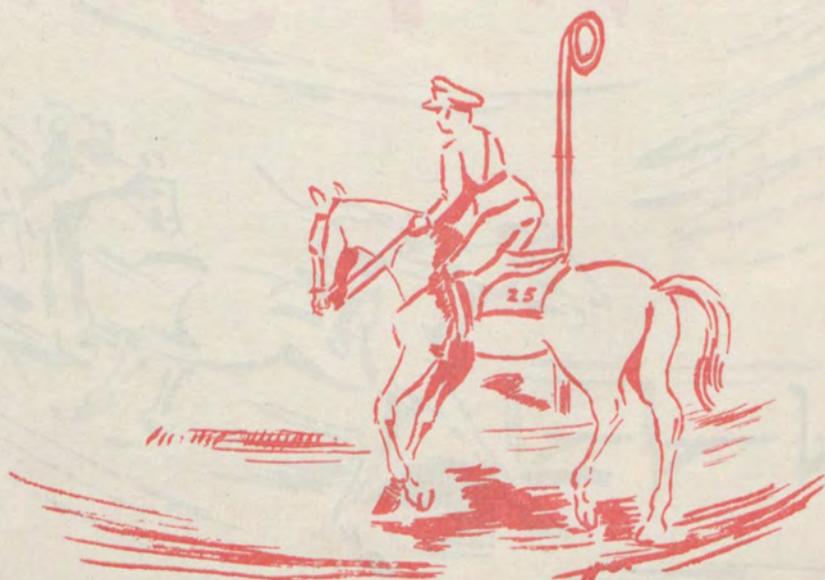
SUMÁRIO

Doutrina Equestre — Educação do Cavaleiro

Direcção da Instrução da E. M. Eq.

Embocaduras e seus complementos

Tenente Jorge Malhães





DOCTRINA EQUESTRE

Educação do Cavaleiro

Da Direcção da Instrução da E. M. Eq.

I — Colocação em sela

A colocação em sela baseia-se na flexibilidade dos músculos e articulações. A correcção da posição a cavalo, o equilíbrio, a solidez, a independência das ajudas e o à-vontade, são consequências naturais da flexibilidade.

Os princípios sobre os quais se baseia a posição do cavaleiro, são os mesmos para a posição clássica ou normal e para a posição «à frente» ou desportiva. Esta é somente uma adaptação da posição-tipo à velocidade e ao obstáculo.

Na realidade, com os andamentos vivos e com o salto, há que contar com as reacções próprias do cavalo, com a força da inércia e até com a própria resistência do ar, de forma que, para poder neutralizar todas estas acções e libertar o rim, articulação lenta e limitada, de um trabalho violento tem o corpo que tomar uma posição que seja a resultante das forças que sobre ele actuam ou possam vir inesperadamente a actuar.

Esta posição, cuja característica essencial é a inclinação do tronco para diante, aproxima o centro de gravidade do cavaleiro da sua base

Revista da Cavalaria

de sustentação e apoio, o que aumenta a sua estabilidade, tornando-se sensivelmente horizontal durante o planar do salto e nas corridas de velocidade. Por isso, a monte «à frente» é mais fechada ou mais aberta conforme é maior ou menor a velocidade do galope ou a reacção originada pelo salto.

A inclinação do busto na posição «à frente» está relacionada com o jogo dos ângulos articulares. Da harmonia deste jogo depende a estabilidade elástica desta monte.

A necessidade da posição «à frente», característica da monte «à frente», surge naturalmente, quando a velocidade ou os percursos de obstáculos exigem uma inclinação do tronco e, conseqüentemente, uma posição de ângulos mais fechados que o comprimento de estribos normal não permite. Neste caso, há que encurtar os estribos de dois a quatro furos.

O equilíbrio é resultado da ligação do cavaleiro com os movimentos do cavalo. Como esta ligação, dadas as reacções características do cavalo, exige uma adaptação «elástica», o equilíbrio é função da flexibilidade. Os exercícios de flexibilidade desempenham assim um papel preponderante na obtenção do equilíbrio.

A solidez do cavaleiro baseia-se na aderência das superfícies em contacto, especialmente na aderência da parte plana da coxa e da face interna da barriga da perna. Praticamente, sempre que houver necessidade de libertar a perna do joelho para baixo, como sucede muitas vezes ao empregar a acção impulsiva das pernas, a solidez mantém-se, naturalmente e momentaneamente pelo prolongamento, até ao joelho, de uma maior aderência da face interna da coxa.

A posição do cavaleiro pode ser assim definida:

Estribos — Como regra geral, quando o estribo não está calçado, a soleira deve aflorar o tornozelo, considerando o cavaleiro de coxas bem descidas e com as pernas caídas naturalmente.

Pé — O apoio sobre o estribo faz-se pelo terço anterior e interior do pé, qualquer que seja a equitação praticada. Por este facto, a soleira do estribo e a sola da bota devem apresentar-se ligeiramente voltadas para o exterior. O calcanhar ficará mais baixo do que a ponta do pé e esta um pouco para fora, dentro de um ângulo que nunca deve exceder 45° com o eixo do cavalo.

Perna — A posição da perna é função da colocação do loro no selim e da forma como o pé se apoia no estribo. Por isso o selim deve ser construído em harmonia com os princípios que orientam a posição do cavaleiro.

Revista da Cavalaria

Estando o loro vertical e o estribo correctamente calçado, a perna ficará um pouco inclinada para trás, aderindo ao ventre do cavalo pela face interna da barriga da perna.

A aderência da barriga da perna ao ventre do cavalo é proveniente do abaixamento do calcanhar e da torção do pé. Quanto maior for o peso sobre o estribo, maior será a aderência da perna.

Joelho — O joelho desempenha duas funções. Deve estar suficientemente livre para poder desempenhar o seu papel de ângulo articular no desenvolvimento da flexibilidade e, por consequência, na elasticidade da monte, como também deve manter-se unido ao selim por forma a contribuir para a aderência necessária à solidez do cavaleiro.

O jogo do joelho está directamente relacionado com a flexão perna-coxa e com a aderência da barriga da perna ao ventre do cavalo, aderência dependente, por sua vez da abertura do bico do pé e da descida do calcanhar. A união do joelho ao selim está especialmente relacionada com a abertura do bico do pé e com a inclinação da sola da bota para fora. Além de um ângulo superior a 45°, do pé com o eixo do cavalo, é impraticável a união do joelho ao selim.

Funcionando como ângulo articular, deve o joelho, ao fechar-se, descer e avançar.

Coxa — A coxa, tão descida quanto possível, deve assentar no arreio pela sua face plana, mantendo com o cavalo um contacto sólido.

Assim, a solidez do cavaleiro baseia-se essencialmente, como já foi dito, na aderência da parte plana da coxa e da face interna da barriga da perna, a primeira com a parte superior da convexidade ventral do cavalo e a segunda com a sua parte inferior.

Assento — O assento deve estar sempre o mais adiante possível visto ser adiante, na região do garrote, que se encontra o centro de gravidade do cavalo. Por este motivo, devem os loros, em princípio, seguir a vertical que passa por esse centro de gravidade.

Tronco — Na posição normal, o tronco deve estar livre e direito, com o peito naturalmente saliente, os ombros afastados e descidos, sem constrangimento, e os rins direitos e flexíveis, podendo jogar em flexão e em extensão.

Na posição «à frente», mantêm-se os mesmos princípios da posição normal, apenas a sua inclinação e, com ela, a maior ou menor abertura dos ângulos articulares, fica dependente da velocidade e da reacção originada pelo salto.

Cabeça — Alta, sem esforço, olhando em frente.

Revista da Cavalaria

Braços, antebraços e mãos — Os braços, com os cotovelos juntos ao corpo, devem estar ligeiramente adiante da vertical; os antebraços sensivelmente horizontais; as mãos, no prolongamento dos antebraços, colocadas acima do garrote e afastadas cerca de 0^m,10, com as unhas face a face e os polegares para cima.

No entanto, na monte «à frente», as mãos tomam uma posição mais baixa, ficando assim em harmonia com a inclinação do tronco.

A posição dos antebraços e mãos é independente da posição do resto do corpo, por forma a poderem acompanhar, em qualquer circunstância, os gestos do balanceiro.

Os cotovelos, juntos ao corpo, impedem as acções de mão de diante para trás, antes as facilitam no sentido próprio, isto é, de baixo para cima.

Exercícios de flexibilidade

De uma maneira geral, são de aconselhar todos os exercícios que têm como fim a flexibilidade dos músculos e articulações, pelo que, todos aqueles aqui indicados o são a título de exemplo.

O galope e o trote sem estribos, acompanhados ou não de outros exercícios, continuam a ser, entre todos, os mais completos para colocarem o cavaleiro em sela, mas precisam de ser devidamente doseados e prescritos na altura própria para não darem resultado contraproducente.

O galope sem estribos é mais fácil do que o trote sem estribos, em virtude de maior aderência e equilíbrio que dá ao cavaleiro. Por este motivo e porque contribui especialmente para bem enforquilhar o cavaleiro no selim (descida das coxas) é conveniente acompanhar com o volteio as primeiras lições de picadeiro.

O trote sem estribos constitui o exercício de flexibilidade do rim, por excelência, mas deve ser graduado por forma a evitar ferimentos e contracções da parte do cavaleiro.

No trote sentado, sem estribos ou com estribos, deve prescrever-se a inclinação do tronco para a retaguarda, que deverá ser directamente proporcional à velocidade do trote, por forma a que o cavaleiro encontre a posição e a flexibilidade que lhe permitam trotar sem levantar o assento do arreio, posição que nunca deve passar para diante da vertical.

É vantajoso, de começo, ligar os estribos à cilha, por meio de francaletes, dando-lhes uma folga de cerca de 0^m,10. O lugar imposto ao pé pelo estribo determina a posição da bacia e das espáduas, isto é, a linha

Revista da Cavalaria

de equilíbrio do cavaleiro, e obriga-o a dobrar a perna, o que reduz a tendência para fixar o joelho e espetar a perna para diante.

Por outro lado, facilita o trote levantado, exercício a prescrever antes do trote sentado.

No trote levantado, não se deve rodar sobre o apoio dos joelhos, o que tende à colocar o assento atrás, mas sim elevar-se e voltar ao selim naturalmente, comportando-se como uma agulha de uma máquina de coser.

Os exercícios de flexibilidade, conquanto concorrendo para o mesmo fim, podem ser divididos da seguinte maneira:

- a) — Exercícios de posição;
- b) — Exercícios das articulações;
- c) — Exercícios correctivos;
- d) — Exercícios de independência.

a) — *Exercícios de posição:*

O exercício basilar de posição é o que tem por fim a fixação da perna.

Consiste em colocar o cavaleiro de pé sobre os estribos, com o calcanhar bem descido e a cintura bem avançada e, uma vez assim colocado, procurar que ele desça sobre o arreo, ao longo da vertical do loro, sobre a parte inclinada do cepinho.

Se ele mostra tendência em assentar-se sobre a parte detrás do selim, é porque cerrou os joelhos em lugar de os avançar, espetou os pés para a frente ou pôs o rim para fora.

Este exercício deve começar por ser feito parado e a passo e, mais tarde, a trote e galope.

A galope, acompanhado com o exercício de fechar e abrir os ângulos, constitui o exercício particular mais indicado para a monte «à frente».

Para dar uma maior solidez à monte «à frente», são aconselháveis o trote levantado sem estribos, com o bico do pé para cima, e o galope levantado sem estribos.

Todos os exercícios de flexibilidade, uma vez executados com à-vontade, devem ser feitos com cavaletes e, depois, com estes a distâncias variáveis.

Revista da Cavalaria

Outros exercícios de posição podem ser os seguintes:

- Puxar o assento à frente, com uma ou ambas as mãos, depois de elevar as coxas.
- Rotação das coxas.
- Mãos debaixo do assento.

b) — *Exercícios de articulações:*

Rim

- Extensão e flexão (acompanhar a extensão com a elevação dos braços e a flexão com o abaixamento).
- Flexão do busto à frente tocando na espádua o mais baixo possível.
- Flexão para trás agarrando no cepinho.
- Elevação alternada das coxas.
- Elevação simultânea das coxas.
- Elevação das coxas e sua colocação à frente das abas do selim.
- Rotação do busto (braços horizontais).
- Rotação do busto (festas na anca e na espádua oposta).
- Socos para a retaguarda.

Ombros, braços e mãos

- Elevação e abaixamento dos ombros (braços cruzados).
- Rotação dos braços (isolada e simultaneamente).
- Colocação das mãos atrás das costas, na nuca e nos quadris.
- Afagar o cavalo nas espáduas e na garupa.
- Acompanhar os movimentos do balanceiro.
- Mudar as rédeas de mão.
- Rotação das mãos à frente do corpo (flexibilidade dos pulsos).
- Movimentos do nadador.

Cabeça

- Rotação e flexão da cabeça.

Revista da Cavalaria

Joelhos

— Flexão alternada ou simultânea das pernas (segurando ou não o pé com a mão correspondente ou oposta).

Tornozelo

— Rotação e flexão dos pés.

c) — Exercícios de independência:

- Afagar o cavalo com uma mão e segurar as rédeas com a outra.
- Rotação de um braço.
- Passar as rédeas para uma e outra mão, sucessivamente.
- Acompanhar o movimento do balanceiro com um braço.
- Movimentos assimétricos, a trote e galope.

d) — Exercícios correctivos:

— Os mesmos exercícios apropriados a cada caso particular, tendo em atenção o defeito de conformação ou a insuficiente flexibilidade local.

II — Estudo das ajudas (resumo)

A) — As pernas:

I — Acção das duas pernas:

1 — Impulsiva ⁽¹⁾:

— Batimentos dos calcanhares:

- com esporas (ataques)
- sem esporas

(¹) A forma da acção impulsiva, depende do sangue, da sensibilidade, do carácter e do estado de ensino do cavalo.

Assim, tratando-se de um cavalo frio às pernas ou retivo, ter-se-á, muitas vezes, que utilizar os ataques, como para um poldro é normal os batimentos dos calcanhares (sem esporas). Ao contrário, as acções rápidas e imperceptíveis, do pé sobre o estribo, só podem ser aplicadas com sucesso a um cavalo adiantado em ensino e fino às pernas.

Os batimentos e as vibrações das barrigas das pernas constituem a acção impulsiva normal.

Revista da Cavalaria

- Batimentos das barrigas das pernas.
- Vibrações das barrigas das pernas.
- Outras acções, do pé sobre o estribo, rápidas e imperceptíveis.

2 — Reguladora e canalizadora da impulsão — pressão ⁽¹⁾.

II — Resistência das duas pernas — pressão ⁽¹⁾ asseguradora da impulsão quando esta tende a extinguir-se por uma acção de mão destinada a regular o equilíbrio ou a atitude.

III — Cedência das duas pernas — impulsão assegurada, regularizada e canalizada.

IV — Acção de uma perna:

1 — Impulsiva — (como na acção das duas pernas).

2 — De posição — pressão no sentido da anca oposta.

3 — De incurvação — pressão junto à cilha no sentido da perpendicular ao eixo do cavalo.

V — Resistência de uma perna — opposição ao deslocamento do post-mão.

VI — Cedência de uma perna — impulsão, posição ou incurvação asseguradas.

B) — *As mãos:*

I — Acção das duas mãos:

1 — Reguladora da impulsão, do andamento, de velocidade e do equilíbrio — aumento da tensão das rédeas por um cerrar de dedos executado debaixo para cima.

2 — Meia paragem ⁽²⁾ — acção firme debaixo para cima sobre rédeas tensas, em continuação de uma acção

⁽¹⁾ Conforme a pressão é imposta pelo cavaleiro ou provocada pelo cavalo, assim a pressão é voluntária e constitui uma acção, ou é consequência da perda de impulsão a uma acção de mão, e comporta-se como uma resistência.

⁽²⁾ A resistência oferecida pelo cavalo que determina a meia paragem é uma resistência de peso.

Revista da Cavalaria

normal de mão reconhecida insuficiente para restabelecer o equilíbrio, seguida rapidamente de uma cedência de mão.

- II — Resistência das duas mãos — fixação das mãos — regularizadoras da atitude.
- III — Cedência das duas mãos — impulsão, equilíbrio, velocidade e atitude regularizadas.
- IV — Acção de uma mão:

- 1 — Determinante de uma posição — aumento da tensão da rédea por um cerrar de dedos executado debaixo para cima:

- Rédeas simples:

- Directa de abertura.

- Contrária (rédea de apoio).

- Rédeas de opposição (reacção à impulsão):

- Directa de opposição.

- Contrária de opposição.

- Intermediária.

- 2 — Meia paragem (como na acção das duas mãos).

- 3 — Vibrações ⁽¹⁾ — Tremor de mão com os dedos fracamente cerrados sobre a rédea.

- V — Resistência de uma mão — reguladora da posição ou da incurvação determinada pela outra rédea.

- VI — Cedência de uma mão — direcção, posição ou incurvação asseguradas, dentro da impulsão, equilíbrio e velocidades requeridas.

(¹) A resistência oferecida pelo cavalo que determina a vibração é uma resistência de força.

Revista da Cavalaria

C) — *Acordo das ajudas:*

I — Mãos sem pernas, pernas sem mãos — acção e cedência.

II — Mãos sem pernas, pernas sem mãos — acção e resistência:

— Acção das mãos, resistência das pernas.

— Acção das pernas, resistência das mãos.

III — Efeitos combinados das mãos e das pernas:

— Rédea de abertura e perna de posição do mesmo lado.

— Rédea de abertura e perna de posição do lado contrário.

— Rédea contrária e perna de posição do mesmo lado ⁽¹⁾.

— Rédea contrária e perna de posição do lado contrário.

— Rédea directa de opposição e perna do mesmo lado (reforçadora da rédea).

— Rédea contrária de opposição e perna do lado contrário (reforçadora da rédea).

IV — Efeito de conjunto (equitação superior).

D) — *Outras ajudas*

a) — O peso do corpo.

b) — A chibata.

c) — A voz.

d) — Exteriores.

⁽¹⁾ Teórica. Na prática, a rédea contrária transforma-se facilmente em rédea contrária de opposição, razão por que a acção da perna de posição do mesmo lado, prejudicando o efeito da rédea, não é de aconselhar.

EMBOCADURAS E SEUS COMPLEMENTOS

pelo Ten. JORGE MATHIAS

Todos nós já folheámos, por certo, e mais de uma vez, as belas Revistas sobre o hipismo que por esse Mundo do cavalo se publicam.

Quem abrir um Année Hipique, por exemplo, com reportagens detalhadas sobre todos os concursos que se desenrolam por essas pistas, desde a Piazza di Sienna até às longínquas paragens bolivianas e fizer incidir a sua atenção sobre as embocaduras com que se apresentam os cavalos, encontrará um sem número de combinações, desde as mais clássicas e simples, até aos arranjos mais complicados que a imaginação criadora do homem concebeu.

E perguntará a nossa curiosidade se aquela tremenda variedade se deve às exigências impostas pelos actuais percursos, se às dificuldades de um ou outro cavalo, se à maneira como este ou aquele cavaleiro encara a questão, se ao gosto pessoal de cada um, se até, à forma como em determinada região ou país a teoria é exposta e defendida.

Parece-nos que não será difícil de responder dizendo que há de tudo um pouco e mais ainda ... a moda!

De facto assim é.

Os actuais traçados dos percursos com exigências cada vez maiores, o volume dos saltos com o ritmo crescente que apresenta quase não nos deixando prever onde parará, os compostos com as mais variadas combinações às mais variadas distâncias obrigam mais e mais o cavaleiro a ser senhor do equilíbrio, impulsão, velocidade e amplitude da passada do seu cavalo.

Revista da Cavalaria

E este *desideratum* só pode ser conseguido com um trabalho contínuo e progressivo, a longo prazo.

Mas porque um grande número de cavaleiros, e no estrangeiro isto acontece mórmente nos civis, não possui o tempo necessário para ensinar convenientemente os cavalos, esses mesmos cavaleiros vão recorrer a meios que «momentâneamente» lhes possam substituir o ensino.

Outros cavaleiros há que por montarem cavalos que apresentam grandes dificuldades, inventam toda a espécie de embocaduras que julgam lhes pode dar o domínio que necessitam. Outros há que por deficiência de conhecimentos técnicos e alguns também por uma menor aptidão equestre, a ela recorrem como «milagrosa panaceia».

Outros ainda, mais não fazem que seguir o hábito ou as doutrinas do país a que pertencem e onde se criou a teoria de montar segundo esta ou aquela forma por meio desta ou daquela embocadura.

E para terminar há a última pléiade, — a daqueles que segue *à priori* o que vê fazer aos outros e adapta imediatamente ao seu cavalo o que viu no cavalo do consagrado concursista X ... porque se este ganha tanto, é porque o sistema é com certeza bom.

Este é, segundo cremos, o panorama que se nos oferece sobre embocaduras e seus complementos.

Até que ponto será justificável cada um dos casos citados e mais detalhadamente do estudo de cada umas das embocaduras, dos seus acessórios e complementos, com toda a sua série de vantagens e inconvenientes e das conclusões a que podemos chegar com este estudo, nos iremos ocupar seguidamente.

Chamam-se embocaduras ao ferro ou conjunto de ferros com que o cavaleiro ensina ou utiliza o seu cavalo.

As duas espécies de embocaduras que a tradição e os grandes mestres classificaram de clássicas são o bridão e o freio e bridão.

Ocupemo-nos do bridão.

Esta, deve ser a primeira e última embocadura de um cavalo!

A primeira durante todo o seu desbaste e primeira fase do ensino elementar.

Revista da Cavalaria

A última, porque se o ensino foi honesto e sólido é sobre esta embocadura que o cavalo deverá terminar por executar todos os exercícios de baixa escola e ares de manejo, de alta escola ou até de fantasia, pois as qualidades de doçura e suavidade só próprias do bridão são preciosos elementos de auxílio em trabalhos de precisão, servindo até como plano de prova ao ensino feito não só nos seus alicerces como também nas figuras e exercícios mais complexos e difíceis.

No campo de manejo, isto que foi dito parece suficientemente provado por tudo que nos ensinou esse mestre que foi Baucher, e mais recentemente por Beudan como o atestam as bellissimas fotografias em que apresenta os seus cavalos executando os ares clássicos, ares de escola e de fantasia, com aquela embocadura.

Em obstáculos, e este é o nosso caso, a afirmação continua posta: a primeira e última embocadura.

A primeira porque não é num poldro, ainda relativamente com pouca confiança na mão do seu cavaleiro, com reacções desordenadas e, conseqüentemente, sujeitas a frequentes desencontros, em que não existem quaisquer problemas que não sejam a calma e franqueza e a iniciativa dadas ao cavalo, não é num poldro, como iamoz dizendo, que vamos pôr um freio ou outra embocadura mais violenta. Este é o A, B, C.

A última porque se o cavalo está verdadeiramente trabalhado em todos os seus músculos e articulações e se está de facto sujeito às acções do cavaleiro, é com ela que o cavalo decomporá da melhor maneira o seu salto, servindo-se de todos os seus recursos como o faz em liberdade.

A confiança, elasticidade de movimentos e franqueza na mão do seu cavaleiro atinge a sua máxima expressão com esta embocadura, que tem ainda a enorme vantagem de só ser necessário o uso de uma rédea o que facilita a condução. Podemos assim indicar as suas principais qualidades.

— É suave.

— Permite um apoio franco.

— Dá, conseqüentemente, confiança na mão.

Revista da Cavalaria

Com a sua suavidade e confiança que dá ao cavalo, o que leva a um apoio franco, o bridão está, pois, naturalmente indicado para todos os cavalos novos e, no caso muito geral entre nós, do «habilitoso nacional».

De facto, se o cavalo se prepara por si só para abordar o obstáculo, seja equilibrando-se, seja procurando o ponto óptimo de batida, nada mais aconselhável do que o bridão, pois as acções do cavaleiro limitar-se-ão a reforçar os desejos do cavalo.

Mas todos nós conhecemos, infelizmente, os cavalos que por terem andado longo tempo torturados não só por embocaduras fortíssimas como também por mãos não menos fortes, se apresentam quer lutando com a mão do cavaleiro, quer invertendo, em constantes cabeçadas, num desassossego tal que torna a sua utilização impraticável.

Mais uma vez o bridão é de aconselhar pelo apoio franco que permite, mas muito especialmente pela sua suavidade.

Para terminar:

Se o cavalo está posto, como dizem os cânones, o bridão permite uma «conversa» fácil, suave e doce, entre a mão do cavaleiro e a boca do cavalo.

Ao dizermos que permite uma «conversa», referimo-nos às diferentes acções que a mão do cavaleiro vai fazendo durante o percurso: Vamos — apoia-te, vamos iniciar o nosso percurso ... atenção, mais sobre as pernas, não vês o vertical como é alto, ... vamos virar — lá está a vala ... mais galope, aqui tens o contacto que precisas.

E é desta «conversa» amigável, sem discussão, que resultam os percursos cheios de sabor e beleza.

Freio e bridão

Embocadura consagrada para os trabalhos de manejo, passada a 1.^a fase de desbaste, o freio e bridão é também usado em obstáculos, com brilhantes resultados quando conscientemente utilizado.

Dando ao cavaleiro uma enorme potência de ajudas, esta potência não lhe advém nem do tamanho do freio nem tão pouco do aperto maior ou menor da barbela a que é

Revista da Cavalaria

hábito recorrer nos conhecidos momentos difíceis. Essa potência é consequência do ensino propriamente dito a que o cavalo foi sujeito, ensino consciente, metódico e progressivo feito a longo prazo.

Só assim o cavaleiro poderá utilizar esta embocadura sem o perigo dela se tornar um meio contraproducente.

As suas principais qualidades desde que o cavalo se mantenha sobre a mão, são:

- Facilidade de translação de peso (equilíbrio).
- Consequente variação da amplitude da passada.

Por ser uma fortíssima barreira que o cavalo encontra na sua frente e as acções do freio se fazerem sentir sobre o post-mão é um óptimo, senão o melhor meio de equilibrar um cavalo ou, em verdadeira grandeza, de fazer variar o seu equilíbrio.

Esta qualidade torna o valor tanto maior quanto a natureza dos saltos imponha as variações de equilíbrio.

Desta qualidade, pois consoante o equilíbrio assim o tamanho da passada varia não esquecendo a sua interdependência com a velocidade, surge-nos a facilidade que o cavaleiro sentirá em acertar a batida do seu cavalo com o salto que se propõe fazer.

Pelas qualidades que acabamos de expor, parece-nos ser a embocadura indicada para cavalos poderosos e desequilibrados ou sem intuição, por lhes dominar o poder, pondo-o à disposição do cavaleiro, e lhes dar o equilíbrio que não possuem, permitindo comandar a passada e, portanto, a batida, uma vez que o cavalo por si só nada prepararia.

Mas toda a medalha tem o seu reverso, e assim:

Se o cavalo não está preparado para saltar com ela — e esta preparação é fruto do trabalho do picadeiro — o cavalo ou se pendurará na mão ou inverterá, e todas as qualidades da embocadura se transformam em defeitos:

Não há domínio, mas sim luta.

O cavalo nunca vai sobre a mão.

O desequilíbrio é cada vez maior.

Revista da Cavalaria

A regulação da passada é impossível de fazer, *conscientemente*, com cavalos desequilibrados.

A todos estes inconvenientes, que surgem antes do salto, há a juntar a falta de confiança que o cavalo leva na mão do cavaleiro o que lhe diminuirá, durante o salto, o gesto do balanceiro senão lho roubar por completo.

Parece-nos, pois, de aconselhar o uso desta embocadura, a cavaleiros experientes, com confiança na sua mão que preparam e acompanham com o ensino de manejo os seus cavalos de obstáculos, não esquecendo que o ideal será acabar em bridão.

Sempre que não haja confiança na mão de cada um ou o ensino seja deficiente, parece-nos que, como dizia Baucher, o melhor freio é ... o bridão.

Estas são as embocaduras que a tradição e os clássicos consideram.

Falemos agora das variações que sobre elas se criaram. Do bridão aparece-nos:

O bridão elevador

Embocadura com características muito «sui generis», é de uso muito delicado e a sua aplicação só terá valor quando feita conscientemente, como, aliás, em todas as embocaduras, mas muito especialmente nesta.

A estas conclusões chegamos facilmente se nos lembrarmos como ela actua:— sobre as commissuras dos lábios no sentido da faceira, sempre progressivamente de baixo para cima, pois a rédea é um prolongamento da faceira que atravessa as argolas do bridão.

Acção potentíssima, que pelos princípios anunciados por Baucher, obrigará o cavalo por reacção a baixar a sua cabeça trazendo-o desta forma para uma attitude mais sobre a mão.

Posta assim a questão, pode-nos levar a nossa ingenuidade a concluir imediatamente:— aqui está o processo do meu cavalo baixar a cabeça!

Mas, claro, só a nossa ingenuidade nos poderá levar a essa conclusão.

Revista da Cavalaria

Para que um cavalo possa ir sobre a mão sob aquela acção, é preciso que tenha sido trabalhado, ginasticado no sentido longitudinal e lateral naquela attitude, a única que nos pode levar, com segurança, aos objectivos desejados: — aperfeiçoamento dos andamentos naturais do cavalo e do seu salto racional.

Por outro lado, há que ter o nosso cavalo com uma certa flexibilidade nas vértebras cervicais e que sob uma resistência de mão ou vibração dê as cedências requeridas, isto é, o fecho maior ou menor do ângulo de ganacha, devido á flexão pelas duas primeiras vértebras.

Para o bridão elevador actuar nas comissuras dos lábios como uma resistência progressiva, resistência essa que deverá produzir a cedência acima exposta, só poderá, em consciência, ser aplicado em obstáculos, se o nosso cavalo está com o ensino suficiente para que compreenda, e portanto obedeça, às suas acções.

Como é fácil concluir, o bridão elevador, permitirá, pois, aos cavaleiros equilibrar os seus cavalos, especialmente aqueles que pendurando-se pouco a pouco na mão do cavaleiro, vão lentamente sobrecarregando as suas espáduas até ficarem nas piores condições de equilibrio para voltar ou abordar qualquer obstáculo.

O seu maior inconveniente, mesmo com cavaleiros de muito boa mão é que a cedência que a mão dá não chega á boca do cavalo neste instante.

Ora é dos mais elementares principios da equitação que uma obediência seja recompensada imediatamente com a cedência e isto não se verifica com o bridão elevador. Isto no que se refere á sua applicação.

Quanto á sua utilização é fácil verificar que, dada a sua potência, só será aconselhável a cavaleiros de muito boa mão, não só áqueles que dão a liberdade de pescoço durante o salto, mas muito especialmente áqueles cujas intervenções (tomadas de equilibrio, regulações de amplitude de passada e comandamentos da batida) são suaves e sem imposições, como se costuma dizer, «à má cara».

Pudemos ver em Paris um cavaleiro de 1.^a plana de França, o Conde de Maillé, usar esta embocadura com resultados brilhantes.

Revista da Cavalaria

Mas também pudemos observar a excepcional mão daquele cavaleiro, bem como a forma como normalmente intervêm — por alargamento de passada.

Creemos que este exemplo servirá perfeitamente para justificar o que acabamos de dizer.

É frequente também ver cavaleiros que ligam uma 2.^a rédea à argola do bridão para, quando o cavalo vai em boa attitude, poderem montar como se levassem um simples bridão.

Parece-nos medida muito acertada, mas creemos que só resultará verdadeiramente em treino, pois as provas de hoje não permitem um manuseamento tão perfeito das rédeas.

E que cavalos beneficiarão desta embocadura?

Alguns cavalos há que embora com um ensino sólido e por consequência bem sobre a mão, ou se servem da attitude para progressivamente marcarem uma forte resistência de peso, ou se contraem, saindo mais ou menos da mão ao encarar o obstáculo, pela influencia que este tem sobre o seu sistema nervoso.

Não queremos ir ao ponto de dizer que esses «alguns» deverão ser trabalhados uns tempos com aquella embocadura, mas creemos que dentro desse grupo alguns haverá que muito beneficiariam de sentir que nem tudo é como eles querem!

Do freio e do bridão nasce:

O freio inglês e freio adoptado no nosso Exército.

O freio inglês é semelhante em tudo ao freio adoptado no nosso Exército, tendo como única differença o seu bocado, que é inteiro.

Dentro da série interminável de freios que existem, desde o árabe até ao tão conhecido freio-polo, o freio inglês apparece-nos como dos mais suaves, mas com uma potencia superior à dos que podemos classificar de suaves, que lhe vem do seu bocado actuar directamente sobre a lingua pois não possui qualquer passagem para esta.

As principais qualidades que possui são:

— Doçura.

— Incitar os cavalos a encostarem-se numa attitude mais baixa.

Revista da Cavalaria

A doçura vem-lhe das suas câimbras, que são angulares, ondeio em baionette, como dizem os franceses, o que suavisa de forma considerável a acção da mão.

Para beneficiar simultaneamente dos efeitos próprios do freio que é sem dúvida um abaixador, e do bridão que permite e até convida a um apoio franco, este freio leva-nos o cavalo, como dissemos, a um contacto franco com a mão numa atitude mais baixa.

Entre nós esta embocadura não é muito usada, mas no estrangeiro há um grande número de apologistas, à cabeça dos quais se encontra o conhecido Gudin de Valerin, que a usa em todos os seus cavalos desde 1937, época em que aparece em quase todas as provas montando assim.

É claro que é um dos tais casos que no princípio citamos puramente de gosto pessoal.

«Freio e bridão da ordem»

Tendo seu bocado articulado não é mais do que um simples bridão com um pouco mais de potência pois beneficia da adaptação do freio, que possui, embora muito suave, pois as câimbras são angulares e o bocado é articulado, o que são dois factores de considerar.

É uma embocadura com as qualidades que apresentamos para o freio inglês, mas sem a autoridade que imprime aquele.

Cremos que são duas embocaduras de aconselhar para os cavalos que não sendo fortes, e que conduzidos por cavaleiros ainda com mão pouco educada, precisam no entanto de serem montados, ou por falta de intuição ou por falta de equilíbrio.

Suaves como são e permitindo um apoio franco, não dificultarão aos cavalos a atitude óptima para o salto, antes até pelo contrário e por actuarem um pouco como freio, embora docemente, serão capazes de contribuir para modificar ou restabelecer o equilíbrio do nosso cavalo, ou modificar a amplitude da sua passada, regulando-se assim a batida se o cavalo por si só não a prepara.

Revista da Cavalaria

Por não derivar directamente nem de um nem de outro, mas sim de ambos, deixamos para o fim o freio espanhol, ou bridão espanhol, assim indistintamente chamado.

É uma embocadura que no estrangeiro, excepção feita, claro, à Espanha, é muito pouco usada.

Entre nós, portugueses, é utilizada mas pessoalmente não cremos ser uma grande embocadura.

O Freio ou Bridão espanhol é, como é óbvio, muito mais potente nas suas acções do que o bridão, mas inferior ao freio e bridão.

Parece, pois, à primeira vista, ser de aconselhar e por ser só necessário o uso de uma rédea, factor muito importante, para cavalos que necessitem ser montados, — os tais poderosos e desequilibrados e que já possuam um certo ensino e uma certa prática de obstáculos.

Mas como é lógico também, não favorece a descontração e, portanto, um contacto tão elástico como o freio e bridão.

Não dá, por conseguinte, confiança na mão nem favorece um contacto franco, mórmente em cavalos com pouco ensino.

Cremos, pois, poder concluir que para cavalos que necessitam ser montados e em que esta confiança com a mão é natural e que tomam o contacto com uma certa franqueza, quantas vezes exagerada, infelizmente, poder-se-á aplicar esta embocadura.

Este é o estudo e as conclusões a que chegámos sobre embocaduras básicas e aquelas que directamente delas derivam, e que mais se divulgaram na sua aplicação.

Para fecho deste pequeno estudo falta-nos falar sobre os complementos. Podemos chamar complementos de uma embocadura aos acessórios que são aplicados conjuntamente e de acordo com ela.

Assim, os mais vulgares são as focinheiras mexicana e italiana e as gamarras de argolas e fixa.

As focinheiras mexicana e italiana, a primeira agora largamente em uso — é a moda — têm ambas as mesmas finalidades só variando na sua forma, em que a mexicana se apresenta como adorno ainda.

Abrindo o cavalo muitas vezes a boca, o que permitirá furtar-se às acções das rédeas, limita-se àquela defesa por

Revista da Cavalaria

meio destas focinheiras o que aumentará o domínio do cavaleiro sobre a sua montada.

Estas focinheiras têm a característica de passar por baixo do ferro, evitando assim que o cavalo trilhe a comisura dos lábios, origem de tantas lutas e cabeçadas sem às vezes se dar pela causa.

Gamarra fixa

É um complemento largamente difundido e aplicado mormente no estrangeiro.

Ainda agora no Grande Prémio de Nice os dois cavalos 1.º e 2.º daquela prova apareceram com esta gamarra.

A gamarra fixa, não serve, ao contrário do que muitos julgam, para baixar a cabeça ao cavalo.

Porque o salto influi de tal maneira no psiquismo de determinados cavalos, estes, ao aperceberem-se do salto invertem, e levam a sua inversão ao ponto de «quebrar».

Ora quando a inversão atinge este grau, ao cavaleiro só lhe resta entregar-se à providência Divina.

É pois, aqui, que a gamarra fixa terá a sua utilidade.

Regulando o seu comprimento por forma a que lhe permita a completa liberdade de gesto de pescoço, durante o salto, e que não permita que o cavalo atinja aquele grau de inversão que na parte técnica tem os inconvenientes a que nos referimos, para não falar na integridade física da cara e boca do cavaleiro, a gamarra fixa será um elemento de muito valor para a utilização destes cavalos.

A gamarra de argolas apresenta-se com vantagens de outra ordem.

É um óptimo meio de corrigir as acções de mão do cavaleiro que tendem a montar com a mão muito alta e com as acções desta ainda muito mais alta.

Regulando o seu comprimento por forma a dar às rédeas, a direcção normal—base do pescoço—as acções daqueles cavaleiros, por muito alta que a mão suba, terão sempre aquela direcção.

Sempre acoplada com o bridão, aumenta de forma considerável a acção dominadora destes.

Revista da Cavalaria

A equipa mexicana, que monta toda com esta embocadura, e que tem conseguido resultados brilhantes nas provas disputadas, lançou a moda.

No entanto é nitidamente o caso focado no início deste trabalho:

Teoria adoptada e defendida no México!

E assim chegámos ao fim.

Não queremos terminar sem deixar de tirar três conclusões que reputamos de maior interesse:

- 1 — Que o emprego de cada embocadura deverá fazer-se com judicioso critério não esquecendo nunca que quanto mais forte e violenta ela é, mais necessita cavaleiros experientes e essencialmente finos.
- 2 — Que nem todas as embocaduras e complementos são de utilizar por pessoas que desempenhem funções directivas ou de instrução, pois os menos esclarecidos ou de menor prática certamente se poderão confundir ao observar o facto, a menos que o assunto seja devidamente esclarecido em artigos e conferências.
- 3 — Acima de tudo, que o uso de embocaduras e complementos não clássicos deverão ser unicamente meios transitórios usados por necessidade imperiosa de momento, pois os verdadeiros princípios da equitação, o tempo e o trabalho, devem levar o nosso cavalo por acabar a saltar em bridão.



UM EXEMPLO TÍPICO DOS COMBATES DE NOITE

Coronel S. L. Marshall

Da Revista *The Combat Forces Journal*

(Uma das características dos combates de noite é a confusão e a desorientação motivada não só pela obscuridade como também pelo desconhecimento do terreno e os imprevistos que nele surgem. Este artigo põe em evidência tais factos, e para maior facilidade a sua leitura deve ser acompanhada pela consulta dos croquis).

Em 25 de Novembro de 1950, a 25.^a Divisão de Infantaria avançava para a fronteira sincoreana levando na vanguarda o Agrupamento Tático Dolvin. Este chefe não só era muito competente na guerra de carros como também estava familiarizado com os problemas tácticos da infantaria.

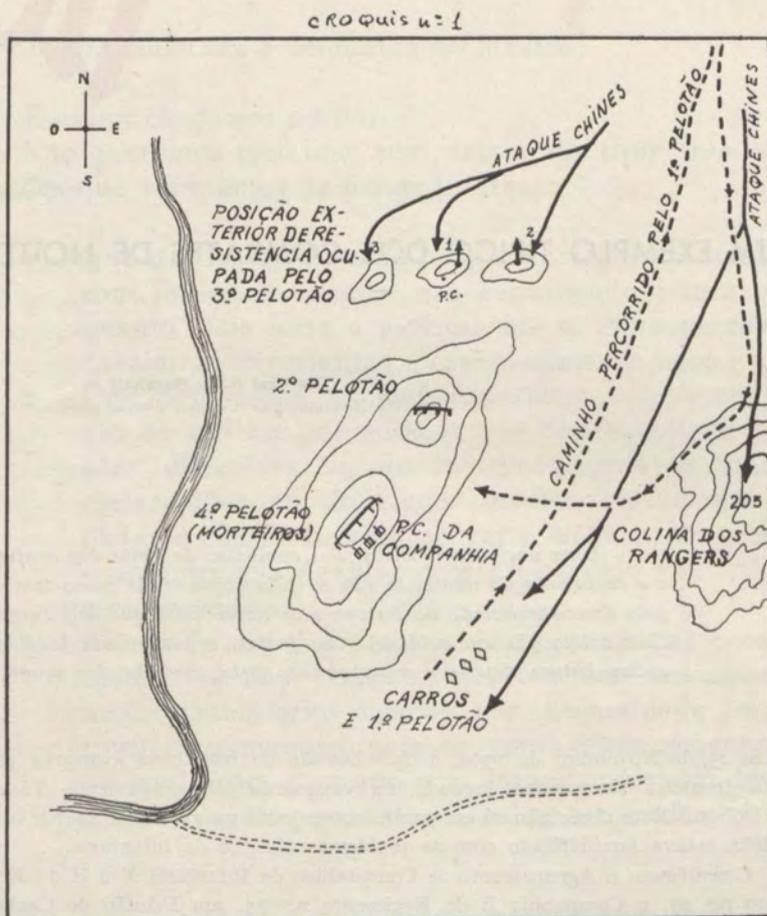
Constituíam o Agrupamento as Companhias de Infantaria E e B do Regimento n.º 27, a Companhia B do Regimento n.º 35, um Pelotão de Canhões Autopropulsores e outro de Reconhecimento do Batalhão n.º 89 de Carros Médios, uma Companhia de «Rangers», a 25.^a Companhia de Reconhecimento e a Companhia B do Batalhão n.º 65 de Engenharia.

O Agrupamento ainda não tinha travado acções importantes nem parecia provável qualquer mudança na situação.

O relato desta acção começa na madrugada do citado dia 25 e só narraremos o que sucedeu à Companhia E do Regimento n.º 27, comandada pelo capitão Desidério. Do que aconteceu ao resto do Agrupamento, cujo comportamento não desmereceu o da Companhia E, sòmente citaremos os incidentes que afectaram esta unidade.

Revista da Cavalaria

Quando a Companhia E começou a aproximar-se do seu objectivo, um monte, (ver o croquis n.º 1) já aí se encontrava uma sua Patrulha de Reconhecimento. Nos dois mil metros que foi necessário percorrer para aí chegar, a Patrulha só foi hostilizada por alguns disparos isolados. O mesmo aconteceu



quando o resto da Companhia se lhe juntou. Subindo a encosta, ocupou uma trincheira abandonada na crista, e começou a completar a posição que ia estabelecer.

Apesar do frio que tinham suportado e dos catorze a quinze quilómetros que haviam percorrido desde a manhã, os homens estavam ainda frescos e dedicavam-se com ardor aos trabalhos de fortificação. No entanto, a marcha tinha sido penosa, por ter sido rápida, principalmente para os elementos que

Revista da Cavalaria

transportavam mais peso, ou seja, os morteiros e a dotação do canhão sem recuo de 57 mm.

Inicialmente o 3.º Pelotão estabeleceu-se no cume junto do 2.º, mas o seu trabalho de fortificação resultou infrutífero, pois posteriormente teve de avançar para ocupar três «picos» que estavam situados a cerca de 450 metros à frente do monte defendido pelo grosso da Companhia. Esta ordem dada pela Companhia ao 3.º Pelotão chegou com bastante atraso. O seu comandante estudou o terreno e colocou uma Secção em cada «pico» pondo as suas duas metralhadoras, uma no pico da direita e outra no do centro. Novamente os seus homens cavaram as posições. O tenente Burch comandante deste Pelotão, ficou no pico do centro, com o P. C., junto da 1.ª Secção. Esta teve de cavar os abrigos no cume do pico que havia sido terraplanado e transformado num cemitério coreano, e, este pormenor, certamente não os animava a cavar.

Pelas 17h30, quando se pôs o Sol, a posição estava com as suas defesas completadas. Alguns homens recostavam-se contra os monumentos funerários que os protegiam com as suas pedras, mas a maioria estava metida até à cintura nos seus poços de atiradores. Pouco antes de escurecer, os homens tinham-se esforçado por descobrir algum sinal do inimigo, mas só puderam perceber, muito distante, alguns vultos que apareciam e desapareciam fugazmente e que tomaram por camponeses coreanos.

Burch não teve tempo para reconhecer o terreno, pois esteve tentando unir telefonicamente as posições das suas Secções. Porém não o conseguiu porque lhe faltavam uns 45 metros de fio.

Quando chegou a obscuridade, súbitamente ouviu-se à direita uma rajada de metralhadora que atirava de perto, seguida de alguns tiros isolados. Durante uns momentos viram-se uns clarões no pico da direita, mas depois fez-se um silêncio total. Por minutos o caso pareceu não ter importância. Quem sabe se não se tratava de um falso alarme produzido pela tensão originada pela súbita chegada da noite! Burch e os seus homens faziam conjecturas, mas não tiveram muito tempo.

A verdade era que a Secção da direita tinha sido varrida num abrir e fechar de olhos. Um soldado que tinha saído do seu posto e que se havia afastado um pouco, encosta abaixo, para se desentorpecer, desapareceu, sem deixar rasto. Segundos depois, uns vinte chineses atacaram a posição, e antes que a metralhadora começasse a fazer fogo, já a sua guarnição tinha sucumbido, mas no entanto o apontador ainda pode disparar uma rajada antes de morrer...

Burch só o soube quando os sobreviventes chegaram penosamente à sua posição, arrastando encosta acima, dois camaradas que tinham sido feridos. Assim que puderam tomar alento, contaram o que lhes tinha sucedido, acrescentando que tinham visto um soldado avançando na direcção dos chineses, fazendo fogo com a sua espingarda metralhadora. Na retaguarda, a posição onde se encontrava a Companhia E estava no mais completo silêncio. As duas Secções que restavam a Burch não tinham dado conta de nada. Mas, ainda não tinham acabado de falar os que tinham chegado, quando Burch ouviu umas vozes estrangeiras a algumas dezenas de metros no sopé do monte que ocupava, e que era coberto por bastantes árvores. As vozes continuavam a ouvir-se e não se via absolutamente nada. Esta situação durou uns vinte minutos. Burch tratou febrilmente de pedir pela rádio fogo de morteiro e de artilharia, mas não

Revista da Cavalaria

conseguiu estabelecer contacto, porque dezoito Unidades utilizavam o mesmo comprimento de onda. Cada vez que conseguia pôr-se em comunicação interferia uma das outras. Ainda estava procurando conseguir ligação, quando de repente explodiram simultâneamente entre os túmulos, uma dúzia de granadas de mão. Os chineses, tinham-se aproximado, arrastando-se, até uns dez metros de distância.

A Companhia entretanto tinha tomado uma medida relacionada mui indirectamente com a situação de Burch. Os «Rangers» ocupavam uma colina situada a Este do monte onde se encontrava instalado o capitão Desidério e tinham no ar o seu flanco esquerdo. O primeiro Pelotão da Companhia F estava bivacado entre os carros na pendente meridional do monte, e Desidério pensou que a sua situação não era muito boa e mandou-o ocupar uma posição entre o Pelotão de Burch, à esquerda, e a Companhia dos «Rangers» à direita. Isto aconteceu quando a primeira Secção de Burch estava sendo destruída. O sargento Mayor Cok saiu comandando o primeiro Pelotão, mas na obscuridade não encontrou o flanco dos «Rangers» e continuou avançando à sua procura na direcção Nordeste. As instruções que tinha recebido eram incompletas pois não se lhe tinha dito até onde devia chegar. Ràpidamente estava a uns mil e oitocentos metros dentro do território inimigo.

Deste modo, e com a melhor intenção a Companhia E encontrava-se dividida em quatro e disposta numa extensa frente no momento em que a «dança» ia começar. A sua posição era muito vulnerável e a única coisa que lhe faltava saber era se o inimigo ia ou não beneficiar dessa situação. O tenente coronel Dolvin não sabia nada do movimento de Cok e portanto ignorava que os seus carros não contavam já com a protecção da infantaria, nem que esta força se encontrava vagueando sem rumo muito na vanguarda da sua primeira linha, pois, era realmente a situação do primeiro Pelotão, que se encontrava perdido e não sabia como voltar.

No terceiro Pelotão, Burch estava ainda agarrado ao seu rádio, acachapado atrás de uma campa quando caíram as granadas de mão dos chineses. Ao darem-se as explosões olhou para cima e pode dar conta que tinha sido ele que havia revelado a sua posição e, à luz do luar, viu que dois coreanos do seu pelotão tinham abandonado a sombra e eram completamente visíveis. Uma granada explodiu perto deles e ouviu gritos; imediatamente apareceram à luz da lua uma dúzia de vultos prateados que surgiram do mato. A metralhadora fez fogo sobre eles mas só pôde disparar uma rajada pois o apontador e o servente foram mortos imediatamente por um chinês com uma descarga de pistola metralhadora. Uma granada de mão caiu junto do sargento que estava perto de Burch atirou-o ao ar e partiu-lhe uma perna; alguns soldados correram e alguém gritou «enravou-se a metralhadora».

Tudo isto aconteceu alguns segundos. Burch pôs-se de pé e então pôde ver cerca de cem chineses que estavam dispostos em amplo semi-círculo e tão perto dele que podia alcançá-los à pedrada.

Ràpidamente avaliou a sua situação. Do pico cónico da direita, de altura superior à daquele em que estava, os chineses dominavam o cemitério e o seu fogo colhia-o de flanco sem que ele pudesse evitá-lo. Deu então ordem para retirarem sobre a Companhia. Os soldados que lhe restavam saíram a correr enquanto ele lhes cobriu a retirada com a sua carabina. A manobra saiu

Revista da Cavalaria

maravilhosa; fazendo um fogo ininterrupto pôde matar dois chineses que se tinham aproximado até cerca de cinco metros e com isto os outros vacilaram o tempo suficiente para que ele pudesse voltar-lhe as costas e correndo seguir os seus homens. Se naquele momento o inimigo tivesse carregado ou assumado à crista e feito fogo não se tinha salvo um único homem. Mas não o fez e os chineses como que atacados de loucura, começaram a saltar fazendo cabriolas entre os túmulos e gritando com desprezo «voltai camponeses ou é que tendes medo?». Ainda o estavam repetindo quando a pequena força que tinha sido desalojada chegou ao monte principal. Porém Burch não pôde ocupar-se da sua terceira Secção e os chineses atacaram-na no momento em que abandonou o pico central. De todos os lados começou a crepitar um nutrido fogo de espingarda e carabina contra a posição da terceira Secção. De vez em quando os soldados chineses isolados iam-se acercando da posição aproveitando o terreno.

Mas os últimos vinte metros do cone formavam um talude muito difícil e os defensores tinham um bom campo de tiro para todos os lados. Lançando granadas de mão e fazendo fogo de espingarda, a Secção pôde impor-se a um inimigo dez vezes superior.

Assim que Burch chegou à posição da Companhia, pediu fogo de artilharia para proteger a sua terceira Secção, conseguindo que durante uns quarenta e cinco minutos uma bateria de 155 mantivesse uma pequena cortina diante do pico por ela ocupado. Este apoio da artilharia pareceu quebrar o ímpeto dos chineses.

Pelas 02h00, a 3.ª Secção retirou sobre a Companhia, depois de ter caído a última granada de artilharia. O sargento que a comandava tomou esta decisão depois de avaliar a situação. Até ao momento não tinha perdido nenhum homem, mas já não tinha granadas de mão nem munições para a metralhadora e escasseavam também as munições para a espingarda.

Os restos do 3.º Pelotão foram distribuídos pelos pontos em que podiam reforçar a posição do 2.º Pelotão. A tensão aumentou durante as horas que se seguiram até ao amanhecer. Toda a gente perguntava aonde cairia o próximo golpe e se o 1.º Pelotão voltaria ou não.

Mas se os da posição principal tinham motivos para preocupações, Cox e o seu pelotão (o primeiro) estavam em piores condições. Não tendo encontrado os «Rangers» internaram-se num vale bastante amplo (o que é corrente na Coreia) e quando nasceu a lua estavam num labirinto de arrozais gelados. Cox ouviu um tiroteio distante, à retaguarda e à sua direita, e naquele momento os seus homens puderam ocultar-se instantaneamente (iam em fila indiana) na sombra de um alto dique... Pelos terraplanos que corriam a ambos os lados do dique, marchavam para Sul duas colunas chinesas. Os amarelos falavam excitadamente na sua marcha a meia corrida. Escondido, o pelotão não ousou nem respirar e muito menos fazer fogo... Passaram alguns minutos e os chineses perderam-se de vista.

O perigo tinha sido grande e Cox, chegou à conclusão que era necessário sair imediatamente dos arrozais. Descobrimo uma pequena colina uns centos de metros à sua frente, ordenou ao pelotão que avançasse para se ocultar na sombra da sua base. Mal tinham acabado de chegar, quando viram outra coluna que contornava a colina e se dirigia também para Sul. O brilho prateado dos uniformes identificavam-na como inimiga.

Revista da Cavalaria

Só depois de desaparecer este novo perigo, é que Cox se decidiu a chamar Desidério pela rádio, para dizer-lhe que o seu pelotão se encontra no meio do exército chinês. Uma vez descrito o terreno onde se encontrava, Desidério ordenou-lhe que regressasse imediatamente para Sul uns dois mil metros e assim chegaria à grande colina onde se encontravam os «Rangers» pois Cox tinha de se unir a estes.

Voltaram para trás e chegaram quase à falda Norte da colina que a Companhia de «Rangers» estava defendendo. Porém, os chineses tinham-se antecipado. Os «Rangers» tinham sido duramente atingidos por duas vezes e, finalmente, sucumbiram depois de um dia terrível. Para conquistarem a colina tinha tido de disputar cada metro de terreno pois pela frente estava uma parte da cortina «suicida» que o inimigo havia empregado para conter o nosso avanço para Norte, enquanto preparava o seu grande contra-ataque.

A nossa informação não tinha funcionado bem, pois o endurecimento da resistência devia ter-nos advertido da mudança da situação. O inimigo entrincheirado na colina dos «Rangers» só foi desalojado mediante uma concentração de fogo do nosso 77.º Grupo de Artilharia. Durante as horas em que Burch estivera lutando, a colina dos «Rangers» esteve tranquila. Às 23h50, Dolvin recebeu informações no seu P. C. de que os «Rangers» estavam a ser atacados por um batalhão chinês, e, uma hora depois era-lhe comunicado que os chineses tinham sido repelidos, mas que o comandante dos «Rangers» tinha sido ferido num braço e que haviam outras baixas. Às 02h45 chegou uma breve informação, que dizia, estar a Companhia a ser envolvida pelos flancos, por uma força muito superior à sua. Depois fez-se silêncio.

O Pelotão de Cox que marchava silenciosamente pelo território inimigo, advertiu, quando começava a subir a colina, que as coisas não estavam a correr bem. Seis projecteis de 155 mm. altamente explosivos, caíram entre os seus homens não lhes tendo ocasionado baixas, apesar de quatro deles terem sido derrubados pela onda explosiva. Era o fogo que os «Rangers» tinham pedido para a encosta Norte da sua posição, mas que tinha chegado demasiado tarde.

Como a cortina de fogo persistia na base e na crista da colina, Cox teve de esperar. Entretanto chegavam às suas linhas um tenente e três homens. Este tinha sido ferido duas vezes e estava convencido que eles eram os únicos sobreviventes da Companhia dos «Rangers». Na realidade enganava-se, pois dos 80 soldados e 3 oficiais da Companhia, conseguiram voltar às nossas linhas 22.

Novamente Cox chamou pela rádio o seu capitão, e este ordenou-lhe que se incorporasse na Companhia, no monte principal. Dadas as adequadas instruções o Pelotão de Cox, em fila indiana e no mais completo silêncio, sem disparar um tiro, chegou aí pelas 04h30. O feito foi notável e mostra bem alto a disciplina da sua gente; apesar de haver passado por diversos grupos de chineses, os homens conservaram o mais completo sangue-frio, seguindo atentos a sua marcha. Não o teriam feito melhor um grupo de índios acostumados a viver nos bosques!

Os chineses retiram diante da Companhia E antes de amanhecer. A luta não cessou na colina da direita que os «Rangers» tinham perdido. Quando Dolvin supôs que os chineses a tinham ocupado, concentrou sobre a sua crista o fogo de artilharia com projecteis de grande calibre e fósforo branco. Durante

Revista da Cavalaria

o resto da noite, a colina converteu-se num vulcão e quando chegou o dia, repetidas ondas de aviões de bombardeamento deixaram aí cair as suas cargas. Desejoso de recuperá-la, o chefe do Agrupamento Tático decidiu que a atacasse a Companhia B do Regimento de Infantaria 35.

Tal como Dolvin via a situação ela não era brilhante. O Regimento de Infantaria 35, que ia na esquerda, não tinha chegado à sua altura, e não tinha estabelecido a ligação com o 24 que marchava à direita; olhando para este lado, e um pouco para trás, podia ver na zona do 24 uma altura ocupada pelo inimigo que ameaçava a sua retaguarda. A sua única saída para Sul, estava guardada pela Companhia B do 35 que ocupava uma colina situada à sua retaguarda. Os chineses tinham atacado essa Companhia B durante a noite, e intensamente com fogo de morteiros e metralhadoras o próprio P. C. de Dolvin. Mas, afinal, a Companhia B saíu do transe só com algumas baixas. No entanto, a perda da Companhia dos «Rangers» tinha produzido um oco que não se podia tapar. Se se mandasse a Companhia B reconquistar a colina dos «Rangers» na direita, o Agrupamento ficaria «navegando sem âncoras em águas perigosas». Depois de pesar todos os factores, Dolvin chegou com desgosto à conclusão que, a menos que o 24 que ia na direita, se pusesse na sua altura, não tinha nada a fazer.

No monte que era ocupado pela Companhia E, a manhã apresentava-se tranquila. A Companhia tomou a sua ração de reserva. Não se viam inimigos. À frente de um destacamento com seus homens, Burch tornou a ocupar a posição da noite anterior, e recuperou uma metralhadora, uma espingarda-metralhadora e em macas improvisadas com espingardas e mantas, transportou os seus mortos para a Companhia. Em redor dos três picos ficaram ainda alguns cadáveres de chineses apesar destes terem levantado grande número deles.

A meio da manhã chegou um comboio de carregadores coreanos com munições. Entre elas abundavam as de metralhadora e granadas de mão. Os soldados que no dia anterior só queriam uma, estavam a pedir três a cinco por cabeça.

A Companhia passou o dia cavando para afundar as suas trincheiras e consertaram-se as armas que se tinham encravado durante o combate. Não houve limpeza geral de armamento, porque a Companhia não tinha nenhum material para o fazer.

Mas a Companhia E não ia lutar novamente naquela posição...

A Divisão tinha examinado rapidamente a situação. O General Vennard Wilson, 2.º comandante, comprovou pessoalmente como as coisas corriam na vanguarda.

O Batalhão que estava à esquerda no Regimento 24, ainda que não estivesse em contacto com o Agrupamento, foi agregado a este. Wilson ordenou a Dolvin que retrocedesse para um terreno que se adaptasse melhor à defesa, movimento que de todos os modos o poria em melhores condições de aproveitar o apoio que esperava na direita.

Quando a Divisão consolidasse a situação, atacaria de novo.

Nas novas posições, o Agrupamento de Dolvin ficaria, salvo a Companhia E justamente a Norte da altura ocupada pelo 2.º Batalhão do Regimento 27, comandado também pelo tenente coronel e fazia parte da reserva divisionária.

Revista da Cavalaria

As Companhias retiraram escalonadamente sobre as novas posições, que estavam situadas em duas pequenas alturas que o Agrupamento tinha torneado, quando do seu avanço para Norte.

A Companhia B, a de Engenharia e a de Reconhecimento estabeleceram as suas posições defensivas, e só depois saiu a Companhia E, a que Dolvin deliberadamente indicou uma posição à retaguarda daquelas, por crer que necessitava de uma noite de descanso bem ganho.

Ainda que todas estas medidas fossem tomadas pelo meio dia, a Companhia E até às 16h30 não tinha recebido a ordem de retirar. Estava anoitecendo quando terminou de carregar os seus carros e empreender a marcha para Sul. A sua gente estava de excelente humor ante a perspectiva de uma comida quente e de uma noite na cama.

Chegados à nova posição, e depois de comerem, alguns dos seus homens deitaram-se rapidamente, e ninguém se preocupou em cavar trincheiras. O terreno não oferecia grande protecção e a Companhia estava disseminada num semi-círculo, por duas colinas achatadas. Tanto Desidério como os seus homens estavam convencidos de que estando bastante à retaguarda não tinham a temer qualquer perigo. Montou-se uma guarda e o resto da Companhia preparou-se para dormir.

Já estavam deitados e não se ouvia qualquer ruído a não ser o ressonar de alguns, quando de repente os chineses atacaram. O fogo ouvia-se a Norte e Sul da posição da Companhia. O inimigo tinha cercado simultaneamente o grosso do Agrupamento a Norte e outro Batalhão à retaguarda.

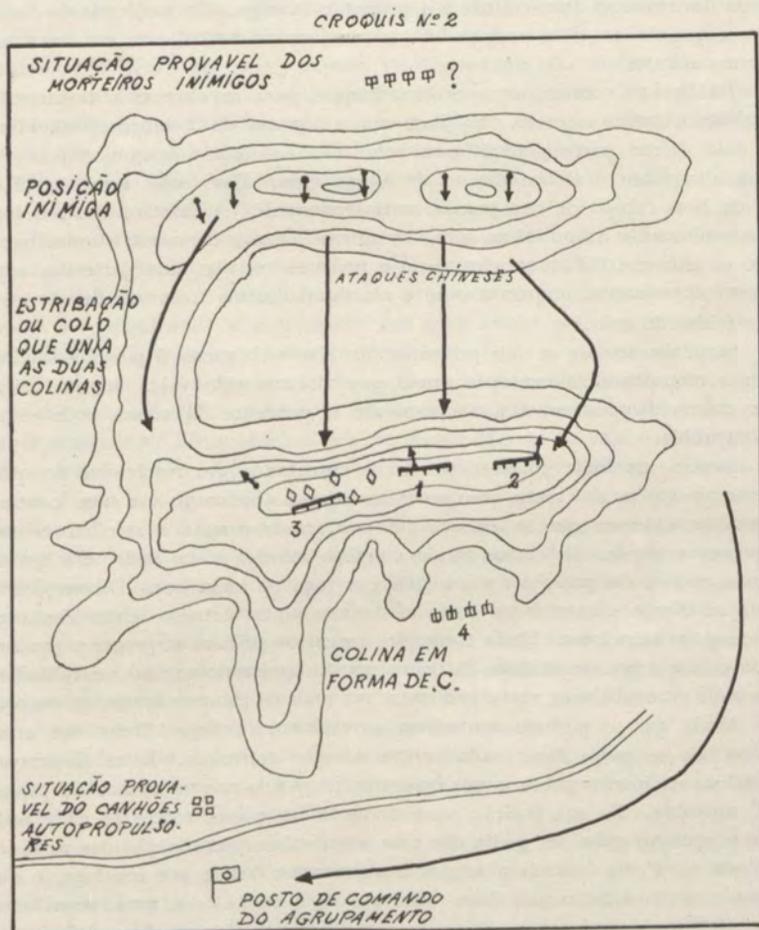
As 12h30, Desidério recebeu ordem de formar a sua Companhia para sair antes de quinze minutos. Com a moral intacta acomodou a sua gente sobre cinco carros e durante uma pausa do fogo, levou-a ao P. C. de Dolvin. A Companhia saltou dos carros e recebeu ordens para ocupar uma pequena colina em forma de C que estava uns 150 metros à frente do P. C. (veja-se o croquis n.º 2). Avançou até à base da colina sem ser hostilizado; parecia um falso alarme... Começou a subi-la indo o 1.º pelotão na frente (sob o comando de Cox) e atrás os outros em coluna de pelotões, pela seguinte ordem: 3.º, 2.º e 4.º. Mal Cox tinha avançado alguns metros, o seu pelotão começou a ser batido por fogo de espingarda e de metralhadora, que o obrigou a procurar protecção, deitando-se os seus homens por terra, entre as rochas. No entanto, não se deram baixas.

A descarga tinha vindo da esquerda. O inimigo ocupava o cume da outra colina unida àquela em que estavam e que não distava dela mais do que 180 metros. Uns homens responderam ao fogo inimigo, outros fortificaram-se e os restantes seguiram colina acima, fazendo fogo enquanto marchavam.

Cox continuou atirando com alguns dos seus homens, até que o grosso do pelotão chegou ao cume da colina. Então foi reunir-se a eles. Protegido pelo seu fogo o resto da Companhia escalou a colina e sob a direcção do capitão fortificou-se no cume, dando a frente ao lugar donde se viam as chamas do fogo inimigo. Inicialmente, o tenente comandante do Pelotão de Morteiros não pôde localizar com exactidão a posição inimiga. Por isso mandou os seus homens transportá-los para o cume a fim de ter melhor campo de observação. Seguidamente quando os chineses tornavam a hostilizar a colina com o seu fogo, as suas balas tracejantes revelaram onde estavam as suas armas.

Revista da Cavalaria

A situação era a seguinte. Os chineses tinham-se instalado numa colina paralela à que ocupava a Companhia E e unida a esta por um colo mais baixo que não se achava a mais de 180 metros de distância. Avaliada a situação, Evans, o tenente do Pelotão de Morteiros, transportou-os para o ângulo do C,



que como tínhamos dito formava a colina, situando-os na contra-encosta. Não tinha perdido nenhum homem, mas faltava-lhe uma esquadra que se tinha perdido quando desmontaram os carros. Imediatamente entraram os morteiros em posição e bateram a crista donde os chineses tinham as suas metralhadoras.

Entretanto Desidério tinha abandonado a colina e voltado ao P. C. do Agrupamento. Ali estavam os cinco carros. Disse a Dolvin que precisava dos carros e que estes podiam escalar a colina. Não era possível o apoio da artilharia,

Revista da Cavalaria

porque esta estava lutando, atacada pelo inimigo na sua própria posição. Quinze minutos depois, Desidério dirigia a marcha dos carros até à sua posição, tendo chegado momentos antes dos chineses iniciarem o assalto.

O sargento do 1.º Pelotão tinha a seu cargo uma metralhadora colocada no extremo do flanco esquerdo. Daí tinha observado o fogo do Pelotão de Morteiros de 81 mm. seguido dos de 60, que tinham batido parte do terreno intermédio entre as duas colinas e a pendente inimiga. Os projecteis de fósforo branco, que tinham sido empregados provocavam um incêndio na erva seca, que o vento atiçava.

Então uns cem inimigos precipitaram-se para as chamas e trataram de apagá-las pisando o mato. Súbitamente o «grupo de bombeiros» dividiu-se em dois: Uma parte precipitou-se pelo colo e a outra lançou-se pelo vale intermédio sobre o flanco direito da Companhia. Esse colo, sem vegetação, era um bom campo de tiro para a metralhadora do 3.º Pelotão, e o seu fogo, o das espingardas automáticas, e, o dos outros Pelotões fizeram bastantes baixas entre os chineses. O ataque fracassou e podia-se ver que uma parte dos assaltantes escapavam-se, enquanto aqui e ali alguns outros tratavam de abrigar-se pelas faldas do colo.

Simultaneamente os dois primeiros carros que chegaram à posição dirigiram as suas metralhadoras contra o grupo que atacava pelo vale. Alguns caíram e os outros dispersaram e avançaram até à pendente da colina onde estava a Companhia.

Depois, na linha chinesa soaram as cornetas... Ao resplendor do quase extinto incêndio do mato, os norte-americanos puderam ver um contínuo refluxo de chineses que se esforçavam por cruzar o vale e recolher às suas anteriores posições. Os carros atraíam o fogo inimigo como ímãs, e o terceiro quando entrou em posição foi atingido por fogo de morteiros. Desenvolveram frente ao Norte, distanciados entre si de uns vinte metros e entre eles espalharam-se os atiradores. Nesta formação, os carros podiam empregar a sua artilharia contra a posição inimiga da colina oposta, enquanto as suas metralhadoras batiam de cima abaixo a suave pendente, por onde os chineses tentavam avançar.

Ainda que se pudesse neutralizar parcialmente o fogo inimigo das armas ligeiras não se podia fazer nada contra os seus morteiros. Estes disparavam por salvas de quatro tubos e uns quarenta projecteis caíram dentro da posição da Companhia. Na sua posição o comandante dos nossos morteiros nada podia fazer porque ninguém lhe podia dar uma ideia sobre a localização dos morteiros inimigos. O P. C. de Dolvin estava também a ser batido por um fogo, o qual consistia, sem variação, em duas descargas de 4 tubos cada uma, seguidas de uma interrupção prolongada, como se os morteiros mudassem de posição.

O combate continua nestas condições por umas duas horas. Os chineses continuavam os seus assaltos e a Companhia E com os os seus carros e o fogo das armas de infantaria continuava fazendo a carnificina.

Finalmente, ouviu-se da colina inimiga o toque de retirar. Naquele momento, e segundo declaram os infantes que ali estiveram, todos estavam convencidos que os carros tinham salvo a situação. No flanco esquerdo o 1.º Pelotão tinha consumido 6 caixas de munições de metralhadora, a maior parte sobre alvos vistos, e, os atiradores do centro e do flanco direito consumiram outro tanto, mas os carros, que disparavam de mais alto, tinham consumido 45 caixas

Revista da Cavalaria

de munições de 12,7 mm. No colo que unia as duas colinas e no vale, os norte-americanos puderam ver verdadeiros montes de cadáveres chineses.

Chegada a manhã, a Companhia fez o seu balanço. Tinham caído 14 homens, a maioria por causa do fogo dos morteiros, mas, como compensação tinham-se-lhe juntado 3 forasteiros. No momento em que Dolvin estava mais atarefado para estabelecer alguma defesa ao redor do seu P. C. viu 3 homens armados com carabinas, que pareciam estar folgando. Que fazem vocês? perguntou-lhe. Ao responderem-lhe que não faziam nada, ordenou-lhes que subissem à colina e se incorporassem na Companhia E. Assim fizeram sem dizerem palavra, incorporando-se no Pelotão da esquerda. No dia seguinte Dolvin soube que os desconhecidos eram um piloto de caça e dois soldados de aviação que se encontravam naquele lugar em viagem oficial.

Durante a pausa os feridos foram levados para o P. C. do Agrupamento e a Companhia foi abundantemente remuniçada.

Neste combate o seu comandante conduziu-se com uma calma extraordinária. Passou grande parte do tempo com os carros, assinalando-lhes os objetivos e ajudando-os a corrigir o tiro, e percorreu as linhas animando os seus homens e comprovando o rendimento das suas armas pesadas. Falou pouco, mas a sua gente «apalpou» a sua presença.

Como em tantas outras ocasiões, a hora mais grave chegou pouco antes de raiar o dia. A noite tinha sido nebulada e a nebulosidade aumentou mais com o amanhecer. Uma obscura neblina desprendia-se do vale e ainda se não tinham ouvido tiros inimigos, mas já uma onda de granadeiros chineses em silêncio e sem ser apercebida chegara até a uns quinze metros dos postos da Companhia. Aí se alapardou e esperou. Na colina inimiga estavam colocadas seis metralhadoras... De repente começou o ataque. De um flanco ao outro as metralhadoras inimigas começaram a vomitar um fogo preciso que imobilizou os norte-americanos nos seus poços de atiradores; ao mesmo tempo começavam a cair granadas de mão chinesas nas posições da Companhia, sinal da presença imediata dos granadeiros inimigos. Alguns deles chegaram às trincheiras norte-americanas ao mesmo tempo que as suas granadas; uns foram vítimas das suas próprias metralhadoras e outros das nossas coronhas.

Atrás dos granadeiros, outros chineses tomavam parte na carga, e como nos ataques anteriores, uns pelo colo e outros pelo vale, avançaram fazendo desatinadamente fogo contra as posições da colina.

Uma equipa de lança foguetes conseguiu entrar na nossa posição e pôde fazer fogo antes dos seus componentes terem sido mortos pelo fogo de uma pistola metralhadora. O seu disparo avariou uma lagarta de um dos carros. Uma outra equipa foi aniquilada quando passava o vale.

Uma granada caiu na torre de um carro e matou o seu artilheiro. Um sargento da Companhia E subiu para o carro e continuou fazendo fogo. Minutos mais tarde uma granada de fragmentação americana, lançada por um chinês ricochetou num carro e rebentou no ar matando um soldado e ferindo gravemente um tenente. Essa mesma explosão feriu um sargento do carro e levantando-o em peso lançou-o para o terreno.

Depois uma granada de morteiro rebentou junto ao carro do flanco direito e os seus estilhaços feriram a Desidério, o capitão cerra-fila da Companhia, dois sargentos e um cabo, tendo os três últimos de serem evacuados.

Revista da Cavalaria

A confusão causada por este golpe favoreceu uma nova oportunidade para os chineses. Uma dúzia deles, lançavam-se sobre o ponto de união do 1.º e 3.º Pelotão, uns quantos foram mortos enquanto corriam, mas sete deles chegaram até aos carros e começaram a saltar-lhes para cima. Cox e os seus homens abandonando num momento o seu terreno, chegaram a correr e crivavam-nos com as suas espingardas metralhadoras, tendo-lhes feito fogo de tão perto que os chineses caíram a seus pés. Este incidente foi duplamente afortunado, porque no instante em que abandonavam a sua posição caiu nela um projectil de artilharia, parece que de 108 mm., que foi o único que os chineses dispararam.

No flanco esquerdo a situação estava ganha. O 1.º Pelotão, com a sua metralhadora e uma dúzia de atiradores tinha parado os chineses que queriam avançar pelo colo. No centro, as coisas iam-se compondo, ainda que não tivesse diminuído a troca de granadas de mão. Havia 15 homens feridos por estilhaços e ainda outros tinham sido evacuados. Cambaleando pela sua ferida, Desidério, sentia no entanto o cansaço dos outros. Começou a gritar o que até então tinha dito mais de vagar a seus homens: Aguentai até ao amanhecer e teremos vencido!

A exortação percorreu toda a linha e o 2.º Pelotão, respondeu-lhe todo, com o mesmo grito.

Mas todavia estava-se preparando a prova por que este Pelotão ia passar Na sua extremidade, a colina era coberta de espesso arvoredado que entretanto estava envolto num denso nevoeiro. Ali se tinha colocado uma metralhadora e uma espingarda metralhadora. Mas o inimigo em grande número conseguiu chegar bem perto dela sem dificuldade e sem ser notada. Antes que se desse conta, os chineses caíram-lhe em cima e fizeram saltar a metralhadora com uma granada de mão, matando o cabo que tinha a espingarda metralhadora e um sargento. Outros dez homens foram feridos à bala ou por estilhaços em poucos segundos. Apercebendo-se da situação o comandante do Pelotão gritou aos seus homens que o seguissem pela contra-encosta.

Novamente os morteiros estavam sem munições. Lançado o último dos seus 400 tiros, o comandante subiu à crista a ver se conseguia qualquer ajuda. A sua chegada coincidiu com a retirada do 2.º Pelotão e pôde ver como os chineses, da posição antes ocupada por este Pelotão, disparavam as espingardas e os lança-foguetes sobre os carros.

Rapidamente alastrou a desmoralização entre os feridos que se protegiam na relativa segurança do terreno. Alguns começaram a gritar: «Romperam a linha! Salve-se quem puder!

Os carristas ouvindo-os alarmaram-se e dois dos carros começaram a abandonar a colina.

Correndo a um e outro lado, Desidério batia na couraça dos carros com a coronha de uma espingarda e gritava: Malditos sejam! Tendes que ficar e lutar! Não retiramos! Um tenente juntou-se a ele nas maldições e nas pancadas nas couraças. Os carros pararam...

Então Desidério voltou até junto dos seus homens seguido do tenente e disse-lhe: «Agora vieram sobre nós. Vá você para um lado que eu vou para aquele! «Nós vamos contê-los!»

Estas foram as suas últimas palavras. Quando saíu na direcção do flanco indicado, uma bala entrou-lhe pelas costas e atravessou-lhe o coração.

Revista da Cavalaria

Os que presenciavam a sua morte convenceram-se que com o seu capitão se perdia também a Companhia. A alguns passos o tenente também caiu ferido por uma granada de mão. Os dois chefes estavam fora de combate e o inimigo estava já dentro da posição... Mas Lefler, o comandante do 2.º Pelotão e «s seus homens tinham voltado. Depois de terem descido uns 40 metros pela contra-encosta, o sargento reorganizou e remuniçou com granadas de mão a sua gente. Depois, ordenou-lhe que avançassem direitos às suas posições anteriores. Conseguiram-no abrindo caminho com as granadas de mão e o inimigo não podendo resistir a esta onda, fugiu encosta abaixo.

Naquele momento a pressão terminou. Durante meia hora alguns atiradores inimigos continuaram fazendo fogo, mas a força principal começou a retirar quando o 2.º Pelotão reconquistou a sua posição.

O combate tinha sido ganho no momento em que parecia perdido!

Evans acercou-se do cadáver de Desidério e pôde perceber a sua acção. Então, constatou que tinha amanhecido, e recordou os gritos de... «Aguentai até ao amanhecer e teremos vencido!».

São dignos de menção alguns dados sobre este combate:

De 60 homens que a Companhia E tinha quando começou a acção, oito morreram; as nove espingardas metralhadoras da Companhia ficaram fora de serviço, uma por causa de um tiro e outras por descasquilhamento e por «recalentamento». Apesar disso todos afirmavam que tinham sido a principal defesa dos atiradores.

O Agrupamento Dolvin entrou em posição com as munições regulamentares para 5 dias (todas as armas). Consumiram-se todas numa noite, excepto as das «Bazookas», do canhão sem retrocesso e parte das de espingarda.

Com honra póstuma foi concedida ao capitão Desidério a Medalha de Honra. A companhia ganhou uma citação como Unidade Distinta.

Não houve oportunidade para avaliar as diversas armas que tinham feito as baixas. Dolvin que pôde desbaratar o ataque dos granadeiros chineses ao seu P. C., ocorrido ao mesmo tempo que a onda que quase fez sossobrar a Companhia E, chamou pouco depois do amanhecer o seu comandante e ordenou-lhe que regressasse à posição da noite anterior. Os homens recolheram as suas armas e os seus mortos, e saíram da tão disputada colina. As primeiras horas da tarde o Agrupamento reuniu-se à Divisão. O inimigo avançou, e estas acções, foram o começo de uma larga e contínua luta contra os chineses.

Quando a Companhia E passou ante o P. C., Dolvin viu o piloto de caça que tinha mandado na noite anterior para a colina. Dirigindo-se ao tenente coronel, o piloto disse-lhe: «Já matei o chinês que me correspondia e quero voltar a ser piloto!».

S. B.

RELATO SOBRE O VIII EXÉRCITO

O General Van Fleet diz às Comissões do Congresso que:

- O soldado dos E. U. A. tem capacidade para tudo o que se lhe pedir;
- Os ROKS surpreendem sempre com a sua capacidade excepcional;
- O inimigo é constituído por quatro quintos de chineses e um quinto de Coreanos do Norte.

Condensado e editado do diário taquigrafado das Comissões dos Serviços Armados do Congresso.

Forças dos E. U. A.

Pergunta. — General Van Fleet, tinha interesse em ouvir os seus comentários sobre o aumento do tempo do serviço de selecção para 30 ou 36 meses. Que melhoria de preparação se obterá?

Van Fleet. — Bem, o homem tem hoje em dia um treino de 16 semanas na prática, nos centros de treino para rendição. Então, pouco depois de uma curta licença é embarcado para o ultramar e nós utilizamo-lo, entre o sexto e o nono mês de serviço, quer dizer, quando chega à Coreia é já um soldado com a sua instrução básica, digamos um atirador para uma missão de infantaria. Aqui, recebe uma instrução mais completa, o desempenho da sua função numa unidade, e no devido tempo está pronto a tornar-se um membro do team.

Com o andar dos tempos, pode mostrar aptidões para ser graduado ou para o desempenho de uma função especializada e se é proposto, frequenta uma escola mais adiantada, na Coreia. Quando dela regressa, podendo aí ter permanecido durante um, dois ou três meses, consoante o curso, tem um pequeno tempo para adaptar-se. Normalmente ainda é um soldado ou segundo cabo, e neste pequeno período de um ou dois meses, ainda de adaptação, pode ser promovido a primeiro cabo, mas se permanecer ali mais tempo pode preparar-se para furriel ou segundo sargento. Então, na altura em que se tornou um bom elemento regressa à pátria e assim temos sempre um déficite permanente de 50%, ou ainda mais, do número de especialistas e de graduados requerido por um exército de campanha.

Não os conservamos o tempo suficiente depois de se tornarem bons elementos, porque os repatriamos na altura que lhes compete, em harmonia com

Revista da Cavalaria

os compromissos que temos com eles. Poderia dizer-se: instruem-se primeiro, utilizem-se durante o período necessário de combate e então faça-se o seu repatriamento e em seguida o licenciamento.

P. — Pode falar-nos mais detalhadamente sobre o moral dos nossos homens?

Van Fleet. — Eu julgo que os nossos homens, crescidos numa época agitada do mundo, ouviram imensas coisas terríveis a respeito do comunismo tal como se discute nas Nações Unidas e se vê e lê a esse respeito, e que o homem se conforma com a sua terrível condição e aceita a sua sorte, como cabendo-lhe fazer alguma coisa nesta matéria. Quando ele é convenientemente doutrinado no Exército, sente-se contente em usar o uniforme e feliz ainda ao tornar-se infante, muito orgulhoso de si próprio como combatente de infantaria.

Mas, na Coreia não deve permanecer por muito tempo. A rendição é um grande factor moral, pois logo que tenha feito o seu serviço e chegado ao fim, volta para casa e deixa um outro a fazer o seu trabalho, como deve ser numa democracia.

É aflitivo para os militares procederem assim, mas é preciso distribuir este árduo trabalho pelo maior número possível e arranjar as coisas de maneira a que achem uma bela missão o estarem na Coreia e que estejam sempre desejosos de cumprir a sua tarefa.

P. — E ele julga avaliar a sua situação talvez melhor do que nós aqui?

Van Fleet. — Ele conforma-se com tudo o que exigirem dele.

P. — A partir de Junho de 1952, ao expirar o período de 24 meses, quando se deu a primeira rendição, houve uma diminuição de homens para serviço, apesar da limitada missão que tinheis a desempenhar?

Van Fleet. — Durante quase todo o ano de 1951, tivemos os efectivos completos e por vezes até ultrapassados. Alcançámos o máximo de 108% ou 8% acima do normal, uma vez, e foi uma condição muito salutar para termos uma vida desafogada. Isto permitiu operar praticamente com efectivos normais, porque há sempre alguém que parte, regressos de emergência à pátria, repouso e licenças no Japão, doentes dos hospitais e outras causas diversas, o que dá 10 a 15% de homens não presentes. Assim, isto deixa operar à base de 100%, quando se tem aquela margem extra.

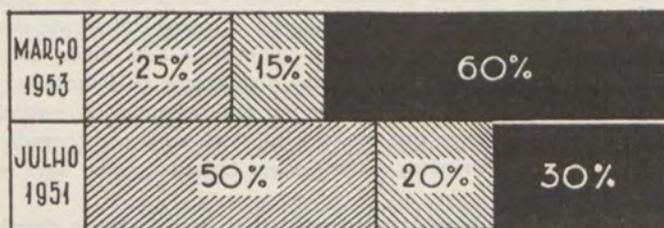
Esperávamos que isto assim continuasse. De facto, foi-nos dito muitas vezes por visitantes de Washington que estavam interessados nas questões de pessoal, que poderíamos manter esta margem de 15% acima do normal, especialmente durante os períodos em que o programa de rotação fosse aplicado, o que permitiria ir mais além na Coreia, onde os homens que chegavam, estariam ali e seguiriam para a frente antes que os rendidos regressassem à pátria; eles calculavam que a percentagem subisse para 115%. Pois bem, em lugar de se atingir a percentagem de 15% acima do normal, quando se pôs a rendição em marcha nos começos do inverno de 1951/52, a margem que se tinha atingido começou a baixar em lugar de subir, porque o embarque dos repatriados se deu antes dos substitutos chegarem — situação que é ainda a de hoje — de que resultou termos cerca de 89% dos efectivos, no papel; na realidade, nas fileiras, a percentagem é menor do que aquela em consequência das perdas normais.

Desta percentagem total de 89%, a de especialistas, graduados e graduados júniores é de 50%. Em algumas categorias chega a baixar a 30%.

Revista da Cavalaria

P. — Os nossos aliados rendem as suas tropas e mantêm os seus efectivos acima do normal?

Van Fleet. — As unidades das Nações Unidas são mantidas com os seus efectivos de mobilização e muitas vezes os batalhões têm os seus efectivos excedidos. Têm uma mecânica de rendição que é feita mais por unidades do que por indivíduos. Por exemplo, um novo batalhão chega de Inglaterra e nesse



▨ Forças dos E. U. A.

▨ Outras forças das N. U.

■ Forças da República da Coreia (R. O. K.)

momento o batalhão que estaciona na Coreia regressa à pátria. O mesmo sistema é adoptado pelos batalhões do regimento canadiano Princesa Patrícia.

P. — V. Ex.^a quer então fazer a afirmação, no que respeita a munições e pessoal, de que não teve os fornecimentos nem os homens necessários, apesar da sua limitada missão?

Van Fleet. — Sim Senhor.

P. — Como compara a nossa potência de fogo com a do inimigo?

Van Fleet. — Há três grandes características do 8.º Exército que nos deram uma completa supremacia. Estas características são, qualidade das tropas, potência de fogos das nossas armas e mobilidade ou flexibilidade para enfrentar as diversas situações. Somente um exército dos E. U. A. combina estas três qualidades podendo tirar delas o maior proveito.

P. — Quer fazer o favor de falar sumariamente sobre o moral das tropas? Na verdade nunca uma guerra foi popular e esta é talvez uma das mais impopulares em que temos andado metidos. Mas, nós ficamos bastante surpreendidos senão espantados, com o alto nível moral dos homens no campo de batalha.

Van Fleet. — É missão de qualquer comandante ter a sua unidade preparada, pronta e com vontade de bater-se. Se ele não consegue isso, o melhor é ser substituído. Os nossos homens estão preparados. Estão constantemente a ser treinados para atingirem um nível que lhes permita enfrentar qualquer situação que se lhes depare. Melhor do que isso, é o espírito que criam; estão sempre desejosos de se baterem.

Revista da Cavalaria

P. — Mas, o facto de V. Ex.^a estar numa situação de estabilização torna muito mais difícil para si manter um alto nível moral, não é assim?

Van Fleet. — A tarefa é maior, sim senhor.

P. — A tarefa é maior. Os homens estão somente desejosos, ou vão realmente com interesse quando lhes é ordenado?

Van Fleet. — É realmente assim, senhor.

P. — Que recomendações tem a fazer no sistema de rendição?

Van Fleet. — O nosso sistema não é actualmente satisfatório... nos números e na qualidade.

P. — Números e qualidade. Em resposta à pergunta que lhes fez o presidente, no que respeita à preparação das forças, V. Ex.^a disse que elas eram as melhor equipadas, alojadas, alimentadas e também as mais combativas das forças americanas. Noto que não disse a força melhor treinada que a América jámais teve no campo de batalha. Omitiu esta qualidade propositadamente?

Van Fleet. — De facto assim foi. Um negociante, torna-se um veterano com a sua prática de negócios em grande escala. O 8.^o Exército não esteve ainda empenhado em duras batalhas durante muito tempo. Nós temos procurado manter a sua eficiência pelo treino nas áreas da retaguarda e pela ocupação de uma linha defensiva com um activo programa de patrulhas. Mas isto não é combater, não é tornar-se perito neste difícil negócio.

P. — General, muitas das mães deste país cujos filhos são enviados para a Coreia, têm a impressão de que eles pelo facto de se encontrarem na Coreia, estão sempre debaixo da ameaça constante do inimigo.

Pode fazer alguns comentários sobre a extensão do perigo a que está sujeito um grande número de americanos que vão para a Coreia e qual a proporção dos que estão nas áreas perigosas?

Van Fleet. — Bem, de cada vez temos metade das nossas Divisões americanas em reserva, pelo que somente 50% dos homens se encontra na zona perigosa. Neste momento eu conjecturo que não mais do que 3/5 do total das Divisões que ali se encontram tenha sido enviado para o extremo oriente, talvez uns 50%, o que significa que somente 50% dos homens tem probabilidade de estar nas Divisões de Combate e, portanto, metade do tempo da sua permanência na Coreia os homens estão em reserva.

Agora, na frente metade dos homens está em reserva. Em cada três regimentos um está em reserva e em cada regimento em primeira linha um batalhão está em apoio o que faz baixar a percentagem, podendo mesmo dizer-se que actualmente a percentagem de homens em primeira linha é pequena...

A pessoa que acarreta com o peso todo é geralmente o homem que recebe o pagamento de combate que o Congresso autorizou. Ele está na área perigosa sujeito a ser atingido pelas balas. São cerca de 25%.

P. — Se V. Ex.^a aumentar o período de treino das nossas tropas na América poderá em contrapartida diminuir o período de tempo que o homem deverá permanecer na Coreia?

Van Fleet. — Sim, mas eu devia aumentar o período de instrução de 24 para 30 ou 36 meses... Preparar os americanos para terem mais chance de viver, mas não os obrigar a combater um tempo mais longo do que aquele a que actualmente estão sujeitos. O seu período de serviço sujeito às balas inimigas deve ser o mesmo.

Revista da Cavalaria

P. — Então qualquer aumento no período de treino, antes de serem embarcados para o ultramar origina um correspondente aumento de tempo na duração total de serviço?

Van Fleet. — Sim.

Os Roks

P. — Aqui tem havido um grande interesse pelas tropas ROK. Pode-nos dizer alguma coisa sobre a sua instrução?

Van Fleet. — Na verdade, nos primeiros tempos não tiveram nenhuma instrução. Alistaram-se aos milhares e dizia-se-lhes «aquí está uma espingarda» e mostrava-se-lhes como se carregava e puxava o gatilho, e em poucos dias já na fileira, aprendiam a sua árdua tarefa no campo de batalha.

Na verdade nenhuma situação por mais grave que fosse seria capaz de levar um povo a fazer isto.

O General Ridgway, durante o seu comando elevou a instrução para quatro semanas, mas havia somente 200 homens por dia a serem instruídos, o que não era muito, e num pequeno espaço de quatro semanas, 200 por dia, não contando os domingos, em 25 dias perfaziam 5.000 somente um bochecho de 5.000 na torrente a instruir. Eu elevei isto para 300, depois para 500, 700, número que mantive durante um longo período; aumentei a instrução para quatro semanas, mais tarde para oito, para doze, para catorze e finalmente para dezasseis semanas, ou seja, para um período de tempo igual ao dos nossos centros de instrução de rendição, com a diferença que trabalhavam mais horas e mais dias e não tinham fins de semana.

No outono passado, parti de 900, 1.000, 1.100, até alcançar 1.200, número em que está hoje, menos as faltas — que eu não sei ao certo o número que representam — tendo instrução seis dias por semana ou à volta de 25 dias por mês durante 16 semanas. Assim, isto dá uma torrente no dia de hoje de cerca de 108.000 em lugar de 5.000.

V. Ex.^a vê como este terrífico número aumentou.

Na verdade fazendo isto, estamos sempre ultrapassando o limite autorizado. Obtém-se mais e instruem-se durante mais tempo, o que aumenta os números dos que não estão em combate, ou digamos o

P. — O que quer significar com o «limite autorizado», General?

Van Fleet. — Nós temos um determinado quadro para fins logísticos, para fins de planeamento, para embarque de alimentos, vestuário e fornecimentos gerais que nos é dado aqui em Washington, e que é uma decisão da política seguida pelo Pentágono. O Departamento de Estado segue à risca essa política, presumo eu, bem como o Congresso e todas as repartições.

P. — Quando a guerra começou estávamos impressionados aqui com as possibilidades das tropas ROK darem ocasião a não poderem apoiar as nossas tropas nos flancos e que as baixas aumentassem, mas nada disto aconteceu devido aos processos que V. Ex.^a descreveu?

Van Fleet. — Sim, Senhor. Era bastante evidente durante os primeiros dias porque o combatente não instruído e sem armas convenientes, não podia manter uma linha contra o ataque em massa

Revista da Cavalaria

Não era culpa sua, mas era amargamente criticado, mesmo pelos nossos oficiais americanos... Quando V. Ex.^{as} compreenderem bem esta situação, saberão que ninguém pode aguentar-se nestas condições; uma onda submergi-los-á. Mas dê-mhe instrução conveniente, dê-mhes armas e chefes regulares e verão como eles combatem!... Eles nunca, nunca me causaram desapontamento logo que tiveram treino adequado e armas convenientes. Surpreendem sempre com o seu excepcional nível.

P. — E este programa que V. Ex.^a esboçou mantém-se sempre nas forças ROK?

Van Fleet. — Sim, Senhor.

P. — E, que nos diz acerca da instrução de oficiais? Estão recebendo uma instrução adequada? Eu quero dizer se podemos esperar o suficiente dos oficiais R. O. K.?

Van Fleet. — Temos na Coreia os serviços de instrução convenientemente montados para Coreanos, todas as escolas necessárias para oficiais, sargentos e especialistas e um esplêndido sistema de instrução para rendição que permite a saída de soldados instruídos, com 16 semanas de instrução básica intensiva, ainda mais completa do que a recebida na América pelos nossos homens naquelas 16 semanas, porque ele é instruído no campo, mas não vive ali durante aquele período e tem instrução 10 horas por dia, 6 dias por semana e nos domingos lava a sua roupa e faz outros serviços perto do campo...

Nós obtemos um homem bem instruído, um chefe bem instruído e um especialista bem instruído. Eu estou em afirmar que algumas destas instruções e escolas, são melhores do que as que temos aqui na América.

P. — Podemos obter mais 10 Divisões de homens R. O. K.? Quanto nos custará isso?

Van Fleet. — As possibilidades em homens são as que se sabem. O custo não o posso apreciar. O equipamento custará o mesmo que para uma Divisão Americana. Eles não recebem o mesmo que damos a uma divisão americana, e o espaço será uma fracção do preço total, correspondente ao que lhe dermos.

P. — As duas coisas que o soldado R. O. K. necessita são, fornecimentos — temos que os equipar — e de momento chefes e instrução até que se possam governar por si próprios?

Van Fleet. — Sim, senhor.

P. — General, mesmo que criemos as 10 divisões adicionais, não podemos tão cedo retirar as nossas tropas americanas. Teremos que manter ali uma força bem numerosa por algum tempo, não lhe parece?

Van Fleet. — Eu estou fortemente convencido de que as divisões coreanas não poderão substituir as divisões americanas, nessa ocasião.

P. — Assim, não desejamos criar esperanças vãs no povo americano, de que se pusessemos em condições as forças da Coreia do Sul, os nossos homens regressariam no dia seguinte à pátria. Estamos num rude e longo esforço.

Van Fleet. — Não levemos o nosso povo a pensar em tal.

P. — General, qual é o número de divisões que os Coreanos podem mobilizar?

Van Fleet. — Podem mobilizar 20 divisões completas e manter esse número, mesmo sofrendo perdas severas.

Revista da Cavalaria

P. — Além das 14 divisões das forças R. O. K. quantos sul-coreanos há nas forças americanas?

Van Fleet. — Nós temos um nível autorizado de 28.000. Isto perfaz cerca de 3 homens por esquadra (1). É o número máximo que permite não tirar ao Exército a sua fisionomia americana.

O Inimigo

P. — Neste momento a maioria das forças comunistas na Coreia é constituída por chineses?

Van Fleet. — Sim.

P. — Eles constituem de longe a parte mais numerosa?

Van Fleet. — Sim, quatro quintos do total.

P. — Quatro quintos. Tão grande?

Van Fleet. — Sim, senhor.

P. — Assim, os norte-coreanos representam um quinto. Têm estas dificuldades em substituir as suas baixas?

Van Fleet. — Há um ano que os norte-coreanos atingiram o limite do seu potencial humano. Não encontramos quaisquer elementos que tenham sido incorporados no Exército Coreano nos últimos 12, 18 meses, excepto alguns que tenham estado escondidos e que foram finalmente apanhados.

P. — Neste momento quem fornece as divisões norte-coreanas de material de guerra?

Van Fleet. — A Rússia.

P. — Não é verdade que actualmente os chineses — as Divisões que estão em face de nós, na frente — estão recebendo material de guerra manufacturado na China?

Van Fleet. — Eles produzem actualmente algum material, sim senhor. Este era uma mistura de materiais absoletos feitos no Japão, Rússia, China e América. Foi-se gradualmente incapacitando e vem sendo substituído, há alguns meses por um grande afluxo de materiais russos.

P. — Não é verdade que na própria China se estão copiando vários tipos de armas japonesas, alemãs e americanas que aparecem agora na frente?

Van Fleet. — Sim, são óptimos imitadores. Copiaram fielmente as nossas armas.

Da Revista de Artilharia
n.º 336 — Junho, 1953

(1) — A esquadra tem nove homens. (N. do T.).

A ÁGUA

ARMA OFENSIVA

por W. CH. BRAU
Capitaine-Comandant du Génie

Houve tempo em que a água — aplicada sob a forma de inundações ou de im-paludações — era considerada, sobretudo, como elemento defensivo de complemento, interdizendo, ou pelo menos tornando mais difícil o ataque de uma praça forte. Até aos fins do século XVIII, a táctica militar baseou-se na guerra de sítio e a água desempenhou nesta um papel principalmente defensivo. É, no entanto, interessante notar que em muitos casos, tanto na antiguidade como nos tempos modernos, a inundação foi utilizada pelos assaltantes de uma praça forte, quer para tornar impraticável um sector da frente a qualquer surtida dos sitiados, quer para impedir uma tentativa de reabastecimento por parte de um aliado externo, quer ainda para submergir uma cidade, total ou parcialmente, e obrigá-la deste modo a render-se (cerco de La Ferté).

Esta última função ofensiva da «Arma hidráulica» foi desempenhada numa escala muito maior durante a última guerra e a sua execução pelos aliados, nalguns casos ainda muito limitados, é certo, ocasionou verdadeiras catástrofes para o adversário, bem superiores, na verdade aos mais terríveis bombardeamentos das esquadras aéreas.

Nestes últimos anos, tem-se falado muito dos efeitos da desintegração atómica e estabelecido a relação entre a energia libertada por uma bomba atómica e a libertada por uma bomba de explosivo com peso equivalente; com esta relação podemos comparar uma outra: a energia potencial acumulada a montante de uma grande barragem-reservatório e bruscamente libertada pela ruptura da mesma barragem, comparada com a energia que foi preciso empregar para assegurar a destruição desta obra.

A destruição da barragem de Dnieprostoi (Rússia) em 1941 pelos russos, libertando cerca de um bilião de metros cúbicos de água que arrastaram todas as pontes a juzante numa extensão de centenas de quilómetros, era ainda uma operação defensiva, visto que tinha por fim retardar o avanço alemão; pelo contrário, os bombardeamentos e a ruptura da barragem de Moehne (afluente do Rhur) e da Barragem de Waldeck sobre o Eder (afluente do Weser) eram nitidamente operações ofensivas, pois deviam contribuir para paralisar a grande indústria de guerra alemã. Examinemos um pouco os efeitos destes cataclismos, provocados artificialmente.

Estes reservatórios — os dois maiores da Alemanha — continham respectivamente 135 a 200 milhões de metros cúbicos, produzindo dois terços da hulha branca da bacia do Rhur. Os alemães tinham-nos protegido cuidadosamente por meio de redes metálicas contra os torpedos marítimos lançados por aviões e haviam-nos cercado com uma poderosa DCA.

Revista da Cavalaria

Pelo seu lado, os Aliados estudaram cuidadosamente a operação:

- Tomada de fotografias;
- Exame de cartas, planos, fotografias e modelos reduzidos;
- Instrução especial de seis semanas sobre alvo real, imposta à esquadriha a que se desejava confiar a operação;
- Preparação de um torpedo aéreo de 4 toneladas, destinado a rebentar debaixo de água.

O bombardeamento foi marcado para a noite de 16 para 17 de Maio de 1943. Três dos seis bombardeiros enviados foram abatidos, mas os outros atingiram o objectivo, tendo as barragens sido rotas a meia-altura — a espessura do betão nessa altura era de 10 metros — e numa extensão de 50 a 60 metros. A água levou tudo na sua frente: nos vales do Eder, do Weser superior e do Rhur, todos os viadutos e pontes de caminho de ferro foram arrastados, as centrais hidro-eléctricas avariadas, gares de formação, fábricas, aldeias importantes foram submergidas, o aeródromo de Fritzlar foi inundado e todos os seus hangares e depósitos arrazados. As destruições estenderam-se a quase 80 quilómetros de distância. Os efeitos da cheia fizeram-se sentir até às portas de Essen (Rhur) e ultrapassaram largamente Kassel (Weser). Teriam sido necessárias centenas de bombardeamentos para obter resultados idênticos.

*

Um outro exemplo de emprego ofensivo de uma inundaçãõ é o ataque da ilha de Walcheren, no dia 3 de Outubro de 1944. Este ponto de apoio alemão ao Norte do Escalda era uma ameaça constante para Antuérpia. «Lancasters» atacaram os diques marítimos com bombas de 5.400 kgs., praticando neles uma grande brecha por onde o mar inundou as partes baixas da ilha, compartimentando as defesas alemãs; os Aliados reduziram estas, uma por uma com a utilização de engenhos anfíbios e aproveitando os diques ou as estradas emergentes.

*

Torna-se, portanto, necessário prever nos planos de campanha a ameaça das inundações, tanto nas zonas de operações — quando se pretende atravessar uma linha de água importante e se deseja pôr as pontes próprias ao abrigo de qualquer cheia devastadora — como na retaguarda, onde é preciso proteger grandes centros industriais alimentados em energia eléctrica por poderosas centrais instaladas na base de grandes barragens-reservatórios.

Além de se instalar, nas vizinhanças de uma barragem importante, uma DCA suficiente e além da intervenção rápida de esquadrihas de caça, pode proteger-se localmente a mesma barragem por meio de certos dispositivos, tendo em conta as seguintes considerações:

- a) — Uma bomba caindo sobre a crista da barragem só ocasionaria estragos limitados; estes não afectariam a estabilidade da obra e não originariam, como regra, qualquer brecha por onde a água pudesse

Revista da Cavalaria

escapar-se. É, portanto, inútil proteger a crista, a não ser que se pretenda manter acessível à circulação a estrada que a coroa.

- b) — Uma cratera importante no paramento montante ou juzante da barragem, e no terço superior da sua altura, compromete o equilíbrio da obra e pode provocar a oscilação deste terço superior sob a pressão das águas e dar, assim, origem a uma brecha importante.

*

Entre os dispositivos de protecção de uma barragem, devem indicar-se:

- A barragem antiaérea de balões cativos;
- O emprego de redes pára-bombas sobre o paramento de juzante. Estas redes metálicas são esticadas horizontalmente entre a crista da barragem e a extremidade de vigas metálicas encastradas no paramento juzante. Os alemães utilizaram este dispositivo na barragem de Möhne, depois desta reparada;
- O emprego de grades constituídas por troncos de árvores ou vigas de madeira dispostas obliquamente sobre o paramento de montante. A extremidade de cada viga é fixada, ao nível da água, no paramento e a extremidade inferior é lastrada e sustentada por um flutuador. Esta grade deteria ou faria desviar para cima um torpedo submarino, lançado por um avião, a montante da barragem;
- O emprego de redes pára-torpedos, dispostas verticalmente a montante da obra e sustentadas por flutuadores mascarados com ramos de árvore. Este dispositivo também foi empregado pelos alemães, na barragem de Möhne, depois da sua reconstrução;
- A constituição de maciços flutuantes em superfície, a montante da obra, para provocarem o rebentamento prematuro dos torpedos de superfície;
- Finalmente, a barragem de minas aéreas.

Conquanto o estudo desta barragem de minas suspensas não possa ser considerado como terminado, tem certo interesse observar com algum deterioramento esta última conquista da mina; até agora, as minas infestavam apenas os mares e os campos de batalha terrestres; hoje, são colocadas no ar.

No vale superior do Iel (Vorarlberg, Áustria), a barragem do Vermunt, a 1.700 metros de altitude, contém uma reserva de água de 5.005 milhões de metros cúbicos e as centrais eléctricas que dependem dela fornecem actualmente cerca de 550 milhões de quilovátios-hora por ano.

A protecção a montante desta barragem foi realizada durante a guerra por uma dupla cortina de minas suspensas, cuja constituição era a seguinte:

- A cortina mais a montante, a 620 m. do pé da barragem, é sustentada por um cabo de 710 metros de comprimento e comporta 27 rosários de seis minas cada;
- A segunda cortina, a 600 m. do pé da barragem, é suportada por um cabo de aço entrançado, de 28 mm. de diâmetro e 925 metros de

Revista da Cavalaria

comprimento, tendo 38 rosários de seis minas. O cabo está a uma altura levemente superior à cortina anterior.

Neste caso particular, as distâncias de 600 e 620 m. foram fixadas pelas possibilidades de picar de um avião, bastante reduzida em virtude da proximidade e da cota das alturas vizinhas. Paralelamente a cada cabo sustentador, e 10 metros acima dele, corre um cabo pára-raios.

Os rosários de minas estão afastados entre si de 15 m. e as minas de 7 metros. O cabo de rosário, com 7 mm. de diâmetro, liga as minas mecânica e eléctrica. Cada rosário está suspenso do cabo portador por um isolador de porcelana. Dois cabos condutores, um positivo e outro negativo, ligam os rosários de minas entre si, de modo que os rosários ficam electricamente montados em derivação. Os cabos condutores são respectivamente ligados ao positivo e ao negativo de um gerador eléctrico de 500 V. contínuo; cada uma das minas fica, portanto, a um potencial de 80 V.

Não entraremos no estudo de pormenor da mina suspensa; limitar-nos-emos a dizer que ela contém um quilo de tolite e um sistema de inflamação eléctrico; um choque bastante violento provoca a sua explosão que é suficientemente forte para partir a asa de um avião a pequena distância.

*

Estes exemplos mostram que, durante a última guerra, o engenho dos construtores e dos engenheiros foi posto à prova para assegurar a melhor protecção possível das grandes obras de retenção de águas; as catástrofes de Möhne e de Waldeck devem ser uma lição para o futuro. No nosso pequeno país, os engenheiros terão talvez, um dia, que estudar o problema da protecção das nossas barragens do Gileppe, de Robertville, de Butchénbach e de Eupen; a sua construção levou anos a fazer; uma eventual reconstrução exigiria de novo um tempo considerável, imensos esforços e capitais enormes. A barragem do Gileppe, terminada em 1875, retém cerca de 12 milhões de m³ de água, a barragem de Eupen, com a altura de 66 m. e 409 de comprimento eleva o nível de água do Vesdre de 75 m. e assegura uma retenção de água de 25 milhões de m³ de água. Estas barragens são de classe inferior às citadas anteriormente, é certo; mas não deixa de ser verdade que as obras de represamento de águas têm uma importância vital para as regiões industriais cuja prosperidade é assegurada por elas; de facto são de capital interesse para a economia geral do país, ao qual fornecem uma percentagem bastante importante da sua energia eléctrica.

L'Armée La Nation

N.º 9 de 1952

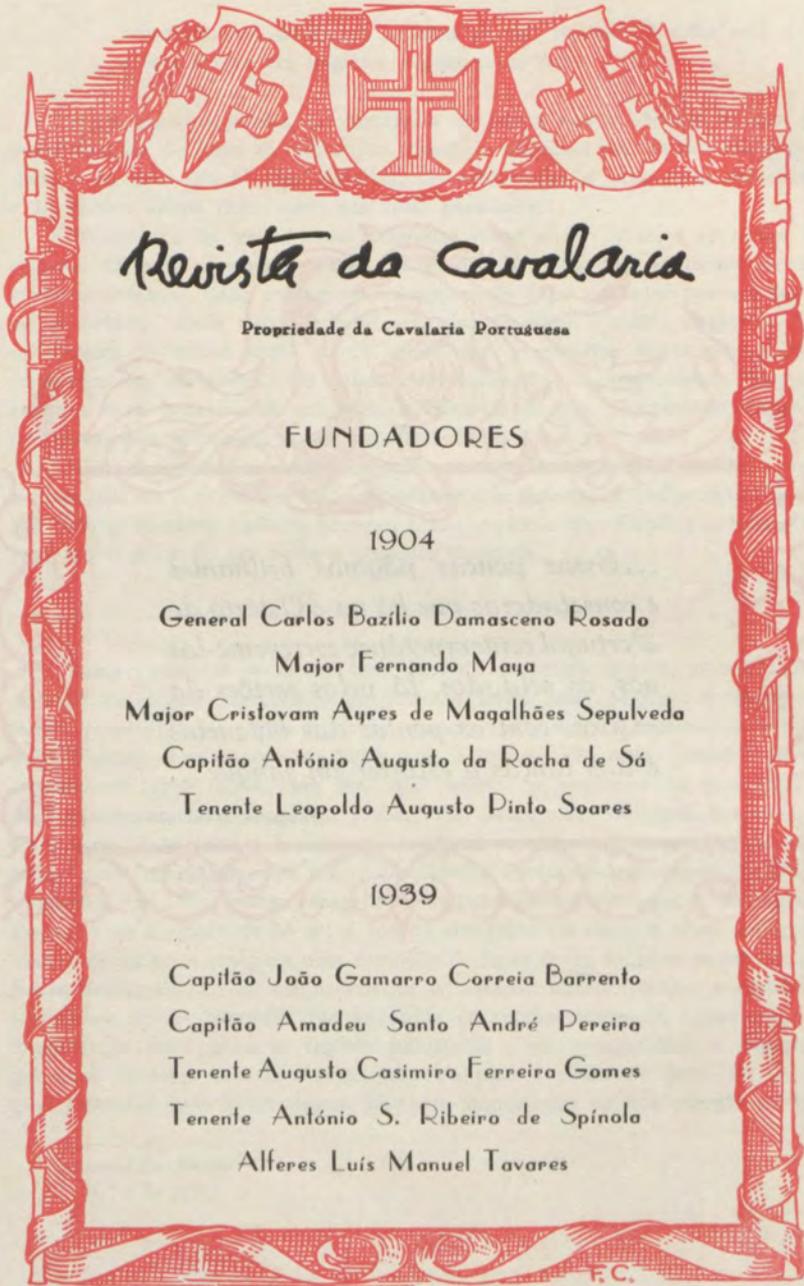


1. 204



...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

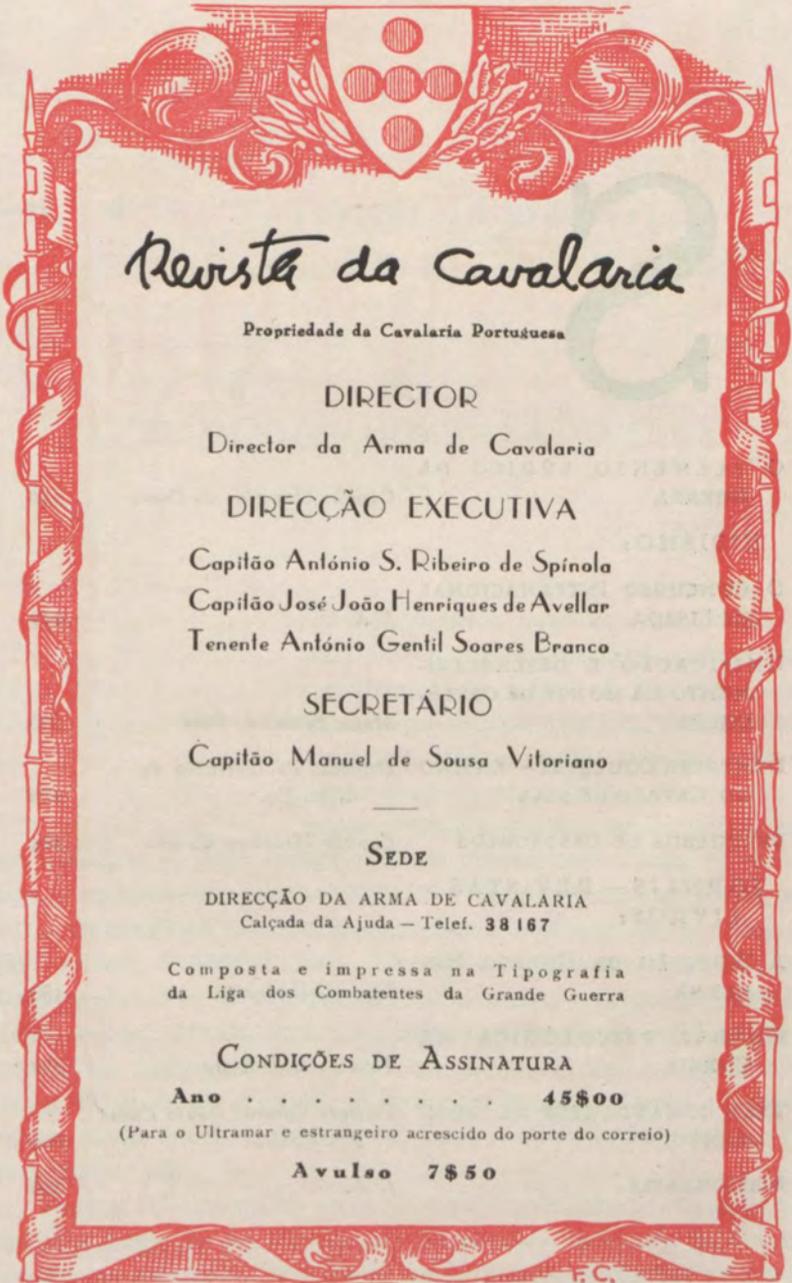
FUNDADORES

1904

- General Carlos Bazilio Damasceno Rosado
- Major Fernando Maya
- Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda
- Capitão António Augusto da Rocha de Sá
- Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

- Capitão João Gamarro Correia Barrento
- Capitão Amadeu Santo André Pereira
- Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes
- Tenente António S. Ribeiro de Spínola
- Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente António Gentil Soares Branco

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50

SUMÁRIO

O ELEMENTO LÚDICO DA GUERRA	<i>Capitão Quintino da Costa</i>	235
HIPISMO:		
O CONCURSO INTERNACIONAL DE LISBOA	<i>J. A.</i>	249
UNIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA MONTE DE OBSTÁCULOS	<i>Major Fernando Paes</i>	263
DOCTRINA EQUESTRE — ENSINO DO CAVALO DE SELA	<i>Direcção da Instrução da E. M. Eq.</i>	273
PERCURSOS DE OBSTÁCULOS	<i>Capitão Henrique Calado</i>	281
JORNALIS — REVISTAS — LIVROS:		
À DIRECÇÃO DA GUERRA MODERNA	<i>General Guderian</i>	289
GUERRA PSICOLÓGICA NA COREIA	<i>Tenente Dale Story</i>	294
TRÊS COMANDANTES DE REGIMENTO	<i>Tenente Coronel Paulo Enéas F. da Silva</i>	300
BIBLIOGRAFIA	<i>I. A.</i>	305



Revista da Cavalaria

14.º ano-n.º 4

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Julho

O ELEMENTO LUDICO DA GUERRA



Embora existam palavras para designar a luta e o jogo, parece-nos geralmente preferível chamar jogo à luta. E julgamos não se tratar aqui de uma metáfora, pois na realidade ambos os conceitos parecem confundir-se muitas vezes. Toda a luta sujeita a regras restritivas passa a ter as características essenciais do jogo, evidenciando-se mesmo como numa forma de jogo particularmente intensa, enérgica e, simultaneamente, muito notória. Os cachorros, como as crianças, lutam a brincar, dentro de regras que limitam o emprego da força, mas esse limite não tem de ser forçosamente estabelecido até ao derramamento de sangue. O torneio da Idade Média era, sem dúvida, uma luta aparente, mesmo um verdadeiro jogo, mas na sua forma primitiva parece ter constituído uma seriedade sangrenta disputado até à morte. A luta como função cultural, pressupõe sempre regras restritivas e exige, até certo ponto, o reconhecimento da qualidade de jogo.

Pode-se falar da guerra como de uma função cultural enquanto for realizada dentro de um círculo onde se admita a igualdade de direitos dos diversos membros. Se a guerra se faz contra grupos que no fundo não são reconhecidos como homens, ou aos quais, pelo menos, não se reconhecem direitos humanos, designando-os por bárbaros, infiéis, hereges, semelhante guerra só se pode manter dentro dos limites da cultura

Revista da Cavalaria

enquanto o grupo respeitar determinadas restrições como imperativo da própria honra. Até data relativamente recente, a guerra podia considerar-se sob o aspecto de função cultural, enquanto uma comunidade reconhecia outra como humana, conseqüentemente, com direito ao tratamento próprio de homens, e distinguia clara e expressamente o estado de guerra do estado de paz por um lado, e da força criminal por outro. Só a teoria da guerra total renuncia ao que restava do lúdico na guerra e com isso simultaneamente à cultura, ao direito, a tudo que é humano, de uma forma geral.

Aceitando que o *agon* em si tem carácter de jogo, põe-se a pergunta: até que ponto pode classificar-se a guerra como função agonal da Sociedade?

Pode pôr-se de lado uma série de formas de luta que em geral não são agonais. O ataque por surpresa, a emboscada, os golpes de salteadores, o extermínio, não podem considerar-se formas agonais da luta, ainda que se ponham ao serviço de uma guerra agonal. Por outro lado, o objectivo final de uma guerra, ou seja a conquista, a submissão e o domínio sobre outro povo, estão fora do alcance da competição. O momento agonal só entra em vigor quando as partes beligerantes se consideram mutuamente como inimigos que lutam por uma coisa sobre a qual têm um direito. Assim, se por detrás da vontade de lutar só se encontra a miséria (o que sucede por vezes), a luta apresenta-se como dever sagrado de honra ou vingança. A ambição do poder material está ligada a condições de cultura muito desenvolvida, ou pode existir também quando os estadistas que projectam a guerra vêem nela uma questão de poder ficando, na maioria dos casos, subordinada a motivos como: o orgulho, a fama, a consideração e a auréola da superioridade ou da supremacia. Todas as grandes guerras de opressão, desde a antiguidade até hoje, podem explicar-se muito melhor com o conceito de glória, que se compreende imediatamente, do que com qualquer teoria racionalmente estabelecida sobre conceitos económicos ou considerações políticas. As crises modernas de glorificação da guerra, que por desgraça são demasiado familiares às gerações de hoje, regressam, no fundo, ao conceito babilónico-assírio da guerra como mandamento divino em holocausto da guerra sagrada.

Em certas formas arcaicas da guerra, o carácter lúdico que lhe é inerente manifesta-se do modo mais imediato. Numa fase cultural em que a causa judicial, a sorte, o jogo de azar, a aposta, o desafio, a luta e a decisão divina coexistem como coisas sagradas numa mesma esfera conceptualista, a guerra tinha que entrar também, pelo seu carácter,

Revista da Cavalaria

nesse círculo de ideias. Realiza-se uma guerra para provocar, mediante o triunfo ou a derrota, uma decisão com valor sagrado. Elege-se o poder das armas em vez do auto judicial, do jogo de dados, ou do oráculo da sorte, que da mesma forma poderiam manifestar a vontade dos deuses. O resultado porá a claro a voz da divindade, o destino. Cada decisão produzida traduzia juízo de poderes divinos. O conceito técnico de um juízo divino relaciona-se só em segundo lugar com provas determinadas pelo poder milagroso.

O complexo inextrincável de ideias que vai do pleito até ao jogo de azar resulta singularmente manifesto na função que o duelo desempenha nas culturas arcaicas.

Se um pronunciado elemento lúdico caracteriza o duelo judicial e o duelo de príncipes (absolutamente fictício) também se pode dizer o mesmo relativamente ao duelo ordinário que muitos povos europeus ainda hoje praticam. O duelo privado lava a honra ofendida. Ambos os conceitos: o ultraje à honra pública e o desejo de vingá-lo, pertencem à esfera arcaica da cultura, não obstante o seu significado psicológico e social geral não haver diminuído. A integridade de uma pessoa deve ser manifesta aos olhos do público, e quando o seu reconhecimento esteja ameaçado há que reafirmá-la e impô-la mediante acções agonais. Para provar a honra pessoal, é indiferente que nos fundamentemos na honorabilidade, na veracidade, ou noutros princípios éticos. Está em jogo a importância social. Abstraiamos se o duelo privado está ou não radicado no duelo jurídico. Na essência é o mesmo: a eterna luta pelo prestígio, que tem um valor primitivo e abrange o poder e o direito. A vingança é a satisfação de um sentimento de honra, por perversas, criminosas ou doentias que possam ser as condições desse sentimento. O duelo revela a sua identidade fundamental com a querela jurídica em mais outro aspecto: tal como o litígio judicial, o duelo não impõe à família que, como consequência da pendência, haja perdido num membro, o dever de vingança, sempre que o duelo se haja realizado em regra.

Nas épocas de cunha pronunciadamente aristocrático-guerreiro, o duelo tornou as formas mais sangrentas. Então, as personagens principais e os seus segundos, montados, combatiam à pistola. Foi esta a forma adoptada para o duelo em França durante o Século XVI. Pequenas rixas entre dois nobres davam, por vezes, origem a encontros sangrentos entre seis ou oito pessoas, visto que os segundos estavam comprometidos por sua honra a tomar parte na pendência.

A verdadeira essência do duelo ordinário não era a eliminação do adversário pela morte, mas alcançar uma satisfação para a própria

Revista da Cavalaria

honra que se considera satisfeita com o derramamento de sangue. Por isso as modernas formas de duelo, onde geralmente se não prossegue com a luta depois de haver qualquer ferimento, não se podem considerar como um afeminamento dos antigos duelos. O duelo é, pela sua essência, uma forma de jogo ritual, é a regulamentação do vulgar assassinato cometido inesperadamente em estado de ira. O seu cenário é um local de jogo, as armas devem ser exactamente iguais, começa e termina a um sinal, o número de tiros ou de assaltos é fixado de antemão. Só o derramamento de sangue, satisfará a exigência de que a honra terá de ser lavada com sangue.

Não é possível medir exactamente o elemento agonal da guerra autêntica. Nas fases culturais primitivas parece terem-se afastado das formas agonais as tribus ou os indivíduos que se empenhavam na luta. Os assaltos, o assassinato aleivoso e a caça ao homem, praticaram-se sempre, movidos pela fome, pelo medo, por ideias religiosas ou por sede de sangue. Mas o conceito de guerra, na realidade, só se concretiza quando num estado particularmente solene de inimizade geral se distingue da disputa individual e, até certo ponto, também da hostilidade de famílias. Esta distinção transporta a guerra não só para a esfera sacramental, mas também para a agonal. Converte-a em causa sagrada, numa medição geral de forças, numa decisão do destino, por outras palavras: fica incorporada na esfera em que o direito, a sorte e o prestígio permanecem inseparáveis. E deste modo entra simultaneamente na esfera da honra. Constitui-se em instituição sagrada e como tal reveste-se de todos os adornos espirituais e materiais de que dispõe a tribu. Não se pretende afirmar que a guerra se tenha realizado sempre dentro dos mandamentos do código da honra e nas formas de uma acção de culto. A força bruta conservou sempre o seu poder.

Será sempre difícil distinguir até onde a condução da guerra é realmente dominada e influenciada por estas ideias. A maior parte daquilo que a este respeito as fontes históricas nos ensinam, baseia-se na visão literária da luta tal como a fixaram os contemporâneos ao contarem a epopeia ou ao escreverem a crónica. Mistura-se então muita literatura com ficção romântica ou heróica. Não obstante, cairíamos num erro se se acreditasse que todo esse enobrecimento da guerra mediante a sua exaltação no campo ritual e moral, e num mundo da fantasia estética, nada mais fora do que aparência bela e disfarce da crueldade. Com estas ideias de um jogo de honra e de virtude se formaram simultaneamente os conceitos de cavalheirismo e de direito dos povos, e de ambos se nutriu o conceito de humanidade pura. Ilustremo-nos com alguns

Revista da Cavalaria

exemplos tirados de várias culturas de épocas para evidenciar o elemento agonal, queremos dizer lúdico, da guerra.

Numa guerra entre Calcis e Eretria, ocorrida no século VII, observou-se, segundo a tradição, totalmente a forma de competição. Os adversários depositaram no templo de Artemisa um convénio solene que fixava as regras da luta, a data e o lugar do encontro. Era proibido o uso de armas de largo alcance: o arco, o dardo e a funda, e só pela espada o pleito seria decidido. Um segundo exemplo, este mais conhecido. Depois do triunfo Salamina, os gregos dirigiram-se para o istmo a fim de repartirem os prémios entre aqueles que na luta haviam conquistado maiores méritos. Os chefes depositavam os seus votos no altar de Poseidon, referindo-se: um voto ao primeiro triunfador e outro ao segundo. Quase todos votaram o primeiro prémio para si próprios, obtendo Temistocles a maioria para o segundo, facto que o tornou virtualmente o triunfador, só não se confirmando o juízo pela inveja que moveu os chefes. Quando Herodoto, ao referir-se à batalha de Micala, afirmou que as ilhas e o Helesponto constituíam o prémio disputado entre gregos e persas, a afirmação não constituía mais do que uma metáfora corrente. É evidente que o próprio Herodoto tinha dúvidas relativamente ao aspecto da competição na guerra.

Segundo parece, sempre que a literatura descreve e elogia a guerra nobre e cavalleiresca, a crítica técnica toma a palavra para lhe opor a vantagem táctica e estratégica. É convincente, neste sentido, a semelhança das situações chinesa e do ocidente medieval. Granet descreve a maneira como era conduzida a guerra na China durante a época feudal, dizendo que só se podia falar de vitória quando a honra do chefe saía engrandecida da luta. É esta circunstância não é tanto consequência da vantagem alcançada, especialmente se aproveita esta até ao extremo, como, pelo contrário, da moderação que se demonstra. Dois nobres chineses enfrentaram-se com os seus exércitos em ordem de batalha, sem lutar. Durante a noite chegou um mensageiro de um dos adversários, de nome Ts'in, para comunicar ao outro, chamado Tsin, que a partir daquele momento deveria pôr-se em guarda: «Ambos os exércitos se encontram com bastantes guerreiros, pelo que vos convido a encontrarmo-nos amanhã cedo». Mas os homens de Tsin aperceberam-se da falta de serenidade no olhar e na voz do mensageiro: isso ia perdendo Ts'in. «O exército de Ts'in teme-vos. Fugirá, e se o perseguirmos vencê-lo-emos seguramente», tais eram as vozes que se levantaram nas gentes de Tsin. Mas o exército deste não se moveu e o adversário pôde retirar-se sem ser molestado. A honra impedia de seguir

Revista da Cavalaria

a solicitação contrária. Não esperar o momento conveniente, encurralar o inimigo, seria considerado uma cobardia.

Um costume que emana do conceito de guerra como jogo nobre, jogo de honra, e por vezes se conserva na condução da guerra moderna, tão desumanizada, é a troca de cortezias com o inimigo. Semelhante cortezias tem, por vezes, os seus aspectos satíricos, mas semelhante circunstância serve para evidenciar mais claramente o carácter lúdico do costume. Na guerra feudal chinesa era costume enviar-se ao adversário um jarro de vinho que se bebia solenemente.

Na Idade Média, a forma sacramental da guerra degenerou num jogo de honra cavalleiresca, não perdendo por isso o seu carácter originariamente lúdico. O interesse primordial de ganhar a luta minimava o efeito de um costume que repousava em condições culturais mais primitivas e que tinham então o seu significado.

O desejo de ocupar um lugar de honra na ordem de batalha, bem como a exigência de que o triunfador permanecesse três dias no campo, da luta, são da mesma índole que o oferecimento do momento e do lugar da contenda.

Todos estes costumes de ordem cerimonial e ritual a que se refere a tradição, assinalam claramente a origem da guerra na esfera primitivamente agonal, onde não se distinguia ainda entre o jogo e a luta.

Se se classifica a guerra agonal e sacramental de arcaica, não se pode dizer com isto que nas culturas primitivas toda a luta se haja desenrolado na forma de uma competição ordenada, nem que o elemento agonal deixasse completamente de ter cabimento na guerra moderna. Em todos os tempos subsistiu o ideal humano de lutar honrosamente a favor de uma causa que se considera boa. Mas a realidade crua nega e viola muitas vezes esse ideal. A vontade de vencer é mais forte do que a autolimitação imposta pelo sentimento de honra. Por muito que a cultura humana tenda a conter a força que os povos e seus chefes creem ter que utilizar, o desejo de vencer domina os contendores a tal ponto que a maldade humana retoma os seus foros para poder permitir-se tudo quanto constitua aumento de poder. A sociedade arcaica traçou limites do permitido; por outras palavras: ajustou as regras lúdicas da guerra às regras do próprio círculo dos companheiros da tribo e seus iguais. A honra a que se jura guardar fidelidade tem valor, só e exclusivamente, em face de semelhantes. Ambos os partidos em luta necessitam ter reconhecido regras que coincidam. Enquanto se está em frente de vossos iguais, embora inimigos, o indivíduo deixa-se animar, em princípio, por um sentimento de honra a que está ligada uma

Revista da Cavalaria

atitude de desafio e a exigência de certa moderação. Mas quando a luta se dirige contra gente que se considera inferior (chamem-se bárbaros ou qualquer outra coisa), termina toda a limitação do poder, e a história da humanidade aparece manchada de horrível crueldade de que certos reis babilônicos e assírios se vangloriam como de feitos gratos aos seus deuses. O desenvolvimento fatal das possibilidades técnicas e políticas que caminhou paralelamente com um profundo desregramento moral, tem vindo eliminando essa construção de direito marcial, reconhecendo-se já o inimigo como parte de igual valor e, por conseguinte, com direito a trato respeitoso e leal — inclusivamente em tempo de paz armada ou na guerra fria.

O ideal primitivo de honra e de nobreza fundamentado na auto-exaltação, cedem o lugar, nas fases culturais mais adiantadas, a um ideal de justiça, ou melhor dito: este junta-se àquele, e ainda quando a sua realização seja precária, chega completamente para constituir a norma reconhecida e desejada por uma sociedade humana que, de um aglomerado de classes e tribus se foi ampliando até se converter numa convivência de povos e grandes Estados. O direito internacional nasceu na esfera agonal como uma consciência a determinar o que é contrário às regras da honra. Uma vez que se impôs um sistema de compromisso relativamente ao direito dos povos, meditado e moralmente fundado, fica nas relações entre os Estados pouco espaço para o elemento agonal. Este trata de elevar o instinto da competição política a um sentimento de justiça. Para uma comunidade estatal que se submete a um direito internacional geralmente reconhecido, não podem subsistir causas para guerras agonais dentro do círculo próprio. Todavia nem por isso perderam a expressão de comunidades lúdicas. As regras de igualdade mútua, as fórmulas diplomáticas, o compromisso recíproco de respeitar tratados e de declarar oficialmente a guerra, assemelham-se formalmente a uma regra de jogo, porquanto reconhecem a necessidade de uma convivência humana ordenada, tal como sucede no jogo. Este jogo é, não obstante, o fundamento de toda a cultura. A sua designação não tem aqui senão uma justificação formal.

Na realidade as coisas chegaram a um ponto em que o sistema do direito internacional não encontra aceitação geral como fundamento da cultura. Enquanto um ou vários membros de uma comunidade de Estados negam na prática os compromissos do direito dos povos, e na teoria chegam inclusivamente a dar preferência ao interesse e ao poder do próprio grupo — seja ele o partido, a classe, ou o Estado — aceitando-o como norma única, desaparece, juntamente com o último resto

Revista da Cavalaria

da actividade lúdica, toda a cultura, e a comunidade cai abaixo do nível da cultura arcaica. Impõe-se, pois, como consequência lógica: que não há cultura possível sem certa afirmação da atitude de jogo.

Mesmo numa sociedade completamente embrutecida pela anulação de todos os compromissos legais, subsiste o impulso agonal, pois este faz parte da própria natureza humana. A ânsia congénita de ser o primeiro, manifesta-se, ainda aqui, lançando um grupo contra outro, e pode levá-los na sua auto-exaltação demente a alturas nunca alcançadas pela cegueira e desvairamento. Tanto o aceitar a doutrina antiquada que vê nas situações económicas elemento activo à história, como o estabelecer visões do mundo completamente novas para dar forma e nome àquela ânsia, no fundo trata-se sempre e unicamente de ganhar, ainda quando de antemão se saiba que a vitória não representa lucro.

A emulação para ser o primeiro constituiu, indubitavelmente, nos princípios da cultura, um facto educativo e de enobrecimento. Nos estados caracterizados por um sentimento ingénuo e infantil, bem como por um sentimento vivo de honra da classe, se encontra a origem do valor pessoal altivo que era necessário numa fase juvenil da cultura. Mas não é só isso: com essas contínuas actividades agonais, sempre imersas num ambiente de *iniciação* sagrada, vão-se desenvolvendo as próprias formas culturais e a estrutura da vida social. A vida aristocrática tomou a forma de um jogo sublime de honra e valentia. Mas, justamente porque na guerra só pode ser praticada em medida muito restrita, há que vivê-la numa ficção estética e social. A violência crua não se deixa limitar senão em proporções muito pequenas pelas nobres formas culturais. Por isso, o espírito da sociedade procura sempre o recurso das belas fantasias de uma vida heróica que se desenrole na competição nobre e na esfera ideal da honra, da virtude e da beleza. A ideia da luta nobre não deixa de constituir um dos impulsos mais fortes da cultura. Quando se desenvolveu até formar um sistema de atletismo marcial, de jogo de sociedade, e de adorno poético das condições de vida, como sucedeu na cavalaria medieval do Ocidente, essa mesma imaginação veio a influenciar por sua vez a atitude pessoal e cultural, estimulando o valor e fomentando o cumprimento do dever.

O sistema de luta nobre como ideal de forma e de vida, tomado no sentido mais elevado, fica desde logo ligado a uma estrutura social em que numerosa nobreza guerreira, de fortuna modesta, depende de um poder principesco cuja fidelidade perante o soberano representa um motivo central da existência. Só numa ordem social desta índole, onde o homem livre não tinha que trabalhar, pôde florescer a cavalaria

Revista da Cavalaria

e com ela a inevitável medição de forças de que o torneio é uma das expressões. Nestas circunstâncias se tomou o jogo a sério, com juramentos fantásticos de realizar actos heróicos inauditos. Adquiriram importância os problemas das bandeiras e dos braços, formaram-se as ordens da cavalaria, disputaram-se privilégios. Só uma aristocracia feudal teve tempo e disposição para isso. Este grande complexo de ideias, de costumes e instituições desenvolveu-se principalmente no Ocidente medieval nos Estados mussulmanos e, em elevado expoente, no Japão.

Ao heroísmo feudal está intimamente ligado o desprendimento que a nobreza manifestava por tudo o que era material. Um príncipe japonês Kenshin, que se encontrava em guerra com um outro príncipe, Shingen, verificou que um terceiro príncipe, que aliás não estava em guerra declarada com este, havia proibido o fornecimento de sal a Shingen. Conhecedor do facto, Kenshin ordenou que enviassem ao inimigo sal em abundância, e escreveu-lhe: «não luto com sal mas com espadas». Não se poderia ser mais fiel à essência do jogo, no que traduz de respeito às regras.

Parece que uma virtude surgiu directamente da esfera da vida grega aristocrática e agonal dos tempos pretéritos: a fidelidade. A fidelidade é a entrega de uma pessoa, uma coisa, ou ideia, sem discutir as razões dessa entrega e sem pôr em dúvida a sua obrigação constante. É esta uma atitude que tem muito de comum com a essência do jogo. Não constituirá erro o procurarmos a origem dessa virtude dentro da esfera lúdica.

A cavalaria medieval deve-se uma florescência esplêndida e uma colheita abundante de valores culturais: expressão lírica e ética de conteúdo nobilíssimo, adornos matizados e caprichosos, belas formas de cerimonial. Dela se parte em linha recta para o «honête et homme» do século XVII, e para o «gentleman» moderno.

Ao falar-se de todas estas formas belas da cultura, referimo-nos à cavalaria na tradição dos povos, e convém uma alusão, embora breve, ao fundo sagrado dessa instituição. O que a tradição nos apresenta como um jogo belo e nobre, foi um jogo sagrado. A consagração de um cavaleiro, os torneios, as ordens e os juramentos têm, sem dúvida, a sua origem nos costumes de *iniciação*, de um passado remoto. Já não é possível conhecer os elos da cadeia desse desenvolvimento. A cavalaria do mundo cristão e medieval tornou-se-nos conhecida principalmente como um elemento de cultura artificialmente mantida, a qual, com os seus códigos de honra, costumes, heráldica, ordens e torneios, significou

Revista da Cavalaria

muito para a baixa Idade Média. Neste campo se revela, principalmente, a relação íntima entre cultura e jogo.

A interpretação da guerra como jogo nobre que encontramos em toda a parte durante o período arcaico, interpretação de que dependia em grande parte a força absolutamente obrigatória das regras da guerra, regia parcialmente, até há pouco tempo, a guerra moderna. É vulgar ouvir-se falar de um *caso sério* quando se produz uma situação de guerra. Semelhante classificação pode ter fundamento real, do ponto de vista militar. Relativamente às lutas simuladas nas manobras, a guerra autêntica apresenta-se de facto como alguma coisa de sério em face de um jogo que são as manobras. Porém, as coisas mudam quando se quiser dar um sentido político ao *caso sério*. Em tais circunstâncias significaria que a política exterior não atinge na verdade a sua gravidade total, a sua finalidade, até ao momento de rebentar a guerra. Há quem partilhe deste modo de ver, considerando as trocas diplomáticas entre os Estados, enquanto se movam dentro da órbita das conversações e tratados, como mera introdução ao estado de guerra ou como transição entre duas guerras. É lógico que os adeptos dessa teoria defendam a opinião de que é necessário negar à guerra todo o carácter de competição ou seja de jogo. Em seu critério, o factor agonal pode ter sido muito eficaz nas guerras dos períodos anteriores, mas a guerra dos nossos dias só se pode fundamentar no princípio «amigo-inimigo». Dizem que esse princípio domina todas as relações verdadeiramente políticas entre os povos e Estados. O outro grupo é amigo ou inimigo. Inimigo não significa pessoalmente odiado, mas unicamente hostil, ou seja: estranho que se interpõe no caminho do próprio grupo ou que o molesta. Nem sequer se julga adequado considerar o inimigo como rival. É simplesmente o adversário, no sentido mais restrito da palavra, ou seja aquele que concorre para as mesmas vantagens. Se na história algum facto correspondeu exactamente a essa interpretação forçada do conceito de inimizade como de uma relação pouco menos do que mecânica foi o contraste arcaico entre «phatrien», clan ou tribo, onde o elemento lúdico tinha, todavia, um significado destacado, e sobre o qual se ergueu progressivamente a cultura. Quanto ao fantasma desumano do princípio amigo-inimigo, contém uma ponta de exactidão, e deve chegar-se à seguinte conclusão: o *caso sério* não se observa na guerra mas na paz. Só vencendo aquela deplorável relação amigo-inimigo a humanidade adquire direito ao reconhecimento absoluto da sua dignidade. A guerra, bem como tudo que a produz e acompanha, permanece sempre enredada nas diabólicas correntes mágicas do jogo (do jogo que em

Revista da Cavalaria

si não é bom nem mau, que pode ser belo, mas que ao ser mal jogado, com más intenções e propósitos enganadores, se converte em maldição e horror).

Aqui se revela uma vez mais a insolubilidade desconcertante do problema: jogo ou seriedade. Sabemos que a cultura se baseia num jogo nobre e que não pode renunciar à sua essência lúdica para desenvolver a sua qualidade suprema de estilo e dignidade. Além disso, o respeito pelas regras lúdicas nunca é tão imprescindível como nas relações entre os povos e os Estados. Consequentemente, quando essas regras se violam a sociedade cai vítima de barbaria e do caos. Por outro lado, há justamente que reconhecer na guerra uma recaída na atitude agonal que havia dado forma e conteúdo ao jogo primitivo onde se procurava o prestígio.

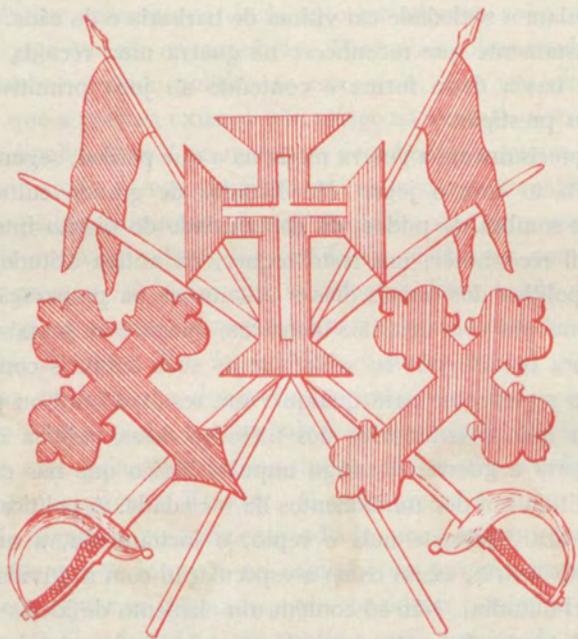
Mas é precisamente a guerra moderna a que perdeu, segundo parece, todo o contacto com o jogo. Há Estados de grande cultura que se retiram sem sombra de pudor, da comunidade do direito internacional.

É difícil reconhecer, um resto sequer, da antiga atitude lúdica na actividade política dos nossos dias a orientar-se na preparação extrema para a guerra, uns com instintos ofensivos, outros com propósitos defensivos, embora de antemão se saiba que as suas terríveis consequências não poderão representar para qualquer um resultado útil ou proveitoso. Sem dúvida que se exterioriza nos métodos dessa política que visa a disposição para a guerra, o antigo impulso lúdico que nas culturas arcaicas constituiu um dos fundamentos da sociedade. A política prossegue receando o azar, subsiste nela o repto, o incitamento, a ameaça e o insulto ao adversário, assim como a especulação com a dúvida inspirada pela possível ousadia. Não só contém um elemento de ideias fantásticas e de ilusões, como fomenta e mantém intencionalmente desperto esse elemento através uma propaganda que procura apoderar-se de todos os aspectos da vida e se baseia, tantas vezes, nas reacções históricas das massas.

Continua a guerra a ser um jogo? Poderá assim considerar-se para aquele que é atacado, para aquele que luta pelo direito próprio e pela sua liberdade? É o valor moral o que pode elevar uma atitude ao nível da seriedade. Quem negue o valor objectivo do direito e das normas morais nunca encontrará o limite entre o jogo e a seriedade, e as formas lúdicas que porventura adopte não se podem considerar como expressão moderna do espírito lúdico.

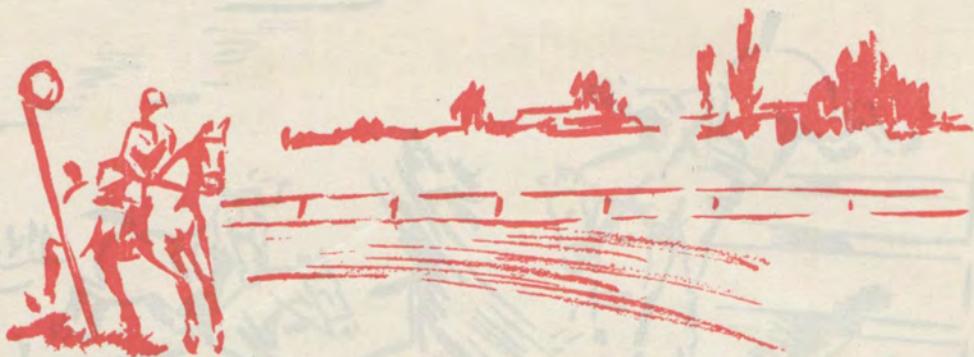
Capitão QUINTINO DA COSTA

Escudo Nacional





Hippismo



SUMÁRIO

O Concurso Internacional de Lisboa

J. A.

Unificação e desenvolvimento da Monte de Obstáculos

Major Fernando Paes

Doutrina Equestre — Ensino do Cavalo de Sela

Direcção da Instrução da E. M. Eq.

Percursos de obstáculos

Capitão Henrique Calado



O Concurso Internacional de Lisboa

=====
visto da «Pelouse»

por J. A.



Há muito que já não ocupávamos este lugar para fazer uma breve resenha de impressões do nosso concurso n.º 1. E este ano exigiu certa constância da nossa parte a permanência no campo para assistir às provas. É que fez uma ventania absolutamente despropositada, pelo que chegámos, um dia, a ter de levar o sobretudo!

Com todo este vento, lá perderam as se-

nhoras a oportunidade de apresentar as últimas novidades da «saison» e, assim, em lugar dos vestidos leves, das sedas e dos estampados de cores vivas, não houve remédio senão recorrer ao guarda-roupa de inverno e vir de casacão; também os lenços de três pontas, para segurar os cabelos, tomaram o lugar às «capelinas» e quem teimou em trazê-las, num gesto heróico, digno de melhor sorte, esteve em riscos

Revista da Cavalaria

de voar agarrado a elas, de tanto as querer segurar na cabeça... Tanto vento, meu Deus, e estávamos em fins de Maio!...

Claro que além destes, outros inconvenientes surgiram como o da poeira arrastada pela ventania, ainda que tivesse havido o cuidado de regar toda a zona donde ela poderia vir. Mas era humanamente impossível obstar a que se produzisse e tornou-se muito desagradável.

Além disso, o vento frio gelava a assistência e o espectáculo que a esta foi dado ver não contribuiu para a «aquecer».

A força das circunstâncias, o Destino, a Sorte, como melhor lhe quizerem chamar, imperam sobre o curso da Vida dos homens e das coisas. Toda a obra humana está a eles sujeita e a organização de um concurso, em que tantos factores concorrem, não pode fugir à regra.

O Concurso de Lisboa tem tradições na nossa vida hípica. É local de reunião de todos aqueles que se dedicam à prática equestre ou por ela têm especial simpatia; nele convergem, por acréscimo, aqueles que o elegeram também como ponto de reunião elegante. Por todas estas razões há um público fiel que é capaz de arrostar com o maior vendaval para assistir ao seu espectáculo favorito, mas se aquele que lhe apresentam não for de molde a satisfazê-lo, corre-se largo risco de perder esse público, já bastante restrito. E nada contribuirá mais para isso do que a falta de interesse que as provas possam revestir.

Pesa, portanto, sobre a organização do concurso uma grande responsabilidade. Não julgamos, por isso, que possa existir orientações novas ou velhas, mas sim as felizes ou infelizes, como todas as coisas na Vida. E a deste ano, pela força das tais circunstâncias, não se pode considerar feliz.

Eram o mesmo campo e os mesmos obstáculos; sem dúvida a mesma boa vontade e interesse da parte da entidade organizadora, que existiu nos anos anteriores; mas o facto é que no final, o somatório da realização não foi positivo. Porquê? Que factores contribuíram para isso? Teriam sido considerados todos aqueles que lhe seriam favoráveis? Certamente que sim, mas compete a quem tomar sobre os om-

Revista da Cavalaria

bros a responsabilidade das futuras organizações do concurso, ponderar o que se passou agora, comparar com o que ficou para trás e tirar conclusões para que a curva do interesse retome de novo o ramo ascendente e saia do valor negativo por que passou este ano.

E o que é facto é que se procurou amenizar o decorrer das provas, contribuindo para o agrado do público. Exibição de matilhas de caça; apresentação de cavalos de sela de várias origens e procedências, montados por amazonas, cavaleiras e cavaleiros nas mais variadas «tenues»; grande aparato no desfile das equipas que tomaram parte na «Taça das Nações», constituíram as notas mais salientes dos complementos apresentados e demonstraram a boa vontade da organização em atrair assistência para um espectáculo que não goza de geral aceitação junto do grande público. Simplesmente, quere-nos parecer que estes «acompanhamentos», que teriam sido deliciosos noutras ocasiões, não estiveram à altura do «prato de resistência».

Este ano, tivemos entre nós, duas equipas estrangeiras, uma espanhola e outra francesa, o que parecia, à primeira vista, dever contribuir para animar o concurso pela disputa que se esperava que tivesse lugar. A equipa espanhola dispunha de dois ou três cavalos de razoável categoria dos quais lhe não foi possível ou não foi feliz a tirar rendimento; a equipa francesa era constituída pelo Capitão De Couet de Lorry e pelos Tenentes Thierens e Lefrant que demonstraram a sua classe de concursistas ao terem de se haver com cavalos que conheciam pouco. O reduzido rendimento que os primeiros conseguiram obter e as grandes dificuldades que se apresentaram aos segundos não lhes permitiu, assim, dar réplica eficiente, nem pesar no balanço dos resultados. Também, mesmo entre nós, não houve quem fizesse perigar as posições alcançadas pelos «consagrados».

Não houve luta e é ela que anima as provas desportivas, julgamos que mais ainda do que a consolação de termos ganho a maior parte dos prémios. O brilho das vitórias reduz-se bastante quando se sabe que as provas estão, de antemão, perdidas pelos outros. Se compararmos o «Grande Prémio» deste ano com o do ano passado, é fora de dúvida que a vitória de José Carvalhosa teve, então, um sabor muito

Revista da Cavalaria

diferente, obtida num momento em que vergávamos ao peso da equipa olímpica espanhola. Claro que Henrique Calado não tem culpa das coisas se terem passado como se passaram e, em valor absoluto, o seu percurso deste ano teve a categoria correspondente ao prémio que alcançou. Mas só o velho *Raso*, montado por Correia Barrento o acompanhou de perto, o que, comparativamente, é bem diferente.

À nossa estranheza em não terem vindo a Lisboa cavaleiros como Jonquieres d'Oriola, que viramos correr em Madrid, nem os cavalos da primeira equipa de Espanha, como o *Quorum* ou *Quónium*, foi-nos respondido que estes elementos tinham ido ou estavam para ir para Paris e, portanto, não tinham podido deslocar-se a Lisboa. Ora bem; se admitimos que as coisas se passem assim, parece-nos que estamos a colocar o nosso concurso numa posição tal que se tem de sujeitar a um calendário que não nos é favorável e de aceitar aquilo que nos quiserem mandar, mesmo que só venha prejudicar o conjunto. Por outro lado, mesmo admitindo que a primeira equipa francesa não nos podia visitar, não teria sido possível reunir um conjunto de cavaleiros e cavalos que se «conhecessem», já não digo há mais tempo, mas pelo menos, a quinze dias de vista? Porque o que é facto é que nos oito dias que demorou o concurso vimos a equipa «acertar» e até começar a ganhar. Se tivessem começado uma semana ou duas antes teriam as coisas corrido, certamente, de maneira diferente.

A equipa espanhola, com o Ten.-Coronel Cabanas, Comandante Ortegas e Capitães Pintó e Alonso Martin, poderia ter sido mais afortunada do que foi. Viu-se privada, a meio das provas, da cooperação do Ten.-Coronel Cabanas lesionado por forte queda motivada por um «desencontro» à saída de um oxer; *Brise-Brise*, um excelente animal, não deu o rendimento que seria de admitir para as suas possibilidades; também o Cap. Pintó esperava certamente mais do seu *Incierto*, sendo contudo o «conjunto» que mais gostámos de ver na equipa do país vizinho. O Comandante Ortega tem uma forma muito pessoal de montar que se não torna agradável à vista e julgamos mesmo difícil de imitar a quem a tal se proponha. Foi, contudo, o mais classificado da equipa.

Revista da Cavalaria

Já que falamos no acontecido ao Ten.-Coronel Cabanas é de referir que este concurso foi fértil em acidentes, entre os quais o sofrido por António Spínola no primeiro dia, com fractura de uma perna e duas costelas. Este primeiro dia foi, de resto, aquele em que se registou maior número de quedas, em consequência do estado do piso.

É bem conhecida a dificuldade com que se tem conseguido obter um razoável piso de «gason». A natureza do solo e deficiências no sistema de regas poderão ser apontadas como as principais causas de tal dificuldade e não serão de regatear os louvores a todos os que têm dedicado o melhor da sua boa vontade e cuidados para que o piso do «Jockey» adquira as condições que são de desejar num campo onde se realizam provas internacionais. Desde sempre se admitia que os cavalos saltavam melhor em Lisboa do que «em casa» mercê da elasticidade do terreno. Contudo, este ano, as coisas passaram-se de maneira diferente.

Se bem que nos restantes as condições tivessem melhorado um pouco, no primeiro dia o piso estava de «vidro» e só com dificuldade, e nos últimos dias de provas, perdeu o «vidrado». Daí resultou os cavalos sentirem-se pouco seguros, em especial nas «chamadas» junto aos obstáculos, com o consequente cortejo de negas, entradas de peitos, toques infelizes, e algumas quedas que chegaram a ser desastrosas, como dissemos.

Ora, parece-nos que a categoria das provas nele realizadas justificava a interdição do campo na semana anterior ao seu início. Uma rega intensiva, em especial ao cair da tarde, durante esses dias, teria evitado as situações desagradáveis que se verificaram. E tanto assim é que as providências tomadas numa só noite, na de sábado para domingo, foram suficientes para remediar um tal estado de coisas, pois no segundo dia já as provas decorreram em ambiente de mais confiança. Pena foi que tal não tivesse sido considerado desde o princípio.

Com as suas características próprias realizaram-se as provas de «Ensino» e de «Discípulos» que, este ano, se revestiram de interesse especial.

À primeira foi dado, muito justamente, o nome do Coronel Jara de Carvalho, alguém que, no ensino dos cavalos e

Revista da Cavalaria

de uma maneira geral na sua preparação, marcou um lugar de destaque no meio hípico português e cuja perda será dificilmente preenchida, dadas as notáveis qualidades de sensibilidade e os profundos conhecimentos que nele concorriam. Ainda que com ele pouco tenhamos lidado de perto, não queremos deixar de assinalar, neste lugar, o profundo apreço e consideração que nos merecia e a mágoa que sentimos com o seu desaparecimento.

A prova deste ano decorreu nos moldes da prova de picadeiro do Campeonato do Cavalo de Guerra e teve, talvez por isso, grande número de concorrentes, não só militares como civis. De uma maneira geral, todos os cavalos se apresentaram de forma muito agradável, satisfazendo às dificuldades de prova com maior ou menor brilho, consoante as suas possibilidades, mas todos eles revelando qualidades e arranjo muito aceitáveis. Miranda Dias triunfou de entre perto de vinte competidores, com uma prova realizada no *Hortelão* com muita felicidade, reveladora de cuidada preparação.

A competição teve lugar na manhã do segundo domingo e pena foi que se tivesse de prolongar até depois do almoço. Dado o número de concorrentes e a hora tardia a que começou, pois estando marcada para as nove e meia só começou uma hora depois, assim tinha de acontecer. Tal circunstância foi, pois, prejudicial, não só para quem tinha de tomar parte na prova como para aqueles que a ela quisessem assistir. Parece-nos, até, que teria sido preferível, para todos, incluindo os que tinham de as julgar, que as provas tivessem principiado meia hora mais cedo da que estava marcada. Terem começado uma hora depois é que não trouxe benefício para ninguém, julgamos.

A prova «Discípulos» reuniu os concorrentes dos dois sexos, por não ter havido cavaleiras em número suficiente para se realizar a «Diana». Daqui resultou a vitória de D. Ana Ribeiro Ferreira ter revestido um aspecto muito mais interessante do que se se tivesse obtido entre as suas competidoras habituais. Não é de admirar, para quem tem visto a sua perseverança e crença em concorrer, o lugar agora alcançado e que marca mais um passo de um aproveitamento seguro. Parece-nos que já não está longe o dia em que a veremos correr nas provas grandes.

Revista da Cavalaria

Na prova «Taça das Nações», que teve a assistência de Sua Ex.^a o Presidente da República, a apresentação das equipas revestiu-se de muito brilho. Como poucas vezes se tem realizado entre nós, que nos lembremos, e para aqueles que a ela não assistiram, aqui registamos algumas das suas principais passagens. Contribuiu para o efeito obtido a cooperação dada pela Guarda Nacional Republicana, que apresentou, de grande uniforme, um esquadrão com charanga, montado em cavalos brancos. A sua excelente Banda, com longa soma de componentes, tocou durante o desfile e na execução dos hinos.

A apresentação começou por um desfile à roda do campo, pela seguinte ordem: — a charanga, as equipas concorrentes, e o esquadrão — vindo depois alinhar de frente para a tribuna de honra. Cada uma das equipas vinha precedida por um graduado empunhando uma bandeira do respectivo país. Na formatura, as equipas ficaram destacadas do alinhamento do esquadrão. Durante o desfile a charanga tocou a marcha de guerra; na apresentação das equipas, marchas adequadas. Cada uma das equipas avançava até ficar isolada na frente da tribuna, ouvindo-se, então, o respectivo hino. Terminada a apresentação todo o conjunto desfilou novamente em continência. A notável correcção da apresentação do pessoal da G. N. R.; a forma impecável como executaram as evoluções e o alinhamento nos desfiles, tudo contribuiu para dar dignidade a esta cerimónia. Foi um dos momentos mais interessantes do concurso e a que o público se associou aplaudindo todas as equipas, mas em especial, e mais demoradamente, como era natural, os concorrentes portugueses — Capitães José Carvalhosa, Henrique Calado e Cruz Azevedo, e Tenente Neto de Almeida.

Não queremos também deixar de registar a forma como este ano foi cuidada a apresentação do programa oficial. Procurou-se, assim, despertar a atenção do público proporcionando-lhe o conhecimento dos cavaleiros, através de alguns dados da sua vida hípica; conjuntamente e em relação a cada um, dava-se também a «biografia» das respectivas montadas. Por outro lado, e acompanhadas por sugestivos desenhos de Vicente da Silva, já conhecido pela felicidade com que reproduz cenas de «desencontros» entre

Revista da Cavalaria

cavaleiros e montadas, eram dadas a conhecer algumas das expressões mais correntes da «gíria» hípica. Ainda uma página sobre «records» do mundo, outra de «curiosidades», ambas com informes muito interessantes, constituíram matéria suficiente para o fim em vista. Em cada dia, o programa era completado com uma folha solta contendo as indicações que diziam respeito às provas que nele se efectuavam. Concordámos e achámos muito interessante a iniciativa tomada; contudo, seja-nos permitido um reparo.



Capitão Henrique Calado, montando o cavalo Caramulo em que ganhou o «Grande Prémio de Lisboa»

O programa assim organizado fica por um preço mais elevado do que o dos anos anteriores, ainda que julguemos que a despesa terá sido compensada, em grande parte, pela publicidade exibida. Ora, quem queira manter-se informado, tem, cada dia, que ficar com um corpo principal que já lhe não interessa, porque é igual ao dos dias anteriores, para assim poder dispor da folha solta que é aquilo que verdadeiramente lhe é útil. Ou, então, deixa de comprar, porque conhecendo os cavaleiros que correm não está disposto a

Revista da Cavalaria

adquirir por tal preço uma coisa de que só aproveita, praticamente, uma pequena parte.

Quere-nos, portanto, parecer que seria mais interessante produzir um programa oficial ainda mais desenvolvido e com melhor apresentação hípica, contendo, por exemplo, fotografias das equipas concorrentes e dos cavalos e cavaleiros mais em voga, etc. Tal publicação teria, certamente, de ser vendida a um preço ainda mais elevado, mas constituiria então uma boa recordação que valia a pena coleccionar e guardar. Para cada dia publicar-se-ia uma folha que se venderia em separado, só com os dados referentes às provas que se corriam. Temos a impressão de que, deste modo, se satisfaziam os interesses de todos e, em melhores condições, ainda, os fins a atingir com cada uma das publicações. Da forma como se apresentou este ano não nos parece que tal se tenha conseguido.

Claro que as considerações que temos vindo fazendo não envolvem qualquer espirito de censura, pois nos faltaria competência para tanto, e além disso, todos sabemos quanto interesse, dedicação e boa vontade dispendem aqueles que com tanta «carolice» consagram muito do seu tempo a servir os destinos da S. H. P., entidade que, através de todas as vicissitudes por que tem passado, tem procurado manter sempre bem viva a chama votiva do culto do cavalo. São simples reparos e sugestões que supomos de utilidade e com os quais só pretendemos contribuir para melhorar uma das expressões desse mesmo culto.

Na altura em que alinhavamos estas rápidas impressões começam a chegar-nos de França, notícias dos felizes resultados obtidos pela equipa no concurso de Paris. Os franceses não devem ter ficado surpreendidos, pois sabiam que lhe mandávamos o melhor que tínhamos e que tem sido sempre intenção das nossas equipas tirar o maior rendimento e partido dos meios de que podem dispor. Também os cavaleiros franceses se não terão sentido diminuídos por perder alguns dos prémios do seu melhor concurso. Em contrapartida este ganhou, certamente, animação e o ardor da luta deverá ter sido um dos factores que contribuiu para a obtenção das classificações alcançadas pelos nossos cavaleiros, em competência com alguns dos melhores que actual-

Revista da Cavalaria

mente se encontram na Europa. Seja-nos permitido, ao fazer esta breve referência, endereçar-lhes as nossas melhores felicitações pelo êxito alcançado.

É facto, que estamos tirando conclusões «à posteriori» e que estas são sempre mais fáceis, mas se, porventura, houve, em qualquer momento, dúvidas quanto ao possível comportamento dos nossos concorrentes no concurso de Lisboa, verifica-se hoje que elas eram infundadas. As nossas possibilidades, de qualquer forma teriam então sido subestimadas.

De resto, temos para nós que terá mais aceitação, por parte do público, um espectáculo mais caro, mas organizado com elementos que lhe despertem emoção e interesse do que um outro que não tenha estas condições, mesmo que este lhe seja oferecido em condições de preços considerados mais acessíveis. Se assim se não proceder e se de antemão não tiverem sido asseguradas as condições que, humanamente, se puderem considerar favoráveis, corre-se o risco das circunstâncias — no caso de este ano o vento, por exemplo — virem reduzir, ainda mais, os valores já de si restritos de que se partira como base de restrição.

Repetimos: Sòmente nos move, ao escrevermos estas linhas, o desejo, que é o de todos, de que o Concurso de Lisboa revista a categoria que lhe compete e que, de novo, retome ritmo de interesse e atracção — a bem da causa hípica — junto das grandes massas e não constitua um desapontamento para o seu pequeno público fiel.

Os nossos votos são, portanto, para que de futuro não tenham lugar as condições que se deram no concurso deste ano, no qual — categoria de espectáculo, interesse do público e, mesmo, receita de bilheteira — «tudo o vento levou».



Revista da Cavalaria

RESULTADOS

Prova «Escola Militar de Equitação» (Inauguração)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	500\$00	Ivens Ferraz	<i>Cuanza</i>	3 1,31-4
2.º	300\$00	Semedo Albuquerque	<i>Biscutin</i>	4 1,11-4
3.º	200\$00	Alves Pereira	<i>Djinn</i>	4 1,20-4

Prova «Secretariado Nacional da Informação» (Omnium)

1.º	2.000\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	0 1,15-2
2.º	1.000\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	0 1,19-2
3.º	700\$00	Álvaro Sabbo	<i>Cafoné</i>	4 1,12-3
4.º	500\$00	Ten.-cor. Cabanas	<i>Helsinki</i>	4 1,15
5.º	400\$00	Neto d'Almeida	<i>Impecável</i>	4 1,15-2
6.º	300\$00	Álvaro Sabbo	<i>Licorne</i>	4 1,18-2
7.º	250\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i>	4 1,21
	250\$00	Abrantes da Silva	<i>Borlista</i>	4 1,21
9.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	7 1,46-3
10.º	200\$00	Alonso Martin	<i>Brise-Brise</i>	8 1,12-4
11.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Raso</i>	8 1,13
12.º	200\$00	Neto d'Almeida	<i>Jacaré</i>	8 1,13-3
13.º	200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Invento</i>	8 1,14-4
14.º	200\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	8 1,15
15.º	200\$00	Semedo Albuquerque	<i>Mourisco</i>	8 1,16-4

Prova «Capitão José Beltrão» (Caça)

Taça e			
1.º	1.500\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Invento</i> 1,17-1
2.º	1.000\$00	Xavier de Brito	<i>Radieux</i> 1,19
3.º	500\$00	Semedo Albuquerque	<i>Mourisco</i> 1,21-2
4.º	400\$00	Ten. Lefrant	<i>Un Bel Oiseau</i> 1,22-2
5.º	300\$00	Abrantes da Silva	<i>Borlista</i> 1,24-3
6.º	200\$00	Ten.-cor. Cabanas	<i>Helsinki</i> 1,24-4
7.º	200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Frívolo</i> 1,25
8.º	200\$00	António Romeiras	<i>Nocivo</i> 1,25-4

Revista da Cavalaria

Prova «Turf-Club»

Clas.	Prêmios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
Min. da Taça e				
1.º	1.500\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Cara Linda</i>	0 1,16
2.º	1.000\$00	Pereira d'Almeida	<i>Florentina</i>	0 1,17-2
3.º	500\$00	Alonso Martin	<i>Brise-Brise</i>	4 1,09
4.º	400\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	4 1,10-3
5.º	300\$00	Rangel d'Almeida	<i>Fêbus</i>	4 1,16-3
6.º	200\$00	Joaquim Leote	<i>Vênus</i>	4 1,20-1
7.º	200\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i>	7 1,36
8.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	8 1,12-1

Prova «Ministério da Economia» (Nacional)

Taça ao Lavrador e				
1.º	2.000\$00	António Romeiras	<i>Nocivo</i>	0 0,59-1
2.º	1.000\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Invento</i>	0 1,02-1
3.º	700\$00	Abrantes da Silva	<i>Borlista</i>	0 1,03-2
4.º	500\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	0 1,04-4
5.º	400\$00	Neto d'Almeida	<i>Jacaré</i>	0 1,10-4

Prova «Escola Prática de Cavalaria»

1.º	500\$00	Ivens Ferraz	<i>Cuanza</i>	0 1,00-2
2.º	300\$00	Semedo Albuquerque	<i>Biscutin</i>	4 1,09-2
3.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Hebraico</i>	4 1,12-3

Prova «Federação Equestre Portuguesa»

Taça e			Barrage
1.º	2.000\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i> 0 0 0,35-2
2.º	1.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i> 0 0 0,35-3
3.º	700\$00	Neto d'Almeida	<i>Impecável</i> 0 0 0,36
4.º	500\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Cara Linda</i> 0 0 0,36-4
5.º	400\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i> 0 0 0,37-1
6.º	300\$00	Leopoldo Severo	<i>Alicante</i> 0 0 0,39
7.º	200\$00	Pereira d'Almeida	<i>Florentina</i> 0 0 0,39-1
8.º	200\$00	Xavier de Brito	<i>Ephrayne</i> 0 0 0,40-1
9.º	200\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i> 0 0 0,40-2
10.º	200\$00	Com. Ortegas	<i>Bisoño</i> 0 3 0,41-1

Revista da Cavalaria

Prova «Direcção Geral dos Desportos» (Percurso à americana)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	2.000\$00	António Romeiras	<i>Nocivo</i>	22 1,30
2.º	1.000\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	22 1,30
3.º	475\$00	Abrantes da Silva	<i>Borlista</i>	21 1,30
	475\$00	Soares Branco	<i>Malcata</i>	21 1,30
	475\$00	Álvaro Sabbo	<i>Licorne</i>	21 1,30
	475\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Fri volo</i>	21 1,30
7.º	300\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	20 1,30
8.º	200\$00	Cap. Pintó	<i>Incierto</i>	19 1,27-2
9.º	200\$00	Rangel d'Almeida	<i>Fibus</i>	19 1,30
10.º	200\$00	Cap. Pintó	<i>Cabrales</i>	17 1,30
11.º	200\$00	Leão Correia	<i>Fataça</i>	15 1,15-3
12.º	200\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i>	14 1,30

Prova «General Braveiro Lopes» (Taça das Nações)

1.º Portugal	Neto d'Almeida	<i>Impecável</i>	4 1,44-2
			12 1,46
	Fernando Cavaleiro	<i>Cara Linda</i>	8 1,49-3
			14 ³ / ₄ 2,15-4
	Pereira d'Almeida	<i>Florentina</i>	8 1,50-5
			0 1,52-6
	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	0 1,51-7
			0 1,53
			20 11,06-

Prova «Mista» (Amazonas e Discipulos)

1.º Obj. Arte	Luís Marinho Falcão	<i>Napeiro</i>	0 0,56-2
2.º » »	Jorge Teixeira	<i>Nico</i>	0 1,02-2
3.º » »	Carlos Vasconcelos	<i>Jumarte</i>	0 1,04-3

Classificação Geral

1.º Obj. Arte	D. Ana Rib.º Ferreira	<i>Hirco</i>	0 0,53-2
---------------	-----------------------	--------------	----------

Prova «Câmara Municipal de Lisboa» (Grande Prémio)

1.º	6.000\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	0 1,03-3
2.º	4.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,08-3
3.º	2.500\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i>	3 1,26-4
4.º	1.500\$00	Xavier de Brito	<i>Radieux</i>	4 1,04-2

Revista da Cavalaria

Clas.	Prêmios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
5.º	1.200\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Cupido</i>	4 1,06-2
6.º	1.000\$00	Neto d'Almeida	<i>Impecável</i>	4 1,07
7.º	700\$00	Álvaro Sabbo	<i>Licorne</i>	4 1,08-2
8.º	500\$00	Cap. Pintó	<i>Cabrales</i>	4 1,08-3
9.º	500\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Cara Linda</i>	4 1,09-2
10.º	500\$00	Neto d'Almeida	<i>Jacaré</i>	4 1,14-2
11.º	500\$00	Cap. Pintó	<i>Incierto</i>	8 1,04-1
12.º	500\$00	Álvaro Sabbo	<i>Cafoñé</i>	8 1,06-2

Prova «Taça Jara de Carvalho»

1.º	Taça e 2.000\$00	Miranda Dias	<i>Hortelão</i>	174,333
2.º	O. A. e 1.000\$00	Fernando Pais	<i>Satari</i>	166,133
3.º	O. A. e 500\$00	Álvaro Sabbo	<i>Harmónio</i>	165,500

Prova «Sociedade Hípica Portuguesa» (Estafetas)

1.ª	1.200\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Cupido</i>	2,27-4
	1.200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Cara Linda</i>	
2.ª	600\$00	Com. Ortegas	<i>Jilgero</i>	2,29
	600\$00	Alonso Martin	<i>Brise-Brise</i>	
3.ª	300\$00	Cap. De Couet	<i>Un Bel Oiseau</i>	2,32-2
	300\$00	Ten. Lefrant	<i>Aiglonne</i>	
4.ª	200\$00	Leopoldo Severo	<i>Ariane</i>	2,38
	200\$00	Joaquim Leote	<i>Vénus</i>	
5.ª	200\$00	Rangel d'Almeida	<i>Fébus</i>	2,39-2
	200\$00	Semedo Albuquerque	<i>Mourisco</i>	

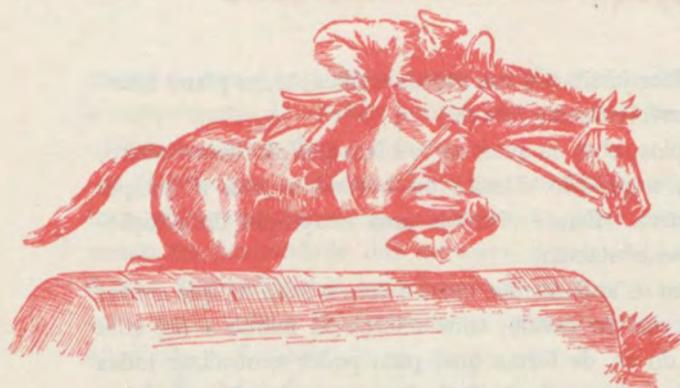
Prova «Ministério do Exército» (Taça de Honra)

1.º	Taça	Ten. Lefrant	<i>Un Bel Oiseau</i>	4 - 0
2.º	»	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	0 - 4
3.º	»	Ten. Lefrant	<i>Aiglonne</i>	4 - 4

Prova «Taça General Vieira da Rocha»

Henrique Calado *Caramulo*

Unificação e desenvolvimento da



MONTE DE OBSTÁCULOS

pel© Major FERNANDO PAES

Na sua mais pura significação, a monte de obstáculos deve englobar a posição do cavaleiro e a atitude geral do cavalo. Na realidade, se o valor da equitação, no seu conceito mais elevado, se baseia no valor do conjunto formado pelo cavaleiro e cavalo, não é possível conceber, sem com isso contribuir para o abastardamento da arte equestre, um cavaleiro ordinário num cavalo bom ou, o que é o mesmo, um cavaleiro fino num cavalo medíocre.

Em qualquer caso, deixa de haver equilíbrio, isto é, deixa de haver a harmonia indispensável à formação do sentido artístico que caracteriza toda a actividade humana classificada como arte, entre as quais a equitação ocupa lugar de incontestável destaque.

De resto, os Jogos Olímpicos de Helsínquia consolidaram este conceito cuja repercussão se há-de necessariamente fazer sentir no futuro da arte equestre.

A posição do cavaleiro toma nesta monte a designação de posição «à frente», nome que, aliás, classifica a própria monte de obstáculos.

A característica essencial desta posição é a de obedecer aos mesmos princípios da posição clássica ou normal, e é esta característica a razão

Revista da Cavalaria

que, a nosso ver, melhor justifica a sua rápida unificação no plano internacional e o seu desenvolvimento actual.

Assim, os princípios sobre os quais se baseia a posição do cavaleiro, são os mesmos para a posição clássica ou normal e para a posição «à frente» ou desportiva. Esta é sòmente uma adaptação da posição-tipo à velocidade e ao obstáculo.

Na realidade, com os andamentos vivos e com o salto há que contar com as reacções próprias do cavalo, com a força da inércia e até com a própria resistência do ar, de forma que, para poder neutralizar todas estas acções e libertar o rim, articulação lenta e limitada, de um trabalho violento, tem o corpo que tomar uma posição que seja a resultante

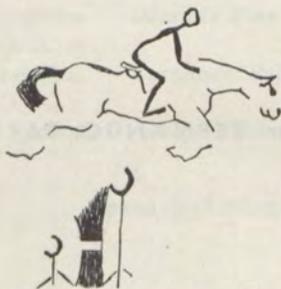


Fig. 1



Fig. 2

A posição da monte «à frente» não é imutável. A fig. 1 pressupõe a posição correspondente a um salto de reacção média e a fig. 2 a um galope normal.

das forças que sobre ele actuam ou possam vir inesperadamente a actuar.

Esta posição, cuja característica essencial é a inclinação do tronco para diante, aproxima o centro de gravidade do cavaleiro da sua base de sustentação e apoio, o que aumenta a sua estabilidade, tornando-se sensivelmente horizontal durante o planar do salto e nas corridas de velocidade. Por isso, a monte «à frente» é mais fechada ou mais aberta conforme é maior ou menor a velocidade do galope ou a reacção originada pelo salto (Figs. 1 e 2).

A inclinação do busto na posição «à frente» está relacionada com o jogo dos ângulos articulares. Da harmonia deste jogo depende a estabilidade elástica desta monte.

A necessidade da posição «à frente» surge naturalmente, quando a velocidade ou os percursos de obstáculos exigem uma inclinação do

Revista da Cavalaria

tronco e, conseqüentemente, uma posição de ângulos mais fechados que o comprimento de estribos normal não permite. Neste caso, há que encurtar os estribos de 3 a 4 furos.

O princípio fundamental em que assenta a posição do cavaleiro ou, mais pròpriamente, a sua colocação em sela, consiste no desenvolvimento da flexibilidade dos músculos e articulações. Sòmente porque é mais fácil adquiri-la primeiramente na monte normal, se estabelece como regra, que a flexibilidade na monte à frente se obtém depois de adquirida a flexibilidade na monte normal.

A flexibilidade na monte normal, adquire-se, mantém-se e desenvolve-se por meio de exercícios de flexibilidade, entre os quais se distinguem como os mais práticos e naturais, o trote e o galope sem estribos. Por este pequeno detalhe já se verifica como a vontade de cada um pode contribuir para a unificação da monte, bastando para isso, além dessa vontade, o conhecimento de que a flexibilidade é princípio fundamental e que, para a obter, há que praticar certos exercícios entre os quais e com frequência, o trote e o galope sem estribos.

O princípio de flexibilidade aplicado às articulações implica o aproveitamento completo do jogo dos ângulos articulares, fundamento justificativo da monte de obstáculos actual, visto ser esse jogo que permite colocar e manter sem dificuldade o «assento» o mais adiante possível, o que constitui uma vantagem indiscutível, especialmente quando se sabe que a fixação do joelho tende a colocar o «assento» atrás.

A articulação do joelho passa assim a desempenhar duas funções, distintas na sua aparência. Livre, para poder jogar como ângulo articular e poder contribuir para um melhor jogo da articulação do calcanhar; unida ao selim para poder cooperar eficazmente na solidez do cavaleiro.

A posição da perna e, com ela, o jogo do joelho e a sua união ao selim está relacionada com a abertura do bico do pé, com a flexão da perna para trás, com a inclinação da sola da bota para fora e com a posição mais ou menos baixa do calcanhar. Da combinação racional de todos estes pontos a ter em consideração em cada cavalo, depende a correcção da posição e a sua eficiência (Figs. 3 e 4).

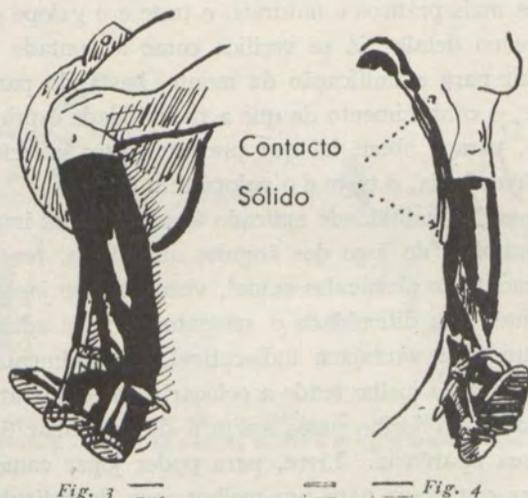
Além do ângulo superior a 45° (do pé com o eixo do cavalo) de uma inclinação de perna que não favoreça o jogo do joelho para diante e para baixo, de um calcanhar pouco descido que não provoque a aderência da barriga da perna ao ventre do cavalo, bem como de uma sola da bota que não se incline suficientemente para fora, é praticamente impossível manter unido o joelho ao selim e utilizá-lo como ângulo

Revista da Cavalaria

articular. Da inobservância destes pontos essenciais, a ter em conta na educação do cavaleiro, resultam defeitos graves muitas vezes difíceis de corrigir.

Como frisámos, o princípio da flexibilidade é o princípio fundamental da colocação em sela. A correcção da posição, o equilíbrio, a solidez, a independência das ajudas e o à-vontade, são consequências naturais da flexibilidade.

O equilíbrio é o resultado da ligação do cavaleiro com os movimentos do cavalo. Como esta ligação, dadas as reacções características do



A correcção e a eficiência da posição da perna dependem da combinação racional da flexão perna-coxa, do jogo longitudinal (calcanhar) e lateral (sola da bota para fora) do tornozelo, e da adaptação da perna ao ventre do cavalo (bico do pé para fora com o joelho unido ao selim).

cavalo, exige uma adaptação elástica, o equilíbrio é função da flexibilidade. Os exercícios de flexibilidade desempenham assim um papel preponderante na obtenção do equilíbrio.

A solidez do cavaleiro baseia-se na aderência das superfícies em contacto, especialmente na aderência da parte plana da coxa e da parte interna da barriga da perna. Como as reacções do cavalo são tanto menores quanto mais adiante estiver o «assento» e o «assento» estará tanto mais adiante quanto mais perfeito for o jogo dos ângulos arti-

Revista da Cavalaria

culares, depreende-se que a solidez do cavaleiro se baseia, em última análise, na sua própria flexibilidade.

No entanto, obtida uma certa flexibilidade, há exercícios orientados com vista a uma determinada finalidade, como sejam os exercícios de posição e os exercícios destinados a dar uma maior independência às



Fig. 5

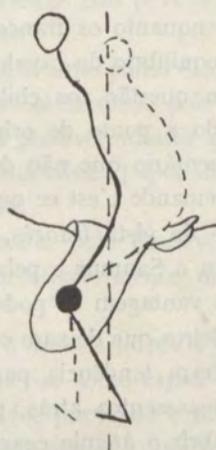


Fig. 6

A monte «à frente» exige o aproveitamento do jogo dos ângulos articulares, joelho incluído. O trote levantado pode ser considerado como o primeiro exercício para a obtenção da monte «à frente».

mãos e às pernas, como ajudas naturais do cavaleiro, não falando já nos exercícios correctivos por serem exercícios meramente individuais.

O exercício basilar de posição é o que tem por fim a fixação da perna.

Consiste em colocar o cavaleiro de pé sobre os estribos, com o calcanhar bem descido e a cintura bem avançada e, uma vez assim colocado, procurar que ele desça sobre o arreio ao longo da vertical do loro, sobre a parte inclinada do cepinho, comportando-se como uma agulha de uma máquina de coser (Fig. 5).

Se mostra tendência em assentar-se sobre a parte detrás do selim (Fig. 6) é porque cerrou os joelhos em lugar de os avançar, espetou os pés para a frente ou pôs o rim para fora.

Revista da Cavalaria

Este exercício que na sua fase elementar é o próprio trote levantado, pode ser considerado, quando feito a galope e acompanhado do exercício de abrir e fechar os ângulos articulares, como o exercício mais característico da monte «à frente», especialmente porque é aquele que mais contribui para a boa harmonia desta monte.

A abertura do ângulo coxo-femural ou seja, a inclinação do busto, tem sido um dos pontos mais discutidos da monte de obstáculos actual.

Assim, enquanto os franceses procuram manter os ombros dentro da linha de equilíbrio do cavaleiro, o que obriga a manter muito aberto o ângulo em questão, os chilenos procuram ter sempre este ângulo muito fechado a ponto de originar, entre os próprios concorrentes, o seguinte comentário que não deixa de ter um certo sentido de humor: «ce que je demande c'est ce qu'ils cherchent après l'obstacle».

O ponto de vista francês, rejeitado pela missão que estagiou em Fontainebleau e Saumur e pela Direcção da Instrução da Escola, tem no entanto a vantagem de poder servir como exercício correctivo.

Os cavaleiros que deixam o rim para fora como reacção à batida do salto e mostram tendência para deixar subir o Joelho, originando a colocação do «assento» atrás, podem ser combatidos eficazmente obrigando-os a abrir o ângulo coxo-femural, o que provoca indirectamente a descida do Joelho.

O assunto tem sido estudado pelo Grupo de Instrução e a fórmula já citada de que a monte «à frente» é mais fechada ou mais aberta conforme é maior ou menor a velocidade do galope ou a reacção originada pelo salto, parece ser consequência lógica da própria razão justificativa da monte e pode contribuir poderosamente para dar força ao princípio de harmonia que deve presidir a todas as manifestações de arte equestre.

Pelo que diz respeito à atitude geral do cavalo, a equitação de obstáculos segue os mesmos princípios da equitação académica.

Se a finalidade do ensino do cavalo é o aperfeiçoamento dos seus andamentos naturais, no caso especial do cavalo de obstáculos é o aperfeiçoamento do salto, isto é, o aperfeiçoamento da mecânica natural do salto.

Este aperfeiçoamento obtém-se dentro do mesmo princípio de flexibilidade que orienta a colocação em sela e o ensino do cavalo. No cavalo de obstáculos, essa flexibilidade deve manifestar-se na forma como ele prepara a batida, em cooperação com o cavaleiro ou por sua determinação; na maneira como se serve do pescoço para levantar a frente;

Revista da Cavalaria

na forma como joga com o rim para passar a garupa e ganhar perfuração.

Da mesma forma que o cavalo de ensino se distingue pelo brilho e amplitude dos seus andamentos, o cavalo de obstáculos deve distinguir-se pelo valor do seu estilo.

Assim, nunca as acções de mão destinadas a regular a batida devem ir ao ponto de impedir ou dificultar a distensão elástica do cavalo na execução do salto, como também a velocidade não deve ir ao ponto de lhe dificultar o jogo natural do balanceiro.

O valor do estilo do cavalo é tão importante como é o princípio de harmonia que deve caracterizar a monte «à frente», pois só entrando em linha de conta com estes elementos é possível admitir que a equitação possa desempenhar, como forma educativa, papel importante na formação moral dos quadros do Exército.

O homem aperfeiçoa-se espiritualmente pelo desenvolvimento da inteligência e do sentimento e foi o desenvolvimento do sentimento que criou a arte, a religião e a moral.

Sendo a equitação uma arte em que é necessário pôr à prova importantes valores morais, ela só pode conceber-se como capaz de contribuir para o aperfeiçoamento do indivíduo se for praticada e dirigida dentro da razão, da lógica e de um elevado sentido artístico, por forma a poder um dia ajudar-nos, pela força do hábito, «a distinguir o bem do mal com tanta nitidez como distinguimos a luz da obscuridade» (Alexis Carrel).

A atitude geral do cavalo a que nos vimos referindo, é a atitude do cavalo sobre a mão dentro num equilíbrio horizontal, o que pressupõe, evidentemente, uma colocação baixa e longe.

É claro que esta atitude está ligada a determinados princípios que orientam o ensino do cavalo, entre os quais estão actualmente em destaque, depois dos jogos olímpicos de Helsínquia, os que se relacionam mais directamente com a impulsão, amplitude de andamentos e colocação.

Esta atitude, característica do cavalo sobre a mão, mereceu reparos a alguns dos oficiais que estiveram em Helsínquia, como também alguns comentários sobre a equitação alemã e francesa, publicados por nós numa das nossas Revistas da especialidade.

O mais curioso é que o reparo não ficou só entre nós.

A Federação Francesa dos Sports Equestres também fez publicar na Revista *l'Eperon*, de Março último, uma nota assinada pelo Coronel Challan-Belval, membro francês do júri de ensino às provas olímpicas

Revista da Cavalaria

de Helsínquia, a qual, conquanto tenha sido publicada a pretexto de servir de guia aos cavaleiros que tinham acabado de disputar, em Paris, uma Prova de Ensino, constitui igualmente um testemunho de que o problema foi discutido nos meios equestres oficiais franceses. Embora procure chamar a atenção para determinados princípios clássicos da equitação francesa, relacionados com o conceito em causa, não deixa de reconhecer certas tendências defeituosas verificadas nalguns cavalos no decorrer das provas de ensino realizadas em França nos últimos anos.

Em qualquer caso, é de louvar a unificação de princípios que o caso em si representa, o que está perfeitamente em harmonia com o ponto de vista alemão de que os recentes progressos da equitação se devem especialmente às provas internacionais de ensino dos últimos anos.

São de notar os seguintes pontos focados na nota em questão:

— «Avant toute chose, le cheval doit être droit d'épaules et de hanches et bien *fixé* sur la main».

«Mais, qu'il soit appui marqué ou simple contact, il doit toujours être franc, net et continu, l'encolure et la tête restant exactement dans le plan vertical de l'axe de la colonne vertébrale, en liaison parfaite avec la main».

«Le cheval est alors «entré dans ses rênes» et tire bien sa voiture» (Gen. F. de Kerbrech).

«C'est la base de la soumission».

Na realidade, só a atitude do cavalo sobre a mão permite o jogo fácil de toda a coluna vertebral. Não só o cavalo, nesta atitude, liberta o rim e pode jogar com o ângulo coxo-femural (entrada dos posteriores) como também liberta a base do pescoço aligeirando a frente.

Nesta atitude, o cavalo comporta-se como um meio arco capaz de ser comprimido, dentro dos princípios que comandam o acordo das ajudas, pelos seus dois extremos, em que num está a mão e no outro as pernas.

Um dos exercícios que mais contribui para obrigar o cavalo a jogar com o rim no bom sentido e a procurar uma colocação baixa e longe, é o trabalho em descida do pescoço.

Este trabalho, que tem a vantagem de ensinar a saber distinguir uma extensão de pescoço (Fig. 7) de uma descida de pescoço (Fig. 8) constitui um excelente exercício preparatório da atitude do cavalo sobre a mão, que deve ser sempre obtida de trás para diante, dentro do princípio de flexibilidade (neste caso flexibilidade da coluna vertebral) e dos princípios que regem o acordo das ajudas.

Revista da Cavalaria

A atitude do cavalo sobre a mão pode ser imposta ao cavalo quando o seu grau de impulsão e equilíbrio passou a poder ser regulado dentro daquilo a que podemos chamar a 2.^a fase do acordo das ajudas.

A 1.^a fase ou a do desbaste, é quando o princípio das «mãos sem pernas e pernas sem mãos» tem ainda que ser aplicado à letra, isto é, acção das pernas, cedência das mãos e vice-versa. A 2.^a fase, é quando sobre uma acção de pernas a mão resiste, para melhorar o equilíbrio ou a impulsão, ou, sobre uma acção de mão as pernas resistem, para que se não perca a impulsão necessária à obtenção daquilo que se pretende.

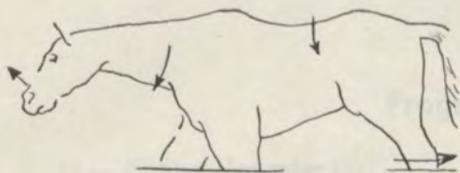


Fig. 7

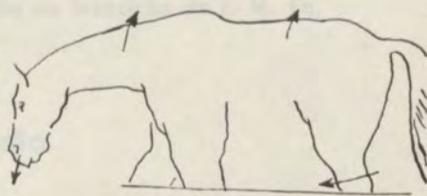


Fig. 8

O trabalho em descida de pescoço (fig. 8) é a ginástica preparatória mais indicada para obter a atitude do cavalo sobre a mão (base do pescoço alta, rim trabalhando de dentro para fora, entrada dos posteriores).

A atitude do cavalo sobre a mão e a sensação que desperta, tem também a grande vantagem de contribuir para uma melhor compreensão e aplicação do princípio da «posição e acção» preconizado por Baucher, que caracteriza especialmente as saídas a galope, mas que deve ser aplicado a todos os exercícios no decorrer do ensino.

A mão dá ao cavalo a «posição» que lhe irá determinar o exercício, mas são as pernas, acompanhadas de uma cedência de mão ou, se necessário para manter a «posição», de uma resistência de mão, que obrigam o cavalo a executá-lo.

Em conclusão:

Unificados os princípios respeitantes ao ensino do cavalo que são os que mais contribuem para a unificação da equitação; reconhecida a vantagem do ensino no cavalo de obstáculos; divulgadas as bases em que assenta a técnica actual da posição do cavaleiro, é de prever que a equitação e, no nosso caso especial, a monte de obstáculos, dada esta unificação e desenvolvimento, atinja num futuro próximo, um alto grau de perfeição.

Revista da Cavalaria

Possamos nós contribuir para o mesmo fim, para que a equitação, na sua forma educativa, desempenhe um papel cada vez mais importante no aperfeiçoamento do indivíduo, para fortalecer o pensamento que actualmente orienta a Arma na formação dos seus quadros.

Para que essa contribuição se possa efectivar precisamos de uma Escola e de um Ideal.

A Escola existe; o Ideal depende de nós.

Podemo-nos inspirar, se quisermos, no espírito das velhas Ordens da Cavalaria.



DOCTRINA EQUESTRE

ENSINO DO CAVALO DE SELA

Da Direcção da Instrução da E. M. Eq.

Progressão

1) — *Ensino elementar* (1).

Objectivo — Pôr o cavalo sobre a mão.

1.ª Fase:

- a) — Colocação em condição sumária;
- b) — Educação elementar às ajudas:

Nota — Cada grau de ensino corresponde, em princípio, a um ano de trabalho e está dividido em 3 fases que, mais ou menos, poderão corresponder aos seguintes períodos:

- 1.ª fase — até ao Natal (Outono);
- 2.ª fase — do Natal à Páscoa;
- 3.ª fase — Primavera.

O verão será, normalmente, aproveitado para concursos, descanso de cavalos e férias, razão por que não é considerado.

(1) Também chamado do 1.º grau.

As duas primeiras fases correspondem ao desbaste e a terceira ao aperfeiçoamento do desbaste.

Quando o desbaste é feito em escola, com poldros serris, é necessário contar com um ano de trabalho, normalmente dividido em cinco períodos, em que o primeiro é destinado à aclimação, domesticação e colocação em confiança e o último ao aperfeiçoamento da educação militar.

Revista da Cavalaria

1 — Acção simultânea das duas pernas — acção impulsiva — franqueza no movimento para diante — acção das pernas, cedência das mãos:

- Passar da paragem ao passo;
- Passar do passo ao trote;
- Alongar o trote;
- Passar da paragem ao trote;
- Alongar o passo.

2 — Acção simultânea das duas mãos — acção acompanhada de ligeira inclinação do tronco à retaguarda (ombros) — acção das mãos, cedência das pernas:

- Passar do trote ao passo;
- Passar do passo à paragem;
- Diminuir o passo e o trote.

3 — Acção determinante de uma mão — cedência da rédea reguladora:

- Circular (círculo base) pela acção da rédea de abertura;
- Zig-zag sobre rédeas de abertura;
- Direita e esquerda voltar com rédeas de abertura;
- Meias voltas directas e invertidas com rédeas de abertura.

4 — Extensão do pescoço a passo (rédeas em cima do pescoço).

5 — Partir a galope por rotura de equilíbrio e galope em círculo.

2.ª Fase:

a) — Colocação em condição;

b) — Submissão mais acentuada às ajudas e ginástica elementar do cavalo:

Revista da Cavalaria

- 1 — Acção isolada das pernas — perna de posição:
 - Sujeição à acção da perna isolada (5 séries)
(trabalho alternado com alargamentos de trote).
- 2 — Acção determinante de uma mão — resistência ou cederência da rédea reguladora:
 - sujeição à acção da rédea contrária (cantos do picadeiro);
 - Zig-zag sobre rédeas de abertura e contrárias (em combinação);
 - Zig-zag sobre rédeas contrárias;
 - Direita e esquerda voltar com ambas as rédeas;
 - Meias voltas directas e invertidas com ambas as rédeas;
 - Circular (círculo base) sobre rédeas contrárias.
- 3 — Extensões de pescoço a passo e trote.
- 4 — Alargamentos e encurtamentos sobre o círculo base com rédeas de abertura e rédeas contrárias.
- 5 — Galope em círculo e sobre a linha direita — encurtamentos e alargamentos sobre o círculo.

3.ª Fase:

Objectivo secundário — O esboço do cavalo na mão (equilíbrio horizontal).

- a) — Desenvolvimento da colocação em condição;
- b) — Desenvolvimento da ginástica elementar do cavalo:
 - 1 — Acção combinada das mãos e das pernas:

- Meias voltas directas e invertidas em duas pistas — rédeas de abertura e perna de posição do mesmo lado; rédea contrária e perna de posição do lado contrário;

Revista da Cavalaria

— Circular (círculo base) sobre rédea de abertura, deslocando acidentalmente a garupa para fora pela acção da perna de posição.

2 — Mobilização da garupa pela acção da mão:

— Rédea directa de opposição — reacção sobre a impulsão — resistência da rédea reguladora ao deslocamento das espáduas.

3 — Mobilização das espáduas:

— Rédea contrária de opposição — reacção sobre a impulsão — acção da perna de posição — até à rotação sobre o centro da figura.

4 — Marcha lateral:

— Rédea intermediária — acção impulsiva das duas pernas para manter o movimento para diante.

5 — Espádua adentro — utilização de todas as ajudas necessárias à execução do exercício — manter a direcção, inclinação e incurvação próprias.

6 — Descida de pescoço:

— Circular, a trote (círculo base) por divisão de apoios, até à extensão do pescoço, lenta e progressiva, em descida de mão;

— Diminuir os ramos do zig-zag, a trote, até à marcha sobre a linha direita com deslocamentos laterais do balanceiro, com o mesmo fim.

7 — Partir a galope, sobre a linha direita, por deslocamento da garupa — ajudas laterais exteriores:

— Zig-zag pela acção determinante da rédea de fora e da rédea de dentro, e das duas combinadas;

— Galope directo e invertido (oito).

Revista da Cavalaria

8 — Recuar.

9 — Alargamentos e encurtamentos sobre o círculo base — a trote e a galope.

2) — *Ensino complementar.*

Objectivo — Pôr o cavalo na mão (o cavalo sobre a mão, colocado e ligeiro, em equilíbrio horizontal).

1.^a Fase:

a) — Repor o cavalo em condição;

b) — Renovar a obediência às ajudas e recomeçar o trabalho ginástico do cavalo:

— Confirmar o trabalho ginástico correspondente ao ensino elementar.

2.^a Fase:

a) — Manter o cavalo em condição;

b) — Ginástica complementar do cavalo:

1 — Trabalho a passo e trote:

— Circular (círculo base) alargando e encurtando o andamento — o cavalo direito sobre o círculo;

— Espádua adentro combinado com o trabalho em círculo (círculo de 6 m. de diâmetro);

— Anca adentro;

— Espádua adentro e anca adentro;

— Ladear;

— Rotações inversas do tipo espádua adentro;

— Rotações directas e inversas do tipo clássico.

Revista da Cavalaria

2 — Trabalho a galope:

- Partir a galope por tomada de equilíbrio — ajudas diagonais;
- Serpentina;
- Oito — diminuir no galope invertido e aumentar no galope directo;
- Alargamentos na linha direita e no círculo sobre a rédea de fora (contrária ao do galope) e encurtamentos pela acção determinante da rédea de dentro (do lado do galope).

3.^a Fase:

a) — Manter o cavalo em condição;

b) — Desenvolvimento da ginástica complementar do cavalo:

1 — Trabalho a passo e trote:

(o mesmo indicado para a 2.^a fase).

2 — Trabalho a galope:

- Passagem de mão — na linha direita, sobre a diagonal, procurando que a passagem de mão se execute no sentido de trás para diante;
- Rotações directas (parciais);
- Cabeça ao muro;
- Garupa ao muro;
- Rotações directas;
- Ladear;
- Passagem de mão — ao terminar o ladear;
- Rotações inversas;
- Circular — círculos de 6 m. de diâmetro.

3) — *Ensino superior.*

Objectivo — O cavalo na mão em qualquer equilíbrio (horizontal e sobre o post-mão).

Revista da Cavalaria

1.^a Fase:

- a) — Repor o cavalo em condição;
- b) — Recomeçar o trabalho ginástico do cavalo:
 - Confirmar o trabalho ginástico correspondente ao ensino complementar.

2.^a Fase:

- a) — Manter o cavalo em condição;
(em conformidade com o princípio de que um cavalo, mesmo especializado em ensino, deve continuar a estar sujeito a um trabalho complementar de exterior).
- b) — Ligeireza:
 - 1 — Flexões laterais (descontração da boca) a obter no trabalho a passo, em rotações inversas, do tipo espádua adentro.
 - 2 — Flexões laterais e directas sobre a linha direita.
 - 3 — Aplicação a todo o trabalho anterior da recíproca de Baucher.
 - 4 — Alargamentos de trote, frequentes e de certa permanência, aproveitando a ligeireza para desenvolver a amplitude.

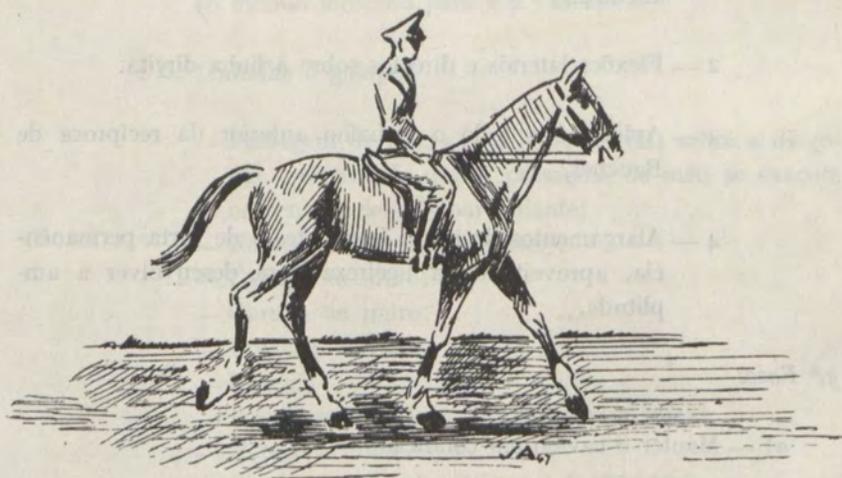
3.^a Fase:

- a) — Manter o cavalo em condição;
- b) — Correção de andamentos, movimentos e atitude:
 - Trabalho na base de rotações directas, para provocar o abaixamento da garupa e, conseqüentemente, uma colocação mais alta;

Revista da Cavalaria

- Trabalho em bases curtas e bases longas, mantendo a ligeireza; equilíbrio, flexibilidade e amplitude;
- Paragens e passagens ao trote, aproximadas, tendentes a provocar a passage;
- Descida de pescoço e elevação progressiva de pescoço, mantendo a impulsão, com o mesmo fim;
- «Passage»;
- Passagens de mão aproximadas até às passagens de mão de 4 em 4 tempos.

Atingido este resultado, necessário e suficiente ao cavalo destinado às provas de equitação superior, a especialização continua dentro dos preceitos da equitação académica, até ser atingido o grau necessário ao cavalo de alta escola ou cavalo olímpico de ensino.



Percursos de obstáculos

«Da intervenção e não intervenção à condução racional»

pelo Capitão HENRIQUE CALADO



Não é novo o assunto que vamos tratar e sobre ele muito se tem falado e escrito. Mesmo assim é sempre oportuno e do seu estudo podem talvez resultar ensinamentos proveitosos. Ainda mais, é talvez neste campo que o progresso e os aperfeiçoamentos são maiores ou pelo menos de maior importância quanto a resultados práticos.

Queremos dizer que, sem pretender diminuir o valor da forma como é executada a monte à frente, é fora de dúvida que o problema da condução tem uma importância enorme na equitação de obstáculos. Até mesmo é evidente, que as virtudes de uma «monte», estão directamente ligadas à forma como ela permite a condução e a favorece.

Reportando-nos de uma forma breve ao plano internacional, verificamos que a condução tende a uniformizar-se apoiando-se nos mesmos princípios, apenas com interpretações próprias para alguns países, mas todas coerentes e aproximadas.

Deste facto resulta praticamente, que o problema tão debatido da intervenção e não intervenção, já desapareceu.

De tanta polémica e de formas tão heterogêneas de montar, resultou com o andar dos tempos, com as dificuldades

Revista da Cavalaria

cada vez maiores dos percursos, com a especialização mais aperfeiçoada, etc., uma condução racional, sem dúvida ainda imperfeita, mas que já representa um progresso em relação ao passado.

Dos dois antigos extremos que eram representados ou pela iniciativa completa dada ao cavalo, ou pela intervenção sistemática mais ou menos enérgica em todos os obstáculos, passou-se progressivamente ao controle suave, mas eficiente, do equilíbrio, impulsão e passada, que permitem a execução segura e regular dos difíceis traçados e obstáculos dos percursos actuais.

Sob o aspecto condução, três fases se podem considerar na preparação do cavalo de concurso até se atingir o grau mais avançado do ensino de obstáculos.

A primeira fase é caracterizada pela execução de percursos em linhas direitas e com saltos simples e bem apresentados, executados com completa iniciativa para o cavalo.

O cavaleiro limita-se a fazer as voltas, lançando depois a sua montada sobre a linha de obstáculos ou obstáculo isolado a saltar, com a única preocupação de se ligar o mais perfeitamente possível ao seu movimento.

Esta primeira fase da condução do cavalo de concurso, é também aplicável ao cavaleiro principiante montando de preferência cavalos velhos.

A segunda fase, é caracterizada por um maior controle do cavalo especialmente no que diz respeito ao seu grau de impulsão, equilíbrio e velocidade. Estes elementos fundamentais à boa execução do salto, passam a ser determinados pelo cavaleiro, que, conhecendo as dificuldades e particularidades do percurso a realizar, os doseia da melhor forma.

Assim, já o cavalo que vai estando mais adiantado e sujeito, é posto pelo seu cavaleiro nas melhores condições para resolver as dificuldades que se lhe deparam e de que, só perto do obstáculo, terá conhecimento.

Se não representa ainda uma ajuda efectiva, é já uma muito importante acção favorável que permitirá ao cavalo actuar em condições que só por si dificilmente teria criado. As variáveis distâncias dos obstáculos compostos, a diferente constituição dos saltos (verticais, largos, etc.) e a sua localização justifica amplamente o que atrás se diz.

Revista da Cavalaria

Esta fase, representando já uma monte activa, em opposição á da primeira que podemos considerar passiva, é, sem dúvida, um aperfeiçoamento notável e muito sensível em percursos mais fortes e difíceis.

Corresponde também para o cavaleiro a um grau mais adiantado mas ainda ao alcance de todos com prática e gosto pelo trabalho de obstáculos.

Caracteriza esta forma de montar uma grande regularidade nos resultados, por vezes com prejuizo de algumas vitórias, mas com grandes vantagens para o futuro dos cavalos.

A terceira fase é caracterizada pelo aumento da iniciativa do cavaleiro que passa a controlar também o ponto de batida para o salto.

É a esta fase que corresponde a equitação superior de obstáculos, como actualmente é designada.

Pela sua dificuldade já não está ao alcance de todos, sendo preferível chegar a ela sem a procurar, do que pretender praticá-la sem o conseguir.

Como tudo o que atinge um grau bastante elevado, só dá resultados, nessa altura óptimos, trabalhando em perfeito rendimento.

Pelo contrário, poderá ser um método desastroso quando mal aplicado.

É evidente que estas várias fases que considerámos, se ligam na prática umas ás outras, não constituindo compartimentos estanques.

Do que vimos dizendo fica bem claro que o problema actual já não é o da intervenção ou não intervenção, mas sim da forma de conduzir, dando uma maior ou menor iniciativa ao cavalo.

Em especial os saltos nas voltas, ou á saída das mesmas, assim como a necessidade de voltar imediatamente depois de um obstáculo e ainda os duplos e tripulos ás más distâncias, vêm criar a necessidade de uma condução cada vez com mais iniciativa para o cavaleiro, que tudo controlará de uma forma suave e racional.

Só pode obedecer a estas condições a condução que se baseia nos sãos princípios da equitação académica. Neste ponto há que atender ao facto muito importante de que

Revista da Cavalaria

não é a exibição de um trabalho de picadeiro avançado que interessa, mas sim a pureza desse trabalho no que ele representa de sujeição, controle e aperfeiçoamento dos andamentos do cavalo.

Alguns concursistas notáveis têm procurado inferiorizar o valor do ensino de picadeiro, na equitação de obstáculos.

Opinam eles, que sem a praticarem conseguem resultados brilhantes. É uma verdade, mas este facto resulta sempre de serem cavaleiros excepcionalmente dotados para a equitação de obstáculos e assim suprirem muitas dificuldades para os outros insolúveis, pelos seus processos.

Ainda acrescentam em seu favor, que muitos cavalos considerados ensinados experimentam grandes dificuldades de condução. Como resposta só há a dizer que esses cavalos estão preparados para exibições mas não estão verdadeiramente ensinados.

Assim, interessa muito mais um ensino de grau complementar sólido, do que um, mais avançado, mas pouco verdadeiro.

É essencialmente na forma como o cavalo está sobre a mão que reside todo o segredo do problema e onde se revela todo o bom trabalho.

Em realidade um cavalo bem sobre a mão, está obrigatoriamente impulsionado, direito, calmo e apto a deixar controlar o seu equilíbrio.

Ainda há a considerar que a sensibilidade nervosa do cavalo também pode vir alterar as suas reacções naturais. É sabido que a sujeição obtida pelo ensino pode ser profundamente perturbada por uma sensação forte como o medo, excitação, etc. Este facto explica muitas vezes o comportamento incompreensível de determinados cavalos no ambiente do concurso hipico

É, pois, também um elemento a atender e sobre o qual deve recair a atenção do cavaleiro, tanto na exploração do seu cavalo, como na apreciação de qualquer outro.

É este um assunto tão importante que, procurando-se actualmente a criação do cavalo de obstáculos, tal como foi conseguida a do cavalo de corridas, a calma com energia é um dos elementos fundamentais que se pretende conseguir.

Revista da Cavalaria

Não abandonando ainda o problema do cavalo sobre a mão como base da sua utilização em obstáculos, é esta finalidade que pretendem as muitas e variadas embocaduras e seus complementos, por vezes apresentadas por alguns dos mais conceituados concursistas.

É pois para suprir, ou deficiências de ensino, ou as dificuldades resultantes tanto do temperamento como da má conformação de determinados cavalos, que vemos recorrer às várias gamarras, bridões elevadores, etc. ... muitas vezes com bons resultados.

Um exemplo frisante é o do cavalo inglês *Nizefella* que montado com uma gamarra fixa relativamente curta, foi nos últimos Jogos Olímpicos à barrage para o primeiro lugar individual e no recente Concurso de Nice venceu a prova de potência, classificou-se em segundo lugar no Grande Prémio e fez dois percursos limpos na Taça das Nações.

Também a égua *Voulette*, que muito se destacou neste mesmo Concurso de Nice e foi sempre brilhantemente montada por Jonquères d'Oriola, se apresentou exclusivamente de freio e gamarra de argolas.

Estes exemplos, que em nada reduzem o valor do ensino, só mostram quão complexo é o problema e quanto é diferente na utilização e resultados, a aplicação de meios e processos por vezes semelhantes. Na realidade, cada cavalo é um caso particular, cada cavaleiro é um ser de rações diferentes e daí, para cada conjunto, uma solução particular mas sempre parecida e apoiada nos mesmos princípios básicos.

Feitas estas considerações, voltemos ao estudo resumido dos factores que mais influem na execução do salto. Consideremos em especial, os seguintes: equilíbrio, impulsão, velocidade e ponto de batida.

Sendo estes os elementos fundamentais para o salto e dependendo quase exclusivamente deles a sua boa ou má execução, podemos bem dizer que termina na batida a dificuldade de transposição de qualquer obstáculo.

Passando a um exame mais detalhado, verificamos que o controle do equilíbrio é fundamental em todos os percursos e, pela tendência actual de colocação dos obstáculos, tende a constituir uma necessidade permanente.

Revista da Cavalaria

Os saltos nas voltas ou à saída delas e ausência de bandeiras, que permite cortar terreno até à beira dos obstáculos, vem obrigar a galopar rápido em constante equilíbrio, permitindo ao cavalo saltar em qualquer momento. Assim, a meia-paragem por vezes violenta, deu lugar a acções mais suaves e de efeitos mais prolongados. A obediência a estas acções tem de ser preparada por um largo trabalho anterior, tendo em vista conseguir manter o cavalo, pelo menos, constantemente próximo do seu equilíbrio óptimo.

Equilibrar não é já, pois, uma intervenção momentânea, mas um elemento constante da condução.

Analisemos agora os factores Impulsão e Velocidade:

Tratamo-los em conjunto pela sua interdependência, consequente de uma influência da mesma natureza e de certo modo compensatória, na execução do salto.

O cavalo para transpor um obstáculo necessita de uma quantidade de energia que podemos considerar resultante da impulsão e velocidade de que vai animado. O seu valor total deve, por assim dizer, representar uma constante com que o cavaleiro pode jogar:

Menor impulsão, maior velocidade; menor velocidade, maior impulsão.

Sendo a impulsão directamente resultante da possibilidade latente de distensão dos posteriores, deverá o cavaleiro estar especialmente atento à concentração do seu cavalo quando pretende saltar em andamento reduzido, ou em volta apertada.

Mesmo fora destes casos, o factor impulsão é muito importante para que haja no salto uma certa margem de segurança, especialmente para se poder compensar uma batida que não foi feita no ponto óptimo.

Ainda uma coordenação de forte impulsão, com um equilíbrio mais sobre o post-mão permite, para um mesmo obstáculo, a execução de um salto maior. Este procedimento é de aconselhar em saltos difíceis e de pouca apresentação.

Revista da Cavalaria

Não se pode, contudo, abusar deste recurso pois corre-se o risco de o cavalo deixar de reagir como pretendemos.

Do que vimos dizendo, vemos que o doseamento dos elementos — Impulsão, Velocidade — tomam também um aspecto de constante controle, só conseguido por uma condução racional.

Passando agora a considerar o problema do ponto de batida, entramos na parte mais delicada de todo este assunto, especialmente pelo sentimento que requer da parte do cavaleiro.

É sempre difícil e melindroso dizer a um cavaleiro que ele ainda não está em condições de regular a batida, e como, a nós próprios, geralmente nos não conhecemos, mais complicada ainda se torna a situação.

Mas partamos agora do princípio que temos já um sentimento apurado da distância e que podemos, portanto, trabalhar afoitamente.

Ao abordar um obstáculo dois casos se podem apresentar: ou o cavalo vem a chegar a boa distância e nada há a alterar, ou é preciso modificar as últimas passadas para que a batida se possa fazer em boas condições.

Convém nesta altura fazer notar que o cavaleiro só deve actuar quando tiver a noção da distância e não sistematicamente ao aproximar-se do obstáculo, como é vulgar. Actuando assim, arrisca-se a complicar uma aproximação que naturalmente era boa.

Mas examinemos agora as formas como se pode corrigir uma batida a má distância. Como é bem sabido, ter-se-á, ou que alargar as últimas passadas, ou que diminuí-las por forma a dar mais uma. Em qualquer dos casos deve-se começar a actuar o mais cedo possível.

É difícil dizer qual é o melhor sistema, pois estão em jogo muitos factores.

A tendência natural do cavaleiro fortemente influenciada pela forma de saltar e possibilidades do seu cavalo, determinam em geral a solução a tomar.

Isto no caso geral, pois situações particulares de certos obstáculos ou cavalos impõem mesmo soluções próprias.

Penso que todos estão vivendo aquele caso do dúplo de rias a 8 m. que, com segurança, só pode ser saltado de largo

Revista da Cavalaria

a largo e com uma passada, ou aquela outra ocasião em que tivemos de fazer aproximar do oxer grande, o nosso cavalo generoso mas de pouca perfuração.

Mas como alargar ou encurtar a passada?

Resumidamente diremos:

Para alargar, actuar com as pernas na cadência do andamento, solicitando simultâneamente com a mão que mantém ou aumenta o contacto, uma maior báscula no galope.

Para encurtar, resistir com a mão, em cada passada, no momento do alongamento do pescoço, limitando assim a amplitude do andamento. As pernas devem manter-se atentas à impulsão.

Fundamentalmente, trata-se em qualquer caso de controlar, em especial, a extensão do 2.º tempo do galope.

Do que fica dito se depreende que mesmo na própria regulação da batida, as acções óptimas deverão ser suaves e progressivas cabendo bem no âmbito da condução.



Jornaes revistas livros

A DIRECÇÃO DA GUERRA MODERNA

Pelo General GUDERIAN

As operações terrestres

Pouco antes do início da última guerra mundial, a maior parte dos Estados-Maiores mostrava-se descrente sobre as possibilidades de êxito que se podia obter mediante o emprego dos blindados em massa; as sólidas fortificações concebidas pelos partidários da guerra estabilizada, as barragens móveis de artilharia e os princípios ortodoxos não puderam, sem dúvida, impedir a acção decisiva dos blindados. Uma nova concepção havia surgido na Estratégia, e tal chama não está próxima, certamente, a extinguir-se, apesar de que alguns ainda consideram a Linha Maginot susceptível de utilização. Havemos de reconhecer a pobreza de tal concepção, como aliás a de outras concepções tácticas.

A defesa das «Linhas de deter» Pirinéus, Reno e Elba têm sido objecto de discussões apaixonadas; constantemente, vêm constituindo motivo de cogitação a criação de redutos, capazes de apoiar as Forças Armadas no dia em que o adversário leve a efeito o seu grande ataque. Pensa-se mais nas fortificações. Ao que parece, existe uma ideia bastante vaga sobre o facto de que a sua construção exige tempo e dinheiro, e que, tanto os entrencheramentos como as fortificações serão inúteis se não estiverem sólidamente defendidas por efectivos numerosos que disponham de importantes reservas de material. Perguntamos então: não teriam feito melhor os franceses — antes de 1940 — empregando na criação de unidades móveis os recursos utilizados na construção de suas linhas fortificadas?... E quanto a Hitler: não teria agido com mais acerto, construindo

Revista da Cavalaria

mais carros e aviões do que procurando erigir a «Muralha do Atlântico»?... Pode-se julgar a fortificação como um meio eficiente contra os bombardeios sobre os objectivos da Europa ocidental, na época dos projecteis dirigidos e da agressão inter-continental?... O que deverá ser fortificado no caso de uma guerra terrestre?... Segundo nossa opinião, actualmente, os objectivos a defender são diversos dos de antigamente. Surge, em primeiro lugar, a zona de concentração de reservas; depois, as indústrias mais importantes, e, por último, as bases aéreas.

A protecção deverá ser prevista não só contra ataques terrestres, mas também contra a ameaça aérea, uma vez que os ataques vindo do ar serão mais eficazes e súbitos.

A protecção da população civil

Sem dúvida, o verdadeiro objectivo deverá ser a população civil; tal é a diferença essencial entre um futuro conflito e os precedentes. Diante de tal ideia, torna-se necessário utilizar todos os recursos que a fortificação oferece para assegurar a protecção dos trabalhadores, das cidades, das fábricas ou, de um modo geral, de toda a população.

Tanto os neutros como os beligerantes deverão assegurar às suas cidades a devida protecção contra qualquer ameaça aérea; daí a necessidade da passagem dos planos militares aos humanos; o que deverá ser feito, também, com os territórios alemães.

Sobre tal aspecto, a legislação alemã tem a palavra; basta ver o que se tem feito em outros países, por exemplo, na Suíça. Relativamente a este aspecto da questão, a atitude do Governo de Bonn é curiosa, pois suas ordens e leis vigentes além de se oporem a construção de «abrigos» obrigam a destruição dos existentes. Ao contrário, julgamos importantíssimo que todas as novas construções como casas, fábricas, estação ferroviária ou qualquer outro edifício possuam seus abrigos adequados. Também as novas indústrias de importância vital deverão ser descentralizadas e de construções subterrâneas.

Por sabermos que as futuras guerras terão início sem declaração prévia, é que aconselhamos a necessidade de adopção de medidas de precaução adequadas.

A guerra aérea

Em primeiro lugar, a acção no ar terá em vista o apoio às tropas terrestres, isto é, a Aviação táctica, constituída por aviões de reconhecimento, de assalto e caça, actuará em benefício da acção de ataque.

Actualmente, nenhum exército poderá combater com êxito sem uma aviação pelo menos igual à do futuro adversário.

Tanto um Exército como uma Esquadra, que pretendam fazer frente a um assalto inimigo, precisarão de dispor de Aviação táctica; no que diz respeito à

Revista da Cavalaria

Esquadra — uma parte de seus efectivos deverá estar embarcada em porta-aviões —, seu emprego não se deverá restringir somente a ataques sobre objectivos navais.

Dado que as grandes potências, para os seus ataques sobre objectivos distantes, dispõem de uma aviação estratégica, é preciso procurarmos conhecer a eficiência actual dos bombardeiros de grande raio de acção e de voos nocturnos. Sobre tal particularidade, a última guerra muito nos ensinou; os bombardeiros inimigos, não satisfeitos de destruir o nosso sistema de transportes e nossas indústrias de armamento, atacaram os monumentos, os bairros residenciais, etc.

Há alguns meses, o General da Aviação norte-americana Vandenberg declarou: o objectivo inicial do Pacto do Atlântico consiste em forçar o adversário a empregar suas armas e materiais sobre o campo de batalha terrestre; enquanto isto, a Aviação estratégica pulverizará, mediante bombardeios atómicos os seus centros de produção e de abastecimentos. A função essencial do Exército de terra consistirá, pois, na intensificação de tal medida, de sorte que os bombardeios possam cortar as comunicações da retaguarda inimiga, ainda que o adversário, em seu avanço, possa apoderar-se de centros de produção — o Ruhr, por exemplo — que lhe proporcionaria uma relativa independência com respeito a suas bases iniciais de abastecimentos.

Segundo os meios competentes de Washington, com algumas Divisões enviadas à Europa, torna-se pouco provável alcançar tais resultados (*Newe Zücker Zeitung*).

O general Vandenberg, ao que parece, tem procurado abster-se de indicar onde deverão ser lançadas as bombas atómicas destinadas a combater o assalto. Em todo o caso, somos contrários sobre o seu emprego em território alemão. Se as potências ocidentais applicarem semelhante estratégia, perderão a boa vontade da Alemanha e dos alemães; é preferível não comentar tal facto a fim de evitar mal-entendidos.

Perigos da reconquista

O general Vandenberg preconiza: «Forçar o adversário a empregar seus armamentos e materiais sobre o campo de batalha terrestre». Admitamos que o inimigo evita este emprego. O que aconteceria?...

As guerras «relâmpago» têm demonstrado que, com o actual progresso técnico, as guerras de desgaste já passaram da época; hoje em dia, com o adequado emprego da motorização, é possível pôr termo às campanhas intermináveis. Devemos considerar como provável no futuro, que ao menos no início, a guerra não será de desgaste, pois, desde o começo, o adversário avançará sobre os objectivos da Europa, previamente fixados.

É certo que, levando em conta o estado actual dos meios defensivos, não alcançará tais objectivos sem ter que vencer uma resistência bem acentuada.

Uma vez na posse de tais objectivos, o invasor organizaria a defesa do território conquistado, a fim de tornar sua reconquista senão impossível, pelo

Revista da Cavalaria

menos catastrófica para a população civil, a julgar pelos métodos empregados pela aviação de bombardeio durante a 2.^a Guerra Mundial e o actual conflito coreano; assim, pois, é lógico imaginar que, mais do que as tropas adversárias, seria a população civil quem sofreria os efeitos dos bombardeios aéreos.

Por outro lado, quanto mais indispensável e estreita for a cooperação tática entre a aviação e as tropas terrestres, mais digna de reflexão será — segundo podemos comprovar experimentalmente — a guerra aérea.

Os objectivos destinados aos bombardeiros de grande raio de acção serão escolhidos em função exclusiva das exigências militares e sempre tendo presente as considerações humanas, esquecidas há meio século. Pois bem, os objectivos citados são, por outro lado, difíceis de determinar, dado que os efeitos dos novos meios de destruição — bomba atómica e bomba H — são espantosos e causam estragos difíceis de prever.

É certo que a ciência encontrará, em futuro próximo, os elementos adequados para nos protegermos deles; mas, ainda se pode duvidar que o conhecimento destes meios defensivos chegue a tempo suficiente e antes que as potências mundiais se decidam a empregar as novas armas de destruição que possuem. O que podemos assegurar, em vista dos estragos e da radioactividade, conhecidos da bomba atómica, é que esta não poderá ser lançada nas proximidades das tropas combatentes nem nos arredores dos objectivos a alcançar por tais tropas.

Ao contrário, a retaguarda do adversário ou os países ocupados por suas tropas constituem os terrenos ideais para serem utilizados. A bomba atómica poderá servir para isolar aquelas zonas em que se deseja impedir, temporariamente, o acesso do adversário. Os seus efeitos serão tanto mais catastróficos quanto mais densamente populosa for a região em que forem lançadas. É preciso lembrar que, no futuro, nenhuma potência se poderá encontrar ao abrigo de uma guerra aérea ou de suas consequências; os Estados Unidos e a Inglaterra estão incluídos neste perigo.

Consequentemente, pode pensar-se que, em uma futura guerra, toda a Terra será zona de combate e que, diante de tais dimensões, o conflito ultrapassará, sob todos os aspectos, os seus precedentes. Será, pois, «a guerra mundial total», e as anteriores não terão sido mais do que o preâmbulo da que virá. O mundo inteiro servirá de campo de batalha, em terra, no mar e no ar.

Guerrilheiros e propaganda

Na retaguarda das tropas combatentes, na proximidade das bases aéreas, nos «nós de comunicações» e nos centros industriais do adversário, os espíões, sabotadores, guerrilheiros e quinta-colunas não darão descanso.

Por intermédio do rádio, ambos os adversários estabelecerão um torneio de eloquências; por outro lado, este tipo de «guerra fria» já começou, sendo possível comprovar, actualmente, que a deslealdade atingiu o seu ponto culminante.

Revista da Cavalaria

Quantas vezes os governantes não têm sido censurados pelo não cumprimento do dever cívico?... Basta ler a imprensa e escutar o rádio para ficarmos convencidos de que os intérpretes da «opinião pública» ignoram as mais elementares regras da decência e honradez. Vemos com que passividade o mundo assiste a todo este descalabro, pondo em perigo a causa da paz. As opiniões pessoais são raras, e poucos são aqueles que cultivam o hábito da reflexão.

Da Revista Brasileira *Defesa Nacional*
Maio de 1953

De *Le Monde*
Tradução do Ten. Cor. **Sotto Montes**,
em *Ejército*, da Espanha

Tradução e adaptação
dos Ten. Cor. **Cesar Gomes das Neves**
e Maj. **Heráclides de Araújo Nelson**



GUERRA PSICOLÓGICA NA COREIA

pele Tenente DALE STORY

O alto-falante estava montado no cimo de uma colina perto de Chonju. Cerca de 300 metros para a frente, havia um ninho de comunistas chineses. Para a retaguarda, um intérprete disse ao microfone:
«Atenção! Soldados Americanos! Vamos transmitir uma mensagem convidando o inimigo a render-se. Não disparem sobre nenhum norte-coreano ou comunista chinês que tente render-se. Estejam atentos a qualquer estratégia».

Depois, em perfeito chinês disse:

«Atenção, soldados da Divisão n.º 199, do exército CCF 67! O General Comandante das Forças das Nações Unidas autoriza-me a dar-lhes uma oportunidade de saírem desta guerra sangrenta. Vocês têm lutado corajosamente, mas mais cedo ou mais tarde a superioridade de fogo do Exército das Nações Unidas acabará por dizimá-los. De nada servirá a vossa resistência. Só há uma maneira de evitar uma morte fatal, aqui neste desolado campo de batalha. Dirijam-se às vossas linhas e entreguem-se como prisioneiros de guerra, ao abrigo da Convenção de Génèbra! O General L'n Po, vosso comandante, sacrificá-los-á, a não ser que Vocês abandonem secretamente a vossa unidade e venham reunir-se a nós; não lhes faltará comida nem protecção».

Imediatamente a seguir, foi o equipamento novamente carregado, a equipa dos dois homens (técnico-condutor e locutor) dirigiu-se a outra área para enviar novas mensagens.

Apelos deste género levaram grande número de Comunistas a render-se. Na verdade, cerca de um terço dos nossos prisioneiros, chineses comunistas e norte-coreanos confessou ter-se rendido em virtude do nosso esforço de guerra psicológica.

Este método já muito antigo, mas hoje em dia grandemente aperfeiçoado, tem tido uma grande acção sobre o inimigo, criando ao mesmo tempo novas sugestões de emprego para fins de propaganda militar. Panfletos convidando à rendição, emissões pela rádio e apelos feitos por alto-falantes — tanto lançados do solo como do ar — têm sido empregados para convencer o inimigo de que a sua causa é uma causa perdida e de que combate em vão.

Toda esta propaganda começou menos de vinte e quatro horas depois do Presidente Truman ter dado ordem às tropas americanas para intervirem na Coreia. Foram lançados panfletos informando os coreanos da decisão pelos Estados Unidos. Vinte e quatro horas mais tarde, as rádios americanas transmitiam para a Coreia o desmentido à falsa afirmação dos comunistas de que haviam sido os sul-coreanos e os imperialistas americanos que tinham iniciado

Revista da Cavalaria

a agressão. Teóricamente, a nossa primeira defesa na Coreia foi uma acção psicológica.

A nossa arma mais importante da guerra psicológica tem sido a propaganda — mas propaganda verdadeira. A verdade é sempre mais eficaz do que a mentira.

No nível tático, a nossa propaganda vai até ao pormenor. Mostra-se ao combatente comunista que a situação só tem uma saída que é a rendição. Os nossos «combatentes psicológicos» dão-lhe duas soluções à escolha: a morte num campo de batalha estrangeiro, longe da sua terra, ou a segurança e o relativo conforto de um campo de prisioneiros de guerra. Ele é tentado com oferecimentos de comida, assistência médica e protecção — coisas que têm grande valor para um soldado cansado pela luta.

O moral e o equilíbrio emocional do soldado vermelho têm sido os principais objectivos da guerra psicológica: Os nossos folhetos de propaganda e emissões pela rádio procuram abalar-lhe os nervos e aumentar a sua ansiedade.

Quanto aos civis da zona de combate, a nossa propaganda tem visado a conseguir a sua colaboração, ou pelo menos uma atitude benévola. O fim da guerra psicológica tem consistido sempre numa apreciação justa da guerra, acentuando o objectivo das Nações Unidas — Numa Coreia livre e unida.

Inicialmente, a guerra psicológica em todo o Extremo-Oriente era dirigida por um grupo de seis pessoas, estabelecido em Tóquio. A partir deste grupo, a direcção da guerra psicológica multiplicou-se, por uma forma extraordinária, em sessões directoras de teatro de operações, de exército, corpo e divisão, assistidos por centenas de escritores, funcionários da rádio, artistas e impressores.

A guerra psicológica, feita ao nível de teatro de operações, é hoje dirigida por uma secção completa especial que opera, em geral, sob a direcção do G3.

O corpo dirigente da guerra psicológica no Oitavo Exército resolve os problemas imediatos e orienta os oficiais da guerra psicológica destinados aos quartéis-generais subordinados. Tanto o teatro de operações como o exército elaboram a sua propaganda. Nos níveis inferiores, a actividade reduz-se a apelos feitos pelos alto-falantes, os quais se destinam a resolver situações táticas imediatas.

Os oficiais da guerra psicológica, de corpo de exército e de divisão são criações da guerra da Coreia. Eles são simplesmente consultores, mas a sua colaboração tem sido extremamente valiosa para os comandantes, auxiliando-os na aplicação da guerra psicológica aos seus planos de operações.

Esta integração realiza-se pela primeira vez. Em nenhum outro conflito, a América coordenou tão intimamente «a guerra do moral» com a acção das outras armas. E a pouco e pouco a guerra psicológica conquistou um lugar bem merecido nas ordens de operações das unidades independentes em combate.

Um exemplo típico do emprego tático da guerra psicológica verificou-se em Março de 1951, ao preparar-se um panfleto destinado a ser lançado em pára-quedas. Essa folha dizia:

«Pára-quedistas das Nações Unidas foram lançados na vossa retaguarda. Vocês estão isolados. Não procurem resistir. Levantem as mãos e rendam-se».

Revista da Cavalaria

Uma pequena carta ilustrava a situação tática por uma forma tão clara que qualquer soldado comunista, mesmo analfabeto, a podia compreender.

Há muitos outros exemplos de colaboração entre a propaganda e as tropas de infantaria. O Oitavo Exército tem empregado panfletos volantes e alto-falantes transportados em avião para regular o movimento dos refugiados. Assim se tem conseguido manter livres estradas de interesse vital, que de contrário ficariam obstruídas pelos refugiados na sua marcha a caminho de zonas mais tranquilas.

Esta colaboração tem demonstrado o valor da propaganda como arma de combate, não perdendo os comandantes das unidades em luta nenhuma oportunidade de fazer a guerra psicológica.

Durante os primeiros 125 dias da campanha da Coreia, mais de 100 milhões de panfletos de propaganda foram lançados pelos aviões, ou enviados em projecteis especiais pela nossa artilharia. De então para cá, esse número aumentou por uma forma astronómica.

O primeiro objectivo dos panfletos de propaganda psicológica é levar à rendição o maior número possível de soldados inimigos. Há uma tendência exagerada para julgar a guerra psicológica apenas por estes resultados. Ora, o lançamento de um panfleto é sempre útil se causar uma diminuição, ainda que pequena, na eficiência combativa do exército inimigo, mesmo que nenhum soldado se renda. Um inimigo desmoralizado pode ter mais interesse para nós do que um inimigo morto, se ele espalhar o desânimo entre os seus camaradas. Não é, portanto, só pelo número de soldados que se rendem que se deve avaliar o êxito de um panfleto lançado sobre o inimigo.

A nossa propaganda na Coreia tem tido o objectivo de provocar a desmoralização; de arrefecer o entusiasmo do inimigo pela sua causa e destruir a sua vontade de combater. E tem batido sempre a tecla seguinte: «um patriota vivo ajudará mais a Coreia do que um patriota morto. Não arrisquem a vossa vida por uma causa perdida. Vivam, para poderem reconstruir a Coreia».

O ponto mais focado dos nossos panfletos tem sido o bom tratamento que damos aos prisioneiros de guerra. Muitos desses folhetos têm ilustrações mostrando os prisioneiros comendo com satisfação, recebendo assistência médica ou jogando. Um desses panfletos dizia:

«Apesar das precárias condições físicas dos prisioneiros feridos ou doentes, 93 por cento consegue curar-se. O General Jorge E. Armstrong, Chefe dos Serviços de Saúde do Exército dos Estados Unidos está disposto a continuar a sua política de dispensar a melhor assistência médica aos membros do Exército Comunista que se rendam».

Tem-se realizado esforços para incompatibilizar o exército comunista chinês com o exército norte-coreano. Qualquer simples recruta de Exército norte-coreano sabe que está a aguentar o peso da luta, enquanto os seus camaradas comunistas têm missões menos arriscadas. Também procurámos dividi-los, publicando a notícia da confiscação pelos chineses das propriedades e dos víveres dos civis norte-coreanos.

Um outro panfleto sauda as tropas recém-chegadas a um sector com as seguintes palavras desmoralizadoras: «Sejam bem-vindos a este campo de batalha, que é o mais sangrento de toda a guerra». O medo da morte é também explorado por meio de panfletos com fotografias de montões de comunistas mortos. E não

Revista da Cavalaria

deixamos de comparar cuidadosamente o número das nossas baixas com o das forças comunistas, mostrando que «um de vocês em cada quatro será morto em breve».

Outra folha de «terror» chamava a atenção para o dia 26 de Maio de 1951: «Hoje 7.714 baixas comunistas. Amanhã o teu nome fará parte da lista».

O nosso esforço de guerra psicológica aproveitou o simbolismo e os costumes do Extremo-Oriente. Tangun, Coreano bem conhecido como «pai da amizade e da fraternidade» aparece num dos nossos folhetos abraçando dois soldados, um norte-coreano e outro sul-coreano, e exortando-os a serem amigos como irmãos. Noutro folheto, em que aproveitamos a psicologia oriental, mostra-se um grupo de soldados norte-coreanos tentando em vão deter a corrente furiosa de um rio. O rio simboliza, é claro, as forças combatentes das Nações Unidas.

Outro panfleto, mostrando um montão de cadáveres, tem a seguinte legenda: «Para os vossos chefes comunistas, vocês não passam de simples sacos de terra». Por esta força, pretendemos destruir a confiança dos soldados nos seus chefes.

Um folheto semanal, *The Free World Digest*, informa as tropas inimigas e os civis coreanos dos últimos sucessos na frente e em todo o mundo. Muitas sementes de desconfiança e de descontentamento têm sido espalhados por este pequeno jornal, havendo muitos soldados que começam a ver esta guerra de um ponto de vista que difere bastante da linha de propaganda comunista.

Existe um folheto cuja circulação excede a de todos os outros. É o salvo-conduto, que garante a segurança e o bom tratamento a qualquer soldado que se renda.

Durante a II Guerra Mundial na Europa, o famoso *Passierschein*, cor de rosa, era um bilhete para a salvação, destinado aos alemães já desanimados. No caso da Coreia, não foi possível arranjar imediatamente um salvo-conduto redigido em linguagem correcta, sendo necessário proceder a certas experiências. Foram feitos cinco tipos diferentes de salvo-conduto. Todos deram bom resultado, mas qualquer deles teria tido mais prestígio e sinceridade se as condições tivessem permitido adoptar-se um bom salvo-conduto logo desde o princípio. Um soldado chinês, que se rendeu, trazia nos bolsos vários modelos de salvos-condutos, dos que nós tínhamos preparado. Mas hesitara em render-se receoso de que fosse exigida a última edição e ele não a tivesse consigo. O soldado inimigo acredita mais facilmente num documento oficial que não seja alterado.

Isto não é frequente, mas mostra uma verdade que vale a pena ter em conta na guerra psicológica. Um salvo-conduto deve ser estandardizado.

Têm sido adoptadas várias técnicas para o fazer aceitar como uma garantia real de salvaguarda e de bom tratamento. O salvo-conduto é adornado com os símbolos orientais de boa vontade e de paz, análogos às nossas pombas de paz e têm a forma de uma ordem de combate para ter mais carácter oficial. E a sua autenticidade é ainda reforçada pela assinatura do General Ridgway, ou do General Van Fleet, na parte inferior.

Outros modelos parecem notas de banco; à primeira vista confundem-se com uma nota coreana de dez ienes. Disfarçados desta forma, podem ser escondidos entre o dinheiro de qualquer soldado comunista, que pense em se render,

Revista da Cavalaria

sem despertar a desconfiança dos seus superiores. E na altura própria, ele poderá «convertê-lo» em sossego e segurança, do lado de cá das nossas linhas.

Não há sargento do Oitavo Exército que tenha uma responsabilidade moral parecida com a do chefe de uma equipa de locutores. Como fala em nome do General Comandante, precisa de ter conhecimentos da política geral e da política militar. E tem a estranha missão de dar «informações» ao inimigo.

Um locutor-intérprete, bem adestrado, está sempre pronto a descobrir processos mais eficientes de utilizar o seu alto-falante. E algumas das suas sugestões têm levado à adopção de muitas inovações — toques de sereia, de corneta, etc.

Foi da frente que veio o aperfeiçoamento da montagem dos alto-falantes sobre os carros de combate. Estes «carros de combate falantes» têm-se mostrado cada dia mais eficazes.

Também se tem feito a montagem dos alto-falantes em aviões, dando à guerra psicológica uma «voz vinda dos céus». Os efeitos psicológicos deste dispositivo são muitas vezes impressionantes e aterradores.

O trabalho do locutor de «chamar as ovelhas», como dizem os veteranos, exige um militar bem instruído, pois os comandantes inimigos consideram os apelos feitos pelo alto-falante um perigo real — numa ameaça ao moral das suas tropas que, deve ser eliminado, se possível. E assim, os canhões inimigos são rapidamente apontados para as nossas equipas. A tarefa de «chamar as ovelhas» é na verdade, função perigosa.

Mais do que qualquer outro meio, a rádio tem sido o porta-voz da nossa política militar na Coreia. Poucos dias depois da luta começar, dezanove estações de onda curta e média estavam emitindo para o teatro da guerra. Os programas, preparados pela Direcção da Guerra Psicológica do Comando das Nações Unidas, foram transmitidos com o auxílio da *Japan Broadcasting Corporation*.

Nos primeiros dias da guerra, as nossas emissões eram constituídas quase exclusivamente por contrapropaganda. Quando os comunistas bradavam: «Os americanos praticaram uma agressão armada na Coreia», nós dizíamos a verdade, explicando a razão por que as Nações Unidas tinham intervido. Mas, a pouco e pouco, as nossas emissões tomaram a ofensiva. E em vez de tentar contrabater as afirmações inimigas, começámos a demonstrar que as Nações Unidas tinham a peito o bem-estar da Coreia.

As notícias, e o comentário destas, têm sido os elementos principais da guerra psicológica feita pela rádio. E para facilitar a divulgação dos programas, empregamos nas nossas emissões uma velocidade de ditado, ao fazermos o relato periódico das notícias.

O Exército norte-coreano bombardeou as tropas das Nações Unidas com folhetos que transgridem praticamente todas as regras de uma guerra psicológica bem conduzida. As mensagens eram mal impressas, utilizavam um material de informações muito pobre e uns testemunhos muito pouco convincentes. Assim, traziam declarações atribuídas a prisioneiros de guerra americanos, em que estes afirmavam a inutilidade de continuar a guerra.

A um americano atribuíam-lhe as seguintes palavras: «Estou agora a perceber que Truman embrulhou (sic) a situação na Coreia... Se Mac Arthur diz que estamos liquidados, ele lá tem as suas razões». Chamamos a atenção

Revista da Cavalaria

para o emprego inapropriado do calão americano. A sua origem não-americana salta à vista.

A questão de «bom tratamento» também tem sido focada pela propaganda inimiga. Foram distribuídos muitos salvo-condutos semelhantes aos nossos. Durante os movimentos de retirada, o inimigo deixava atrás de si grandes letreiros dizendo que os prisioneiros americanos seriam muito bem tratados.

A propaganda norte-coreana e chinesa tem-se esforçado por convencer os americanos de que eles são vítimas da «quadrilha da all Street», cujos homens de negócios, sem escrúpulos, mandaram as tropas para a Coreia para ganharem fortunas à custa dos seus sacrifícios.

É claro, que nem toda a propaganda táctica tem sido de nível tão baixo. Alguma tem aparecido que é inteligente. Assim, têm-nos acusado de bombardear indiscriminadamente as populações civis, fazer um uso brutal do napalm e de oprimir os coreanos. E estas acusações são, sem dúvida, acreditadas por bastantes coreanos.

Mas, felizmente para nós, que o esforço da guerra psicológica do inimigo alinha frequentemente com a doutrina do Partido Comunista; assim é que por vezes vem pedir um lugar nas Nações Unidas para a China e outras coisas análogas. Porém, o moral dos combatentes raramente é influenciado por considerações de carácter tão académico e político.

O conflito coreano permitiu que a guerra psicológica fizesse grandes progressos. Certos problemas que, se não fosse ela, ficariam por resolver, encontram-se em via de solução. Uma escola de guerra psicológica, fundada em Fort Riley, Kansas, está fornecendo pessoal adestrado que se destina à Coreia e a outros pontos. Procedem-se a investigações e a um planeamento destinados a conseguir-se uma utilização mais perfeita da guerra psicológica.

O êxito não pode ser atribuído inteiramente ao pessoal da guerra psicológica. A sua intervenção na Coreia tem sido importante, mas ela depende do experimentado Oitavo Exército cujos êxitos forçam a atenção do inimigo. A guerra psicológica tem dado bom rendimento porque as tropas das Nações Unidas têm boa fibra e porque tem havido espírito de equipa.

B. E. M.

Combat Forces
Julho de 1952



TRÊS COMANDANTES DE REGIMENTO

Tenente Coronel
PAULO ENÉAS F. DA SILVA

I — Introdução

É na guerra que o Chefe demonstra as suas qualidades de líder. A sua actuação, em tempo de paz, dirigida no sentido da preparação dos homens e unidades para a luta, nem sempre permite que se faça uma apreciação exacta das suas possibilidades. O ambiente de paz, de conforto e de estabilidade, em que ele se encontra, cria condições, às vezes, completamente diversas daquelas em que vai viver em campanha. Na guerra, sob a pressão dos acontecimentos, o Chefe tem que decidir na base de reflexos positivos, adquiridos no tempo de paz. Na opinião de um ilustre militar, «na guerra faz-se o que se sabe». Há Chefes que primam por ser tolerantes, mesmo em face de problemas sérios. Outros, porém, mantêm-se intransigentes, presos a certas normas verdadeiramente extravagantes. Alguns, finalmente, conservam-se no meio termo, ora transigindo, ora cerceando liberdades.

Inúmeros factos têm demonstrado que não se pode firmar um preceito único em questões de Comando. Na verdade, há regras que devem ser seguidas sob pena de falência completa da autoridade. O temperamento, entretanto, a personalidade, enfim, de cada um, fará com que o sistema de comando se adapte às suas concepções.

Já é voz corrente, entre nós, brasileiros, que a nossa formação determina inexoravelmente o tipo de líder que se pretende encontrar. Por questão de princípios somos avessos aos excessos. As soluções por nós adoptadas primam mais pela tolerância.

Mesmo em tempo de paz, a vida daqueles que nos são entregues, precisa ser conservada. Na guerra, o sangue humano vale mais que o ouro. O responsável, pois, por esse tesouro não poderá jamais raciocinar em termos de condescendência ou fraqueza.

Por outro lado, o sentimento de afeição não deve ser desprezado. Comandar é algo de sentir. O coração não fica alheio. Entra nos julgamentos como poder moderador. O pensamento do Chefe deve voltar-se permanentemente para a alma de seus subordinados, sondando-lhes o interior e descobrindo os motivos de suas tristezas e alegrias, para dissipar aquelas e incentivar estas.

Dentre os relatórios ultimamente chegados do Extremo Oriente, uns há que, pelo realismo das suas cores e senso de oportunidade, merecem ser divulgados. É o caso de três comandantes de regimento na Coreia. Por uma questão de «segurança», chamaremos esses coronéis de Able, Baker e Charles, respectivamente.

Revista da Cavalaria

Os «perfis» desses oficiais foram traçados, cremos, para destacar suas personalidades como líderes. É interessante ver como eles se diferenciavam entre si, seja no trato com os soldados, seja com os oficiais, seja mesmo com as autoridades superiores. Cada tipo tem a sua peculiaridade. Mas todos fizeram bom comando.

II — Os três comandantes

1. O Coronel Able.

Trata-se de um homem de 40 anos, possuidor de quase todos os cursos militares. Ainda não havia comandado regimento na guerra da Coreia. Designado para tais funções, fê-lo com pulso de ferro. Jamais deu tréguas a seus comandados, de que exigiu sistematicamente os maiores esforços.

Sempre que a situação tática o permitia, realizava exercícios de marcha, de alerta, paradas, etc., a fim de manter sua tropa permanentemente em actividade.

As normas adoptadas pelo Coronel Able eram claras e positivas. Qualquer transgressão era punida com severidade. Basta citar um exemplo: um soldado que, inadvertidamente, havia feito disparar seu fuzil, teve que pagar 50 dólares de multa...

Considerava o melhor comandante de batalhão aquele que, permanentemente, aparentava estar zangado e muito exigente. O que, mais ferozmente conduzisse o combate captava logo as suas simpatias.

Os preceitos de respeito ao Comando eram pelo Coronel Able levados à risca. À mesa ninguém podia sentar-se sem que o Comandante do Regimento o tivesse feito. Se, por acaso, ele se demorasse além de 10 minutos, podiam os oficiais acomodar-se em seus lugares. A chegada, porém, do Coronel, todos se levantavam e somente voltavam a sentar-se com o consentimento dele.

A palestra era normalmente iniciada e conduzida pelo Coronel. Às vezes, conduzia-a para o campo mais cordial, sem entretanto descer à familiaridade.

Na escolha do pessoal do seu E. M., preferiu sempre os mais robustos para as funções de S-1. Para as de S-2 e S-3 os mais jovens, embora não lhes desse grandes responsabilidades. A esse E. M. deu normalmente instruções muito precisas. Uma vez compreendidas não admitia réplicas.

Tudo o que se passava na unidade era de seu conhecimento. Na verdade, às vezes a sua influência era aparente. Jamais exigiu de seus homens aquilo que ele próprio não pudesse fazer. Dava sempre o exemplo.

Certa vez, foi condecorado pelo Comandante da Divisão a que pertencia o seu Regimento. Lamentou profundamente o facto. No seu modo de ver nada fizera para merecer essa distinção. Esse prémio exacerbou ainda mais a sua aversão às medalhas.

As instruções e ordens emanadas do escalão superior tiveram sempre da sua parte o maior acatamento, embora às vezes criticasse o Comandante da Divisão. Seu pensamento estava sempre voltado para o espírito combativo da tropa, para que outra não a sobrepujasse.

Revista da Cavalaria

Nenhum outro regimento combateu tanto na Coreia nem teve tantas baixas. Uma ocasião, o regimento chegou a ter reduzido, em uma semana, 50% do seu efectivo. Re completado, porém, voltou à mesma eficiência no combate.

Os homens dessa unidade manifestavam profunda antipatia pelo seu comandante. Mas, diante dos êxitos obtidos, passaram a respeitá-lo.

Apelidaram o regimento de «Máquina Infernal». Os soldados julgavam que os excessivos exercícios a que eram submetidos, muito embora a aptidão de todos fosse evidente, constituía extravagância do Coronel. Tinham mesmo a impressão de que, se preciso fosse, ele os sacrificaria a todos, inclusivé a ele, comandante.

Os feridos em combate, ao serem recuperados, preferiam sempre voltar à luta, batendo-se para se integrarem novamente no mesmo regimento.

Jamais qualquer soldado ou oficial teve medo de combater. Viviam mesmo pensando na luta. Discutiam alegremente as perdas sofridas, de que muitos se orgulhavam. O facto de um batalhão ter perdido uma companhia inteira, era motivo de satisfação entre eles.

2. O Coronel Baker.

Homem de cinquenta anos, já havia comandado regimento na 2.^a Grande Guerra e assim foi mantido para a luta na Coreia. Enfrentou duros combates.

Na unidade sob o seu comando, ele era o único a decidir. Chegou mesmo a comandar companhias e pelotões na acção. Esqueceu-se, com frequência, de que, no seu regimento, havia um E. M., que, apesar de tudo, o servia bem.

Quando o Coronel tomava uma decisão, ditava logo de seguida as suas ordens e dava pouco tempo para a execução das mesmas. Só raramente usou ordens preparatórias.

O Coronel Baker sempre viu com má vontade as unidades especiais. Os «rangers», por exemplo, as tropas pára-quedistas e outras, na sua opinião, eram «grandes complicações».

Seu espirito era profundamente critico. Sempre encontrou erros. Até nos QG. das altas autoridades apontava deficiências. Mas jamais admitiu que se dissesse haver irregularidades em suas tropas.

Ele as considerava as melhores da Coreia.

Vivia estimulando a competição entre seus batalhões. Criava oportunidades para isso, ao atribuir missões às fracções da sua unidade.

Na escolha dos elementos de seu E. M. preferiu, também, como o Coronel Able, os mais robustos para S-r.

Raramente o E. M. discordou das suas opiniões. O Coronel controlava tudo.

Com relação às punições, tinha lá os seus modos de ver. Frequentemente, agravava as punições dadas pelos seus subordinados.

Quando se tratava de oficiais, era muito mais severo. Cumprida a pena, conservava o oficial sob custódia por muito tempo. E até que ele, por actos e não por simples palavras, provasse ter agido inadvertidamente, ainda o conservava ao seu alcance.

O Coronel Baker orgulhava-se da sua tropa. Quando chegava pessoal para os recompletamentos necessários, gostava de reunir os recém-chegados para lhes falar acerca da unidade e dos trabalhos que os esperavam.

Revista da Cavalaria

Conhecia as organizações militares como ninguém. Não havia para ele segredos no respeitante ao armamento da infantaria e às táticas a empregar. Sempre demonstrou perfeito sangue-frio, mesmo nas horas mais amargas.

No seu regimento houve crises indiscutivelmente. A confusão era natural, mas, apesar disso, trabalhava-se febrilmente. Os oficiais e praças tudo faziam por merecer a confiança do chefe. Agiam mais para lhe agradecer do que, propriamente, para o bem da unidade.

Todos se esforçavam, embora reconhecessem que o Coronel agia um tanto em demasia. Frequentemente perguntavam: «Quando saíremos desta agonia»? Alguns mesmo adiantavam: «Porque não trocam de Comando?».

Tendo tomado parte em duros combates, o regimento comportou-se bravamente, muito embora nem sempre os seus homens tivessem tido desejo de lutar.

3. O Coronel Charles.

Andava pelos quarenta anos. Na Segunda Grande Guerra, comandara regimento e foi novamente mantido à testa dessa unidade na guerra da Coreia, por muitos meses.

Suas ordens eram dadas vagarosamente. Isso não importava em que não fossem bem cumpridas. Sempre deu muita iniciativa a seus oficiais e E. M. Sòmente interferia quando achava algo errado ou sua responsabilidade directa estava em jogo.

Em seu entender a tropa devia estar sempre em actividade. Para isso, sempre que a situação permitia, realizava exercícios de ordem unida, de marcha, de combate, etc. Apesar disso, era de opinião que o descanso era imprescindível. Proporcionou distracção permanente à sua tropa. Organizou «shows» interessantes pelo menos duas vezes por semana. Apreciava bastante os desportos.

Mantinha-se geralmente reservado. Era camarada dos seus subordinados mas não descia à familiaridade. Durante as refeições, discutia com seus oficiais. Demonstrou confiança neles. Para seus S-1 escolheu também os mais robustos.

O regimento do Coronel Charles parecia que, mesmo sem o chefe, continuaria a agir bem. Todos tinham orgulho em pertencer à unidade. Afirmavam até que eram os melhores da Coreia. Jamais se viram esgotados pelos combates travados e, note-se, enfrentaram duras pelejas.

Os feridos, muitas vezes, instavam em não ser evacuados. Preferiam ficar na área da unidade. As baixas foram sempre ligeiras. Na verdade, os homens gostavam mais da defensiva...

No respeitante a certas modalidades de instrução, a unidade andava um tanto atrasada. Por exemplo: o movimento motorizado. A característica fundamental dessa unidade era o seu espírito de corpo. Mesmo depois do Coronel ter sido transferido, continuou a trabalhar bem.

III — Conclusões

Houve três comandantes de regimento perfeitamente distintos.

Cada um imprimiu nitidamente o seu feitio à unidade. Um era exigente e rígido; outro, experimentado e crítico; o terceiro, afinal, moderado mas firme.

Revista da Cavalaria

E os regimentos? Todos combatiam bem; sofreram baixas, umas pesadas, outras leves, mas, uma vez repletados, reintegravam-se na eficiência combativa.

Oficiais e soldados sofreram as consequências inevitáveis de cada um dos Chefes apontados. Num regimento, vivia-se sob o medo do comandante e todos faziam por lhe agradar; noutra, o respeito baseado na desenvoltura da sua capacidade de comandar; no terceiro, finalmente, um sentimento de camaradagem, algo de indiferença, mas que não prejudicou o valor da tropa.

Como denominador comum às três unidades, vemos o orgulho pela organização. Este sentimento existiu apesar das incompreensões. A solidariedade foi mantida, num, por meio de pulso de ferro; noutra, pelo respeito à pessoa do Comando e no último pela amizade, quem sabe.

As formas diferentes de comandar, desses três coronéis, dizem bem do temperamento de cada um. Elas foram uma consequência, também das suas personalidades.

Da Revista Brasileira *Defesa Nacional*
Maio de 1953



Bibliografia

Estudos de História Militar sobre a primeira Guerra Mundial (1914-1918) (3.ª Série) — Brigadeiro Eduardo Santos

Temo-nos referido, com o relevo que lhes é inteiramente devido, à 1.ª e 2.ª Séries desta obra que vem sendo publicada em muito bom ritmo de trabalho.

Todo o interesse e valor que se continham nas séries anteriores se mantêm nesta agora vinda a lume.

Trata ela da marcha dos exércitos alemães sobre Paris — Nach Paris... —; das origens da manobra francesa — o mistério do Marne; do desfecho da batalha a que vulgarmente se chamou — o milagre do Marne; e da evolução dos acontecimentos que conduziram ao fim da guerra de movimento e à estabilização das frentes de combate.

O que aconteceu antes e durante a batalha do Marne mereceu-lhe particular e desenvolvida análise, pois a matéria é vasta, tem sido largamente discutida e merecia, na verdade, um estudo desenvolvido como o agora apresentado. Muitas lendas que se estabeleceram e chegaram a ter reflexo na guerra de 39; os defeitos que foram considerados virtudes; os erros que se revestiam de aspecto de rasgos de génio, tudo é apresentado no estilo fácil e simples onde perpassa o humor que as circunstâncias permitem e certas expressões de uma maneira muito pessoal de escrever que já encontramos nos outros volumes publicados.

É com prazer e sempre com interesse que se percorrem as páginas agora dadas a lume e é com desgosto que as vemos acabar.

Temos a certeza que os que iniciaram a leitura desta obra a continuarão com maior interesse ainda, pois que se chega agora ao ponto culminante das operações iniciais da guerra de 14-18.

Lamentamos somente que o nosso meio restrito não permita uma realização gráfica que estivesse à altura do valor do texto produzido. Mas isso em nada diminui o valor da obra publicada que continua a manter vivo interesse e a ser uma fonte de ensinamentos para aqueles que a compulsarem.

Evolução dos ensinamentos teórico e prático da balística elementar, armas portáteis, engenhos e carros de combate, nos últimos 100 anos da Escola do Exército — Ten. Coronel José Vítor Mateus Cabral, professor catedrático.

Em edição da Revista «Infantaria», subsidiada pelo Secretariado Geral da Defesa Nacional, publicou o Ex.º Sr. Ten. Coronel Mateus Cabral a lição inaugural do ano lectivo de 1952-53 na Escola do Exército, proferida na qualidade de decano do corpo docente daquele estabelecimento de ensino militar.

Dentro da praxe escolar, a lição inaugural, a chamada *oração de sapiência*, constitui uma obrigação, para aqueles a quem o tempo impõe a qualidade de professor mais antigo e, por vezes, também uma obrigação, para os que a ouvem, pois, na maioria dos casos, versa problemas de ordem científica e técnica que estão fora do interesse da maioria do auditório, constituído, em grande parte, pelas famílias dos alunos.

Bem andou, em nosso entender, o Ex.º Ten. Coronel Cabral, de quem fomos alunos e cujas qualidades reconhecemos de há muito, em escolher assunto ao alcance de todos aqueles que o escutaram e breves foram as suas palavras, o que também deveria ter agradado. Demonstrou assim um claro conhecimento da situação e integrou-se perfeitamente nela. Sob este ponto de vista, a sua lição constitui um exemplo.

Revista da Cavalaria

Mas outras condições concorreram, certamente, para o agrado dos que o ouviram, pois também o tivemos ao ler as suas palavras. Um estilo simples, claro e directo; uma síntese, tanto quanto possível, sem lacunas de um tão longo lapso de tempo; as suas considerações finais, apresentando um problema concreto, relacionado com as actividades da Cadeira que rege; tudo deve ter contribuído para o bom resultado da missão de que se incumbiu.

Nas poucas páginas do folheto agora publicado e em boa hora, para que aqueles que o não ouviram tenham possibilidade de tomar conhecimento das suas palavras, perpassam as vicissitudes sofridas pelo ensino do armamento ligeiro e do respectivo tiro através dos cem anos de existência da Escola. Acompanham-se, assim, todas as consequências das reformas sucessivas que aquela sofreu; a influência pessoal que diferentes professores tiveram na definição e delimitação da matéria versada; a independência desta, de outras matérias com que estava ligada, mas que lhe não eram directamente afins; e, finalmente, a constituição da Cadeira tal como está hoje e os problemas que se relacionam com o seu ensino.

Se o trabalho do Ex.^{mo} Ten. Coronel Cabral tem todo o interesse que lhe advém da investigação histórica e da compilação cronológica, acompanhada da análise dos factos, foram para nós especialmente interessantes as considerações feitas quando diz — «o ensino das armas portáteis e engenhos de Infantaria, só pode ter rendimento condigno e concordante com os modernos métodos pedagógicos, isto é, directos e objectivos, e ainda com a necessária celeridade dos cursos, desde que a cátedra seja acompanhada com frequência da conveniente prática de manusear as armas e a correspondente execução dos fogos — e, mais adiante, — «Perante estas exigências, salienta-se com grande evidência que as actuais paredes da Escola do Exército não podem já conter, cabalmente, as necessidades deste e de outros ensinos professados nos vários cursos». E a terminar, referiu as condições que considerava para as futuras instalações da Escola «cadinho onde se fundem os caracteres e os intellectos de todos aqueles jovens que amanhã serão os chefes do Exército Português».

Foi assim posto um problema que, em nossa opinião, desde que por lá passamos, há perto de quinze anos, julgamos sempre carecer de pronta solução. Nos tempos de hoje, já não é possível conceber uma Escola Militar, cujo ensino deve ser essencialmente prático e de constante aplicação, com porta para... a Baixa! A própria disposição dos edifícios é defeituosa e a área abrangida já não tem terreno para as instalações de que necessita. Não há, por exemplo, lugar para instalar uma piscina em boas condições e não se compreende que se não pratique tal desporto de interesse na preparação física e de aplicação militar corrente; a carreira de tiro é rudimentar, etc.... O problema das instalações é o mesmo que se apresenta para a maioria das Escolas das Armas e dos Serviços que em maior ou menor grau ainda hoje não dispõem de todas aquelas que necessitam, nem em boas condições.

Ao fazermo-nos eco das suas palavras, juntamos os nossos votos aos do Ex.^{mo} Sr. Ten. Coronel Cabral para que um tal estado de coisas se modifique e a Escola disponha de instalações construídas em local apropriado e dos meios necessários à preparação dos subalternos, elementos fundamentais na estrutura das Forças Armadas.

I. A.

M



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baicnetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazilio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Borrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente António Gentil Soares Branco

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50

F.C.

SUMÁRIO

HOMENAGEM DA ARMA DE CAVALARIA	<i>Brigadeiro Falco Pereira</i>	311
ÉTICA MILITAR—CONCEITOS DE COMANDO	<i>Brigadeiro Buceta Martins</i>	315
EXÉRCITO E POLÍTICA	<i>Capitão António Spínola</i>	321
VIRAGEM	<i>Capitão Henriques d'Avellar</i>	324
O EXERCÍCIO «ROSEBUSH»	<i>Brigadeiro Luciano Granate</i>	329
«SANTA MARGARIDA»—NO OUTONO DE 1953	<i>Capitão Henriques d'Avellar</i>	343
CAMPO DE INSTRUÇÃO DE SANTA MARGARIDA	<i>Capitão Vasco Ramires</i>	378
HIPISMO:		
JUSTO PRÉMIO	<i>A. S.</i>	392
O PANORAMA HÍPICO ACTUAL	<i>Capitão Cravinho Lopes</i>	395
O CONCURSO HÍPICO DE SINTRA	<i>Tenente Jorge Mathias</i>	405
JORNALIS — REVISTAS — LIVROS:		
BIBLIOGRAFIA	<i>J. A.</i>	407
A INSTRUÇÃO PARA AS OPERAÇÕES NOCTURNAS	<i>General Barroso</i>	411
PARA QUE SERVE UMA METRALHADORA	<i>Major Robert H. Clagett</i>	421



Revista da Cavalaria

14.º ano-n.ºs 5-6

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Set.-Nov.

BIBLIOTECA DO EXERCITO

(Antiga Bibliotheca do E. M. E.)

N.º 1.204

Aumentada em 22-3-1954

Livro N.º

HOMENAGEM

DA ARMA DE CAVALARIA



Através das páginas da sua Revista, presta hoje a Arma de Cavalaria justa homenagem ao seu novo director, o Ex.^{mo} General Abílio Pais de Ramos.

Por razões de ordem hierárquica recaiu tão honrosa tarefa em pessoa somenos dotada para imprimir à prosa a elevação correspondente ao unânime sentir dos camaradas da Arma. E, é pena que tal tivesse sucedido, porque quem compulsar a folha de serviços do novo General encontrará vasto assunto para glosar.

É Sua Excelência um distinto oficial da nossa Arma, possuidor de excepcionais qualidades cívicas e militares, precocemente assinaladas na Expedição de 1916 a Moçambique, em que tomou parte, ainda jovem alferes, e conquistou na passagem do Rovuma a sua primeira *Cruz de Guerra*.

Revista da Cavalaria

Sobre este episódio da sua vida militar, damos a palavra ao coronel Eduardo Azambuja Martins, que foi Chefe do Estado Maior da referida Expedição a Moçambique.

É da autorizada pena do ilustre militar o seguinte passo da História de Portugal na Grande Guerra, da autoria do General Ferreira Martins.

*«Mais pelo instinto do que pela preparação, vamos sentir, efectivamente, palpitar dedicações nas gentes das fileiras, afirmando estar ainda viva aquela antiga fé patriótica dos tempos das descobertas e conquistas.....
.....Na madrugada de 15 de Agosto de 1916, nos reconhecimentos dos vaus do Rovuma, marchou Jorge de Castilho todo o dia a pé, com um sol criador de insolações, em socorro de uma pequena força. Foram louvados neste lanço um soldado e um sargento de infantaria 24, tendo caído morto o cabo que comandava a guarda avançada da pequena escolta. A escolta foi reforçada por dois pelotões vindos dos postos vizinhos, tendo apresentado o relatório acerca do reconhecimento do vau o alferes Pais de Ramos, que comandava o pelotão da Guarda Republicana e que, tendo desmaiado quando dentro do rio procedia ao seu reconhecimento, foi salvo por dois soldados indígenas debaixo do fogo do inimigo. O oficial e os indígenas tiveram a «Cruz de Guerra». Esta episódica acção permitiu descobrir um vau do Rovuma, no triângulo de Quionga, abandonado pelos alemães, descoberta valiosa, porque a topografia do rio nos era completamente desconhecida e os reconhecimentos tinham de ser feitos de noite, às vezes debaixo de fogo da margem norte e sob a ameaça constante dos crocodilos que infestavam o rio.»]*



General Pais de Rames

Revista da Cavalaria

Sobre este episódio da sua vida militar, damos a palavra ao coronel Eduardo Azambuja Martins, que foi Chefe do Estado Maior da referida Expedição a Moçambique.

É da autorizada pena do ilustre militar o seguinte passo da História de Portugal na Grande Guerra, da autoria do General Ferreira Martins.

*«Mais pelo instinto do que pela preparação, vamos sentir, efectivamente, palpitar dedicações nas gentes das fileiras, afirmando estar ainda viva aquela antiga fé patriótica dos tempos das descobertas e conquistas.....
.....Na madrugada de 15 de Agosto de 1916, nos reconhecimentos dos vaus do Rovuma, marchou Jorge de Castilho todo o dia a pé, com um sol criador de insolações, em socorro de uma pequena força. Foram louvados neste lance um soldado e um sargento de infantaria 24, tendo caído morto o cabo que comandava a guarda avançada da pequena escolta. A escolta foi reforçada por dois pelotões vindos dos postos vizinhos, tendo apresentado o relatório acerca do reconhecimento do vau o alferes Pais de Ramos, que comandava o pelotão da Guarda Republicana e que, tendo desmaiado quando dentro do rio procedia ao seu reconhecimento, foi salvo por dois soldados indígenas debaixo do fogo do inimigo. O oficial e os indígenas tiveram a «Cruz de Guerra». Esta episódica acção permitiu descobrir um vau do Rovuma, no triângulo de Quionga, abandonado pelos alemães, descoberta valiosa, porque a topografia do rio nos era completamente desconhecida e os reconhecimentos tinham de ser feitos de noite, às vezes debaixo de fogo da margem norte e sob a ameaça constante dos crocodilos que infestavam o rio.»*



General Pais de Ramos

Revista da Cavalaria

As qualidades profissionais reveladas no brilhante início da sua carreira, foram posteriormente confirmadas nos vários Regimentos da Arma em que serviu, particularmente nos Regimentos de Cavalaria 5 e 8, que exemplarmente comandou e onde deixou obra notável a atestar a sua passagem.

A sua magnífica folha de serviços e as valiosas condecorações que ostenta no seu peito — entre as quais se destacam duas «Cruzes de Guerras» e as Medalhas de «Valor Militar» e «Serviços Distintos» — creditam-no como um dos oficiais mais distintos do nosso Exército, que alcançou o generalato mercê das suas altas qualidades e indiscutível merecimento.

Além destes predicados de natureza militar, há que destacar ainda outros de carácter cívico e moral. Foi sempre um camarada leal e franco, recto e exigente no serviço mas indulgente e bondoso para com os seus subordinados, qualidades que o impuseram, no conceito da Arma, sob o duplo aspecto militar e humanista.

Simultaneamente com a sua promoção foi atribuída a Sua Excelência a direcção da Arma de Cavalaria, função particularmente difícil e ingrata de desempenhar no período evolutivo que a Arma atravessa.

Encontram-se presentemente as *Cavalarías* de todo o mundo em transformação radical e completa. No nosso caso, há que demolir o antiquado e inútil para sensatamente se reorganizar a Arma em modernos moldes.

Só um General dotado de excepcionais qualidades pode enfrentar e resolver, com a desejada eficiência, as inúmeras dificuldades que a cada passo se apresentam.

Tem o Ex.^{mo} General Pais de Ramos, no decorrer de toda a sua vida militar, dado sobejas provas de inteligência, de bom senso, de energia e de persistente actividade, que lhe garantem a

Revista da Cavalaria

posse de qualidades plenas para o desempenho de tão árdua missão.

A um director da Arma que possuía todos os necessários requisitos e a quem a Arma muito ficou devendo, succedeu outro que nos garante não só a continuidade da obra já iniciada, mas também a sua ampliação através das mais adequadas soluções de futuros problemas.

Os destinos da Cavalaria encontram-se depositados em boas mãos. Os cavaleiros congratulam-se com tal facto e a Arma é credora de calorosas felicitações pelo Chefe que tem.

Brigadeiro FALCO PEREIRA



ÉTICA MILITAR

Conceitos de Comando

pelo Brigadeiro BUCETA MARTINS

Nota da Redacção — Ao assumir o Comando da 2.^a Região Militar, cargo em que recentemente foi investido, o Ex.^{mo} Brigadeiro Buceta Martins, colaborador da Revista da Cavalaria desde os seus primeiros dias, dirigiu aos seus oficiais algumas palavras em que procurou definir pensamentos e ideias pessoais sobre o «Serviço Militar e Exercício do Comando».

As ideias expostas constituem um interessante repositório de Conceitos de Ética Militar que certamente interessará aos nossos leitores conhecer e que, por isso, com a devida vénia nos permitimos transcrever.

*

.....

Posto isto, procurarei apresetentar-vos alguns pensamentos e ideias pessoais sobre o serviço militar e o exercício do Comando, que calculo que hão-de influenciar a minha actividade na função que agora inicio.

Em primeiro lugar, pensemos, meus senhores, que não deve ser nunca considerada como mero «lugar comum» a afirmação de ser a profissão militar equiparável à prática de um verdadeiro sacerdócio.

Com efeito, nós consideramos que o militar está acorrentado à imperativa lei de uma devoção ilimitada à transcendente função que lhe cabe na sociedade.

A austeridade da sua vida e a dádiva absoluta de todas as suas faculdades físicas, intelectuais e morais, ao serviço

Revista da Cavalaria

da Nação, devem constituir exemplo e guia para todos os nossos concidadãos.

Na vida militar não se trabalha com vista à obtenção de determinados benefícios ou recompensas... Porque quando isso se desse ter-se-ia implicitamente estabelecido um limite ao nosso esforço, quando é certo, pelo contrário, que os únicos limites que podem condicionar o trabalho dos militares — e designadamente dos seus oficiais — são os da sua capacidade intelectual e da sua resistência física.

Isto, que deve considerar-se dogma na Ética Militar, tem que ser especialmente observado neste momento em que os interesses da Nação, e os correlativos compromissos internacionais assumidos pelo seu Governo, nos obrigam a um esforço militar pesado e premente.

Não queremos dizer com isto — note-se — que entendamos que o militar tenha de viver uma vida de degredado, absolutamente enjaulado na sua profissão e curvado ao péso esgotante de uma actividades em repouso. Muito ao contrário, entendemos que o militar — e hoje mais do que nunca isto interessa — deve viver com os seus concidadãos e com a sua família uma vida simples mas alegre. E entendemos, também, que aos Chefes cumpre velar por que não se estiole a vivacidade de espírito e a alegria de viver nos seus quadros e nas suas tropas.

Creemos que, a este respeito, as festas militares, as competições desportivas e os exercícios no campo — quando bem orientados — podem constituir um derivativo estimulante, para a rotineira vida do quartel. Com outra importante vantagem, ainda: a de estimular o Espírito de Corpo que nós consideramos a mola real da eficiência das tropas.

Por outro lado, entendemos que os Chefes têm de ter sempre bem presente no seu espírito que comandam homens e não modelos ou máquinas perfeitas — homens com as suas qualidades e os seus defeitos.

A menos que a soma e a gravidade dos defeitos domine inteiramente as qualidades do individuo, compete ao Chefe procurar aproveitar os seus subordinados por forma a neu-

Revista da Cavalaria

tralizar-lhe ou corrigir-lhe os defeitos e a explorar a fundo as suas qualidades.

Devemos confessar-lhes que algumas das melhores recordações que conservamos da nossa carreira de professor e de Comandante estão relacionadas com alguns êxitos que alcançamos na transformação de alunos e de oficiais ou praças subordinadas que, dominadas por alguns defeitos natos ou adquiridos, estiveram a pontos de perder-se e que a nossa acção conseguiu trazer ao bom caminho, transformando-os em excelentes militares hoje apreciados e louvados por quantos os conhecem.

O que se torna, porém, necessário é não confundir defeitos remediáveis com taras militares degradantes quer no campo disciplinar como no da honestidade pessoal e profissional. Relativamente a estes manda a defesa da dignidade das corporações militares que se tratem com intransigente rigor.

Entendemos, por outro lado, que a base fundamental da harmonia e eficiência nos organismos militares é a lei da sã e leal camaradagem, que não deve interpretar-se como apenas praticável entre militares do mesmo nível hierárquico, mas possível e necessária dos subordinados para com os seus Chefes e destes para com os seus subordinados.

Procuraremos, meus Senhores, ser, em todos os aspectos da nossa vida em comum, um Chefe leal para os nossos subordinados e começamos alegremente o nosso Comando na firme convicção de que, através de todas as contingências, os nossos subordinados se não esquecerão de ser leais camaradas do seu Comandante.

Queremos, ainda, focar que consideramos noções fundamentalmente distintas: disciplina e subserviência.

Creemos que é tão pernicioso julgar-se que para se ser disciplinado é necessário ser subserviente, como deixar-se o

Revista da Cavalaria

militar arrastar — mercê de uma exacerbada e mórbida preocupação de personalidade e independência de espírito, à sistemática reacção e discordância de toda a acção dos Chefes.

Procuraremos sintetizar o nosso pensamento, a este respeito, confiando-vos como sempre procedemos para com os nossos Chefes e Comandantes.

Sempre que qualquer deles nos solicitou a nossa opinião, ou as eventualidades do serviço nos obrigaram a emitir os nossos pontos de vista, sempre os apresentamos leal e desassombradamente — sem perder de vista, naturalmente, as regras de delicadeza e de educação militar que devem presidir a toda a vida de relação entre os subordinados e os seus Chefes e vice-versa.

Ao emitir a nossa opinião a um Chefe nunca nos julgamos obrigados a uma apriorística subordinação à sua própria opinião.

Mas desde o momento em que o Chefe tomava a sua decisão — porventura contrária aos nossos pontos de vista — garantimo-vos que estes eram voluntária, sincera e religiosamente sacrificados à ideia do Chefe, que nós passavamos a servir com inflexível lealdade.

E garantimo-vos, meus senhores, que os momentos em que mais orgulho sentimos na nossa formação militar, foram aqueles em que reconhecemos ter servido fielmente as ordens dos nossos Chefes, sacrificando-lhes as nossas próprias opiniões pessoais, os nossos interesses e até as nossas aspirações.

Isto significa que desejamos que os nossos subordinados, quando tenham de nos dar a sua opinião sobre qualquer assunto, directa ou indirectamente relacionado com o serviço, o façam franca e desassombradamente sem o receio de que nos consideremos melindrados, ou sequer aborrecidos, porque não venha ao encontro da nossa própria opinião, e na certeza de que consideraremos cuidadosamente a que nos derem. Mas, desejamos, igualmente, que não percam nunca de vista ser impossível a ordem, a harmonia e a eficiência em qualquer organismo ou colectividade, se os seus componentes perderem todo o seu tempo a congeminar sobre a excelência ou os defeitos das ordens que recebem e se não estiverem todos dispostos a uma voluntária, sincera e com-

Revista da Cavalaria

pleta subordinação às directivas, ordens e instruções que os Chefes determinem.

Se o vício da discussão e crítica se implantam, mesmo quando honestamente orientado no sentido de obter a perfeição, em regra o aperfeiçoamento obtido não compensa nem o tempo perdido nem as complicações de serviço resultantes das alterações a uma directriz inicial.

Desejamos também focar que consideramos aquilo a que em bom calão militar se designa por «resistência passiva» dos subordinados às determinações superiores — por mais discreta que seja — como o mais degradante e virulento defeito de um individuo ou organismo militar, porque pode minar insidiosamente todo o rendimento de trabalho de uma unidade ou Corpo de Tropas.

Há, mesmo, espíritos doentios que pouco a pouco se deixam viciar no sentido da crítica sistemática e da resistência instintiva às opiniões e acção dos outros — e designadamente dos seus Chefes —.

No fundo, são individuos egoístas e ambiciosos, que procuram dar-se proporções de gigantes, arrasando tudo e todos em redor do pedestal em que se instalam.

E o pior é que alguns desses individuos chegam a atingir tal virtuosidade na crítica, que induzem os camaradas e amigos em erros de apreciação e minam surratemente a liberdade de pensamento dos que com eles vivem.

Não há ordem, por mais razoável e perfeita que seja, que escape ao seu escalpelo: se não é o objectivo é a forma e se não é a forma é a redacção ou a pontuação, ou é enfim a luminosa previsão das suas funestas consequências...

Nada escapa ao escalpelo feroz desses super-homens.

Entramos neste Comando na alegre convicção de que não encontraremos entre os nossos subordinados, míseras criaturas militares deste feitio.

Entendemos, enfim, que é um erro pretender-se que «não se comanda com o coração mas apenas com a cabeça».

Nós julgamos que os sentimentos de humanidade e de coração não impedem que se exerça o Comando com a cabeça.

Revista da Cavalaria

Basta que o Comando tenha o cuidado de verificar até onde as considerações de ordem sentimental podem actuar sem prejuízo dos interesses fundamentais da disciplina e do serviço.

Qualquer pode constatar que dentro destes parâmetros ainda fica uma margem larga para a intervenção das preocupações de coração e humanidade do Chefe.

A este respeito desejamos focar especialmente a necessidade — quer na administração das recompensas como das sanções disciplinares, de estabelecer uma ponderada relação entre a importância do facto a premiar ou punir e a importância do prémio ou do castigo. Não se deve banalizar nem o louvor nem, sobretudo, o castigo.

Uma criteriosa e serena atitude dos Chefes perante faltas cometidas permite muitas vezes recuperar elementos que uma repressão inicial excessivamente rigorosa poderia inutilizar irremediavelmente.

O R. D. M. foca essa sábia necessidade de progressividade no emprego das sanções e não julgamos lícito que cada um a altere a seu bel-prazer, embora seja utopia pretender-se uniformidade de critério.

*

Uma última observação: é a que se refere à boa apresentação dos militares e do material e equipamentos quer nas tropas em formatura como em passeio.

O culto do uniforme foi sempre índice de elevado espírito militar e é preciso que a população das localidades em que vivemos, até nesse campo possa olhar-nos como exemplos de compostura.

Queremos crer que as unidades e estabelecimentos lutam com enormes dificuldades a esse respeito, mas confiamos em que a habilidade dos Capitães e Subalternos e a perseverante acção dos Srs. Comandantes de Unidades e Directores de Estabelecimentos consigam neutralizá-las a ponto de serem notadas as praças e os oficiais desta Região pela sua boa apresentação em público.

Exército e Política

pelo Capitão ANTÓNIO SPÍNOLA



No desenvolvimento do tema enunciado, não focaremos o aspecto material do emprego do Exército, como colectividade nacional que cada Estado prepara e equipa para atender à sua própria segurança, satisfazer as suas aspirações ou impor a sua vontade, quando em luta com outros Estados.

Não abstraindo este aspecto sagrado da sua missão, enfrentaremos o Exército, num conceito mais profundo e total, como instituição encarregada de vigiar a conservação incólume das grandes essências nacionais, como organismo permanente em luta perene pela defesa da obra das gerações passadas e dos direitos das vindouras.

A história de todos os tempos é fértil em exemplos de intervenção dos exércitos na vida política dos povos, combatendo, por vezes, o próprio Estado, quando este se tenha afastado do seu fim essencial e interrompa ou ameace interromper a continuidade histórica da Nação.

Esta verdade, inegavelmente comprovada pela evidência dos factos, conduziu eminentes pensadores militares a considerarem o Exército, ou mais pròpriamente a colectividade armada, um organismo fundamentalmente político.

Embora esta doutrina não seja preconizada por todos os sectores intelectuais é fácil compreender-se, sem mais razões, que o Exército é uma arma política por excelência, não só no quadro externo, onde constitui pedra decisiva do xadrez internacional, como no quadro interno, onde, como determinante da sua qualidade de força conservadora dos valores nacionais, lhe compete defender a essência permanente da Nação contra as veleidades políticas do próprio Estado, quando este se afaste das leis históricas da evolução do meio.

Revista da Cavalaria

Para que seja reconhecida ao Exército, autoridade para excepcionalmente intervir na vida política é mister que ele personifique a nacionalidade, constituindo uma superior força moral capaz de, nos momentos críticos, aglutinar a consciência cívica das massas e de congregar em volta da égide da Pátria as várias facções da opinião pública.

Este imperativo de ordem moral impossibilita o Exército de tomar parte nas pugnas políticas da Nação, que dividindo os homens implicitamente diminuirá a sua autoridade perante os grupos que militem em campo ideológico adverso.

Conclui-se que o Exército, por determinativo da sua própria função, se encontra inibido de participar, com carácter permanente, na vida política dos povos, pois só assim, ele manterá o necessário prestígio e completa independência para intervir nos momentos graves.

As crises de desentendimento entre o Estado e o Exército, são sempre particularmente delicadas e exigem, da parte dos elementos constitutivos da colectividade armada, muita serenidade, completa independência, inteira austeridade moral e apurada *sensibilidade política*, para decidir sobre a oportunidade e o sentido da intervenção do Exército, que só se deverá verificar quando se encontrem em perigo os valores históricos da Nação.

Este aspecto funcional do Exército, requer da parte dos seus quadros superiores uma especial preparação; embora a sua função profissional os iniba de tomar parte activa na vida política, nem por isso a Nação deixa de lhes exigir apurados *reflexos* para julgar sobre a oportunidade de intervir nos momentos críticos, o que requer um exacto conhecimento da evolução política do meio e das limitações fixadas pelos imperativos da história.

Para o efeito, há que estudar o ciclo evolutivo da nacionalidade, no triplo aspecto étnico, histórico e político, que no conjunto definem o legado espiritual recebido das gerações passadas e que as actuais têm o sagrado dever de transportar íntegro à posteridade. Este legado constitui a *essência* e o *permanente* da Nação.

A principal dificuldade consiste em saber-se distinguir, para cada país e em cada momento, o *permanente* do *acidental*, o *essencial* do *efémero* e *transitório*.

O primeiro, compete ser vigiado e defendido por organismos permanentes, e a defesa do acidental compete às entidades e organismos transitórios: Estado, Governos, Parlamntos e partidos políticos.

Ao Exército, como instituição permanente, compete a superior missão de vigiar continuamente o *essencial* e o *permanente* da Nação.

Revista da Cavalaria

Este conceito está sujeito, como todas as verdades abstractas, a correções impostas pelas leis de formação dos povos, sendo por conseguinte indispensável amoldar-se ao clima político de cada país.

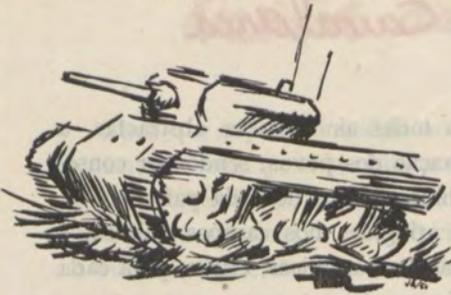
A tradição histórica, as médias atingidas nos campos cultural e moral, a psicologia do povo e outros factores anímicos, criam, para cada Nação, uma consciência cívica própria.

Por outro lado, os recursos políticos dos vários países também variam paralelamente com o nível das suas élites, reflectindo-se no grau de eficiência dos seus organismos transitórios, circunstância que evidentemente condiciona a amplitude da função política das instituições permanentes.

Quanto menores forem os níveis cultural e moral da Nação, a lucidez crítica da consciência cívica do seu povo e os recursos das suas élites políticas, mais se acentuam as razões justificativas da função política da instituição armada.

E, se as élites não reconhecerem esta missão do Exército, ou se este não se encontrar à altura do seu eficiente desempenho, tanto pior para o futuro da nacionalidade a que pertencer, cuja essência ficará exclusivamente entregue aos organismos acidentais da Nação.





VIRAGEM

pelo Capitão HENRIQUES D'AVELLAR

Nós vimos assistindo à evolução da Cavalaria de há uns anos para cá, a qual começou, precisamente nos alvares deste Século e, em pouco mais de metade do que está decorrido, a transformação é profunda.

De resto, tal transformação corresponde àquela que o Mundo sofreu nos últimos cinquenta anos, durante os quais a Máquina tem alcançado, cada vez mais, um lugar de predomínio e a Humanidade entrou, assim, os umbrais de uma nova era, cheia de esperanças mas também com o coração angustiado por muitas incertezas.

Quando, pelos meados deste Século, se extinguiram os últimos sons dos clarins vibrando na carga de Macontene e, mais tarde, na da Môn-gua, e as espadas se fecharam nas bainhas, tinha terminado aquele período excepcionalmente brilhante para a Cavalaria Portuguesa em que as acções de guerra ficaram envoltas numa atmosfera de lenda romântica que quase lhes disfarçava a fealdade da própria brutalidade que encerravam.

Nelas tinha influído, em larga escala, o valor das massas humanas, mais ainda do que os fracos meios materiais de que estas se serviam, mas que aquele multiplicava. A essas acções ficava ligado o vulto fiel «da mais nobre conquista do homem» — o Cavalo — companheiro dedicado de todos esses momentos.

Mas, não tinha ainda passado uma dezena de anos, a Cavalaria apeou pela segunda vez — a primeira fora em Aljubarrota —, para se poder adaptar às exigências do combate moderno, no qual as barragens de fogos imperavam. Teve então de deixar para trás o companheiro

Revista da Cavalaria

daquelas tardes em que o sol parecia ter mais brilho e o vento trazia consigo perfumes desconhecidos.

Contudo, se já não era possível levá-lo directamente ao campo de batalha, no momento das grandes decisões, admitia-se que dele se poderia servir, largamente, na preparação dessas mesmas decisões ou na exploração dos resultados a que estas conduziriam, e, dentro deste conceito, continuamos a dispor de uma massa avultada de tropas a cavalo.

Era pela prática deste, de resto, que se procurava manter aquele conjunto de qualidades — ou de defeitos, consoante o ponto de vista de que eram observados — que davam personalidade à nossa Arma e a faziam revestir-se de características próprias. Valerá a pena referi-los? Dentro de cada um que nos ler, temos a certeza, que está a convicção de ser cavaleiro — de ser capaz de enfrentar as dificuldades e de não lhes virar a cara; de levar a cabo uma obra sem ter os meios suficientes para isso; de tomar a responsabilidade das acções praticadas, porque a sua consciência as ditou; de não dar aos pormenores senão o justo valor, ou até de os depreciar no seu julgamento, para que não entrem o caminho a percorrer... Decisão, audácia, firmeza de carácter, confiança em si... Talvez, irreverência, gosto pela aventura, intransigência de princípios, inconsciência valorosa!... Qualidades? Defeitos? No seu conjunto, qualquer coisa que, não sendo, de modo algum, exclusivo nosso, nos diferenciava e amalgamava, que já vinha de trás, daqueles que nos tinham precedido, nos serviam de exemplo e nós procurávamos imitar.

Quando chegámos, ainda toda essa tradição estava de pé, era sentida e acarinhada. Ouvia-se o tilintar das esporas e o chape-chape das espadas suspensas nos arreios, batendo nos flancos dos cavalos.

Mas, o Tempo tinha continuado a rodar. Os homens tinham experimentado novas tácticas e a partir do momento em que à batalha de movimento se sucederam as frentes estabilizadas, nasceu a necessidade de se procurar novos meios que as pudessem romper, para obter uma decisão.

Nasceu o carro de combate, e os meios materiais passaram a ter uma maior influência ou por outra, o Homem passou a necessitar de ter ainda mais qualidades, quer físicas quer morais; precisou de ser mais qualificado, para poder servir-se desses meios cada vez mais complexos. Por muitos cérebros mecânicos que se inventem continua imutável a lei que impõe a centelha humana para animar a massa inerte do material, por mais aperfeiçoado que este seja, para lhe conferir valor.

Já nos nossos dias, surgiu uma nova guerra, ou continuou aquela que principiara quando nascemos, e que ainda não acabou. O Mundo,

Revista da Cavalaria

à procura de uma posição de estabilidade para a solução dos seus problemas, continua e continuará, sabe Deus até quando, a ser sacudido por convulsões.

No decorrer desta grande conflagração, o carro, que nascera durante a sua primeira fase, atingiu a maioridade. De arma de rotura, na concepção inicial, passou a elemento fundamental da manobra de movimento. E a ele foram atribuindo e pedindo a execução das missões que eram tradicionais da Cavalaria a cavalo. Era o digno sucessor dos carros de foices dos egípcios, dos elefantes de Haníbal ou das massas de Cavalaria, chapeadas de ferro, da Idade Média. Continuavam os mesmos conceitos a ser aplicados com novos meios.

Na planície polaca chocaram-se duas concepções diferentes de fazer a guerra — uma brilhante, de caras ao vento e lâminas nuas; em que os homens se vêem uns aos outros e se animam com os seus gritos e os seus gestos; outra, pesada e soturna, de massas escuras de engenhos, dentro dos quais os homens quase se apagam e só mantêm contacto entre si através de ténues vibrações de aparelhos eléctricos.

Venceu a segunda e, nesse momento, o Homem eliminou do campo de batalha o seu servidor de tantos séculos, impondo a supremacia dos meios mecânicos.

Não foi imediatamente que este conceito se reflectiu na organização da nossa Cavalaria. Considerações de ordem vária, em que predominavam as de ordem económica, adiaram, sucessivamente, a adopção de uma solução integrada nas doutrinas modernas.

Compreende-se, por outro lado, que se torne difícil, àqueles que tiveram a sua formação e preparação intelectual vasada em moldes diferentes, reconhecer e acompanhar uma tão longa modificação de conceitos, em que desde sempre acreditaram, e de sentimentos que lhe são caros. Estima-se, certamente, um animal com o qual se partilharam vitórias; do qual assistimos ao desenvolvimento e acompanhamos os sofrimentos e as dores; ao qual temos ligados momentos de prazer. É um ser irracional mas com instintos e reacções, que nós educamos e conduzimos, capaz de sentir os nossos desejos e de obedecer à nossa vontade.

Se, porém, pusermos de parte considerações de ordem afectiva e não particularizarmos, excessivamente, o campo da sua possível acção, não nos parece lícito admitir a aplicação das tropas a cavalo nas actuais acções de guerra. Haverá, certamente, pois nada é definitivo neste Mundo, determinados terrenos favoráveis à sua acção e forças de características definidas contra as quais elas poderão ser aplicadas. Mas, o

Revista da Cavalaria

que não é possível, por muito que isso nos custe, é generalizar uma tal concepção, já largamente ultrapassada em qualquer exército moderno.

A nossa evolução tem sido lenta; talvez, até, lenta demais. Podemos verificá-la através da transformação sucessiva das unidades de cavalaria das nossas divisões. Motorizando, hoje, os trens; pondo mais tarde os engenhos de acompanhamento sobre lagarta; introduzindo um esquadrão sobre rodas, chegamos, assim, a um tipo de unidade mista. Como todas as soluções intermédias, de compromisso entre duas concepções, não podia satisfazer senão a alguns e constituía um sério embaraço para todos os outros, em especial para os que tinham de resolver temas em provas escolares. A sua aplicação exigia um virtuosismo e uma sensibilidade que se não coadunavam com a vida real em que só as coisas simples podem resultar.

Com a organização de unidades de cavalaria motomecanizadas para as divisões e de outras blindadas, entramos, finalmente, mas talvez atrasados, na corrente das doutrinas modernas. Encontramo-nos assim no ponto de viragem e serão poucos todos os esforços que se fizerem para recuperar o tempo perdido e podermos alcançar o grau de eficiência que se tornará necessário para bem cumprir as missões que forem atribuídas à nossa Arma.

Quanto a nós, estamos convencidos de que só se atingirá tal objectivo quando nos integrarmos nos problemas que decorrem do emprego dos blindados, sob os seus diferentes aspectos, quando eles nos forem tão familiares quanto nos eram os das tropas a cavalo. Por outro lado, julgamos que é essencial manter o mesmo espírito que nos animava quando servíamos naquele tipo de tropas, pois que as missões atribuídas e a condução das acções, para as levar a cabo, têm as mesmas características de então.

Exemplos da última guerra parecem fundamentar o nosso ponto de vista. Um dos heróis de que a França se orgulha, apesar de através da sua História ter sido tão pródiga em figuras heróicas, foi Philippe François Marie de Hauteclocque. Nele concorriam as mais altas virtudes e qualidades que um cavaleiro poderá ambicionar ter e que permitem considerá-lo um Bayard dos tempos modernos. Foi, contudo, um extraordinário condutor de tropas de carros e ficou conhecido pelo nome de Leclerc.

Outro cavaleiro de origem marcou posição de destaque à frente de blindados, o General Patton. As suas tropas atravessaram as planícies da França, numa arrancada avassaladora, em direcção ao coração da Alemanha, sob o impulso de um «mot d'ordre» bem cavaleiro — «P'rá

Revista da Cavalaria

frente» —. Mas, mesmo agora, no conflito da Coreia, como se poderão considerar outra coisa que não acções bem cavaleiras as conduzidas por uma divisão de carros americana — a 41.^a Divisão de Cavalaria? Note-se bem, de Cavalaria!

Todos estes homens, desde os altos comandos até ao mais simples executante não estariam animados do mesmo espírito que temos procurado manter vivo entre nós, na nossa Arma?

E, para ser assim, não concorrerão neles, em maior ou menor grau, aquelas qualidades de decisão, audácia, firmeza e confiança que devem ser características de cavaleiros?

Encontramo-nos no momento preciso em que modificam os meios de que dispomos para realizar as nossas missões. De futuro, não nos será possível dispor de tropas a cavalo naquele volume que impunha o nome dado à Arma em que servimos. Mas o cavalo manter-se-á, mesmo, para as tropas de carros, como elemento de preparação do seu pessoal, não só para a preparação física mas — e principalmente — do moral.

Encontramo-nos, assim, num ponto de viragem. Novos horizontes se abrem à acção da nossa Arma; novos trabalhos e canseiras para a tornarmos eficiente e digna do passado que tem. Mas tal só será conseguido, é convicção nossa, se se mantiver o mesmo espírito que sempre a animou; a viragem só existe do ponto de vista dos meios utilizados. Aqueles que deles se servirem terão de ter as mesmas qualidades ou defeitos, que sempre tiveram os que se honraram de ser cavaleiros, e, também, só assim a nossa Arma continuará a ser, com ou sem cavalos, sobre rodas ou com carros, acima de tudo — Cavalaria.



O Exercício

“ROSEBUSH”

pelo Brigadeiro LUCIANO GRANATE



Ainda como coronel tirocinado, tive-
mos o prazer de fazer parte da missão
que, chefiada pelo Ex.^{mo} Senhor Ge-
neral Ferreira de Passos, visitou a
Alemanha em Setembro de 1952.

Foi a 4 deste mês que chegámos a
Frankfurt. Como único oficial de ca-
valaria que fazia parte da missão tive-
mos destino diferente dos restantes. Tal circunstância permitiu-nos
apreciar muito de perto todos os detalhes do exercício relativos à repre-
sentação do inimigo. Julgamos, pois, interessante transmitir aos nossos
camaradas de Arma, por intermédio da nossa Revista, um resumo do
que se passou durante os breves dias em que nos encontrámos entre esses
magníficos e bravos rapazes que são os americanos, que fazem exercí-
cios de campanha com o mesmo entusiasmo com que disputam um
desafio de «foot-ball» ou de «rugby».

No Grande Quartel General em Frankfurt logo nos impressionou a
actividade imensa que reinava nas grandes instalações de campanha.
Numa vasta sala tomámos contacto com oficiais de várias nacionalida-
des que iam também assistir e tomar parte nos exercícios.

Os oficiais gerais (estrelas) iam como «observers», os coronéis,
mesmo tirocinados, iam para «training». A estrela de coronel tirocinado
tinha, portanto, para eles pouco valor.

Numa sala próxima trabalhavam vários oficiais do E. M. em
grandes cartas colocadas na parede e como nos tivéssemos aproximado
delas, preparados para ver os dispositivos marcados, um coronel ameri-

Revista da Cavalaria

cano, meio a sorrir, disse-nos que nada podíamos ver, pois íamos para as forças inimigas representadas pelas Divisões de Cavalaria Blindada.

Realmente, dentro de momentos, veio apresentar-se-nos um capitão americano que tinha ordem para nos conduzir em automóvel para o C. C. B (Combat Comand B) da 2.^a Div. Blind, indo connosco, também, um coronel grego que se ia reunir ao C. C. A.

Dirigimo-nos para a Região de Kassel, a 100 km., aproximadamente, de Frankfurt. A meio caminho almoçámos numa das cantinas que o Exército americano tem junto das estradas para servir as suas tropas. A cantina tinha um agradável aspecto de conforto. Cada um entrava na bicha, sem distinção de postos nem de raças; ao chegar ao balcão, empregadas alemãs davam os pratos com o que se pedia e que cada um transportava para uma das várias mesas existentes onde comia.

Seguimos viagem e ao chegar à região de Kassel começámos a sentir a seriedade com que o exercício era realizado, pois o capitão americano, que não sabia exactamente onde se encontrava o P. C. do C. C. B, teve dificuldade em obter dos soldados informações, porque estes receavam que se tratasse de «espionagem» do exercício.

Depois de várias tentativas, acabámos por localizar o P. C. que se encontrava num bosque onde o carro onde íamos não podia chegar, porque só era praticável a viaturas T. T. Os caminhos enlameados estavam impraticáveis por causa da passagem dos blindados. Como, providencialmente, aparecesse uma ambulância do C. C. B. o capitão perguntou-nos se não nos importávamos de seguir naquela viatura; imediatamente tomámos lugar nela e, assim, chegámos ao P. C. Aqui, fomos apresentados ao Coronel D. Johnson, com quem ficámos, seguindo o capitão com o coronel grego para outro Agrupamento de Combate da 2.^a Div.

O Coronel Johnson, soldado experimentado da última guerra, que tinha tomado parte no ataque à Normandia como combatente das colunas de Patton, era um homem de guerra, sem gentilezas demasiadas, mas atencioso. Pôs-nos logo ao corrente da situação e como estava para fazer uma visita aos postos avançados convidou-nos imediatamente para irmos com ele, o que aceitámos com agrado. Até ao cair da noite andámos em jeep por caminhos de lama de meio metro percorrendo as posições. Quando regressámos ao P. C., visitámos o quarto do coronel instalado num grande camião e dispendo de cama, lavatório, mesa de trabalho e uma grande prancheta para cartas.

Depois de jantarmos com os restantes oficiais, fomos para a barraca, profusamente iluminada, onde estava montada a secretaria.

Revista da Cavalaria

Em pranchetas estavam dispostas enormes cartas, todas cobertas com mica, onde cabos amanuenses iam marcando as posições e as missões que o Comandante ia atribuindo aos Comandantes dos sub-agrupamentos.

Em dada altura apareceu um major americano que o Coronel desconfiou ser «espião».

Achámos curiosa a forma como trataram esse oficial, guardando sigilo dos trabalhos em curso e procurando que ele saísse o mais depressa que puderam.

No dia seguinte visitou o acampamento o General Read, Comandante da 2.^a Div. Blindada, tendo-se estudado profundamente a situação, a missão e os detalhes da execução do ataque.

O movimento para a base de ataque iniciou-se às 21 horas sendo rigorosa a ocultação de luzes excepto quando as viaturas percorriam qualquer trecho da grande auto-estrada, porque aí confundiam-se com as do grande tráfego que passava.

Permanecemos durante essa deslocação no grande camião secretaria, equipado com aparelho emissor-receptor, assistindo à realização das constantes ligações com o comando superior e com os sub-agrupamentos. Embora a marcha se fizesse por vezes a 5 km. à hora, como o condutor pouco podia ver, por vezes, dentro da viatura parecia um temporal desfeito quando se passava em caminhos cheios de covas feitas pelos blindados; caía tudo das mesas e não era possível permanecer sentado nas cadeiras, só havendo o recurso de nos sentarmos no leito do camião. Às 2 horas da manhã chegávamos à base de ataque e às 4 horas tudo estava preparado para que o ataque se iniciasse ao romper do dia. Ninguém se despiu, nem mesmo se deitou.

Toda a tropa tinha recebido, na véspera, a ração de combate composta de 6 latas de conserva de sopa e de carne, bolachas, doce, café e leite em pó, açúcar, pastilhas para verdunizar a água, papel W. C., cigarros e fósforos, não tendo o comando mais preocupações com a alimentação dos homens, pois cada um comeria quando pudesse e quisesse.

Logo que se iniciou o ataque, o Comando passou a ter à sua disposição 4 Jeeps, todos com posto emissor-receptor em ligação permanente com os sub-agrupamentos e com o agrupamento de flanco, pertencente à Div. Blind. francesa, para o que tinha um intérprete francês. A ligação com o comando superior era feita por intermédio do oficial de operações que seguia, à retaguarda, no camião secretaria.

Durante a progressão do ataque foi posto à nossa disposição um jeep, no qual acompanhámos sempre o Coronel Johnson, tendo po-

Revista da Cavalaria

dido apreciar o interesse e a seriedade com que foi executado o exercício.

Os incidentes, que eram comunicados com frequência, obrigavam a tomar rapidamente novas disposições porque a missão impunha velocidade, como se verá adiante ao descrever os detalhes do exercício.

O sistema de árbitros (Umpires) é imensamente eficaz e o único meio de fazer os exercícios de campanha, principalmente os de movimento e de acção dupla, de modo a fazer interessar os oficiais, graduados e praças. Por outro lado, a Direcção Superior do Exercício pode fazer uma ideia exacta de tudo quanto se vai passando e da maneira como se vão executando as diferentes acções.

Os árbitros neste exercício compreendiam 1.400 americanos e 880 franceses. Por aqui se faz uma pequena ideia do valor atribuído a estes informadores.

Os árbitros são oficiais de várias patentes tendo como chefe um Coronel que orienta a sua acção. Julgámos indispensável estudar a fundo este sistema e pô-lo em execução entre nós, pois é evidente que o Comando, só com o seu Estado-Maior, não pode fazer ideia como as pequenas unidades se comportam.

O árbitro tem um Jeep à sua disposição, muitas vezes com um pequeno reboque, onde tem uma barraca para bivacar no ponto que julgar mais conveniente para observar a acção dos executantes.

Conhece-se o oficial que serve de árbitro por trazer no braço esquerdo um braçal branco e uma tira branca em volta do capacete.

Todos os respeitam e ninguém procura saber qual a especialidade que ele vai observar.

O árbitro vê o que quer, toma os seus apontamentos e todos sabem que as apreciações feitas influem na classificação dos oficiais e dos graduados.

Os árbitros observam, por exemplo, o local onde uma pequena unidade acabou de estar estacionada, verificando se foram cumpridas as regras de higiene determinadas; a forma como uma unidade entrou em posição; se o início da marcha se fez à hora marcada, etc.

Vimos um árbitro considerar fora de combate um ou dois tanques pertencentes a uma sub-unidade que estava empenhada em reduzir uma resistência e que não tinham progredido de forma satisfatória.

Também achámos muito curioso o que se passava com os prisioneiros. Um capitão, comandante de uma bateria que não retirou a tempo, foi considerado prisioneiro e sujeito aos interrogatórios nos vários escaloões, tal como se passaria em campanha.

Revista da Cavalaria

Tudo vimos fazer com a maior realidade. Alguns oficiais eram combatentes da última guerra e nem por isso deixavam de executar com toda a seriedade as suas missões.

O General Read, Comandante da Div., colocou no peito dos oficiais que se distinguiram no exercício, distintivos de cartão em diferentes cores, conforme a apreciação atribuída e que eles receberam com o maior apuro e apreço, apesar de terem no peito verdadeiras medalhas ganhas na última guerra.

No 3.º dia de exercício achámos muito interessante um episódio em que o Coronel Johnson mostrou bem o interesse com que estava conduzindo as suas tropas. Tínhamo-nos deslocado para um ponto alto, donde se podia observar à vista a progressão dos sub-agrupamentos e onde os aparelhos de rádio trabalhavam melhor.

Em dado momento, o Coronel recebeu a comunicação de que tinha sido referenciada para a nossa retaguarda uma pequena fracção de carros inimigos. Aumentou imediatamente a actividade das comunicações transmitindo ordens para que essa fracção de carros fosse cercada e não se infiltrasse para além da reserva, com risco de surpreender o Comando da Div. Enquanto não se esclareceu a situação, o que durou cerca de uma hora, ele viveu momentos de ansiedade que nós muito admirámos pela seriedade que isso representava para a execução do exercício.

Houve opiniões diferentes, entre os oficiais superiores, quanto à necessidade de reduzir a ameaça daqueles carros ou continuar a impulsionar a progressão.

Também esses carros poderiam aprisionar o Comando do Agrupamento, o que seria uma situação desagradável.

A intervenção da reserva móvel resolveu o incidente e reconhecemos que foi com grande satisfação que o Coronel deu ordem para prosseguir na direcção principal.

O ataque durou três dias consecutivos, durante os quais as tropas não descansaram porque a missão lhes impunha alcançar o On dentro de 72 horas. No final, quando assistimos à crítica no Grande Q. G. estavam todos extenuados. Alguns dos oficiais fizeram esforços tremendos para não dormir e não foi porque a crítica fosse longa demais ou fastidiosa.

O exercício teve lugar a N. de Frankfurt que é pouco acidentada, mas cheia de florestas densas e de grande porte onde, por vezes, os carros não podiam entrar senão pelos numerosos caminhos que as cortavam e que ficavam revolvidos e quase impraticáveis a carros que não fossem T. T.

Revista da Cavalaria

Durante quase todo o tempo choveu, mas isso só prejudicou as operações relativamente à aviação, porque as tropas de terra estão perfeitamente preparadas para enfrentarem todo o tempo.

Desde o general ao soldado todos têm bonets, fatos e botas impermeáveis além de boas tendas e sacos também impermeáveis onde confortavelmente se podem deitar em qualquer terreno mesmo molhado. Felizmente que nós nos tínhamos preparado com umas botas baixas inteiras e afiveladas ao lado que permitindo calçar 3 pares de meias de lã protegiam completamente daquela humidade dos bosques onde nem o Sol pode entrar. Uma gabardine defendia-nos o fato, mas quanto a cobertura de cabeça sentiamo-nos inferiorizados junto daqueles soldados que nem se lembravam que chovia. Numa marcha de noite que fizemos num Jeep sem cobertura, ficámos com o bivaque de tal forma encharcado que nem o tirei mais da cabeça, mesmo quando entrámos num camião coberto, pois se o tirássemos depois ser-nos-ia difícil tornar a colocá-lo.

Impõe-se o estudo do nosso uniforme de campanha, pois como está, não é possível entrar em operações nem de verão nem de inverno.

Admirámos a disciplina dos soldados. Perfeitamente compreendida, permite um grande à-vontade entre os oficiais e mesmo destes com os sargentos, cabos e soldados o que só se consegue com um elevado grau de educação. Chega a chocar a maneira como, em momentos fora do serviço, vivem todos em grande camaradagem, mas tivemos ocasião de observar que o Comandante manda de facto e as suas ordens são rigorosamente cumpridas.

Não há punições frequentes para os soldados, por faltas pequenas, segundo nos contou o Coronel Johnson, mas as grandes infracções disciplinares são punidas rigorosamente e os homens irradiados das unidades. A guerra deve ser para esses bravos soldados um jogo em que arriscam a vida desportivamente, com uma alta compreensão de honra.

Descrição do exercício

Nos jornais *Star and Stripes* do Exército Americano na Alemanha e *Hell on Wheels* da 2.^a Divisão Blindada lia-se o seguinte título sugestivo:

«75.000 americanos e franceses em manobra livre.
Ordem de ataque para as 06h00 de 6 de Setembro».

Revista da Cavalaria

Esta ordem lançou 75.000 soldados americanos e franceses em acção, por tempo frio e chuvoso nas manobras do «Exercício Rosebush», num novo estilo livre de jogo de guerra, no qual os chefes puderam usar a sua própria iniciativa e génio, dentro de amplos limites.

«Rosebush», foi concebido pelo 7.º Exército dos E. U. e o seu Comandante, General Charles Bolte, teve uma prova real da capacidade das tropas americanas e francesas no ataque e na defensiva.

As formações em oposição eram as seguintes:

I — *Inimigo* — Cerca de 25.000 homens formando a ponta de lança de uma poderosa força com a missão de fazer um ataque relâmpago de surpresa, vindo de Leste ao longo do histórico corredor de invasão de Hesse, para se apoderar das passagens vitais do Reno entre Mainz e Bonn.

II — *Tropas amigas* — Compunham-se de 50.000 homens com a missão de amortecer o choque inicial do ataque e retardar o avanço de 72 horas, com uma manobra em retirada, garantindo as passagens do Reno entre Mainz e Bonn, permitindo a instalação numa forte linha defensiva a W. do Reno e o lançamento para a frente de reforços.

III — *Terreno* — Compreendia quase todo o departamento de Hesse com os seguintes limites:

Ao Norte a linha Bonn-Kassel;

Ao Sul a linha Bad Kissingen-Danmtad até às margens do Reno;

A Oeste o Reno;

Ao Este a linha Kassel-Bad Kissingen.

A penetrante principal era a auto-estrada Kassel-Frankfurt que serpenteia nos terrenos cheios de bosques até desembocar próximo da linha férrea e estrada de Giessen no vale do rio Lahn, estendendo-se depois até ao Reno.

As 05h59 do dia 6 de Setembro as forças atacantes, em contacto na orla Este de Kassel e em dispositivo de ataque, tinham no sector Sul a 2.ª Divisão Blindada dos E. U. e no Norte a 1.ª Divisão Blindada Francesa, sob o Comando-Geral do Major General George Read, Comandante da 2.ª Divisão Blindada Americana, sendo o general Marcel De-cours, Comandante da 1.ª Divisão Blindada Francesa.

Revista da Cavalaria

Na defensiva e em frente da 2.^a Divisão Blindada Americana estava a 4.^a Divisão de Infantaria Americana e E. N. E. do V Corpo Americano.

Em frente da 1.^a Divisão Blindada Francesa estava o II Corpo Francês sob o Comando do Tenente General Paul Cherier.

As forças atacantes americanas tinham como distintivo o bonet de campanha com pala e os franceses o bonet usado no ultramar enquanto os que estavam na defensiva usavam capacetes.

Neste exercício toda a força aérea foi atribuída ao atacante. 120 aparelhos da 12.^a F. A. fizeram 480 saídas no máximo, a pedido dos comandos atacantes.

Assistindo ao Exercício «Rosebush», estiveram, além do Marechal da França Alphonse Juin, observadores estrangeiros de quase todos os países da N. A. T. O.

Os três dias de ataque decorreram como se segue:

No 1.^o dia, com um céu pesado e debaixo de chuva, o «atacante» lança as suas pontas de lança blindadas assaltando através da fronteira Este em 4 colunas, levando na sua frente os exploradores e a cortina avançada da defesa.

Para desviar a atenção do ataque de surpresa que a 2.^a Divisão Blindada ia realizar na zona de Bad Wildungen-Fritzlar-Hersfeld, o General Read, seu Comandante, ordenou à Companhia de auto-falantes e propaganda e a um batalhão de reconhecimento que executassem uma acção de diversão simulando um avanço de blindados a coberto de uma cortina de fumo.

Esta manobra mostrou-se eficaz, porquanto o verdadeiro ataque da divisão forçou as forças de defesa a retirarem para sul.

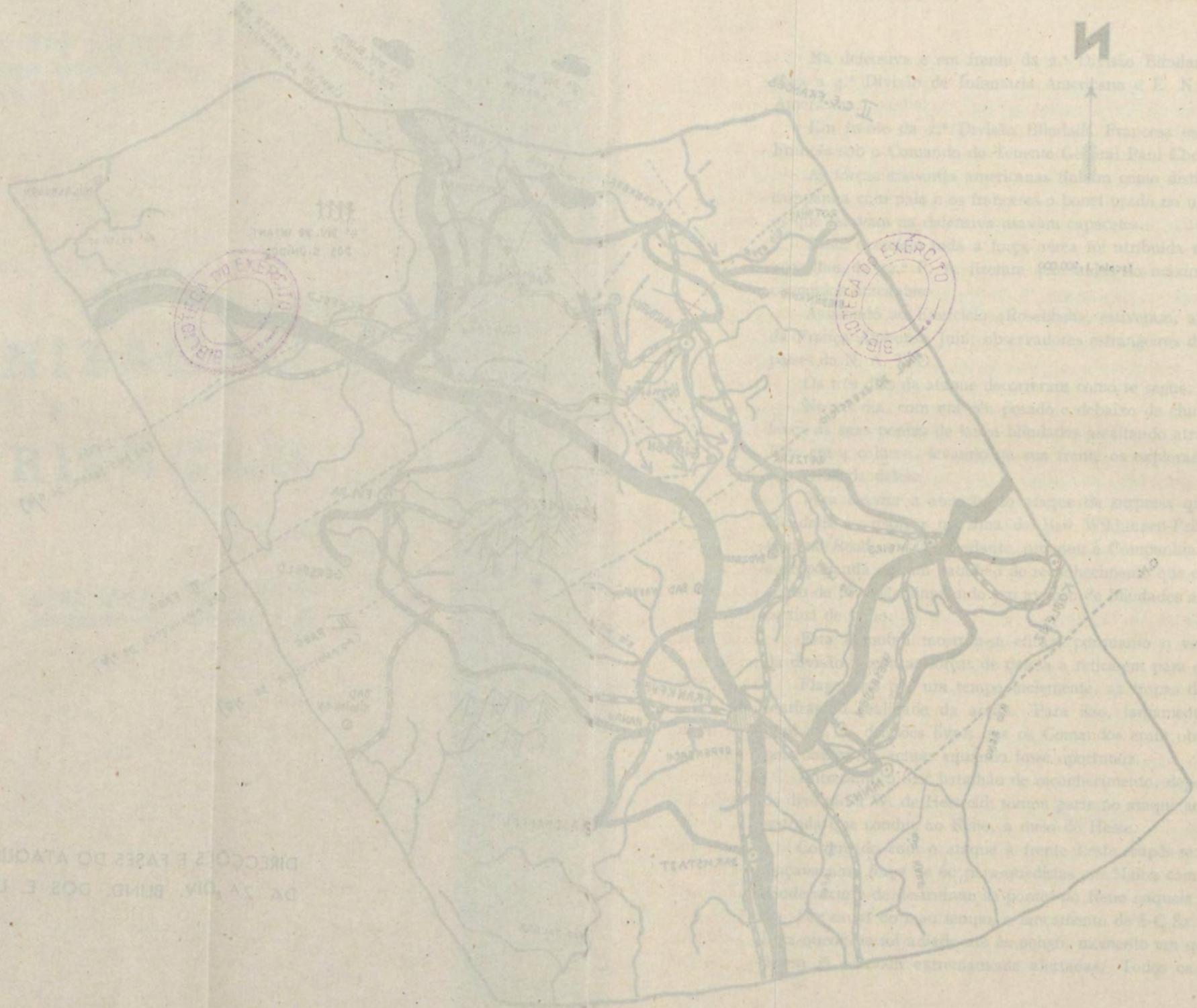
Flageladas por um tempo inclemente, as tropas dos dois partidos sentiram a realidade da acção. Para isso, largamente contribuíram, também, as decisões livres que os Comandos eram obrigados a tomar pois tinham de actuar «quando fosse oportuno».

Entretanto o 82.^o batalhão de reconhecimento, depois da sua acção de diversão a W. de Hersfeld, tomou parte no ataque ao longo da auto-estrada que conduz ao Reno, a meio de Hesse.

Conjugado com o ataque à frente Leste, supôs-se que o atacante lançava uma força de 60 pára-quedistas em Mainz com a missão de se apoderarem e de destruírem as pontes do Reno naquela região.

Por causa do mau tempo, o lançamento de 8-C 82 S da 12.^a F. A. Pára-quedistas foi adiado até às 09h56, momento em que as tropas da defesa já estavam extremamente alertadas. Todos os pára-quedistas,

DEPARTAMENTO DE HESSE ONDE SE REALIZOU, DE 2 A 9 DE SETEMBRO DE 1922, O EXERCÍCIO "ROSTKIN"
COM AS FORÇAS DE OCUPAÇÃO FRANCÊSAS E AMERICANAS



DIREÇÃO E FASES DO ATAQUE
DA 2ª DIV. BRIG. DOS E. U.

Revista da Cavalaria

por hipótese, foram mortos ou capturados em 28 minutos, sem se terem aproximado das pontes.

No sector Norte, a 1.^a Divisão Blindada Francesa lançou dois fortes Agrupamentos de Combate (3 e 7) contra a primeira linha de defesa apoiada no baixo curso do Eder, grande represa que transforma o rio num grande lago chamado Edersee.

Completando esta acção, os franceses lançaram um batalhão em reconhecimento pelo Norte do Edersee, para proteger o flanco.

No sector Sul, um forte Agrupamento de Combate (Combat Comd. B) — carros, infantaria blindada e engenharia (sapadores) — irrompeu pelas pontes do Eder ao Norte da cidade de Fritzlar.

O 82.^o Batalhão de reconhecimento protegia o flanco Sul do atacante.

A superioridade aérea deu ao atacante a vantagem de encontrar as pontes sobre o Eder intactas, permitindo assim às unidades francesas e americanas, atravessar este rio no 1.^o dia e fazer uma penetração em território inimigo de 16 km. até ao anoitecer.

Neste 1.^o dia as unidades de defesa empenharam-se fortemente.

As extensas demolições nas linhas de caminho de ferro e nas principais pontes e as crateras abertas nas estradas, obrigaram o atacante, blindado, a seguir por terrenos que lhe eram desfavoráveis.

Ao anoitecer do dia 6 o atacante tinha-se apoderado de uma linha que, de Norte para Sul, vinha de Edersee, passava por Frankeneau, Omundeu, Ziegenhain e pela auto-estrada a Norte de Bad Hersfeld e tinha um saliente a Norte de Edersee.

No 2.^o dia ao princípio da tarde o atacante continuou o seu poderoso avanço na direcção S. W. rompendo para a frente com os seus golpes de lança outros 16 kms.

O Agrupamento de Combate B, atingiu as orlas de Alsfeld, a meio caminho entre Kassel e Frankfurt.

No sector Norte os Agrupamentos de Combate 3 e 7, tiveram como principal direcção de ataque a penetrante que serve Frankeuberg e alcançaram a área montanhosa de Rothaar.

Durante as primeiras 36 horas, os defensores, agarrando-se ao terreno retardaram o atacante por um tempo superior ao que lhe era imposto pela missão atribuída, mas ao meio dia o tempo repentinamente melhorou o suficiente para que a força aérea pudesse cooperar com o atacante.

Assim, à tarde, no maior empenhamento feito até então, o Agrupamento de Combate B, atacou ferozmente o Sub-agrupamento de defesa

Revista da Cavalaria

(Le Moyne), composto do 40.º Batalhão de Carros e unidades de infantaria da 4.ª Divisão, numa batalha campal próximo da vila de Homberg no triângulo Marburg-Giessen-Alsfeld.

O Sub-agrupamento Le Moyne perdeu 15 carros de combate e retirou sob a protecção dos 8.º e 22.º Regimentos de Infantaria instalados em posição.

Ao cair da noite do 2.º dia, os defensores estavam ainda de posse da central de Hesse, das cidades de Marburg e Giessen, cobrindo a auto-estrada. Combatiam manobrando em retirada, figurando intensas demolições e obrigando o atacante a empregar constantemente o seu poder aéreo e blindado.

Para manter a perfuração para W., o atacante empregou a reserva, deslocando-a para uma linha a sul da auto-estrada e ligeiramente a W. dos Montes de Vogelsberg.

O atacante estava agora numa região mais favorável para os carros e tinha à vista os vales dos rios Lanh e Sieg que conduziam para o Reno.

O tempo voltou a estar incerto no 3.º e último dia.

Foi um período de 24 horas de «actuar ou morrer» para ambos os partidos, antes de terminar o limite de 72 horas dado para cumprirem as suas missões.

No sector Norte os Agrupamentos de Combate 3 e 7 passaram a vau o Rio Lanh algumas milhas a Norte de Marburg, passando perto desta cidade pelo meio-dia e como o Exercício «Rosebush» terminou ao anoitecer, estas Unidades Blindadas apoderaram-se das alturas de Lollar e ficaram a poucas milhas de Giessen.

O Agrupamento de Combate B aproveitando uma momentânea melhoria de tempo, tomou à força os subúrbios de Giessen, chave de Frankfurt e do rio principal.

Em Giessen o Agrupamento de Combate B encontrou desesperada resistência da 4.ª Divisão de Infantaria.

Uma notícia imprecisa fornecida pela defesa sobre a captura do Brigadeiro General Hamilton Howze, adjunto do comando da 2.ª Divisão Blindada não se manteve muito tempo pois que as unidades do Agrupamento de Combate B lançaram uma feliz acção de socorro e libertaram aquele oficial de alta patente, antes de ter podido ser interrogado.

O General Howze foi aprisionado, quando, no seu Jeep, fez um golpe de sonda profundo demais, na frente do 43.º Batalhão de Infantaria, na auto-estrada a Este de Giessen.

Entretanto, o Agrupamento de Combate B progredindo sempre em direcção ao Reno, conjugando os seus elementos de ataque e empre-

Revista da Cavalaria

gando a mesma manobra de envolvimento que provocou a queda de Alsfeld, conquistou o espaço suficiente para progredir a Norte e a Sul da auto-estrada.

A chuva continuou roubando a superioridade aérea à Divisão Blindada e os restos das unidades de defesa, que se lhe opuseram na batalha de Homburg, concentraram-se para opor uma forte resistência ao Agrupamento de Combate B na sua progressão.

Embora as forças atacantes tenham aproveitado bem as estradas, parecia virtualmente impossível alcançar as passagens do Reno no limite das 72 horas.

As forças de defesa davam a impressão de poderem parar os golpes das blindadas e conseguirem que os seus reforços avançassem do W. para posições já preparadas.

As 18h00 do último dia o problema tinha caído num ponto morto. O esforço do atacante era de louvar e as suas unidades continuavam a procurar cobrir os últimos quilómetros que as separavam do objectivo final.

Todas as situações mostraram que, embora nenhum dos partidos tivesse ganho a guerra «simulada», ambos colheram bastantes ensinamentos das principais acções da batalha.

Os árbitros e críticos chamaram a estas 72 horas de jogo de guerra um «stand off» entre as duas forças opostas.

Os defensores cumpriram a sua missão de gastar e demorar o seu adversário durante o tempo que lhe era imposto e ainda de preparar uma posição de resistência, entre Giessen e o Reno, como um futuro obstáculo à penetração inimiga.

Crítica final

Como as tropas já cansadas retiravam no dia seguinte para os seus estacionamentos normais, os oficiais superiores americanos e franceses, assistiram a uma crítica depois das manobras onde se discutiram as operações, se analisaram os ensinamentos colhidos e as deficiências a corrigir.

Todos concordaram nos seguintes pontos:

- 1.º — Os Quartéis Gerais têm agora uma melhor organização nas forças de defesa aliadas na Alemanha.

Revista da Cavalaria

- 2.º — O exercício de ataque e de defesa realizado, não deve ser considerado como prova de algum plano aliado existente para estabelecer a defesa contra um possível ataque real, vindo de leste, de um verdadeiro agressor, embora alguns dos problemas concebidos possam ser semelhantes.
- 3.º — A concepção do exercício «Rosebush», curto, livre e de dupla ação, pode ser adoptado para futuros jogos de guerra, como um aperfeiçoamento do chamado control de manobras.
- 4.º — A entusiástica e viva cooperação das tropas americanas e francesas foi evidente.
- 5.º — As tropas Blindadas e Motorizadas têm ainda tendência para estarem ligadas à estrada, não se apeando e desenvolvendo convenientemente quando são forçadas a parar.
- 6.º — A cooperação e a inter-participação de forças terrestres francesas e americanas e da 12.ª Força Aérea, conseguiu fazer «velhos companheiros».

Merecem especial menção pelos seus serviços, os árbitros franceses e americanos, que contribuíram para o realismo da manobra.

O Tenente-General Manton S. Eddy, 1.º Comandante do 7.º Exército disse na sessão de crítica:

«Os resultados foram o mais encorajantes para mim. As tropas tiveram uma boa oportunidade de mostrar o que podem fazer e tiraram dela todo o partido. Foi uma coisa animadora observar que o programa de treino das nossas tropas conduziu a um resultado integrado nas actuais condições de combate. A íntima cooperação entre as unidades francesas e americanas constituiu um esforço em conjunto digno das nossas melhores tradições».

No jornal da 2.ª Divisão Blindada *Hell on Wheels* em referência às manobras, começava um artigo pela seguinte apreciação:

«O realismo caracterizou o exercício «Rosebush».

Antes de terminar queremos referir-nos ainda a um aspecto destes exercícios que julgamos muito curioso.

Revista da Cavalaria

Emprego de uma unidade de guerra psicológica

Um aumento de meios para as forças do «Atacante», foi preparado pela 5.^a companhia de auto-falantes e propaganda.

A sua missão era promover a guerra psicológica contra as forças da defesa por forma a torná-las o mais descontentes e infelizes quanto possível.

As «munições» usadas pela companhia consistiam em boatos, panfletos, emissões de rádio-difusão e infiltração.

Colocada no centro do dispositivo da 2.^a Divisão Blindada, a companhia trabalhava assiduamente em dois camiões contendo gravuras e plantas e um alto-falante, seu principal «armamento» para manobrar.

Um dos meios eficazes para afectar o moral dos defensores era a distribuição diária de um folheto, *New Digest*, entre as tropas, contendo notícias falsas, com o fim de lhes abater o moral.

Um dos boletins que teve maior sucesso foi o que convencia da presença de uma cobra venenosa naquela região, conhecida por «Krenzotter», que mordida todo aquele que a molestasse.

Actualmente tal cobra encontra-se na Baviera mas está praticamente extinta; contudo, a Companhia notou que essas notícias causaram noites de desassossego entre os defensores.

Fabricar panfletos desanimadores era outro meio de actividade da Companhia.

Alguns continham um retrato de uma bonita rapariga dizendo: «sargento, o seu pelotão nunca se apresentou desta maneira».

Outros continham exortações aos soldados para pensarem no conforto da casa, nos jantares de domingo, ou nas noites familiares de sábado, em lugar da sujidade e lama no campo, noite de guarda e salmão frio com feijão.

Em conclusão, insinuava: «O que você precisa é pensar nisto um pouco».

Na manhã em que a 2.^a Divisão Blindada deu o salto de arranque para o ataque, a companhia tocou discos com ruídos de carros de combate, no meio de uma cortina de fumo, durante o ataque de diversão feito próximo de Hersfeld a que já nos referimos.

O efeito era exactamente o do ruído de um batalhão de carros, completo, em movimento.

A companhia também conseguiu infiltrar elementos na retaguarda das linhas inimigas, alguns disfarçados com uniformes de trabalhadores

Revista da Cavalaria

dos serviços de defesa e outros como civis que procuravam assistir aos exercícios.

Estes elementos espalhavam boatos e procuravam influenciar os soldados e por todas as formas desmoralizá-los.

Também forjavam inteligentes notícias e distribuíam panfletos em língua alemã com falsas informações acerca da 2.^a Divisão Blindada e dos seus aliados franceses.

O lema da 5.^a companhia de auto-falantes e propaganda foi sempre: «Se não apanhar um único homem com uma espingarda, espalhe um boato»; e assim procederam em auxílio dos Agrupamentos da 2.^a Divisão Blindada, destruindo o moral das tropas da defesa, durante a sua manobra em retirada para Mainz.



SANTA MARGARIDA



pelo Capitão HENRIQUES D'AVELLAR

Em Outubro do corrente ano reuniram-se no Campo de Instrução de Sta. Margarida as unidades que constituem a 1.^a Divisão C. E. P. a fim de realizarem exercícios finais de conjunto, e ainda unidades de serviços destinados ao seu apoio logístico, o qual não podia ser fornecido, orgânicamente, pela Divisão.

Sem nos ser possível entrar em detalhes de ordem tática, e sem quaisquer intuits de crítica — para a qual não possuímos elementos de informação suficientes, nem nos compete fazê-la —, procuraremos transmitir as impressões que colhemos no dia a dia dos trabalhos da Divisão, que se não foram de campanha, não deixaram, contudo, diga-se desde já, de ser trabalhosos e de exigirem por parte de todos, desde os comandos aos executantes, esforço digno de mencionar.

Na curta carreira militar, pois começou em 1939, que percorremos, não tivemos ocasião de assistir às manobras até agora realizadas e não nos é possível fazer quaisquer comparações. No entanto, tivemos a impressão, pelo que temos lido do que se faz lá fora e pelo que temos tido conhecimento através de outras fontes, que não nos achamos muito distanciados da «maneira de fazer» dos exércitos estrangeiros, no quadro restrito em que estes exercícios decorreram.

Ainda que na imprensa diária e em documentação oficial se tenha empregado a expressão «manobras» julgamos muito mais adequada a de

Revista da Cavalaria

«exercícios de conjunto» para designar as acções que tiveram lugar nos terrenos de Sta. Margarida.

É muito natural que alguns, daqueles poucos que lerem estas rápidas impressões, não tenham, como nós não tínhamos ao chegar ali em fins de Setembro, uma ideia do que é o campo de instrução.

Santa Margarida da Coutada é uma pequena povoação que, procurada com cuidado numa carta topográfica, se verifica encontrar-se a Sul do Tejo, a Oeste do Tramagal.

Disponha de um pequeno apeadeiro e vivia pacata e, possivelmente, feliz na sua mediocridade, até ao dia em que os terrenos imediatamente a Sul da povoação foram escolhidos para implantar as instalações do campo de instrução.

É possível, também, que, alguma vez, no espírito de quem nos ler se tenha posto a pergunta de quais as razões que levaram àquela escolha. Como já temos ouvido as mais fantasiosas explicações, que chegam a envolver condicionamentos de ordem estratégica, julgamos oportuno aqui deixar resumidas as condições que foram consideradas ao eleger a região planáltica de Sta. Margarida para tal fim.

Encontra-se numa posição central em relação ao resto do País; fica próxima das redes ferroviária e rodoviária, o que permite fácil acesso; está situada numa região de terrenos agricolamente pobres, pelo que a sua utilização para fins militares não afectará a economia nacional; o terreno, nas suas proximidades, apresenta-se suficientemente acidentado e cortado por linhas de água perfeitamente definidas e caracterizando compartimentos próprios para a realização de exercícios em que intervenham tropas de todas as Armas; sendo pouco povoada, a região é fracamente arborizada nalgumas zonas, prestando-se à realização de fogos reais; a proximidade do rio Tejo permite a obtenção, em boas condições, de água em abundância para abastecimento de grande volume de tropas; ainda, a proximidade do Campo de Tancos permitirá a cooperação da Aviação, como agora aconteceu, em boas condições de ligação.

Vemos, assim, que a região de Sta. Margarida reúne características muito favoráveis e, quanto a nós, foi perfeitamente escolhida para a instalação do centro de instrução divisionário.

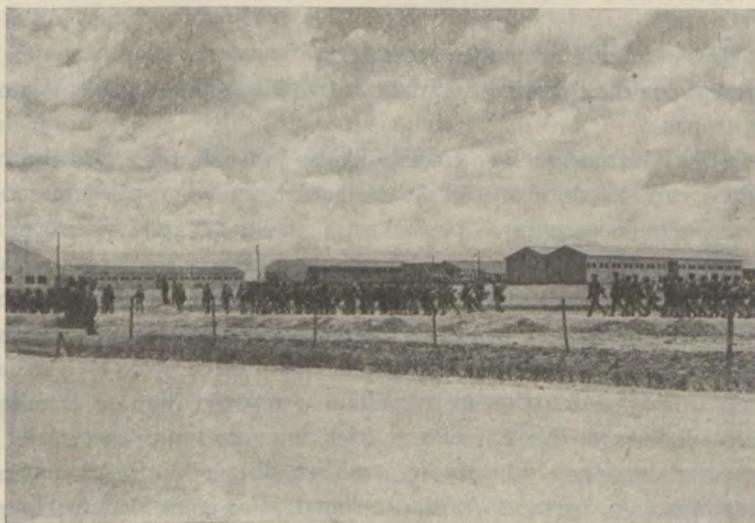
Quem chega ao campo, tenha vindo de comboio pela linha de Leste ou pela estrada Chamusca — Arrepiado, vê estender-se na sua frente a fita asfaltada da estrada que constitui, por assim dizer, a espinha dorsal desta organização. Com uma faixa de rodagem de vinte metros de largura e dois quilómetros e meio de extensão, a ela se vêm ligar, ou a

Revista da Cavalaria

cruzam, as estradas que servem os diversos grupos de instalações. Como todas as cidades modernas, e numa verdadeira «cidade militar» é natural que se transforme no futuro; foi traçada à régua e esquadro e poucas são as linhas curvas que se encontram na definição dos seus contornos.

Tem-se, desde logo, uma sensação de grandeza que mais e mais se confirma ao pretendermos percorrer todas as instalações. Ali dentro só é possível andar de «jeep»!...

O plano das instalações compreende seis núcleos principais, destinados ao aquartelamento de três regimentos de Infantaria, dos grupos de Artilharia, da Engenharia e das unidades dos Serviços, e da Cavalaria



Um aspecto da chegada das tropas

(Blindados), este último já em vias de completo acabamento; e três núcleos secundários para alojamento dos Comandos da Divisão e do Campo, do Batalhão Sanitário e da Direcção da Obra.

Vemos, assim, que existem, em períodos de instrução, três entidades distintas de cuja colaboração resultará o eficiente aproveitamento do campo — o Comando da Divisão de tropas em exercícios; a Direcção do Campo, para administração das instalações; a Direcção da Obra, para realização da sua construção.

Apesar de implantado num vasto planalto não se julgue que foi fácil e simples o nivelamento do terreno necessário para as construções. Exi-

Revista da Cavalaria

giu largos movimentos de terras que só foi possível realizar, em tempo útil, com o concurso de moderna aparelhagem mecânica de terraplanagem.

Das instalações do Campo estavam completas as destinadas ao Quartel General da Divisão e Direcção do Campo e da Obra, e, em grande parte, as destinadas aos Blindados, como dissemos.

Um tão vasto plano de construções não podia ser posto de pé de um só jacto, como é natural; foram, portanto, estabelecidas diferentes fases para a sua completa realização. Dentro do princípio da possibilidade de utilização imediata no final de cada fase, nesta primeira foram consideradas as instalações de higiene e as destinadas ao funcionamento dos comandos, assim como de algumas messes, quer para oficiais quer para sargentos.

Deste modo, tornou-se necessário erguer um acampamento com barracas cónicas e do tipo colonial e outras «Bessoneau» para alojamento das tropas.

Não julgamos que isso tivesse sido prejudicial, antes pelo contrário, dado o carácter de instrução de campanha que as tropas iam receber. Se se pretende preparar o pessoal para actuar em quaisquer condições não será, certamente, pondo-o debaixo da telha que se consegue realizar a adaptação que se torna necessária. É facto que se terão de melhorar outras condições para conseguir «fazer durar» os efectivos de que se dispuser. Não julgamos, por exemplo, que o fardamento e os meios de abafos utilizados actualmente permitam o repouso durante a noite, na época de inverno ou em climas frios, que se torna necessário para recuperar energias e compensar o esforço dispendido nos trabalhos de campanha. As barracas do tipo colonial, são, como é natural, muito arejadas, o que sendo vantajoso, por permitir a acomodação de 6 a 8 homens, se torna, por outro lado, até certo ponto desconfortável pelo excesso de ventilação. Julgamos que será fácil encontrar solução para este inconveniente, a qual seria ideal se permitisse reduzir ou aumentar a ventilação conforme a situação em que as barracas fossem utilizadas.

De resto, todo este material de abrigo se mostrou excelente, ainda mesmo, como foi, submetido a cargas de água de certa duração e violência, o que lhes não afectou, de um modo geral, nem a estabilidade nem as condições de estanqueidade, desde que estivesse bem montado. Mas isso só se consegue pela prática da utilização. Todo aquele a quem entrou água na barraca, aprendeu, logo, certamente, a prepará-la convenientemente.

Revista da Cavalaria

As barracas tipo «Bessoneau» tiveram larga aplicação para instalação de arrecadações de material, de messes, dos órgãos de comando e do serviço de saúde, etc. Complexas na sua montagem, pelo volume que têm, são especialmente indicadas para abrigo de elementos cujo funcionamento implique certa permanência.

Nesta fase de construção do campo também a instalação dos meios de captação, transporte e distribuição de água tinham o rendimento suficiente para as necessidades. Em qualquer ponto do campo, onde tal se tornasse conveniente, se encontravam canalizações, com o número de torneiras que o abastecimento de água exigisse. Com maioria de razão isso acontecia nas instalações de higiene, onde havia dispositivos de aquecimento, quer eléctricos quer a combustível, para aquecimento de água para banhos.

Dentro de certos limites, o mesmo se pode dizer em relação à instalação eléctrica. Também o estacionamento dispôs de condições de iluminação correspondentes às necessidades.

Podemos, pois, concluir que, quanto a instalações, dispuseram as tropas de meios suficientes para garantir a sua vida logística, dentro das limitações atrás apontadas, e se bem que comportando incomodidades que exigiam adaptação. Mas quer-nos parecer, repetimos, que deverá ser essa uma das finalidades a atingir com a instrução no campo.

*

De 28 de Setembro a 3 de Outubro realizaram-se os movimentos de concentração. Durante estes dias, grandes colunas de viaturas auto e cerca de uma dezena de comboios transportaram as unidades, de diferentes pontos do País, para Sta. Margarida.

Deslocaram-se, através das estradas, mais de duas mil viaturas constituindo trinta e quatro agrupamentos de marcha e cerca de oitenta colunas. Os movimentos efectuaram-se com um mínimo de acidentes, que se poderão considerar inevitáveis e foram inferiores a 0,5% das viaturas utilizadas.

Diversos problemas se levantaram, com maior ou menor aquidade para a realização de um tão grande volume de transportes, em especial o da travessia das pontes sobre o Tejo. A ponte da Chamusca constituiu mesmo um «incidente» pois estando em obras de alargamento exigiu especiais cuidados de regulação para a sua transposição.

Tudo correu o melhor possível, e durante aqueles cinco dias, desde a madrugada ao sol posto foi um contínuo desfilar de viaturas de todos

Revista da Cavalaria

os tamanhos e feitios, — peças rebocadas, carros-officinas, automacas, etc. — ao longo da avenida principal. De vez em quando soavam cornetas, ouviam-se tambores e passava mais uma unidade que acabava de desembarcar na estação de caminho de ferro. E ainda que se possa pensar o contrário, atraía sempre a atenção do pessoal que já se encontrava no estacionamento, grande parte do qual procurava, entre os que chegavam, os amigos que sabiam vir nesta ou naquela unidade.

Todas as tropas se apresentavam com aspecto esplêndido. Reparámos, por vezes, que algumas viaturas traziam ainda a matrícula de origem; noutras unidades tinham tido o cuidado de as pintar convenientemente o que nos pareceu ser muito mais razoável.

No entanto, coubera à Cavalaria o ter chegado em primeiro lugar. Ou, por outra, não tinha chegado agora, porque desde Junho que já se encontrava no estacionamento. Os grupos de esquadrões de Cavalaria 3 e 4 sob o comando dos Majores Peixoto da Silva e Montalvão ficaram, assim, como «fundadores» de Sta. Margarida.

Poder-se-á, mesmo, dizer que mais do que fundadores eles foram verdadeiros pioneiros. Quatro meses antes ainda se tinha que ir buscar água a algumas dezenas de quilómetros de distância, numa época em que o calor começava a apertar e nuvens de pó andavam no ar, pois o asfalto não cobria ainda a avenida principal. E para resolver os milhentos problemas que surgem sempre para quem se vai instalar numa casa nova, que não tem vizinhos, havia que contar com os recursos próprios. Problemas de organização, de instalação, de manutenção; preparar os carros de combate; dar instrução; enfim, toda uma série de trabalhos feitos em condições difíceis puseram à prova o velho lema da nossa Arma. Mas esta conseguiu cumprir, mais uma vez, a missão que lhe tinham pedido. E quando as outras tropas chegaram, foram ainda as instalações da Cavalaria, já então em pleno funcionamento, que, por assim dizer, se «alargaram» para que fosse possível, com uma boa vontade muito cavaleira, alojar e alimentar algum pessoal que não estava integrado nas unidades constituídas.

Ao anoitecer de 2 de Outubro, depois de enorme azáfama para instalar as tropas, organizar acampamentos e distribuir parques, tudo estava em condições de se iniciar o período de instrução que teria o seu epílogo em 27.

As sete horas da manhã do dia 3 de Outubro procedeu-se, pela primeira vez, à cerimónia do içar da bandeira no mastro de honra, na presença do Comandante da Divisão, Ex.^{mo} General Pinto Ribeiro acompanhado do seu estado-maior. As honras foram prestadas por um

Revista da Cavalaria

pelotão da Companhia de Comando e Serviços do Q. G. Esta cerimónia marcou o início dos trabalhos das unidades da Divisão.

Contudo, os trabalhos no Comando da Divisão, em Sta. Margarida, tinham tido o seu início em 15 de Julho, com a preparação dos temas e instruções, a execução de reconhecimentos e o estudo de variados e complexos problemas de toda a ordem, cujas apropriadas soluções permitiram que a instrução se viesse a realizar em excelente ritmo. Mas isso implicou trabalho persistente e aturado e, quando as tropas chega-



Sua Ex.^a o Sr. Presidente da República, passando revista a uma unidade de carros

ram, como geralmente acontece, já o estado-maior da Divisão, tinha um razoável «handicap» de esforço dispendido. Temos a impressão de que se sentiu compensado pela forma como os exercícios decorreram e pelos resultados obtidos, se se considerarem as condições em que aqueles tiveram de se realizar.

Como dissemos anteriormente, além das unidades orgânicas da Divisão, participaram nos exercícios de Sta. Margarida também unidades de serviços que se consideraram como dependentes de um Comando de escalão superior à Divisão. Dentro da organização estabelecida para efeitos de instrução, estas unidades dependiam de uma «Direcção de Manobras» que representava, por assim dizer, um embrião do Comando

Revista da Cavalaria

acima referido e constituia o órgão de execução do Director de Manobras, o Ex.^{mo} General Barros Rodrigues, Chefe do Estado-Maior do Exército. Para este efeito dispôs, sob a direcção do Coronel do C. E. M., tirocinado, José Filipe da Silva Neves, de uma repartição de «operações» e de outra de «serviços» e compreendia também o serviço de arbitragem do qual trataremos adiante. Depois de trabalhos realizados em Lisboa, os primeiros elementos da Direcção de Manobras instalaram-se, a 24 de Setembro, no campo de instrução.

*

A orientação seguida na organização da instrução das Unidades da Divisão levou à definição de duas fases distintas: uma, por assim dizer, preparatória, compreendendo os exercícios de companhia, batalhão e regimento, tendo como objectivo afinar e harmonizar o nível da instrução e de preparação das subunidades de cada escalão, com o fim de dar às unidades a homogeneidade necessária; outra, em que se realizaram os exercícios com intervenção de todas as tropas da Divisão.

Correspondeu cada uma das fases, sensivelmente, a uma quinzena do mês de Outubro.

Logo que tal se tornou possível, à medida que as companhias se encontravam convenientemente instaladas, foram estas submetidas a «testes» para se avaliar do seu grau de preparação, iniciando-se aí o ajustamento e correcção de possíveis deficiências na sua actuação. Deste modo, também, o pessoal de enquadramento que, até então, desempenhara, durante as E. R., o papel de instrutor passou a actuar, também, como executante, prestando provas dentro das suas funções.

Surgiu, assim, um procedimento novo que se tornava, de resto, necessário e lógico para que, desde a base, todo o edificio da Divisão fosse construído dentro de uma mesma orientação e doutrina.

Parece-nos, contudo, que o tempo destinado à realização dos «testes» é função do nível de instrução atingido pelas companhias durante a E. R. e não pode ser fixado com precisão nos programas estabelecidos no centro de instrução, se bem que sejamos levados a crer que, a realizarem-se, regularmente, exercícios finais de conjunto, como é natural que aconteça, a prestação de provas ao chegar ao campo, venha a influir na forma como as companhias serão preparadas nas sedes das Unidades de origem.

Mesmo, se se tornar necessário dispender mais tempo para que as subunidades tácticas atinjam a pontuação considerada conveniente, isso

Revista da Cavalaria

traduzir-se-á posteriormente em melhores resultados na execução dos exercícios quando elas se encontrarem integradas nas unidades de escalação mais elevado. Por vezes, uma manobra bem concebida, para a solução de uma dada situação táctica, é prejudicada pela execução de pormenor, em especial se os executantes não «viverem» a acção no seu conjunto.

Torna-se essencial que todos os que participam num exercício, se procurem integrar na acção, sabendo por que razão estão marchando para determinado local ou lá permanecem. Se cada um souber o «porquê» do que realiza, melhor deverá saber «como» realizá-lo. Conforme a categoria do executante será, então, necessário que o ponham ao corrente do que se vai passar, ou, então, que ele procure — pois o seu grau de preparação e a posição lhe permitem e lhe impõem, mesmo, essa iniciativa — informar-se e esclarecer-se devidamente.

Esta necessidade de informar todo e qualquer elemento, qualquer que seja a sua graduação, foi devidamente focada. Tal aspecto não é de hoje, mas ainda se não mostra perfeitamente aceite e integrado nos nossos usos. Torna-se, contudo, absolutamente necessário que constitua uma prática corrente.

Com o grau de desenvolvimento compatível com a importância da acção a realizar — desde a reunião de comandos até à do cabo com os homens da sua esquadra — torna-se necessária a explicação do que se vai passar e a troca de impressões; isso será meio caminho andado para a sua realização em boas condições.

Outra prática que se torna indispensável é a da realização de críticas no final de cada exercício, no bom sentido que a palavra tem, evidentemente. Chamando-se a atenção para os erros cometidos e apontando-se o verdadeiro caminho a seguir é que será possível tirar rendimento da instrução. Não basta realizar, é preciso que se crie a consciência de que se realizou bem ou mal. Doutra modo, uma vez acabada a acção, nada fica, senão, por vezes, a recordação do esforço dispendido, sem se ter bem a consciência daquilo que se fez.

É facto que tal método pode ser pernicioso quer no sentido positivo, quer negativo. Compete a quem critica achar o justo ponto de equilíbrio; a sua acção será, então, manifestamente salutar.

A partir do dia 5 passaram a ter lugar os exercícios de Batalhão. Cada B. I. efectuou dois tipos de exercício: um, em que constituiu uma guarda avançada, outro em que efectuou um ataque com fogos reais.

Com os exercícios do primeiro tipo teve-se em vista atingir as seguintes finalidades:

Revista da Cavalaria

- executar uma aproximação em meios auto;
- desembarcar e prosseguir a acção a pé;
- fazer actuar os elementos de segurança e de reconhecimento;
- garantir a segurança contra as acções aéreas e insidiosas;
- manter a disciplina durante os movimentos e nos embarques e desembarques;
- efectuar o restabelecimento de itinerários.

Em princípio, cada B. I. executava o exercício num dia e tinha dois dias para a sua preparação. Para a execução dos exercícios os B. I. trabalhavam reforçados com carros de combate, morteiros pesados e elementos de engenharia.

Este exercício compreendia duas fases fundamentais: a aproximação em coluna auto e o prosseguimento da acção a pé. O desembarque constitui uma solução de continuidade na execução da operação, e durante ele as tropas encontram-se numa situação melindrosa em que se mostram muito vulneráveis a quaisquer acções do inimigo, como acontece, em maior ou menor grau, de resto, em qualquer mudança de dispositivo. Procurou-se, portanto, que as tropas realizassem os desembarques, dentro das normas estabelecidas, de forma a que decorressem com a maior rapidez possível, no que se obtiveram resultados muito satisfatórios.

Como já acontecera nos exercícios de companhia, também aqui teve particular interesse o trabalho do binário infantaria-carros, fundamental na guerra moderna.

Se, de início, como é natural, a ligação entre os dois elementos se fez com certa dificuldade, pois exige, de parte a parte, conhecimento e prática da actuação de cada um deles, as «relações» foram melhorando, como era de esperar, à medida que os exercícios foram decorrendo e acabaram por resultar em grande parte.

Como os carros não executaram fogos, nem reais nem simulados, não ficaram as tropas completamente identificadas com as possibilidades de apoio pelo fogo que aqueles lhes podiam prestar. Mesmo assim, adquiriram a familiarização suficiente para se realizar o trabalho de equipa exigido em combate.

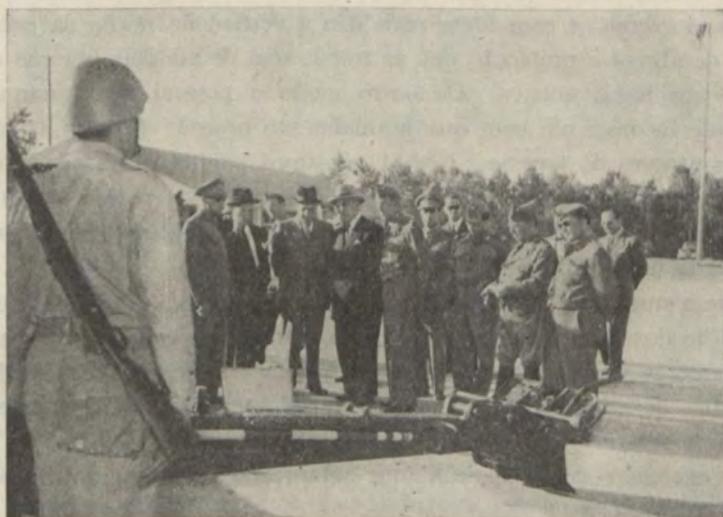
Nem só os carros, nem a infantaria sòzinha, são capazes de conduzir uma acção de certa envergadura em face dos meios actuais de combate; é inter-ajudando-se que tal se torna possível. Cremos que esta noção ficou perfeitamente assente no espírito daqueles que tomaram

Revista da Cavalaria

parte nestes exercícios e que se verificou a importância da sua realização para que a instrução tenha lugar de uma forma completa.

Sem menosprezo pela actuação dos outros participantes, a forma como a tropa de carros se comportou e o esforço dispendido para que estes se mantivessem, sempre, com um mínimo de faltas, em condições de funcionamento, constituíram parcelas positivas nos resultados que se obtiveram.

Por outro lado, os exercícios realizados serviram, também, para demonstrar, suficientemente, que está longe de ter sido improdutivo o caminho percorrido até agora e não tem sido infrutífero, antes pelo con-



Um aspecto da visita do Sr. Presidente do Conselho e Ministros da Presidência e do Exército às forças em manobras

trário, todo o labor daqueles que têm posto o melhor das suas qualidades, cuidados e dedicação ao serviço dos blindados, o que só constitui motivo de prestígio para a nossa Arma, em tudo digno de ser registado.

Durante os dias 8, 9 e 10 tiveram lugar os exercícios de ataque realizados com fogos reais. Neste último dia, um acidente lamentável causou a primeira baixa da Divisão. Por ter sido atingido por estilhaços de granada, veio a morrer, pouco depois, o 1.º cabo miliciano do R. I. 14, adido ao C. I. de Tavira, n.º 527/52, Artur Aleixo Paquete; ficaram também feridas, sem gravidade, mais cinco praças.

Revista da Cavalaria

Os exercícios com fogos reais têm como uma das suas principais finalidades fazer viver, tanto quanto possível, o ambiente de guerra, com as emoções que este provoca e com as quais se torna necessário familiarizar o pessoal militar.

A sua realização comporta riscos que se procuram reduzir ao mínimo, mas aquela torna-se absolutamente necessária para que a instrução atinja toda a sua finalidade. Como nem sempre há terrenos que se prestem à realização do tiro e, mesmo, o de certas armas, por muito tenso, exige condições de segurança que se não encontram facilmente em terreno natural, há que recorrer a carreiras de maior ou menor extensão onde aquelas condições sejam estabelecidas por meio de obras adequadas cuja realização não é possível fora de campos de instrução.

Só os exercícios com fogos reais dão a verdadeira noção da necessidade de abrigo e protecção que as tropas têm de adoptar, mesmo em relação aos fogos amigos. De outro modo o pessoal ficará naquele à-vontade inconsciente com que normalmente procede durante as progressões através do terreno. Nós já passámos por uma situação semelhante à ocorrida nestes exercícios e se, então, não tivemos a lamentar qualquer desastre, isso deveu-se ao pessoal estar devidamente abrigado e instalado no terreno.

Quem nunca foi instrutor é que não sabe quanto é difícil inculcar no espírito dos instruendos a noção de se abrigar, até conseguir que esse movimento se torne reflexo em todas as situações. E uma das melhores formas de atingir esta finalidade é fazê-los participar em exercícios com fogos reais.

Os exercícios de B. I. no ataque compreendiam as seguintes fases:

- execução de reconhecimentos;
- instalação na base de ataque e segredo dos preparativos;
- execução do ataque (cooperação Infantaria-Carros-Artilharia);
- consolidação do objectivo conquistado e medidas com vista à continuação do ataque.

Na semana de 12 a 15 tiveram lugar os exercícios no quadro do Regimento de Infantaria. A partir do dia 9 começaram a cair fortes bátegas de água que se prolongaram por três ou quatro dias.

Ainda que o tempo agreste tivesse prejudicado a realização de certas operações e dado lugar a alguns atrasos, isso não teve qualquer influência e os exercícios decorreram segundo os programas previstos, ao contrário do que se propalou na imprensa diária, mau grado as provi-

Revista da Cavalaria

dências tomadas para que não viessem a lume notícias menos verdadeiras e manifestamente prejudiciais sob todos os aspectos.

Mal iria a uma tropa que tivesse de parar porque tinha chovido... Não dispomos, certamente, de um equipamento tão completo, como desejaríamos, para poder enfrentar, em boas condições, uma campanha de inverno, por exemplo, mas ainda não são três dias de chuva intermitente que nos obrigarão a parar.

Se bem que não fossem já os exercícios de divisão, nesta fase, como os três R. I. com os seus elementos de apoio (Companhia de Engenharia, Grupo de Artilharia de Campanha e elementos de serviços) actuaram simultaneamente, quase todas as tropas da Divisão que estiveram neles interessadas, já trabalhando integradas nos agrupamentos táticos, já actuando em proveito de todo o conjunto.

Dividiram-se estes exercícios em 3 fases:

- 1.^a — Entrada do R. I. em posição, de dia, e organização sumária dessa posição.
- 2.^a — Rotura de contacto de noite.
- 3.^a — Rotura de contacto de dia, sob pressão inimiga, depois de os R. I. terem entrado novamente em posição.

As fases inicialmente estabelecidas, foram, por conveniência de instrução, alteradas posteriormente. Os R. I., em lugar de executarem a 3.^a fase como estava prevista, realizaram, novamente, uma rotura de noite.

Com os exercícios de R. I. terminou a fase de preparação na qual se procurou dar às Unidades, por vezes constituídas por elementos organizados em diferentes pontos do País, aquela homogeneidade necessária para a sua actuação e que deve ser característica indispensável de uma tropa convenientemente adestrada.

Eles serviram, também, para pôr à prova o funcionamento dos serviços, em especial os de reabastecimento, uma vez que as tropas passaram a actuar a uma distância de 8 a 10 quilómetros dos seus estacionamentos iniciais.

Terminada esta fase, de 19 a 25 de Outubro tiveram lugar os exercícios de Divisão.

A 19 teve início o exercício «Bravo» de dupla acção, com arbitragem, no qual o «inimigo» foi representado por um agrupamento tático constituído por:

Revista da Cavalaria

- Um Regimento de Infantaria.
- Dois Esquadrões de Carros.
- Elementos de reconhecimento.
- Um Grupo de Artilharia de Campanha (10,5 cm.).
- Uma Bateria de Artilharia de Campanha (14 cm.).
- Elementos de Engenharia.

Este «inimigo» foi oposto à Divisão, desfalcada dos elementos constitutivos do Agrupamento, numa «acção de encontro» sobre o eixo ABRANTES – PONTE DE SÔR, partindo aquele desta última localidade.

Este exercício foi, quanto a nós, dos mais interessantes que se realizaram, pela existência do inimigo, exigindo decisões perante situações reais criadas em manobra livre, ainda que controladas pela direcção de arbitragem, uma vez que a ausência de fogos poderia dar lugar a que aquelas situações fossem pouco verosímeis.

Adiante trataremos, com mais detalhe, do funcionamento da arbitragem que, julgamos, pela primeira vez se applicou entre nós, pelo menos com o desenvolvimento que agora teve. Diga-se, desde já, que sem ela não era possível realizar um exercício do tipo de «manobra livre» e que, se não deu todos os seus frutos, teve o mérito de iniciar o pessoal que dela fez parte num processo que se deverá tornar corrente entre nós, se se quiser que a instrução de efectivos já de certo volume, se realize com eficiência. A sua intervenção contribuiu, com maior ou menor felicidade, para os resultados que se obtiveram e que foram, pelo menos, manifestamente interessantes sob o ponto de vista dos ensinamentos a que devem ter dado lugar.

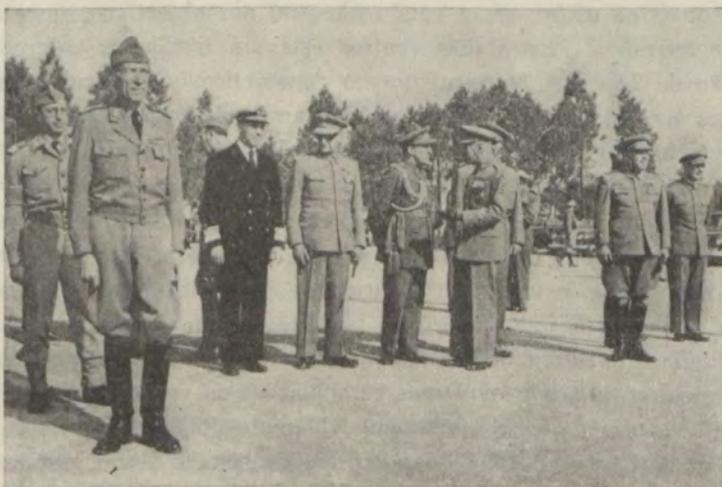
As tropas deslocaram-se para as zonas iniciais durante o primeiro dia, mantiveram-se em acção a partir da manhã do segundo dia até ao princípio da tarde do terceiro e regressaram aos estacionamentos no fim deste dia. Qualquer destas noites passadas no campo não deveria ter sido de grande sossego ainda que a segunda tivesse sido neutralizada para dar certo descanso às tropas.

Pois bem, tivemos ocasião de visitar o estacionamento de um batalhão que fizera parte do «inimigo» e constatámos, com prazer, a excelente disposição em que o pessoal se encontrava, pois, apesar do esforço dispendido nos últimos três dias, e estando-se já na segunda quinzena de instrução, uma parte dedicava-se a jogar a bola, aproveitando um espaço livre entre as barracas, enquanto uma numerosa assistência seguia interessada e incitava, com entusiasmo, os participantes no jogo. Esta

Revista da Cavalaria

impressão, de resto, colhemo-la em diferentes ocasiões e, mesmo até, depois dos exercícios nocturnos, as unidades regressavam ao princípio da manhã aos estacionamento, cansadas, evidentemente, mas com bom aspecto físico, sem acusarem fadiga ou descontentamento.

De resto, uma das notas mais salientes destes exercícios de conjunto foi, certamente, o alto grau de disciplina em que decorreram. Aparte um ou outro caso de somenos importância, de uma maneira geral, a convivência de tantos milhares de homens, durante um período já largo de tempo, deu-se em muito boas condições. As tropas apresentaram-se sempre com muito bom aspecto, ainda mesmo quando os far-



Um aspecto da visita dos Adidos Militares estrangeiros

amentos acusavam a aspereza dos trabalhos a que elas tinham estado submetidas.

Outra faceta que contribuiu, também, para o interesse que revestiu o exercício «Bravo», consistiu na intervenção das Forças Aéreas. Na verdade, paralelamente aos exercícios levados a efeito em St.^a Margarida aquelas forças deram execução ao exercício «Abetarda» em que o «Bravo» e posteriormente o «Alfa», que se lhe seguiu, se integraram.

Quando, naquela clara manhã de sol do dia 20, o Comandante Chefe das Forças Terrestres, Ex.^{mo} General Barros Rodrigues, desceu de um avião de ligação, no Campo de Tancos, para se encontrar com o

Revista da Cavalaria

Comandante Chefe das Forças Aéreas, Ex.^{mo} General Costa Macedo, o efusivo aperto de mão que estes dois altos representantes dos dois ramos das Forças Armadas trocaram entre si, materializou, simbòlicamente, a cooperação aero-terrestre que se estava efectivando com o desenrolar das acções cuja direcção superior lhes competia, e para cujo acerto de detalhes se iam reunir.

A coordenação entre as forças terrestres e aéreas foi feita por intermédio de um «centro de operações conjunto» (C. O. C.), onde estas eram estudadas e preparadas em detalhe por oficiais pertencentes a ambas aquelas forças.

Para a condução das operações aéreas foi instalado um «centro de controle aerotáctico» dispondo de meios de transmissão, por intermédio dos quais os aviões eram conduzidos até aos objectivos, quer aéreos quer terrestres. Estes dois centros estavam instalados «algures» na região de Tancos. O Agrupamento Aerotáctico que executou as diferentes acções, quer de isolamento do campo de batalha quer de apoio directo às forças terrestres, tinha como base o campo da Ota e compreendia aviões de jacto.

Tivemos ocasião de visitar aquele campo onde estiveramos pela última vez há oito ou dez anos e perante o número, extensão e largura das suas pistas, o volume e a variedade das instalações, e a aparelhagem moderna de que dispõe não podemos deixar de sentir a alteração profunda que sofreu de então para cá. O próprio aspecto que oferece o pessoal envergando modernas combinações de voo e capacetes de recorte e configuração absolutamente diferente do que viramos e usáramos ainda há poucos anos quando estagiáramos em Sintra, deu-nos bem a sensação de estarmos perante uma fase decisiva de remodelação dos nossos meios e, com ela, de conceitos e doutrinas. E é consolador ver que o pessoal, mercê de qualidades que, felizmente, nunca o têm desamparado, acompanha com facilidade toda esta transformação, pois que se não pode chamar evolução a uma passagem tão rápida de uns meios a outros. E isto dá-se tanto com as tropas terrestres como com as aéreas. Sòmente, aqui os riscos são muito maiores.

Ao escrevermos estas linhas recordamos Alguém que pôs todo o seu espírito e esforço ao serviço da então 5.^a Arma, a ela dedicou profunda paixão e nela marcou posição de destaque. Foi no seu posto, a bordo de um avião de jacto — símbolo da loucura de hoje que impõe ao Homem o desígnio da Velocidade — que Ele encontrou a Morte quando ainda tão pouco tempo tinha decorrido da sua existência. Referimo-nos ao Artur Tamagnini.

Revista da Cavalaria

O seu desaparecimento deixa-nos uma profunda mágoa e é com emoção que recordamos a sua personalidade tão fortemente destacada mas que tão atraente se tornava para aqueles que o conheciam de perto e nele estimavam a nobreza do seu carácter e as qualidades do seu espírito irrequieto. Foi um verdadeiro Cavaleiro do Ar e, como à nossa amizade de tantos outros que nos lerem, será grata, certamente, a referência que aqui lhe fazemos com muita saudade.

Para os aviadores foi interessante ter de intervir nas acções terrestres, «atacando» formações «inimigas» reais nos seus movimentos sobre as estradas ou quando concentradas e, para as tropas de terra, não menos interesse deixou de ter «sentir» a protecção dos aviões amigos e ver evolucionar em acções de combate os aviões de jacto, o que poucos teriam ocasião de observar nas regiões dos seus aquartelamentos normais.

O exercício «BRAVO» decorreu em condições bastante satisfatórias se tivermos em conta as dificuldades que apresenta a execução de um exercício de «manobra livre» e serviu não só para aquilatar do grau de preparação dos comandos e das tropas, como, certamente, para colher elementos muito úteis para orientação futura de outros exercícios que se venham a realizar.

Finalmente, a Divisão desenvolveu de 22 a 25 a operação «ALFA» em que executou uma «defensiva».

O tema admitia que depois de alguns dias de violentos combates, forças invasoras vindas de Leste, teriam penetrado pela Beira Baixa, tendo sido detidas ao longo do Ponsul, enquanto as que avançaram pelo Alentejo, atingiram Évora e Arraiolos, estando prestes a romper a frente do 1.º Ex.º nacional que operava ao Sul do Tejo.

Perante esta ameaça, o Alto Comando Nacional tomou diversas decisões entre as quais a de:

- instalar, na região a Sul de Abrantes, uma testa de ponte destinada a recolher as forças nacionais que retiravam da Rib.ª de Niza, a qual constituiria uma ameaça permanente contra o flanco direito das forças invasoras que persigam o passo do 1.º Ex.º na sua retirada na direcção geral de Bombel Δ.

Ao V C. E. foi dada a missão de se instalar e preparar uma defesa móvel a norte da linha Rib.ª de ULME — BEMPOSTA — ... procurando manter a posse da região da margem esquerda do Tejo, a Sul de Abrantes.

Revista da Cavalaria

A 1.^a Divisão competiu estabelecer um escalão de resistência ao longo da linha Rib.^a de ULME — RAPAZES Δ — a fim de deter as patrulhas e ataques locais inimigos, dissociar e canalizar o ataque em força do inimigo, devendo também preparar posições para a reserva.

Dentro da missão atribuída, a Div. deslocou-se durante o dia 23 dos seus estacionamentos, no campo de instrução, para ir ocupar uma posição apoiada na Rib.^a de Ulme. Durante o dia 24 sofreu um «ataque» inimigo que obrigou ao recuo das forças que guarneciam o sector da esquerda. Aquele ataque acabou por ser detido ao fim da tarde.

Entretanto, iniciou-se a preparação de um contra-ataque e na madrugada de 25 efectuou-se a remodelação do dispositivo ocupando a reserva as bases de partida, para atacar em duas direcções que fechavam o fundo da bolsa originada pelo «ataque» inimigo.

Na manhã de 25, após uma violenta e prolongada preparação de artilharia e aviação, realizou-se o contra-ataque que deveria ter conduzido ao aniquilamento das forças «inimigas».

Este exercício que revestiu aspecto mais espectacular, permitiu, pela sua realização numa zona de planalto, que fosse observado por numerosa assistência, em todos os detalhes. A preparação de artilharia e o ataque ao solo dos aviões feitos com grande precisão; a progressão de infantaria e de carros apoiando-se mutuamente e a deslocação de uma fracção de infantaria sobre carros para rapidamente ultrapassar uma zona muito descoberta, ambas feitas coordenadamente dentro da manobra prevista, tudo contribuiu para deixar uma excelente impressão àqueles que tiveram ocasião de assistir e foi um esplêndido fecho de perto de um mês de aturada e persistente actividade.

*

Durante o período de instrução, como seria de esperar, foram, o Campo de Sta. Margarida e as tropas, visitados por altas personalidades nacionais e estrangeiras.

Razões várias impõem que tal fenómeno se dê. Mas, como as tropas se encontram em instrução, tem tal procedimento reflexos na realização dos trabalhos em curso que nem sempre se poderão considerar benéficos para eles.

Se algumas visitas se realizaram sem alteração dos programas previstos, outras implicaram ajustamentos e modificações que perturbaram, pelo menos, o ritmo de trabalho. Mas mesmo que isso se não tornasse necessário, bastava a presença de visitas de alta categoria para impor

Revista da Cavalaria

pausas ou distracção de atenção nas actividades dos diversos órgãos, mòrmente no comando e estado-maior da Divisão.

Ora, num período de instrução intensiva em que ainda não terminou um exercício já o pessoal directivo, em especial o do estado-maior, se encontra empenhado na preparação do que se lhe vai seguir, tudo o que representa actuação que não seja orientada para a instrução se traduz



Sua Ex.^a o General Chefe do Estado-Maior do Exército fazendo a apreciação dos exercicios

em redução de tempo disponível e, portanto, em contra-partida, sobrecarga de trabalho e aumento de esforço.

Não sendo de admitir, ainda assim, eliminar a intervenção daqueles que pelas suas funções têm interesse em ver de perto o funcionamento da máquina para cuja organização contribuíram e à qual têm ligada uma quota parte de responsabilidade; verificando-se, por outro lado, que essa mesma intervenção serve de incentivo para as tropas por se sentirem alvo das atenções de altas personalidades, parece, portanto, que o caminho a seguir será deixar a cargo de uma outra entidade, que não ao pessoal em instrução, o encargo de preparar e conduzir as visitas que se tenham de realizar, reduzindo ao mínimo a sua interferência nas actividades que estão tendo lugar.

Revista da Cavalaria

Julgamos ser este o critério seguido lá fora e, possivelmente, o nosso reparo é já, neste momento, descabido pois, certamente, a constatação do facto por quem de direito, terá levado à consideração de uma solução que modifique situações que se não mostram favoráveis, sob muitos aspectos, para as finalidades a atingir com exercícios que se destinam, na sua essência, a completar a instrução das tropas.

As visitas efectuadas cingiram-se a um programa que, nas suas linhas gerais, compreendia:

- visitas às instalações das tropas e do campo;
- assistência a exercícios;
- apresentação dos modernos armamentos com que o nosso Exército está sendo dotado.

As condições excepcionalmente benignas do tempo, de amena temperatura durante as horas de sol, contribuiu para a forma agradável e feliz como essas visitas decorreram e que, estamos certos, devem ter deixado excelente impressão nos ilustres visitantes.

A imprensa diária relatou os principais passos destas visitas, pelo que não os vamos repetir aqui.

No dia 15 realizou-se a visita de Sua Ex.^a o General Muñoz Grandes, Ministro da Guerra do País vizinho, que foi acompanhado durante a sua permanência no Campo de St.^a Margarida por Suas Ex.^{as} o Ministro e o Subsecretário de Estado do Exército, além de outras entidades pertencentes a este Ministério e ao Secretariado Geral da Defesa Nacional.

Teve Sua Ex.^a ocasião de assistir a um exercício de ataque com fogos reais, de três B. I. apoiados por carros e elementos de engenharia, nos moldes daqueles a que já nos referimos.

Foi escolhido um compartimento de terreno cuja configuração se prestava a uma boa observação a partir de um esporão lateral, o que permitiu que a manobra fosse seguida em todos os seus pormenores. Na encosta do referido esporão estava instalada a base de fogos do B. I. pelo que foi possível observar o fogo das armas pesadas.

Chamou particularmente a atenção do ilustre visitante a acção do canhão sem recuo de 5,7 cm. e do lança granadas-foguete de 8,9 cm. pelo que se deslocou até junto das armas para melhor observar o seu funcionamento.

Como, na contra-encosta, se encontravam instaladas as tropas, na base de partida, o que, de resto a assistência não notou pois que estas

Revista da Cavalaria

se achavam perfeitamente dissimuladas no mato, que era alto, no momento em que foi feito o sinal para a saída para o ataque foram os visitantes surpreendidos pela passagem entre eles dos atiradores que pareciam saltar de todos os lados e que, de cabeça baixa e arma cruzada, se lançavam rapidamente pela encosta até atingir o sopé onde podiam encontrar abrigo conveniente.

Nesta esplêndida manhã de sol, tudo decorreu de forma excelente. O tiro de artilharia, desencadeado sobre a encosta que fechava o compartimento do ataque, e apresentava bastantes claros, foi feito com muita precisão, constituindo uma apreciável demonstração da sua eficiência.

O Major do C. E. M. João Tirôa, que frequentara o curso de E. M. em Espanha e domina com muita facilidade o idioma do País vizinho, forneceu todas as explicações às entidades espanholas, o que também contribuiu para a forma agradável como esta visita decorreu.

A 19 teve lugar a visita de Sua Ex.^a o Presidente do Conselho. Despida de quaisquer honras especiais, revestiu-se da maior simplicidade, à parte as deferências naturais para com tão alta figura da Nação, a ida de Sua Ex.^a ao Campo de Instrução.

Mostrando-se muito bem disposto, percorreu, aparentemente sem fadiga e mostrando real interesse, grande parte dos órgãos instalados no campo.

Começando por visitar as instalações da Padaria de Campanha, onde ouviu atentamente as explicações que lhe foram dadas, teve, depois, ocasião de observar a central elevatória de água onde, perante gráficos e plantas, lhe foi dado conhecer os pormenores dos problemas do abastecimento de água e as soluções que tinham sido adoptadas. «Correram» os números, em milhares de litros e metros cúbicos, da água que era elevada, transportada e consumida.

Estava um dia quente. A visita prosseguiu; em dado momento, na parada do Q. G., junto ao material de artilharia que aí se encontrava em exposição, o Sr. Dr. Oliveira Salazar manifestou o desejo de beber água. Alguém perguntou se preferia das Pedras ou de Vidago. «Não, não, respondeu com um sorriso, da de cá, do Campo. Já ouvi falar tanto nela e ainda não vi nenhuma...».

Esteve depois na Direcção da Obra, na Enfermaria Divisionária e no Hospital Cirúrgico Móvel e nos aquartelamentos da Cavalaria. De automóvel foi, então, até ao Alto de D. Pedro, já fora das instalações do C. I. M. e em plena Charneca; aqui foi-lhe dado observar os terrenos onde as tropas actuaram e foi posto ao corrente das necessidades

Revista da Cavalaria

que se apresentam para a instrução das tropas das diferentes Armas e Serviços.

As primeiras horas da manhã do dia 21, chegaram, de automóvel, os adidos militares americano, belga, brasileiro, francês, espanhol e inglês, assim como o Brigadeiro Camm acompanhado de diversos oficiais da representação da M. A. A. G. em Portugal e ainda o Ten.-Coronel Jennigs do S. H. A. P. E. Estes oficiais, acompanhados por oficiais de ligação portugueses, assistiram a grande parte da realização do exercício «BRAVO».

Na manhã de 25, chegou ao campo de aviação de TANCOS Sua Ex.^a o Presidente da República a fim de assistir à fase final do exercício «ALFA» e de visitar as instalações do C. I. M.

A chegada ao Campo de Instrução foram-lhe prestadas honras militares por um batalhão, a duas companhias, com bandeira e banda de música, após o que foi conduzido em automóvel até ao Alto de D. Pedro onde tomou lugar em «jeep» para poder atingir as instalações de campanha do Q. G. da Divisão. Aqui, o Ten.-Coronel do C. E. M. Augusto Manuel das Neves, Chefe do Estado-Maior da Divisão, explicou o desenvolvimento da operação «ALFA», em geral, e os detalhes do exercício que, seguidamente, ia ter lugar.

No alto do Gavião, no flanco direito da bolsa «inimiga», e da zona, portanto, onde se ia desenrolar o contra-ataque fora organizada uma tribuna onde Sua Ex.^a o Presidente e restantes individualidades presentes tomaram lugar.

Enquanto se realizava a preparação de artilharia foram mostradas, em terreno próximo da tribuna, as armas modernas — morteiros de 60 mm. e 10,7 cm., canhões sem recuo de 5,7 e 7,5 cm., lança granadas-foguetes de 8,9 cm. e metralhadoras de 12,7 mm., algumas das quais fizeram fogo de demonstração.

A tarde, depois do almoço, Sua Ex.^a o Presidente da República teve ocasião de percorrer as diversas instalações do campo e de tomar conhecimento do seu desenvolvimento e das condições em que as tropas tinham estado instaladas.

*

Na tarde do dia 27 teve lugar a formatura geral em parada, seguida de desfile, das tropas da 1.^a Divisão C. E. P. que, durante cerca de um mês, se empenharam nos trabalhos e actividades de que as impressões que acabamos de dar constituem um breve resumo.

Revista da Cavalaria

Pela última vez, neste período de instrução, as duas dezenas de milhares de homens, com todo o seu material, se acharam reunidas. Quando tivessem desfilado os seus últimos elementos, cada uma das fracções que constituira a Divisão se dispersaria, de volta às localidades dos seus aquartelamentos de origem.

Muito tinham visto e certamente muito teriam para contar acerca do que aprenderam e daquilo a que tinham assistido. Voltaram, estamos



Desfile de uma unidade de Carros de Combate

certos, com a consciência de terem dado o melhor do seu esforço no desempenho das funções que lhes tinham sido atribuídas e para cumprirem as missões de que foram encarregados.

Tinham andado à chuva, ao pó e na lama e com persistência e boa vontade tinham chegado até onde era preciso ir; tinham ouvido o assobiar das granadas da Artilharia que os apoiavam, ou tinham servido as peças, que as disparavam sabendo que os seus fogos deviam proteger os que combatiam na sua frente; ouviram o silvo agudo e, possivelmente, chegaram a ver os velozes aviões que os protegiam e as suas acções de ataque; viram os carros abrir caminho na sua frente e cobriram-se com eles para poderem progredir. Ficaram sabendo o que os sapadores de engenharia podiam fazer para lhes facilitar os movimentos, restabelecendo caminhos, construindo pontes, levantando minas, ou tinham efectuado estes trabalhos e visto a utilização que deles era feita; ouviram

Revista da Cavalaria

os seus comandantes falarem a telefones ou tinham-se mesmo servido deles e guarnecido aparelhos de rádio e tiveram ocasião de ver os telegrafistas estender centenas de metros de fio e de cabo para assegurar as ligações. Os menos afortunados sentiram o carinho e o conforto das atenções daqueles que tinham por missão velar pela sua saúde e estes tiveram ocasião de empregar o melhor dos seus cuidados para limitar a acção das doenças ou os efeitos dos desastres ou dos acidentes ocorridos. Viram passar as colunas de camiões, que lhes carregavam os abastecimentos de que necessitavam para poder subsistir e actuar e tiveram ocasião de ver o trabalho aturado do pessoal que tinha por missão distribuir-lhos. E, em todos os momentos, sentiram a acção daqueles que os comandavam, as responsabilidades que sobre eles pesavam, os seus esforços para os orientar, dirigir, conduzir e auxiliar na sua acção.

Deste modo, da vida em conjunto durante um mês, empenhados em trabalhos cuja realização só era possível pela conjugação dos esforços de todos, cada um, por si, teve ocasião de avaliar a quota parte da actuação e de dedicação com que os outros contribuíram para a acção em comum e de criar uma noção mais nítida do valor da sua própria intervenção.

Isto é, quanto a nós, o grande valor do treino ministrado num campo de instrução e que não poderá ser obtido de outro modo. Ele conduzirá à criação do espírito de equipa, de cooperação e inter-ajuda entre os elementos componentes de uma força militar, de qualquer escala, sem o qual nunca foi possível, e hoje menos é ainda, admitir a actuação de uma força combatente.

Num aspecto particular, dado que as forças combatentes têm de ser apoiadas logisticamente, aquela cooperação tem de ser completa entre as Armas e os Serviços que as apoiam. Conhecerem-se o melhor possível — conhecerem as necessidades duns e as dificuldades dos outros — conduzirá a uma melhor compreensão dos problemas que cada qual tem de resolver e à determinação, portanto, de melhores soluções para esses mesmos problemas.

Tal não é possível, repetimos, senão reunindo as tropas das Armas e dos Serviços, fazendo-as viver em conjunto, o que se não consegue com a realização de simples manobras. Nestas, as forças estão dispersas por diferentes localidades ou locais de estacionamento afastados uns dos outros e só se chegam a ver na parada final. Aqui não, são vizinhos da mesma grande estrada que os liga a todos; cada dia sabem o que uns e outros estão fazendo, os trabalhos que têm e as dificuldades que encontram; comparam, analisam, sentem a acção que cada qual realiza e

Revista da Cavalaria

na luta do dia a dia, perante perigos e esforços semelhantes, reconhecem o valor, estimam a intervenção, aceitam os exemplos de outros homens com quem actuam ombro a ombro e auxiliam-se entre si. Deste labor em comum nascem amizades, o interesse pelo que acontece ao desconhecido da véspera mas que será um companheiro no futuro. Cimenta-se, assim, um estado moral que conduz a ser possível suportarem-se sacrifícios e privações e que aglutinando-os lhes confere aquela força sem a qual os meios materiais de que possam dispor serão de reduzido ou nulo valor.

Quando naquela tarde cinzenta, sob um céu de chumbo que parecia prestes a desfazer-se em água, eles se reuniram no Alto de D. Pedro, para serem passados em revista por Sua Ex.^a o Presidente da República e desfilerem perante altas individualidades, não só nacionais mas também estrangeiras, estamos crentes que os homens da 1.^a Divisão se sentiram mais unidos que um mês antes quando tinham chegado a St.^a Margarida. E tinham, certamente, a noção de, vindos donde viessem, fazerem parte de um todo que era a «sua» Divisão.

Para nós profissionais da carreira das armas, para quem o prestígio e a eficiência das instituições militares constituem a própria essência e razão de ser da nossa existência, é-nos grato constatar que os esforços dispendidos por todos aqueles que se reuniram em St.^a Margarida tenham conduzido a um tal resultado.

Sem aqueles esforços tal não teria sido possível. Mas, sem a existência deste vasto «laboratório» que é o centro de instrução, não era possível, também, a acção daqueles.

É a Sua Ex.^a o Ministro do Exército, General Abranches Pinto, que ficaremos devendo este passo decisivo na remodelação dos nossos processos de instrução. St.^a Margarida é, mais do que de qualquer outra pessoa, produto da acção de Sua Excelência, que a ela dedicou muito do seu tempo de trabalho e do seu repouso, acompanhando de perto os estudos preparatórios e a elaboração dos planos e estando, praticamente, presente, a todo o momento, durante a construção e agora enquanto as tropas ali permaneceram, auscultando as dificuldades encontradas na prática e indicando e promovendo as soluções para as remover. Estamos crentes que poucos pormenores haverá que tenham escapado à sua assídua assistência. Animando todos com o seu exemplo, deverá ter sido com satisfação que verificou os resultados de tão intenso labor. E o Exército deverá ficar-lhe grato por ter posto ao seu serviço um elemento fundamental para a sua preparação. Julgamos, assim, que seria de inteira justiça que o nome de Sua Ex.^a ficasse, para sempre, ligado a esta obra.

Revista da Cavalaria

*

Por muito rápidos que queiramos ser e por muito simples que sejam as anotações que gostaríamos de aqui deixar registadas, este artigo já vai mais longo do que desejávamos. Mas, um mês também não passa depressa e foram tantas as actividades diferentes e que, até certo ponto, se podem considerar como novidades que não resistimos a dedicar-lhes algumas linhas de referência.

Comecemos por uma que toca de perto a nossa Arma. Refiro-me à Polícia Militar.

Considerações de vária ordem e determinadas circunstâncias levaram a entregar à Cavalaria a preparação e organização de Unidades para aquele serviço. Não interessa debater aqui, agora, a vantagem ou inconveniente de tal decisão que achamos não poder ser definitiva. Interessa-nos, sim, assinalar a presença e a acção de tropas da nossa Arma no desempenho de tais funções.

O serviço de Polícia Militar a cargo de tropas do Exército, instruídas com a respectiva especialidade, fez a sua aparição nos exercícios finais da recruta do G. M. L. no corrente ano, e, logo ali, se verificou a necessidade da sua existência através dos resultados obtidos com a sua acção.

Em St.^a Margarida actuou um esquadrão sob o comando do Capitão Mamede de Brito que se houve, segundo a opinião geral, com muita correcção e eficiência no desempenho das suas funções, tanto mais que não há entre nós uma tradição de existência de um corpo policial nas fileiras do exército.

As missões que lhe foram atribuídas disseram respeito à polícia geral, incluindo a segurança no campo e das instalações e à regulação da circulação. Julgamos que os efectivos atribuídos não foram suficientes para o desempenho das múltiplas e simultâneas missões de que foram encarregados. No entanto, com muito boa vontade e dedicação conseguiram sempre estar em todos os sítios onde foi considerada necessária a sua presença.

Dentro da nossa maneira de ser e dos nossos costumes, a Polícia Militar não se deve emiscuir e deve simplesmente cooperar na disciplina geral, que é, dentro de cada unidade, da competência dos respectivos Comandantes. O haver um corpo de polícia em nada reduz o uso dessa prerrogativa que a presença dos seus agentes somente virá facilitar.

Os comandos, como as tropas, devem, principalmente, ver a Polícia Militar como uma organização cujas actividades têm por finalidade, dentro das missões que até agora lhe têm sido atribuídas, ajudar, e não,

Revista da Cavalaria

castigar; ensinar, e não, censurar; impor, resolutamente, sim, mas sempre da forma mais amistosa e cordial, o cumprimento das leis, dos regulamentos e das ordens que recebem.

Assim procedeu o pessoal da P. M. presente em Sta. Margarida.

O aprumo, que não excluía, mesmo, certa dignidade, com que se apresentava; a correcção no trato, quer com simples praças quer com altas personalidades; o cuidado no atavio individual, que deve ter sido mais um produto da boa vontade do seu pessoal; a extrema diligência na



Um desfile de Carros de Combate

solução dos mais variados problemas, desde a viatura que se «empanou» ou do homem que se perdeu das suas instalações ou unidade até à protecção de visitantes ilustres ou à segurança do pessoal militar e em especial das populações civis nas zonas de fogos reais; enfim, a sua presença a todos os títulos benéfica e utilíssima, em qualquer momento, grangearam ao pessoal da Polícia Militar a feliz impressão de que nos fizemos eco ao iniciarmos estas referências à sua acção.

É claro que o prestígio de que disfrute constitui a principal arma de que se serve nas suas intervenções, e manter o alcançado até agora pelo seu pessoal, representa já uma obrigação para aqueles que servirem na Polícia Militar. Estamos certos que ele aumentará, até, no futuro. São esses os nossos melhores votos.

Revista da Cavalaria

Outro serviço, que tem largas relações com a nossa Arma, teve notória intervenção na vida do centro de instrução ainda que a sua acção se processasse em sentido diferente do que era mais usual nas tropas de Cavalaria.

Se nos lembrarmos que a Divisão em exercíciõs ficaria completamente motorizada se fossem postas à sua disposição umas escassas três centenas de viaturas de transporte, parece, à primeira vista, um paradoxo, falar-se em serviço veterinário.

Na realidade, tal se não dá porque os camaradas médico-veterinários exerceram especialmente a sua acção na fiscalização dos alimentos e, trabalhando na dependência do serviço de saúde e em colaboração com o serviço de quartel-mestre, contribuíram, largamente, com a sua decidida e benéfica intervenção para a saúde das tropas, evitando possíveis toxi-infecções alimentares, de graves consequências, que poderiam ser originadas por géneros que se não encontrassem em boas condições.

Dispondo de caixas de inspecção com material adequado, organizadas segundo estudos feitos pelo próprio serviço, e de um laboratório de campanha de bromatologia, a sua acção desenvolveu-se, permanentemente, durante todo o período dos exercíciõs.

A boa vontade, dedicação e espírito de colaboração manifestados foram elementos que contribuíram para que o reabastecimento das tropas se fizesse em boas condições de sanidade e higiene sem perturbações que poderiam advir da sua intervenção.

Quando se realizam exercíciõs de conjunto ou manobras, os serviços de reabastecimento de víveres são dos que se tornam mais notórios, pois que a sua eficiência ou ineficácia afecta todos os que neles participem.

Atravessamos um período de modificação nos nossos sistemas de reabastecimento. O aspecto mais característico dessa modificação está em se considerar que o reabastecimento de artigos da classe I se deverá realizar, todo, a partir da retaguarda, não sendo de admitir, ou tomada em mínima conta, a exploração de recursos locais, ou a obtenção de quaisquer provisões pelas próprias unidades. Tal modo de proceder é possível se a alimentação das tropas for feita em condições diferentes das que estão em uso entre nós. De outro modo, são enormes os volumes de artigos a ter que carrear para a frente, com sobrecarga de trabalho para os órgãos reabastecedores e distribuidores.

Por outro lado, certas funções que até aqui eram desempenhadas pelo pessoal do próprio serviço, são agora incumbidas a pessoal das Armas, que deve ser especializado, mas cuja prática é ainda reduzida.

Revista da Cavalaria

Reduzida é também a eficiência do pessoal encarregado da manipulação e confecção dos alimentos.

As manobras ou exercícios de conjunto servem de banco de ensaio e treino, que, como no caso dos reabastecimentos, só pode ser feito, com realidade, durante eles, pelo pessoal e órgãos do serviço e das uni-



Carro de Combate «Patton»

dades nele interessados. E, mau grado nosso, há que sofrermos as consequências das experiências.

Mas estas devem servir também, para tirar conclusões e para, à sua luz, serem feitas as convenientes correções para afinação do sistema de modo a que as imperfeições encontradas se não voltem a repetir.

O reabastecimento feito a partir da zona da retaguarda leva, também, a pôr a cargo de um único órgão fabril produtor todas as actividades que digam respeito àquele escalão, o que lhe acarreta enorme responsabilidade quanto à eficiência do funcionamento dos órgãos que montar e à qualidade dos produtos fornecidos.

Revista da Cavalaria

O problema é complexo dada a existência dos mais variados factores e das diversas actividades que nele intervêm. Contudo, para prestígio do serviço e satisfação de todos, julgamos ser absolutamente preciso revê-lo em todos os seus graus de forma a conferir-lhe a eficiência que se torna necessário que possua.

Como já referimos, foi excelente o comportamento e a disciplina do pessoal em exercícios e, portanto, o seu estado moral. Para ele contribuíram, em larga escala, a acção dos serviços de assistência religiosa, de actividades recreativas e o postal.

Não houve da nossa parte intenção de marcar qualquer grau de influência ao indicar os serviços por esta ordem. Todos eles, estamos convencidos, contribuíram para a boa disposição e bem-estar das tropas e os resultados obtidos só poderão ser medidos pelo somatório dos três.

Se é certo que a preguiça é mãe de todos os vícios, e aqui não houve lugar para ela, a benéfica influência da prática da religião; o poder assistir a sessões de cinema ou ir passear ao domingo para conhecer terras, monumentos ou grandes obras, como o Convento de Tomar ou a barragem do Castelo do Bode, e ainda a possibilidade de comunicar com os entes queridos ou com os amigos por meio de correspondência ou ouvi-los, até, pelo telefone, também ajuda a suportar os trabalhos árduos e a separação.

Dos três serviços o que teve foros de novidade foi o das actividades recreativas que, com a cooperação da secção cinematográfica dos S. C. E., realizou sessões diárias, até ao início dos exercícios no escalão de divisão, com a projecção de «films» de entrecho passado em ambiente militar e outros de natureza puramente recreativa. Ainda, em colaboração com a Emissora Nacional, apresentou um serão nos moldes dos que aquele organismo costuma realizar. Conseguiu, deste modo, pôr ao alcance das tropas e sem qualquer encargo para elas, distrações que contribuíram para o excelente estado de espírito de que gozaram.

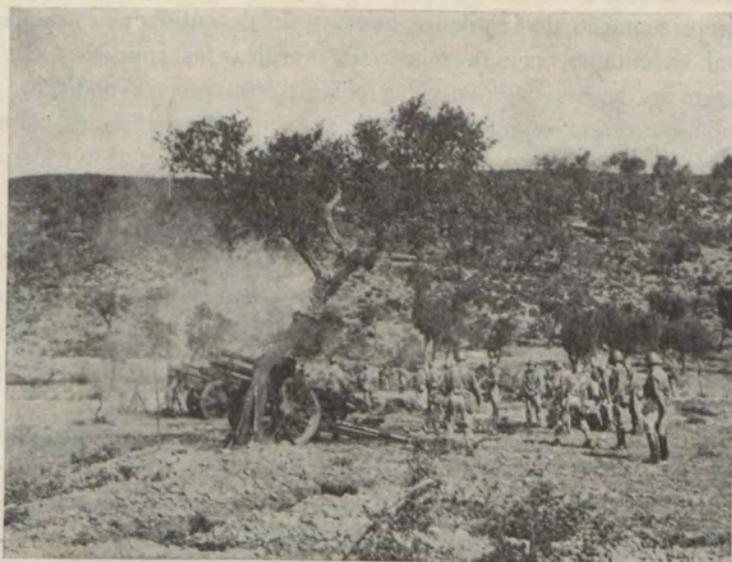
Sob o aspecto de curiosidade e servindo de medida do que foi o trabalho da estação postal militar (E. P. M.) de St.^a Margarida não queremos deixar de referir alguns números bastante elucidativos.

Diariamente 20 a 25.000 cartas eram recebidas e outras tantas expedidas; em média, eram recebidas 100 encomendas postais, mas chegaram alguns dias a atingir as 250; vales pagos 50, atingindo os 70; telefonemas recebidos 100 e 50 expedidos.

Não nos podemos admirar do número de cartas se nos lembrarmos que a população da «cidade» andava por 20.000 «habitantes» e todos estavam em condições de ter necessidade de escrever. O pessoal dos

Revista da Cavalaria

C. T. T., mobilizado para efeitos dos exercícios, foi incedível de boa vontade e proficiente na sua actuação, caracterizada por uma atenção constante para que não houvesse falhas no serviço, chegando ao ponto de obrar prodígios de imaginação para descobrir destinatários a quem a correspondência vinha deficientemente endereçada. Para executar a distribuição do correio às unidades eram feitos, diariamente,



Uma posição de Artilharia em acção

dois «giros» de onze quilómetros. Isto dá, também, a medida da extensão das instalações do campo.

Quanto ao serviço de assistência religiosa é de notar, por último, a extraordinária afluência voluntária que tinham as cerimónias religiosas efectuadas, em especial às missas dominicais, em número de três, ditas em altar de campanha montado sob uma viatura de transporte.

Se os serviços de assistência religiosa e o postal já tinham tradição entre nós, os serviços recreativos firmaram aqui o valor da sua existência e os três, cada um dentro da sua esfera de acção, souberam contribuir para a atmosfera desanuviada que se respirou em Sta. Margarida, durante os trabalhos árduos e o prolongado período em que as tropas ali se mantiveram.

Revista da Cavalaria.

*

Antes de terminarmos, o que já gostaríamos de ter feito para não cansar a atenção de qualquer nosso possível leitor, não queremos ainda deixar de dizer algumas palavras acerca do serviço de arbitragem, a cuja intervenção nos referimos na devida altura.

Não constitui uma novidade entre nós a realização de exercícios com representação do inimigo e intervenção de entidades estranhas ao pessoal executante, com a missão de verificar as condições em que decorrem as acções desenvolvidas pelas tropas que as realizam, procurando que estas se integrem num ambiente de realidade. Sem ter qualquer designação especial tal sistema tem sido aplicado na instrução das unidades e das escolas.

Que se pretende com a actuação da arbitragem? Fazer sentir e respeitar pelos executantes as realidades do campo de batalha com todas as servidões que elas impõem à actuação das tropas, determinando e indicando as condições em que o combate se desenrola. A intervenção dos árbitros não deve coartar, contudo, a esses executantes, a liberdade de comando, nem lhes restringir a iniciativa.

Depreende-se daqui o grau de equilíbrio e bom senso que implica, da parte dos árbitros, a acção destes.

A sua principal função consistirá em determinar e descrever, à unidade junto da qual actua, os efeitos que os movimentos, os dispositivos e o poder de fogo relativo das forças em presença determinariam no desenrolar da acção conduzida, de forma a provocar reacções apropriadas, por parte das tropas e dos comandos que tomam parte nos exercícios.

Procura-se, deste modo, que as tropas se integrem num ambiente, tanto quanto possível próximo da realidade, «vivendo» a acção que estão executando. A existência de um elemento exterior que controle esta, permite evitar situações pouco lógicas em face dos valores reais em presença. Uma das intervenções dos árbitros é, pois, a fixação das baixas em pessoal e material, o gasto de munições, etc.

Da própria actuação das tropas em presença, ou criados pelos árbitros, surgem incidentes, perante os quais os comandos, a partir da secção, são obrigados a tomar decisões ou providências, como o fariam no caso real de combate.

Procura-se, assim, com a intervenção de árbitros, melhorar os resultados da instrução, tornando-a mais eficiente.

Revista da Cavalaria

A sua realização, portanto, é, como se compreende, complexa e exige cuidadosa preparação para que não venha falsear a finalidade a atingir, restringindo, por exemplo, a acção dos comandos.

Para ser levada a cabo implica uma organização apropriada, sobreposta à rede dos comandos das tropas. Daí resulta que, tanto quanto possível, deve poder dispor de meios de comunicação e transporte próprios que tornem os árbitros independentes na sua acção.

Durante os exercícios de B. I. e R. I. a arbitragem e a figuração do inimigo foram realizadas pela própria Divisão, pois que nem todas



Uma posição de metralhadora

as suas tropas estavam, simultâneamente, interessadas nos exercícios em execução.

Logo que os exercícios passaram a ser realizados no escalão divisionário, já tal não era possível, em especial quanto à acção fiscalizadora e tornou-se necessário montar um serviço de arbitragem, o qual foi desempenhado por cerca de cem oficiais de todas as Armas e Serviços e cuja chefia esteve a cargo do Ex.^{mo} Brigadeiro Sousa Magalhães.

Aqueles oficiais iniciaram os seus trabalhos por um período de instrução, durante o qual realizaram diversas provas e exercícios reduzidos, de forma a adquirirem o treino necessário ao desempenho das suas funções.

O serviço de arbitragem, além da influência própria e da importância que reveste por si, tem, quanto a nós, também, manifesto valor

Revista da Cavalaria

sob outro aspecto. Para poderem desempenhar cabalmente a sua missão, os árbitros têm, tanto ou mais que os próprios executantes, que se integrar nos exercícios em realização. Têm que ter conhecimento dos respectivos temas e, até, das soluções consideradas e uma noção precisa do conjunto da manobra a par da forma concreta e detalhada como deverá ser conduzida a acção da unidade junto da qual vai actuar. Deste modo, o árbitro, ao colaborar na instrução, está, ele próprio, a ser instruído também.

No caso da Cavalaria, tal aspecto foi interessante, pois o pessoal chamado para o serviço da arbitragem junto dos blindados, pertencia à fina flor do hipismo, com a presença de alguns «internacionais». Tiveram, assim, ocasião de sentir de perto, em plena acção, o volume de problemas e a grandeza dos esforços dos «carristas» para bem levarem a cabo as suas missões. Este contacto, servindo de adaptação aos não iniciados da mecanização, contribuiu, certamente, para estreitar os laços de amizade e consideração mútua já existentes. O que não foi, pensamos, dos menores resultados obtidos do seu trabalho em comum.

De uma maneira geral, apesar de ser a primeira vez que a arbitragem foi utilizada em escala tão larga, ainda que não tivesse sido julgada suficiente, os resultados mostraram-se plenamente compensadores dos esforços dispendidos para a sua realização.

*

Ao chegarmos ao fim do que nos propusemos transmitir das impressões colhidas em Sta. Margarida durante um mês de trabalho, ao relermos as considerações que nos eram possíveis e nos pareceram de utilidade, constatamos que nos servimos, muitas vezes, de dois termos — «boa vontade» e «esforço».

Na verdade, quem tenha acompanhado a vida de todas as tropas que estiveram integradas nos exercícios de Sta. Margarida, há de ter constatado, como nós constatamos, o esforço permanente e decidido com que procuraram levar a cabo o desempenho das suas missões e a extrema boa vontade com que todos procuraram acertar e serem úteis dentro do conjunto. Se tal não conseguimos, esta é a impressão que desejaríamos ter deixado a quem nos tiver lido.

Houve, certamente, deficiências; cometeram-se, com certeza, erros. Mas, acima de tudo, ficam aqueles dois aspectos, através dos quais foi possível reduzir uns e compensar os outros. Se já tudo estivesse certo e perfeito, e tal não é possível, tanto mais que os homens se vão reno-

Revista da Cavalaria

vando, e outros passarão por aqui, não era preciso haver o centro de instrução, nem realizar exercícios.

Mas, para que o esforço dispendido e a boa vontade dêem todos os seus frutos resta agora estudar as deficiências e promover a sua anulação, e analisar os erros cometidos e procurar reduzi-los.

Deu-se, estamos disso convictos, um grande passo em frente nos nossos métodos e processos de instrução. Possibilitou-se a realização de exercícios de conjunto de todas as Armas e Serviços em condições de deles se tirar todo o rendimento e os ensinamentos que devem contribuir para o aperfeiçoamento da actuação de umas e de outros. O C. I. ainda não atingiu todo o seu desenvolvimento e as suas condições hão-de continuar a melhorar no futuro. O caminho iniciado com tanta felicidade, está aberto. Ele deverá conduzir, como todos nós desejamos, a um maior prestígio das instituições militares e a um mais alto nível de eficiência do nosso Exército. Que assim seja.



CAMPO DE INSTRUÇÃO MILITAR DE SANTA MARGARIDA

FINALIDADE

pelo Capitão VASCO RAMIRES



Na Directiva para o Estudo do Plano de Construção do Campo de Instrução, Sua Ex.^a o Ministro do Exército define a finalidade do Campo, nos termos seguintes:

«Os chefes de larga experiência da última guerra sempre afirmam ser necessário um período de adexramento, de um ano aproximadamente, para uma Grande Unidade poder enfrentar a dureza da guerra actual,

dominar a complexidade dos armamentos modernos e a difícil técnica da cooperação entre as diferentes armas no combate.

Lançar tropas na luta com deficiências de armamento constituirá responsabilidade grave, mas poderá alcançar o perdão da necessidade extrema para quem o não produza e o não consiga obter, mas fazê-las combater com faltas de preparação, que esteja na nossa mão corrigir, não se sabe se encontrará desculpas.

Ainda que uma parte daquele período de actividade de adexramento se possa passar nas paradas dos quartéis e nos terrenos das vizinhanças, nos primórdios da instrução e na manobra das pequenas unidades, larga permanência será de exigir no campo de instrução.

Só ali se tornará possível amalgamar, táctica e tènicamente, a heterogeneidade de tantos elementos diversos de uma Grande Unidade.

Só através desta integração interna nascerá alguma individualidade e se conseguirá o espírito combativo, condições essenciais para uma Grande Unidade entrar com confiança no campo de batalha.

É esta a finalidade que se vai procurar no Campo de Instrução».

Revista da Cavalaria

Escolha do local

Além da sua posição no centro do País e de outros factores de ordem estratégica, a escolha do planalto de Santa Margarida para a construção do Campo de Instrução, obedeceu essencialmente à conjugação das condições seguintes:

- 1.º — Proximidade de terrenos extensos, próprios para exercícios militares, agricolamente muito pobres, numa zona quase despovoada.
- 2.º — Possibilidade de obter nas proximidades a água necessária.
- 3.º — Proximidade de linha férrea e de uma estrada nacional.
- 4.º — Proximidade de um campo de aviação militar.

Dispositivo

A zona destinada às instalações ocupa uma área de 200 ha e é longitudinalmente cortada por uma larga avenida central, verdadeira espinha dorsal do dispositivo.

De um e outro lado implantaram-se as edificações constituindo, conforme a composição da Divisão, 5 núcleos principais: três para os Regimentos de Infantaria, um para a Artilharia e um para a Engenharia, Cavalaria e Serviços, além do Quartel General e núcleo hospitalar. A este último foi destinado um local excêntrico com fácil acesso do exterior.

A zona arborizada na entrada Norte do Campo foi reservada para bairro residencial.

O Campo tem dois acessos a partir da Estrada Nacional 118.

A estrada principal dá também acesso à Estação de Caminho de Ferro, construída propositadamente para servir o Campo.

Uma estação dos Correios será construída perto do Quartel General e entre as zonas das tropas e residencial.

A fim de prestar assistência religiosa às tropas e permitir a realização de missas campais, será construída uma Capela na extremidade de um vasto terrapleno.

Revista da Cavalaria

Instalações

As instalações para o pessoal num Campo desta natureza, não podem oferecer a comodidade das instalações de um quartel de cidade, mas também não podem ser tão exíguas que, só por si, exijam dispêndio de energia dos homens.

De facto, estes não devem cansar-se, por dormir mal, por falta de higiene, por fazerem longas caminhadas para chegarem aos locais de



*Carros M-47 formados ao longo da Avenida,
em continência ao Sr. Presidente do Conselho*

instrução ou para procurarem uma distração na aldeia ou vila próximas.

As instalações de um Campo de Instrução devem permitir que um treino físico intensivo possa ser conjugado com uma preparação técnica eficiente (que hoje exige considerável esforço intelectual) de maneira a ser possível conseguir-se um progressivo aumento de forma para que os homens possam entrar em campanha em plena pujança das suas faculdades físicas, intelectuais e morais.

As instalações serão simples, modestas, reduzidas ao estritamente necessário mas eficientes dentro da concepção formulada.

Revista da Cavalaria

Assim, o núcleo correspondente a um R. I. tem o comando regimental e o dos seus três batalhões instalados nos dois edifícios junto à Avenida, na melhor posição para lhe facilitar as relações com os outros Comandos e uma perfeita vigilância interior.

Dispõe de uma parada onde pode ser reunido o regimento mas que ao mesmo tempo pode ser utilizada pelos três batalhões correspondentes



*Outro aspecto de formação de carros em continência
ao Sr. Presidente do Conselho*

aos três agrupamentos de edifícios que assim se dispuseram para garantir a individualidade ao batalhão dentro do regimento.

Cada batalhão dispõe, além do Comando, de um refeitório, de um balneário, de uma sentina e quatro casernas (uma por companhia com os homens a dormir em beliches duplos).

Os edifícios destinados a oficiais e sargentos dispuseram-se em mais dois agrupamentos, resguardados, mas suficientemente próximos das instalações das praças para facilitarem o contacto dos superiores com os seus soldados.

Revista da Cavalaria



Revista da Cavalaria

As viaturas são arrumadas ao ar livre no parque projectado, que tem um anexo com dois edifícios destinados às oficinas de manutenção do material.

Prevê-se ainda, em cada núcleo, a construção de uma cantina com barbearia, etc., e uma lavandaria.

O cinema, ou melhor, o «auditorium» destina-se não só à projecção de filmes de instrução militar ou palestras educativas, como também à passagem de filmes ou representações recreativas, porque é absolutamente necessário ocupar totalmente o tempo ao soldado, dentro do Campo tornando-lhe amenas as horas de descanso de forma a estar psiquicamente preparado para suportar a intensidade do esforço a que está sujeito. O cinema tem cerca de 900 lugares para os 3.700 que constitui o regimento pois que o seu aproveitamento mais económico resulta da sua utilização em sessões.

As instalações de cultura física são constituídas por um campo de futebol rodeado de pistas e dispositivos para a prática de desportos atléticos (futebol, corridas, saltos, lançamentos de peso e disco, etc.) campos de basquetebol e voleibol, uma pista de destreza militar e uma piscina, porque sendo ínfima a percentagem de recrutas que sabem nadar, torna-se absolutamente necessário dar o maior desenvolvimento à instrução de natação dada a sua importância nas operações anfíbias, ou de simples travessias de cursos de água.

A pista de destreza militar é destinada a treinar dia a dia, os soldados na transposição de obstáculos de dificuldades progressivas primeiro com a equipa desportiva, e depois com o equipamento de combate.

Um campo de obstáculos (com cavaliças anexas) permitirá aos oficiais, a prática da equitação de obstáculos.

Todas estas instalações estão concebidas para serem realizadas com a maior economia, eliminando o supérfluo e procurando atingir o justo termo das realidades militares na preparação para os esforços e privações que a guerra exige.

Não podem ser comparadas com as instalações dos quartéis permanentes o que é materializado pela diferença de custo por homem alojado — 36.000\$00 para o quartel de Infantaria 6, sem estar compreendida a urbanização (pois utilizam as redes de água, esgotos, electricidade e telefones da cidade) enquanto que para o Campo se prevê um preço entre 5.000\$00 e 6.000\$00 compreendida a urbanização.

Da mesma forma o índice de ocupação previsto para o Campo é de 5,3 m² por homem, enquanto que para o citado quartel é superior a 20 m² por homem alojado.

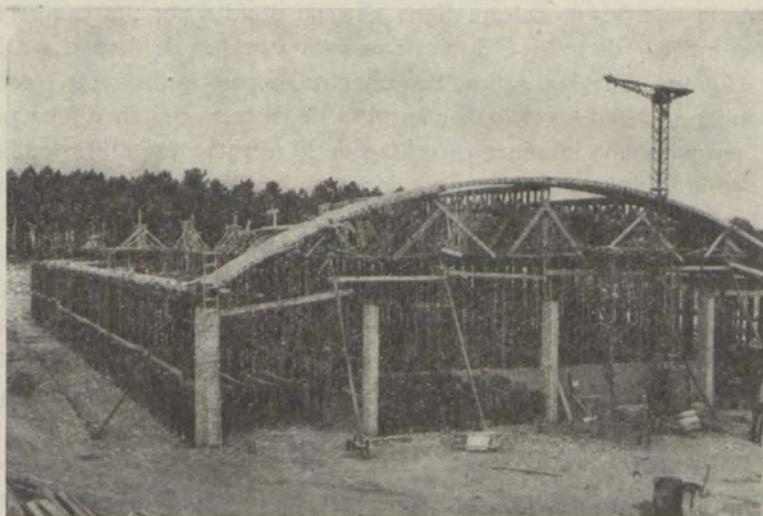
Revista da Cavalaria

Abarracamentos

No estrangeiro, nos Campos Militares de Instrução são sempre utilizadas barracas desmontáveis, ou melhor, «montáveis» porque dado o elevado custo das redes de distribuição e comunicação (água, energia eléctrica, estradas, telefones, esgotos, etc.) não é de considerar o seu levantamento para montar noutro lado.

A razão está no facto de esses países terem tão desenvolvida a indústria das casas pré-fabricadas que a sua construção resulta de facto económica.

Essas barracas são de madeira ou metálicas. Estas exigem cuidados especiais com isolamento térmico conseguido à base de lã, de vidro



Parque de carros em construção

ou de outros materiais sempre muito caros. São geralmente pintadas a tinta de óleo do que resulta uma conservação muito dispendiosa.

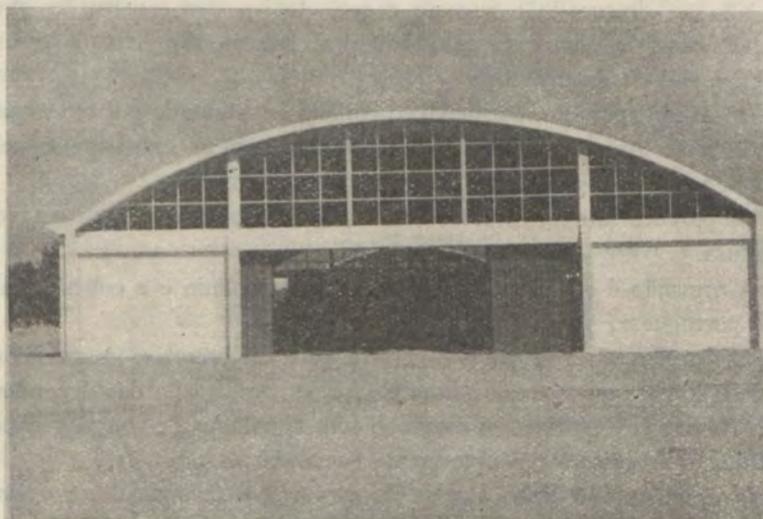
As barracas de madeira são de difícil conservação e têm o gravíssimo inconveniente de serem inteiramente combustíveis e são quase tão caras como as metálicas. Há ainda as barracas de lona. Essas, além de demasiado incómodas para permanências demoradas, com que deverá contar-se, dadas as vantagens que oferece o sistema do recrutamento

Revista da Cavalaria

em cadeia, já adoptado em vários países, são ainda mais caras. O General Pechaud-du-Rieu na «Rèvue du Génie Militaire» e o Comandante de Ingenieros, Henrique Sanchez Imaz, na Revista «Ejército», demonstram-no claramente.

Várias casas comerciais propuseram o fornecimento de barracas pré-fabricadas importadas, sempre por preços superiores a 1.000\$00 por metro quadrado.

Em Portugal, devido ao preço especial de obtenção da mão de obra, ao baixo preço dos materiais cerâmicos (tijolo e telha), cimento



Parque de carros concluido

e inertes (pedra, brita e areia), verificou-se ser possível construir abaracamentos com melhores condições de habitabilidade e de muito maior duração, por cerca de metade do preço.

Estudou-se assim, uma construção modulada partindo do edificio destinado a alojar o pessoal de uma companhia em beliches duplos, mas que também pudesse ser utilizada para armazenar material.

Mercê do módulo encontrado, esse edificio é uma caserna ou armazém de material, uma oficina ou refeitório de batalhão, um refeitório de oficiais ou de sargentos, de regimento.

Revista da Cavalaria

Com maior número de divisórias interiores, mas sem alterar o módulo, obtiveram-se as instalações para o Quartel General, os comandos de regimento e batalhão ou dormitórios de oficiais ou de sargentos, etc.

Ocupando áreas iguais, com as coberturas iguais, com portas e janelas todas iguais, com um consumo dos restantes materiais variando muito pouco, foi possível obter a fabricação e aplicação em série de todos os elementos da construção, conseguindo-se a normalização requerida.

Para os edifícios das instalações sanitárias, que não podiam ter a mesma largura, apenas se alterou a construção das asnas da cobertura, aproveitando-se todos os outros elementos do edifício base.

Não foi descurado o aspecto architectónico das construções procurando obter-se uma expressão séria que na sua simplicidade traduzisse a realidade da urdidura.

Encarado agora em pormenor, o edifício é sustentado por um esqueleto de betão armado constituído pelos pilares com as suas sapatas pela viga da fundação, pela cinta de travamento e cimalhã.

As paredes são constituídas com tijolo de nove furos com 0,11 de espessura.

A armação é em pinho impregnado de carbolínio e a cobertura de telha portuguesa.

As paredes são rebocadas e caiadas com cal branca e os pavimentos de betonilha ou tacos de pinho conforme a utilização das dependências. As portas e janelas são de pinho com almofadas de contraplacado, pintadas as exteriores e simplesmente enceradas as interiores.

O isolamento térmico apesar da pequena espessura das paredes, foi conseguido pela aplicação nos tectos de placas de Omnilitte simplesmente caiadas. Este material isolador e incombustível, de recente fabrico no nosso país, é constituído por fibras de madeira de pinho silicatadas, aglomeradas com cimento e prensadas em placas.

As redes de distribuição de água e energia são simples mas obedecem a todas as regras regulamentares.

O tipo de construção adoptado tem ainda a vantagem de ser progressivo.

Assim, se se pretender melhorar o isolamento térmico, este pode ser consideravelmente aumentado construindo uma segunda parede de pilar a pilar, constituindo uma parede dupla com caixa de ar.

Como também as paredes interiores são de tijolo, os revestimentos podem ser melhorados, protegidos por lambris, etc.; as placas dos tectos de início simplesmente caiadas, podem ser rebocadas e estucadas e

Revista da Cavalaria

a betonilha dos pavimentos revestida com mosaicos hidráulicos, cerâmicos, etc.

Este facto tem considerável importância porque não é preciso recorrer a outro tipo de construção para conseguir maior conforto que pode ser necessário, nas instalações hospitalares, por exemplo.

Águas

O problema da água é vital para um Campo de Instrução.

Para atingir a formação física, moral e técnica que o combatente deve possuir, a instrução deve ser atraente, activa, eficaz e realista.

Se não houver a água necessária, a vida no Campo torna-se um pesadelo verdadeiro, por impedir que as condições de higiene e os fins educativos possam ser atingidos, comprometendo em absoluto a finalidade do Campo.

Por esta razão é primacial que o Campo seja construído numa região onde possa ser obtida com certa abundância, porque é utilizada por uma população em que todos os habitantes praticam a mesma higiene.

A lavagem de material (carros de combate, viaturas auto, etc.) consome muita água e o consumo não pode ser limitado por contadores, como acontece nas casas particulares.

Encarou-se o problema da economia utilizando torneiras de dispositivo especial, tanto no chuveiro, como nos lavabos, tendentes a evitar todos os desperdícios.

Dentro de limites modestos admite-se uma capitação de 150 litros o que para os efectivos de uma divisão exige um fornecimento diário de 3.000 metros cúbicos.

Depois de sondagens executadas nas zonas mais prováveis dos arredores, verificou-se só ser possível obter este caudal, com boa água, no sub-leito do Tejo, em frente à povoação de Tramagal, onde é aluvião, é suficientemente profunda e constituída por materiais que garantem uma filtração natural e eficiente.

A captação é constituída por três furos entubados sobre os quais serão montadas torres de betão armado para instalar as bombas acima do nível das máximas cheias.

Estas bombas, de eixo vertical, fazem a elevação para o depósito intermédio do Carvalhal, pois não era possível vencer o desnível total de 170 metros, num só escalão.

Revista da Cavalaria

Da estação sobreelevatória do Carvalhal, a água é bombada por três grupos de 60 CV para os dois depósitos elevados, através da rede de distribuição.

Os depósitos têm capacidade de 1.500 m³ constituindo assim a reserva mínima tènicamente admitida.

O problema das pontas com um consumo máximo muito elevado durante certos períodos do dia (abluções matinais e banhos depois das



Depósito de água de 1500 m³

instruções), obriga a canalização de diâmetros superiores aos que seriam utilizados numa povoação com igual número de habitantes.

A adução e a distribuição são construídas com tubos de fibrocimento de diâmetros variáveis entre 60 mm. e 400 mm.

Esgotos

O terreno constituído por um planalto, inclinado da Avenida Central para as linhas de água que o limitam, obriga ao estabelecimento de duas bacias de esgotos, prevendo-se a construção de uma estação de tratamento para cada uma.

Como, porém, não é possível calcular as referidas estações sem se ter uma ideia exacta dos caudais do afluente dependentes da ocupação que o Campo tiver durante as diferentes épocas do ano, foi resolvido

Revista da Cavalaria

na 1.^a fase de construção encarar a depuração por processos expeditos à base de fossas sépticas. O esgoto é do tipo separado, pois que as águas pluviais não são lançadas na rede.

As condutas são constituídas por manilhas de cimento dos diâmetros de 0,15, 0,20 e 0,30.

Estas manilhas foram construídas no Campo, com uma produção média de 40 m., por dia. A rede de esgotos instalada mede 12.500 m.

A Câmara Municipal de Constância está interessada em utilizar o afluente para fertilizar os terrenos da várzea, entre a linha férrea e o Tejo, problema que vai ser encarado logo que se possa ajuizar dos elementos acima referidos.

Terraplenagens e estradas

Embora se trate de um planalto, foi grande o movimento de terras realizado para construção de estradas, terraplenagens para implantação de edifícios, etc.

O acesso ao Campo é feito por duas estradas a partir da Estrada Nacional n.º 118. Destas, a principal, estabelece a ligação com a estação de Caminhos de Ferro.

Atendendo ao peso cada vez maior dos veículos motorizados dos Exércitos, a construção das estradas tem de merecer cuidados especiais.

Assim, o pavimento construído é um macadame sobre uma camada de enrocamento, com um revestimento asfáltico de semi-penetração e tapete superficial.

A avenida central tem duas faixas de rolagem pavimentadas e duas de terra para os veículos de lagarta, para permitirem o trânsito num só sentido em cada faixa.

As faixas de rolagem pavimentadas permitem a ultrapassagem.

As outras estradas com uma só faixa de rolagem dão acesso às restantes instalações do Campo.

Energia eléctrica

O Campo é abastecido em alta tensão (30 KV) pela Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo através de uma linha com 6 quilómetros a construir da povoação do Tramagal para o posto de transformação principal, do Campo.

Desta linha deriva um ramal com um quilómetro para o Posto de Transformação que alimenta a estação de sobrelevação de água do

Revista da Cavalaria

Carvalho, sendo de prever a sua continuação até à estação de Caminhos de Ferro numa extensão de mais um quilómetro.

Outra linha de alta tensão será construída do Tramagal para o Posto de Transmissões que alimenta a estação elevatória das captações de água, na margem do Tejo.

As características de consumo não são as mesmas de uma povoação porque se verifica uma ponta de máximo muito elevada durante um período curto (entre o anoitecer e o toque de silêncio), facto que obriga a equipar o Posto de Transformação Principal, com quatro transformadores para permitirem as combinações que conduzem ao maior rendimento e economia máxima.

No caso de ser construído o bairro residencial prevê-se a instalação doutro Posto de Transformação pelo facto da distância ao Posto Principal ser demasiada para uma distribuição em baixa tensão.

Esta é feita a 380/220 volts, por cabos subterrâneos, a partir do Posto Principal para as cabines de distribuição existentes em cada um dos núcleos principais e destas, aos diferentes sectores correspondentes aos agrupamentos de instalações.

Telefones

O Campo ficará ligado telefonicamente à Escola Prática de Engenharia por linha militar e à rede civil na estação de Praia do Ribatejo por intermédio de 4 linhas a construir pelos C. T. T.

A Central do Campo terá um indicador de 200 direcções e estará ligada por cabo enterrado com os vários núcleos, em cada um dos quais será constituído um P. P. C.

Arborização

Grande parte do terreno é constituído por verdadeira charneca, e a extensão e o volume das terraplenagens a executar não permitem que o problema da arborização, de tanta importância, para cortar a aridez do planalto, melhorar e embelezar o ambiente do Campo, possa ser encarado desde o início da construção.

A parte arborizada existente foi conservada e pouparam-se o mais possível as poucas árvores que existiam em algumas zonas de construção.

Será elaborado um plano de arborização de forma que a plantação possa ser feita no inverno de 1953/1954.

Unit 40



Hippismo

Justo Prémio

O conhecimento de que a Sociedade Hípica Portuguesa vai iniciar a publicação de uma Revista, de carácter informativo, sobre a actividade hípica nacional e a sobreposição do seu campo de divulgação com o da Revista da Cavalaria, desobriga-nos de publicar a nossa habitual crónica anual.

Limitar-nos-emos a destacar, dos resultados técnicos do ano, o bom «palmarés» alcançado pelo capitão Rodes Sérgio montando «Castiço», que dados os seus antecedentes se torna particularmente digno de especial referência.

Para o observador atento, os triunfos do capitão Rodes Sérgio ultrapassam largamente o aspecto efémero e episódico que caracteriza, na generalidade, as vulgares vitórias de «pista».

Raras vezes o conceito de prémio no seu alto significado de recompensa teve tão justa interpretação. Os prémios ganhos pelo capitão Rodes Sérgio, substanciam os resultados de cinco anos de trabalho honesto, constante e persistente, com o qual conseguiu neutralizar a reconhecida má índole do grande ganhador de 1953.

É por isso, que as suas vitórias se revestem de particular interesse e se destacam entre os demais triunfos do ano como exemplo de «Justo Prémio».

A. S.

Revista da Cavalaria



O Capitão Rodes Sérgio montando «Castiço»

*Classificações obtidas em 1953
em provas de «Grande Prémio» e «Taça de Honra»*

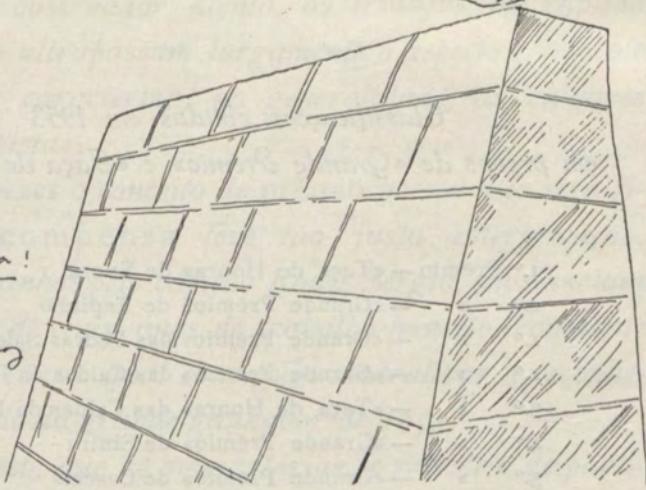
- 1.º Prémio — «Taça de Honra» de Évora
- 2.º » — «Grande Prémio» de Espinho
- 1.º » — «Grande Prémio» das Pedras Salgadas
- 1.º » — «Grande Prémio» das Caldas da Rainha
- 3.º » — «Taça de Honra» das Caldas da Rainha
- 4.º » — «Grande Prémio» de Sintra
- 5.º » — «Grande Prémio» de Cascais



Classe !

Confiance !

A. Rep. au France
1948





O PANORAMA HÍPICO ACTUAL

pelo Capitão CRAVEIRO LOPES

Em face das dificuldades que os nossos cavaleiros civis encontram na prática do hipismo, por motivo da inexistência de picadeiros com mestres habilitados ou organização tipo Sociedade Hípica com as necessárias instalações para alojamento e tratamento de cavalos, picadeiro, etc., pode concluir-se que, hoje em dia, esta modalidade desportiva é quase exclusivamente praticada no nosso País por cavaleiros militares.

Estes disfrutam, naturalmente, das vantagens que o Estado lhes concede, dando-lhes cavalos, impedidos, alimentação e alojamento correspondentes, viagens pagas, etc., condições indispensáveis para se poder competir. Além disso, embora o sistema organizado para a prática do hipismo pudesse ser o mais perfeito, em resultado também das facilidades que permite a organização militar, parece que *nem tudo é observado de modo a se alcançar o melhor rendimento, quer no respeitante às vantagens que podem resultar do emprego da equitação nos quadros do Exército, quer ainda no referente à nossa representação no estrangeiro.*

Procuraremos então analisar o que se passa debaixo destes dois pontos de vista, no que diz respeito ao *cavaleiro* e depois, ao *cavalo*.

Cavaleiro

Actualmente não é fácil um oficial chegar à sua unidade e conseguir na fileira um cavalo com possibilidades de fazer as provas dos concursos hípicos que hoje se realizam. Arranja um cavalito que acaba por estar mais ou menos pendurado à mangedoura em virtude de encontrar

dificuldades para o ensinar, pois em regra não há instrução de equitação para oficiais e as «poules» da S. H. P. são demasiado fortes para meter cavalos aos saltos... Assim, naturalmente, mais dia, menos dia, esquece o cavalo e passa a dedicar-se exclusivamente aos motorizados.

Mas se tem gosto pela equitação e está disposto a castigar o físico, concorre à Escola de Equitação de Mafra, onde ao fim de um ano, ou no caso de ser considerado muito bom, de dois anos, pode ascender à categoria de *instrutor* ou de *mestre de equitação*, adquirindo assim o direito a ter montadas de desporto e resolvendo o seu caso pessoal — se os cavalos forem bons — mas só excepcionalmente sendo utilizado na função de *instrutor* de oficiais ou sargentos na sua unidade, não se atingindo afinal o mais importante objectivo para que foi instituído o curso.

Não só por esta possibilidade que o Estado dá, autorizando que se instruam em Mafra os oficiais de cavalaria e das outras armas, como também pelas competições equestres que patrocina, Provas Hípicas Regimentais, Campeonato Equestre Regimental, Campeonato Equestre Militar — a segunda também destinada às unidades de infantaria e à última podendo concorrer oficiais de todas as armas — tem-se a prova que *as entidades oficiais ainda manifestam particular interesse em manter a equitação como actividade desportiva necessária aos quadros do Exército e em especial aos da Cavalaria.*

E os Concursos Hípicos Oficiais? Não é de supor que sejam destinados a proporcionar agradáveis vilegiaturas aos cavaleiros concorrentes!

E a compra que se faz anualmente no estrangeiro de animais destinados a desporto?

Parece serem estas suficientes razões que levam a crer que não se pretende pôr de lado a actividade equestre no nosso Exército.

Para corresponder a esta finalidade parece-me que muito pouco se tem deligenciado para executar o que tão essencialmente foi estabelecido:

- não deve ser impossível conseguir duas vezes na semana, uma hora para ser dada instrução de equitação aos oficiais e sargentos;
- não devem deixar de se realizar as provas equestres que estão determinadas, nelas devendo tomar parte, efectivamente, os oficiais que o regulamento não dispensa.

Dizem que há falta de cavalos, no entanto todo o oficial de cavalaria tem direito a tirar uma montada para praça; que há falta de tempo, etc., mas estou certo que não são estes os impedimentos, mas

Revista da Cavalaria

sim a falta de «ambiente hípico» que se tem deixado apagar gradualmente, não restando dúvida que se se perder o contacto com o cavalo, passando a Cavalaria a viver apenas da tradição, se acabará por extinguir o «espírito cavaleiro» que daquele resulta. Tudo se encaminha neste sentido, até nas pequenas coisas: o necessário desaparecimento das polainas nos soldados é acompanhado pelo uso de calça lisa, em substituição das tradicionais botas altas e esporas por grande número de oficiais de cavalaria; nos tanques e veículos motorizados desenham-se elefantes, galos ou pássaros de várias espécies, quando para distintivos tantos motivos cavaleiros se podiam preferir...

Cavalo

Como já tivemos ocasião de referir, não é fácil escolher, entre os cavalos destinados à fileira, um animal que possua as condições necessárias para fazer as provas de obstáculos que hoje se apresentam. Com muita sorte pode ser que apareça um *Jacaré*, um *Nocivo* ou um *Estemido*, e, como em tempos passados houve outros bons cavalos nacionais, talvez fosse possível conseguir alguns mais, garantindo a certos criadores um preço que os compensasse das despesas que suportassem.

Para dotar o Exército de montadas de desporto tem sido quase exclusivamente determinada, a compra de animais no estrangeiro. Das mais diversas procedências foram adquiridos nos últimos oito anos para cima de duzentos cavalos. Seria, pois, natural que actualmente existisse um grupo de animais de categoria do qual pudesse sair a equipa nacional, todavia, na altura própria verifica-se a falta de cavalos de classe resultando conseqüentemente difícil a sua constituição.

Parece-nos que, embora haja alguns outros motivos, *a razão por que há falta de cavalos de categoria resulta de deficiências que vêm de longe, pois desde que eles são adquiridos até à sua utilização em provas, se observam falhas importantes:*

— Alimentação

A ração que é fornecida aos animais de grande corpulência que ultimamente têm sido adquiridos, não parece ser a mais indicada quer em peso quer em composição, além de se verificar que é insuficiente passado o primeiro ano de aclimação, em que se lhes subtrai dois quilos de aveia e o feno a que tinham direito.

Revista da Cavalaria

Sendo estes cavalos considerados de invulgar categoria, do concurso dos quais muito há a esperar, haveria grande vantagem que fossem alimentados à base de aveia e alguma fava, com completa exclusão de alfarroba e milho, origem de tão perigosas cólicas que muitos animais já têm vitimado. O reduzido acréscimo de despesa que resultaria, por não ser elevado o número de cavalos desta categoria, seria largamente compensado pelos benefícios que daí adviriam.

— *Tratamento*

Por serem distribuídos soldados de infantaria, até sem a instrução de condutores, para impedidos de oficiais que possuem montadas de desporto, ou ainda soldados dos regimentos motorizados que nunca viram um cavalo de perto, nada mais é preciso dizer para concluir dos grandes perigos a que estão sujeitos os animais que tanto dinheiro custaram ao Estado.

Podiam ser destinados aos oficiais que possuem montadas de categoria, os soldados oriundos das unidades montadas de cavalaria, em vez de serem distribuídos por outros que não utilizam o cavalo.

— *Assistência médico-veterinária*

Não é possível resolver na generalidade, bem entendido, o que se refere à assistência aos cavalos montadas de desporto com o médico veterinário da unidade a que o cavalo pertence. Este oficial por necessidade do serviço muda frequentemente de unidade, havendo períodos de licenças, manobras, etc., em que tem de assistir a várias unidades, fazendo serviço desde as Caldas da Rainha até Setúbal.

Conclui-se, portanto, da enorme vantagem que haveria em que fosse nomeado um oficial veterinário para vigiar e assistir permanentemente a esta categoria de montadas.

— *Ferração*

Sem bons cascos não pode haver bons cavalos, devendo os cuidados dobrar quando se trata de animais importados, normalmente habituados a magníficos pisos relvados de modo que, em

Revista da Cavalaria

contacto com os irregulares terrenos que possuímos, naturalmente se vêm a sentir. Como os antigos sargentos ferradores passaram a fazer o serviço de linha, os cavalos têm de ser ferrados por soldados ou cabos, o que seria de toda a vantagem evitar.

Podia ser nomeado um sargento ferrador dos ainda existentes, que applicasse a cada montada de desporto o tipo de ferração mais conveniente, evitando-se assim as graves incapacidades que por vezes se verificam.

Além dos motivos por assim dizer, orgânicos, que acabamos de expor que nos parece conduzem à falta de cavalos de categoria, resta ainda apontar o aspecto não menos importante que é o do *ensino e utilização dos cavalos de desporto*.

Foi estabelecido — Directivas do Ex.^{mo} Delegado do Ministério do Exército, 1950 — que os animais novos devem seguir determinado regime de trabalho o qual consta, de um modo geral, de duas sessões por semana de exterior, duas outras de picadeiro e as restantes duas, de trabalho em campo de obstáculos, com transposição de pequenos saltos.

Parece-nos que não tem sido seguida tão salutar orientação, realizando-se trabalho de exterior a menos e de obstáculos a mais.

Quanto à *utilização dos cavalos*, foi também determinado que só podem entrar em provas com pelo menos cinco anos, o que parece tem sido observado e que, nesta idade, só podem concorrer a provas pequenas, o que muitas vezes não tem sido respeitado, daí resultando não apenas algumas incapacidades físicas, mas principalmente, maneiras defeituosas de saltar que impedem que se consiga do cavalo o melhor rendimento sobre o obstáculo.

Só é possível evitar tais ocorrências por meio de uma fiscalização frequente e efectiva ao trabalho dos cavalos novos, proibindo que tomem parte em provas para as quais não estejam preparados. Mas como, pode dizer-se, não existem provas para cavalos a meter — as «Omnium» são demasiado fortes e as «Despedidas», quando se realizam, são disputadas por parellas ou estafetas — é necessário estabelecer que em alguns Concursos Officiais haja uma ou duas provas destinadas aos cavalos novos, levando o rigor ao ponto de não deixar ao critério dos organizadores, a composição dos obstáculos dos percursos.

Embora já vão longos estes ligeiros apontamentos, falta ainda tratar do *conjunto cavaleiro-cavalo na nossa representação internacional*.

Revista da Cavalaria

Para completar o percurso que temos vindo a fazer através da equitação de obstáculos — possivelmente até com alguns pontos de penalização — apresenta-se-nos o último salto ao qual não devemos dar três «recusas». Assim, permitir-nos-emos expressar a nossa modesta opinião acerca de tão discutido assunto.

Em conclusão do que dissemos atrás, verifica-se a *escassez de cavalos de classe para a constituição da equipa e reservas*, devendo ser esta a principal origem das dificuldades que se apresentam, ainda que haja outras como as que são motivadas pela falta de treino dos cavalos de momento em que têm de ser escolhidos, por não terem ainda principiado os concursos.

Quanto à *escolha dos cavaleiros* a natureza das dificuldades é diversa, pois há um grupo relativamente grande de elementos que estão em condições imediatas de fazerem parte da equipa, como aliás se tem verificado últimamente.

Aos cavaleiros considerados *indiscutíveis*, têm sido distribuídos um ou dois cavalos conforme o necessário, completando-se a equipa com os cavaleiros aprovados na Prova de Selecção que tenham apresentado dois bons animais ou apenas um, sendo-lhes neste último caso atribuído o que falta para constituir a parelha.

Estaria o caso resolvido se houvesse cavalos reservas da equipa disponíveis, o que em geral não acontece, sendo então preciso decidir entre:

- Seleccionar um ou mais cavaleiros que irão representar o País em montadas incapazes ou inferiores.
- Tirar a um cavaleiro aprovado na Prova de Selecção uma montada para a atribuir a outro que foi escolhido, ou entrar em acordo de modo a ambos tomarem parte em concursos diferentes.
- Tirar um cavalo de categoria a um cavaleiro que não foi aprovado ou que não concorreu à Prova de Selecção.

O procedimento indicado no primeiro caso, nunca e seja qual for o pretexto, deverá ter realização. Seria admitir a possibilidade de se ir tomar parte numa competição, não fazendo o essencial para evitar um fracasso.

Quanto ao segundo caso, deverão ser convocados ambos os cavaleiros para os treinos que a equipa terá que realizar, e aí concluir-se sobre o que melhor monta os dois cavalos. Poderá ser dada compensação ao outro cavaleiro, sendo-lhe cedida alguma montada disponível ou dando-lhe oportunidade para tomar parte noutra competição interna-

Revista da Cavalaria

cional, no caso de a diferença de monte não ser exagerada e, entretanto, houver tempo para nova adaptação aos dois animais.

O último caso que referimos não pode deixar de ser considerado, embora se compreendam as objecções a que pode dar lugar, mas é de supor que não deva ser dispensado da representação nacional qualquer cavalo do Estado, quando seja absolutamente necessário o seu concurso. Se não se abusar deste princípio quando seja necessário seleccionar montadas-praças, e seja distribuído ao cavaleiro prejudicado um cavalo disponível, não pode deixar de ser razoável tal critério.

Está, pois, a sorte do cavaleiro dependente em grande parte da Prova de Selecção que apesar de às vezes não lhe permitir revelar as suas qualidades, tem a grande vantagem de consentir que a ela concorram grande parte dos cavaleiros que o desejarem — até os que não possuam cavalo — abrindo de certo modo as portas da internacionalização a todos, e evitando que esta seja exclusivo de alguns.

São favorecidos, naturalmente, os cavaleiros que correm nas suas montadas mas não são negadas algumas possibilidades aos que se apresentam sem cavalo, os quais têm de fazer em condições mais ou menos dramáticas — conforme o animal que lhe coube no sorteio — dois percursos de «caras» a 1,40 m. e 1,60 m.

Apesar do desembaraço de adaptação a um cavalo ser uma das condições necessárias para um cavaleiro poder ser considerado internacional, está longe de ser a condição fundamental, não se podendo na Prova de Selecção observar muito mais que aquela qualidade, por isso a escolha terá de ser feita não só pela actuação na referida prova, mas especialmente tomando em consideração os resultados e procedimento revelados em anos anteriores.

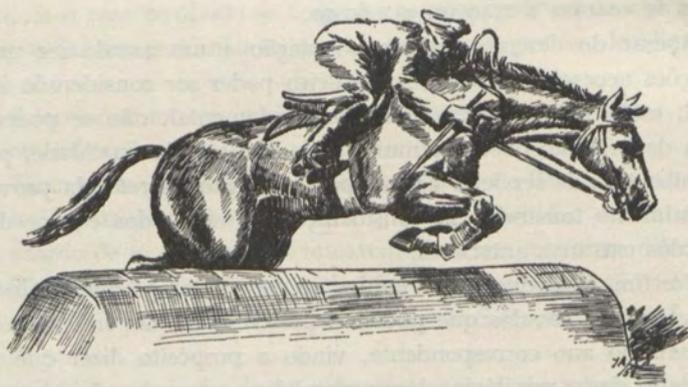
Por fim, é seleccionada a equipa ao mesmo tempo que são indicados os cavaleiros e cavalos que podem representar o País em provas internacionais no ano correspondente, vindo a propósito dizer que já têm disfrutado deste privilégio alguns cavaleiros que nela não têm tomado parte, parecendo que se podia ser antes menos rigoroso com alguns cavalos que, quando teve lugar a Prova de Selecção se encontravam atrasados e entretanto, se revelaram em condições de fazer boa representação no estrangeiro.

Em conclusão e apesar das deficiências que acabamos de analisar, não há dúvida que o hipismo tem boas tradições no nosso País, sendo juntamente com mais duas ou três modalidades desportivas, das que me-

Revista da Cavalaria

lhor o têm representado e honrado. Desde tempos recuados se têm alcançado resultados brilhantes e se tem lutado de igual para igual por vezes compensando a falta de categoria dos cavalos com a classe dos respectivos cavaleiros.

Agora que há bons cavalos, ainda que novos, é certamente possível conseguir, com um pouco mais de método e orientação e o mínimo de improvisação, os melhores triunfos. As provas equestres internacionais de maior importância, as Olímpicas, estão à vista e os seus títulos máximos podem estar ao alcance dos cavaleiros portugueses...



O CONCURSO HIPÍCO DE

SINTRA



APONTAMENTOS TIRADOS NO JOELHO

pelo Tenente JORGE MATHIAS

Sentados numa cadeira, com um lápis e um programa na nossa frente fomos rabiscando durante três dias, as três jornadas do concurso, alguns apontamentos que nos permitissem depois de passados a limpo, dar uma ideia do que se passou em Sintra. E assim vamos fazer, de facto. Abrimos o programa do 1.º Dia — É a Omnium para cavalos e «cavalitos» sem handicap. Temos desenhado o gráfico da prova que nos parece ter voltas um pouco rematadas para 1.ª prova de um concurso e num campo de características muito especiais.

No entanto, lá vimos o percurso em «cheio» de *Hanover* com o Ten. Xavier de Brito, que lhe deu a vitória; um outro percurso de um outro não menos bom alemão — o esperançoso *Marto* do Cap. Cavaleiro e mais um «limpo» de *Caviar* que deu grande alegria ao Ten. Neves do Ó.

Viramos a folha: — É a Omnium para os «craks» e para aqueles que sofrem as torturas de estar no seu grupo sem o serem. Percurso com idênticas características, mas com uma barrage para o 1.º lugar, que deu 9 apurados para o dito desempate.

Neste, veio a triunfar mais uma vez este ano, o generoso *Invento* conduzido por mão de mestre, mas não fez esquecer *Caramulo* que saltou muitíssimo bem mas que teve o toque de pura infelicidade. *Satari*, *Jamor*, *Jacaré* e *Estemido* vieram emparceirar com o «limpo» de *Invento*.

Revista da Cavalaria

Uma chamada para a forma como Calça e Pina apresentou *Faraó*. Aguardemos o 2.º Dia para confirmação.

Depois a prova para Amazonas que deu um belo triunfo à Sr.ª D. Maria da Conceição Romeiras, mas não devemos esquecer a riquíssima condução de Ana Ribeiro Ferreira.

E um «bravo» para a Sr.ª D. Licínia Ferreira que com muito pouco tempo de prática, se apresenta em pista com notável desembaraço.

Nos «espoirs» há que felicitar Vasco Ramires que está sendo o «Cavaleiro» daquele lote de promessas.

Casa cheia a premiar a Comissão Organizadora pelo esforço dispendido. Pena foi que o som não fosse o que desejávamos.

No segundo dia lá estivemos. Programa no Joelho, «olhos em alvo», lápis em riste e eis o que colhemos:

A prova de Caça com um percurso de condução que requeria o seu estudo e que forneceu uma bela vitória a *Napista* com o Tenente Romeiras. Os que se lhe seguiram não conseguiram batê-lo, mas é justo destacar *Fleugma* e a condução do Tenente Albuquerque um exemplo a apontar de como se deve virar e a harmoniosa prova de *Janotinha* com Ferreira da Cunha.

Tinhamo-nos guardado para hoje, para ver *Faraó*. Confirmou em absoluto o que viramos ontem. Vamos ver amanhã e confirmar a «confirmação».

Na outra página temos os apontamentos do G. Prémio; percurso forte com um duplo de cancelas de Lisboa que deu que falar. Houve Barrage para o 1.º lugar entre *Jacaré*, *Caramulo* e *Cafoné*.

Jacaré fez um percurso e uma barrage de bandeira, sempre brilhantemente conduzido pelo Ten. Netto de Almeida. *Caramulo* saltou menos bem que na véspera e *Cafoné* pareceu-nos (?) inferiorizado.

Uma chamada para o Cap. Leão Correia e para *Fataça*. O cavaleiro conduziu muito bem e a égua correspondeu da melhor forma. O som foi óptimo, mas o público não acorreu como seria para desejar e a Organização merecia.

E eis-nos com o programa do 3.º Dia na frente.

O percurso era constituído só por duplos, na 1.ª prova. Ideia feliz, que feliz resultou.

Venceu *Cara-Linda*, hábilmente explorada por Cavaleiro. O Ten. Ivens Ferraz esteve em dia grande pois arrancou dois riquíssimos percursos a *Quanza* e *Febe*. *Mourisco* atirou-se para a cabeça com uma prova imbatível mas a recusa no último obstáculo tirou-lhe a classificação a que tinha jus.

Revista da Cavalaria

E os nossos parabens a Calça e Pina, pois *Faraó* apresentou-se tão estendido, tão calmo, tão atento e cuidadoso que foi um regalo para a vista.

Na outra página temos os resultados e observações sobre a «Taça de Honra» muito justamente chamada «Brigadeiro Almeida Ribeiro».

O percurso, dificuldades progressivas e repressivas, resultou curiosíssimo e é de esperar que tenha arranjado adeptos.

Com barrage para o 1.º lugar, proporcionou uma vitória a *Caramulo* que não saltou de forma extraordinária, mas que foi montado de forma extraordinária pelo Capitão Callado. Em segundo lugar a égua do



Capitão Calado, saltando no «Caramulo», em que ganhou a Taça de Honra de Sintra

Major Paes, *Imperatriz*, que se desembaraçou de forma notável das «dificuldades» e em 3.º *Florentina*, que com um percurso irrepreensível e limpo se viu penalizada com 15 pontos por queda, numa volta brusca, do seu cavaleiro. Foi pena!

Seguiu-se para fecho, a prova de Parelhas Mistas sempre do agrado do público em Sintra, que voltou a não aparecer no número ambicionado.

Ana Ribeiro Ferreira e José Barreiro triunfaram com inteiro merecimento, tão «certinhos» foram.

Revista da Cavalaria

A noite em jantar oferecido aos concorrentes e Famílias, os brindes da praxe e a entrega das Taças aos vencedores.

E agora para fecho dos programas, revimos mentalmente o concurso e cremos que é justo falar.

- Do Tenente Serafim Moreira, um exemplo de amor aos cavalos e de gosto pelo hipismo.
- Da forma como o Asp. Calça e Pina apresentou o velho *Faraó*.
- Da maneira como o Ten. Albuquerque está a conduzir.
- Do Grande Prémio do Ten. Netto de Almeida. É dos que não esquecem.
- Dos percursos curiosíssimos que o Cap. Carvalhosa nos apresentou no último dia.
- E sempre das gentilezas e atenções com que os organizadores nos rodeiam, que aliadas ao muito que lhe devemos em nome do hipismo é caso para dizermos, MUITO E MUITO OBRIGADO.



Jornaes revistas livros

Bibliografia

Ciência Militar e Arte de Comandar

pelo Coronel H. PIRES MONTEIRO

O Ex.^{mo} Sr.^e Coronel H. Pires Monteiro publicou, em separata do fascículo 2/3, do corrente ano, da *Revista Militar*, um folheto subordinado ao título «Ciência Militar e Arte de Comandar».

A categoria do autor, escritor militar de bem conhecida competência e a matéria anunciada por tão sugestivo título, são de molde a despertar a atenção do leitor. Foi, pois, com manifesto interesse que percorremos as páginas deste trabalho.

A sua realização, pareceu-nos motivada pelo prefácio, feito pelo Ex.^{mo} General Barros Rodrigues, à segunda edição da obra do General Sebastião Teles, por ocasião do centenário do nascimento de tão ilustre escritor e pensador militar. Na verdade, o Ex.^{mo} Chefe do E. M. E. classificou a obra de Sebastião Teles como «material — e do melhor — no grande edificio que continua em construção e que se chama a Ciência ou Arte da Guerra». É com esta alternativa que o Ex.^{mo} Sr. Coronel Pires Monteiro, baseando-se na opinião fundamental de Sebastião Teles, parece não concordar.

Na verdade, na «Introdução ao estudo dos conhecimentos militares», afirma-se que um dos objectivos da sua publicação é, acerca dos conhecimentos relativos à guerra, «atribui-lhes o carácter de ciência» e «estabelecer o método que eles devem seguir para satisfazer às condições de rigor e precisão científica».

Revista da Cavalaria

O problema não é de hoje e tem sido largamente debatido. No folheto que temos presente, que só é pequeno pelo volume, que não pelo valor, o seu autor, agita-o de novo, com toda a consciência de quem o tem meditado, e procurado através da obra de Sebastião Teles, esclarecê-lo. Mas é por demais complexo para que seja possível, em nosso entender delimitá-lo e estabelecer, sem possibilidade de controvérsia, um carácter definitivo para o conjunto dos conhecimentos militares.

Constituem eles uma ciência — a ciência militar —? Sem dúvida. Estão definidos os seus ramos principais; estabelecidas as suas leis e os seus princípios. Quem falsear a aplicação destas — demonstra-o a prática — paga caro o abandono dessas ideias mestras. Mas, para essa aplicação, como na de qualquer outra ciência, não contribui uma grande parte da sensibilidade e da intuição — numa palavra, da personalidade — de quem a realiza?

O próprio autor considera necessário os «Chefes militares possuem imaginação técnica», o que quanto a nós restringe uma das manifestações das qualidades de inteligência que deve possuir um verdadeiro chefe. Mas ao admitir tal necessidade não se estará considerando a faceta de arte que reveste a aplicação das leis de qualquer ciência?

Tratando, seguidamente, da Arte de Comandar, o Ex.^{mo} Sr. Coronel Pires Monteiro apresenta, muito bem concatenados, um conjunto de conceitos acerca de tão melindroso problema, indicando que «a cultura psicológica é a base da aptidão para o comando».

Define «comandar é coordenar a actuação de subordinados» e afirma «a base de disciplina está no conhecimento do coração humano, que é indispensável para comandar».

Depois de indicar como, no seu entender, deverá ser feita a preparação daqueles que venham a exercer funções de comando, termina — «a aplicação dos princípios doutrinários da ciência militar conta com o agente principal, o Homem — e, para que este actue, é indispensável a arte de comandar».

Numa terceira parte — Conclusão — o autor estabelece que o carácter de ciência e de arte se devem atribuir, respectivamente, aos conhecimentos militares e ao comando de tropas. Tal opinião é, manifestamente, de considerar, expressa como é por alguém a quem a experiência e o estudo conferem autoridade para a emitir.

Mas, a própria natureza do trabalho realizado — um artigo de revista — impôs limitações de espaço. Fica-se com a sensação de que, para lá do que ficou escrito, existiria muito mais que não teve lugar para ser dito e que, certamente, apareceria em obra de maior fôlego.

O assunto não adquire, portanto, todo o desenvolvimento que estaria no desejo do autor. Mas o leitor fica conhecedor de mais um ponto de vista de que o problema pode ser observado e de uma coletânea de documentos que lhe permitirá profundá-lo. O presente trabalho, que só poderia ser feito por quem, como o Ex.^{mo} Sr. Coronel Pires Monteiro, tivesse longamente meditado sobre os problemas apresentados e possuísse qualidades de síntese e de exposição, representa, assim, mais uma contribuição — e de valor — para o seu estudo.

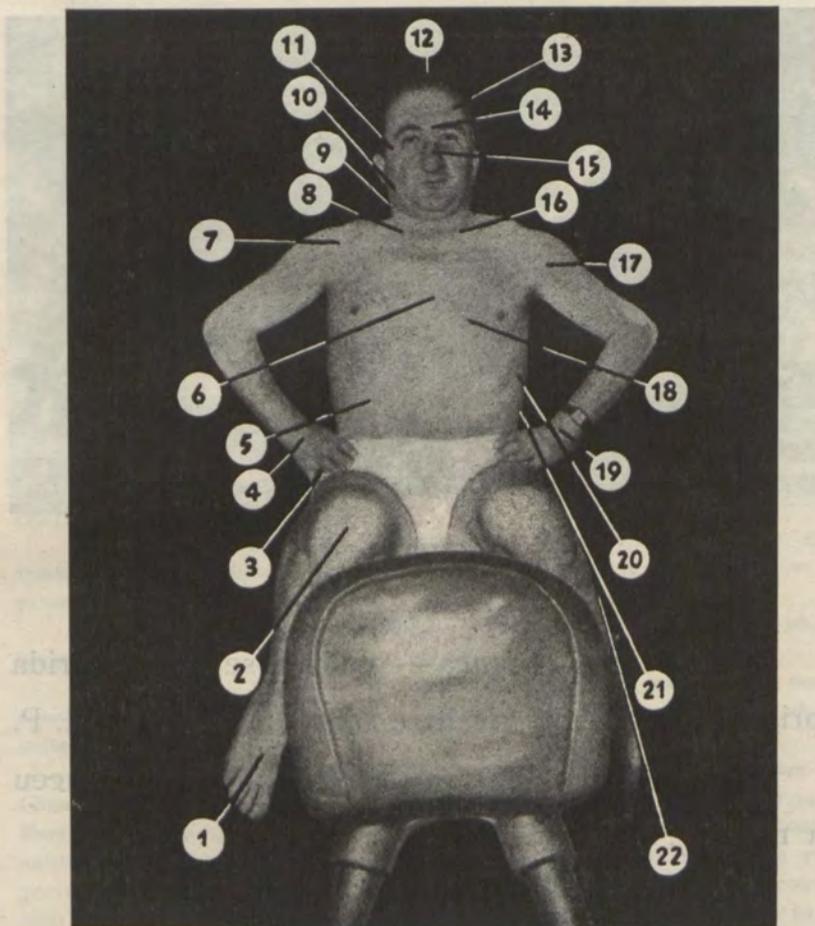
J. A.

Nenhum osso ficou inteiro

Boby Bates, de 37 anos de idade, é o joquey mais afamado da França. Montou pela primeira vez aos 13 anos e desde então entrou 11.000 vezes em corridas de cavalos, tendo saído vencedor 980 vezes. Esta «performance» constitui um record único na história das Corridas de Cavalos, mas Boby Bates tem ainda um outro record mundial: — o das fracturas de ossos.

Não há parte do seu esqueleto que não tenha sofrido fracturas. Ao todo fracturou 43 vezes os ossos. Sòmente uma das fracturas lhe é pouco honrosa, pois excepcionalmente fracturou uma clavícula por queda de uma bicicleta.

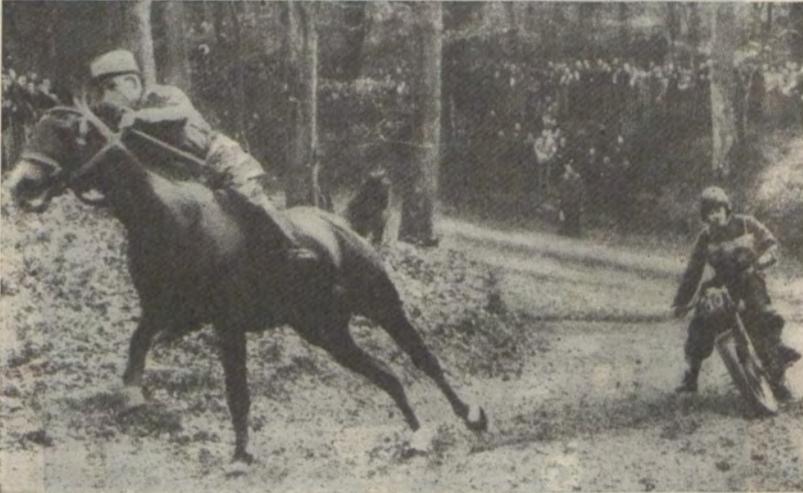
Apesar de muito amachucado pelas sucessivas quedas que tem dado, jamais peñsou em desistir da sua profissão de joquey.



- 1 — Fractura do osso do pé
- 2 — Deslocamento do joelho direito
- 3 — Fractura de dois dedos
- 4 — Duas fracturas do pulso direito
- 5 — Cinco fracturas de costelas
- 6 — Esmagamento da caixa torácica
- 7 — Luxação completa do ombro
- 8 — Cinco fracturas da clavícula direita
- 9 — Esmagamento da vértebra do pescoço
- 10 — Fractura do maxilar inferior
- 11 — Fractura do crânio
- 12 — Fractura incompleta da base do crânio

- 13 — Fractura do crânio
- 14 — Fractura do crânio com esmagamento da testa
- 15 — Cinco fracturas do nariz
- 16 — Seis fracturas da clavícula esquerda
- 17 — Luxação e fractura da homoplata
- 18 — Ferimentos dos pulmões
- 19 — Fractura do pulso esquerdo
- 20 — Fractura da sétima vértebra lombar
- 21 — Esmagamento da nona vértebra lombar
- 22 — Fractura do tornozelo esquerdo

Corrida original



Em Tours — França — realizou-se uma corrida original entre um cavalo e uma moto de 10 H. P. Num percurso de 1.100 metros, o cavalo venceu a moto!...

Münchener Illustrierte

Dezembro de 1952

A INSTRUÇÃO PARA AS OPERAÇÕES NOCTURNAS

pelo General BARRUECO

Importância destas operações



As operações de noite remontam provavelmente às origens da Humanidade e já a História Antiga, nos relata a forma como Xenofontes as empregou na célebre Retirada dos Dez Mil, ainda que nesses tempos não se tratava de evitar as perdas causadas pelos armamentos (dado que na época, as flechas, lanças, etc., tinham um alcance limitado) mas de conseguir e efeito da surpresa, que ainda hoje é uma das suas principais características.

Sem necessidade de retroceder a esses velhos tempos, podemos afirmar que em todas as campanhas desde a segunda metade do século XVII, até aos nossos dias, têm tido lugar operações desta natureza, realizadas com efectivos mais ou menos importantes.

Entre essas operações podemos citar algumas levadas a cabo com numerosos efectivos:

Ano de 1794 — Ocupação por surpresa de Morsheim no Palatinado, efectuada por um batalhão e uma companhia de caçadores e três esquadrões de prussianos.

Ano de 1812 — Tomada de Badajoz por Wellington à frente de 16.000 homens.

Ano de 1814 — Napoleão dirigiu, em 29 de Janeiro, três ataques consecutivos sobre Brienne, defendida por Blücher, o último dos quais executado de noite teve pleno êxito.

No mesmo ano Napoleão em Etoges, depois de ter batido Blücher em Champaubert-Vauchamp, ordenou a Marmont que atacasse, na noite de 14 de Fevereiro, os aliados que no fim da jornada estavam a concentrar-se nos bosques existentes junto daquela localidade. A surpresa causada na retaguarda russa por uma das duas colunas atacantes foi completa, devido a que Blücher convencido que o combate tinha terminado ao findar o dia, ordenara às suas tropas que bivacássem, pois não esperava a perseguição e exploração do êxito adversário.

Ano de 1849 — Na noite de 12 para 13 de Abril, foram atacadas as linhas de Düppel por 15 batalhões pertencentes às tropas da Confederação, ataque que fracassou, não obstante os dinamarqueses disporem somente de 3 batalhões e alguns canhões, porque uma das colunas atacantes se deteve, para esperar a entrada em linha da segunda coluna, e assim, deu tempo ao adversário para pôr em acção a sua artilharia de costa e a sua armada.

Revista da Cavalaria

— Limita o emprego de meios couraçados, que não podem ver nem dissimular os seus ruídos.

— A obscuridade impressiona desfavoravelmente a moral do soldado, que à aproximação do inimigo se sente constantemente debaixo de perigo iminente, que a sua imaginação agiganta, pondo-o num estado sensível, nervoso e excitável.

— Como consequência, a desordem encontra campo propício, e pode degenerar sem surgirem incidentes graves, no pânico.

— Impõem ao defensor uma vigilância contínua e esgotante para evitar a surpresa, e facilita as suas transmissões, montadas previamente e com mais estabilidade.

Calma e silêncio de noite

De noite, o mais pequeno ruído, apresenta uma agudeza particular, podendo-o pressentir-se a grande distância, do que se deduz:

— Necessidade de evitar todo o ruído e observar um silêncio absoluto, abstendo-se de efectuar disparos que alertem o inimigo e produzir ruídos como o do choque das armas com o equipamento, etc.

— Confiar mais no ouvido do que na vista.

Influência do sono

O homem jovem sente de noite um desejo irresistível de dormir, sobretudo de madrugada e por isso é necessário:

— Não conceder nos deslocamentos mais do que uns curtos instantes de repouso para evitar que o soldado adormeça, pois nada há mais fatigante do que marchar meio a dormir; portanto, há que fazer pequenos altos, frequentes, mas muito curtos.

— Fixar a hora de ataque a meio da noite, quando o sono do inimigo é mais pesado.

Instrução

Não faltam nem são poucos os que têm a opinião de que os combates de noite, apresentam mais inconvenientes que vantagens e os admitem somente para operações de escassa envergadura, levadas a cabo por pequenas unidades sobre terreno perfeitamente conhecido contra objectivos muito limitados e situados a curta distância. Outros há que também crêem firmemente na sua utilidade, mas pensam que ao executá-los prescindem dos preceitos regulamentares e empregam novos métodos intuitivos. Enquanto aos primeiros as suas objecções são facilmente rebatíveis, e a respeito dos segundos a sua actuação caracteriza-se precisamente pela *novidade*, mas melhor, pela *adaptação* daqueles preceitos e normas às diversas circunstâncias do momento (clima, inimigo, terreno, tempo, etc.).

Revista da Cavalaria

Reconhecida, pois, a importância e utilidade, cada dia mais evidente, das operações de noite, e sabido que na guerra somente se executa bem o que foi aprendido na paz e que o combate nocturno não se improvisa, surge a necessidade de uma instrução especial, baseada na preparação do homem isolado, e, no treino dos quadros, para poderem resolver acertadamente os problemas que possam surgir de noite na condução das suas unidades, e no dos executantes a resolvê-los com uma sólida moral, o ouvido bem desperto e os olhos bem abertos, num ambiente de solidariedade, coesão e cooperação.

Dos Quadros

É indubitável que sem uns comandos subalternos que saibam mover-se e manobrar independentemente durante a noite, conduzir com habilidade e desembaraço as patrulhas e pequenas unidades, possuídos de uma elevada moral que os induza a proceder sempre com espírito ofensivo, audácia e astúcia, será inútil empreender operações nocturnas, e daí a importância que é preciso conceder à sua instrução e treino. Por consequência, é necessário:

— Que os ditos comandos conheçam perfeitamente as condições particulares, regras práticas e dificuldades que se apresentam durante a noite.

— Que estejam dentro de um programa e de um método de instrução que lhes permita, à frente das suas unidades, resolver os problemas que a obscuridade apresenta aos comandos e executantes.

— Finalmente, que estejam firmemente convencidos da importância, utilidade e necessidade desta instrução.

Das características dos combates nocturnos que ficam indicadas, deduzem-se as normas a que deverá referir-se a instrução dos Quadros, sendo as principais as seguintes:

— Orientação durante a noite, principalmente por meio da bússola.

— Ligação e transmissões, tendo em conta as condições particulares e situações criadas na obscuridade. Estudo das diversas possibilidades e meios em que em cada caso asseguram o exercício do comando.

— Conhecimento de procedimentos rápidos e eficazes para o reconhecimento prévio do terreno, indispensável a toda a operação nocturna.

— Conhecimento das características e possibilidades do armamento adequado para o combate próximo (granadas de mão, pistolas metralhadoras, pistolas, espingardas metralhadoras, lança-chamas, etc.).

— Transmissão de ordens por gestos e sinais, nunca pela voz, e conhecimento e manejo do telefone.

— Ocultação de todas as luzes e procedimentos para evitar a iluminação pelo inimigo.

— Forma de progredir durante a aproximação para conseguir a surpresa e evitar ser por sua vez surpreendido pelo inimigo.

— Trabalhos que o terreno exija para dificultar a surpresa e medidas para o levar a cabo.

— Emprego sem preparação de armas pesadas e cooperação com a artilharia e carros.

A instrução deverá ser completada com frequentes exercícios de aplicação para habituar as diversas unidades a marchar de noite, sem perder a direcção

Revista da Cavalaria

nem a ligação, a observar absoluto silêncio, não produzir qualquer ruído, passar com pouca fadiga e com segurança os diversos obstáculos e acidentes do terreno, tudo dentro de uma rigorosa disciplina de marcha.

Estes exercícios exigem planos e preparativos em que impere uma cuidadosa «previsão» e, na sua execução, uma perfeita orientação sobre o que se está a realizar, decisão e audácia, o que obriga a conhecer outras normas fundamentais, como as que se seguem:

— As possibilidades de manobra são muito limitadas, pelas dificuldades de mudar de direcção e probabilidades de errar na identificação das unidades no caso de ataques convergentes, devendo o plano de ataque ser simples, numa direcção e lançado a curta distância.

— O fim dos exercícios é fixar-se com toda a clareza e estudar com detalhe as suas modalidades de execução.

— As ordens serão mais detalhadas do que o normal, e, especialmente as das companhias.

— É indispensável o reconhecimento de dia, do terreno do exercício, pelo comandante, acompanhado pelos comandantes das unidades que actuem, para localizar e identificar o objectivo, itinerários para os lugares de concentração e de partida, direcção de ataque, linha de partida (eventualmente) pontos ou acidentes de referência (para transmissões), os quais convem ficarem assinalados de modo a que sejam facilmente reconhecidos de noite.

— Se se formula a hipótese de que este reconhecimento não se pode efectuar, é necessário praticar no estudo panorâmico do terreno onde se vai realizar a acção, no uso de planos à escala de pequeno denominador e à interpretação de fotografias aéreas para fixar na mente os pontos de referência característicos.

— Há que determinar a formação e movimentos da unidade ou unidades executantes e fixar a ordem de sucessão no emprego dos meios disponíveis, com a coordenação das suas características dentro da missão, indicando ao mesmo tempo os intervalos e distâncias, tendo em conta, que o comando de noite exige que sejam mais reduzidos que o normal.

— Indicar se a operação se deve efectuar silenciosamente, ou seja, levada a cabo sem o emprego das armas, à excepção do lançamento de granadas de mão, ou se deve ser apoiado pelo fogo, tendo-se previsto, no primeiro caso um plano de fogos de apoio para o caso do ataque fracassar e se impor a retirada, e no segundo caso, ter em conta que os morteiros, metralhadoras e armas contra carros só se devem empregar em tiros limitados e previamente preparados.

— No caso do apoio ter artilharia e a cooperação dos carros, fixam-se com toda a minúcia e precisão as modalidades da sua actuação antes, durante e depois de executado o ataque.

— O avanço efectua-se normalmente por lanços curtos, com paragens periódicas para não perder a ligação e direcção, fixando-se muito cuidadosamente os *tempos* correspondentes (hora de partida, hora de chegada a pontos ou linhas de referência previamente fixadas, continuação do movimento, etc.), sem esquecer jamais as horas de obscuridade disponíveis e calcular o tempo preciso para consolidar o objectivo se o ataque obteve êxito.

— São muito poucas as probabilidades de que o ataque progrida através de toda a profundidade de defesa adversa, dado que serão alertadas as suas

Revista da Cavalaria

unidades adjacentes e as escalonadas em profundidade, perdendo-se assim o benefício do efeito da surpresa, pelo que o objectivo será geralmente o terreno correspondente à frente inimiga, claramente definida e facilmente reconhecível de noite, cuja extensão e profundidade permitam a sua conquista num só lance pela unidade que o vai executar, e por consequência deve-se excluir a fixação de «objectivos sucessivos».

— A designação do objectivo podem fazê-la os comandos superiores, mas é ao batalhão que compete fixar os seus limites laterais e se ele ataca, deve assinalar a cada companhia os sectores correspondentes desse objectivo.

— Neste último caso, ainda que se procure a simultaneidade dos diversos ataques, não deve o comando fazer depender o êxito, de um deles, porque a missão de cada coluna deve ser fixada de modo a que o seu cumprimento não dependa da dada a qualquer das outras, ou seja, cada coluna deve marchar resolutamente sobre o objectivo sem se preocupar demasiadamente com a ligação, pelo menos até ao momento do assalto.

— Para tratar de conseguir a simultaneidade destes ataques, calculam-se os tempos gastos em cada assalto, mas, cálculo e exactidão dependerão da prática que os comandos e oficiais adquiriram nestes exercícios no tempo de paz.

— Os caminhos, rios, valados e outros acidentes do terreno, localizados na direcção do objectivo, podem utilizar-se como limites entre as unidades subordinadas e para indicar a direcção do ataque.

— A base do ataque, ou linha de partida, pode apoiar-se ou ficar à retaguarda de acidentes característicos do terreno (caminhos, pequenos rios, etc.); será perpendicular ao eixo de ataque e fácil de identificar de noite.

Pode ser fixado pelo Quartel General respectivo, mas o determiná-lo com mais detalhes corresponderá geralmente ao Comandante do Regimento depois de um prévio reconhecimento de terreno.

— O emprego das reservas varia segundo elas sejam gerais ou particulares; as primeiras utilizam-se como escalão de apoio caso o ataque fracasse; as segundas, para pequenas manobras locais de envolvimento de objectivos de pequenas extensões (ninhos ou ouriços de resistência), ou para reforçar ou ultrapassar unidades avançadas.

— Para ligação e transmissões dos comandantes de batalhão e de companhia poderão instalar evitando todo o ruído, linhas telefónicas entre o escalão de ataque e o comandante do batalhão, utilizar a rádio e sinais acústicos, proibindo os luminosos e estabelecendo *sinais especiais de reconhecimento* que evitam confusões tremendas e sangrentos incidentes.

— Posto que o resultado de um ataque de noite é em geral forçosamente limitado será difícil na obscuridade a *exploração do êxito*, e portanto a tropa que o tenha executado deverá limitar-se de ordinário a ocupar e organizar o terreno conquistado.

Além das normas fundamentais que acabámos de expor, deverá ter-se em conta nestes exercícios os seguintes detalhes complementares:

— É indispensável que o fim e preparativos do ataque permaneçam no máximo *segredo*, para evitar indicar a localização das unidades, os propósitos do comando e conseguir a *surpresa*.

— Os executantes devem ser aligeirados no seu equipamento e armamento de tudo o que se considera supérfluo.

Revista da Cavalaria

— O equipamento ou vestuário que faça ruído ou reflexos com luz, substitui-se ou envolve-se.

— Os relógios de todos os executantes são acertados com todo o cuidado.

— Deve prover-se o emprego de guias da máxima fidelidade, principalmente se o terreno é muito acidentado ou montanhoso.

— Proibe-se toda a conversa e todas as ordens e informações se comunicam em voz baixa.

— Os veículos mantêm-se ocultos à retaguarda e a distância, para que o seu ruído não chegue ao inimigo.

— Um oficial ou sargento marchará na retaguarda de cada coluna para impedir os atrasados e impor o silêncio.

É utilíssimo realizar frequentemente exercícios de aplicação, de temas simples derivados das situações em que os ataques de noite estejam justificados e indicados, primeiro em terrenos conhecidos próximos dos quartéis e depois noutros desconhecidos de modo que vão aumentando progressivamente as dificuldades, sem perder de vista que a sua finalidade é de que o soldado adquira o hábito de movimentar-se de noite e que os quadros se acostumem também na condução das suas unidades, na ligação, nas transmissões, no actuar rapidamente ante situações imprevistas mediante a sua faculdade de adaptação e rapidez de realização, e, em resumo, conseguir que conscientes do valor da sua responsabilidade, agravada pelo isolamento peculiar da noite, resolvam os árduos problemas que esta lhe apresenta.

Da Tropa

Todos os homens não se acham igualmente dotados para o combate de noite pelo que será preciso criar alguns *especialistas*, mas é indispensável que todos conheçam esta instrução e se habituem a actuar nesses combates.

Analogamente ao exposto para a instrução dos quadros, é necessário instruir a tropa primeiro na técnica do referido combate e depois completá-la com exercícios de aplicação. Esses exercícios devem assentar nas seguintes normas:

— Ensinar o soldado a deslocar-se silenciosamente.

— A saber escutar.

— A dar-lhe certos conhecimentos especiais.

— A instruí-lo no combate próximo.

O deslocamento silencioso compreende:

— Manter a direcção de marcha e o contacto dentro da sua unidade.

— Evitar o ruído que produzam certos componentes de armamento, vestuário ou equipamento.

— Forma de marcha de noite (escolha do terreno, evitar detenções, donde a silhueta se projecte sobre o céu, passagens de obstáculos habituais no campo, etc.).

— Movimento perto do inimigo com largas detenções para escutar, conseguir a surpresa e evitar ser surpreendido.

— Ocultação de toda a luz, lançar-se instantaneamente a terra e imobilidade ao ser iluminado pelo inimigo.

O saber escutar exige:

— Determinar a direcção donde vem um ruído.

Revista da Cavalaria

- Avaliar a sua distância.
- Apreciação e diferenciação dos distintos rumores e ruídos nocturnos (efeito do vento, rumor dos cursos de água, ruídos produzidos por um homem isolado ou colectivamente, animais, armamentos, etc.).

Os conhecimentos especiais compreendem:

- Orientação de noite, especialmente com a bússola.
- Possibilidades de ligação (pela vista, ouvido, infra-vermelhos, lâmpadas eléctricas, pastilhas fosforescentes, horário para coordenação dos movimentos, etc.).
- Cortar sem ruído, arame farpado e defesas acessórias, inutilizar minas e explosivos, etc.

Na *instrução para o combate próximo* é necessário não esquecer que é uma acção de infantaria contra infantaria e que termina no corpo a corpo e que terá mais probabilidades de vencer aquela que estiver melhor instruída pelo que é necessário especial atenção a este género de combate treinando o soldado em:

- Manejar todo o armamento peculiar para o combate próximo, especialmente granadas de mão. Meios mais apropriados para a captura de prisioneiros.
- Pôr o inimigo, silenciosamente, fora de combate.

Os exercícios de aplicação podem ser variados e interessantes, segundo a imaginação de quem os projecta e da escolha de terrenos de dificuldade progressiva. Como orientação podemos indicar o seguinte:

- Reconhecimento do local onde se encontra o inimigo, sem ser advertido e dar conta do resultado.
- Passar um obstáculo (rio, vala, valado, cerca, palissada, etc.).
- Passar uma zona vista ou batida pelo inimigo.
- Aproximar-se de uma sentinela ou escuta sem chamar a sua atenção e pô-la fora de combate.
- Passar uma zona limitada à direita e à esquerda e defendida por uma ou várias sentinelas sem ser pressentido.
- Descobrir o sítio exacto onde se encontra o inimigo sabendo unicamente a zona provável que ocupa.

Conclusões

É indubitável que as operações de noite e também os combates serão cada vez mais frequentes para evitar o constante aperfeiçoamento do armamento e outros meios de destruição ainda que eles não constituam o método para suprimir as rudes exigências de uma luta moderna, pois, contra tropas sólidas bem comandadas, escalonadas em profundidade e dotadas de moral e meios materiais adequados, um ataque de noite tem escassas probabilidades de êxito, ainda que certos feitos históricos provem que algumas dessas boas tropas foram surpreendidas e desbaratadas, tomadas de pânico, ante um inimigo inferior em número.

É necessário, pois, conceder-lhe a devida importância e prestar todo o cuidado no treino do soldado, e na instrução dos quadros, se se quer que uns e outros adquiram o hábito do movimento e actuação na obscuridade, tendo em

Revista da Cavalaria

conta que não são exclusivos das pequenas unidades (golpes de mão), mas sim que actualmente e no futuro serão realizados por unidades com efectivos importantes.

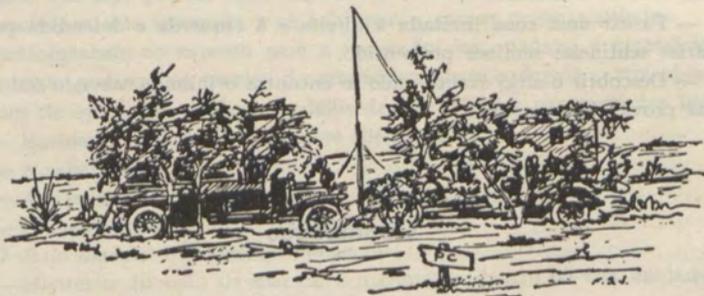
Para conseguir a finalidade de tudo quanto acabamos de expor é necessário destruir a ideia da sua inutilidade e vencer a aversão que produz o ter de lhes dedicar as horas que estão indicadas para o descanso, praticando com a maior frequência possível exercícios de treino e de aplicação, permanecendo no campo, longe de qualquer povoado, para poder familiarizar-se com ele, pois para saber andar de noite é necessário andar muito durante ela.

Em resumo, as operações nocturnas são uma norma de acção da máxima importância na guerra moderna, classificam e medem a capacidade organizadora e previsoras dos diversos órgãos do comando, encarregados do seu estudo e preparação, e permitem comprovar de um modo mais eficiente o grau de instrução alcançado pelas unidades e confirmam a solidez da sua moral e da sua disciplina.

S. B.

Ejército

Fevereiro de 1953



Para que serve uma metralhadora?

pelo Major **ROBERT H. CLAGETT**
da Revista *Combat Forces Journal*

Desde o aparecimento da metralhadora nos campos de batalha, há 50 anos, o seu desenvolvimento tem sido orientado mais pelas possibilidades técnicas que pelas exigências táticas. Por exemplo, nunca ninguém estudou qual deveria ser a óptima velocidade de tiro de uma metralhadora para o seu emprego pelas forças de terra contra objectivos terrestres.

Mas, todos nós em todas as armas, estamos convencidos que «quanto mais rápida melhor» baseados somente no seu poder mortífero, mas logisticamente e taticamente seria mais para desejar uma menor velocidade de tiro.

Consideremos a Am. 42, a arma da Wermacht. A sua velocidade de tiro era de 1.200 disparos por minuto. Isto representa 20 empates por segundo, um em cada vinte avos de segundo. Suponhamos que se disparava sobre um alvo próximo. A primeira notícia que o alvo nos dá de que se está atirando sobre ele, é o silvo de uma bala na sua proximidade (o primeiro tiro perdeu-se). Suponhamos ainda que o alvo tem um período de reacção humana normal, ou seja cinco oitavos de segundo. Nesse tempo 11 balas passaram na sua proximidade sem qualquer delas o poder matar ou incapacitar. Então ele tem que mover-se ou tomar qualquer medida para se proteger. Tudo isto lhe ocupará um considerável tempo, durante parte do qual estará debaixo de fogo, porque enquanto ele se move dentro do cone de dispersão, está exposto a ser alcançado por uma bala cada vinte avos de segundo.

É necessária esta tão grande velocidade de tiro?

A deduições completamente distintas chegaríamos se considerassemos o factor psicológico. Pergunte a alguém que tenha combatido contra a Wermacht, e que no silêncio da noite tenha ouvido o canto desolado de uma Am. 42. Muitos bravos corações se sobressaltavam, o que não permitia muita tranquilidade para porem-se a pensar que o atirador dessa metralhadora estava desperdiçando munições e que rapidamente tinha de preocupar-se com o seu remuniamento.

Nós não temos nenhuma solução nem a tem você. Encontrar uma boa solução não é fácil, mas sim um complicado problema em que devem intervir brilhantes cérebros, dedicados à especulação objectiva e provida de todos os dados necessários para chegar a boas conclusões.

As forças aéreas fizeram um estudo da velocidade de tiro das suas metralhadoras e deduziram que os caças rápidos alemães escapavam-se entre as balas disparadas pelas metralhadoras dos bombardeiros americanos. Elevando a velocidade de tiro, precaveram-se contra tais fugas.

Têcnicamente, muito se pode dizer sobre a velocidade de tiro apropriada para cada tipo de metralhadora. No instante do disparo, todo o mecanismo retrocede e volta a entrar em bateria. Se esta torna a disparar da mesma posição

Revista da Cavalaria

em que disparou a primeira vez, pode dizer-se que este é o seu «ritmo normal». Se se tem em conta este ritmo quando se projectam as diversas metralhadoras, é muito provável que se consiga um cone de dispersão muito fechado.

Mas ainda não dissemos se nos convém um cone de dispersão fechado. Talvez pudessemos obter um mais aberto, como o da Browning actual. Além disso a metralhadora não necessita meter uma bala pelo buraco aberto pela bala anterior. Talvez fosse melhor o cone de dispersão obtido pela espingarda de caça. Se assim é, podemos poupar muito peso, prescindindo do ajuste micrométrico do mecanismo de retrocesso e a sua montagem.

É de desejar que se emprenda um estudo sobre a velocidade de tiro das metralhadoras e, nós, a Infantaria, instamos para que o investigador tenha em conta todos os aspectos: tático, logístico e psicológico. Como contribuição da Infantaria para este estudo, nós devemos proporcionar ideias sobre o emprego tático da metralhadora. Neste aspecto, nós somos heterodoxos. Sem roçar pelas ternas sensibilidades dos ortodoxos, indicaremos alguns pontos que podem ser objecto de meditação:

— Não estaremos na mentalidade de 1918 quando encaramos o emprego das metralhadoras na barreira principal de uma posição defensiva na forma como o fazemos?

— Podemos esperar proibir e tornar inflanqueável qualquer linha que possa ser batida com tiro razante?

— Não deveríamos considerar por um lado a barreira principal e por outro a infantaria que se infiltra rastejando debaixo do fogo razante?

— Podemos normalmente esperar encontrar um terreno propício para desencadear a barreira principal quando se organiza uma posição defensiva ao longo de uma crista militar de uma colina ou de uma divisória do terreno?

— Para encontrar esse terreno não teremos de abandonar as colinas e divisórias e estabelecermo-nos em posições indefensáveis?

— Nada temos a dizer contra as barreiras produzidas pelas armas de tiro indirecto, as quais podem converter uma zona do terreno num círculo de fogo durante uns momentos; mas não são portas de aço que podem ser fechadas na cara de um determinado inimigo. Nas trincheiras, em 1918, passava-se a barreira principal, quando a infantaria assaltava em ondas com dois a cinco passos de intervalo entre os homens; mas hoje a defesa concentra-se mais na observação e no tiro contra carros.

— Não podemos defender-nos, ou melhor, não nos defendemos em posições elevadas e não ligamos à barreira principal? Perguntem a qualquer oficial de operações de batalhão o que lhe aconteceu quando estabeleceu as barreiras principais situadas em sobreposição com o plano de fogos de um batalhão.

— Pelo que se refere ao tiro indirecto, temos de pôr a seguinte questão: Pode uma metralhadora, qualquer que seja a sua velocidade de tiro, colocar num certo tempo, maior poder de fogo numa determinada zona que os morteiros de 71 mm. ou de 4,2 polegadas?

Ainda que seja o mais ortodoxo, ele terá de reconhecer que a metralhadora é uma arma inadequada para o tiro indirecto.

Para que serve então a metralhadora?

A resposta é fácil se as barreiras principais e o tiro indirecto for eliminado do seu emprego tático e da sua técnica. A nossa resposta é que deveríamos

Revista da Cavalaria

empregá-las como realmente o fazemos quando pretendemos usá-las da maneira normal, empregando-as para obrigar o inimigo a ficar colado ao terreno e restringir os seus movimentos, enquanto as espingardas e as armas de tiro indirecto o perseguem com o seu fogo.

Usamo-las, para desarticular um possível ataque, ou para atacar as seteiras, enquanto outras armas mais eficazes levam o seu fogo às fortificações.

Um exame das estatísticas dos feridos mostra que a munição das armas ligeiras produz uma pequena percentagem de baixas em comparação com as dos outros tipos de munição. Porém, todos sabemos que ninguém se pode expor impunemente ao fogo das armas ligeiras, e disto resulta a grande contribuição do fogo da metralhadora no campo táctico, pois é ele que mantém o inimigo colado ao terreno.

Foi a esta conclusão que se chegou, e, é assim que hoje se usam as metralhadoras, pelo que estamos convencidos que são necessárias velocidades de tiro mais baixas, porque podem cumprir a sua missão com um menor gasto de munições. Pode-se também prescindir do ajuste micrométrico das suas peças e suprimir dez por cento ou mais no seu peso.

Estabelecamos nós, os infantés, para que necessitamos verdadeiramente da metralhadora e forneçamos essas informações aos técnicos competentes para que eles possam determinar a velocidade de tiro apropriada. Entreguemos depois esses dados à indústria, e rapidamente teremos uma metralhadora apropriada à nossa missão:

«Cortar com ela o caminho ao inimigo e destruí-lo».

Ao séptico que diga que aprendemos pela experiência, recordamos-lhe que «O ninho queimado evita o fogo» mas «evitar», é tudo o que se aprendeu pela experiência. Um perfeito emprego leva-nos a utilizar um atirador para manejar o fogo sem se queimar.

O nosso ponto de vista é simples: Necessitamos projectar metralhadoras que cheguem para as nossas necessidades e não planejar o uso que havemos de dar às metralhadoras que nos fornecem.

S. B.



Bertrand & Irmãos, L.^{da}

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
SIMPLES,
E DE LUXO,
REPRODUÇÕES
EM FOTOGRAVURA,
OFFSET
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227
 { 21368

LISBOA



TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES
DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE — 21450

L I S B O A

